Revista Espírita de 1858

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. A Revista Espírita constitui os Anais do Espiritismo e por seu intermédio é que todos os princípios novos foram elaborados e entregues ao estudo. (P. V)

2. A força que se revela no fenômeno das manifestações está na Natureza, assim como o magnetismo. (P. 2)

3. Em 1858 havia nos Estados Unidos 17 jornais consagrados ao Espiritismo, enquanto em toda a Europa só havia um: o de Genebra. (P. 2)

4. Tudo prova que os fenômenos espíritas têm ocorrido desde as eras mais remotas. Portanto, o que hoje testemunhamos não é uma descoberta moderna: é o despertar da Antiguidade, desembaraçada do misticismo. (P. 3)

5. O fato das comunicações com o mundo invisível acha-se nos livros bíblicos. A existência dos Espíritos e sua intervenção no mundo corpóreo é atestada em Santo Agostinho, São Jerônimo, São João Crisóstomo, São Gregório Nazianzeno e em muitos outros Pais da Igreja. (PP. 3 e 4)

6. Em suas instruções os Espíritos superiores têm sempre o objetivo de despertar nos homens o amor do bem pela prática do Evangelho. (P. 5)

7. Os Espíritos atestam sua presença de várias maneiras. (P. 6)

8. As comunicações espíritas podem ser frívolas, grosseiras, sérias ou instrutivas. (P. 7)

9. As comunicações inteligentes entre os Espíritos e os homens podem dar-se por sinais, pela escrita e pela palavra. (P. 8)

10. Um correspondente sugeriu que as manifestações espíritas através de pancadas, que Kardec chamava de sematologia espírita, fossem designadas pelo vocábulo tiptologia. O nome psicografia, aplicável à comunicação pela escrita, foi também sugerido por um correspondente. (PP. 8 e 9)

11. As comunicações escritas sem intervenção direta do médium eram chamadas por Kardec de espiritografia. (P. 9)

12. As comunicações verbais foram chamadas de espiritologia mediata e espiritologia direta. O vocábulo psicofonia surgiu depois. (P. 10)

13. E' essencial estar atento contra a crença no ilimitado saber dos Espíritos. Estes são como os homens; não basta interrogar o primeiro que aparece: é preciso saber a quem nos dirigimos. (P. 12)

14. As intervenções dos seres incorpóreos nas coisas da vida faz parte das crenças populares de todos os tempos. (P. 15)

15. Júlia, falecida após dolorosa enfermidade, aos 14 anos, comunica-se com a mãe e lhe dá uma prova indiscutível de sua presença. (P. 16)

16. A percepção do transcurso do tempo entre os Espíritos é diferente: dez anos para nós significam dez minutos para eles. (P. 19)

17. Kardec descreve e analisa o fracasso da experiência de Boston, em que o Dr. Gardner, mesmo contando com as senhoritas Fox, não conseguiu comprovar a realidade da intervenção dos Espíritos. (PP. 21 e 22)

18. Os sonhos não passam de um estado sonambúlico natural e incompleto: as visões que ocorrem nesse estado são, pois, *visões sonambúlicas*. As visões obtidas em vigília são *visões pela dupla vista*. As que se verificam no êxtase são chamadas *visões extáticas*. (PP. 24 e 25)

19. Ermance Dufaux estava com 14 anos quando escreveu a história de Joana D'Arc, ditada por ela própria. Ermance deixou de ser psicógrafa para tornar-se falante: outra pessoa registra suas palavras. (P. 30)

20. Kardec apresenta "O Livro dos Espíritos" e a repercussão que essa obra teve na França. (PP. 31 e 32)

21. A crítica d' O Livro dos Espíritos feita por G. du Chalard, no Correio de Paris, em 11-6-1857, merece ser lembrada. (PP. 31 e 32)

22. Kardec conta como o L.E. foi escrito e diz que os primeiros médiuns que concorreram para esse trabalho foram as senhoritas B... e a senhorita Japhet. *(N.R.: As senhoritas B... são Julie e Caroline Baudin.)* (P. 34)

23. Os Espíritos admitem três categorias ou ordens principais: os Espíritos imperfeitos, os bons Espíritos e os Espíritos puros. (PP. 38 a 43)

24. Predominância da matéria sobre o Espírito; propensão para o mal; ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que lhes são consequentes, eis os caracteres gerais da terceira ordem. (P. 39)

25. Predominância do Espírito sobre a matéria e desejo do bem, eis os caracteres gerais da segunda ordem. (P. 41)

26. A primeira ordem é formada pelos Espíritos puros, em que nula é a influência da matéria. (P. 43)

27. Como estado, os Espíritos podem estar encarnados ou errantes. Sendo a encarnação um estado transitório, a erraticidade é realmente o estado normal dos Espíritos. (P. 44)

28. Kardec narra e analisa o caso Mademoiselle Clairon e o fantasma, ocorrido em 1743, em que a grande atriz e cantora descreve as perseguições que sofreu de um fã desencarnado. (PP. 44 a 46)

29. Os fenômenos duraram dois anos e meio, tal como o Espírito do rapaz havia previsto. (P. 47)

30. Kardec descreve o fenômeno de suspensão de uma mesa, que ele viu repetir-se várias vezes em casa do Sr. B..., à rua Lamartine. (P. 48)

31. Kardec faz uma comparação entre os fenômenos das mesas falantes e os oráculos de antigamente, como os da floresta sagrada do monte Taurus, no Épiro, para concluir que as crenças antigas tinham por princípio o conhecimento das manifestações espíritas. (P. 54)

32. São Luís, em página sobre a avareza, mostra os sofrimentos e o desespero que acometerão os avarentos na vida post-mortem. (PP. 55 e 56)

33. A senhorita Clary D..., falecida aos 13 anos de idade, revela dados interessantes sobre seu atual estado e suas vidas passadas. (PP. 56 e 57)

34. Kardec comenta a vinda do sr. Home a Paris em 1855 e diz que o médium não cobra por suas manifestações, nem pede nada a ninguém. (P. 59)

35. Por que o sr. Home veio à França? Para imprimir nesse país, ainda em dúvida, um grande impulso às manifestações espíritas. (P. 60)

36. Daniel Dunglas Home, nascido em 15-3-1833, perto de Edimburgo, descende da antiga e nobre família dos Dunglas da Escócia. De estatura mediana, louro e fisionomia melancólica, é de compleição muito delicada, de costumes simples e meigos, de caráter afável e benevolente. (P. 61)

37. A faculdade mediúnica se lhe revelou desde a mais tenra idade. Aos seis meses seu berço se balançava sozinho e, quando não podia alcançar os brinquedos, estes vinham pôr-se ao seu alcance. As primeiras visões ocorreram aos 3 anos. Sua reputação como médium só se criou em 1855. (P. 62)

38. Kardec elogia a dignidade de linguagem adotada pelo Sr. Paul Auguez na refutação feita às agressões do Sr. Viennet ao Espiritismo. (P. 63)

39. Kardec informa que grande cópia de fatos e notícias lhe foram enviados pelos leitores da Revista em resposta a seu apelo de jan. (P. 64)

40. Chegamos por um simples raciocínio a concluir pela pluralidade dos mundos habitados. E tal raciocínio acha-se confirmado pela revelação dos Espíritos, que ensinam que tudo é povoado no Universo. (P. 67)

41. Vimos que todas as probabilidades são para a pluralidade dos mundos, embora nem todos estejam no mesmo grau de perfeição. (P. 70)

42. Dizendo que Marte é menos adiantado do que a Terra, Kardec assevera que Júpiter é, em nosso sistema, o mais adiantado de todos. (PP. 70 e 71)

43. Kardec refere-se a mais um trabalho da srta. Ermance Dufaux: a História de Luís XI. A médium contava então apenas 14 anos. (P. 74)

44. São Luís analisa um acidente com um barco que virou em Dunquerque matando 4 pessoas e diz que as provas físicas, uma vez escolhidas pelo Espírito, vão compor para ele uma espécie de destino. (PP. 75 e 76)

45. O acidente está marcado no destino do homem; tu mesmo escolheste a tua prova, ensina São Luís. (PP. 76 e 77)

46. Antes de encarnar-se, o Espírito tem conhecimento de todas as fases de sua existência; quando estas têm um caráter saliente, conserva uma espécie de impressão em seu foro íntimo e tal impressão, despertando ao aproximar-se o instante, torna-se pressentimento. (P. 78)

47. Quando um Espírito nos diz que foi Sócrates ou Platão, somos obrigados a crer, porque não traz ele carteira de identidade; mas quando for um parente, um amigo, mil circunstâncias permitem identificá-lo. (P. 79)

48. Kardec conversa com o criminoso Lemaire, 29 dias depois de sua execução, em Aisne, Norte da França. (P. 80)

49. Lemaire diz haver encontrado suas vítimas, cujo olhar o perseguia, e em vão procurava fugir-lhes. (P. 82)

50. Por que enveredou pelo caminho do crime? Lemaire diz que se julgava forte e escolheu uma rude prova, mas cedeu às tentações do mal. (P. 82)

51. Evocado, o Espírito de uma rainha de Aúde (antigo reino da Índia) revela todo o seu atraso moral e sua soberba. (PP. 84 e 85)

52. Para ela, a religião cristã é absurda e Jesus, o filho do carpinteiro, indigno de ocupar seu pensamento. (P. 85)

53. Dr. Xavier, que lera "O Livro dos Espíritos" antes de falecer, é evocado por Kardec e nos deixa muitos ensinamentos. (P. 87)

54. Dr. Xavier diz que a doutrina espírita é grande, mas certos discípulos a prejudicam -- os que atacam coisas reais: as religiões. (P. 89)

55. Atenção para a semelhança entre o que Dr. Xavier diz do aborto e as perguntas 358 e 359 d' O Livro dos Espíritos. (P. 90)

56. Falando das manifestações físicas, Kardec diz que essa faculdade não é muito rara: em cem pessoas, pelo menos cinquenta possuem essa aptidão, em maior ou menor grau. O sr. Home é uma delas. (P. 92)

57. Sob a influência do sr. Home, fazem-se ouvir os ruídos mais retumbantes e todo o mobiliário de uma sala pode ser revirado e os móveis amontoados uns sobre os outros. (P. 92)

58. Geralmente o sr. Home inicia suas sessões pelos fatos conhecidos: pancadas, movimento e suspensão da mesa. (P. 93)

59. Como se dá com a mesa, o sr. Home já foi elevado até o teto e desceu do mesmo modo. De todas as manifestações produzidas por ele, a mais extraordinária é, porém, a das aparições. (P. 94)

60. Kardec confirma, com prazer, a notícia dada por alguns jornais, de um legado de 6.000 francos de renda, feita ao sr. Home por uma senhora inglesa, por ele

convertida à doutrina espírita. Por todos os títulos o sr. Home merecia esta prova de consideração, diz Kardec. (P. 94)

61. Baseando-se ambos na existência e na manifestação da alma, o magnetismo e o Espiritismo podem e devem prestar-se mútuo apoio, porque eles se completam e se explicam mutuamente. (P. 95)

62. Seus adeptos, porém, discordam nalguns pontos: certos magnetitas não admitem a manifestação dos Espíritos e pensam que podem tudo explicar só pela ação do fluido magnético. (P. 95)

63. Os adeptos do Espiritismo, ao contrário, são todos concordes com o magnetismo e todos admitem sua ação. (P. 95)

64. O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das ideias sobre a primeira. (P. 96)

65. Kardec admite, com o Sr. Georges, que a Humanidade entrara no período psicológico, mas não concorda que o período científico tenha dito a última palavra; ao contrário, virão ainda muitos outros prodígios. (P. 98)

66. Aludindo à doutrina druídica, Kardec diz não ter dúvida sobre a antiguidade e a universalidade da doutrina dos Espíritos, cujos traços podem ser encontrados por toda a parte. (P. 99)

67. Para os druidas não existe o inferno. A distribuição dos castigos efetua-se no círculo das migrações, pela ligação das almas em condições de existência mais ou menos infelizes, onde expiam suas faltas pelo sofrimento e se dispõem, pela reforma de seus vícios, a um futuro melhor. (P. 105)

68. Segundo o Druidismo, a alma eleva-se na escala das existências, com a condição de, pelo trabalho sobre si mesma, fortificar a própria personalidade. (P. 109)

69. Bernard Palissy, que foi célebre oleiro no século XVI, descreve o planeta Júpiter, onde se encontra atualmente reencarnado. (P. 113)

70. A temperatura em Júpiter é suave e temperada, a água é mais etérea e uma espécie de luz espiritual é que ilumina o planeta. (P. 114)

71. A conformação física de seus habitantes é igual à nossa, mas a base da alimentação é puramente vegetal. (PP. 114 e 115)

72. A existência física em Júpiter equivale, em média, a cinco séculos. (P. 115)

73. As principais ocupações dos homens são o encorajamento dos Espíritos que habitam os mundos inferiores, a fim de que perseverem no bom caminho. Não havendo entre eles infortúnios a serem aliviados, vão procurá-los onde esses existem. (P. 115)

74. Os habitantes de Júpiter pertencem todos à segunda ordem: todos são bons, mas uns são mais adiantados que outros na perfeição. (PP. 117 e 118)

75. Mehemet-Ali, paxá do Egito em 1805, considerado o verdadeiro criador do Egito moderno, é evocado e dá informações curiosas, como seu pensamento sobre Jesus e Maomé: "a religião cristã eleva a alma; a maometana apenas fala à matéria". (P. 120)

76. Maomé tinha uma missão divina, mas a desvirtuou: "Qual o povo que foi regenerado por Maomé? A religião cristã saiu pura das mãos de Deus; a maometana é obra de um homem". (P. 120)

77. Conta ele que os sacerdotes do antigo Egito conheciam a doutrina espírita e recebiam manifestações. Moisés foi iniciado por eles. (P. 121)

78. O antigo paxá diz lembrar-se de suas vidas anteriores, tendo vivido três vezes no Egito: como sacerdote, como mendigo e como príncipe. (P. 121)

79. Kardec, em outro artigo sobre o sr. Home, narra o caso da aparição de três mãos, que apertam as mãos das pessoas e se dissolvem. (P. 123)

80. A mão que aparece também pode escrever. Algumas vezes ela para no meio da mesa, toma um lápis e traça as letras num papel já preparado. Na maioria das vezes, porém, ela leva o papel para debaixo da mesa e o devolve todo escrito. Se a mão fica invisível, a escrita parece produzir-se por si mesma. (P. 124)

81. Kardec explica o fenômeno dos instrumentos de música que tocam, pela tangibilidade dos dedos da mão, que assim podem pressionar as teclas. *(N.R.: A explicação de Kardec é um equívoco corrigido logo depois.)* (P. 124)

82. O sr. Home é vítima de boatos e da maledicência. Um diz que ele não partiu para a Itália, mas está preso em Mazas, sob o peso de graves acusações. Kardec, de posse de várias cartas de Home, datadas de Pisa, Roma e Nápoles, desmente os boateiros. (P. 125)

83. A Revista mostra como os adversários do Espiritismo manipulam as notícias: "A *Gazette des Hôpitaux* diz que estão internados no hospital de alienados de Zurique 25 pessoas que perderam a razão graças às mesas girantes e aos Espíritos batedores". Kardec comenta o fato. (PP. 125 e 126)

84. A ideia que fazemos da natureza dos Espíritos torna à primeira vista incompreensíveis as manifestações físicas. Pensa-se que o Espírito é a ausência completa da matéria. Ora, isto é errado. (P. 127)

85. Há em nós duas espécies de matéria: uma grosseira, que constitui o corpo exterior; a outra sutil e indestrutível: o perispírito. (P. 128)

86. Os laços que unem alma e corpo não se rompem de súbito pela morte. A duração desse desprendimento varia conforme os indivíduos. Em alguns, opera-se em três ou quatro dias, ao passo que noutros não se completa senão ao cabo de vários meses. (P. 129)

87. O envoltório sem imaterial do Espírito, ou perispírito, é suficientemente sutil para escapar à nossa vista em seu estado normal e essa sutileza lhe permite atravessar os corpos sólidos e as paredes. (P. 129)

88. Nota-se que a mão que aparece é parte de um ser completo, e a prova disso é que deixa impressões das partes invisíveis, como os dentes. (P. 130)

89. Em 1852, em Bergzabern, na Baviera renana, nas cercanias de Spira, ocorreram fenômenos de *raps*, que se prolongaram por muitos meses, na casa do alfaiate Pedro Sanger, registrados pelo jornal da cidade. (PP. 131 e 132)

90. Tudo indicava que a médium era a filha de Pedro Sanger, então uma menina de 12 anos de idade. (P. 132)

91. Para fazer cessar a suspeita, a menina foi levada para uma casa estranha. Bastou chegar lá, ouviram-se as batidas e arranhaduras. Ela foi conduzida então ao Dr. Bentner e desde então cessou o barulho em casa da família Sanger, passando a produzir-se na do Dr. Bentner. (P. 135)

92. São Luís escreve sobre o orgulho, que é, para ele, semelhante ao joio que afoga o bom grão. "Quem se julga mais que seu irmão é insensato. Sábio é o que trabalha por si mesmo, como o humilde em seu campo, sem se envaidecer de sua obra." (P. 137)

93. "Soberbo, humilha-te; porque a mão do Senhor curvará o teu orgulho até a poeira! Tuas riquezas e tuas grandezas, vaidades do nada, escaparão de tuas mãos quando vier o grande dia. Não levarás de tuas riquezas mais que as tábuas do esquife; e os títulos gravados na lápide funerária serão palavras vazias de sentido." (P. 138)

94. São Luís responde a quatro perguntas de Kardec a respeito da avareza. As três primeiras deram origem às perguntas 899 a 901 d' O Livro dos Espíritos: são idênticas à do livro. (P. 138)

95. Um assinante suscita a questão das *metades eternas* e pede a Kardec analise o assunto. Abelardo e Heloísa, evocados, explicam que a ideia é errônea, mas

confirmam o fato de que as almas afins se buscam, devido à simpatia e à semelhança de gostos e ideais. (P. 140)

96. São Luís afirma que a expressão *metades eternas* é inexata e que não existe uma união particular e fatal de duas almas. (P. 141)

97. Kardec conclui o assunto dizendo ser necessário rejeitar a ideia de que dois Espíritos, criados um para o outro, um dia deverão unir-se na eternidade. *(N.R.: As respostas de São Luís e o comentário de Kardec deram origem às perguntas 298 a 303 d'O Livro dos Espíritos.)* (P. 142)

98. A Revista publica duas entrevistas com o Espírito de Mozart, enviadas por um de seus assinantes. (P. 142)

99. Mozart informa estar habitando Júpiter, onde não existe o ódio e a melodia existe em toda parte: nas águas, nas folhas, no vento, nas flores -- tudo produz sons melodiosos. (PP. 144 e 145)

100. Nenhuma música, diz ele, pode dar uma ideia da que existe ali. "Não temos instrumentos: são as plantas e os pássaros os coristas. O pensamento compõe e os ouvintes gozam sem audição material, sem o concurso da palavra -- e isto a uma distância incomensurável." (P. 145)

101. Confirmando a necessidade da reencarnação para evoluir, Mozart diz que a crença em Deus e a dedicação ao trabalho trar-nos-ão a calma. (P. 146)

102. Um assinante de Haia (Holanda) enviou interessante relato sobre a manifestação do Sr. M., que deserdou os parentes próximos em favor da família da mulher, falecida pouco antes dele. (P. 147)

103. Com ajuda de espíritas radicados em Lião, foi desmascarado um impostor que dizia ser o sr. Home. Para confundir o público, o sr. Lambert Laroche intitulava-se grande médium americano de nome Hume. (PP. 150 e 151)

104. A Revista noticia a fundação a 1 de abril de 1858 da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. (P. 153)

105. São Luís fala sobre os fluidos e explica como é que os Espíritos fazem os objetos materiais mover-se, dando-lhes uma vida factícia: quando a mesa se ergue não é o Espírito que a levanta; é a mesa animada que obedece ao Espírito inteligente. (PP. 155 a 157)

106. Kardec percebe seu equívoco anterior e conclui: quando um objeto é posto em movimento, arrebatado ou lançado no ar, não será o Espírito que o pega, empurra ou levanta: ele o satura com o seu fluido, pela combinação com o do médium, e, assim momentaneamente vivificado, o objeto age como se fosse um ser vivo. (P. 158)

107. A Revista prossegue relatando os fenômenos de *raps* publicados pelo "Jornal de Bergzabern" em que a médium era a jovem Filipina Sanger. (P. 159)

108. Perto do Natal os golpes e as arranhaduras tornaram-se mais violentos e duravam mais tempo. Ouviam-se no alto pancadas muito fortes, que faziam abalar a casa, sacudir as janelas e dar a impressão às pessoas presentes de que o solo tremia sob seus pés. (P. 165)

109. São Luís escreve sobre a preguiça, asseverando que a força não foi dada ao homem, nem a inteligência ao seu espírito, para que consuma seus dias na ociosidade, mas para ser útil aos seus semelhantes. (P. 170)

110. Kardec conversa com o Espírito do sr. Morisson, o milionário inglês que nos dois últimos anos de vida imaginava-se reduzido à extrema pobreza. São Luís diz que ele sofria muito pelo bem que não fez. (P. 171)

111. A respeito desse caso, São Luís afirma que em parte alguma se têm encargos apenas para consigo mesmo. O homem responde pelos que o cercam e não só pelas almas que lhe foram confiadas. (P. 172)

112. Kardec evoca o Espírito de um suicida, seis dias após a sua morte no estabelecimento da Samaritana. O homem contava cerca de 50 anos. (P. 173)

113. O suicida não tinha ciência de sua morte, embora sentisse sufocar-se no caixão. São Luís explica que o Espírito do suicida fica ligado ao corpo até o termo de sua vida. (PP. 173 e 174)

114. A dúvida da morte é muito comum nos recém-falecidos, diz Kardec; principalmente naqueles que em vida não elevaram a alma acima da matéria. E' um fenômeno bizarro, mas explicável naturalmente. (P. 174)

115. Após transcrever parte das confissões de Luís XI, ditadas por ele mesmo à srta. Ermance Dufaux, Kardec diz que esse trabalho prova que as comunicações espíritas podem esclarecer-nos sobre a História, desde que nos saibamos colocar em condições favoráveis. (P. 178)

116. A Revista transcreve trecho da "História da França", de Henri Martin, célebre historiador francês, que descreve com respeito os fatos espíritas e as faculdades extraordinárias de Joana D'Arc. (PP. 179 a 181)

117. Em todos os tempos, diz Kardec, o gênio da discórdia agitou o seu facho sobre a Humanidade: é que os Espíritos inferiores, invejosos da felicidade dos homens, encontram entre estes acesso muito fácil. (P. 182)

118. Kardec foi ao banquete anual dos magnetizadores e diz professar a ciência magnética há 35 anos, desde pois os 18 anos de idade. (P. 183)

119. São Luís escreve sobre a inveja e diz que as obras de caridade e de submissão são as únicas que nos darão entrada no seio de Deus. A inveja é uma das mais feias e mais tristes misérias deste globo. A caridade e a constante *emissão* da fé farão desaparecer todos esses males. (P. 186)

120. Os jornais franceses noticiaram o curioso fenômeno da imagem do falecido Sr. Badet, com seu boné de algodão, fotografada no vidro da janela, à qual costumava ficar no período de sua enfermidade. (P. 186)

121. Evocado, o Sr. Badet confirmou o fato, mas não conseguiu explicá-lo com clareza. Ele, contudo, confirmou que o Espírito não tem olhos, mas o perispírito os tem. (P. 188)

122. Kardec tece considerações sobre a fotografia espontânea e adverte que devem desiludir-se os que pensam que os Espíritos lhes abririam minas de ouro, pois sua missão é mais séria. (P. 192)

123. A Revista transcreve outros fenômenos ocorridos em Bergzabern e diz que, preocupado com os fatos, o governo do Palatinato propôs a Sanger internar sua filha numa casa de saúde em Frankenthal. Ocorre que a presença de Filipina deu lugar ali aos mesmos prodígios de Bergzabern. (P. 194)

124. Célima, que foi tambor em Beresina, comunica-se através de pancadas e transmite diversas informações curiosas. (PP. 195 e 196)

125. O Espírito compreende que não poderá purificar-se bastante enquanto não tomar um outro corpo. (P. 199)

126. Kardec lembra que os Espíritos são reconhecidos pela linguagem. A dos Espíritos superiores é sempre digna e em harmonia com a sublimidade dos pensamentos: jamais uma trivialidade lhes macula a pureza. (P. 201)

127. Padre Ambrósio confirma ter sido mistificado, mas esclarece que nem sempre pode impedir que homens e Espíritos se divirtam. (P. 202)

128. Sobre o fato, diz Kardec: Por diversas vezes nos foi dito que a impostura de certos Espíritos é uma prova para a nossa capacidade de julgar. E' uma espécie de tentação permitida por Deus, a fim de que o homem se habitue a distinguir o verdadeiro do falso. (P. 203)

129. Distinto calígrafo, chamado sr. Bertrand, revela como é penosa a situação dos que na Terra se prendem muito à matéria. (P. 206)

130. Jobard, diretor do Museu Real da Indústria, de Bruxelas, diz a Kardec que existe perfeita coincidência entre as respostas dadas pelos Espíritos a ambos: a Kardec em Paris, a ele em Bruxelas. (P. 206)

131. A ideia de que a vida é uma *afinação* das almas, uma prova e uma expiação, é grande e consoladora, assevera Jobard. (P. 207)

132. Marius M., de Bordéus, afirma que a descrição de Júpiter publicada na Revista é idêntica à que ele mesmo obteve dezoito meses atrás. (P. 212)

133. Kardec comenta a carta de Marius M. e diz que o Espiritismo é um laço fraternal que deve conduzir à prática da verdadeira caridade cristã todos quantos o compreendem na sua essência. (P. 213)

134. Embora o Espiritismo esteja na Natureza e tenha sido conhecido e praticado desde a mais alta antiguidade, Kardec diz que em nenhuma outra época foi tão universalmente espalhado quanto em nossos dias. (P. 216)

135. A escala espírita, traçada pelos próprios Espíritos e conforme à observação dos fatos, dá-nos a chave de todas as anomalias aparentes da linguagem dos Espíritos. (P. 219)

136. Quando tivermos aprendido a conhecê-los, julgá-los-emos por sua linguagem e por seus princípios, e suas contradições nada mais terão que nos deva surpreender. (P. 222)

137. Os Espíritos sérios, quando julgam conveniente, evitam chocar muito bruscamente as ideias arraigadas e exprimem-se de acordo com a época, o lugar e as pessoas. (P. 224)

138. A irritação, a violência, o azedume e a dureza de linguagem jamais são um sinal de verdadeira superioridade. (P. 224)

139. Os Espíritos sérios não se contradizem nunca: sua linguagem é sempre a mesma com as mesmas pessoas. (P. 225)

140. As causas das contradições da linguagem dos Espíritos podem ser assim resumidas: 1) ignorância dos Espíritos; 2) embuste produzido por Espíritos inferiores; 3) falhas pessoais do médium; 4) insistência por obter uma resposta que o Espírito recusa dar; 5) a própria vontade do Espírito, que fala conforme o momento, o lugar e as pessoas; 6) insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; 7) interpretação particular dada a uma palavra ou explicação. (P. 225)

141. S. Vicente de Paulo diz que toda a felicidade eterna está contida nesta máxima: "Amai-vos uns aos outros". A alma não pode elevar-se às regiões espirituais senão pela dedicação ao próximo. (P. 226)

142. Gostaria que a leitura do Evangelho fosse feita com mais interesse pessoal, diz S. Vicente de Paulo. "Vossos males provêm do abandono voluntário em que deixais esse resumo das leis divinas." (P. 226)

143. O mesmo Espírito afirma que a caridade é a virtude fundamental, que deve sustentar todo o edifício das virtudes terrenas. (P. 227)

144. A caridade, diz ele, é a âncora eterna de salvação em todos os globos: é a mais pura emanação do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada às criaturas. (P. 228)

145. A Revista relata a história do Espírito batedor de Dibbelsdorf, cujos fatos ocorreram a partir de dezembro de 1761 e foram publicados em 1811 pelo pregador Capelle. (P. 229)

146. Semelhantes aos fenômenos de Hydesville, os *raps* começaram no quarto ocupado por Antônio Kettelhut. (P. 229)

147. Victorien Sardou escreve sobre as habitações em Júpiter e defende-se das críticas recebidas por causa do assunto. (P. 234)

148. Segundo Sardou, as moradas em Júpiter são flutuantes. (P. 239)

149. Com o Espiritismo, diz Kardec, todas as filosofias materialistas ou panteístas caem por si mesmas; não é mais possível a dúvida referente a Deus, à existência da alma, à sua individualidade e imortalidade. (P. 246)

150. Com oito meses de existência, a Revista possuía assinantes em todos os pontos do globo, a saber: Inglaterra, Escócia, Holanda, Bélgica, Prússia, Rússia, Itália, Suíça, Espanha, China, México, Canadá, Estados Unidos etc. (P. 246)

151. A propagação do Espiritismo na Europa se fez sem apoio da imprensa, que até o desprezou e, quando dele falou, foi para levá-lo ao ridículo e remeter seus adeptos ao manicômio. (P. 247)

152. Apenas o sr. Home mereceu da imprensa a honra de algumas referências mais ou menos sérias. (P. 247)

153. A Revista diz que nos Estados Unidos havia então 18 jornais espíritas, dos quais dez hebdomadários e alguns de grande formato. (P. 248)

154. Após lembrar que o jornal espírita fala apenas às pessoas de convicções, e não atrai a atenção dos indiferentes, Kardec pergunta: Que acontecerá quando o Espiritismo dispuser da poderosa alavanca da grande publicidade? (P. 249)

155. Kardec entendia que a propagação do Espiritismo apresentaria 4 períodos distintos: 1) o da curiosidade; 2) o da observação; 3) o de admissão; e 4) o de influência sobre a ordem social. (P. 250)

156. Todos sabem que a ideia de reencarnação remonta à mais alta Antiguidade e que Pitágoras a havia haurido entre os hindus e os egípcios. O mais notável, contudo, é encontrar desde aquela época o princípio da doutrina da escolha das provas, ensinada pelos Espíritos. (PP. 251 e 252)

157. Encontramos essa doutrina em Platão, em sua alegoria do *Fuso da Necessidade*, em que ele imagina um diálogo entre Sócrates e Glauco. (P. 252)

158. A Revista transcreve a história do falecido que apareceu a um oficial francês e pediu-lhe sepultasse seu corpo. Atendido, o Espírito agradeceu-lhe e prometeu reaparecer mais uma vez, duas horas antes de sua morte, o que efetivamente ocorreu trinta anos depois. (PP. 258 a 261)

159. Kardec não autêntica o caso, mas considera-o possível. (P. 261)

160. Ele relata, então, o caso do sr. Watbled, presidente do tribunal de comércio de Boulogne, que expirou a 12 de julho de 1858, após ter visto duas vezes seguidas sua falecida esposa, que anunciou a sua morte para o dia 12, como de fato aconteceu. (P. 262)

161. A Revista publica um relato do historiador De Saint-Foy, relacionado com o massacre da noite de São Bartolomeu, ocorrido em 23 de agosto de 1572: oito dias após o massacre ouviu-se no ar um barulho horrível de vozes e gemidos misturados a gritos de raiva e de furor, nas imediações de Louvre. Tudo indica que o rei Carlos IX ouviu tal barulho, ficou apavorado e não dormiu o resto da noite. (P. 263)

162. Kardec notícia e comenta o caso da Sra. Schwabenhaus que teve morte aparente e depois acordou, informando ter sido transportada às regiões celestes. Ela passou, na verdade, por um estado de letargia. (PP. 264 e 265)

163. Os letárgicos veem e ouvem o que se passa em volta de si e conservam, ao despertar, a lembrança, diz Kardec. (P. 265)

164. As medalhas e outros objetos considerados cabalísticos lembram crenças supersticiosas na virtude de certas coisas, como os números, os planetas e sua correspondência com os metais. (P. 268)

165. Quem tenha estudado racionalmente a natureza dos Espíritos, não admitirá que tais objetos exerçam sobre eles qualquer influência. O mesmo, porém, não se dá com um objeto magnetizado, pois este tem o poder de provocar o sonambulismo ou certos fenômenos nervosos. (P. 268)

166. O episódio do suicídio de Luís A., que namorava a jovem Vitorina R., é examinado por Kardec. São Luís diz que esse suicídio, como foi provocado pelo amor, e não por covardia ante a vida, é menos criminoso aos olhos de Deus. (PP. 270 e 271)

167. Kardec perguntou a Luís se ele amava sinceramente a noiva. "Eu tinha paixão por ela: parece que é tudo", respondeu o suicida. "Se a tivesse amado com pureza não teria querido magoá-la." (P. 271)

168. Num estudo sobre obsessão, Kardec esclarece que a obsessão jamais se dá senão por Espíritos inferiores. O grau de constrangimento e a natureza dos efeitos que produz marcam a diferença entre a obsessão, a subjugação e a fascinação. (P. 277)

169. Kardec fala sobre a possessão -- império exercido pelos maus Espíritos -- mas prefere o vocábulo subjugação. Assim, não há possessos, no sentido vulgar da palavra; há simplesmente obsedados, subjugados e fascinados. *(N.R.: Em "A Gênese" Kardec irá modificar essa ideia.)* (P. 278)

170. A Revista mostra como começou e foi tratada a fascinação do Sr. F., moço instruído, de educação esmerada e caráter suave. (P. 279)

171. Kardec o ajudou e conta que o rapaz seguiu o conselho dos Espíritos, de entregar-se a um trabalho rude, que não lhe deixasse tempo para ouvir as sugestões más. (P. 283)

172. Os Espíritos exercem sobre os homens uma influência salutar ou perniciosa; não é preciso, para isto, ser médium. Não havendo a faculdade, eles agem de mil e uma maneiras. (P. 284)

173. A influência dos Espíritos sobre nós é constante, e todos acham-se expostos a ela, quer acreditem ou não. (P. 285)

174. Kardec afirma que três quartas partes de nossas ações más e de nossos maus pensamentos são frutos dessa sugestão oculta. (P. 285)

175. Não há outro critério, senão o bom senso, para discernir o valor dos Espíritos. Qualquer fórmula dada para esse fim pelos próprios Espíritos é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores. (P. 286)

176. Os Espíritos inferiores receiam os que lhes analisam as palavras, desmascaram as torpezas e não se deixam prender por seus sofismas. (P. 286)

177. A Revista transcreve notícia de Estocolmo informando que o Sr. Klugenstiern, reputado magnetizador europeu, foi chamado ao Castelo de Drottningholm, para aplicar no Rei Oscar um tratamento magnético. (P. 287)

178. Kardec comenta a notícia para mostrar o respeito adquirido pelo magnetismo, e afirma que Espiritismo e magnetismo se ligam por laços íntimos, como ciências solidárias. (P. 288)

179. Aliás, lembra Kardec, os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, quer como meio de cura, quer como causa primeira de uma porção de coisas. (P. 288)

180. A Revista dá conta de que a Igreja, conforme livro publicado em 1853 pelo abade Marotte, também reconhecia o valor do magnetismo. No seu livro, Marotte conceitua o magnetismo e fala sobre seus efeitos. (P. 289)

181. Um curioso caso de fisiologia é tratado por São Luís: um médico esqueceu no estacionamento uma garrafa de rum; não a encontrando, declarou ao chefe do estacionamento que se tratava de uma garrafa contendo veneno muito violento e que tivessem o maior cuidado em não usá-lo. Resultado: três cocheiros ao beberem o rum pareciam ter sido intoxicados. (P. 291)

182. São Luís diz que a sensação mórbida dos cocheiros foi provocada por Espíritos malévolos, os mesmos que os induziram a beber o rum alheio. Kardec admite também que possa ter havido, no caso, uma espécie de magnetização do líquido, por ação do pensamento do médico. (PP. 291 e 292)

183. Nem sempre aquilo que dizemos vem de nós; frequentemente, nossos atos são consequência de pensamentos que nos são sugeridos. (P. 293)

184. A doutrina espírita admite, porém, no homem, o livre arbítrio em toda a sua plenitude. Assim, segundo a doutrina espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta que o solicita para o mal. (P. 293)

185. As faltas que cometemos têm, pois, a primeira fonte na imperfeição de nosso Espírito. Quanto mais ele se depurar, mais diminuirão os lados fracos e menos presa oferecerá aos maus Espíritos. (P. 294)

186. Kardec relata o assassinato de cinco crianças, cometido por outra de doze anos, que colocou as primeiras dentro de um baú, e admite como provável que o criminoso seja desses Espíritos que pertençam a planetas inferiores ao nosso. (PP. 295 e 296)

187. Aos olhos de Deus, diz um Espírito, o arrependimento é sagrado, porque é o homem que a si mesmo se julga. (P. 297)

188. Um velho castelo nos Pireneus foi vendido e, depois, o comprador percebeu que se tratava de uma casa assombrada. Pretendendo a rescisão do negócio, a questão foi ao tribunal. Kardec analisa o fato e afirma que, em tal questão, é preciso primeiro saber se as manifestações no castelo ocorriam antes ou depois da venda do imóvel. (PP. 297 a 300)

189. Os jornais americanos noticiaram o caso da aparição da Sra. Park, que apareceu, pouco depois de seu falecimento, à sua irmã Miss Harris, como lhe prometera momentos antes de seu passamento. (PP. 302 e 303)

190. Kardec fala sobre as polêmicas espíritas e diz que há um gênero de polêmica do qual sempre se afastará: a que pode degenerar em personalismo. (P. 305)

191. Há, contudo, uma polêmica a que jamais recuaria: a discussão séria dos princípios espíritas. (P. 305)

192. Falando sobre reencarnação, Kardec diz que existe entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação esta grande diferença: os Espíritos repelem de modo absoluto a transmigração dos homens nos animais e vice-versa. (P. 307)

193. Diz Kardec que a reencarnação não foi ensinada somente a ele, mas foi ventilada em muitos lugares, na França e no estrangeiro: Alemanha, Holanda, Rússia etc., e isto mesmo antes d' O Livro dos Espíritos. (P. 308)

194. Desde que se entregou ao Espiritismo, informa Kardec ter tido comunicações de mais de 50 médiuns e que, em nenhum caso, os Espíritos se desmentiram nesse ponto. (P. 308)

195. Admitindo-se, porém, que a alma nasce com o corpo, como explicar as aptidões diversas que as crianças apresentam, as ideias inatas, os instintos precoces de vícios e virtudes, os selvagens? (P. 311)

196. Com a reencarnação, tudo isso é explicado com clareza. Os homens trazem, ao nascer, a intuição do que aprenderam antes, seus defeitos e suas qualidades. (P. 312)

197. Examinando o tema sob a ótica do futuro do homem, as mesmas dificuldades se apresentam aos que não admitem a reencarnação: qual será a sorte do selvagem e das crianças mortas em tenra idade? (PP. 312 e 313)

198. Kardec promete demonstrar mais tarde que a religião se acha menos afastada da reencarnação do que se pensa, e assevera que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão, porque se apoia na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, no livre arbítrio e na moral cristã. (P. 313)

199. São Luís escreve sobre o suicídio e diz que o homem, quando se suicida, está superexcitado, com a cabeça transtornada, e realiza esse ato sem coragem nem medo e, assim, sem conhecimento de causa. (P. 314)

200. Para elevar-se, o homem deve ser provado. Criado simples e ignorante, é somente na adversidade que o Espírito adquire um coração elevado e melhor compreende a grandeza de Deus. (P. 315)

201. A Revista apresenta nova comunicação de Mehemet-Ali, antigo paxá do Egito, que nos traz diversos ensinamentos interessantes. Um deles é sobre as pirâmides, um misto de sepulcros e templos. (P. 316)

202. Os egípcios imaginavam que o Espírito voltava ao corpo que havia animado; daí a ideia de mumificação dos cadáveres. (P. 317)

203. Evocado a conselho do sr. Jobard, o doutor Muhr, desencarnado no Cairo a 4-6-1857, era médico homeopata, ciência sobre a qual deu o seguinte depoimento como Espírito: "A homeopatia é o começo da descoberta dos fluidos latentes. Muitas outras descobertas igualmente preciosas serão feitas e virão formar um todo harmonioso, que conduzirá vosso globo à perfeição". (PP. 318 e 319)

204. A Revista consigna uma comunicação espontânea dada pelo Espírito de Madame de Stäel, na qual ela associa o Espiritismo a uma nova religião. (P. 319)

205. Madame de Stäel é rigorosa com respeito à sua obra: "se eu voltasse e pudesse recomeçar, modificaria dois terços e conservaria apenas um". (P. 321)

206. A Revista transcreve do "*Spiritualist*", de Nova Orléans, notícia a respeito do médium Sr. Rogers, residente em Columbus, que consegue fazer retratos de pessoas mortas e que jamais havia visto. (P. 322)

207. Kardec escreve sobre as faculdades da Sra. Roger, sonâmbula, que consegue ver a distância pessoas e objetos desaparecidos. (PP. 326 e 327)

208. Diz o codificador que a clarividência sonambúlica nem sempre é reflexo de um pensamento estranho: o sonâmbulo pode ter uma lucidez própria, absolutamente independente. (P. 328)

209. A Revista transcreve um conto de Frédéric Soulié, "Uma Noite Esquecida", psicografado por Caroline Baudin, médium do gênero absolutamente passivo, que não tinha a menor consciência do que escrevia. Primeiro, ela valeu-se da *cesta de bico*; depois serviu-se da psicografia direta. (P. 329)

210. Kardec diz que a *Gazette de Cologne* publicou a história da aparição do General Marceau, que muitas pessoas alegam ter visto à noite, montado num cavalo, com seu manto branco dos caçadores franceses. (P. 333)

211. Falando sobre aparições, Kardec lembra que o Espírito está unido ao corpo por uma substância semimaterial, chamada perispírito. Tem ele, pois, dois envoltórios: o corpo destrutível e o corpo etéreo, vaporoso, indestrutível -- o perispírito. (P. 335)

212. O perispírito é invisível, mas pode tornar-se visível. Uma outra propriedade dele é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe oferece obstáculo: ele as atravessa a todos, como a luz atravessa os corpos transparentes. (P. 336)

213. Kardec diz conhecer uma jovem senhora que muitas vezes via em sua casa e no seu quarto homens que aí entravam e saíam, embora estivessem fechadas as portas. (P. 337)

214. Kardec fala sobre o sr. Adrien, destacando que de todas as suas faculdades como médium a mais notável é a vidência. (P. 339)

215. Colocamos o sr. Adrien -- diz o codificador -- entre os mais notáveis médiuns e na primeira fila daqueles que nos forneceram os mais preciosos elementos para o conhecimento do mundo espírita. (P. 340)

216. Com o sr. Adrien, Kardec esteve em teatros, bailes, hospitais, cemitérios e Igrejas, e assistiu a enterros, casamentos, batizados e sermões, em toda parte observando os Espíritos que ali estavam. (P. 340)

217. Kardec relata o caso da morte de um amigo do sr. Adrien, vitimado por um ataque de apoplexia. Horas depois da morte, o vidente viu o Espírito do defunto, com a mesma aparência de antes, a andar de um lado para outro, sem compreender o que se passava. (P. 341)

218. No dia seguinte, o médium viu o Espírito vagando ao lado do caixão, mas estava agora envolto numa espécie de túnica. O sr. Adrien conversou com ele e viu que ele ignorava a sua morte. (P. 341)

219. A seguir, o médium o viu aproximar-se do filho que chorava. Curvou-se sobre ele, ficou uns momentos nessa posição, depois partiu rapidamente. O médium notou, então, que o que ele dizia chegava ao coração do filho. (P. 342)

220. A Revista trata do tema bicorporeidade e cita os casos de Santo Afonso de Liguori, canonizado antes do tempo exigido, por se haver mostrado simultaneamente em dois lugares, e de Santo Antônio de Pádua, que pregava na Espanha quando foi visto em Pádua. (P. 344)

221. Evocado, Afonso de Liguori confirma o fato que lhe foi atribuído e explica o seu mecanismo. (P. 344)

222. Kardec faz um estudo sobre as sensações dos Espíritos, procurando explicar como é a dor sentida pelos Espíritos. (PP. 347 e 348)

223. A conclusão parece clara: os sofrimentos que o Espírito padece são sempre consequência da maneira porque viveu na Terra. (P. 351)

224. Um Espírito ensina que o sono liberta inteiramente a alma do corpo: quando dormimos ficamos momentaneamente no estado em que, de maneira definitiva, nos encontraremos depois da morte. (P. 353)

225. O sonho -- diz ele -- é a lembrança daquilo que o vosso Espírito viu durante o sono; notai, porém, que não sonhais sempre, porque nem sempre vos lembrais daquilo que vistes ou de tudo quanto vistes. (P. 354)

226. Kardec escreve sobre a mulher e lhe faz um elogio inusitado: "A mulher é delineada mais finamente que o homem, o que indica, naturalmente, uma alma mais delicada. E' assim que nos meios semelhantes, em todos os mundos, a mãe será mais bela que o pai, por ser a que a criança vê primeiro". (P. 357)

227. "Mulheres! Não temais deslumbrar os homens pela vossa beleza, por vossas graças, por vossa superioridade -- diz Kardec. -- Saibam, porém, os homens que, para se tornarem dignos de vós, devem ser tão grandes quanto sois belas, tão sábios quanto sois boas, tão instruídos quanto sois originais e simples." (P. 357)

228. Kardec evoca uma viúva de Malabar, uma dessas mulheres da Índia, sujeitas ao costume de queimar-se sobre o cadáver do marido. Evidentemente, ela disse que preferia ter-se casado com outro homem, ao invés de ser queimada. (P. 361)

229. Evocada, Luísa Charly, chamada Labé, cognominada "A Bela Cordoeira", explica que, embora tenha sido feliz na Terra, a felicidade do Céu é coisa muito diferente. Por Céu, ela diz referir-se a outros mundos. (P. 363)

230. Luísa confirma que Júpiter é um mundo feliz, mas adverte que ele não é o único favorecido por Deus. Os mundos felizes são tão numerosos quanto os grãos de areia do oceano. (P. 363)

231. O Sr. Ch. Renard, assinante da Revista, residente em Rambouillet, conta em carta escrita a Kardec sobre suas experiências com os fenômenos espíritas, muito

antes do advento das mesas girantes, e fala sobre as experiências da família Fox e dos trabalhos de Davis, considerados por Conan Doyle os principais precursores do Espiritismo. (P. 366)

232. Fechando o ano de 1858, Kardec diz, feliz, que doravante a existência da Revista se acha assegurada por um número de assinantes que aumenta dia a dia, e afirma que o Espiritismo marcha a passos gigantescos pelo mundo inteiro. (PP. 367 e 368)

233. Refere Kardec que os Espíritos então lhe disseram: "*Este é o primeiro período; em breve passará, para dar lugar a ideias mais elevadas. Novos fatos revelar-se-ão, marcando um novo período -- o filosófico -- e a doutrina crescerá em pouco tempo, como a criança que deixa o seu berço*". (P. 368)

Revista Espírita de 1859

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Nos fenômenos espíritas agimos sobre inteligências que dispõem do livre arbítrio e não se submetem à nossa vontade. Eis por que a ciência vulgar é incompetente para os julgar. (P. 2)

2. Um bom médium é o que simpatiza com os bons Espíritos e não recebe senão boas comunicações. (P. 3)

3. O Espiritismo é o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas: ele dá religião aos que não a possuem; fortifica-a nos que a têm vacilante; consola pela certeza do futuro, faz suportar com paciência e resignação as tribulações desta vida e desvia o pensamento do suicídio. (P. 5)

4. O perispírito, cuja natureza é essencialmente flexível, se presta a todas as modificações que lhe queira dar o Espírito. Em seu estado normal, o invólucro etéreo tem uma forma humana. (P. 8)

5. A visão do Espírito pelo médium se realiza por uma espécie de radiação fluídica, que parte do Espírito e se dirige ao médium. (P. 10)

6. Kardec refere o caso "O duende de Bayonne", em que um Espírito com a fisionomia de menino de 10 a 12 anos aparecia para sua irmãzinha. (P. 17)

7. O Espírito de Diógenes se comunica e diz que depois de sua existência em Atenas só reencarnou em outros mundos. (P. 21)

8. Os Espíritos de São Luís e de Santo Agostinho dizem que os Espíritos podem influenciar-nos mesmo estando a milhões de quilômetros de nós, e que cada anjo da guarda tem o seu protegido, sobre o qual vela como um pai sobre o filho. (PP. 22 e 23)

9. Os Espíritos bons, mas ignorantes -- diz Kardec --, confessam sua insuficiência a respeito daquilo que não sabem; os maus dizem que sabem tudo. Lá e cá, a bazófia é sempre sinal de mediocridade. (PP. 28 e 29)

10. O dom da mediunidade depende de causas ainda imperfeitamente conhecidas, nas quais parece que o físico tem uma grande parte. *(N.R.: Hoje não há qualquer dúvida de que a mediunidade está radicada no organismo.)* (P. 31)

11. O pensamento é o laço que nos une aos Espíritos; é pelo pensamento que atraímos os que simpatizam com nossas ideias e inclinações. (P. 32)

12. Os Espíritos superiores não escolhem, para transmitir instruções sérias, um médium que tem familiaridade com Espíritos levianos, a menos que não encontrem outros médium e haja necessidade. (P. 33)

13. As boas intenções e a própria moralidade dos médiuns nem sempre bastam para evitar a intromissão dos Espíritos levianos, mentirosos ou pseudo-sábios nas comunicações. Se não quisermos ser vítima deles, é preciso julgá-los por sua linguagem, passando pelo crivo da lógica e do bom-senso tudo quanto eles dizem. (PP. 34 e 35)

14. De todas as disposições morais, a que maior entrada oferece aos Espíritos imperfeitos é o orgulho, que muitas vezes se desenvolve no médium à medida que cresce a sua faculdade, pois esta lhe dá importância. (P. 36)

15. As demais imperfeições morais são outras tantas portas abertas aos Espíritos imperfeitos, ou, pelo menos, causas de fraqueza. Para repelir tais Espíritos, não basta dizer-lhes que saiam; é preciso fechar-lhes a porta e os ouvidos, provando-lhes que somos mais fortes -- o que seremos pelo amor do bem, pela caridade, pela doçura, pela modéstia, pelo desinteresse. (P. 37)

16. Seria injusto, porém, atribuir todas as comunicações más à conta do médium, pois o meio é muito importante. E' regra geral que as melhores comunicações ocorrem num círculo concentrado e homogêneo. (P. 38)

17. Os *agêneres* não revelam a sua natureza e, aos nossos olhos, não passam de um homem comum; sua aparição corpórea pode ter, pois, longa duração, conforme a necessidade do Espírito. (P. 41)

18. Não se devem confundir os fatos da *bicorporeidade* com os *agêneres*. Estes não possuem corpo vivo na Terra; apenas seu perispírito faz-se palpável. (P. 43)

19. Kardec admite ter uma aparência de frieza, mesmo de muita frieza; pelo menos é o que os amigos achavam e por isso o censuravam. (P. 43)

20. Kardec transcreve a história fantástica de Hermann, publicada no *Journal des Débats*, de 26-11-1858, e diz que não passa de uma lenda sem fundo de verdade, visto que uma alma não pode animar dois corpos. (P. 48)

21. Reportando-se aos fenômenos de batidas e movimento de objetos ocorridos na aldeia de Coujet, no departamento de Lot, Kardec lembra que os Espíritos superiores não se prestam a tais fenômenos: só os Espíritos de uma ordem muito inferior se dedicam a isso. (P. 49)

22. Em geral não há razão para nos amedrontarmos com esses fatos; a presença desses Espíritos pode ser importuna, mas não é perigosa, e é sempre útil procurar saber o que eles querem com tais fenômenos. (P. 50)

23. Um Espírito diz que as crianças são os seres que Deus envia a novas existências, aos quais dá toda a aparência de inocência, para que ninguém possa queixar-se de sua grande severidade. Quando não mais necessitam dessa proteção, o caráter real delas aparece em toda a sua nudez. (P. 42)

24. Os Espíritos só entram na vida corpórea para o seu aperfeiçoamento; a fraqueza da infância os torna flexíveis e acessíveis aos conselhos da experiência; é então que seu caráter pode ser reformado, pela repressão de suas más inclinações. Tal o dever que Deus confia aos pais. (P. 53)

25. Dr. Morhéry diz a Kardec que o célebre professor Gay-Lussac ensinava em seu curso, a respeito dos corpos *imponderáveis* e *invisíveis*, que estas eram expressões inexatas; mais lógico chamá-los *imponderados*. (P. 54)

26. Todos, diz Kardec, são mais ou menos médiuns, mas convencionou-se dar esse nome aos que apresentam manifestações patentes e, por assim dizer, facultativas. (P. 61)

27. De todos os gêneros de mediunidade, a mais comum e a mais fácil de se adquirir pelo exercício é a psicografia. (P. 61)

28. O papel do médium intuitivo é o mesmo de um intérprete entre nós e o Espírito, e a dificuldade está em se distinguir os pensamentos do médium daqueles que lhe são sugeridos. (P. 62)

29. Longe de nós -- assevera São Luís -- desprezar os médiuns de efeitos físicos. Têm eles a sua razão de ser e o seu fim providencial e prestam incontestáveis serviços à Ciência Espírita; mas quando um médium possui uma faculdade que o põe em contato com seres superiores, não compreendemos que dela abdique, ou que deseje outras, a não ser por ignorância. (P. 64)

30. A mediunidade é uma faculdade dada para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem quer que pretenda transformá-la em escada para outros fins que não correspondam aos desígnios da Providência. (P. 65)

31. Em Saint-Etienne uma moça conseguia tomar os traços, a voz e os gestos de parentes mortos que nem chegou a conhecer. Evocado, São Luís explica que, na transfiguração, o corpo nunca muda, mas reveste aparências diversas e sofre uma espécie de oclusão, encoberto pelo perispírito. (P. 68)

32. O homem -- diz Kardec -- se avilta pela inveja, pelo ódio, pelo ciúme e por todas as paixões mesquinhas, mas se eleva pelo esquecimento das ofensas; eis a moral espírita. (P. 72)

33. O Espírito de Paul Gaimard, ex-médico da Marinha, fala da importância dos esforços morais que o homem faça em sua vida. (P. 73)

34. Diz ele que na erraticidade o Espírito é mais senhor de si, tem mais consciência de sua força; a carne pesa, obscurece e entrava. (P. 74)

35. Todos os Espíritos -- lembra Kardec -- dizem que no estado de erraticidade pesquisam, estudam, observam, a fim de fazer a escolha. (P. 75)

36. O Espírito da Sra. Reynaud, que fora notável sonâmbula lúcida, diz que sua lucidez não tinha a prontidão e a justeza que possui agora. (P. 77)

37. A cadeia das existências, diz ela, é formada de anéis seguidos e contínuos, e nenhuma interrupção lhe suspende o curso: a vida terrena é a continuação da vida celeste precedente e o prelúdio da próxima. (P. 77)

38. A Sra. Reynaud diz ainda que é possível ser bom sonâmbulo sem possuir um Espírito de ordem elevada. (P. 78)

39. Dizendo que é o Espírito quem vê, a Sra. Reynaud informa que agora vê melhor do que quando em estado sonambúlico, pois pode ver o homem por dentro, inclusive na obscuridade. (P. 79)

40. O fluido magnético -- diz o mesmo Espírito -- emana do sistema nervoso, mas o sistema nervoso o tira da atmosfera, sua fonte principal. O poder magnético do magnetizador depende não só de sua constituição física, mas muito do seu caráter. (P. 80)

41. Por isso, as qualidades mais essenciais para o magnetizador são o coração, as boas intenções sempre firmes, o desinteresse. (P. 80)

42. A Revista transcreve o famoso caso do espectro de Atenas, que apareceu para o filósofo Atenodoro, narrado por Plínio, o Moço. (P. 87)

43. Evocado por Kardec, Plínio diz que o desinteresse aqui é coisa rara: "Em cada duzentos homens encontrareis apenas um ou dois realmente desinteressados". Kardec concordou. (P. 90)

44. Costuma-se dizer que ninguém dos que morreram voltou para nos dar informações. Kardec diz que isso é um erro, e a missão do Espiritismo é precisamente esclarecer-nos sobre esse futuro, fazendo-nos tocá-lo e vê-lo, não mais pelo raciocínio, mas pelos fatos. (P. 92)

45. O Espírito vê sem auxílio de nossa luz e ouve sem necessidade das vibrações do ar; eis por que para ele não há obscuridade. (P. 93)

46. As sensações permanentes e indefinidas, por mais agradáveis que sejam, se tornariam com o tempo fatigantes, se não lhe fosse possível subtrair-se a elas; por isso tem ele a faculdade de as suspender. (P. 94)

47. O Espírito pode, pois, deixar de ver, de ouvir, de sentir tais ou quais coisas, conforme a sua vontade, mas na razão de sua superioridade, porque há coisas que os Espíritos inferiores não podem evitar. (P. 94)

48. Como os Espíritos não necessitam de vibrações sonoras para lhes ferir os ouvidos, compreendem-se pela simples transmissão do pensamento, assim como por vezes nos entendemos pelo simples olhar. (PP. 94 e 95)

49. Ao entrar em sua nova vida o Espírito precisa de algum tempo para se reconhecer, porque tudo ali lhe parece estranho e desconhecido. (P. 95)

50. E' um erro pensar que a vida espírita seja uma vida ociosa; ao contrário, ela é essencialmente ativa e todos têm ali ocupações. (P. 97)

51. Uma coisa notável é que, mesmo entre os Espíritos mais comuns, de um modo geral os sentimentos são mais puros como Espíritos do que como homens. A vida

espírita os esclarece quanto aos seus defeitos e, salvo poucas exceções, lamentam eles amargamente o mal que fizeram. (P. 99)

52. Há, porém, o que se pode chamar de escória do mundo espírita, constituída dos Espíritos impuros, cuja preocupação única é o mal. (P. 100)

53. Para prevenir a fraude nas reuniões espíritas é preciso observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, levar em consideração o caráter e a condição das pessoas, seus objetivos e interesses. (P. 102)

54. Há certas posições sociais -- diz um assinante da Revista -- que apresentam invencíveis obstáculos ao progresso espiritual, como os magarefes nos matadouros e os carrascos. E indaga: Qual a necessidade dessas profissões em nosso estado social? (P. 104)

55. Kardec responde dizendo que só gradativamente pode o Espírito progredir: deve ele passar sucessivamente por todos os graus, de modo que cada passo à frente seja uma base para assentar novo progresso. Ninguém pode transpor de um salto a distância entre a barbárie e a civilização. (P. 104)

56. Os empreendimentos que Deus abençoa, sejam quais forem as suas proporções, são os que correspondem aos seus desígnios, trazendo seu concurso à obra coletiva. (P. 106)

57. Prova a experiência que a aptidão de um médium para tal ou qual trabalho depende da flexibilidade que apresenta ao Espírito. (P. 111)

58. O conhecimento do ofício e os meios materiais de execução não constituem o talento, mas é evidente que em um médium assim encontre o Espírito menos dificuldade mecânica a vencer. (PP. 111 e 112)

59. Comentando um diálogo mantido com o Espírito de Poitevin, ex-aeronauta, Kardec diz que os homens que na Terra tiveram uma especialidade nem sempre são os mais adequados ao nosso esclarecimento. (P. 118)

60. Kardec diz que, embora seja contra os médiuns mercenários, nada há a opor contra os sonâmbulos mercenários, porque estes agem por si mesmos e é o seu próprio Espírito que se desprende e vê mais ou menos bem. (P. 120)

61. Os Espíritos se encarnam homens ou mulheres, porque não têm sexo. Cada sexo lhes impõe provas e deveres especiais. (P. 121)

62. De acordo com a doutrina espírita, a solidariedade não se restringe à sociedade terrena: abarca todos os mundos e é, pois, universal. (P. 121)

63. Há reuniões de Espíritos onde muitos não podem penetrar: são os Espíritos superiores que fazem esse controle. (P. 125)

64. Pierre Le Flamand, falecido há quinze anos, confessa não ser feliz na erraticidade, por lhe faltar a realidade dos prazeres. Insuficientemente evoluído para gozar de uma felicidade moral, deseja tudo que vê, aborrece-se e procura matar o tempo como pode... mas o tempo não passa!... (P. 126)

65. Não lhe seria útil ver e ouvir coisas boas e úteis que o auxiliassem a progredir? Ele diz que sim, mas para isso seria preciso saber aproveitar as lições. Ele prefere, porém, assistir às cenas de amor e deboche, que em nada o ajudam. (P. 127)

66. Na palestra seguinte, Pierre diz que de alguns dias para cá tem visto um Espírito que parece segui-lo por toda parte, que o impele ou contém. Se quer fazer algo errado, ele se posta à sua frente... (P. 129)

67. Pierre conta que, indo visitar Kardec, viu o professor sozinho no escritório, rodeado, porém por cerca de vinte Espíritos. Dois ou três sopravam aquilo que ele escrevia e davam a impressão de ouvir a opinião dos outros; Kardec acreditava, porém, que as ideias lhe eram próprias. (P. 131)

68. Chegaram depois oito ou dez pessoas, que se reuniram numa outra sala com Kardec, que respondia às suas perguntas. Um era chamado Príncipe, outro

chamavam de Duque, e os Espíritos chegaram em massa: havia mais de cem, dos quais alguns tinham uma espécie de coroa de fogo. (P. 131)

69. Pierre conta que chegou a presenciar um roubo: o ladrão era acolitado por dois Espíritos; um o incitava a roubar, o outro o estimulava a resistir. Pierre avisou o negociante e o roubo não aconteceu. (PP. 131 e 132)

70. Pierre provocou no negociante um forte espirro e ele desceu à loja para buscar a caixa de rapé, quando surpreendeu o marginal. (P. 132)

71. Mozart e Chopin se manifestam: o primeiro confirma que no mundo onde vive toda a Natureza faz ouvir sons melodiosos. (P. 135)

72. Chopin confirma ser uma pessoa sombria e triste, porque tinha empreendido uma prova que não soube realizar bem e lhe faltava coragem para recomeçá-la. (P. 136)

73. Chopin diz que, na erraticidade, há legiões de executantes que tocam suas composições com mil vezes mais arte do que qualquer músico da Terra. São músicos completos. O instrumento de que se servem é a própria garganta, auxiliados por instrumentos, espécies de órgãos, de uma precisão e de uma melodia que não podemos compreender. (P. 136)

74. Kardec pediu a Mozart, e este explicou: Há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que eles podem habitar temporariamente, espécies de bivaques, de campos de repouso. (P. 137)

75. Santo Agostinho confirmou a informação e disse que os Espíritos progridem enquanto estacionam nesses mundos intermediários. (P. 138)

76. O Sr. R..., antigo ministro-residente dos Estados Unidos junto ao rei de Nápoles, informou a Kardec ter conhecido na Inglaterra um médium vidente que notava nas aparições de vivos um rastro luminoso, que partia do peito, através do espaço, e terminava no corpo físico. (P. 140)

77. Se eu fosse sacerdote -- diz Kardec -- e quisesse provar que há em nós algo mais que o corpo, demonstrá-lo-ia de maneira irrecusável pelos fenômenos do sonambulismo natural ou artificial. (P. 146)

78. Kardec conta ter feito durante 35 anos *(portanto, desde os 20 anos de idade)* estudos especiais sobre o sonambulismo e, assim, podia afirmar que o médium é dotado de uma faculdade particular, que não se pode confundir com o sonambúlico, e que a completa independência de seu pensamento é provada por fatos da maior evidência, para quem os observe com imparcialidade. (P. 146)

79. O Espiritismo está baseado na existência de um mundo invisível, formado de seres incorpóreos e que não são outra coisa senão as almas dos que viveram na Terra e em outros globos. Assim, pois, o Espiritismo pertence à Natureza e seu verdadeiro caráter é o de uma ciência. (P. 148)

80. O Espiritismo não nega a Deus, a alma, o livre arbítrio, as penas e recompensas futuras. Longe disso, ele prova, não pelo raciocínio, mas pelos fatos, essas bases fundamentais da religião, cujo inimigo mais perigoso é o materialismo. (P. 150)

81. Don Fernando Guerrero, escrevendo de Lima (Peru), conta que um dia resolveu relatar algumas passagens d' O Livro dos Espíritos a uma tribo de aborígines que habitam a encosta oriental dos Andes: os indígenas compreenderam perfeitamente o que lhes foi lido e fizeram até observações muito judiciosas sobre o conteúdo da obra. A ideia de reviver na Terra lhes pareceu, por exemplo, absolutamente natural. (P. 151)

82. Kardec diz que somos, malgrado nosso, os agentes da vontade dos Espíritos para aquilo que se passa no mundo, tanto no interesse geral, quanto no individual. (P. 153)

83. Há pessoas que não temem a morte, mas têm medo do escuro; não receiam os ladrões, mas não vão sozinhas, à noite, ao cemitério. E' que os Espíritos estão junto delas e seu contato produz-lhes uma impressão que resulta num medo inexplicável. (P. 153)

84. A Revista noticia a curiosa descoberta feita pelo Sr. Jobert, de Lamballe, sobre a contração muscular rítmica do pequeno peroneal lateral direito, que parecia, na época, desmentir o fenômeno das batidas. (P. 155)

85. O fato difundiu-se por toda a parte, mas, evidentemente, se podia explicar os sons da tiptologia, era insuficiente para explicar o erguimento da mesa sem nenhum contato, a sua movimentação pela sala, sua queda e as batidas com os pés, fatos então bastante conhecidos e comprovados. (P. 161)

86. A Revista informa que, antes de Jobert, em 1854, o Dr. Rayer, célebre clínico, apresentou ao Instituto um alemão cuja habilidade, na sua opinião, dava a chave de todos os "*knokings*" e "*rappings*". (P. 164)

87. Falando sobre a opinião dos cientistas a respeito do Espiritismo, Kardec afirma que ninguém é juiz em causa própria, que os sábios não são infalíveis e que, assim, seu julgamento não é a última instância. (P. 165)

88. Se quisermos construir uma casa, consultaremos um astrônomo? Se estivermos doentes, chamaremos um arquiteto? As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que podemos manejar à vontade; a ciência espírita tem como agentes inteligências que possuem independência, livre arbítrio, e não se submetem aos nossos caprichos. (P. 165)

89. Não cabe aos Espíritos descer até nós; nós é que devemos subir até eles, o que conseguiremos pelo estudo e pela observação. Os Espíritos gostam dos observadores assíduos e conscienciosos. (P. 168)

90. Aos olhos do observador atento e ativo multiplicam-se os fenômenos. Que faz o naturalista que deseja estudar os costumes de um animal? Acaso lhe ordena que faça isto ou aquilo, a fim de observá-lo? Não, pois sabe que não será obedecido. Ele espia, espera e observa de passagem. (P. 169)

91. O simples bom-senso nos mostra que, com mais forte razão, assim deve ser com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais. (P. 169)

92. Kardec evoca Alexandre Humboldt, falecido em maio de 1859, e diz que em pessoas, como Humboldt, que morrem de morte natural e pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece mais prontamente do que naqueles cuja vida é bruscamente interrompida por um acidente. (P. 170)

93. Humboldt diz que o futuro do Espiritismo será grandioso, mas o caminho, penoso. Certamente ele será aceito, um dia, nos meios científicos, mas isso não é indispensável. "Ocupai-vos, antes, de firmar seus primeiros preceitos no coração dos infelizes que enchem vosso mundo: é o bálsamo que acalma os desesperos e dá esperança", assevera Humboldt. (P. 173)

94. Tudo é transição na Natureza -- diz Humboldt --, por isso mesmo nada é semelhante, apesar de que tudo se liga. As plantas não pensam e, assim, não têm vontade. As ostras que se abrem, como todos os zoófitos, não pensam; possuem apenas um instinto natural. (P. 174)

95. Goethe, evocado por Kardec, explica que sua intuição a respeito da influência dos maus Espíritos sobre o homem derivava de uma lembrança. Ele tinha recordação quase exata de um mundo onde via exercer-se a influência dos Espíritos sobre os seres materiais. (P. 176)

96. Goethe diz que, na Terra, recordava-se de uma existência precedente e lamenta o final do *Werther*, uma de suas obras mais famosas, porque fez e causou

muitas desgraças, de que ele se sentia responsável e pela qual, embora estivesse arrependido, ainda sofria. (P. 177)

97. Kardec evoca Pai César, um homem de cor negra que nasceu na África e foi levado para Louisiana com cerca de 15 anos, onde faleceu em fevereiro de 1859, aos 138 anos de idade. O Espírito se diz mais feliz agora porque seu Espírito não é mais negro, quer dizer, ele se livrara das humilhações a que estava sujeita a raça negra. (P. 179)

98. Respondendo a Kardec, São Luís diz que a raça negra desaparecerá da Terra, porquanto ela foi feita para uma latitude diferente. (P. 179)

99. Os brancos se reencarnam em corpos negros? São Luís diz que sim. Quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, pode pedir como expiação viver num corpo de negro, a fim de sofrer por sua vez aquilo que fez sofrer e, por esse meio, adiantar-se e obter o perdão de Deus. (P. 180)

100. Kardec relata o caso da aparição do Major Georges Sydenham ao Capitão V. Dyke, publicado em 1682 em Londres. Ficara combinado entre ambos que quem morresse primeiro viria visitar o outro; e isso aconteceu. (P. 185)

101. No discurso de encerramento do ano social (em junho de 1859), Kardec diz que o número dos membros titulares da Sociedade Espírita de Paris triplicara em alguns meses e possuía ela numerosos correspondentes nos dois continentes. (P. 188)

102. Kardec lembrou na ocasião esta lição de São Luís: "Zombaram das mesas girantes, mas não zombarão jamais da filosofia, da sabedoria, da caridade que brilham nas comunicações sérias". (P. 190)

103. Aquele que realmente quer saber -- diz Kardec -- deve submeter-se às condições da coisa em si, e não querer que esta se submeta às suas condições. Por isto a Sociedade não se presta a experimentações que não dariam resultado, pois sabe, por experiência, que o Espiritismo, como qualquer outra ciência, não se aprende de um jato e em poucas horas. (PP. 191 e 192)

104. Não perdemos tempo -- diz o codificador -- em reproduzir os fatos que já conhecemos, do mesmo modo que um físico não se diverte em repetir as experiências que nada de novo lhe ensinam. Dirigimos nossa investigação a tudo quanto possa esclarecer a nossa marcha, preferindo as comunicações inteligentes, fonte da filosofia espírita e cujo campo ilimitado é muito mais vasto que o das manifestações puramente materiais. (P. 192)

105. Dois sistemas igualmente preconizados e praticados se apresentam na maneira de receber as comunicações de além-túmulo: uns preferem esperar as comunicações espontâneas; outros preferem as evocações. Quanto a nós -- assevera Kardec -- apenas condenamos a exclusividade de sistemas. (P. 192)

106. A maneira de conversar com os Espíritos é uma verdadeira arte, que exige tato, conhecimento do terreno que pisamos e constitui, a bem dizer, o Espiritismo prático. (P. 193)

107. A crítica sistemática censurou-nos -- afirma Kardec -- por aceitarmos muito facilmente as doutrinas de certos Espíritos, sobretudo no que concerne às questões científicas. Ora, estamos longe de aceitar tudo quanto eles dizem como artigos de fé. (P. 194)

108. Como nem todos são perfeitos, não aceitamos suas palavras senão com reservas e jamais com a credulidade das crianças. Julgamos, comparamos, tiramos conclusões do que observamos e os seus próprios erros constituem ensinamentos para nós. (PP. 194 e 195)

109. Saibam, pois, que tomamos toda opinião emitida por um Espírito como uma opinião pessoal; que não a aceitamos senão depois de havê-la submetido ao controle da lógica e dos meios de investigação fornecidos pela própria Ciência Espírita. (P. 195)

110. O concurso dos bons Espíritos -- eis com efeito a condição sem a qual não se pode esperar a Verdade; ora, depende de nós obter esse concurso, e a primeira condição para merecermos sua simpatia é o recolhimento e a pureza das intenções. (P. 195)

111. E' conhecido o provérbio: *Dize-me com quem andas e te direi quem és*. Podemos parodiá-lo em relação aos nossos Espíritos simpáticos, dizendo: *Dize-me o que pensas, e te direi com quem andas.* (P. 196)

112. Dizer que Espíritos levianos jamais deslizaram entre nós -- diz Kardec -- seria uma presunção de perfeição. Os Espíritos superiores chegaram mesmo a permiti-lo, a fim de experimentar a nossa perspicácia e o nosso zelo na pesquisa da verdade. (P. 196)

113. O objetivo da Sociedade Espírita de Paris não é apenas a pesquisa dos princípios da Ciência Espírita. Ela vai mais longe: estuda também as suas consequências morais, pois é principalmente nestas que está a sua verdadeira utilidade. (P. 197)

114. Ensina a experiência que não é impunemente que nos abandonamos ao domínio dos maus Espíritos. Porque suas intenções jamais podem ser boas. Uma de suas táticas para alcançar os seus fins é a desunião, pois sabem muito bem que podem facilmente dominar quem estiver sem apoio. (P. 197)

115. Perguntarão, então, se não atrairemos os maus Espíritos, evocando pessoas que foram o rebotalho da sociedade. Não, porque jamais sofremos a sua influência. Só há perigo quando é o Espírito que se impõe; nunca, porém, quando nos impomos ao Espírito. (PP. 197 e 198)

116. Em seu discurso, Kardec mostra que muitos confrades o criticavam por estar indo longe demais, alegando que os fatos não estavam ainda suficientemente observados e que não havia certeza de que os Espíritos que lhe deram instruções não se haviam enganado. Ele respondeu: "O futuro dirá se estou certo ou errado". *(N.R.: O futuro, como sabemos, deu razão a Kardec. Onde estão agora os seus detratores?)* (P. 199)

117. Falando sobre sociedades espíritas, Kardec diz que a primeira condição para a estabilidade de um centro é a *homogeneidade* de princípios e da maneira de ver; a segunda condição é a *assistência dos bons Espíritos*, se ele quiser obter comunicações sérias. (P. 200)

118. O objetivo do Espiritismo é melhorar aqueles que o compreendem. Procuremos dar o exemplo e mostrar que para nós a doutrina não é morta. Sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos a sua assistência. (P. 202)

119. Joseph Midard, morto em combate, não se deu conta imediatamente da sua situação e não se julgava morto. (P. 204)

120. Diz ele que a hora da morte é marcada por Deus. Se a gente deve passar, nada o impedirá; do mesmo modo ninguém pode atingi-la, se sua hora não houver soado. (P. 207)

121. Vestido de turbante e culote, ele não soube explicar como arranjou essas roupas, visto que o uniforme de soldado ficou no campo de batalha. "*Tenho um alfaiate que as arranja*", disse Midard. (P. 208)

122. Outro militar morto no mesmo combate disse ter-se reconhecido quase que imediatamente, graças às vagas noções que tinha do Espiritismo, mostrando que o conhecimento abrevia o período de perturbação. (P. 210)

123. O Abade Chesnel volta a escrever em *L'Univers*, insistindo em que o Espiritismo é, deve ser e não pode deixar de ser uma religião nova. Kardec o contesta. *(N.R.: Neste caso o tempo deu razão ao Abade.)* (P. 211)

124. A Revista transcreve da *Patrie* de 5-6-1859 um relato concernente ao rei Bernadotte que, tocado pelas palavras de uma aparição, se submeteu ao Conselho de Estado numa questão relativa à Noruega. A aparição lhe anunciou a morte de seu filho Oscar, caso ele combatesse contra a Noruega. (P. 215)

125. Anunciado no número de julho de 1859 o lançamento do livro "Que é o Espiritismo?", de Kardec, que o codificador entende possa servir como uma primeira iniciação ao estudo da doutrina espírita. *(N.R.: Kardec diz que esse deve ser o primeiro livro espírita a ser lido pelo neófito.)* (P. 217)

126. A teoria das aparições se explica por uma comparação familiar, qual a do vapor que, sendo rarefeito, é completamente invisível. No primeiro grau de condensação, torna-se nebuloso; condensado mais, passa ao estado líquido e depois ao sólido. (PP. 220 e 353)

127. Algo de semelhante se opera, pela vontade do Espírito, na substância do perispírito; mas não se infira disso que há nele uma condensação: opera-se na sua contextura uma modificação molecular. (PP. 220 e 221)

128. Os objetos usados pelos Espíritos, como as vestimentas, joias, tabaqueira etc., são transformações da matéria eterizada. (P. 224)

129. Os Espíritos podem fazer uma substância salutar e própria para curar, bem como substâncias alimentares capazes de saciar a fome. (P. 225)

130. A produção de objetos nem sempre resulta de um ato de vontade do Espírito; frequentemente ele exerce esse poder malgrado seu, ou outro o exerce por ele, quando as circunstâncias o exigem. (P. 226)

131. Podendo tirar do elemento universal os materiais para fazer tais coisas, o Espírito pode tirar dali o material para escrever. (P. 227)

132. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem qualquer intermediário, e é inegavelmente um dos mais extraordinários fenômenos do Espiritismo. (P. 228)

133. Em todos os tempos houve tais fenômenos; e é por eles que podemos entender o surgimento das três palavras durante o festim do rei Baltasar, em Babilônia. *(N.R.: O fato é narrado no Livro de Daniel, cap. 5.)* (P. 229)

134. Nos últimos tempos quem primeiro deu a conhecer esse fenômeno foi o Barão de Guldenstubbe, que publicou uma obra contendo grande número de fac-símiles das escritas por ele obtidas. (P. 230)

135. Um correspondente de Bordéus narra um curioso fato que se passou com uma jovem senhora de nome Mally, que desde tenra idade tinha visões. Em 1856, a terceira filha da Senhora Mally, de 4 anos de idade, caiu doente e, durante oito dias, mergulhada num estado de sonolência, foi sustentada por um alimento invisível que seu benfeitor espiritual lhe dava. Curada, a menina contou ter tido visões maravilhosas. (PP. 234 e 235)

136. Um dia, passeando com sua filha mais velha, Mally percebeu que a criança se entretinha com um ser invisível que parecia pedir-lhe bombons. Tratava-se de um menino desencarnado que queria bombons, explicou a garota. (P. 236)

137. Evocado, o guia da Senhora Mally explicou que a caçula fora alimentada por uma espécie de maná, uma substância formada pelos Espíritos, que encerra o princípio contido no maná comum e a doçura do confeito. (P. 240)

138. O Espírito de Voltaire diz que no mundo espiritual tenta aprender a praticar o bem. Quando se teve uma existência como a sua -- diz Voltaire --, há muitos preconceitos a combater, muitos pensamentos a repelir, ou mudar completamente, antes de alcançar a verdade. (P. 245)

139. Ele reconhece ter atacado muitas coisas puras e santas, que sua mão deveria ter respeitado, como o próprio Cristo, "modelo de virtudes sobre-humanas".

Sobre Jesus, Voltaire disse ainda que "*ele estará sempre acima de nós*". "*Ainda estávamos mergulhados no vício da corrupção, e ele já estava sentado à direita de Deus*", acrescentou Voltaire. (P. 245)

140. Contestando ideias atribuídas ao Espírito de Cristóvão Colombo, Kardec lembra que o homem não é fatalmente impelido a fazer tal ou qual coisa. Pode acontecer que, como homem, se comporte mais ou menos cegamente; mas, como Espírito, tem sempre a consciência do que faz e fica sempre senhor de suas ações. (P. 247)

141. O Sr. S... pede que seja evocado o Sr. M..., desaparecido há um mês, para saber dele se está vivo ou morto. São Luís diz que tal evocação não pode ser feita, visto que a incerteza a respeito daquele homem tem um objetivo de prova. (P. 247)

142. A pedido de vários membros e considerando que muitas pessoas estão ausentes durante a estação, Kardec propõe seja determinado um período de férias. A Sociedade resolve então suspender as sessões em agosto. (P. 248)

143. Tratando da intromissão dos Espíritos enganadores nas comunicações escritas, Kardec assevera que entre as coisas que podem ser chamadas *processos* não há nenhuma fórmula e nenhum expediente material que possa servir de preservativo eficaz contra tais Espíritos. (P. 251)

144. Não dissemos que não haja nenhum meio -- lembra Kardec --, mas unicamente que a maior parte dos meios empregados são inoperantes. A primeira coisa é não os atrair e evitar tudo quanto lhes possa dar acesso, e, nesse sentido, as disposições morais têm grande relevância. (PP. 252 e 253)

145. São Luís lembra, ainda, que devemos pesar e refletir, e submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações recebidas. (P. 254)

146. Na sequência, Kardec passa em revista 18 princípios que podem guiar-nos no exame das comunicações espíritas. (PP. 256 a 258)

147. Eis alguns desses princípios: 1) os Espíritos superiores têm uma linguagem sempre digna, nobre, elevada e dizem tudo com simplicidade e modéstia; 2) os bons Espíritos só dizem o que sabem; 3) a linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, senão na forma, pelo menos no conteúdo; 4) os bons Espíritos jamais ordenam ou impõem; aconselham; 5) os bons Espíritos não adulam; 6) eles não se valem de nomes bizarros e ridículos; 7) os bons Espíritos só prescrevem o bem e só aconselham coisas perfeitamente razoáveis. (PP. 256 a 258)

148. Outro sinal da presença dos maus Espíritos é a obsessão: os bons Espíritos jamais obsidiam; os maus se impõem em todos os momentos. (P. 258)

149. Passando as comunicações espíritas pelo controle das considerações precedentes, reconheceremos facilmente a sua origem e poderemos destruir a malícia dos Espíritos enganadores, que só se dirigem àqueles que se deixam enganar. (P. 258)

150. Acrescente-se a tudo isso que a prece é poderoso auxílio: por ela atraímos a assistência de Deus e dos bons Espíritos, aumentando a nossa própria força. "*Ajuda-te e o céu te ajudará*", disse Jesus. (P. 259)

151. Um correspondente de Boulogne envia uma comunicação de Voltaire extraída de uma obra do juiz Edmonds, publicada nos Estados Unidos. Na comunicação, Voltaire conversa com Wolsey, célebre cardeal inglês do tempo de Henrique VIII. Dois médiuns serviram para o diálogo. (P. 262)

152. Confirmando que, por ignorância, atacara a religião cristã, Voltaire lamenta não ter conhecido em sua época o Espiritismo e o muito que poderia então ter feito. (P. 263)

153. Descrente e vacilante, sem ninguém com quem pudesse estabelecer relações, foi assim que ele, Voltaire, entrou no mundo espírita. (P. 264)

154. A princípio, conduzido longe das habitações espirituais, percorreu o espaço imenso. A seguir, foi-lhe permitido ver as construções maravilhosas habitadas pelos Espíritos, até que sua alma ficasse deslumbrada e esmagada ante o poder que controlava tais maravilhas. (P. 264)

155. Com o coração sentindo a necessidade de expandir-se, caído no cansaço e na humilhação, foi aí que ele pôde reunir-se a alguns habitantes e contemplar a posição em que se havia colocado na Terra e o que disso resultava no mundo espírita. (PP. 264 e 265)

156. Uma revolução completa ocorreu em todo o seu ser, e, de mestre que era, tornou-se o mais ardente dos discípulos. Via então quão grandes tinham sido os seus erros e quão maior devia ser a reparação, para expiar tudo quanto tinha feito ou dito para seduzir e enganar a Humanidade. (P. 265)

157. Lamentei profundamente -- diz ele -- as opiniões que expendi e que desviaram muita gente; mas, ao mesmo tempo, é penetrado de gratidão ao Criador, o infinitamente sábio, que sinto ter sido um instrumento para auxiliar os Espíritos dos homens a voltar-se para o exame e o progresso. (P. 265)

158. No fim da batalha de Solferino desabou uma violenta tempestade, que fez com que muitos soldados austríacos se salvassem. Um militar da Itália, que presenciou o fenômeno, evocado por Kardec, diz que a tempestade foi provocada por vontade de Deus, exatamente com esse objetivo. (P. 268)

159. Os Espíritos não levam em conta as distinções terrenas, que nada valem entre eles, mas há entre eles uma hierarquia e uma subordinação, baseadas nas qualidades adquiridas. (P. 269)

160. O Espírito do General Hoche informa que irá reencarnar em Mercúrio, um mundo moralmente inferior à Terra, em que os habitantes são mais materializados do que os que vivem em nosso planeta. (P. 270)

161. O mesmo General conta que, a partir do momento em que desencarnou, visitou a Terra inteiramente, aprendendo as leis que Deus emprega para conduzir todos os fenômenos que contribuem para a vida terrena. Em seguida, fez o mesmo em outros mundos. (P. 270)

162. A Revista traz uma comunicação dada pelo Espírito do Sr. J..., negociante no departamento de La Sarthe, morto em 1859, que, além de ter feito um estudo sério do Espiritismo, era um homem de bem e de uma caridade sem limites. Seu momento de despertar nada teve de penoso. "Eu me sentia alegre e disposto, como se tivesse respirado um ar puro ao sair de uma sala cheia de fumaça", informou o Sr. J... (PP. 272 e 273)

163. A Mitologia -- diz Kardec -- está inteiramente fundada sobre as ideias espíritas; encontramos nela todas as propriedades dos Espíritos, com a diferença de que os antigos os haviam transformado em deuses. (P. 277)

164. Kardec fala do lar da Sra. G..., viúva, com 4 filhos, dos quais o mais velho conta 17 anos e a caçula, 6. Reunidos pela crença espírita, a família continuou unida mesmo com a morte do pai que, pressentindo seu fim próximo, reuniu os filhos e lhes deu um comovente conselho, cujo final termina assim: "*Que a paz, a concórdia e a união reinem entre vós; que jamais o interesse vos separe, porque o interesse material é a maior barreira entre a Terra e o Céu*". (PP. 278 e 279)

165. Alimentadas nas ideias espíritas, essas crianças não se consideram separadas do pai, e, uma noite por semana, e às vezes mais, é consagrada a conversar com ele. (P. 279)

166. Kardec critica o título dado pelo Sr. Mathieu, antigo farmacêutico do Exército, a uma obra em que trata de fatos de escrita direta. Mathieu chamou-a de

"Um Milagre". Ora, diz Kardec, o milagre é uma derrogação das leis da Natureza, o que não se pode dizer da escrita direta. (P. 281)

167. Prosseguindo seu artigo, Kardec fala sobre levitação -- a suspensão etérea de corpos sólidos --, um fato demonstrado e explicado pelo Espiritismo e do qual foi ele testemunha ocular. (P. 283)

168. Outro fenômeno por ele citado, que se enquadra também na ordem das coisas naturais, é o da aparição, bastante frequente e perfeitamente explicado pela Ciência Espírita. (P. 283)

169. A Revista publica sentença do Tribunal Correcional de Douai, de 27-8-1859, em que os toques e os passes magnéticos foram reconhecidos pela Corte. Kardec critica, porém, os peritos por sua ignorância a respeito do magnetismo e do sonambulismo natural. (PP. 287 e 288)

170. Concluindo essa notícia, Kardec diz que a classe médica está dividida relativamente ao magnetismo, assim como à homeopatia, ao tratamento do cólera, à frenologia, bem como sobre uma porção de outras coisas. (P. 290)

171. Se o magnetismo fosse uma utopia -- afirma Kardec --, há muito dele não mais cogitariam, enquanto que, como o seu irmão, o Espiritismo, lança raízes por todos os lados. (P. 290)

172. O Sr. Brasseur, escrevendo no "*Jornal dos Salões*", diz que Kardec errou ao não admitir a existência dos médiuns inertes, como as caixas, as pranchetas, os cartões. (P. 291)

173. Kardec refuta as ideias do Sr. Brasseur, esclarecendo que as caixas, as pranchetas e os cartões são apenas apêndices da mão, e que a faculdade mediúnica reside na pessoa, não no objeto. (P. 292)

174. Se ao Espírito bastasse dispor de um instrumento qualquer -- diz Kardec -- veríamos cestas e pranchetas escrevendo sozinhas, o que jamais aconteceu, porque é preciso um indivíduo como médium. (P. 292)

175. O médium pode ser mecânico ou intuitivo. No médium mecânico, o Espírito age sobre a mão, que recebe o impulso inteiramente involuntário e desempenha o papel daquilo que o Sr. Brasseur chama *médium inerte*. (P. 293)

176. No médium intuitivo, o Espírito age sobre o cérebro, transmitindo pela corrente do sistema nervoso o movimento ao braço. (P. 293)

177. São Luís aconselhou não fosse feita evocação em dois casos: o primeiro concernente à sepultura do chanceler Pasquier, na Igreja de Saint-Leu, onde acharam mais de 15 esqueletos em diferentes posições. Houve crime ali. No segundo caso, o Espírito se encontrava encarnado. (PP. 298 e 299)

178. Um artigo da *Illustration* de 1853 demonstra que o fenômeno das mesas girantes é conhecido e praticado desde tempos imemoriais na China, na Sibéria e entre os Kalmouks da Rússia meridional. Entre estes últimos, valiam-se da mesa para a descoberta de objetos perdidos. (PP. 299 e 310)

179. Um fato curioso de aparição é narrado pelo Sr. D..., doutor em Medicina, de Paris. Havendo tratado durante algum tempo uma senhora que sofria de uma moléstia incurável, quinze dias atrás ele foi despertado por pancadas à porta de seu quarto. Era a senhora, que lhe disse claramente: "*Venho dizer que morri*". Ela morrera, de fato, naquela noite. (P. 302)

180. O Sr. Det..., membro da Sociedade Espírita de Paris, lembra que existiu uma sociedade como esta no século passado, conforme relata Mercier, em seu *Tableau de Paris*, de 1788, volume 12. (P. 303)

181. Em nota abaixo da notícia, Kardec lembra que no ano de 1800 o célebre Abade Faria ocupava-se da evocação e obtinha comunicações escritas, muito antes que se cogitasse dos Espíritos na América. (P. 304)

182. Evocado por Kardec, o milionário de Lião conhecido pela alcunha de Pai Crépin diz ter saudades da vida terrena e confessa ter ainda prazer ao ver seu ouro, que não pode mais apalpar. Sua vida terrena foi-lhe inteiramente inútil, diz Pai Crépin. (PP. 305 e 306)

183. São Luís, comentando esse caso, diz que o avarento mais culpado é aquele que só é avarento para os outros. (P. 307)

184. Um correspondente perguntou se devemos publicar tudo quanto os Espíritos dizem. Kardec respondeu que publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte, é dar prova de pouco discernimento. O exame criterioso é, pois, fundamental antes de publicar qualquer coisa. (P. 316)

185. Falando sobre a inspiração, Kardec diz que o cérebro pode produzir aquilo que está dentro dele; mas as ideias que não são nossas, são-nos sugeridas. Quando a inspiração não vem é porque o inspirador não está presente ou julga conveniente não inspirar; muitos poetas, compositores e escritores são, assim, médiuns sem o saber. (PP. 317, 318 e 378)

186. A Revista transcreve o poema "Urânia", do Sr. De Porry, de Marselha, em que o autor diz que a Terra "é uma região de prova em que o justo a sofrer em prantos se renova". E acrescenta: "Se manténs neste mundo um coração virtuoso, irás para esses globos de aspecto suntuoso, onde há alegria e paz, onde a sabedoria mora e a felicidade eterna se irradia". (P. 324)

187. Kardec escreve sobre o precursor Emmanuel Swedenborg (1688-1772) e sua obra, asseverando que o equívoco do sensitivo sueco, para ele imperdoável, foi ter aceitado cegamente tudo quanto lhe fora ditado pelos Espíritos. (P. 335)

188. Apesar disso, Swedenborg ficará sempre ligado à História do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e mais zelosos pioneiros. (P. 337)

189. Em comunicação na Sociedade Espírita de Paris, Swedenborg admite que sua doutrina não está isenta de grandes erros e declara que a Doutrina Espírita segue um caminho mais seguro que o dele. (PP. 338 e 339)

190. Simon M..., correspondente da Revista, lembra que o homem deve vigiar os seus menores pensamentos malévolos, até os seus maus sentimentos, visto que estes podem atrair Espíritos maus e corrompidos. (P. 343)

191. Comentando um fato ocorrido durante a guerra da Criméia, em que um jovem oficial foi avisado mediunicamente da morte da Srta. de T..., Kardec não autentica o relato, mas considera-o possível, acrescentando que os exemplos, antigos e recentes, de advertências de além-túmulo são tão numerosos, que esse nada tem mais de extraordinário do que outros. (P. 345)

192. Outro fato de advertência de além-túmulo, referido pela *Gazette d'Ard* (Hungria), de novembro de 1858, é relatado pela Revista. (P. 345)

193. Pauline Roland escreve sobre os convulsionários de Saint-Médard e sobre as curas ali obtidas, atribuídas erradamente ao Espírito do padre François Pâris, até que as autoridades fechassem o cemitério em janeiro de 1732. Evocado, o padre Pâris explica que nada teve a ver com as curas e que os fenômenos cessaram porque Deus quis que terminassem, visto que haviam degenerado em abuso e escândalo. O meio foi a ordem da autoridade. (P. 348)

194. Em resposta ao crítico Oscar Comettant, Kardec diz que os Espíritos têm um corpo, um envoltório invisível, e é por esse intermediário semimaterial que agem sobre a matéria. (P. 352)

195. Kardec diz que se a crença em Deus se arraigasse no coração de todos, nada deveriam temer uns dos outros. Foi por isto que determinado sacerdote disse, a respeito da Doutrina Espírita: *"O Espiritismo conduz à crença em alguma coisa. Ora, eu*

prefiro aqueles que acreditam em alguma coisa aos que em nada acreditam, pois estes não creem nem mesmo na necessidade do bem". (P. 355)

196. O Espiritismo -- ajunta Kardec -- é a destruição do materialismo. E' a prova patente e irrecusável daquilo que certas pessoas chamam *futilidades*, a saber: Deus, a alma, a vida futura feliz ou infeliz. (PP. 355 e 356)

197. Um dos assinantes da Revista, dizendo-se protestante, diz que em sua Igreja jamais se ora pelos mortos, porque o Evangelho não o ensina. Kardec responde afirmando que a prece é útil e agradável a todo aquele por quem é feita, e cita, a propósito, o Rev. Pe. Félix. (PP. 357 e 358)

198. "*Se os mortos não têm o conhecimento claro das preces que por eles fazemos, é certo que sentem os seus salutares efeitos*", afirma o Rev. Félix. (P. 359)

199. Kardec concorda e acrescenta que a prece pode até abreviar os sofrimentos. E' que a prece real incita o Espírito ao arrependimento e desenvolve lhe os bons sentimentos, animando-o a fazer o bem e a tornar-se útil, com o que poderá ele sair do atoleiro em que se encontra. (P. 360)

200. Um assinante da Revista relata um curioso fato de aparição em que o Espírito ignorava a própria desencarnação, passados mais de três meses. "*Não consigo levantar nada*", disse o Espírito. "*Depois do sono que experimentei durante a doença, fiquei mudado: não sei mais onde me encontro; sinto-me num pesadelo*." (P. 363)

201. Kardec esclarece que a separação entre o corpo e o perispírito se opera gradativamente, e não de modo brusco. Nas mortes violentas e nos casos em que o indivíduo viveu mais a vida material do que a vida moral, a separação é mais lenta, porque o apego à matéria retém a alma. (PP. 364 e 365)

202. Sr. Tug..., em nota comunicada à Sociedade Espírita de Paris, fala sobre a crença dos Hindus, que pensam que as almas tinham sido criadas felizes e perfeitas e depois se rebelaram, sendo as almas falidas obrigadas a reencarnar em corpos de animais. (PP. 367 e 368)

203. A metempsicose dos Hindus está fundada sobre o princípio da degradação das almas. A reencarnação ensinada pelos Espíritos está fundada no princípio da progressão contínua. Para os Hindus, a alma começou pela perfeição para chegar à abjeção. Para o Espiritismo dá-se o contrário. (P. 368)

204. A Sra. Ida Pfeiffer relata em *Segunda Viagem ao Redor do Mundo* um acontecimento interessante ocorrido em Java, na residência de Chéribon, onde os Espíritos apareciam e, à noite, choviam pedras de todos os lados, sem ferir a nenhum dos moradores. As autoridades fizeram de tudo para descobrir a causa dos fenômenos, que mesmo assim prosseguiram, até que o governador mandou demolir a casa. (PP. 368 e 369)

205. Evocada por Kardec, Ida Pfeiffer diz ter sido trazida ali, de súbito, sem o perceber, graças a um arrastamento irresistível. *(Ver sobre o assunto os casos Dirkse Lammers e Michel François.)* (PP. 369, 370 e 382)

206. Falando sobre os fatos de Java, Pfeiffer diz que as pedras eram transportadas pelos Espíritos, e seu objetivo foi atrair a atenção e fazer constatar um fato do qual se tinha de procurar a explicação. (P. 371)

207. Evocado cerca de 19 dias após sua morte, Privat d'Anglemont, conhecido homem de letras, não tinha ainda consciência clara de sua atual situação e não podia ver as coisas claramente como quando vivo. (P. 373)

208. Uma semana depois, ele estava melhor e disse que cada homem tem a sua missão na Terra. "*Infeliz daquele que não a desempenha com fé!*", acrescentou o Espírito. (P. 377)

209. Três semanas mais tarde, Privat fez uma advertência à juventude. Os moços precisam de leituras sérias, disse ele, lembrando que aquele que na primavera da vida

só pensou no prazer, prepara para mais tarde terríveis remorsos, porque verá que os tempos perdidos jamais se recuperam. (P. 379)

210. Falando de si mesmo, o Espírito diz que suas ocupações são quase nulas, em virtude da vida que levou na Terra. "*Aquilo que me parecia um prazer no vosso mundo* -- disse ele -- *é agora uma pena para mim.*" (P. 380)

211. O Espírito de Vicente de Paulo, após dizer que o amor é a lei da atração para os seres vivos e organizados, ensina que o Espírito, seja qual for o seu grau de adiantamento e a sua situação, seja numa reencarnação ou seja na erraticidade, está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, perante o qual tem os mesmos deveres. (P. 384)

212. O Espírito de Júlio César conta que teve que expiar suas faltas em várias existências miseráveis e obscuras e, da última vez que viveu na Terra, foi Luís IX. (P. 385)

213. O Espírito de São Basílio diz que aquele que pretender levantar uma barragem à marcha da verdade, será por ela arrastado inevitavelmente, qual uma criança ante um regato impetuoso e rápido. (P. 386)

214. O Espírito de São Lucas narra a parábola dos três cegos e a moeda do ouro, comparando a sociedade aos cegos e o Espiritismo ao ouro. (P. 387)

215. O Espírito de Carlos IX, ex-rei da França e filho de Catarina de Médicis, pede que sejamos mansos e pacientes com aqueles a quem ensinarmos. Carlos informa ter reencarnado como escravo na América e diz que sua mãe, após sofrer bastante, se encontrava noutro planeta. (P. 388)

216. O Espírito de Rembrand, criticando os sábios que pensam serem os únicos a possuir todos os segredos da Criação, mas não sabem nem de onde vêm, nem para onde irão, diz que não há na Bíblia uma única página onde não se encontrem traços de relação entre os mundos visível e invisível. (P. 389)

217. O homem de coração reto não tem a cabeça emproada, diz um Espírito, que adverte: Há apenas um caminho que a Deus conduz -- a fé e o amor aos nossos semelhantes. (P. 390)

218. O Sr. V..., excelente médium que se distingue pela pureza de suas relações com o mundo espírita, estava sendo atormentado por um Espírito que resolveu residir no seu quarto. Antigo carreteiro, esse Espírito pertencia à mais baixa classe. Consultado por Kardec, um Espírito superior diz que há dois meios do rapaz desembaraçar-se do perseguidor: o meio espiritual, pedindo a Deus, e o meio material, mudando de casa. (P. 392)

219. O fato demonstra que existem realmente lugares assombrados por certos Espíritos, que se ligam a certos locais. (P. 392)

220. Comentando o assunto, Kardec mostra como a prece é útil em tais casos e diz que esses Espíritos se sensibilizam com os nossos conselhos e as nossas preces. Por que, pois, recusaríamos ouvi-los, quando seu arrependimento e seu sofrimento podem edificá-los? (PP. 393 e 394)

221. A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão geral de 30-9-1859, analisa o crime cometido por um menino de 7 anos e meio, com premeditação e todas as agravantes. Interrogado, São Luís informou que o Espírito dessa criança está quase no início do período humano; não tem mais que duas encarnações na Terra. Pertencente às tribos mais atrasadas das ilhas marítimas, nasceu aqui na esperança de progresso. (P. 395)

222. Tratando da admissão de novos membros da Sociedade Espírita de Paris, Kardec observou: Não basta que sejam eles partidários do Espiritismo em geral; é necessário que concordem com a sua maneira de ser. A homogeneidade de princípios -- diz Kardec -- é condição essencial, sem a qual uma sociedade qualquer não poderia ter vitalidade. (P. 396)

223. Para comunicar-se entre si, os Espíritos não precisam da palavra: basta-lhes o pensamento. Quando se comunicam com os homens, devem traduzir seu pensamento em sinais humanos, isto é, em palavras, que tiram do vocabulário do médium de que se servem, de certo modo como de um dicionário. Por isso, é mais fácil ao Espírito exprimir-se na língua familiar do médium, embora possa fazê-lo numa língua que este desconheça. (P. 398)

224. A Sociedade Espírita de Paris, por proposta de dois membros, decidiu por unanimidade: Toda pessoa que desejar fazer parte da Sociedade deverá fazer o pedido por escrito ao presidente. O pedido deverá ser assinado por dois apresentantes e relatar: 1. -- que o postulante tomou conhecimento do regulamento e se compromete a observá-lo; 2. -- as obras lidas sobre Espiritismo e sua adesão aos princípios da Sociedade, que são os do Livro dos Espíritos. (PP. 399 e 400)

225. O Espírito de São Luís, Presidente espiritual da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, desaconselha uma evocação que, segundo ele, requeria uma grande tranquilidade de espírito, enquanto que naquela noite discutiram-se ali longamente negócios administrativos. (PP. 400 e 401)

226. Alguém propôs evocar-se na Sociedade a Sra. Br..., membro titular que estava em viagem de navio para Havana. Consultado, São Luís desaconselhou a evocação informando que a Sra. Br... estava muito preocupada naquela noite, visto que o vento soprava com violência e o instinto de conservação tomava-lhe todo o pensamento. (P. 402)

227. A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas decidiu que todos os anos, na renovação do ano social, os membros honorários serão submetidos a novo voto de admissão, a fim de serem eliminados os que não mais estiverem nas condições requeridas. (P. 403)

228. O Sr. Les..., em reunião da Sociedade, diz não compreender o espanto dos Espíritos depois da morte, uma vez que, tendo já vivido no estado de Espírito anteriormente, ele não deveriam espantar-se com isso. Foi-lhe respondido: Esse espanto é apenas temporário; depende do estado de perturbação que se segue à morte, e cessa à medida que o Espírito se desprende da matéria e recupera suas faculdades de Espírito. (P. 404)

229. O Sr. Van Br..., de Haia, adepto fervoroso do Espiritismo, conta à Sociedade Espírita de Paris que sua filha de 14 anos tornou-se um bom médium, mas sua mediunidade apresenta particularidades bizarras: a maior parte do tempo escreve às avessas, de modo que para ler-se o que escreve é preciso pôr as folhas diante de um espelho; além disso, muitas vezes a mesa de que ela se serve para escrever inclina-se diante dela como uma carteira e fica nessa posição até que ela acabe. *(N.R.: Essa incrível mediunidade, chamada de psicografia especular, é raríssima e só se encontra em grandes médiuns.)* (P. 405)

230. O Espírito de São Vicente de Paulo esclarece alguns pontos relacionados com os Convulsionários de Saint-Médard, e diz que os fenômenos ali cessaram porque eram produzidos por Espíritos pouco elevados, e não porque a autoridade terrena os interditou. No caso, houve uma conjugação de propósitos. *(N.R.: Os fatos de Saint-Médard estão relatados no item 193.)* (P. 408)

231. Kardec ensina: Os bons Espíritos aprovam aquilo que acham bom, mas não fazem elogios exagerados. Estes, como toda a lisonja, são sinais de inferioridade da parte dos Espíritos. (P. 408)

Revista Espírita de 1860

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. O ano de 1860 foi, para o Espiritismo, um ano fecundo e feliz, quando Kardec iniciou suas viagens de propaganda e orientação do movimento espírita francês, começando por Lyon. (Prefácio)

2. É uma perda de tempo discutir com gente que desconhece o abc daquilo de que fala. "Estudai primeiro, e veremos depois", propõe Kardec. (P. 1)

3. Com a certeza do futuro, tudo muda de aspecto: o presente é coisa efêmera; vemo-lo escoar-se sem tristeza; o homem é menos dado aos gozos terrenos, porque estes não lhe trazem senão uma sensação fugidia. (P. 3)

4. O Espiritismo é forte, porque se apoia nas bases da religião: Deus, a alma, as penas e recompensas futuras, baseadas naquilo que fazemos. (P. 4)

5. A 16-12-1859, o jornal "Siècle" informou que o Magnetismo animal, conduzido à Academia pelo dr. Paul Broca e experimentado por diversos médicos, era a grande novidade do dia. A esses fatos em 7-7-1852, sete anos antes, o médico escocês dr. Braid chamou de *hipnotismo*. (P. 8)

6. Kardec alude aos métodos usados pelo Abade Faria e pelo dr. Paul Broca para hipnotizar as pessoas. (PP. 8 e 9)

7. Eis os fenômenos atribuídos ao hipnotismo pelo dr. Braid: a) exaltação da sensibilidade; b) sentimentos sugeridos; c) ideias provocadas; d) acréscimo de força muscular. Um paciente hipnotizado pelo dr. Braid conseguiu levantar com o polegar um peso de 14 quilos e girá-lo em torno de sua cabeça, certo de que o peso era leve como uma pluma. (PP. 10 e 11)

8. O Conde R..., quando dormia, foi evocado por Kardec e disse que seu corpo dormia, isto é, estava mais ou menos inerte, diferentemente dos sonâmbulos, que não dormem. (P. 13)

9. No dia seguinte, o Conde R... contou que tinha sonhado que se achava na Sociedade, entre Kardec e o médium. (P. 15)

10. Evocado de novo na semana seguinte, o Conde R... informou que ele poderia ir a outros planetas situados no mesmo grau da Terra. (P. 18)

11. Aconselha um Espírito familiar que, quando experimentarmos qualquer pesar, devemos resistir e fazer todo esforço para não nos abandonarmos à tristeza, lembrando que nada se obtém sem trabalho. (P. 21)

12. O mesmo Espírito, falando sobre a eternidade, diz que esta é feita de dois períodos: o da prova, que poderia chamar-se de incubação, e o da eclosão, ou entrada na vida verdadeira, a da felicidade dos eleitos. (P. 22)

13. É grave erro imaginar que um imbecil, um ignorante, se torna um gênio, um sábio, desde que deixou seu invólucro material. (P. 26)

14. Jobard critica os que ocultam seus nomes na veiculação dos fatos espíritas. Diz Jobard: "Hoje que, enfim, as academias admitem o magnetismo e o sonambulismo, primos-irmãos do Espiritismo, é necessário que seus partidários se disponham a assinar com todas as letras. O medo do que *dirão* é um sentimento covarde e mau". Kardec o apoia com restrições. (P. 28)

15. Kardec diz que certos Espíritos reveem com prazer os lugares onde viveram e sentem o encanto da saudade. (P. 29)

16. O sr. Thiry observa que muitos Espíritos sofredores pedem o auxílio da prece, para lhes abrandar as penas; mas, como podem ser perdidos de vista, propõe que em cada sessão o Presidente lhes lembre os nomes. (P. 30)

17. O Espírito pode dar ao perispírito a forma que deseje, como ocorreu com o rei de Kanala, que apareceu de cabeça branca e mãos negras. (P. 31)

18. Uma mensagem recebida em Lyon diz que a reforma da Humanidade se prepara pela encarnação na Terra de Espíritos melhores e pelo exílio dos homens votados ao mal, que reencarnarão em um mundo inferior à Terra. (P. 40)

19. Após debater o assunto, a Sociedade concluiu que o Espírito pode decair como posição, mas não quanto às aptidões adquiridas. (P. 41)

20. Kardec diz que as aparições espontâneas são bastante frequentes, mas acidentais e quase sempre motivadas por uma circunstância especial. (P. 41)

21. Os Espíritos podem ser vistos sob vários aspectos, dos quais o mais frequente é a forma humana. (P. 42)

22. Suas vestes geralmente se compõem de um planejamento, terminando em longa túnica flutuante. Isso quanto aos Espíritos superiores, mas os Espíritos vulgares quase sempre têm a roupa usada nos últimos tempos. (P. 42)

23. Os Espíritos superiores têm sempre um rosto belo, nobre e sereno; ao contrário, os inferiores apresentam uma fisionomia vulgar. (P. 43)

24. Entre as faculdades do sr. Home, uma permitia fazer aparecerem mãos tangíveis que podiam ser apalpadas e pegar objetos. (P. 43)

25. Recomenda Kardec: quando um efeito não for inteligente por si mesmo, e independente da inteligência dos homens, devemos olhá-lo duas vezes antes de atribuí-los aos Espíritos. (P. 45)

26. A natureza das comunicações é sempre relativa à natureza do Espírito e traz o cunho de sua elevação ou inferioridade, do seu saber ou ignorância. (P. 45)

27. Para que uma comunicação seja boa, é preciso que venha de um Espírito bom, e é necessário, para isso, um bom instrumento. (P. 47)

28. Os Espíritos devotados ao bem procuram em seus intérpretes, além da aptidão fisiológica, certas qualidades morais, entre as quais figuram em primeira linha o *devotamento* e o *desinteresse*. (P. 47)

29. A cupidez sempre foi, e será sempre, um motivo de repulsa para os bons Espíritos e uma causa de atração para os outros. (P. 47)

30. Falando do atendimento a obsessores, diz São Luís que a oração em favor deles é medida valiosa, mas as fórmulas de exorcismos os divertem. São Luís, porém, aduziu: "... *notai que eu disse orar e não mandar orar*". (P. 53)

31. Charles Dupont, o Espírito de Castelnaudary, que viera de uma tribo feroz e selvagem, apresentou-se na Sociedade com um aspecto aterrador: vestia uma camisa coberta de sangue e tinha na mão um punhal. (P. 54)

32. Havendo matado seu irmão em 1608, há 200 anos estava preso à própria casa, local do bárbaro crime, sem poder dirigir seu pensamento a outra coisa senão à cena do crime, sempre ante os seus olhos. (PP. 56 e 57)

33. No mundo dos Espíritos -- diz Kardec --, se há alegria para todas as virtudes, há penas para todas as faltas. (P. 58)

34. O Espírito de Chateaubriand nos conclama ao trabalho por nosso melhoramento pessoal e pelo futuro dos nossos; se vencermos, gozaremos na própria existência uma felicidade tão difícil de imaginar quanto lhe é difícil descrevê-la. (P. 65)

35. A Revista transcreve mensagem do Espírito de uma mulher a seu pai materialista, rogando-lhe curvar-se à justiça de Deus e ser resignado. Citando o Cristo, que disse: "*Aquele que usar a espada, pela espada morrerá*", a filha aduziu: "Tal pensamento, absolutamente espírita, encerra o mistério do vosso sofrimento". (P. 66)

36. A prece mais agradável a Deus -- diz um Espírito familiar -- é o trabalho útil, seja qual for. "Não vos contenteis em pedir a Deus que vos ajude: ajudai-vos vós mesmos, pois assim provareis a sinceridade de vossa prece." (P. 67)

37. O sr. Mackenzie, de Londres, membro da Sociedade Real dos Antiquários, escreve à Sociedade dizendo que usa uma bola de cristal ou metálica, com auxílio de um vidente especial, como meio de obter comunicações espíritas. O médium lê nessa espécie de espelho as respostas dos Espíritos. Kardec propõe chamá-los *espelhos psíquicos*. (PP. 69 e 72)

38. Um artigo publicado no "*Siècle*" a 22-1-1860 diz que a dança das mesas já era célebre em Roma, nos primeiros séculos da era cristã, como refere Tertuliano, no cap. XXIII da "Apologética". (P. 69)

39. Kardec diz que a Sociedade recebe as comunicações dos Espíritos como expressão de uma opinião individual e se reserva o direito de julgá-las, submetendo-as ao controle da lógica e da razão. (P. 73)

40. Analisando a questão do povoamento da Terra sob a ótica da Bíblia, Kardec assevera que a religião será sempre forte quando marchar de acordo com a Ciência, porque estará ligada à parte esclarecida da população. (P. 77)

41. A Revista destaca a médium Désirée Godu, que passou no espaço de oito anos por todas as fases da mediunidade, até à faculdade de cura. (P. 78)

42. O Espírito lhe indica os remédios que ela mesma prepara e aplica, cuidando dos feridos com a dedicação de uma irmã de caridade. Todas as quintas e domingos, das 6 às 18h, sua casa fica repleta de enfermos, e pessoas notáveis têm atestado suas curas. (PP. 79 e 80)

43. Desejando que a médium não se envaideça com tais elogios, Kardec lembra que o orgulho é o escolho de grande números de médiuns, e muitos se perverteram ao darem ouvidos a esse demônio tentador. (P. 80)

44. A Revista relata os fatos ocorridos na padaria do sr. Goubert, em Dieppe, em que vários objetos -- pedaços de carvão, um cachimbo, uma vela etc. -- saem de seu lugar para serem lançados na masseira. (P. 82)

45. Dr. Vignal, tal como ocorreu com o Conde R..., foi evocado por Kardec a 3-2-1860 e informou que seu Espírito se comunicava com o corpo, adormecido em Sully, através do cordão fluídico. (P. 86)

46. O médico diz que, desprendido do corpo, podia ver objetos que na obscuridade ele não via em vigília. Conclusão: a obscuridade não existe para os Espíritos. (P. 86)

47. Kardec perguntou se ele podia ver-se num espelho. A resposta foi: "Não", porque o espelho reflete somente objetos materiais. (P. 87)

48. Dr. Vignal confirmou que o corpo não poderia morrer, sem que ele o suspeitasse. Antes do golpe, sua alma estaria a postos. (P. 87)

49. Comentando informações do Dr. Vignal, Kardec diz que o Espírito de uma pessoa que dorme sabe perfeitamente o que se passa ao seu redor: quem pretendesse aproveitar-se do sono, para prejudicá-lo, seria visto. (P. 88)

50. Dr. Vignal confirmou que, como Espírito, ouve perfeitamente e percebe os odores; e se o corpo tivesse fome, ele partiria para satisfazer a uma necessidade irresistível. (PP. 88 e 89)

51. A Entidade explicou que, ao voltar ao corpo, não entra nela como num quarto. Irradiando incessantemente para fora, pode-se dizer que o Espírito está mais frequentemente fora do que dentro. (P. 89)

52. Dr. Vignal disse que as causas da loucura são apenas uma alteração, uma perversão dos órgãos, que não mais recebem as impressões de maneira regular, transmitindo sensações falsas e gerando, por isso mesmo, atos diametralmente opostos à vontade do Espírito. (P. 90)

53. Dr. Cauvière, de Marselha, morto há um ano e meio, comunica-se espontaneamente e sua assinatura é considerada autêntica. (P. 91)

54. Vendo a seu lado o Espírito do dr. Vignal, Cauvière distinguia-o entre os vivos por seu envoltório, menos transparente que o dele. (P. 91)

55. Kardec evocou a senhorita Indermuhle, surda-muda de nascença, de origem alemã e residente em Berna (Suíça), a qual lhe respondeu em francês. Sua explicação: "O pensamento não tem língua: eu o comunico ao guia do médium, que a traduz para a língua que lhe é familiar". (P. 94)

56. Kardec informa que os Espíritos sérios não gostam de repetir, porque nossa linguagem para eles é tão lenta que evitam tudo quanto lhes parece inútil. Já os levianos, os obsessores e os zombadores são prolixos. (P. 95)

57. A Revista transcreve uma mensagem de Hettani, que se chamou gênio das flores. São Luís retifica-a em vários pontos: o Espírito não preside, de maneira particular, à formação das flores. O Espírito elementar, antes de passar à série animal, dirige sua ação fluídica para a criação vegetal, mas ainda não se encarnou, e age sob a direção de outras inteligências. (P. 99)

58. Nenhum pensamento, nenhum instinto tem o Espírito que dá vida às plantas e às flores -- eis o que disse São Luís a Kardec. (P. 99)

59. Diz o Espírito de Staël: "Se Deus pôs nos nossos corações essa necessidade tão grande de felicidade, é que ela deve existir alhures. Sim, confiai n'Ele, mas sabei que tudo quanto Deus promete deve ser Divino como Ele, e que a felicidade que buscais não pode ser material". (P. 100)

60. Kardec anuncia o lançamento da 2a edição d'O Livro dos Espíritos, ocorrida em março de 1860, inteiramente refundida e consideravelmente aumentada. (P. 100)

61. Como pode um Espírito inferior usurpar o nome de um Espírito superior? A esta questão Kardec responde que Deus pode permitir que isso ocorra para experimentar a nossa paciência, a nossa fé, a nossa firmeza em resistir à tentação e exercitar a nossa perspicácia em distingui-los. (P. 105)

62. Não formamos uma seita, nem uma corporação, diz Kardec. As raízes do Espiritismo não estão em nossa sociedade, mas no mundo inteiro. Existe algo mais poderoso que todas as sociedades: é a doutrina que vai ao coração e à razão dos que a compreendem e, sobretudo, dos que a praticam. (P. 107)

63. Kardec conta como se formou a Sociedade Espírita de Paris. (P. 107)

64. A forma mais ou menos imponente da linguagem não é importante, porque os impostores podem adotá-la. Partimos então -- diz Kardec -- do princípio de que os bons Espíritos não aconselham senão o bem, a união, a concórdia e que sua linguagem é sempre simples, modesta, penetrada de benevolência, isenta de acrimônia, de arrogância e de fatuidade, numa palavra, tudo neles respira a mais pura caridade. Eis o critério real para julgá-los. (P. 109)

65. Jobard disserta sobre a teoria da incrustação planetária, que explica porque há na Terra amarelos, negros, brancos e vermelhos. (P. 111)

66. Kardec diz que tal teoria já foi dada por vários Espíritos, mas confessa não ser adepto dela. *(N.R.: Emmanuel ensina-nos o contrário.)* (P. 112)

67. O Codificador diz que Deus quer que adquiramos a Ciência pelo trabalho, e não encarregou os Espíritos de trazê-la pronta. (P. 112)

68. Os Espíritos têm duas maneiras de instruir os homens: comunicando-se diretamente ou encarnando-se para o desempenho de certas missões. (P. 113)

69. Desde que não haja chegado o tempo para disseminar certas ideias, será em vão que interrogaremos sobre o assunto os Espíritos. (P. 113)

70. Separar o verdadeiro do falso, descobrir a trapaça nas mensagens espíritas, eis uma das maiores dificuldades da ciência espírita. (P. 114)

71. Kardec diz que a teoria da formação da Terra por incrustação não é a única que foi dada pelos Espíritos. Em qual acreditar? Isto prova que, fora da moral, não devem ser aceitas teorias científicas dos Espíritos. (P. 114)

72. É preciso examiná-las racionalmente. Foi assim que se procedeu com a doutrina da reencarnação, adotada não porque emanada dos Espíritos, mas porque era a única que podia resolver todas as dúvidas. (P. 115)

73. Segundo a teoria da incrustação, a Terra seria muito antiga por suas partes e muito nova por sua aglomeração. (P. 116)

74. A Revista publica carta do dr. Morhéry a respeito da senhorita Désirée Godu, médium curadora, que passou a residir na casa dele e a trabalhar com ele junto a seus doentes. (PP. 117 e 118)

75. O dr. Morhéry prometeu relatar suas observações sobre as curas obtidas pela médium e nota-se, por sua missiva, que ele era adepto de uma prática médica diferente da Medicina orgânica de então, escrava da farmacologia mineral, de que tanto e tanto se abusou. (P. 119)

76. "Quanta saúde devastada pelo uso de substâncias minerais que, em caso de choque, aumentam o mal e, no da melhora, muitas vezes deixam traços em nosso organismo!", lamentou o dr. Morhéry. (PP. 119 e 120)

77. Dr. Morhéry relata várias curas obtidas pela srta. Godu, entre elas a de Pierre Le Boudec, surdo há 18 anos, o qual, após três dias de tratamento, pôde ouvir, maravilhado, o canto dos pássaros. (P. 120)

78. Quando escreveu, a médium cuidava do sr. Bigot, há dois anos e meio atingido por um câncer no lábio inferior, que já chegara ao último estágio. Suas dores eram atrozes; Bigot não dormia há seis meses; mas desde o primeiro curativo experimentava alívio, dormia bem e se alimentava, havendo-lhe voltado a confiança, ao passo que a chaga mudara de aspecto. (PP. 120 e 121)

79. A Revista relata que em 14-1-1860 o sr. Lecomte, da comuna de Brix, viu o Espírito de um antigo camarada morto há dois anos e meio. A aparição lhe pedia fosse rezada uma missa. O fato repetiu-se vários dias. Na quinta vez, no dia 19, Lecomte prometeu fazê-la. No dia 27 a missa foi dita na capela escolhida pelo Espírito, que ali apareceu, próximo ao padre. (P. 124)

80. Kardec transcreve mensagem de Micael, um dos Espíritos dedicados à proteção das criancinhas, o qual agradece a Deus essa suave missão. (P. 124)

81. O Espírito de Verdade diz que a melhor resposta aos que atribuem ao demônio as manifestações espíritas é dizer o que Jesus respondia a seus perseguidores, quando formularam contra ele as mesmas acusações. (P. 126)

82. Em mensagem sobre a ostentação, um Espírito diz que a esmola feita com ostentação não agrada a Deus, mas sim aquela que é feita com toda a humildade do coração. (P. 127)

83. Francisco de Sales diz que o Espiritismo está chamado a esclarecer o mundo, mas necessita de um certo tempo para progredir, embora tenha existido desde a Criação, quando era reconhecido apenas por algumas pessoas. (P. 129)

84. Em mensagem recebida pelo sr. Colin, está dito que os Espíritos, por mais elevados que sejam, não sabem tudo; só Deus o sabe. Além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. (P. 130)

85. Um Espírito que não se identificou diz aos homens sem fé que ainda há tempo para o arrependimento penetrar os seus corações. "Procurai o infeliz que não ousa lastimar-se e que a miséria mata lentamente, e o pobre que tiverdes aliviado incluirá o vosso nome em suas preces." (P. 131)

86. O Espírito de uma senhora dirige-se a seus netos lembrando que nunca é demasiado cedo para vos ocupardes do bem e do que é bom. "Começai, pois, cedo,

a vos ocupardes das coisas sérias. O tempo das futilidades é sempre longo: é inútil para o vosso progresso, o qual nem por um instante deve ser perdido de vista." (PP. 135 e 136)

87. Kardec comenta o caso da senhorita Godu, médium curadora, e afirma: "A gente interessar-se-ia por um médium de efeitos físicos, que produzisse fenômenos extraordinários; não se poderia ver com mais indiferença aquele cujas faculdades são proveitosas à humanidade, e que, além disso, nos revela uma nova força da Natureza". (P. 137)

88. Kardec diz que o Espírito é tanto mais lúcido e explícito quanto mais se comunica e, de certo modo, se identifica com o médium que lhe serve de instrumento. (P. 138)

89. A partir de 20-4-1860, as sessões da Sociedade Espírita de Paris ocorrerão na Rua Sainte-Anne, no 59, passagem de Sainte-Anne. (P. 138)

90. A Revista transcreve notícia extraída das crônicas de Froissard, datadas do século XIV, que mostram a antiguidade dos fatos espíritas. (P. 142)

91. Kardec transcreve outra carta do dr. Morhéry, que dá conta das curas obtidas pela médium Désirée Godu. Desde a sua chegada até 25-4-1860 já haviam visitado mais de 200 doentes e puderam curar quase todos os que seguiram as suas prescrições. (P. 148)

92. O médico diz que é sobretudo nas afecções reumáticas, nas paralisias, nas ciáticas, nas úlceras, nos desvios ósseos, nas chagas de toda espécie, que o sistema de tratamento da srta. Godu parece dar melhores resultados. (P. 148)

93. Dr. Morhéry informa ter aprendido com a médium muitas coisas úteis, tanto para o tratamento quanto para o diagnóstico, e envia na carta fichas-resumo contendo a evolução do tratamento de 12 enfermos, em que se vê que o tratamento espiritual era feito, de ordinário, com unguentos e infusões de plantas diversas. (PP. 149 a 151)

94. A Revista noticia o curioso caso do sr. Jardin, que previu a própria morte. Evocado por Kardec, ele explicou que seu pressentimento fora na verdade um aviso da sua esposa, falecida antes dele. (P. 153)

95. Kardec evoca o Espírito de uma que foi das principais convulsionárias de Saint-Médard, "uma pobre fanática", segundo ela mesma se definiu. (P. 155)

96. A Revista transcreve notícia publicada pela *Gazetta dei Teatri*, de Milão, a respeito do jovem que via diariamente, à hora do jantar, sua noiva suicida, que lhe aparecia na forma de um esqueleto ameaçador (ele a havia abandonado e contribuído indiretamente para o suicídio). (P. 160)

97. Comentando uma mensagem obtida em inglês pela srta. Huet, que não conhecia esse idioma, Kardec diz que as provas mais patentes surgem, por vezes, quando menos se espera, visto que os Espíritos têm livre-arbítrio e querem provar-nos que não estão submetidos aos nossos caprichos. (P. 164)

98. Um Espírito diz que o arrependimento sincero obtém o perdão de todas as faltas; o remorso, porém, nada tem em comum com o arrependimento. O remorso é o prelúdio do castigo; o arrependimento, a caridade e a fé nos conduzem às felicidades reservadas aos bons Espíritos. (PP. 166 e 167)

99. As faculdades de que os médiuns desfrutam atraem para eles elogios, felicitações, adulação dos homens. Eis o escolho. Se eles se deixam envolver pela vaidade, atribuindo a si o mérito de suas produções mediúnicas, os bons Espíritos os abandonam e eles tornam-se joguetes dos enganadores. (P. 167)

100. Os anjos da guarda, porém, os ajudarão com seus conselhos e os preservarão contra a influência dos maus Espíritos, se souberem escutar sua voz e fechar o coração ao orgulho, à vaidade e à inveja. (P. 167)

101. São Luís diz: Sede muito prudentes no que respeita a teorias científicas, pois é aí sobretudo que deveis temer os Espíritos impostores e os pseudo-sábios. Tratai, sobretudo, de vossa melhora. É o essencial. (P. 171)

102. Kardec pede a São Luís que explique por que na semana anterior ele deixou que um Espírito impostor falasse em seu nome, embora estivesse presente. A resposta faz-nos pensar e merece ser meditada. (PP. 172 e 173)

103. São Luís lhe diz: "Tu te admiras do que se passou. Mas examinaste bem o rosto dos que te escutam, quando fazes essa invocação? Mais de uma vez não viste o sorriso de sarcasmo em certos lábios?" E adverte: "É por isso que vos digo que não recebais o primeiro que vier; evitai os curiosos e os que não vêm para se instruírem". (P. 173)

104. Kardec diz que o Espiritismo encontrou desde o princípio grande oposição na Inglaterra, e atribui o fato à influência das ideias religiosas de certas seitas, aferradas mais à letra que ao espírito de seus dogmas. A Doutrina Espírita pareceu-lhes contrária às suas crenças. (PP. 175 e 176)

105. Passado algum tempo, vendo que as ideias espíritas têm sua fonte nas ideias cristãs, nada mais se opôs ao progresso das ideias novas, que se propagam naquele país com rapidez admirável, o que deu surgimento ao periódico mensal "*The Spiritual Magazine*", lançado em maio de 1860. (P. 176)

106. Em seguida, Kardec transcreve do citado jornal inglês um curioso artigo assinado por S.C. Hall relatando fatos espíritas ocorridos em 1820, no litoral francês, muito parecidos com os das irmãs Fox. (PP. 176 e 177)

107. Uma noite, quando as batidas se fizeram, como era comum naquela casa, alguém teve a ideia de perguntar: "Se és um Espírito, bate seis pancadas" e imediatamente os seis golpes foram ouvidos. (P. 178)

108. Um dia, além das batidas, todos ouviram uma voz humana: era o Espírito que cantava quando eles, encarna-
dos, também cantavam. Depois, a voz passou a falar-lhes em francês e o Espírito disse chamar-se Gaspard. (P. 178)

109. De Marselha chegou a Kardec a notícia de um rapaz falecido há oito meses que, evocado pela família, costuma comunicar-se com o auxílio de uma cesta. Cada vez que ele aparece, um cãozinho, de que ele gostava muito, salta sobre a mesa e se põe a cheirar a cesta, soltando ganidos. (PP. 179 e 180)

110. Charlet explica que o cão é dotado de uma organização muito particular. Ele compreende o homem, sente-o e segue-o em todas as suas ações com a curiosidade de uma criança. (P. 180)

111. O Espírito de Georges informa que, por suas fibras nervosas, o cão é posto em relação direta com os Espíritos, quase tanto quanto com os homens. O cão percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas terrenas, e lhes tem muito medo. (P. 181)

112. Kardec evoca Charles de Saint-G..., um jovem idiota, de 13 anos, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais são de uma tal nulidade que nem conhece os pais. (P. 181)

113. Charles tem consciência do seu estado e sabe por que nasceu assim. "Sou um pobre Espírito ligado à terra, como uma ave por um pé", definiu ele. Kardec, comentando o caso, diz que a imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação das faculdades; não as aniquila. (PP. 182 e 183)

114. A médium sra. Duret, desencarnada em maio, evocada por Kardec, diz-lhe que fora muitas vezes enganada pelos Espíritos e que há poucos médiuns que não o são mais ou menos. (P. 183)

115. Tal fato, diz ela, depende muito do médium e daquele que interroga, quer dizer, é sempre possível preservar-se dos maus Espíritos. E a primeira condição para isso é não os atrair pela fraqueza ou pelos defeitos. (P. 184)

116. Falando sobre obsessão, a sra. Duret diz que a morte não liberta o homem da obsessão dos maus Espíritos, que continuam a persegui-lo. (P. 185)

117. As comunicações espíritas são tanto mais seguras quanto mais sérias as qualidades do médium. Os defeitos que dão mais acesso aos maus Espíritos são o orgulho e a inveja. Num médium em que haja orgulho, inveja e pouca caridade há mais chances de ser enganado. (PP. 186 e 187)

118. Kardec é peremptório: Todo conselho ditado ou todo sentimento inspirado que reflita o menor pensamento mau, é, por isso mesmo, de origem suspeita, sejam quais forem as qualidades do estilo. (P. 187)

119. A sra. Duret disse que também os médiuns videntes podem ser enganados pelos Espíritos, quando não inspirados por Deus. (P. 187)

120. A médium, falando de sua desencarnação, disse que a partir da agonia perdera a consciência de si mesma, fato que perdurou por cerca de 15 a 18 horas e varia de pessoa a pessoa. (P. 188)

121. Os Espíritos que ela evocara em vida foram revê-la, o que a tocou muito. A sra. Duret exclamou então: "Se soubésseis como é agradável reencontrar os amigos neste mundo!" (P. 189)

122. O mundo dos Espíritos lhe pareceu, então, uma coisa nova, fato que, apesar de surpreendente, é muito comum e Kardec explica. (P. 189)

123. Nova carta do dr. Morhéry relatando as curas obtidas pela srta. Désirée Godu. "A srta. Godu não é sonâmbula. Jamais consulta à distância, nem mesmo em meu domicílio, senão sob minha direção e meu controle", informou o médico. "Quando estamos de acordo, o que acontece quase sempre, começamos o tratamento..." A médium faz então os curativos e age como uma enfermeira, com um zelo sem precedentes, na modesta casa de saúde improvisada. (P. 190)

124. Na maioria dos casos, a srta. Godu aplica um tópico extrativo, composto de uma ou duas matérias, encontradas por toda parte, na cabana como no castelo. Outras vezes, vale-se de um unguento tão simples, mas que produz efeitos seguros e variadíssimos. (P. 191)

125. A loucura decorre de uma predisposição natural e tem como causa primeira uma relativa fraqueza moral, que torna o indivíduo incapaz de suportar o choque de certas impressões, em cujo número figuram, ao menos em três quartos dos casos, a mágoa, o desespero, o desapontamento e todas as tribulações da vida. (P. 192)

126. Dar ao homem a força necessária para ver essas coisas com indiferença, é atenuar a causa mais frequente que o leva à loucura e ao suicídio. Ora, a Doutrina Espírita lhe dá essa força. (P. 192)

127. Um dos efeitos do Espiritismo é dar à alma a força que lhe falta em muitas circunstâncias, e é nisto que ele pode reduzir as causas da loucura e do suicídio. (P. 193)

128. Kardec transcreve do livro "*Três Anos na Judéia*" um curioso fato ocorrido com o profeta Esdras que, guiado por um anjo, escreveu de forma ininterrupta o texto que compõe a Torá ou Pentateuco mosaico. (PP. 194 e 195)

129. Um erro de ortografia cometido pelo Espírito de Channing numa mensagem obtida por escrita direta suscitou o protesto do sr. Mathieu e o seguinte comentário de Kardec: Se a forma da mensagem contiver erro, devemos corrigi-la; cabe ao homem esse cuidado. E só devemos conservá-la intacta, quando o fato pode servir de ensinamento. Não era esse o caso. (P. 196)

130. A vaidade, diz Georges, mancha todos os pensamentos; penetra o coração e o cérebro. Planta má, abafa a bondade em seu germe, e todas as qualidades são aniquiladas por seu veneno. Para lutar contra ela, é preciso usar a prece, porque só esta nos dá humildade e força. (P. 197)

131. Só os Espíritos superiores, diz Alfred de Musset, podem comunicar-se indistintamente por todos os médiuns e manter com todos a mesma linguagem. Quando nos comunicamos por um médium, a emanação de sua natureza se reflete mais ou menos sobre nós. (P. 200)

132. As comunicações elevadas não dependem da cultura do médium, porque só a essência de sua alma se reflete sobre os Espíritos. (P. 200)

133. A Revista informa que se publica em Gênova o periódico *"L'Amore del Vero"*, dirigido pelo dr. Pietro Gatti, diretor do Instituto Homeopático de Gênova e adepto esclarecido do Espiritismo. (PP. 200 e 201)

134. Na Sociedade Espírita de Paris lê-se uma carta que diz que em certas localidades o clero se ocupa seriamente com o estudo do Espiritismo e que membros esclarecidos da Igreja falam dele como de uma coisa chamada a exercer grande influência nas relações sociais. (P. 206)

135. Kardec diz que há muita tendência a ver no Espiritismo um meio de adivinhação, o que é contrário ao seu objetivo. (P. 207)

136. Reportando-se ao caso de um rapaz de 13 anos que oferecia um curioso assunto para estudo, por sua originalidade, São Luís aconselha que tais fenômenos não sejam provocados e sugere à Sociedade continuar ocupando-se, como fez até então, em aprofundar as questões importantes; do contrário, ocorreria o afastamento dos Espíritos sérios. (P. 208)

137. Kardec fala sobre a *frenologia*, a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro, fundada pelo dr. Gall, e critica o materialismo dos que pensam que os órgãos cerebrais são a própria fonte das faculdades humanas. (P. 209)

138. No louco, se o órgão que servia às manifestações do pensamento está desarranjado por uma causa qualquer, o pensamento não pode manifestar-se de maneira regular. Ora, o cérebro é o instrumento do pensamento, como o olho é o instrumento da visão. Se o instrumento está deteriorado, não se dá a manifestação, exatamente como quem perde os olhos não mais pode ver. (P. 210)

139. No caso da idiotia, o Espírito está como que aprisionado e sofre essa constrição, mas nem por isso deixa de pensar como Espírito. Isolando o Espírito da matéria, prova-se que os órgãos não são a causa das faculdades, mas simples instrumentos. (P. 211)

140. No conceito materialista, que é um idiota? Nada; apenas um ser humano. Mas ele é um ser dotado de razão, como todo mundo, apenas enfermo de nascença pelo cérebro, como outros o são nas pernas. (P. 211)

141. A *fisiognomonia* é baseada no princípio incontestável de que é o pensamento que põe os órgãos em jogo, que imprime certos movimentos aos músculos. (P. 211)

142. Os instintos animais do homem devem-se à imperfeição do seu Espírito, ainda não depurado e que, sob a influência da matéria, dá preponderância às necessidades físicas sobre as morais. (P. 213)

143. Um Espírito, ao reencarnar, não traz qualquer semelhança com o corpo habitado anteriormente, pois é raro que o Espírito não venha em nova existência com disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisiognomônicos não é possível tirar qualquer indício das existências anteriores. (PP. 213 e 214)

144. Dissertando sobre os fantasmas, Kardec diz que os Espíritos podem mostrar-se em qualquer lugar, a qualquer hora, de dia como de noite, e o fazem com a aparência que tinham em vida. (P. 215)

145. Se o morrer pertence à natureza humana, nenhum anjo da guarda tem o poder de opor-se ao curso das leis da Natureza. Estando o momento e o gênero de morte no destino de cada um, é preciso que se cumpra o destino. (P. 218)

146. Charlet (Espírito) diz que existe progresso moral nos animais e também progresso de condição. Mais tarde, esclarece que o progresso dos animais se realiza pela educação que recebem do homem. (PP. 220, 221 e 228)

147. Pitágoras lembrava-se de sua antiga existência e reconheceu o escudo que usava no cerco de Tróia. (P. 221)

148. Os animais, diz Charlet, têm, quase todos, o mesmo grau de inteligência; há neles variedade de formas; no homem, há variedade de Espíritos. (P. 222)

149. Diz Charlet que o Espírito se eleva pela submissão, pela humildade. O que o perde é a razão orgulhosa, que o impele a desprezar todo subalterno e invejar todo superior. A inveja é a mais viva expressão do orgulho. (P. 223)

150. Charlet assevera que a caridade, esta virtude das almas verdadeiramente francas e nobres, deve ser sempre o nosso guia, pois ela é o sinal da verdadeira superioridade. (P. 224)

151. Charlet informa que os animais de Júpiter têm uma linguagem mais precisa e positiva do que a dos nossos animais. (P. 226)

152. Kardec diz que existe uma evidente lacuna entre o animal mais inteligente e o homem. São Luís o corrige dizendo que essa lacuna dos seres é apenas aparente, pois vem das raças desaparecidas. (PP. 226 e 227)

153. A alma do animal, diz Charlet, não se reconhece após a morte; mas em certos animais, mesmo em muitos, ela é individualizada. (P. 227)

154. Charlet, questionado por Kardec, recua na sua tese a respeito da ferocidade dos animais, que são ferozes por necessidade, por constituição, e nada têm a ver com a queda moral do homem. (P. 229)

155. Aludindo à análise das comunicações recebidas dos Espíritos, Kardec relaciona 6 princípios indispensáveis a essa análise e conclui que, fora das questões morais, só se deve acolher com reservas o que vem dos Espíritos, e jamais sem exame. (PP. 233 e 234)

156. São Luís, esclarecendo uma dúvida suscitada na sessão anterior da Sociedade, adverte: "É preciso que aquele que quer progredir na vida do bem saiba aceitar os conselhos e avisos que se lhes dão, ainda quando lhes firam o amor-próprio. A prova de seu adiantamento consiste na maneira suave e humilde porque os recebe". (P. 236)

157. São Luís sugere que François Arago seja evocado com o concurso de outro médium e esclarece: "Um Espírito vem de preferência a uma pessoa cujas ideias simpatizam com as que tinha em vida". (P. 238)

158. Falando sobre a Sociedade Espírita de Paris, Kardec diz que a Sociedade é uma família, cujos membros, animados de recíproca benevolência, devem ser movidos pelo único desejo de instruir-se e banir todo sentimento de personalismo e de rivalidade, desde que compreendam a doutrina como verdadeiros espíritas. (P. 240)

159. Finda a sessão de 20-7-1860, Kardec perguntou a São Luís se tinha ficado satisfeito. Eis a resposta: "Sim e não. Errastes, permitindo cochichos contínuos de certos sócios, quando os Espíritos são interrogados". Após tecer outras observações, São Luís pede a Kardec para lê-las na próxima sessão: "Dizei-lhes que esta não é uma sala para conversa". (P. 242)

160. A Revista publica carta do dr. De Grand-Boulogne, doutor em Medicina, antigo vice-cônsul da França, que enumera os pontos comuns dos ensinamentos cristãos e espíritas, que ele diz adotar sinceramente, e afirma que a maior virtude é a caridade. (PP. 242 a 244)

161. A caridade, diz ele, é o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, se esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude. (P. 244)

162. Após relatar os fenômenos da Rua des Noyers, cuja veracidade foi atestada por São Luís, Kardec diz que entre os moradores da casa havia um médium (a criada) que possibilitou se dessem as manifestações. (PP. 246 e 247)

163. O Espírito de Thilorier, o físico, diz que os Espíritos também fazem pesquisas e descobertas no estado errante, e são eles que, uma vez autorizados, inspiram os homens de Ciência envolvidos na mesma busca. (P. 256)

164. São Luís examina o assunto e informa que para a comunicação das descobertas que transformam o aspecto exterior das coisas Deus deixa a ideia amadurecer, como as espigas cujo desenvolvimento o inverno retarda. (P. 257)

165. Evocando o homem que se suicidou para livrar o filho da guerra da Itália, Kardec ensina que a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não evita que aquilo que é mal seja assim considerado. (P. 259)

166. Channing (Espírito) diz que no estudo do Espiritismo há um grave erro que cada dia mais se propaga: é o de julgarem os Espíritos infalíveis nas respostas. E pede que não lhes perguntem o que eles não podem nem devem dizer. (P. 264)

167. O dr. De Grand-Boulogne envia carta à Sociedade dizendo não ser certo considerar todos os Espíritos batedores como de uma ordem inferior, visto como ele mesmo, através de batidas, obteve comunicações de ordem muito elevada. Kardec responde que tiptologia é um meio de comunicação como qualquer outro, do qual podem servir-se os mais elevados Espíritos. Entende-se por Espíritos batedores os chamados *batedores profissionais*. (P. 272)

168. Na sessão realizada em 24-8-1860, o sr. Sanson agradece ao Espírito de São Luís por sua intervenção na cura instantânea de um mal na perna, que tinha resistido a todos os tratamentos e deveria levar à amputação. (P. 278)

169. Em artigo sobre o maravilhoso e o sobrenatural, Kardec analisa a questão da crítica, asseverando que a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. (P. 282)

170. Em seguida, o Codificador lista 8 proposições em que reafirma que os fatos espíritas, baseados numa lei da natureza, nada têm de maravilhoso ou de sobrenatural, no sentido vulgar desses vocábulos. (P. 283)

171. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam da maneira mais racional. O milagre tem, ainda, outro caráter: o de ser insólito e isolado. Ora, desde que um fato se repete, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre. (P. 284)

172. De quantos gracejos não foram objeto as elevações de São Cupertino? Ora, a suspensão no ar dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo, que o sr. Home e outros repetiram várias vezes. Trata-se, pois, de um fenômeno natural, não miraculoso. (P. 285)

173. Vê-se que os fatos espíritas são contestados por certas pessoas porque parecem fugir à lei comum e porque elas não os compreendem. Dai-lhes uma base racional e a dúvida cessará. (P. 286)

174. Diz o sr. Louis Figuier, em sua obra sobre o maravilhoso e o sobrenatural, que no século XVIII todos os olhos se abriram às luzes do bom-senso e da razão, mas o

maravilhoso e os milagres resistiram. "Abundam ainda os milagres", diz o sr. Figuier. (P. 292)

175. Kardec conclui sua análise da obra do sr. Figuier afirmando que os espíritas provam a realidade das manifestações "pelos fatos e pelo raciocínio". "Se não admitem nem uns, nem outro, se negam o que veem, a eles cabe provar que o nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis", arremata o Codificador. (P. 295)

176. Jobard conta que o físico Thilorier, que era extremamente surdo, se havia curado com o magnetizador Lafontaine, em poucas sessões. (P. 296)

177. Kardec explica por que as comunicações relativas às pesquisas científicas têm importância secundária: todo cuidado é pouco para evitar dar prematuramente como verdades incontestáveis o que é ainda hipotético. (P. 298)

178. Georges (Espírito familiar) pede maior regularidade nas sessões da Sociedade, ou seja, que se evitem toda confusão, toda divergência de ideias, porque a divergência favorece a intromissão dos maus Espíritos. (P. 300)

179. Kardec responde à "*Gazette de Lyon*", que em 2-8-1860 fez duras críticas aos espíritas, e lhe diz que o Espiritismo é inteiramente baseado no dogma da existência da alma, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade após a morte, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. Seu objetivo é prová-las de maneira patente e sua moral é apenas o desenvolvimento das máximas do Cristo. (P. 308)

180. Kardec fala dos espíritas de Lyon e as conversões para o bem conseguidas, até então, pelos ensinamentos espíritas. (P. 310)

181. Concluindo sua resposta à "*Gazette de Lyon*", Kardec lembra que almas e Espíritos são uma única e mesma coisa. Assim, negar a existência dos Espíritos é negar a alma; admitir a alma, sua sobrevivência e individualidade, é admitir os Espíritos. Resta saber se após a morte ela pode manifestar-se, fato que os livros sagrados e os Pais da Igreja reconheciam. *(N.R.: Frei Boaventura Kloppenburg também o reconhece.)* (P. 311)

182. Os espíritas lioneses ofereceram em 19-9-1860 um banquete a Kardec, ocasião em que o sr. Guillaume proferiu um belo discurso, que foi respondido pelo Codificador. (PP. 312 a 314)

183. Em seu discurso, Kardec classifica os espiritistas em 3 categorias: os que buscam os fenômenos e se limitam a crer nas manifestações; os que nele veem mais que os fatos e admiram sua moral, mas não a praticam; e os que admiram sua moral, a praticam e aceitam todas as suas consequências: os verdadeiros espíritas, ou melhor, os *espíritas cristãos*. (P. 315)

184. Sobre as sociedades espíritas, Kardec lembrou que as melhores comunicações são obtidas em reuniões pouco numerosas, nas quais reina a harmonia e uma comunhão de sentimentos; os pequenos grupos serão sempre mais homogêneos, e é esse modelo que ele sugere. (P. 316)

185. Não é nas grandes reuniões que os neófitos podem colher elementos de convicção, mas na intimidade. Há, pois, um duplo motivo para se preferir os pequenos grupos, que se podem multiplicar ao infinito, porque 20 grupos de dez pessoas, sem nenhuma dúvida, obterão mais e farão mais prosélitos que uma única reunião de 200 pessoas. (P. 317)

186. Sobre a identidade dos Espíritos comunicantes, Kardec ensina, como regra geral: jamais o nome é uma garantia; a única, a verdadeira garantia de superioridade é o pensamento e a maneira porque ele é expresso. (P. 318)

187. Os Espíritos agem incessantemente sobre nós, sem o sabermos, sejamos médium ou não. Não é a mediunidade que os atrai; ao contrário, é ela que fornece o meio de conhecer o inimigo, que se trai *sempre*. (P. 319)

188. Um dia, asseverou o Codificador, o Espiritismo exercerá imensa influência sobre a estrutura social, mas esse dia ainda está longe, porque são necessárias gerações para que nos despojemos do homem velho. (P. 320)

189. Com os conhecimentos que nos transmite, o Espiritismo nos torna feliz e é isto que lhe dá um poder irresistível e assegura o seu triunfo futuro. (P. 320)

190. Jobard diz, em interessante artigo, que os Espíritos superiores não lamentam os bens materiais aqui deixados, ao contrário do *humanimal*, que sente que, perdendo os bens terrenos, tudo perde. (PP. 324 e 325)

191. Jobard afirma que não existe um médium bem-intencionado que não seja magnetizador e curador por natureza, mas muitos ignoram esse tesouro e não sabem utilizá-lo. (P. 326)

192. Kardec retifica algumas ideias de Jobard, que não levava muito em conta o progresso realizado pelo Espírito no estado errante. (P. 327)

193. Kardec afirma que, mesmo que nada pudéssemos aprender com as manifestações dos Espíritos, já é bastante o fato de nos darem eles a prova da existência do além-túmulo. E eles nos dão muito mais. (P. 328)

194. Georges (Espírito) descreve o castigo infligido aos maus Espíritos. Enquanto dão vazão à sua raiva, eles são quase felizes; no entanto, passam os séculos e eles sentem-se de súbito invadidos pelas trevas, advindo daí o remorso e o arrependimento, seguidos de gemidos e expiações. (PP. 331 e 332)

195. Marte é descrito como um mundo bem inferior à Terra, onde os seres, embora tendo a forma humana, são rudimentares e sem nenhuma beleza. *(N.R.: Duas obras recebidas por Chico Xavier dizem o contrário.)* (PP. 332 a 334)

196. O mesmo Espírito diz que Júpiter, dividido em países de aspectos variados, é um mundo superior e encantador. (PP. 334 a 336)

197. Georges diz que a forma dos Espíritos puros é etérea e nada tem de palpável. Em suas fileiras é que são escolhidos os anjos da guarda. São eles os ministros de Deus, que regem os mundos inumeráveis. (P. 336)

198. O Espírito de Zenon disserta sobre a reencarnação e afirma que com ela os mistérios se explicam, os problemas se resolvem, todas as dificuldades se aplainam. (P. 339)

199. Georges (Espírito) diz que os Espíritos errantes não se comunicam entre si, ensinamento contestado por Kardec. O Codificador sustenta que nossos amigos do mundo espírita nos recebem e nos ajudam no retorno à vida espiritual e ensina que, na erraticidade, os Espíritos se reúnem e agem de comum acordo, tanto para o mal quanto para o bem. Kardec entende que o erro de Georges foi restringir o termo *errante* a uma certa categoria de Espíritos, em vez de aplicá-lo a todos os Espíritos desencarnados. (PP. 340 e 360)

200. A Revista transcreve mensagem assinada pelo Espírito de Irmã Rosália sobre a caridade material e a caridade moral. *(N.R.: Essa mensagem foi incluída mais tarde no E.S.E., cap. XIII, item 9.)* (PP. 342 e 343)

201. Delphine de Girardin (Espírito) disserta sobre a eletricidade do pensamento e afirma que, uma vez reunidos, os homens desprendem um fluido que lhes transmite, com a rapidez do relâmpago, as menores impressões. Sob a ação dessa corrente magnética, as pessoas mais interessadas em ocultar seu pensamento são levadas a descobri-lo, até mesmo a se acusar, como se vê muitas vezes nos tribunais do júri. (P. 344)

202. O Espírito de Lamennais, falando sobre a hipocrisia, assevera que a hipocrisia é o vício de nossa época: "Em nome da liberdade, vos engrandeceis; em nome da moral, vos embruteceis; em nome da verdade, mentis". (P. 345)

203. A Revista registra a viagem feita por Kardec em setembro de 1860 às cidades de Sens, Mâcon, Lyon e Saint-Etienne. "O Espiritismo está no ar", eis a impressão sentida por Kardec em todos os lugares onde falou. (P. 347)

204. Em Lyon, onde os adeptos do Espiritismo se contavam às centenas, um médium vidente pôde ver o Espírito de São Luís, que confirmou em Paris, posteriormente, sua presença na viagem feita pelo Codificador. (P. 348)

205. Nas proximidades de Saint-Etienne, Kardec assistiu a um fenômeno de transfiguração com uma mocinha que, em certos momentos, tomava a aparência completa de seu irmão, morto há alguns anos. (P. 348)

206. A Revista noticia o fato ocorrido num navio da marinha imperial, estacionado nos mares da China, em que um tenente, morto há dois anos, deu uma comunicação tipológica em que pedia fosse paga ao capitão determinada quantia. *(N.R.: O fato é narrado também n' O Livro dos Médiuns.)* (P. 348)

207. A Revista noticia o lançamento da obra "Carta de um Católico sobre o Espiritismo", do dr. De Grand-Boulogne, doutor em Medicina, antigo vice-cônsul da França, na qual o autor prova que se pode ser, ao mesmo tempo,
bom católico e fervoroso espírita. Dia virá, disse De Grand-Boulogne, em que, pela força das coisas, "o Espiritismo estará na religião, ou a religião no Espiritismo". (P. 352)

208. Kardec, reportando-se a uma mensagem atribuída a Homero, afirma que não existe um só médium que se possa gabar de jamais ter sido enganado. A propósito da mensagem atribuída a Homero, cuja identidade é de difícil verificação, diz o Codificador que o fato mais saliente dela foi a revelação do sobrenome de Homero, que os médiuns ignoravam. (PP. 353 a 355)

209. É um erro, afirma Kardec, pensar que só se pode aprender com os Espíritos dos grandes homens. Embora só esses possam nos dar lições de alta filosofia teórica, pode-se colher proveito das comunicações dos outros, onde, de certo modo, surpreendemos a natureza em flagrante. (P. 356)

210. É o caso de Baltazar, o Espírito gastrônomo, que informou que Espíritos como ele não têm necessidade de comer ou beber, mas têm, sim, o desejo de fazê-lo. Diz Baltazar que seu corpo fluídico possui um estômago, mas de natureza fluídica, onde só os aromas podem passar. (P. 357)

211. O Espírito de Delphine de Girardin fala sobre a mudança que se opera no Espírito após o transe da morte. "Ele se evapora dos despojos que abandona, como uma chama se desprende do foco que a produziu; depois se dá uma grande perturbação e essa dúvida estranha: estou morto ou vivo?" (P. 361)

212. A Revista traz uma mensagem sobre os órfãos, assinada por Jules Morin. *(N.R.: Essa mensagem foi incluída no cap. XIII, item 18, d'O Evangelho segundo o Espiritismo, sob o nome de um Espírito familiar.)* (PP. 362 e 363)

213. Aquele que faz o bem à custa de sua própria felicidade -- afirma um Espírito -- pode desviar o rigor de muitas provas. (P. 363)

214. O Espírito de Lamennais, asseverando que a moral ensinada pelo Cristo sobrepuja os ensinos mais sublimes da Antigüidade, diz que o que é preciso observar no Espiritismo é a moral cristã. (P. 364)

215. Falando sobre o tempo perdido, Massillon (Espírito) diz que Deus nos haverá de pedir contas da missão que nos foi confiada. Que lhe responderemos então? (P. 365)

216. O Espírito de Channing diz que devemos ter mais firmeza nos nossos trabalhos espíritas, porque, assim como ocorreu com São Paulo, seremos perseguidos, não na carne, mas em espírito. (P. 367)

217. Lázaro (Espírito) diz que não existe um meio infalível para distinguir a natureza dos Espíritos, se abdicarmos da razão, da comparação, da reflexão, as três faculdades indispensáveis para fazê-lo em segurança. (P. 368)

218. O Espírito de Francisco de Salles recomenda: Quando quiserdes receber comunicações de bons Espíritos, importa vos prepareis para esse favor pelo recolhimento, pelas intenções sãs e pelo desejo de fazer o bem, visando ao progresso geral. (P. 370)

219. Georges (Espírito) diz que o Espiritismo deve ser e será a consolação e a esperança dos corações feridos pela justiça humana. Assim, é sobretudo ao povo que os verdadeiros espíritas devem dirigir-se, como outrora os apóstolos, espalhando por todos os lados a doutrina consoladora. (P. 371)

220. A quem quer tudo saber, diz Massillon (Espírito), ninguém chegará a conhecer a maravilhosa Natureza senão pelo trabalho perseverante, nem entrever o infinito de Deus senão pela prática da caridade. (P. 372)

221. Kardec fala sobre Maria de Jesus D'Agreda, a religiosa nascida em Castela (Espanha) em 2-4-1602, a qual, em estado de êxtase, transportou-se mais de quinhentas vezes, de 1622 a 1630, até o Novo México, e ali doutrinou os nativos. (PP. 372 a 376)

222. Kardec anuncia para dezembro de 1860 o livro "O Espiritismo Experimental", que na verdade sairia em 1861 com o nome de "O Livro dos Médiuns". (P. 377)

223. Comentando a variedade dos assuntos tratados na Revista Espírita, Kardec explica que tal diversidade não exclui o método e que a desordem é nela apenas aparente. "A variedade repousa o espírito, mas a ordem lógica ajuda a inteligência. O que nos esforçamos por evitar é fazer de nossa Revista uma coletânea indigesta", diz o Codificador. (P. 380)

224. A Revista mostra que Kardec também fazia apelo geral, sem nomear nenhum em especial, aos Espíritos sofredores presentes à sessão que quisessem se manifestar. O registro é da sessão de 2-11-1860. (P. 382)

225. Falando sobre o objetivo dos trabalhos da Sociedade Espírita de Paris, definido por São Luís em novembro de 1858, diz Kardec que ali se buscaria sempre a compreensão dos fatos espíritas, mas também o sentimento do amor, visto que a caridade, a benevolência mútua deveriam ser o objetivo dos seus esforços, o laço a uni-los, a fim de mostrar com seus exemplos o verdadeiro objetivo do Espiritismo. (PP. 382 e 383)

226. Alfred de Musset fala sobre a arte espírita, valendo-se de uma notável comparação: "O verme é verme; torna-se bicho da seda, depois borboleta. Que há de mais aéreo, de mais gracioso do que uma borboleta? Então! a arte pagã é o verme; a arte cristã é o casulo; a arte espírita será a borboleta". (P. 384)

227. Kardec diz que tal imagem não significa diminuir o valor da ideia cristã, visto que o Espiritismo se apoia essencialmente no Cristianismo e não vem substituí-lo, mas completá-lo. "Nas fraldas do Cristianismo encontram-se os germes do Espiritismo; se eles se repelissem mutuamente, um renegaria o seu filho, o outro, o seu pai", assevera Kardec. (PP. 384 e 385)

228. A teogonia pagã e a mitologia não passam também, segundo Kardec, de um quadro da vida espírita poetizada pela alegoria. (P. 384)

229. O Codificador afirma ainda que a arte cristã se ressente da austeridade de sua origem e inspira-se no sofrimento dos primeiros adeptos, cujas perseguições impeliram os homens ao isolamento e à reclusão. (P. 385)

230. O Espiritismo abre, pois, para a arte um campo novo, imenso e ainda não explorado. Quando o artista trabalhar com convicção, como trabalharam os artistas cristãos, colherá nessa fonte as mais sublimes inspirações. (P. 386)

231. Kardec conclui sua análise do livro "História do Maravilhoso", do sr. Louis Figuier, e afirma que é falso dizer, como faz Figuier, que as manifestações espíritas são inteiramente modernas. (P. 387)

232. Na sequência, o Codificador destaca o progresso incrível das ideias espíritas, às quais nenhuma imprensa prestou o seu concurso, e informa que a 2a edição d'O Livro dos Espíritos esgotou-se em quatro meses. (PP. 387 e 388)

233. Para o sr. Figuier, a filosofia exposta n'O Livro dos Espíritos é obsoleta e a moral, adormecedora. Sem dúvida, diz Kardec, ele teria preferido uma moral galhofeira e viva: "Mas que fazer? É uma moral para uso da alma; aliás, ela teria sempre uma vantagem: a de fazer dormir. É, para ele, uma receita em caso de insônia". (P. 395)

234. O Espírito que se identificou como Baltazar *(ver item 210 deste resumo)* é na verdade o sr. G... de la R..., indivíduo conhecido por suas excentricidades, sua fortuna e seus gostos gastronômicos, que confessa que seu apego à vida material "materializou" seu Espírito a tal ponto, que lhe seria preciso muito tempo para quebrar todos os laços terrenos das paixões que o prendiam à Terra. (PP. 395 e 396)

235. Kardec analisa o caso de um assinante da Revista que era atormentado por um Espírito, num processo de obsessão simples. A pedido dele, o Codificador explicou que ele não se livraria do Espírito nem pela cólera, nem pelas ameaças, mas pela paciência, e que era ainda preciso dominá-lo pelo *ascendente moral* e buscar torná-lo melhor pelos bons conselhos. (P. 397)

236. Consultado, o obsessor confessou que agia assim por inveja. Kardec comenta o caso dizendo que a inveja cega e por vezes impele o homem a atos contrários a seus interesses, seja no espaço como na Terra. (P. 399)

237. A Revista traz uma mensagem de um Espírito culpado, que afirma que nossas dores terrenas jamais nos permitirão compreender as angústias de uma alma que sofre sem tréguas, sem esperança, sem arrependimento. (P. 401)

238. O Espírito de Clara, que nunca ajudara a ninguém na Terra, diz que sua desgraça crescia dia a dia, e maldizia as horas culpadas, as horas de egoísmo e de esquecimento em que, desconhecendo toda caridade, todo devotamento, só pensava no seu bem-estar! (P. 402)

239. "Crês, então, que preces isoladas e o meu nome pronunciado bastarão para acalmar o meu sofrimento? Não, cem vezes não. Tenho rugido de dor; erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo penetrar em minha alma revoltada", eis o desabafo de Clara. (P. 403)

240. O guia espiritual da médium comentou a comunicação de Clara dizendo que ela não matou, não roubou, nem cometeu crime algum aos olhos humanos. Apenas divertia-se com aquilo a que chamamos felicidade terrena: beleza, fortuna, prazeres, adulação, tudo lhe sorria e nada lhe faltava. Mas ela foi egoísta, só amou a si mesma e agora ninguém a ama. (P. 403)

241. Alfred de Musset (Espírito) diz que os pais da Igreja, que fundaram essa religião sublime em sua origem, eram mais espíritas do que nós e pregavam a mesma doutrina ensinada pelo Espiritismo: caridade, bondade, esquecimento, perdão e abnegação. (P. 404)

242. O Espírito de Delphine de Girardin disserta sobre a reencarnação e sua lógica e afirma que basta olhar para dentro de nós mesmos para acharmos as provas da reencarnação. (P. 407)

243. Para adquirir a virtude, é preciso trabalhar, diz Delphine. A fortuna moral não se lega com a fortuna material: "Para vos depurardes, é preciso passar por vários corpos que levam com eles, em cada despojamento, uma parte das vossas impurezas". (P. 408)

244. Falando sobre o dia de Finados, Charles Nodier (Espírito) esclarece que nessa data os Espíritos vão aos cemitérios porque os pensamentos e as preces dos seres amados ali se apresentam. (P. 408)

245. Nodier assevera: "Conforme a maneira porque tiverdes vivido aqui embaixo, sereis recebidos perante Deus. Que é a vida, afinal de contas? Uma curtíssima emigração do Espírito na Terra; tempo, entretanto, em que pode amontoar um tesouro de graças ou preparar-se para cruéis tormentos". (P. 408)

246. Lamennais (Espírito) compara o mundo atual a Lázaro e exclama: "Ó mundo! tu pareces Lázaro: nada te pode devolver a vida; teu materialismo, tuas torpezas, teu ceticismo são outras tantas faixas que envolvem o teu cadáver, e cheiras mal, pois há muito que estás morto. Quem te gritará como a Lázaro: *Em nome de Deus, levanta-te?* É o Cristo que obedece ao apelo do Espírito Santo. Século, a voz de Deus se fez ouvir! Estarás mais podre do que Lázaro?" (PP. 409 e 410)

Revista Espírita de 1861

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. No ano de 1861, quando apareceu a primeira edição de "O Livro dos Médiuns", Kardec empreendeu a sua segunda viagem espírita pelas províncias, visitando as cidades de Sens, Mâcon, Lião e Bordéus. (Introdução.)

2. Ao regressar da viagem, Kardec tratou da segunda edição de "O Livro dos Médiuns", cuja primeira edição esgotou-se rapidamente. (Introd.)

3. Na Sociedade Espírita de Paris, a 30-11-1860, vários membros relatam um interessante fenômeno: a elevação de uma pessoa, por influência mediúnica de duas mocinhas de 15 e 16 anos que, pondo dois dedos nas barras da cadeira, a elevam a cerca de um metro, seja qual for o peso da pessoa. (P. 4)

4. A Revista noticia o ataque feito pelo Sr. Georges Gandy, redator de *La Bibliographie Catholique,* ao Espiritismo, e apresenta a análise feita por Kardec às críticas do Sr. Gandy. (PP. 8 a 16)

5. Há um ponto que o Sr. Gandy não perdoa ao Espiritismo -- diz Kardec --: é o não haver proclamado esta máxima: "Fora da Igreja não há salvação" e admitir que aquele que faz o bem possa ser salvo das chamas eternas. (P. 12)

6. Kardec publica parte de uma carta do Sr. Canu, ex-materialista, em que o missivista analisa a questão da incredulidade, visando a esclarecer a todos aqueles a quem havia transviado com suas ideias materialistas. (PP. 16 a 24)

7. Aludindo à formação do mundo, diz o Sr. Canu que um globo não sai repentinamente do nada, coberto de florestas, de prados e de habitantes: "Não: Deus seguramente procede com mais lentidão; tudo segue uma lei lenta e progressiva, não porque Deus hesite ou tenha necessidade de lentidão, mas porque suas leis são assim e são imutáveis". (P. 20)

8. Tudo quanto não é Deus -- afirma Canu -- necessita aperfeiçoar-se: é precisamente para esse aperfeiçoamento que é dado um corpo ao Espírito, pois que, sem a matéria, ele não poderia manifestar-se e, assim, progredir. (P. 21)

9. Canu reporta-se ao sofrimento experimentado pelos Espíritos mais perversos ainda inacessíveis à vergonha e ao remorso: empolgados pelo mal, mas impotentes para o fazer, sofrem a inveja de ver os outros mais felizes que eles. (P. 23)

10. A Revista noticia a ocorrência de fenômenos no departamento de Aube, verificados em 1856 em casa do Sr. R..., e até certo ponto parecidos com as manifestações de Bergzabern *(veja Revista Espírita de 1858)*. A pessoa que é objeto das manifestações é o filho do Sr. R..., com doze anos à época. Os fenômenos geralmente se produzem quando o menino se deita e começa a dormir. Ao despertar, o garoto não tem a menor a ideia do que se passou. (PP. 25 e 26)

11. Além de pancadas, arranhaduras, assobios, ruídos como a de uma serra, o balançar do leito e a suspensão magnética, o Espírito traz objetos muito volumosos. Perguntado como os obtém, ele responde que os tira de gente desonesta. Se lhe pregam moral, fica irado e chega a cuspir no rosto das pessoas. (P. 25 e 26)

12. Explicando o caso, São Luís ensina que um bom Espírito nada pode sobre outro, a não ser moralmente; nunca fisicamente. No caso narrado, seria preciso chamar o concurso de bons Espíritos, para atuar sobre o rapaz e torná-lo menos acessível às impressões dos maus Espíritos. (P. 27)

13. "O mau Espírito que o obsidia -- diz São Luís -- não o largará facilmente, desde que não é fortemente repelido por ninguém." Confirmando que nesses casos a prece é sempre boa, ela, contudo, de nada serviria se não fosse secundada por aqueles mais interessados no caso, isto é, os pais do rapazinho. (PP. 27 e 28)

14. Evocado, o Espírito tratou com rudeza o evocador, mas informou, depois, que a fúria do jovem médium, quando era magnetizado, se devia a ele (Espírito) e não ao rapaz: "Não era ele quem se encolerizava: era eu". (PP. 29 e 30)

15. Por que se encolerizava? perguntou Kardec. O Espírito respondeu: "Não tenho nenhum poder sobre esse homem *(o Sr. L..., o magnetizador)*, que me é superior: por isso não posso suportá-lo". "Ele quer arrebatar-me aquele que tenho sob o meu domínio. E isso eu não quero." (P. 30)

16. Analisando esse caso, Kardec assevera: "Sem dúvida esse Espírito é muito mau e pertence ao *bas-fond* do mundo espírita". Ele diz, porém, que Espíritos assim são menos perigosos do que os Espíritos fascinadores, que, com segunda intenção, sabem inspirar em certas pessoas uma cega confiança em suas palavras. (P. 30)

17. Comentando mensagem do Espírito de Cazotte, Kardec afirma que o futuro nos é oculto por uma lei muito sábia da Providência, pois que tal conhecimento prejudicaria o nosso livre arbítrio e nos levaria à negligência. (P. 33)

18. Em nota aposta pelo tradutor, vemos que São Luís é o mesmo Luís IX, rei de França, nascido em 1215 e morto em 1270. Muito virtuoso, foi Luís IX canonizado pela Igreja em 1297. (P. 39)

19. A Revista noticia os fenômenos produzidos pelo Sr. Squire, que, nada tendo de novo, podem ser catalogados na categoria dos fenômenos de transporte, suspensão e deslocamento de objetos. (PP. 41 a 43)

20. Kardec explica que quando um objeto se move, não é o Espírito que o toma com as mãos: ele o satura com seu próprio fluido, combinado com o fluido animalizado do médium, e pode então movimentá-lo, pela vontade. (P. 44)

21. Não se deve confundir -- lembra Kardec -- os chamados Espíritos batedores com aqueles que se comunicam por meio de batidas, que é uma forma de manifestação que pode ser empregada por Espíritos de qualquer ordem. (P. 47)

22. Escrevendo sobre a escassez de médiuns, afirma Kardec que os médiuns são muito comuns: os bons médiuns é que são raros. Por isso, não basta possuir a faculdade mediúnica para obter boas comunicações. (P. 48)

23. Na ausência de médiuns, Kardec sugere as atividades que o grupo deve realizar. (PP. 49 e 50)

24. Mencionando o livro do Sr. Louis Figuier, que combate a doutrina espírita, Kardec aconselha a sua leitura e assevera: "Proibir um livro é provar que o tememos". (P. 51)

25. A Revista transcreve a parte final da carta do Sr. Canu, ex-materialista, sobre a incredulidade. (P. 52)

26. O Espírito familiar -- diz Canu -- não é exatamente o anjo da guarda ensinado pela Igreja. (P. 56)

27. A Revista traz a comunicação de um homem materialista e ateu, que se afogou voluntariamente dois anos antes. Motivo do suicídio, segundo o Espírito: "Tédio da vida *sem esperança*". (PP. 58 e 59)

28. Kardec comenta: "Compreende-se o suicídio quando a vida é *sem esperança:* quer-se fugir à infelicidade a todo custo. Com o Espiritismo o futuro se desenrola e a esperança se legitima: o suicídio, pois, não tem objetivo". (P. 59)

29. Explicando como se processam as evocações, diz Kardec que nem sempre os Espíritos respondem ao nosso apelo; é preciso que o possam ou queiram e que haja um médium que tenha a aptidão especial necessária para tanto. (P. 63)

30. São Luís esclarece por que há poucos médiuns com tão grande flexibilidade como a da Srta. Eugênia: a causa é física, antes que moral. A vivacidade do médium é puramente física; seu Espírito nisto não interfere. (P. 64)

31. As qualidades morais -- diz São Luís -- influem nas simpatias que se estabelecem entre os Espíritos, pois alguns têm tal antipatia por certos médiuns, que só vencendo grande repugnância se comunicam por eles. (PP. 64 e 65)

32. Georges (Espírito) diz que são em número pequeno aqueles que podem, logo após a libertação do corpo, comunicar-se com os amigos nesse reencontro. É necessário ter merecido esse direito. (P. 67)

33. O Espírito de Gérard de Nerval assevera: "O interesse e o egoísmo são os dois gênios maus do financista e do novo-rico; o orgulho é o vício do que sabe e, principalmente, do que pode". (P. 68)

34. Réné de Provence (Espírito) informa que nos outros mundos, quando superiores à Terra, a harmonia é eterna: o que a imaginação humana pode inventar não iguala essa constante poesia que está em toda a Natureza. (P. 70)

35. Kardec comenta o ataque desferido pelo Sr. Émile Deschanel contra a doutrina espírita e afirma que as "pilhérias" do detrator do Espiritismo não merecem resposta. (PP. 71 a 81)

36. O Sr. Deschanel -- afirma Kardec -- esforça-se por provar que o perispírito deve ser matéria. "Mas é o que dizemos com todas as letras", acentua o Codificador. (P. 74)

37. Assevera Kardec: "O materialismo diz: *Nada há fora da matéria*. O espiritualismo diz: *Há alguma coisa*, mas não o prova. O Espiritismo diz: *Há alguma coisa*, e o prova. E, auxiliado por sua alavanca, explica o que até agora era inexplicável. É o que faz com que o Espiritismo reconduza tantos incrédulos ao espiritualismo". (P. 76)

38. Na Sociedade Espírita de Paris, a 30 de novembro de 1860, Andrê Chénier (Espírito) escreveu: "Não vos inquieteis com o que o mundo pode escrever contra o Espiritismo. Não é a vós que atacam os incrédulos, é ao próprio Deus. Mas Deus é mais poderoso do que eles". São Luís já havia dito, anteriormente, que semelhantes artigos não fazem mal senão aos que os escrevem; não fazem mal nenhum ao Espiritismo, que ajudam a espalhar. (PP. 78 e 79)

39. Em carta ao Sr. Deschanel, Kardec lhe diz que a convicção só é adquirida por estudos sérios, realizados sem prevenção, sem ideias preconcebidas e por numerosas observações, feitas com paciência e perseverança. (P. 80)

40. Contestando a pecha de ser o Espiritismo uma doutrina materialista, Kardec diz ao Sr. Deschanel que o Espiritismo tem por base essencial a existência de Deus, a da alma, sua imortalidade, as penas e as recompensas futuras. (P. 81)

41. Kardec comenta carta do Dr. Riboli, que examinou a cabeça de Garibaldi do ponto de vista frenológico. (P. 81)

42. Em seu estudo, Kardec diz que os discípulos de Gall formam duas escolas: a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos, o que é contestado pelos espiritualistas. (PP. 82 e 83)

43. Elucidando o caso do assassinato do Sr. Poinsot, São Luís diz que os Espíritos têm por missão nos instruir na vida do bem e não aplainar o caminho que devemos trilhar. Afastar-se daí é expor-se a sérios enganos. (PP. 84 e 85)

44. A Revista traz mensagem da Sra. Bertrand, falecida em 1861 e evocada oito dias depois. "Vi levarem o meu corpo, mas logo afastei-me", disse seu Espírito. "O Espiritismo desmaterializa por antecipação e torna mais súbita a passagem do mundo terrestre ao mundo espiritual." (PP. 87 e 88)

45. O Espírito da Srta. Pauline M... disse que sentiu uma perturbação no instante da morte; ela julgava não estar morta, e tal fato durou seis semanas. (P. 91)

46. Em Mulhouse, um Espírito escreveu: "O Cristo foi o iniciador da moral mais pura, a mais sublime: a moral evangélica cristã, que deve renovar o mundo,

reaproximar os homens e os tornar a todos irmãos; a moral que deve fazer jorrar de todos os corações humanos a caridade, o amor do próximo; que deve criar entre todos os homens uma solidariedade comum; a moral, enfim, que deve transfigurar a Terra e dela fazer uma morada para Espíritos superiores..." (P. 96)

47. Na sequência, explicou o Espírito: "Deus é só e único, e Moisés é o Espírito que Deus enviou em missão para se fazer conhecer, não só aos hebreus, mas ainda aos povos pagãos". (P. 97)

48. Afirmando que os mandamentos dados por Moisés trazem o germe da mais pura moral cristã, concluiu o Espírito: "Foi Moisés quem abriu a estrada; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a acabará". (P. 97)

49. Aludindo à questão social, um Espírito disse, em Varsóvia, que os sistemas que não repousam senão nos interesses materiais são instáveis. É preciso que se baseiem no desinteresse pessoal, mas para isso é necessário ter fé. "Sem a fé, que dá a certeza das compensações da vida futura, o desinteresse é um logro aos olhos do egoísta."(P. 99)

50. O mesmo Espírito disse, ainda: "A harmonia do mundo material é o belo". E ressalvou: "A harmonia do mundo espiritual é o amor, emanação divina que enche os espaços e conduz a criatura ao seu Criador". (P. 100)

51. A Revista transcreve mensagem de Adolphe, bispo de Alger, que fala sobre a missão dos que deixam pátria e família para ir evangelizar tribos ignorantes e ferozes. A isso ele chama de Espiritismo e aduz. "Não vos arreceeis desta palavra. Sobretudo, não riais, porque é o símbolo da lei universal, que rege os seres vivos da Criação". (PP. 100 e 101)

52. Dissertando sobre a ingratidão, ensina Sócrates: "Sabei que, se aquele a quem prestais serviço esquece o benefício, Deus vo-lo terá mais em conta do que se já tivésseis sido recompensado pela gratidão do vosso favorecido". (P. 103)

53. A Revista publica opinião do Sr. Louis Jourdan sobre "O Livro dos Espíritos", em que o escritor diz que, consideradas em conjunto, as respostas do L.E. constituem uma doutrina, uma moral, talvez uma religião. (P. 109)

54. Na sequência, Kardec comenta a opinião do escritor francês. (PP. 113 a 116)

55. Kardec diz então que a questão das mesas e pranchetas é inteiramente acessória e não a principal. Elas foram o prelúdio dos grandes e poderosos meios de comunicação, como o alfabeto é o prelúdio da leitura corrente. (PP. 114 e 115)

56. Mostrando a utilidade da mediunidade, Kardec lembra que não faltam os inimigos no mundo dos Espíritos. Lá como cá, os mais perigosos são os que não conhecemos. O Espiritismo prático nos permite conhecê-los. (P. 116)

57. A Revista transcreve a análise que o Sr. Escande fez, no jornal *Mode Nouvelle,* da obra "História do Maravilhoso", do Sr. Louis Figuier. (P. 117 a 125)

58. Analisando um artigo publicado pelo ***Siècle*** de 4-2-1861, Kardec diz que entre os antigos o vocábulo *deus* tinha um significado muito elástico: era uma qualificação genérica, aplicada a todo ser que lhes parecia elevar-se acima do nível da humanidade. Tal é, em substância, o princípio da Mitologia. Os deuses não eram senão os Espíritos de simples mortais, que se manifestavam naquela época, como hoje se dá. (PP. 126 e 127)

59. O Cristianismo despojou esses *deuses* de seu prestígio e o Espiritismo os reduziu, hoje, ao seu justo valor, mostrando que só existe um Deus, o Criador de todas as coisas. (P. 127)

60. Alfred Leroy, de 50 anos, fisionomia distinta, enforcou-se a caminho de Charenton. Numa carta achada em seu bolso, Alfred diz que recorreu ao suicídio por haver sido abandonado à própria sorte. Evocado uma semana depois, na Sociedade

Espírita de Paris, seu Espírito disse que o suicídio era uma prova contra a qual tinha de lutar. (PP. 127 e 128)

61. São Luís, esclarecendo o caso Leroy, disse que a expiação e o sofrimento seriam a consequência do seu gesto, porque a culpa é bem maior quando o homem é levado ao suicídio por haver sucumbido à tentação. (PP. 130 e 131)

62. Jules Michel, morto aos 14 anos e evocado oito dias depois de sua morte, tinha dúvida de haver morrido. Ele podia ver sua mãe e seus irmãos, e mesmo o seu corpo, deitado, todo duro, mas sentia não estar mais nele. (P. 131)

63. Jules Michel explicou, falando de sua desencarnação: "Estava entorpecido; queria mover-me e não podia; as mãos estavam molhadas de suor e sentia um grande trabalho em meu corpo; depois nada mais senti e despertei muito aliviado; não sofria mais e estava leve como uma pluma. Então me vi em meu leito e, contudo, não estava nele..." (P. 132)

64. Mensagem enviada a Kardec pelo Conde X..., de Roma, diz que, não sendo uma lei nova, o Espiritismo está destinado a restabelecer a unidade da crença, pois ele é a confirmação e o esclarecimento do Cristianismo. (PP. 133 e 134)

65. Falando sobre a inveja nos médiuns, o Espírito de Luos diz que há muitos médiuns que se tornam vãos, em vez de humildes, à medida que seus dons se desenvolvem, e repelem com isso comunicações importantes. (P. 137)

66. No médium -- conclui Luos -- a inveja é tão temível quanto o orgulho. Não é mostrando-se invejoso dos dons do vizinho que o médium receberá dons semelhantes. (P. 138)

67. Comentando a mensagem, Kardec diz que os Espíritos simpatizam com os médiuns em razão de suas qualidades ou de seus defeitos; ora, os defeitos que mais afastam os bons Espíritos são o orgulho, o egoísmo e o ciúme. (P. 138)

68. Em seu discurso anual na Sociedade Espírita de Paris, Kardec rejeita a ideia de se tornarem públicas as sessões da Sociedade, reafirmando que primeiro a pessoa deve estudar para depois assistir às manifestações. (P. 140)

69. O Espiritismo é uma Ciência -- assinala Kardec -- e, como qualquer ciência, não se aprende brincando. (P. 142)

70. Outra crítica feita à Sociedade, segundo lembrou Kardec, diz que ela se ocupava de coisas insignificantes, por abster-se de tratar de questões políticas e religiosas. Kardec refutou, em seu discurso anual, essa crítica. (P. 143)

71. Kardec agradeceu, em sua fala, o concurso recebido não só dos Espíritos, mas também dos médiuns, afirmando que o mundo dos Espíritos os espera e lá todos os devotamentos serão compensados, na medida do desinteresse, da humildade e da abnegação aqui demonstrados. (P. 144)

72. Aludindo aos princípios básicos do Espiritismo, Kardec diz que todas as comunicações que lhe chegam de fora os têm confirmado, até mesmo no tocante à reencarnação, aceita agora pela força da evidência. (P. 145)

73. Analisando um curioso fato ocorrido na Lituânia, onde o cólera atingiu muitas pessoas, São Luís explica que um flagelo material não reveste a aparência humana. E, a propósito disso, Kardec reitera o ensinamento de que todos os deuses do paganismo não têm outra origem senão as manifestações espíritas. (PP. 148 e 149)

74. A Revista noticia interessantes fatos de transporte ocorridos em Orléans, e informa que tais fatos tanto podem se dar com o médium adormecido como em vigília. (PP. 150 a 153)

75. As flores transportadas são colhidas pelo Espírito nos jardins. Os bombons são tirados do lugar onde lhe apraz. No caso noticiado, o anel foi retirado do túmulo e levado à filha da mulher falecida, a quem ele pertencera. (PP. 154 e 155)

76. O Dr. Glas, espírita fervoroso, morto aos 35 anos de idade, evocado a pedido de seu pai, diz que se encontrava com frequência junto da esposa, do filho e do pai. Mesmo estando na Sociedade, ele podia vê-los em casa, sem esforço; mas Kardec ressalva que um Espírito inferior não o poderia. "Os que têm uma certa elevação são os que podem ver simultaneamente de pontos diferentes", ensina Kardec. "Os outros estão ainda muito terra-a-terra." (PP. 152 e 153)

77.O Dr. Glas confirmou que os Espíritos passam através de tudo, como tudo passa através deles. (P. 159)

78. Podendo, em estado fluídico, ocupar o mesmo assento ocupado por um encarnado, se o corpo espiritual ficasse tangível ele teria, forçosamente, de mudar de lugar, reconstruindo-se ao lado. (P. 160)

79. Kardec explica: "No estado normal, isto é, fluídico e invisível, o perispírito é perfeitamente penetrável à matéria sólida; no estado de visibilidade, já há um começo de condensação que o torna menos penetrável; no estado de tangibilidade, a condensação é completa e a penetrabilidade desaparece". (P. 160)

80. Kardec diz a Jobard não ser possível obter provas materiais de identidade do Espírito de personagens antigas. O nome nesses casos não é relevante e só se deve ligar-lhe uma importância secundária. (PP. 162 e 163)

81. Depois da morte -- diz Kardec --, a alma reflete as qualidades e defeitos que tinha na vida corporal. (P. 166)

82. Devem ser consideradas, assim, como apócrifas as comunicações que, em todos os pontos, desmintam o caráter do Espírito cujo nome levam. É, contudo, injusto lhes condenar o conjunto, por algumas manchas parciais. (P. 167)

83. Falando sobre as artes, Lamennais afirma que a música, a seu ver, é a arte que vai mais diretamente ao coração. A pintura, a arquitetura, a escultura atingem primeiro o cérebro. "Numa palavra, a música vai do coração ao espírito, a pintura do pensamento ao coração", diz o Espírito, esclarecendo que a música séria, religiosa, eleva a alma e os pensamentos, enquanto a música leve faz vibrar apenas os nervos, nada mais. (P. 167)

84. Felícia conta que há festas frequentes no mundo espiritual, e elas têm um encanto indescritível. (P. 168)

85. Ferdinand, em mensagem dada em Bordéus, assevera que o Espiritismo é a aplicação da moral evangélica, pregada pelo Cristo, em toda a sua pureza, e os homens que o condenam sem o conhecer são pouco prudentes. (PP. 168 e 169)

86. Kardec informa quem foi Channing: William Ellery Channing, nascido em 1780 em Newport e falecido em 1842, em Boston, o qual se tornou em 1803 ministro da capela unitária -- uma seita protestante -- de Boston. (P. 173)

87. Reproduzindo partes de um discurso feito por Channing em 1834, Kardec mostra que sua descrição da vida futura concorda perfeitamente com a doutrina ensinada pelos Espíritos duas décadas mais tarde. (PP. 177 e 178)

88. O grande poeta Milton, citado por Channing, emite sobre o mundo invisível uma opinião conforme à de Channing, a qual é também a dos espíritas modernos. Eles eram, diz Kardec, espíritas por intuição, e não o sabiam. (P. 178)

89. Kardec acusa o recebimento de uma carta do Sr. Roustaing, advogado em Bordéus. (P. 179)

90. Na carta, Roustaing fala de seus estudos espíritas, diz compreender que a Terra é um lugar de exílio, um mundo de provas ou de expiação, e afirma sua crença na reencarnação, como realidade e não como alegoria. (PP. 179 e 180)

91. A reencarnação -- diz Roustaing -- ao mostrar que não há rei que não descenda de um pastor, nem pastor que não descenda de um rei, apaga todas as vaidades terrenas, liberta do culto material e nivela moralmente a todos. (P. 182)

92. Comentando a carta de Roustaing, Kardec considera-o espírita sério e elogia a declaração com que Roustaing fechou sua carta: "Eu me honro de ser altamente e publicamente Espírita". (PP. 182 e 183)

93. A Revista transcreve um poema intitulado "A Prece", de autoria do Espírito de Joly, que define a prece como "um impulso de amor, de fluídico ardor que se escapa da alma e se eleva ao Senhor". (PP. 184 e 185)

94. "Orar não muda em nada a lei do Pai Eterno", diz Joly, "mas o coração paterno derrama o seu influxo no que o implora". Kardec comenta afirmando que, certamente, Deus não derroga suas leis a pedido nosso, mas a prece age, principalmente, sobre aquele que é seu objeto, inspirando-o ao arrependimento e ao desejo de reparar seus erros. (PP. 185 e 186)

95. Comentando o caso do Marquês de Saint-Paul, que antes de morrer teve a revelação do mundo que ia habitar, Kardec diz que o fenômeno do antecipado desprendimento da alma é muito frequente: antes de morrer, muitas pessoas entreveem o mundo dos Espíritos, suavizando assim, pela esperança, o pesar de deixar a vida. (P. 187)

96. Nos seus últimos momentos, o Marquês, estando com sede, dizia: "Ele tem sede", reportando-se ao corpo físico, que ele distinguia nitidamente do "eu" pensante, que está no Espírito. (P. 188)

97. Evocado por Kardec, ele declarou estar num estado transitório, em que as virtudes humanas adquirem seu verdadeiro preço. Seu estado era mil vezes preferível ao da encarnação terrena, mas sua alma só seria saciada quando pudesse voar aos pés do Criador, nosso Pai. (P. 188)

98. Kardec evoca o célebre calculador e pastor Henri Mondeux, um homem iletrado que desde os dez anos se fez notar pela prodigiosa facilidade com que resolvia de cabeça as mais complicadas questões de Aritmética. (PP. 188 e 189)

99. Explicando sua missão, que foi espantar os matemáticos, Mondeux diz que seu Espírito foi preparado para ver os números que outros Espíritos lhe forneciam; ele não passava, pois, de um médium ao dar suas respostas. (P. 191)

100. A Sra. Anais Gourdon, evocada a pedido do pai e do marido, diz ser feliz no mundo espiritual. "O céu não me causa terror -- diz ela -- e espero confiante e com amor que as asas brancas me cresçam." Kardec, estranhando tais ideias, afirma que as asas dos anjos, arcanjos e serafins não passam de atributo imaginado pelos homens. (P. 192)

101. Os Espíritos puros podem, no entanto, aparecer aos homens com esse acessório, para responder ao seu pensamento, como outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra para se tornarem conhecidos. (P. 192)

102. Kardec, ao noticiar a morte do Sr. Laferrière, diz que, se fosse feita uma estatística das causas que levam aos desarranjos do cérebro, se veria que o desespero responde, pelo menos, com 80% das ocorrências. (P. 194)

103. A imprensa noticiou que o Sr. Laferrière tinha sentimentos religiosos; contudo, esses sentimentos não o impediram de sucumbir ao desespero, o que poderia ter sido prevenido caso ele tivesse ideias menos vagas sobre o futuro, como as que oferece o Espiritismo, que prova a inexistência real da morte. (P. 194)

104. O suicídio do Sr. Léon L..., 25 anos, empresário de ônibus, que não suportou a morte da esposa, causou viva impressão na região, onde era muito estimado. Ele matou-se para ir unir-se à esposa, um equívoco que teria sido evitado, se Léon soubesse, pelo Espiritismo, a sorte dos suicidas. (P. 195)

105. Kardec cita um fato em que a comunicação do Espírito do esposo fez sua ex-mulher abandonar o propósito de vingar-se do médico, julgado por ela responsável, por imperícia, pela morte do primeiro. (PP. 195 e 196)

106. Erasto conclama os espíritas: "Ide e pregai a palavra divina". (P. 197)

107. Na mesma mensagem, Erasto ensina como conhecer os espíritas que estão no bom caminho. (PP. 198 e 199)

108. Um Espírito afirma que o tédio não atinge quem vive pelo espírito e cujas faculdades tendem para um objetivo certo. O tédio, diz ele, não resulta senão do vazio da alma e da esterilidade do pensamento. (P. 199)

109. Lamennais diz que faltam às palavras cor e forma para exprimir o perispírito e sua natureza, mas uma coisa é certa: o perispírito é o envoltório fluídico material da alma. (P. 201)

110. O perispírito -- diz Lamennais -- é, para os Espíritos, o agente pelo qual eles se comunicam conosco, quer indiretamente, quer diretamente. (P. 202)

111. Falando da separação da alma após a morte, Ferdinand diz que, quando se é ignorante, e sobretudo quando muito culpado, um véu espesso oculta do Espírito as belezas da morada onde vivem os bons Espíritos, e ele se encontra só ou na companhia de Espíritos malvados e inferiores, num círculo que não lhe permite ver onde está. (P. 205)

112. Kardec afirma que os fatos provam que existem verdadeiras aparições, explicadas perfeitamente pela ciência espírita e só negadas pelos que nada admitem além do mundo visível. (P. 207)

113. Há casos, porém, em que as imagens podem ser um efeito das impressões deixadas pela vista de certos objetos no cérebro, que lhes conserva os traços, como conserva os sons. A alma, desprendida do corpo, vê no próprio cérebro essas impressões, que nele ficaram como uma chapa fotográfica. Eis a causa provável das alucinações. (P. 208)

114. A ideia fixa -- afirma Kardec -- é a lembrança exclusiva de uma impressão. A alucinação é a visão retrospectiva, pela alma, de uma imagem impressa no cérebro. (P. 209)

115. Nas aparições há, como em todo fenômeno espírita, o caráter inteligente, que é a melhor prova de sua realidade. Toda aparição que não dá qualquer sinal inteligente pode ser posta no rol das ilusões. (P. 210)

116. É sobretudo na Medicina que o elemento espiritual representa um papel importante. Quando os médicos o levarem em consideração, enganar-se-ão menos do que agora. (P. 211)

117. O fenômeno da aparição pode dar-se de duas maneiras: ou é o Espírito que vai encontrar a pessoa que o vê; ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar a outra. Kardec cita a respeito três casos. (P. 211)

118. O mais interessante deles é o caso ocorrido com o médico Dr. Félix Mallo, que tratara de uma jovem senhora, a quem recomendara passar algum tempo no interior do país. Seis meses passados, alguém bate à porta de seu consultório. Era a sua cliente que vinha para dizer: "Senhor Mallo, venho dizer-vos que morri". (P. 211)

119. O fato de aparição mais notável é, porém, o ocorrido com o Sr. Robert Bruce, noticiado pelo *Oxford Chronicle* de 1º/6/1861 e referido pelo Sr. Robert Dale Owen, que atestou a sua veracidade antes de narrá-lo em livro. (P. 214)

120. A Revista transcreve mensagem de Jules P..., que prova que os laços terrenos, quando sinceros, não se rompem na morte. (P. 215)

121. Kardec publica carta recebida do presidente da Sociedade Espírita do México, em que este faz curta exposição do histórico do Espiritismo naquele país. (PP. 218 e 219)

122. No mesmo dia, chegou a Paris carta do Sr. Repos, advogado em Constantinopla, informando que ali já se podia contar com um grande número de médiuns escreventes. Soerguimento de mesas, batidas, transporte de objetos,

desenhos, composições musicais -- eis os fenômenos até então registrados pelos espíritas da referida metrópole. (P. 220)

123. A Revista transcreve notícia publicada no *Herald of Progress*, de Nova York, jornal dirigido por Andrew Jackson Davis, considerado um dos pioneiros do Espiritismo. (P. 221)

124. Comentando os desenhos mediúnicos descritos no citado jornal, Kardec diz que os médiuns americanos têm uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, de que estão longe os médiuns europeus. (P. 224)

125. Inquiridos por Kardec, os Espíritos explicaram: "A cada um o seu papel. O vosso não é o mesmo; e Deus não vos deu a menor parte na obra da regeneração". (P. 224)

126. Informando que do outro lado do Atlântico se dizia que os europeus estavam muito atrasados em Espiritismo, Kardec dá o troco, criticando o instinto mercantil que tomou conta da prática da mediunidade na América do Norte. Para provar, transcreve inúmeros anúncios publicados em jornais americanos. (PP. 224 e 225)

127. O tráfico do Espiritualismo estendeu-se até aos objetos comuns -- como os "fósforos espirituais", sem fricção e sem cheiro, divulgados no *Spiritual Telegraph*, de Nova York. (P. 226)

128. Em 1859, segundo o *Spiritual Register*, havia 1.284.000 espiritualistas nos Estados Unidos. O número total no mundo, segundo o jornal, era avaliado em 1.900.000. Havia na mesma época, consagrados à causa, 1.000 oradores espiritualistas, 40.000 médiuns públicos e privados, 500 livros, 6 jornais semanais, 4 mensais e 3 quinzenais. (P. 226)

129. Reportando-se aos falsos médiuns, Kardec diz que o pior são as armas que eles fornecem aos incrédulos e o descrédito que lançam no espírito dos indecisos. Kardec lamenta ainda a ação dos chamados médiuns mercenários. (P. 227)

130. Comentando um relato sobre visões publicado pelo *Spiritual Magazine*, de Londres, Kardec reitera que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível e que, por isso, não pode haver aparições de animais. (PP. 227 a 229)

131. Mensagem de Erasto e Timóteo explica que os Espíritos se comunicam com os Espíritos encarnados e também com os Espíritos desencarnados, pela simples radiação de seu pensamento. (P. 232)

132. Quando encontram num médium o cérebro aparelhado de conhecimentos adquiridos na vida atual e o Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, dele se servem com preferência, porque com ele o fenômeno é mais fácil. (P. 232)

133. É que, neste caso, encontram no cérebro do médium os elementos próprios para revestir seu pensamento com a vestimenta da palavra -- seja o médium intuitivo, semimecânico ou mecânico. É por isso que os ditados obtidos pelo médium, embora de Espíritos diferentes, têm na forma e no tom o cunho pessoal do médium, visto que ele influencia a forma da mensagem pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. (P. 232)

134. O Espírito é como alguém que pode mostrar sua música num piano, numa flauta ou num contrabaixo. (P. 233)

135. Se ele dispuser, no entanto, apenas de um apito ou de uma simples gaitinha, como irá apresentá-la? (P. 233)

136. Explicando que as perguntas a serem feitas aos Espíritos devem ser lidas previamente ao médium, para que ele se identifique com o Espírito do evocador, Erasto e Timóteo reiteram que os Espíritos não necessitam revestir seu pensamento: eles percebem e comunicam o pensamento pelo simples fato de o possuírem. (P. 234)

137. Fénelon diz que, se os homens conhecessem a força da prece do coração, quantas pessoas arrastadas pela fraqueza teriam recorrido a ela no momento da queda! "Tu és -- declara ele -- o precioso antídoto que cura as feridas, quase sempre mortais, que a matéria abre no Espírito, fazendo correr em suas veias o veneno das sensações brutais." (P. 238)

138. Assevera Fénelon: "A boa prece é a que parte do coração; não é palavrosa; apenas, de vez em quando, deixa escapar seu grito a Deus em aspirações, em angústias ou pedido de perdão, como implorando venha em nosso socorro, e os bons Espíritos a levam aos pés do Pai justo e terno, e esse incenso lhe é perfume agradável". (P. 238)

139. A Revista comenta notícia publicada pelo *Le Siècle*, de 4/7/1861, sobre a morte de Pierre Valin, o soldado que se julgava morto e falava de si mesmo na terceira pessoa. (P. 239)

140. Kardec afirma que todos os magnetizadores sabem que é muito comum aos sonâmbulos falarem na terceira pessoa, fazendo assim distinção entre a personalidade de sua alma e a do corpo. (P. 242)

141. O princípio inteligente (alma) é como esses gases que não se prendem a certos corpos senão por uma coesão efêmera e que escapam ao primeiro sopro. Há sempre uma tendência a se desembaraçar de seu fardo corpóreo, desde que a força que mantém o equilíbrio cesse de agir por uma causa qualquer. Só a atividade harmônica dos órgãos mantém a união íntima e completa entre alma e corpo; mas, à menor suspensão dessa atividade, a alma retoma o voo: é o que acontece no sono, no meio-sono, na catalepsia, na letargia, no sonambulismo, no êxtase e em certos estados patológicos. (P. 242)

142. Uma porção de fenômenos espirituais não têm outra causa senão a emancipação da alma. (P. 242)

143. Kardec volta a criticar a prática observada na América, onde se considera natural que os médiuns se façam pagar. Isto é bem típico de um país onde *time is money*, observa o Codificador. (P. 246)

144. A Revista transcreve os diálogos mantidos por Kardec com o Espírito de Don Peyra, prior de Amilly. (P. 246)

145. Depois de explicar que ainda se ocupava de Química no plano espiritual, Don Peyra disse que os Espíritos não têm por missão ajudar aos homens em pesquisas semelhantes às que ele fazia -- em busca de um tesouro. (PP. 249 e 250)

146. Em carta a Kardec, J. B. Borreau fala que Dom Peyra, ao fixar-se em Amilly, obteve ali belas curas, obtidas por meio do magnetismo e da eletricidade. Vendo, porém, que os negócios não iam tão bem quanto desejava, empregou o charlatanismo e praticou, com sua máquina elétrica, artes mágicas que o fizeram passar por feiticeiro. (P. 252)

147. Criticando o charlatanismo, Kardec diz que os médiuns ganhariam cem vezes mais em consideração o que deixam de ganhar em proventos materiais. Para viver, há atividades mais honestas do que explorar os "mortos". (P. 255)

148. Os médiuns levianos e pouco sérios atraem Espíritos de mesma natureza. Eis por que suas comunicações são marcadas por banalidades, frivolidades, ideias sem ordenação e, às vezes, muito heterodoxas em matéria espírita. (P. 256)

149. Mais vale repelir dez verdades -- diz Erasto -- que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa. (P. 257)

150. Se, pois, o médium der motivo legítimo de suspeita, devemos repelir suas comunicações, pois há uma serpente oculta na grama -- eis como Erasto trata a necessidade de analisar com rigor todas as comunicações. (PP. 257 e 258)

151. Erasto diz que para a obtenção do transporte de objetos é necessário dispor de médiuns sensitivos, isto é, dotados no mais alto grau das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, visto que seu sistema nervoso, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar ao seu redor seu fluido animalizado. (P. 258)

152. Em geral, diz Erasto, são e continuarão sendo muito raros os casos de transporte de objetos. (P. 259)

153. É que precisa existir, entre o Espírito e o médium, uma certa afinidade, uma certa analogia, uma certa semelhança que permita à parte expansiva do fluido perispírito do médium misturar-se, unir-se com o do Espírito. (P. 259)

154. Para produzir tais fenômenos, é necessário que as necessidades do Espírito-motor sejam aumentadas por algumas do medianeiro: é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos medianímica, é apanágio exclusivo do encarnado e, por isso, o Espírito-operador é obrigado a impregnar-se dele. (P. 259)

155. Advertindo que, se não tivéssemos outros meios de convicção, além dos fenômenos, não seríamos a centésima parte dos espíritas que somos, Erasto recomenda: "Falai ao coração. É por ele que fareis mais conversões sérias". (P. 261)

156. A Revista transcreve mensagem obtida pelo Sr. D'Ambel na Sociedade Espírita de Paris, na qual fica claro que os fatos mediúnicos não se podem manifestar sem o concurso consciente ou inconsciente do médium, e que só entre os encarnados, Espíritos como nós, é que podemos encontrar os que podem servir de médiuns. (P. 264)

157. Certamente os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos olhos dos animais, mas isso não significa que possam ser mediunizados os animais ou a matéria inerte. (P. 264)

158. Dizendo que os homens empregam tudo quanto têm de força e de energia na aquisição de bens terrenos, o Espírito de Byron adverte: "Insensatos! De um instante para outro o anjo da libertação vai bater-vos à porta: sereis forçados a abandonar todas as quimeras; sois proscritos que Deus pode chamar à mãe-pátria a qualquer instante". (P. 266)

159. "Não edifiqueis palácios nem monumentos: uma tenda, roupa e pão -- eis o necessário", assevera Byron. "Contentai-vos com isto e o vosso supérfluo dai-o aos vossos irmãos necessitados de abrigo, roupa e pão." (P. 266)

160. Em linda mensagem, que pode ser vista n'O Livro dos Médiuns, Jean-Jacques Rousseau diz: "Se o Espiritismo ressuscitar o Espiritualismo, devolverá à sociedade o impulso que dá a uns dignidade interior, a outros a resignação, a todos a necessidade de elevar-se para o Ser Supremo, esquecido e desconhecido por suas ingratas criaturas". (P. 267)

161. Adolphe, Bispo de Alger, lembra-nos as palavras do Cristo: "Os pobres sempre os tereis!" (P. 269)

162. Sendo a Terra lugar de expiação, sempre haverá aqui pobres a expiar seus abusos e erros do passado. (P. 269)

163. Adolphe aconselha evitemos ver, em todos os pobres, culpados em punição: "Se a pobreza é para alguns uma severa expiação, para outros é uma prova que lhes deve abrir mais rapidamente o santuário dos eleitos". "Sim, sempre haverá pobres e ricos, para que uns tenham o mérito da resignação e os outros o da caridade e do devotamento." (P. 270)

164. Curiosa polêmica se deu na Sociedade Espírita de Paris a partir de uma dissertação em que Lamennais analisou o aforismo de Buffon: **O estilo é o homem.** Divergindo de Buffon, Lamennais afirmou que frequentemente o homem não se reflete

em suas obras, visto que muitos são iluminados por uma centelha divina que os torna maiores. (P. 274)

165. Buffon replicou de forma estranhamente ofensiva, sem poupar escritores ilustres, como Alexandre Dumas, Victor Hugo e o próprio Lamennais. Para Buffon, Lamennais confundiu a forma e o fundo, o estilo e o pensamento. (PP. 274 e 275)

166. Bernardin de Saint-Pierre, citado na polêmica, também se manifestou e, de acordo com Lamennais, disse: "Não, o estilo não é o homem". E apresentou a si mesmo como prova disso, afirmando: "Não mereço toda a reputação literária de que gozei". (P. 281)

167. Lamennais dirigiu, por fim, um recado a Buffon, lembrando-lhe que ele apenas queria dizer que "a inspiração humana muitas vezes é divina" e que não havia nisso nenhuma matéria para controvérsia. (PP. 281 e 282)

168. Depois de toda a polêmica, Erasto observou que Buffon, Gérard de Nerval, Visconde Delaunay, Bernardin de Saint-Pierre conservavam, como Lamennais, os gostos e a forma literária que usavam quando encarnados. (P. 285)

169. Tal fato, diz Erasto, mostra que ninguém abandona instantaneamente suas inclinações, costumes e paixões, ao despir as vestes humanas. "Na Terra, os Espíritos são como prisioneiros que a morte deve libertar." (P. 285)

170. Em face disso, adverte Erasto, é preciso que todos examinemos que proveito temos tirado de nossos estudos espíritas e que melhora moral disso resultou, porque não basta dizer: "Sou espírita". "O que vos é indispensável saber -- assevera Erasto -- é se vossos atos são conforme às prescrições de vossa nova fé, que é (...) *Amor e Caridade*." (P. 286)

171. A Revista examina o caso do Sr. Antonio B... que, dado como morto, acabou sendo enterrado vivo. (P. 286)

172. Evocado, Antonio disse que numa existência anterior ele havia emparedado sua própria mulher, viva, num carneiro, e agora sofrera a pena de Talião que tivera de aplicar a si mesmo! -- olho por olho, dente por dente. (P. 287)

173. Lamennais e Erasto, comentando o caso, confirmam que a expiação de Antonio B... foi solicitada por ele mesmo. Com isso, ele poderá elevar-se a um mundo melhor onde encontrará sua vítima, que já o havia perdoado. (P. 288)

174. Aproveitando o ensejo, Erasto disse que todas as existências se ligam; nenhuma é independente das outras. As preocupações, os aborrecimentos, as grandes dores são sempre consequências de uma vida anterior. (P. 288)

175. Jobard diz, em carta a Kardec, que em Metz ele encontrou, em vez de pobres operários como em Lião, condes, barões, coronéis, engenheiros, militares, antigos alunos da Politécnica e sábios interessados em Espiritismo. (P. 292)

176. Kardec diz que Jobard não quis, com tais observações, menosprezar os operários de Lião: seu objetivo foi unicamente constatar que o Espiritismo conta com adeptos em todas as camadas sociais. (P. 294)

177. Carta enviada pelo Sr. A. Sabò, de Bordéus, informa que os espíritas daquela cidade desejavam criar uma sociedade dependente da de Paris: além da Sociedade principal, em diversos pontos da cidade haveria grupos de 10 a 12 pessoas, onde, de vez em quando, compareceriam membros da Sociedade, para dar os conselhos necessários. (P. 295)

178. A Revista transcreve mensagem obtida em Mulhouse, de um ex-israelita, que afirma que o Espiritismo é a lei de Moisés aplicada à época atual. A religião israelita, diz o Espírito, foi a primeira que emitiu aos olhos dos homens a ideia de um *Deus espiritual*. (PP. 296 a 300)

179. Afirmando que o Cristianismo foi o resultado da segunda revelação, o mesmo Espírito assevera: "O Espiritismo é a chegada de uma era que verá realizar-se

esta revolução nas ideias dos povos". "Sim: o Espiritismo é a terceira revelação. Revela-se a uma geração de homens mais adiantados, de mais nobres aspirações, generosas e humanitárias, que devem concorrer para a fraternidade universal." (PP. 303 e 304)

180. Referindo-se aos novos apóstolos, o Espírito diz como reconhecê-los: "Reconhecê-los-eis pelas obras, e não pelas qualidades que se atribuam. Os que recebem missões do Alto as cumprem, mas não se glorificam; porque Deus escolhe os humildes para divulgar sua palavra e não os ambiciosos e orgulhosos". (P. 304)

181. Aproveitando o recesso da Sociedade Espírita de Paris, Kardec visitou os espíritas de Lião, Sens e Mâcon. Em Lião, diz Kardec, "não é mais por centenas que ali se contam os espíritas, mas por milhares". (P. 305)

182. No ano anterior, havia em Lião um único centro, o de Brotteaux, dirigido pelo Sr. Dijou e sua mulher; agora há diversos centros, em diferentes pontos da cidade, sem contar um grande número de grupos particulares. (P. 306)

183. Kardec diz que do banquete que lhe foi oferecido a 19/9/1861 participaram 160 pessoas, representando os diversos grupos espíritas (no ano anterior havia 30 convivas apenas). (P. 309)

184. Vários discursos foram então pronunciados. A Revista transcreveu os do Sr. Dijou, do Sr. Courtet, do prof. Bouillant, além do discurso feito por Kardec e da epístola dirigida por Erasto aos espíritas lioneses. (PP. 309 a 324)

185. Kardec, abrindo o seu discurso, destacou o prazer que sentia de estar ali juntamente com todos eles, e não o de estar à mesa, visto que um festim de espíritas seria uma contradição. (PP. 312 e 313)

186. Felicitando os lioneses pelos progressos que o Espiritismo havia feito na cidade, Kardec afirmou que esse progresso se fazia em toda parte e em todos os países, numa proporção que ultrapassou todas as esperanças. (P. 314)

187. Aludindo aos adversários do Espiritismo, Kardec disse: "Vendo os benefícios morais que ele proporciona, as consolações que dá, os crimes que já impediu, a gente se pergunta: quem tem interesse em o combater?" (P. 315)

188. E ele mesmo respondeu: os incrédulos, os ignorantes e os que têm interesses materiais a defender. (P. 315)

189. A terceira categoria de adversários é mais perigosa, por ser tenaz e pérfida: para defender interesses que possam ser feridos, combatem na sombra, e as flechas envenenadas da calúnia não lhes faltam. (P. 315)

190. Kardec então lhes propôs continuassem a pregar pelo exemplo e a fazer o Espiritismo compreendido com suas consequências salutares, e os próprios incrédulos seriam forçados a falar dele com respeito. (P. 316)

191. O Cristianismo, ao surgir, teve que lutar contra uma potência terrível: o Paganismo. O Espiritismo nada tem a destruir, porque assenta suas bases no próprio Cristianismo e no Evangelho, do qual é simples aplicação. (P. 316)

192. A moral que ele ensina é boa ou má? É subversiva? Eis a questão. Ora, desde que é a moral do Evangelho desenvolvida e aplicada, condená-la seria condenar o Evangelho. (P. 317)

193. Impedindo inúmeros suicídios, devolvendo a paz e a concórdia a muitas famílias, tornando mansos e pacientes homens violentos e coléricos, dando resignação e consolo aos que não os tinham, reconduzindo a Deus os que o desconheciam, o Espiritismo, longe de antagonista, é o mais poderoso auxiliar da Religião. (P. 317)

194. Em carta dirigida aos espíritas de Lião, Erasto se diz propagandista da liberdade individual, indispensável ao desenvolvimento dos encarnados, e afirma que a igualdade proclamada pelo Cristo é a igualdade ante a justiça de Deus, ou seja, o

direito de subir na hierarquia dos Espíritos e atingir um dia os mundos onde reina a perfeita felicidade. (P. 320)

195. Igualdade diante de Deus é a verdadeira igualdade, assevera Erasto. Ninguém perguntará a nós o que possuímos na Terra, mas o uso que fizemos do que aqui possuímos. (P. 320)

196. Erasto disse ainda que, se o Cristianismo preconizou a igualdade e as leis igualitárias, o Espiritismo oculta em seus flancos a fraternidade e suas leis, obra grandiosa e durável, que os séculos futuros bendirão. (P. 321)

197. Na carta, Erasto sugere aos espíritas lioneses seguirem o exemplo dado pelos espíritas de Bordéus. (P. 322)

198. Ele aconselha também repelir a todos os Espíritos que pregam a divisão e o isolamento. (P. 323)

199. Advertindo sobre o perigo da fascinação, Erasto repetiu um conselho clássico dado por ele em Paris: "é melhor repelir dez verdades momentaneamente do que admitir uma só mentira, uma única teoria falsa". (PP. 323 e 324)

200. Em mensagem dada na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Eugène Scribe admitiu que, com os dons recebidos de Deus, deveria ter feito melhor para a humanidade, em sua última existência terrena. (PP. 325 e 326)

201. Pierre Jouty (Espírito) diz que os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso feito de poderosas faculdades. "Sua alma -- diz Pierre -- está aprisionada num corpo cujos órgãos impotentes não podem exprimir seu pensamento. Esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres." (P. 327)

202. Eles estão moralmente no estado dos letárgicos que veem e ouvem o que se passa ao seu redor, sem poderem exprimi-lo. Assim, troçar, injuriá-los e maltratá-los, como fazem por vezes, é aumentar seu sofrimento. (PP. 327 e 328)

203. Um Espírito disse em Lião que o ciúme é o companheiro do orgulho e da inveja. Invejar o rico é, porém, ignorar que ele é apenas um intendente de Deus: se fizer mau uso de sua fortuna, ser-lhe-ão pedidas contas severas. (P. 330)

204. Também em Lião, foi recebida linda mensagem sobre a caridade. "A caridade, meus amigos, se faz de muitas maneiras. Podeis fazê-la por pensamento, palavras e obras", afirmou o Espírito, que desdobrou a seguir sua ideia. (P. 331)

205. Concluindo a mensagem, seu autor diz: "Eu vos dou esta máxima do Cristo: **Amai-vos uns aos outros**. Praticai esta máxima; uni-vos em torno desta bandeira e dela recebereis a felicidade e a consolação". (P. 332)

206. Após censurar os desmandos de Roma, Dante (Espírito) adverte: "Ó homens que vos dizeis cristãos, vendo o vosso apego aos bens perecíveis deste mundo, dir-se-ia que realmente não contais com os da eternidade. Roma! que te dizes imortal, possam os séculos futuros não buscar o teu lugar, como hoje é procurado o de Babilônia!" (PP. 333 e 334)

207. Pascal (Espírito), comunicando-se em Sens, diz que o mal desaparecerá da face da Terra se a caridade aqui reinar. Em face disso, propõe-nos: "Começai por dar exemplo, vós mesmos; sede caridosos para com todos, indistintamente; esforçai-vos por tomar o hábito de não mais notar os que vos olham com desdém; crede sempre que eles merecem vossa simpatia e deixai a Deus o cuidado de toda justiça, porque a cada dia, em seu reino, ele separa o joio do trigo". (P. 336)

208. A Revista noticia o auto-de-fé de Barcelona, ocorrido a 9 de outubro de 1861. (PP. 337 a 340)

209. Kardec, após aludir à repercussão que o episódio teve na Espanha, onde foi deplorado por diversos jornais, diz que essa data deve ser para os espíritas um dia de festa, e não de luto. Em mensagem transcrita na Revista, Saint Dominique explicou: "Nada é feito inutilmente em vossa Terra nesse sentido; e nós, que inspiramos o auto-

de-fé de Barcelona, bem sabíamos que, assim agindo, contribuiríamos para um grande passo à frente". (P. 340)

210. Kardec fala sobre sua visita aos espíritas de Bordéus, onde o Espiritismo penetrava todas as camadas da sociedade, e transcreve na Revista a saudação que lhe foi feita na cidade por um menino de cinco anos e meio, de nome Joseph, filho do Sr. Sabò, grande líder espírita da cidade. (PP. 343 a 346)

211. Os discursos do Sr. Sabò, do Dr. Bouché de Vitray e de Kardec foram transcritos na Revista. (PP. 346 a 364)

212. Doutor em Medicina, Bouché de Vitray diz em seu discurso que o testemunho da autenticidade de nossa doutrina remonta à noite dos tempos e que os livros sagrados, base do Cristianismo, a relatam. (P. 349)

213. Com o Espiritismo -- diz Dr. Vitray -- os moços abandonam as ilusões da primeira idade e os homens maduros aprendem a levar a vida a sério, vendo-se formar Centros espíritas em todos os pontos do globo. (P. 351)

214. Em sua mensagem aos confrades de Bordéus, Kardec diz não ser médium, no sentido vulgar da palavra, e considera tal fato uma felicidade, que muito o ajudou no desempenho de sua tarefa no Espiritismo. (PP. 356 e 357)

215.A força do Espiritismo tem, segundo Kardec, duas causas preponderantes. (P. 357)

216. A primeira é que ele torna felizes todos os que o conhecem, compreendem e praticam. A segunda é que ele não repousa na cabeça de nenhum homem que possa ser derrubado, porque seu foco está em toda parte. (PP. 357 e 358)

217. Mataram o Cristo, mataram seus apóstolos, e, no entanto, a ideia cristã triunfou, vencendo até a perseguição dos Césares onipotentes. Por que, então, o Espiritismo, que não é senão o desenvolvimento e a aplicação da ideia cristã, não triunfará de alguns trocistas ou de antagonistas que não lhe puderam opor senão uma negação estéril? (P. 358)

218. Ora, até o presente o que opõem os seus adversários? "Troças e negações -- diz Kardec -- que, em boa lógica, jamais passaram por argumentos." (P. 358)

219. Após afirmar que o Espiritismo é estranho a toda questão dogmática, Kardec assevera que o mais belo lado do Espiritismo é o lado moral, e é por suas consequências morais que triunfará, pois aí está a sua força. (P. 359)

220. Os inimigos do Espiritismo, entende Kardec, são de duas ordens: de um lado, os trocistas e os incrédulos. De outro, os interessados em combater a doutrina. Estes não buscam a luz. (P. 360)

221. Se as opiniões estão divididas sobre alguns pontos da doutrina, como saber de que lado está a verdade? "É a coisa mais fácil", responde Kardec. "Para começar, tendes por peso o vosso julgamento e por medida a lógica sã e inflexível. Depois, tereis o assentimento da maioria." (P. 361)

222. Eis um outro critério da verdade, que Kardec considera infalível: "Desde que a divisa do Espiritismo é *Amor e Caridade*, reconhecereis a verdade pela prática desta máxima, e tereis como certo que aquele que atira a pedra em outro, não pode estar com a verdade absoluta". (P. 361)

223. Kardec afirma, sem vacilar, que, em caso de dissidência, ele se separaria abertamente dos que desertassem da bandeira da fraternidade, porque, aos seus olhos, esses não podem ser olhados como verdadeiros espíritas. (P. 361)

224. Kardec diz, na sequência, ser impraticável formar numa cidade grande uma sociedade espírita única, abrangendo todos os espíritas da localidade. E advoga claramente a ideia da criação de grupos múltiplos e menores. (P. 362)

225. "Coisa séria -- afirma Kardec -- é confiar a alguém a suprema direção da doutrina", visto que um indivíduo pode, com ideias errôneas, arrastar a sociedade por uma rampa perigosa e até à sua ruína. (P. 362)

226. O verdadeiro espírita é reconhecido por suas qualidades, e a primeira é a abnegação da personalidade. É, pois, por seus atos que o reconhecemos, mais que pelas palavras. O verdadeiro espírita não é movido pela ambição, nem pelo amor-próprio. (P. 363)

227. A Revista publica a carta que Erasto dirigiu aos espíritas de Bordéus. (PP. 364 a 368)

228. Incentivando-os a manter a concórdia, de que até então deram provas brilhantes, Erasto lembrou aos espíritas bordeleses: "Encarando como subversiva toda doutrina contrária à moral do Evangelho e aos princípios gerais do Decálogo, que se resumem nesta lei concisa: **Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos**, ficareis invariavelmente unidos". (P. 365)

229. No banquete oferecido ao Codificador pelos espíritas bordeleses, falaram o Sr. Lacoste, o Sr. Sabò, o Sr. Desqueyroux e, por fim, Allan Kardec, e seus discursos foram transcritos pela Revista. (PP. 368 a 374)

230. Representando o Grupo de operários espíritas, o Sr. Desqueyroux, mecânico de profissão, afirmou: "Para nós é inefável felicidade havermos nascido numa época em que podemos ser esclarecidos pelo Espiritismo". (P. 371)

231. "Mas -- reconhece Desqueyroux -- não é bastante conhecer e desfrutar essa felicidade. Com a doutrina, contraímos compromissos, que consistem em quatro deveres diferentes: dever de submissão, que nos faça ouvir com docilidade; dever de afeição, que nos faça amar com ternura; dever de zelo, para defender seus interesses com ardor; dever de prática, que nos faça honrá-la por nossas obras."(P. 371)

232. Na sequência, o Sr. Desqueyroux lembrou que "há momentos na vida em que a razão talvez pudesse sustentar-nos, mas há outros em que se tem necessidade de toda a fé que o Espiritismo dá, para não sucumbirmos". (P. 371)

233. Em sua alocução, Kardec disse ser providencial o fato de se inaugurar uma sociedade espírita que se inicia pela reunião espontânea de cerca de 300 pessoas, atraídas não por vã curiosidade, como a de Bordéus. (P. 372)

234. Atribuindo esse interesse à campanha contrária ao Espiritismo feita por um jornalista do *Courrier de la Gironde*, Kardec finalizou seu discurso agradecendo ao autor do artigo por sua involuntária colaboração. (P. 374)

235. A Revista publica duas fábulas em versos, escritas pelo Sr. Dombre, de Marmande, o qual também foi ao encontro espírita realizado em Bordéus. Na segunda, intitulada "O Ouriço, o Coelho e a Pega", seu autor destaca a importância da caridade, quando o coelho ajuda o ouriço, apesar de desestimulado pela pega: "O coelho respondeu: - Nenhuma inquietação/ Nos deverá afastar de impulsos benfeitores;/ Vale bem mais expor-se à ingratidão/ Do que faltar aos sofredores!" *(N.R.: Ouriço é um roedor. Pega é uma ave da família dos corvídeos, de cor preta.)* (PP. 374 a 378)

236. Noticiando a publicação da 2a. edição de "O Livro dos Médiuns", revista e ampliada por Kardec, este diz que, seguindo-a pontualmente, evitar-se-ão os escolhos tão numerosos que costumam chocar os neófitos inexperientes. (P. 379)

237. Comentando o lançamento da 1a. publicação feita pela Sociedade Espírita de Metz, Kardec a elogia e adverte que as publicações intempestivas podem ser mais nocivas do que úteis à propagação do Espiritismo. (PP. 379 e 380)

238. Falando do Espiritismo na América, em que se destaca o trabalho do juiz Edmonds, de Nova York, Kardec transcreve parte de um texto escrito pelo Dr. Edmonds em 1854, três anos antes do advento d'O Livro dos Espíritos: **"De nossa**

conduta depende nosso destino futuro e não de nossa adesão a esta ou àquela seita religiosa, mas de nossa submissão a este grande preceito: AMAR A DEUS E AO PRÓXIMO... Não devemos adiar a nossa conversão. Nós próprios devemos trabalhar pela nossa salvação, não mais tarde, mas *agora*; não amanhã, mas *hoje*". (P. 384)

239. Os espíritas, diz Kardec, têm uma bela e importante missão a cumprir: espalhar a luz em seu redor. (P. 388)

240. Cabe-lhes falar abertamente do Espiritismo, sem afetação e, sobretudo, sem buscar nem forçar convicções, nem fazer prosélitos a todo custo. "*O Espiritismo não deve ser imposto: vem-se a ele porque dele se necessita.*" (P. 389)

241. Partidário decidido da ideia de se criarem vários grupos, em lugar de um só, numeroso, nas cidades maiores, Kardec diz que, quando o primeiro grupo se tornar muito numeroso, que faça como as abelhas: funde outros. (P. 391)

242. Os novos grupos serão outros tantos centros de ação, irradiando em seu respectivo círculo, e mais poderosos para a propaganda do que uma sociedade única. (P. 391)

243. A uniformidade na doutrina, quer a sociedade seja una, ou fracionada, será a consequência natural da unidade de base que os grupos adotarem. Ela será completa em todos os que seguirem a linha traçada pelo *Livro dos Espíritos* e pelo *Livro dos Médiuns*. *(N.R.: Não existiam então os demais livros que compõem o Pentateuco Kardequiano.)* (P. 391)

244. Na constituição dos grupos, uma das primeiras condições é a homogeneidade: uma reunião não pode ser estável, nem séria, se não houver simpatia entre os componentes. (P. 392)

245. O que uma reunião espírita requer, acima de tudo, é o recolhimento. Ora, como estar recolhido se, a cada momento, a gente é distraída por uma polêmica acrimoniosa, e se há, no grupo, pessoas hostis umas às outras? (P. 393)

246. Kardec repete então a classificação dos espíritas constantes do item 28 d'O Livro dos Médiuns. (P. 393)

247. O Codificador chama de verdadeiros espíritas, ou melhor, espíritas cristãos os que não se limitam a admirar a moral espírita, mas a praticam e aceitam. E diz que um grupo formado exclusivamente por elementos desta última classe estaria nas melhores condições, porque entre praticantes da lei de amor e de caridade é que se pode estabelecer uma séria ligação fraternal. (PP. 393 e 394)

248. Tendo por objetivo a melhora dos homens, o Espiritismo não vem procurar os perfeitos, mas os que se esforçam em o ser, pondo em prática os ensinos dos Espíritos. "O verdadeiro espírita -- assevera Kardec -- não é o que alcançou a meta, mas o que seriamente quer atingi-la." (P. 394)

249. A simples lógica demonstra, a quem quer que conheça as leis do Espiritismo, quais os melhores elementos para a composição dos grupos realmente sérios, e são estes que têm a maior influência na propagação da Doutrina. (P. 394)

250. Aquele, pois, que tem a intenção de organizar um grupo em boas condições, deve, antes de tudo, assegurar-se do concurso de alguns adeptos sinceros, que levem a doutrina a sério e cujo caráter conciliatório e benevolente seja conhecido. Formado esse núcleo, far-se-ão as regras precisas para as admissões e a ordem dos trabalhos. (P. 395)

251. Essas regras, segundo Kardec, podem sofrer modificações, mas há algumas que são essenciais à unidade de princípios: o estudo prévio, uma profissão de fé categórica e uma adesão formal à doutrina do *Livro dos Espíritos*. (P. 395)

252. A ordem e a regularidade dos trabalhos -- afirma Kardec -- são igualmente essenciais. (P. 396)

253. Kardec diz também que seria útil que houvesse entre os grupos um ponto de ligação, um centro de ação, formado de delegados de todos os grupos, o que ajudaria de forma significativa a união de todos. (P. 397)

254. O ponto principal, contudo, é para Kardec a composição dos grupos primitivos. Se formados de bons elementos, serão boas raízes que darão bons renovos. Se, porém, forem formados de elementos heterogêneos e antipáticos, de espíritas duvidosos, mais ocupados com a forma do que com o fundo, que consideram a moral como parte acessória e secundária, há que esperar polêmicas irritantes e sem saída, estremecimentos, susceptibilidades e conflitos. (P. 397)

255. A verdadeira propagação, a que é útil e frutífera -- reitera Kardec --, é feita pelo ascendente moral das reuniões sérias. "Sede, pois -- aconselha o Codificador --, sérios em toda a acepção da palavra e as pessoas sérias virão a vós: são os melhores propagadores, porque falam com convicção e tanto pregam pelo exemplo quanto pela palavra." (P. 398)

256. Dizendo que alguns grupos falaram em filiar-se à Sociedade Espírita de Paris, Kardec explica que essa palavra - filiação - seria imprópria, porque suporia uma espécie de supremacia material que não deve existir. As relações da Sociedade de Paris com as demais são relações morais, científicas e de mútua benevolência, mas sem sujeição. (P. 400)

257. Finalizando suas instruções, Kardec lembra que muitos o acusavam de querer fazer escola no Espiritismo. Ora, por que não teria ele esse direito? "Que haja, pois, uma escola, já que assim o querem", responde-lhes o Codificador. "Para nós -- assevera ele -- será uma glória escrever em sua fachada: *Escola do Espiritismo Moral, Filosófico e Cristão*. E convidamos todos os que têm por divisa **amor e caridade**. A todos que se ligam a esta bandeira, todas as nossas simpatias e o nosso concurso jamais faltará." (PP. 401 e 402)

258. A Revista noticia o falecimento, aos 69 anos de idade, do Sr. Jobard, de Bruxelas, presidente honorário da *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas*. (P. 402)

259. Ao abraçar o Espiritismo, Jobard disse que a doutrina da reencarnação o havia ferido como um traço de luz, porque, tudo explicando de maneira tão lógica, era ela a chave que lhe faltava para chegar à verdade tão buscada. (P. 404)

260. Como prometido, a Revista traz passagens de alguns jornais espanhóis que se indignaram com o auto-de-fé de Barcelona, classificado pela imprensa da Espanha como um repugnante espetáculo. (PP. 404 a 407)

261. A Revista traz outra fábula do Sr. Dombre -- "A Toutinegra, o Pombo e o Peixinho" --, na qual o peixe, ao ajudar o pássaro, a quem o pombo recusara auxílio, diz: "No porvir, pelo menos/ Nos grandes não confieis; o clamor da miséria/ Só fracamente ecoa em corações em férias; / Seus dons são o conselho e a condolência./ Mas a cordial assistência/ Só se encontra nos pequenos". *(N.R.: Toutinegra: espécie de pássaro, de plumagem escura e canto ameno.)* (P. 410)

262. Lamennais assevera: "As ideias mudam, mas as ideias e os desígnios de Deus, nunca. A religião, isto é, a fé, a esperança, a caridade, uma só coisa em três, o emblema de Deus na Terra, fica inabalável em meio às lutas e preconceitos". "A religião existe, antes de tudo, nos corações, e assim não pode mudar." (PP. 415 e 416)

Revista Espírita de 1862

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Kardec abre a edição de janeiro de 1862 com um ensaio a respeito da doutrina dos anjos decaídos, afirmando que, conforme a doutrina espírita, nisto concorde com muitos teólogos, os anjos não são seres de criação privilegiada, isentos de trabalho imposto aos outros, mas Espíritos chegados à perfeição por esforços e méritos próprios. (PP. 1 e 2)

2. Se não admitirmos a reencarnação, teremos que admitir que a alma é criada no momento em que se forma o corpo, mas desta crença decorrem vários problemas insolúveis, tais como a diversidade de aptidões e de instintos, a sorte das crianças mortas em tenra idade, a existência dos cretinos e dos idiotas, ao passo que tudo isso se explica naturalmente, se se admitir que a alma já viveu antes e que, ao encarnar-se, traz o que havia adquirido anteriormente. (P. 3)

3. A ideia de anjos rebeldes, anjos decaídos e paraíso perdido, acha-se em quase todas as religiões e no estado de tradição entre quase todos os povos. Ela deve, pois, assentar-se numa verdade. Ora, os Espíritos que, por haverem empregado mal as suas encarnações, são expulsos da Terra e enviados a mundos inferiores, que serão ali senão anjos decaídos? *(N.R.: Foi o que se deu com a chamada* **raça adâmica***, conforme se vê no cap. XI de* **"A Gênese"***.)* (P. 7)

4. Um fato parece apoiar a teoria que atribui uma preexistência aos primeiros habitantes da raça simbolizada na figura de Adão: o seu desenvolvimento intelectual, muito superior ao das raças selvagens atuais, e sua aptidão para trabalhos de arte muito adiantados. *(N.R.: Lembremos que Caim construiu uma cidade em homenagem a seu filho.)* (P. 8)

5. Os Espíritos expulsos de um planeta, uma vez instalados no mundo do exílio, não se despojam subitamente do orgulho e dos baixos instintos que causaram a sua expulsão e durante muito tempo conservam as tendências de sua origem, um resto do velho fermento. O mesmo deve ter acontecido aos Espíritos da raça adâmica, exilados na Terra. Ora, não está aí, de forma claríssima, o pecado original? (P. 10)

6. Afirmando que o vulto atingido pelas comunicações espíritas não permitia fossem todas elas inseridas na **Revista Espírita**, Kardec relaciona e analisa os vários sistemas que poderiam ser empregados na sua divulgação: 1º - Publicações periódicas locais. 2º - Publicações locais não periódicas. 3º - Publicações individuais dos médiuns. (PP. 12 a 14)

7. Na sequência, o Codificador informa que os inconvenientes por ele apontados nos sistemas descritos seriam completamente contornados pela publicação central e coletiva que os srs. Didier & Cie. iriam empreender sob o título de **"Biblioteca do Mundo Invisível"**, que conteria uma série de volumes a serem vendidos separadamente. (PP. 14 e 15)

8. Não visando lucro pessoal com tais publicações, Kardec diz que, no seu caso, a intenção era aplicar os direitos que lhe coubessem em favor da distribuição gratuita de suas obras às pessoas que não as podem adquirir. (P. 15)

9. Dissertando sobre o controle do ensino espírita, o Codificador lembra que os Espíritos orgulhosos podem às vezes valer-se de nomes respeitáveis para pregar suas utopias. Como proceder, então, para ter o controle da autenticidade das comunicações espíritas verdadeiras, uma vez que as assinaturas nem sempre são disso uma garantia? (PP. 15 e 16)

10. Em caso de divergência, diz ele, o melhor critério é a conformidade dos ensinos dados por diferentes Espíritos e transmitidos por médiuns diferentes e estranhos

uns aos outros. Se há um meio de chegar à verdade é, certamente, pela concordância, tanto quanto pela racionalidade das comunicações. Foi isso que contribuiu para o crédito da doutrina exposta em **"O Livro dos Espíritos"**. (P. 16)

11. Em face do critério referido, a Sociedade Espírita de Paris decidiu submeter aos grupos que com ela se correspondem as questões controvertidas. Eis as primeiras delas:

- Qual sistema sobre a origem e a formação da Terra -- o da condensação gradual da matéria cósmica ou da incrustação de quatro satélites de um antigo planeta desaparecido -- é o verdadeiro?
- Existe a alma da Terra?
- Onde se situa a sede da alma humana?
- A Via Láctea é a morada dos Espíritos superiores?
- É verdade que nenhum Espírito humano pode comunicar-se com os homens, somente Deus?
- Que pensar da teoria dos anjos rebeldes, anjos decaídos e paraíso perdido, exposta por Kardec na **Revista**? (PP. 17 a 20)

12. Kardec comenta artigo publicado em dezembro de 1861 pelo sr. Guizot, que parte do princípio de que todas as religiões se fundam no sobrenatural, o que seria certo se se entendesse como tal o que não se compreende. (PP. 20 e 21)

13. Como prova do sobrenatural, Guizot cita a formação do primeiro homem, que foi criado adulto, porque -- diz ele --, sozinho e na infância, não teria podido alimentar-se. (P. 23)

14. Kardec rebate o argumento, lembrando ainda que a questão de um tronco único para a espécie humana é controvertida, porque as leis da antropologia demonstram a impossibilidade material que a posteridade de um só homem pudesse, em alguns séculos, povoar toda a Terra e se transformar em raças negras, amarelas e vermelhas. (P. 23)

15. Após dizer que o Magnetismo e o Espiritismo, reproduzindo os fatos tidos por miraculosos, tirou deles o seu caráter sobrenatural, Kardec lembra que isso não retira de Jesus o seu caráter divino, visto que um milagre produzido pelo Mestre, muito maior do que mudar a água em vinho, alimentar quatro mil homens com cinco pães, curar epilépticos, dar vista aos cegos e fazer andarem os paralíticos, foi ter, em apenas três anos, mudado a face do mundo, sem nada haver escrito e auxiliado tão-somente por alguns obscuros pescadores ignorantes. (PP. 24 e 25)

16. Do México, a **Revista** publica versos do Espírito de Béranger, em que, entre outros pensamentos, o poeta diz: "*Estão caídos os gigantes da glória: escravos, reis, todos serão confundidos, porque, para nós todos, a mais bela vitória cabe ao que mais sabe amar*". (PP. 25 e 26)

17. Surgem mais um livro do Codificador: **"O Espiritismo na sua expressão mais simples"** e **"Revelações de Além-Túmulo"**, pela sra. H. Dozon, médium integrante da Sociedade Espírita de Paris. (P. 27)

18. A **Revista** alude a um testamento hológrafo feito em favor do Espiritismo por um simpatizante. (PP. 28 e 29)

19. Kardec diz ao dr. Morhéry que foi por pura prudência que deixou de publicar notícia, por ele enviada, acerca de fatos muito estranhos ocorridos com a senhorita Godu, que teria "*produzido*" mediunicamente até diamantes. (PP. 29 e 30)

20. Em resposta à mensagem de Ano Novo recebida dos espíritas de Lyon, subscrita por cerca de duzentas assinaturas, Kardec dá-lhes uma série de oportunos conselhos: I - Se um grupo pretende ter ordem, tranquilidade e estabilidade, é preciso que nele reine um sentimento fraterno, porque todo grupo ou sociedade que se formar sem ter por base a *caridade efetiva* não terá vitalidade. II - Reconhece-se o

verdadeiro espírita pela prática da caridade em pensamentos, palavras e atos: todo aquele que nutre em sua alma sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de ciúme ou de inveja, mente a si mesmo se pretende compreender e praticar o Espiritismo. III - O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como matam os povos e as sociedades em geral. (PP. 31 a 34)

21. Mais adiante, o Codificador recomenda afastarem cuidadosamente tudo quanto se refere à política e às questões irritantes, procurando no Espiritismo aquilo que pode melhorar o indivíduo. Eis o essencial. E acrescenta: "Quando os homens forem melhores, as reformas sociais realmente úteis serão uma consequência natural". (PP. 34 e 35)

22. A um padre que suscitou a questão dos milagres, Kardec responde dizendo que os espíritas não têm o mais insignificante milagre a oferecer e, ainda, que o Espiritismo não se apoia em nenhum fato miraculoso. (P. 37)

23. Na sequência, ele assevera que há duas coisas no Espiritismo: o fato da existência dos Espíritos e suas manifestações e a doutrina daí decorrente. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão pelos que não viram ou não quiseram ver. Quando ao segundo, a questão é saber se essa doutrina é justa ou falsa. (P. 39)

24. Kardec acrescenta, na sua resposta ao padre, uma série de comunicações mediúnicas e, dentre elas, uma assinada pelo Espírito de Santo Agostinho, que conclui nestes termos seu pensamento: "Que doutrina dará mais sentimento e ânimo ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade na Terra e o Espiritismo arvora o da fraternidade!... Eis o milagre mais celeste e mais divino que possa acontecer!... Sacerdotes, cujas mãos por vezes estão manchadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, pois as vossas frontes poderão ir quebrar-se na pedra que pisais para subir ao altar!... Não, o Espiritismo não se prende a fenômenos físicos, não se apoia em milagres que falam aos olhos -- ele dá a fé ao coração. Dizei-me, não estará aí o maior milagre?" (PP. 43 a 46)

25. C. Dombre, de Marmande, assina na **Revista** uma fábula espírita intitulada "O Vento", na qual diz o poeta que o Espiritismo, como a árvore que sacudida pelo vento espalha suas sementes por toda parte, espalha também, batido pelo vento da incredulidade, as sementes do amor e do saber austero... (P. 46)

26. Kardec, escrevendo sobre a aceitação da doutrina da reencarnação na América, informa que os Espíritos sempre disseram que mais tarde seria estabelecida a unidade sobre este, como sobre outros pontos. E era o que já começava a ocorrer no continente americano. A propósito disso, o Codificador diz que tal crença não lhe pertence, pois foi ensinada pelos Espíritos a outras pessoas, antes mesmo da publicação d'**O Livro dos Espíritos**. (P. 48)

27. A **Revista** diz que os médiuns americanos, no caso de manifestações físicas, superam em número e força os da Europa, e sua reputação é muito grande, sobretudo depois dos fenômenos atribuídos ao sr. Home. Os abusos por causa disso têm sido inúmeros, visto que, anunciando-se como médiuns americanos, os charlatães, como o sr. Squire, aproveitavam-se da situação para explorar os incautos. A **Revista** reporta-se, assim, a um prospecto referente à presença em Paris do casal Eddwards e Julia Girroodd, apresentados como *médiuns americanos*. (PP. 48 e 49)

28. O prospecto citado prometia divertimentos e números de ilusionismo, mas Eddwards Girroodd era, na realidade, Edouard Girod, procedente não da América, mas de Saint-Flour, Cantal, França. (PP. 49 a 51)

29. A **Revista** notícia a ajuda financeira enviada pela Sociedade Espírita de Paris aos pobres da cidade de Lyon, transcrevendo, em seguida, uma mensagem de Cárita, que foi, na Terra, Santa Irene, a Imperatriz. (P. 52)

30. Cárita agradece o gesto, sobretudo porque a boa ação foi disfarçada sob a capa do anonimato. "A caridade é suave e merece que se a pratique", diz Cárita, lembrando que "pouca coisa é necessária para transformar lágrimas em alegria, sobretudo em casa do trabalhador que não está habituado a felicidade visitá-lo com frequência". (PP. 52 e 53)

31. Em mensagem sobre a Fé, o Espírito de Georges, ex-bispo de Périgueux, diz que a Fé é a irmã mais velha da Esperança e da Caridade, e seu objetivo é erguer o mundo, sendo o Espiritismo a alavanca que deverá ajudá-la. A Fé sem obras, diz Georges, é um semblante de fé, porque a verdadeira Fé é vida e ação. (P. 54)

32. Dissertando sobre a Caridade, o Espírito de Adolfo, ex-bispo de Argel, diz que a Caridade conhece todos os infortúnios, todas as dores e todas as aflições. É a mãe dos órfãos, a filha dos velhos, a protetora das viúvas. Cura as chagas infectas; trata de todos os doentes; veste, alimenta e abriga os que nada têm, mas socorre também os ricos. (P. 56)

33. Lázaro assevera que o esquecimento das injúrias é a perfeição da alma, como o perdão das feridas feitas à verdade é a perfeição do Espírito. E Jesus é, nesse sentido, para todos nós, o modelo a ser seguido. (P. 57)

34. Comentando mensagem de Lázaro, Kardec diz que há duas espécies de instintos: o animal e o moral. O primeiro é orgânico e é dado a todos os seres. O segundo -- propensão para fazer o bem ou o mal -- é privilégio do homem. (P. 59)

35. Em mensagem dada em Paris, o Espírito de Lamennais ensina que as várias ações meritórias para o Espírito após a morte são, principalmente, as do coração, mais que as da inteligência. (P. 60)

36. Desculpando-se por não poder atender as cartas dos leitores que lhe chegavam à média diária de dez, Kardec explica que as evocações, que muitos lhe propunham, só podiam ser feitas quando houvesse interesse geral. (PP. 63 e 64)

37. Kardec analisa o argumento -- proposto pelos adversários da doutrina da reencarnação -- de que a multiplicidade de existências corporais romperia os laços de família. O Codificador diz que se dá exatamente o contrário. (PP. 65 a 67)

38. Referindo-se, em seguida, a Swedenborg, que, nos "*Arcanos*", atribui ao aroma a reprodução das flores, Kardec afirma que o óleo essencial, volátil, que dá o aroma às flores, jamais teve a faculdade reprodutora, que reside unicamente no pólen. (P. 68)

39. Jobard manifestou-se espontaneamente na Sociedade Espírita de Paris e disse de suas impressões no momento da separação de sua alma, em seguida à morte corporal. Após um abalo estranho, toda a sua vida avivou-se claramente em sua memória, desde o nascimento, passando pela juventude, até a idade maura. (PP. 69 e 70)

40. Eis algumas informações prestadas por Jobard: I - Ele se lembrava de suas existências anteriores e achava até estar melhorado. II - Na penúltima existência, foi ele um mecânico roído pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar o seu trabalho, objetivo que realizou como Jobard. III - No recinto da Sociedade, ele podia ver os Espíritos ali presentes e mencionou Lázaro, Erasto e o Espírito de Verdade, além de uma multidão de Espíritos amigos. IV - Dotado agora de maior lucidez, sabia ser um erro o sistema que atribui a formação da Terra à incrustação de quatro planetas. (PP. 71 a 73)

41. Evocado depois, noutro grupo espírita, sendo médium a sra. Dozon, Jobard disse que **"O Livro dos Espíritos"** fizera uma verdadeira revolução na sua alma e um bem impossível de descrever. (P. 75)

42. Meses depois, quando foi aberta pela Sociedade Espírita de Paris uma subscrição em favor dos operários de Lyon, um sócio lançou 25 francos em nome de

Jobard, que agradeceu a lembrança do seu nome e enalteceu o gesto dos amigos, dizendo que ele faria o mesmo, se ainda vivesse em nosso mundo. (P. 78)

43. Quando se cogitou de erguer um monumento ao sr. Jobard, através de subscrição dos seus amigos, interrogado sobre o que pensava, ele respondeu: "Para começar, dái o vosso dinheiro aos pobres; e se, por acaso, nos bolsos dos vossos coletes tiverem ficado algumas moedas de 5 francos, mandai erigir uma estátua". A subscrição foi aberta. (P. 79)

44. Kardec lembra que uma das dificuldades do Espiritismo é a identificação dos Espíritos que se manifestam. As melhores provas, diz ele, são as da espontaneidade das comunicações, mas a identidade dos Espíritos que viveram em eras remotas é mais ou menos impossível de verificar, razão por que se deve ligar aos nomes uma importância relativa. (P. 79)

45. Já não se dá o mesmo com os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos nos são conhecidos e que podem provar a sua identidade por particularidades e detalhes que é preciso, não pedir, mas esperar. (P. 80)

46. A evocação do Espírito de Carrère trouxe tais particularidades, confirmadas depois pelo sr. Sabô. (PP. 80 e 81)

47. Enviada de Haia pelo Barão de Kock, a **Revista** publica mensagem ali recebida, em que o autor espiritual assevera que a reencarnação é uma verdade incontestável e a vida humana, uma escola da perfeição espiritual. (PP. 82 a 85)

48. O mundo progrediu bastante, no aspecto material e nas ciências -- diz a mensagem --, mas está, do ponto de vista moral, ainda muito atrasado. Desconhecendo a lei de Deus, os homens não escutam mais a voz do Cristo. Eis por que Deus lhes dá, como último recurso, a comunicação direta com os Espíritos e o ensino da reencarnação. (P. 86)

49. O Espírito de Nicolas Poussin (1594-1665) diz através do médium A. Didier que a pintura é uma arte que tem por objetivo retraçar as cenas terrestres mais belas e mais elevadas. Poussin afirma que, quando na Terra, raramente viu uma obra-prima que não combinasse o mais elevado idealismo com o mais perfeito realismo. (PP. 86 e 87)

50. Falando sobre os obreiros do Senhor, afirma o Espírito de Verdade que felizes são os que tiverem trabalhado no campo do Senhor com desinteresse e sem outro móvel senão a caridade, porque seus dias de trabalho serão pagos ao cêntuplo do que esperam. E afirma que Deus vai confiar aos que não recuaram diante da sua tarefa os postos mais difíceis na grande obra de regeneração pelo Espiritismo. (PP. 88 e 89)

51. Lacordaire diz que sua alma experimenta um amargo sofrer, quando vê nas pessoas tanto apego às coisas terrenas. Dirigindo-se aos espíritas de Paris, ele aconselha: "Ide à frente dos vossos irmãos sofredores, dái ao pobre o óbolo do dia, enxugai as lágrimas da viúva e do órfão com palavras doces e consoladoras. Levantai o ânimo abatido do velho curvado ao peso dos anos..." "Por toda a parte, à vossa passagem, prodigalizai o amor e a consolação." (PP. 89 e 90)

52. Santo Agostinho recomenda: "Semeai, semeai, e um dia colhereis com abundância". E diz que a vinha esplêndida que deve erguer-se para Deus é o Espiritismo, que devemos manter e propagar, cortando os seus brotos e plantando-os em outro campo para que produzam novas vinhas e outros brotos em todos os países do mundo. (P. 91)

53. Deus não pede, diz Santo Agostinho, que vivamos em privações e austeridades, nem que nos cubramos com o cilício: quer tão-somente que vivamos conforme a caridade e o coração. (P. 91)

54. Devemos arriscar nossa vida para salvar um malfeitor? Lamennais diz que sim e afirma que, fazendo-o, talvez o livremos também, por seu arrependimento, do mundo de crimes em que vivia. (PP. 92 e 93)

55. Elisabeth de França, irmã de Luís XVI, decapitada em 10/5/1794, deu no Havre comunicação versando sobre o mesmo tema, na qual afirma que a verdadeira caridade não consiste apenas na esmola, mas também na benevolência concedida sempre e em todas as coisas ao nosso próximo, inclusive os criminosos. (P. 93)

56. Kardec disserta sobre as bases fundamentais da frenologia, afirmando que os frenologistas dividem-se em materialistas e espiritualistas. Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral. Os espiritualistas dizem que os órgãos não são a causa das faculdades, mas apenas instrumentos de manifestação das faculdades e que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro. (PP. 95 a 98)

57. O Codificador analisa então, à luz da preexistência da alma e da reencarnação, diversas questões que não conseguem ter explicação apenas com a tese esposada pelas duas correntes de frenologistas, como por exemplo a existência no mundo de sábios e de selvagens e a diversidade de temperamento e inteligência em crianças de um mesmo lar. (PP. 98 a 99)

58. A Natureza, segundo Kardec, apropriou os corpos ao grau de adiantamento dos Espíritos que neles devem encarnar. Por isso os corpos das raças primitivas possuem menos cordas vibrantes que as raças mais adiantadas. Ele conclui, portanto, que os Espíritos pertencentes aos povos da raça negra, como todos os Espíritos, são perfectíveis e poderão mais tarde reencarnar em outras raças, sabendo-se que, à medida que as faculdades do Espírito se ampliam, necessita ele de um instrumento físico adequado, como uma criança que cresce precisa de roupas maiores. (PP. 99 a 102)

59. Kardec escreve sobre o crescimento rápido do Espiritismo. "Há várias causas para isto", diz ele. "A primeira, e sem contradição, como já explicamos em diversas circunstâncias, é a satisfação moral que proporciona aos que o compreendem e praticam. Mas esta mesma causa em parte recebe o seu vigor do princípio da reencarnação." (P. 103)

60. A reencarnação é uma chave que abre novos horizontes, que dá uma razão de ser a inúmeras coisas incompreendidas, que explica o inexplicado e concilia todos os acontecimentos da vida com a justiça e a bondade de Deus. Sem a reencarnação, a que atribuir as ideias inatas? a idiotia, o cretinismo, a selvageria, ao lado do gênio e da civilização? a profunda miséria de uns ao lado da felicidade de outros? as mortes prematuras e tantas outras coisas? (P. 106)

61. Concluindo o artigo, o Codificador informa que a admissão da reencarnação ganha terreno diariamente e que na França os seus adversários são em número imperceptível. Mesmo na América, afirma Kardec, onde os adversários da ideia são mais numerosos, a pluralidade das existências corporais começa a se popularizar. (P. 107)

62. A **Revista** relata fatos pertinentes à monomania epidêmica verificada numa parte da Alta Sabóia, contra a qual falharam todos os recursos da medicina e da religião. O único meio que produziu algum resultado foi dispersar os indivíduos por diversas cidades. Segundo Georges, em mensagem transmitida na Sociedade Espírita de Paris, deveriam ser enviados para aquela região magnetizadores, espiritualistas ou espíritas, e não médicos, para se dissipar a legião de Espíritos malévolos que causava ali tantos distúrbios. (P. 108)

63. Comentando o assunto, Kardec afirma que é necessário distinguir a *loucura patológica* da *loucura obsessional*. A primeira é produzida por uma desordem nos

órgãos de manifestação do pensamento. Na segunda não há lesão orgânica. É o Espírito que se acha afetado pela subjugação de outro Espírito que o domina e comanda. (P. 110)

64. Comunicações obtidas em Bordeaux, Haia, Sens, Lyon e Frankfurt, a respeito da teoria dos anjos decaídos, publicada anteriormente por Kardec, concordam inteiramente com a tese exposta na **Revista**. A sã razão, dizem os Espíritos em Bordeaux, não pode admitir a criação de Espíritos puros e perfeitos revoltando-se contra Deus. (PP. 111 e 112)

65. Girard de Codemberg, autor de um livro sobre o Mundo Espiritual, que contém comunicações excêntricas que denotam manifesta influência obsessiva, faleceu em 1858 e, evocado em Bordeaux, reconheceu os vários erros contidos na referida obra, entre eles, a negação da reencarnação que agora ele admitia. (PP. 115 a 118)

66. O Espírito de Jean de La Bruyère, evocado em Bordeaux, afirma que, embora a inteligência do homem tenha avançado, a melhora moral não deu um passo. Ele reconhece, no entanto, que o Espiritismo será mais feliz em suas ações: "Pouco a pouco vos conformareis à sua doutrina e reformareis os vícios que em vida vos apontamos". (PP. 118 e 119)

67. A **Revista** publica dois poemas de Elisa Mercoeur, recebidos pela sra. Cazemajoux, em Bordeaux. (P. 120)

68. O Espiritismo tem mártires? Respondendo a essa questão, Kardec diz, inicialmente, que o Espiritismo jamais se arvorou em rival do Cristianismo, do qual se declara filho. Ele combate o ateísmo e o materialismo e repousa sobre as bases fundamentais de toda religião e sobre a moral do Cristo. "Se renegasse o cristianismo -- assevera Kardec --, ele se desmentiria, suicidar-se-ia." (P. 121)

69. Mártires do Espiritismo, para Santo Agostinho, são os que escutam, a cada passo, palavras insultuosas, como *louco, insensato, visionário,* as afrontas da incredulidade e outros sofrimentos ainda mais amargos. Mas a sua recompensa será bela, porque o lugar que o Cristo prepara aos mártires do Espiritismo será ainda mais brilhante. (P. 122)

70. Lázaro e Lamennais lembram que só a ideia será combatida e ridicularizada, mas que já passou a época das fogueiras e dos tormentos físicos. (PP. 123 e 124)

71. Comentando os ataques feitos ao Espiritismo pelos católicos nos cursos de Teologia e na *Revista Católica*, que atribui a doutrina espírita à obra do demônio, Erasto recomenda que se deve deixá-los falar e agir, porquanto, no fundo de suas consciências, eles sentem que apenas os espíritas estão com a verdade. (PP. 124 e 125)

72. Focalizando ainda o tema perseguição aos espíritas, Santo Agostinho recomenda coragem e trabalho, afirmando que chegará o momento em que não será apenas a portas fechadas que se pregará a doutrina santa do Espiritismo. "Preparai-vos -- aconselha Agostinho -- para as perseguições pelo estudo, pela prece, pela caridade." (P. 125)

73. A **Revista** informa que o livro **"O Espiritismo em sua expressão mais simples"**, do qual já foram vendidos cerca de dez mil exemplares, está em nova impressão com várias correções importantes. Cerca de noventa dias após lançado, o livro já estava traduzido para o alemão, o russo e o polonês. (P. 126)

74. Após mais de um ano de sofrimentos cruéis, faleceu a 21/4/1862 um dos colegas de Kardec, o sr. Sanson. Evocado, a seu pedido, uma hora antes do enterro, Sanson -- que recobrou a lucidez ao cabo de oito horas -- se disse ainda fraco e trêmulo, mas lúcido e sem suas antigas dores. (PP. 127 a 130)

. 75. A **Revista** transcreve o discurso feito por Kardec no enterro de Sanson, o amigo que suportou longos e cruéis padecimentos com uma paciência e uma resignação muito cristãs, dignas do verdadeiro espírita que ele fora. (PP. 132 a 136)

76. Convertido ao Espiritismo pela simples leitura do livro **"O Espiritismo em sua expressão mais simples"**, que ele viu numa vitrine de livraria, o capitão Nivrac desencarnou dez dias depois com as ideias inteiramente mudadas. É que, nesse curto período, ele resolveu ler e leu **"O Livro dos Espíritos"**, **"O Livro dos Médiuns"** e alguns números da **Revista Espírita,** tornando-se um zeloso propagandista do Espiritismo. (PP. 136 e 137)

77. Evocado, o capitão contou que, quando leu o primeiro livro espírita, ficou emocionado, porque viu exposta ali uma doutrina tão clara e precisa, que Deus lhe apareceu na sua bondade e o futuro lhe pareceu menos sombrio. Na sequência, falando sobre a aceitação do Espiritismo pelos oficiais do Exército francês, Nivrac disse ser necessário que a cabeça se torne séria, para que o corpo a siga, e afirmou que com o Espiritismo o oficial compreende melhor o seu dever, confirmando mensagem de outro Espírito que também entende que o soldado espírita é mais fácil de comandar. (PP. 137 a 139)

78. A **Revista** noticia o caso Maximiliano V..., de doze anos, que se suicidou por amor. Evocado, o Espírito do rapaz disse ter sido poeta numa outra encarnação, quando conheceu Elvira, a mesma mulher por quem acabou se matando. Consultado, o Guia do médium informou que a punição do seu ato, apesar da idade, seria terrível. (PP. 139 a 143)

79. Após relatar como se deu a conversão de Gauzy, antigo oficial em Paris, Kardec diz que esta conversão é mais um exemplo da causa mais frequente da incredulidade. Para fazer crer, é necessário fazer compreender. Enquanto forem dadas como verdades absolutas coisas que a razão repele, far-se-ão incrédulos e materialistas. (PP. 143 a 145)

80. Em Bordéus, um padre escreveu uma carta a uma senhora muito idosa e doente, com referências à crença dela no Espiritismo. A filha, Émilie Collignon, respondeu-a ao vigário, dizendo haver encontrado muita força e consolo no Espiritismo e na certeza palpável de que nossos mortos queridos estão sempre perto de nós. A **Revista** transcreveu-as. (P. 146)

81. O suicídio de uma pobre viúva, mãe de três filhos, que foi denunciada por haver furtado um pão a um padeiro que se recusou a dá-lo, é relatado pela **Revista,** seguido de comunicações da suicida e de Lamennais, que afirma que a infeliz mulher é uma das vítimas do nosso mundo, de nossas leis e de nossa sociedade. (PP. 149 a 151)

82. Santo Agostinho dedicou, de forma espontânea, uma mensagem a vários personagens russos de distinção que, após frequentarem durante o inverno as reuniões da Sociedade Espírita de Paris, retornaram à Rússia. Entre diversos conselhos, Agostinho lhes disse: I - Sabei que a caridade não se faz somente com esmola, mas também com o coração. II - Ide e pregai o Evangelho. Deus vos situou no alto, para que todos vos possam ver e vossas palavras sejam bem compreendidas. III - Deus recompensa os que trabalham no seu campo e dá a colheita a todos os que contribuem para o grande serviço. IV - Mostrai a todos que o espírita não fica no meio da estrada para indicar a direção, mas toma do machado e do cutelo e se atira às mais sombrias florestas para rasgar o caminho e desviar os espinhos dos passos dos que os seguem. (PP. 151 e 152)

83. Désiré Léglise, morto em 1851, diz que as paixões, as afeições vivas não são possíveis senão entre criaturas da mesma natureza, entre mundanos e mundanos, entre Espíritos e Espíritos. Com a morte, a afeição não se apaga, mas toma outro caráter, afirma o poeta argelino. (PP. 153 e 154)

84. Cárita destaca, em Lyon, de forma poética, o valor da lágrima na redenção humana. (PP. 155 e 156)

85. Voltaire comunica-se na Sociedade Espírita de Paris e diz que seu cinismo desapareceu diante da revelação das grandes coisas que só ficou conhecendo no além-túmulo. Dizendo-se mais cristão, ele conta: "Sofro, mas expio a resistência que opus a Deus. Tinha a missão de instruir e esclarecer. A princípio o fiz, mas o meu facho se extinguiu nas minhas mãos na hora marcada para a luz!..." (PP. 156 a 158)

86. Em seguida à comunicação de Voltaire, Santo Agostinho assevera que não existe sabedoria sem amor nem caridade. Amor e caridade, diz ele, são as duas virtudes supremas, que unem a criatura ao Criador. (P. 158)

87. Em discurso feito na abertura do ano social na Sociedade Espírita de Paris, em abril de 1862, Kardec lembra as vicissitudes enfrentadas, anos antes, pela Sociedade e confessa ter um dia pensado seriamente em retirar-se. Quatro anos depois de fundada, a Entidade possuía 87 membros ativos, sem contar os sócios honorários e correspondentes, e os princípios por ela adotados serviam, então, à imensa maioria dos espíritas. (PP. 159 a 161)

88. No discurso, Kardec aplaude a feliz ideia de vários membros de organizar reuniões particulares em seus lares, as quais têm a vantagem de estabelecer relações mais íntimas e, além disso, são centros para uma porção de pessoas que não podem ir à Sociedade. Concluindo, o Codificador fala sobre a nova sede da instituição e seus custos. (PP. 165 a 168)

89. A **Revista** publica a segunda comunicação do sr. Sanson, na qual ele fala sobre as sensações experimentadas no momento da morte e diz que, ao recuperar suas faculdades, se viu cercado por numerosos e fiéis amigos. Afirmando que a felicidade, como a entendemos, é uma ficção, Sanson aconselha: "Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e sereis preparados para as impressões que os vossos maiores poetas não poderiam descrever". (PP. 168 a 170)

90. Uma semana depois, Sanson comunicou-se pela terceira vez, informando que: I - Os Espíritos se apresentam no outro mundo sob a forma humana, mas há muita diferença entre o corpo carnal e a maravilhosa fluidez do corpo espiritual. II - Neste não existe feiura, porque os traços perderam a dureza de expressão; a linguagem tem entonações intraduzíveis para nós; o olhar tem a profundeza das estrelas. III - O corpo espiritual é dotado de cabeça, tronco, braços e pernas. IV - A visão dos Espíritos nenhuma relação tem com a visão humana. Além disso, o Espírito pode adivinhar os nossos pensamentos. V - Os Espíritos não se reproduzem, porque não têm sexo. VI - No recinto da sessão, ele viu São Luís *(presidente espiritual da Sociedade)*, o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo e outros. (PP. 171 a 173)

91. David, por meio da sra. Dozon, descreve o último quadro de Ingres, que retrata o menino Jesus entre os doutores do Templo. A obra, diz Lamennais, foi inspirada pela espiritualidade ao artista encarnado. (PP. 173 a 176)

92. A **Revista** noticia a denúncia feita por um padre a respeito dos milhões que Kardec havia amealhado valendo-se do Espiritismo. O Codificador rebate a acusação e conta que a primeira edição de **"O Livro dos Espíritos"** correu por sua conta e risco, porque nenhum editor quis dela encarregar-se. A obra rendeu-lhe cerca de 500 francos. (PP. 176 a 180)

93. Kardec diz que a Sociedade Espírita de Viena, que acabava de entrar em seu terceiro ano, nomeou-o seu presidente de honra. Os planos de divulgação do Espiritismo via jornal em alemão são mencionados na **Revista.** (PP. 180 e 181)

94. Comentando o assunto, Kardec aplaude o rumo adotado pelos confrades de Viena e diz ter aceitado a honra que lhe foi feita, na qual via não uma homenagem à sua pessoa, mas aos princípios regeneradores do Espiritismo. (P. 182)

95. E. Collignon escreve a Kardec protestando contra as palavras usadas em abril/1862 pelo Espírito de Gérard de Codemberg, que se refere aos irmãos que se afastam do Espiritismo chamando-os de *ovelhas sarnentas.* (P. 183)

96. Kardec reconhece que Gérard expressou-se, talvez, um pouco cruamente, mas o fundo de seu pensamento é correto, porque a homogeneidade é o princípio vital de toda sociedade ou reunião espírita. (PP. 183 a 185)

97. A **Revista** publica então, em seguida, mensagem do Espírito de Bernardin, recebida por E. Collignon (a mesma que protestara contra as palavras de Gérard de Codemberg), na qual o comunicante pede sejam excluídos dos trabalhos espíritas os *falsos irmãos*, os curiosos, os incrédulos, visando exatamente à homogeneidade necessária aos grupos espíritas. Bernardin, nessa mensagem, diz ainda: I - O Espiritismo não é uma religião nova, mas a consagração dessa religião *universal* cujas bases foram lançadas pelo Cristo. II - É preciso deixar os caminhos tenebrosos, cheios de precipícios, para entrar no caminho que leva à felicidade. III - Nossa sorte futura está em nossas mãos: a duração de nossas provas depende inteiramente de nós. IV - Para ser mártir não é preciso ser pasto das feras: sejamos mártires de nós mesmos, destruindo todos os instintos carnais, estudando as nossas inclinações, gostos e ideias, desconfiando de tudo o que a consciência reprova. V - O Espiritismo, sob o ponto de vista religioso, é apenas a confirmação do cristianismo. (PP. 186 a 188)

98. Abrindo o número de julho de 1862, Kardec mostra como tudo na vida muda de aspecto quando, pelo pensamento, o homem sai do vale estreito da existência terrena e se eleva na radiosa, esplêndida e incomensurável vida de além-túmulo. Assim fazendo, ver-se-á a vida terrena como uma estação passageira e mais suportáveis se tornarão as tribulações que ela nos oferece. Tal é o resultado da diferença do ponto de vista sob o qual se encara a vida: um nos dá balbúrdia e ansiedade; o outro, a calma e a serenidade. (PP. 191 a 195)

99. Kardec, analisando notícia sobre o aumento de suicídios na França, diz que é simples atribuir todos eles à monomania, que segundo o sr. Gastineau parece ter-se apoderado da espécie humana. Se há suicídios por monomania, ocorrem também, diz Kardec, suicídios voluntários, realizados com premeditação e pleno conhecimento de causa. (PP. 196 a 198)

100. Na falta de uma estatística oficial, Kardec diz que é justo pensar que os casos mais numerosos sejam determinados pelos reveses da fortuna, as decepções e os pesares de vária natureza. Nestes casos, o suicídio não é um ato de loucura, mas de desespero, e a publicidade deles concorre para o seu aumento. (PP. 198 e 199)

101. Concluindo seu pensamento, Kardec diz que é, porém, a incredulidade, a dúvida quanto ao futuro, as ideias materialistas os maiores excitantes do suicídio, porque dão a *covardia moral* que leva a pessoa a matar-se. (PP. 199 a 202)

102. Respondendo a um assinante de Wiesbaden, Kardec analisa a questão das faculdades hereditárias. (P. 202)

103. Para ilustrar seu artigo, o Codificador transcreve duas comunicações escritas por Erasto e São Luís, das quais extraímos os seguintes ensinamentos: I - As semelhanças corpóreas existentes numa família devem-se a uma questão fisiológica, independente da ação espiritual. II - As aptidões e gostos semelhantes resultam do fato de que os Espíritos semelhantes se atraem; daí as famílias de heróis ou as raças de guerreiros. III - Muitas vezes nascem em famílias dignas indivíduos viciosos e maus, que aí são enviados para servirem de pedra de toque daquelas, ou para se aperfeiçoarem sob a influência de um meio virtuoso. IV - O mesmo se dá com Espíritos adiantados moralmente que se reencarnam entre Espíritos atrasados, para mostrar-lhes o caminho do progresso. (PP. 204 e 205)

104. Em qualquer caso, diz São Luís, a conjunção simpática ou a antipatia já existiam anteriormente ao nascimento e são desenvolvidas nas relações familiares, pela imitação e pelo hábito. (P. 205)

105. De Bordeaux, a **Revista** publica o poema "A criança e a visão", em que a menina Gabriela diz à sua mãe que o papai, então falecido, estava junto ao seu leito e sorria para ambas. (PP. 206 e 207)

106. O caso Palmira, que se suicidou com o amante, por lealdade ao marido, visto que não conseguiriam reprimir o seu amor um pelo outro, é narrado pela **Revista.** *(N.R.: Kardec o incluiu depois em* **"O Céu e o Inferno"***, cap. V.)* (P.207)

107. Santo Agostinho, ciente de que Palmira fora, por interesse dos pais, compelida a casar-se com um moço, embora gostasse de outro, diz que suicídios como esses só deixarão de existir quando as batidas do coração não forem mais comprimidas pelos cálculos frios dos interesses materiais. E disse que, como consequência do seu ato, os amantes não se veriam por um longo tempo, sofrendo -- conforme explica Georges -- o duplo suplício do pressentimento e do desejo. (P. 210)

108. Evocada oito dias depois, Palmira deu as seguintes informações: I - Ela nada via, nem mesmo os Espíritos que com ela vagavam no lugar onde estava. II - Ao despertar da morte, tinha frio e, no entanto, queimava. O gelo corria-lhe nas veias e o fogo estava em seu rosto. III - Ali, na reunião, ela via apenas um crepe negro sobre o qual se desenhava, em certas horas, uma cabeça que chorava: era a imagem de um homem que sofria e cuja existência moral na Terra ela matara para muito tempo. Kardec comenta, na sequência, a comunicação de Palmira. (PP. 210 a 212)

109. Em mensagem dada em Bordeaux, um Espírito diz que Deus permite aos que se amam sinceramente, e souberam sofrer com resignação, reunir-se no mundo dos Espíritos, onde progredirão juntos, a fim de obterem reencarnações em mundos mais elevados, nos quais poderão unir-se pelos laços que mais convierem aos seus corações. (PP. 213 a 215)

110. O Espírito de Verdade, lembrando que todos os dias estamos expostos a empreender a mais importante de todas as viagens, recomenda-nos que estejamos preparados para esse momento e ensina que o mapa que nos permitirá conhecer o país para onde iremos é a iniciação nos mistérios da vida futura. (PP. 215 e 216)

111. Quanto aos amigos que lá encontraremos, esses são velhos conhecidos. É dos maus sentimentos que deveremos nos desembaraçar, pois infeliz é aquele a quem a morte surpreende com ódio no coração. Os negócios que devemos pôr em ordem é o perdão aos que nos ofenderam; são os erros cometidos para com o próximo e que urge reparar. (PP. 216 e 217)

112. Lamennais diz que a guerra é permitida por Deus e que é um erro não ver em César senão um conquistador, em Clóvis senão um bárbaro, em Carlos Magno senão um déspota. (P. 217)

113. Como se diz, os conquistadores são os próprios *joguetes* de Deus, os quais se servem dos homens para civilizar o homem, levando às outras nações o desenvolvimento, os ideais e, em consequência disso, o progresso. (P. 217)

114. Tratando do mesmo assunto, Barbaret, que viveu ao tempo de Henrique IV, diz que a influência dos homens de gênio sobre o futuro dos povos é incontestável, porque, sem eles, as grandes reformas só viriam muito depois. (P. 219)

115. Kardec analisa a conferência feita na Associação Politécnica pelo dr. Trousseau, professor da Faculdade de Medicina, em que o palestrante critica os sábios da Academia de Ciências que se dirigem aos charlatães, trata com desdém as experiências de Mesmer e ataca, ferino, as comunicações e práticas espíritas. (PP. 223 a 229)

116. A **Revista** noticia a morte do bispo que determinou o chamado auto-de-fé de Barcelona. O falecimento ocorreu nove meses depois da queima pública dos livros espíritas, realizada em 9/10/1861. O fato produziu enorme expansão do Espiritismo naquele país e foi, por isso, inócuo. Comunicando-se na Sociedade Espírita de Paris, o bispo se disse arrependido e pediu preces. "Orai por mim", rogou o falecido. "Orai, porque é agradável a Deus a prece que lhe é dirigida pelo perseguido em favor do perseguidor." Kardec, evidentemente, perdoou-lhe, porque perdoar é também caridade. (PP. 230 a 232)

117. A morte da esposa de Daniel Dunglas Home, noticiada pelo jornal NORD, de 15/7/1862, é mencionada pela **Revista**. Diz o repórter que a senhora, antes de soltar o último alento, abjurou a religião grega, em presença do bispo de Périgueux, para unir-se à mesma crença do marido, adepto do catolicismo romano. Home disse ao jornal que ele e a esposa continuavam a se ver e a conversar tão à vontade como quando ela ainda habitava este mundo. (P. 232)

118. O Espírito de Jacques, falando à Sociedade Africana de Estudos Espíritas, formada em Constantina, diz que, antes de fazer as evocações particulares, é preciso iniciar a reunião com uma evocação geral, um apelo aos bons Espíritos que queiram comunicar-se espontaneamente. Depois, então, é que se partirá para as evocações pessoais. (P. 233)

119. Convidado a ser o patrono espiritual da Sociedade, Santo Agostinho aceitou o encargo e transmitiu uma mensagem, de que extraímos o seguinte: I - Todos os homens são irmãos e o grande objetivo do Espiritismo é reuni-los um dia no mesmo lar e fazer que se sentem à mesa do Pai comum: Deus. II - Amai-vos, amai-vos! Poupai-me de me armar do açoite com que se deve ferir o mau. Embora isto por vezes seja necessário, não sejais nunca desse número. III - Lembrai que a religião de Deus é a religião do coração; que ela tem por base apenas um princípio: a caridade, e por desenvolvimento: o amor à Humanidade. (PP. 234 a 236)

120. A **Revista** transcreve a carta que o sr. Jean Reynaud, autor do livro "*Terre et Ciel*", enviou ao **Journal des Débats**, protestando contra a pecha de ser ele partidário do panteísmo e da metempsicose. Em seu livro, Jean Reynaud defende a doutrina da reencarnação, repelindo, porém, com toda a ênfase, a metempsicose. (PP. 237 e 238)

121. De Nantes (França), um assinante da **Revista** envia cópia do poema *Mahabárata*, em que Krishna diz claramente a Arjuna, chefe dos Pandus, que a alma passa a novos corpos em seu processo evolutivo. Comentando o assunto, Kardec diz que a ideia da reencarnação está muito bem definida nessa passagem, como, aliás, todas as crenças espíritas o estavam na antiguidade. "Só faltava um princípio: o da caridade", diz o Codificador. "Estava reservado ao Cristo proclamar esta suprema lei, fonte de todas as felicidades terrenas e celestes." (PP. 239 e 240)

122. O planeta Vênus é considerado por Georges um ponto intermediário entre Mercúrio e Júpiter. Eis outras informações ditadas pelo referido Espírito: I - Os habitantes de Vênus têm a mesma conformação física que os da Terra. II - As doenças são ali ignoradas e seus habitantes só se nutrem de frutas e produtos do leite, não tendo o bárbaro costume de alimentar-se de cadáveres de animais. III - A forma política reveste a expressão da família: cada tribo tem seu chefe, eleito por classe de idade. IV - A velhice ali é o apogeu da dignidade humana. Isenta de doenças e feiura, é calma e radiante, como bela tarde de outono. V - A vestimenta é uniforme: grandes túnicas brancas envolvem os corpos. VI - A reencarnação é em Vênus muitíssimo mais longa que a prova terrena. VII - Em Vênus não estão todos no mesmo nível de adiantamento espiritual, mas os menos adiantados de lá equivalem às estrelas do mundo terrestre, isto é, aos nossos gênios e nossos homens virtuosos. VIII - Não existe ali servidão: os superiores não são senhores, mas pais dos inferiores. (PP. 240 a 244)

123. A **Revista** reproduz uma carta escrita por um adepto do Espiritismo ao jornal de Saint-Jean-d'Angely, protestando contra o tratamento irônico e leviano dado pelo jornal aos partidários da doutrina espírita. (PP. 244 a 246)

124. O caso François Riquier, um solteirão avarento, que deixou aos colaterais uma fortuna considerável, é mostrado na **Revista**, comprovando que o apego ao dinheiro perturba as pessoas, mesmo depois da morte. O caso prova também que o Espírito pode conservar, durante muitos anos, a ideia de ainda pertencer ao mundo corpóreo. Essa ilusão não é exclusiva dos casos de morte violenta: parece ser consequência da materialidade da vida terrena. (PP. 246 e 247)

125. O valor da prece é destacado por duas comunicações transmitidas por Angèle Rouget e Santo Agostinho. Eis os ensinamentos que nelas se contêm: I - Há preces que "*não trazem o selo do perdão*". II - O principal efeito da prece é agir sobre o moral do Espírito, tanto para o acalmar, quanto para o conduzir ao bem. III - Trazendo-o ao bem, a prece apressa a clemência do julgamento supremo, que sempre perdoa o pecador arrependido. IV - A prece é como um *orvalho benéfico* que torna menos árida a terra ressequida. V - As preces dos encarnados têm o mérito das emanações terrenas, que sobem voluntariamente a Deus. VI - O encarnado que ora pelo próximo cumpre nobre tarefa dos Espíritos. VII - A prece é, para os Espíritos protetores, um dever; para os homens, uma abnegação. (PP. 247 a 250)

126. Em duas comunicações transmitidas no grupo de Sainte-Gemme, Hippolyte Fortoul fala do crescimento da ideia espírita na França e diz que uma consciência pura, uma caridade e uma humildade sem limites, eis a melhor das preces para chamar a si o Espírito-Santo. (PP. 250 e 251)

127. Lamennais e Pierre Ange, na Sociedade Espírita de Paris, falam da importância do perdão e do equívoco da vingança. Nesta, existe algo de ímpio e de degradante para o Espírito. A vingança é incompatível com a perfeição. Enquanto uma alma conservar tal sentimento, ficará nos porões do mundo espiritual. (PP. 251 a 253)

128. A **Revista** noticia o lançamento do primeiro livro de mensagens espíritas do grupo de Brotteaux. (P. 253)

129. O número de setembro começa com a transcrição do discurso de inauguração de mais um grupo espírita em Bordeaux, feito por seu fundador, sr. Condat, em março de 1862. (PP. 255 a 260)

130. Tendo pregado em Marmande, em maio/1862, o Frei F..., dominicano, num de seus últimos sermões, atirou algumas pedras contra o Espiritismo. O sr. Dombre, desejando discutir mais profundamente o assunto, mandou a ele uma carta, sob o pseudônimo de *Um católico*. A carta foi transcrita pela **Revista**. Frei F... percebeu que o autor da carta era espírita, e não católico. Ciente, porém, de que naquela cidade quanto mais se fala contra o Espiritismo mais prosélitos se fazem, o clérigo partiu sem jamais voltar ao assunto. (PP. 260 a 263)

131. A **Revista** publica carta enviada por A. Gassier, um dos membros da Sociedade Espírita de Paris, às diretoras de um pensionato onde estuda uma de suas filhas, na capital francesa. Na carta, o confrade protesta contra as grosserias assacadas por um certo professor contra as pessoas que se dedicam às manifestações espíritas, chamando-as de *jograis, enganadas* ou *estúpidas*. Kardec lamenta a imprudência do detrator, lembrando-lhe que na França havia, àquela época, tantos espíritas quantos judeus e protestantes. (PP. 264 a 266)

132. Reportando-se ao resultado que a crença espírita pode produzir, Kardec fala das pessoas educadas desde a infância nas ideias espíritas. Mais dóceis, mais submissas, mais respeitadoras, a certeza da presença dos familiares queridos, que as veem incessantemente e com os quais podem entreter-se, é-lhes um freio poderoso,

pelo medo salutar que isso inspira. "Quando a geração for educada nas crenças espíritas, ver-se-á outra juventude, mais estudiosa e menos turbulenta", assevera o Codificador. (P. 267)

133. Finda a era da troça e da ironia, os inimigos do Espiritismo ensaiaram um outro meio: a perseguição. A **Revista** noticia vários casos que chocam a pessoa mais insensível e, por isso, não vale a pena relembrar. (PP. 267 a 272)

134. A **Revista** relata um curioso caso de reconciliação promovida pelos Espíritos. (PP. 272 e 273)

135. Convidado a visitar os grupos de Lyon e Bordeaux, Kardec diz aceitar com prazer o convite. (PP. 273 a 275)

136. Aos espíritas de Bordeaux, Kardec pede que não haja banquete, porquanto ali irá em caráter pastoral e sua preferência é que se lhe dê um acolhimento mais simples, de acordo com seus hábitos e seus princípios. (PP. 275 e 276)

137. "Peregrinações da alma" e "O Anjo da guarda" são os títulos dos poemas transmitidos por B. Joly e Dulcis, este último durante sessão da Sociedade Espírita Africana. (PP. 277 a 279)

138. Galileu, valendo-se do sr. Camilo Flammarion como médium, transmitiu três comunicações enfeixadas sob o título geral de *"Estudos Uranográficos"*. Kardec informa que as três constituíam a iniciação de um jovem médium. *(N.R.: Estas comunicações formariam, mais tarde, o cap. VI de* **"A Gênese"***, última obra escrita por Kardec.)* (PP. 280 a 283)

139. Eis, resumidamente, algumas informações firmadas por Galileu: I - O primeiro princípio, a primeira causa é Deus: ante este nome venerado tudo se inclina e a harpa etérea dos céus faz vibrar as suas cordas de ouro. II - Diz o naturalista moderno: "A natureza é o trono exterior do poder divino". A tal definição juntarei esta: "A natureza é o poder efetivo do Criador". III - O espaço é infinito e assim o digo por que é impossível opor-lhe qualquer limite. (PP. 280 a 382)

140. Santo Agostinho diz, a propósito do período de férias da Sociedade Espírita de Paris, que para o espírita fervoroso não há horas designadas para o estudo, pois toda a sua vida não é mais que uma hora, e ainda muito curta para o trabalho a que se dedica: o desenvolvimento intelectual das raças humanas. (P. 283)

141. Num aviso aos centros espíritas que iria visitar, Kardec pede que sejam preparadas com antecedência as perguntas a serem por ele respondidas, visto que durante as reuniões muitos não sabem o que perguntar ou se calam por timidez ou por dificuldade de formular seu pensamento. (P. 285)

142. Kardec escreve sobre Apolônio, de Tiana, cidade grega da Capadócia, na Ásia Menor, onde ele teria nascido dois ou três anos antes de Jesus e morrido aos 96 anos. Filho de um dos mais ricos cidadãos de Tiana, Apolônio seguia os preceitos ensinados por Pitágoras e são-lhe atribuídos, entre outras coisas, o dom de curar, a presciência, a visão a distância, o poder de ler o pensamento, expulsar os demônios e de se transportar, de súbito, de um lugar a outro. (PP. 287 a 298)

143. Após rememorar frases ditas por Apolônio de Tiana e alguns fatos de sua vida, Kardec conclui o artigo afirmando que o grande filósofo serviu de traço de união entre o paganismo e o cristianismo e talvez tenha sido esta a sua missão em nosso mundo. (P. 298)

144. A **Revista** transcreve notícia publicada em "*Abeille Agénaise*" de 25/5/1862, referente a um artigo intitulado *Conversas Espíritas*, em que o sr. Cazenove de Pradine apresenta um resumo do Espiritismo e o classifica como uma doutrina *perversa*. O sr. Dombre, de Marmande, escreveu ao referido jornal, contestando a crítica, mas sua carta não foi publicada, sob a alegação de que o jornal não poderia propagar ditas idéias, a seu ver essencialmente *perigosas*. (PP. 298 a 301)

145. A Sociedade Espírita de Paris conferiu o título de *membro honorário* ao sr. Dombre, de Marmande, e a outros confrades que vinham prestando assinalados e efetivos serviços à causa do Espiritismo. Dombre aceitou, reconhecido, o título que lhe foi outorgado e Kardec lhe prestou, na sequência, merecida homenagem. (PP. 301 a 304)

146. Kardec alude a seu projeto de escrever a história do Espiritismo, mas ressalva que tal obra não sairá tão cedo e talvez nem mesmo em sua vida. Para tanto, uma farta documentação ele já conseguira reunir. (PP. 304 e 305)

147. De Cherbourg, a **Revista** publica comunicação transmitida por um ex-marujo da marinha chamado Arsène Gautier, de que ninguém se lembrava e que, no entanto, deu provas de ter estado na casa da médium, onde falecera quinze a dezesseis anos antes. Como o Espírito dissesse ser aquela a sua primeira encarnação, Kardec perguntou a um dos guias da Sociedade de Paris se isso era possível. Eis a resposta: primeira encarnação na Terra, é possível; mas, como Espírito, não. Estamos todos muito longe das primeiras encarnações que tivemos e não temos delas nenhuma consciência. (PP. 305 e 306)

148. Em resposta a uma senhora amiga, que lhe perguntou ser possível a um Espírito encarnado recuar ante uma prova começada, Kardec respondeu que sim. Os Espíritos recuam com frequência ante as provas e aí está a causa da maioria dos suicídios. E eles recuam também quando desesperam e murmuram, perdendo assim os benefícios da prova. (P. 307)

149. É possível evocar um Espírito mentalmente, sem pronunciar seu nome, e ele responder a perguntas feitas mentalmente sem que o médium de nada saiba? Kardec disse que sim e são até muito comuns, mas raramente obtidas à vontade, enquanto ocorrem espontaneamente a cada passo. (PP. 307 e 308)

150. "A criança e o ateu", do Espírito de Dulcis, e "A abóbora e a sensitiva", de Dombre, compõem também o número de outubro de 1862 da **Revista.** (PP. 309 a 312)

151. Hippolyte Fortoul, comunicando-se no grupo de Sainte-Gemme, escreve sobre o Espiritismo e o Espírito *maligno*, afirmando que o orgulho é o mais encarniçado inimigo do gênero humano e que virá o dia em que serão obrigados a explicar-se publicamente todos aqueles que atribuem as manifestações espíritas ao demônio. (PP. 312 a 316)

152. Três comunicações assinadas por Sonnet, Barbaret e Lamennais fecham a edição de outubro. Eis, resumidamente, alguns dos ensinamentos nelas contidos: I - O orgulho oblitera o julgamento sobre o que fazemos. II - Para subtrair-nos à influência dos maus Espíritos, precisamos subir, subir bastante em virtude, e eles não nos atingirão. III - Buscai na palavra a sobriedade e a concisão: poucas palavras, muita coisa. O *Livro dos Espíritos* é toda uma revolução, porque é conciso e sóbrio: poucas palavras, muita coisa. IV - Não devemos medir a importância das comunicações por sua extensão, mas pelas ideias que encerram em pequeno espaço. V - Limitado na inteligência e nas sensações e não podendo compreender além de certos limites, o homem pronuncia, então, a palavra sacramental: *sobrenatural*. VI - O Espiritismo é a luz que deve iluminar, doravante, toda inteligência votada ao progresso comum. (PP. 316 a 319)

153. Kardec reporta-se, na edição de novembro, à viagem feita a Lyon, Bordeaux e a diversas outras localidades, num total de 20, durante mais de seis semanas, em que percorreu o equivalente a 693 léguas e assistiu a mais de cinquenta reuniões. Como o relato da viagem e as instruções transmitidas aos centros visitados ocupariam quase dois números da **Revista**, foi feita então uma separata do mesmo formato. *(N.R.: A brochura constitui hoje obra independente, intitulada* **"Viagem Espírita em 1862"***, publicada no Brasil pela Casa Editora O Clarim.)* (PP. 321 e 322)

154. O Codificador aproveitou o ensejo para esclarecer que os gastos dessa e de outras viagens foram cobertos por seus recursos pessoais, e não pela Sociedade Espírita de Paris, como muitos pensavam. (P. 322)

155. Kardec pede vênia também aos correspondentes pela impossibilidade material de responder a todas as cartas que chegaram até ele, no período de seis semanas em que esteve fora de Paris. (P. 322)

156. Evocado na Sociedade Espírita de Saint-Jean d'Angély, em agosto de 1862, comunicou-se ali o Espírito de Guillaume Remone, cujo corpo -- sepultado vivo -- seria um dos que se veem mumificados nos subterrâneos da torre de São Miguel, na cidade de Bordeaux. Eis, em resumo, o que o Espírito informou: I - Sua expiação deveu-se ao fato de haver assassinado a própria esposa, a quem sufocara com dois travesseiros, no leito conjugal. II - O motivo desse crime foi ciúme. III - Foi por engano que o sepultaram com vida. IV - Logo depois da morte, ele se via na terra, impressão que durou cerca de 18 dias. V - Ao deixar o corpo, ele se viu cercado de uma porção de Espíritos, sofredores como ele mesmo. VI - O Espírito da esposa foi o primeiro a lhe aparecer, como que para censurar o seu crime, e ele a viu durante muito tempo, também infeliz. (PP. 323 a 328)

157. Evocou-se, em seguida, a esposa de Guillaume Remone, que se encontrava encarnada. São João Batista, o guia da sociedade, esclareceu que naquele momento seu corpo físico dormia e, por isso, ela poderia vir. A primeira pergunta feita produziu-lhe, contudo, muita perturbação e ela mesma pediu, com apoio do guia espiritual, que cessassem as perguntas. São João explicou que se tratava de uma criança na vida corrente e a fadiga do Espírito poderia ter uma penosa reação sobre seu corpo. (P. 329)

158. São João prestou, então, as seguintes informações relativamente ao caso: I - Remone e a esposa não se haviam, ainda, perdoado. II - Se eles se encontrassem na Terra como encarnados teriam mútua antipatia. III - A esposa conservava na atual existência o sexo feminino e estava no momento com onze anos. IV - Filha de um rico negociante, residia nas Antilhas, especificamente, em Havana. V - Suas provas na atual existência serão a perda da fortuna; um amor ilegítimo e sem esperança, acrescido da miséria e de duros trabalhos. (PP. 329 a 331)

159. A fim de completar o estudo em curso, o grupo resolveu, com permissão do guia espiritual, evocar o cúmplice da sra. Remone, um Espírito ainda muito atrasado, que era, na época, um simples chefe de portaria no tribunal, de nome Jacques Noulin. (PP. 331 a 335)

160. A **Revista** traz a receita de uma pomada que foi ditada, por seu protetor espiritual, à senhorita Ermance Dufaux *(a médium que escreveu mediunicamente a história de Joana d'Arc)*, de eficácia comprovada em toda sorte de chagas ou feridas. Um de seus tios a trouxe da América, mas a receita se perdeu. Padecendo de um mal na perna, muito grave e muito antigo, e que havia resistido a todo tratamento, ela perguntou a seu protetor se para ela não haveria cura possível. Ele ditou-lhe então a receita perdida. Em pouco tempo, a perna da senhorita Dufaux estava cicatrizada e, como ela, sua lavadeira e um operário conhecido também foram curados. Aplicada sobre furúnculos, abcessos, panarícios, a pomada consegue em pouco tempo rebentar e cicatrizar. (PP. 336 a 338. Ver também nota constante da pág. 386)

161. "Meu Testamento", recebido pela sra. E. Collignon, e "O Monólogo do Burrico", pelo sr. J. Joubert, de Carcassone, são as poesias espíritas da edição de novembro. (PP. 338 a 341)

162. A **Revista** publica, ainda, uma carta dirigida pelo sr. J. Joubert, Vice-Presidente do Tribunal Civil de Carcassone, ao sr. Sabô, de Bordeaux. Kardec comenta, a propósito, que o Espiritismo contava já, naquela época, com numerosos

adeptos nas fileiras da magistratura e da advocacia, bem como entre funcionários públicos, embora nem todos ousassem enfrentar a opinião pública, ao contrário do que se dava com o missivista Joubert. (PP. 342 e 343)

163. Comunicação recebida em Bordeaux pelo sr. Guipon, em novembro de 1861, tece várias considerações sobre o duelo, apresentando as consequências espirituais e humanas dessa prática. Como se sabe, duas vezes criminosos aos olhos de Deus são os duelistas e, por isso, duas vezes terrível será a sua punição, porque nenhuma escusa será admitida, visto que por eles tudo foi friamente calculado e premeditado. (PP. 343 a 347)

164. Felizmente, lembra Kardec, os duelos tornavam-se cada vez mais raros, ao menos na França, o que indicava o abrandamento dos costumes. Hoje, ao contrário de outras épocas, a morte de um homem é um acontecimento que comove as criaturas, enquanto no passado não se ligava a isso grande atenção. (P. 347)

165. Léon de Muriane transmitiu em Lyon, em sessão presidida por Kardec, importante comunicação em que fala dos fundamentos da ordem social e assevera que a fraternidade é a base de todas as instituições morais e o único meio de elevar um estado social que possa subsistir e produzir efeitos dignos. (P. 347)

166. O mesmo Espírito explicou, na referida reunião, por que inspirara ao médium Émile V... a frase: "*Aqui jazem 18 séculos de luzes*", que servia de título a um quadro alegórico onde ele pintara um féretro. Seu pensamento era que dezoito séculos se haviam passado desde que Jesus nos legou o Evangelho, colocando sua mensagem ao alcance de todos. Mas que lhe aconteceu? "As paixões terrestres se apoderaram dela; esta foi metida num caixão, de onde acaba de tirá-la o Espiritismo. Eis a alegoria", explicou Léon de Muriane. (PP. 348 e 349)

167. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, escreve sobre o papel da Instituição dirigida por Kardec, asseverando que ela faz jorrar seu pensamento no mundo todo. "Sua força -- diz Sanson -- não está no círculo onde se realizam suas sessões, mas em todos os países onde são seguidas as suas dissertações, em toda parte onde ela faz lei, à vista de seus ensinos inteligentes." (PP. 350 e 351)

168. Fechando a edição de novembro, Erasto disserta sobre a origem da linguagem. Eis algumas informações contidas nessa comunicação: I - A Humanidade já atravessou três grandes períodos: a fase bárbara, a fase hebraica e pagã e a fase cristã: a esta última sucederá a fase espírita. II - Entre as raças brutas, onde as sensações grosseiras dominavam, começaram a aparecer alguns seres superiores, com a tarefa de conduzi-las a uma fase melhor. III - A linguagem propriamente dita, como a vida social, não começou a ter um caráter certo senão a partir da fase hebraica e pagã. IV - A língua primitiva foi uniforme, mas, à medida que crescia o número de pastores, estes constituíam novas famílias e daí novas tribos, diferenciando-se gradativamente a língua então usada. Desse modo foi que surgiram os diferentes idiomas. V - A Humanidade marcha agora para uma língua única, como consequência forçada de uma comunidade de ideias em moral, em política e, sobretudo, em religião. *(N.R.: O* **Esperanto***, a língua criada pelo médico polonês L. Zamenhof, foi idealizado em 1887, vinte e cinco anos depois da mensagem de Erasto.)* (PP. 351 a 354)

169. Fato curioso: a **Revista,** em sua edição de novembro de 1862, informa a um leitor de La Calle, Argélia, que **"O Livro dos Espíritos"** e **"O Livro dos Médiuns"** não tinham sido ainda traduzidos para o italiano. (P. 354)

170. Um artigo de Kardec sobre causas da obsessão e meios de combate é a principal matéria do número de dezembro de 1862, da qual extraímos os seguintes ensinamentos: I - Se um Espírito quiser agir sobre uma pessoa, dela se aproxima, envolve-a com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se penetram, os

pensamentos e as vontades se confundem e, então, pode o Espírito servir-se daquele corpo como se fora o seu. Assim se dá na mediunidade. II - Se o Espírito for bom, sua ação será suave e benéfica; se for mau, fará maldades. Se for perverso e mau, ele a constrange, até paralisar a vontade e a razão. III - Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é geralmente chamado *possessão*. IV - No tratamento das obsessões é preciso esforçar-se por adquirir a maior soma possível de superioridade pela vontade, pela energia e pelas qualidades morais. V - Antes, porém, de pretender dominar o mau Espírito, é preciso dominar-se a si mesmo. De todos os meios para adquirir a força de o conseguir, o mais eficaz é a vontade, secundada pela prece. É necessário pedir ao anjo da guarda e aos bons Espíritos que nos assistam na luta. Mas não é suficiente pedir que expulsem o mau Espírito. Lembrando a máxima: **Ajuda-te, e o céu te ajudará**, devemos pedir-lhes, sobretudo, a força que nos falta para vencer as nossas más inclinações, porque são elas que atraem os maus Espíritos, como a carniça atrai as aves de rapina. (PP. 355 a 363)

171. O Codificador recomenda também que oremos pelo Espírito obsessor. Com perseverança acaba-se, na maioria dos casos, por conduzi-lo a melhores sentimentos, transformando-o de obsessor em reconhecido. (P. 363)

172. Em resumo -- diz Kardec -- a prece fervorosa e os esforços sérios por se melhorar são os únicos meios de afastar os maus Espíritos, que reconhecem como senhores aqueles que praticam o bem, mas riem ante as fórmulas. (P. 364)

173. Kardec relata alguns fatos relacionados com sua passagem por Rochefort, onde teve ele a satisfação de passar duas noites reunido com os espíritas sinceros e dedicados do lugar. E menciona também reportagem desfavorável ao Espiritismo assinada com o pseudônimo de Tony, no semanário ***Spectateur***, de 12/10/1862, na qual o jornalista faz inúmeras objeções às práticas e à doutrina espírita. A resposta de Kardec se lê em seguida. (PP. 365 a 372)

174. Extraído do jornal *Écho de Sétif*, de 18/9/1862, a **Revista** publica trechos de um artigo científico, de autoria de Jalabert, intitulado "*Mens agitat molem*", no qual o autor demonstra de modo racional a possibilidade das comunicações entre os Espíritos livres e os encarnados. (PP. 373 a 376)

175. Kardec inseriu na edição de dezembro uma carta enviada por um amigo de Charles Fourier, em que ele cita passagens que comprovam que Fourier era também reencarnacionista, ou melhor, a reencarnação era uma das pedras angulares de sua teoria. Comentando o fato, o Codificador lembra que o sr. Louis Jourdan, redator do *Siècle*, admitiu explicitamente a doutrina da reencarnação em seu livro *Prières de* Ludovic, publicado pela primeira vez em 1849, consequentemente antes de se cogitar do Espiritismo. (PP. 376 e 377)

176. Entre a correspondência de Kardec, buscou ele uma carta datada de 29/7/1860, que trata exatamente do tema focalizado no artigo sobre Charles Fourier: a reencarnação. Como foi lembrado anteriormente, Fourier dizia que diariamente veem-se pessoas vindo pedir caridade à porta dos castelos, dos quais foram donos em vida anterior. (PP. 379 a 381)

177. Em sua caserna, em Paris, onde conta vários camaradas adeptos da doutrina espírita, o sr. Perché recebeu uma comunicação de sua irmã Marguerite, que tece considerações em torno do dia de comemoração dos mortos. Na mensagem, a comunicante confirma a tese espírita de que as preces são sempre úteis aos Espíritos sofredores e mostra a felicidade que muitos deles sentem pela lembrança e carinho de seus familiares. (PP. 381 a 385)

178. A **Revista** noticia a fundação pelo sr. Canelle, velho conhecido de Kardec, de um dispensário em Paris em que o tratamento é dirigido por ele e vários médicos

magnetizadores. Além dos tratamentos pagos, o estabelecimento consagra sessões especiais às magnetizações gratuitas. (P. 386)

Revista Espírita de 1863

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Kardec abre esta edição com um novo artigo a respeito dos possessos de Morzine; o primeiro saiu em dezembro de 1862. No estudo, informa Kardec: I) O perispírito é o princípio de todos os fenômenos espíritas e de uma porção de efeitos morais, fisiológicos e patológicos. II) Ele é também a fonte de múltiplas afecções e, por sua expansão, a causa das atrações e repulsões instintivas, bem como da ação magnética. III) Pela natureza fluídica e expansiva do perispírito, o Espírito atinge a pessoa sobre a qual deseja agir: rodeia-a, envolve-a, penetra-a e a magnetiza. (P. 1)

2. Todos nós - *diz Kardec* - vivemos num oceano fluídico, incessantemente a braços com correntes contrárias que atraímos ou repelimos, mas em cujo meio o homem conserva sempre o seu livre arbítrio. (P. 2)

3. A ação dos maus Espíritos sobre as pessoas de quem se apoderam apresenta nuanças de intensidade e duração extremamente variadas, conforme o grau de perversidade do Espírito e o estado moral da pessoa que lhe dá acesso. (P. 3)

4. Citando o caso de uma senhora que perdera a razão e fora internada, um amigo da família e membro da Sociedade Espírita de Paris obteve dos Espíritos a seguinte orientação: I) A ideia fixa que a mulher nutria atraía em sua volta uma porção de Espíritos maus, que a envolviam com seus fluidos e alimentavam suas ideias, impedindo lhe chegassem as boas influências. II) Para curá-la, seria necessário opor uma força moral capaz de vencer essa resistência, mas tal força não é dada a um só. III) Cinco ou seis espíritas sinceros deveriam reunir-se todos os dias, durante alguns instantes, pedindo com fervor a Deus e aos bons Espíritos sua assistência para ela. IV) Não era necessário estar junto à enferma, ao contrário. Pelo pensamento poderia ser levada a ela uma salutar corrente fluídica, cuja força estaria na razão de sua intenção, aumentada pelo número. (P. 5)

5. Seis pessoas dedicaram-se a essa obra de caridade e, durante um mês, não faltaram à missão aceita. Depois de alguns dias a doente estava mais calma; quinze dias depois, a melhora era manifesta; e agora ela já havia retornado para sua casa, em estado perfeitamente normal, sem saber de onde lhe viera a cura. (PP. 5 e 6)

6. A prece não tem, pois, apenas o efeito de levar ao doente um socorro, mas o de exercer uma ação magnética. Que não poderia o magnetismo ajudado pela prece! Mas, infelizmente, muitos magnetizadores fazem abstração do elemento espiritual e só veem a ação mecânica, privando-se desse modo de um poderoso auxiliar. (P. 6)

7. Reportando-se aos escolhos da prática mediúnica, Kardec esclarece: I) Antes de experimentar, é preciso estudar: o menor inconveniente da prática mediúnica sem experiência é a mistificação por parte dos Espíritos enganadores e levianos. II) Não é o exercício da mediunidade que atrai os maus Espíritos, mas a predisposição física ou moral que torne o médium acessível à influência deles. III) A presunção de julgar-se invulnerável aos maus Espíritos tem sido punida, muitas vezes, de modo crudelíssimo, visto que é o orgulho que lhes dá mais fácil acesso. IV) O estudo prévio e a prece são fatores essenciais para evitar o assalto dos maus Espíritos. V) Se nos compenetrássemos do objetivo essencial e sério do Espiritismo e nos preparássemos sempre para o exercício da mediunidade por um fervoroso apelo ao anjo da guarda e aos Espíritos protetores e se, além disso, nos estudássemos, esforçando-nos por nos purificarmos de nossas imperfeições, os casos de obsessão mediúnica seriam ainda mais raros. (PP. 6 a 8)

8. Evocando um caso descrito em dezembro de 1862 sob o título *"A Choça e o Salão"*, a **Revista** transcreve comunicação de um Espírito que foi na Terra um criado dedicado de certa pessoa conhecida de Kardec. Na comunicação, o ex-servo confirma que, no geral, os exemplos de dedicação dos domésticos aos seus amos têm por causa as vidas passadas. "Por vezes - *disse ele* - tais criados são membros da família ou, como eu, obrigados que pagam uma dívida de reconhecimento e seu reconhecimento lhes ajuda o progresso." (PP. 9 e 10)

9. Falando sobre a situação da alma após a morte corpórea, Kardec diz que, ao morrer, o homem deixa na Terra apenas seu invólucro pesado e grosseiro, conservando o envoltório fluídico indestrutível, com o qual, livre do entrave que o prendia ao solo, pode elevar-se e transpor o espaço. Esse envoltório fluídico, por mais invisível e etéreo que seja, não deixa de ser uma espécie de matéria que, durante a encarnação, serve de intermediário entre a alma e o corpo. (P. 13)

10. A **Revista** transcreve duas matérias publicadas por um semanário de Bordeaux e pelo "*Écho de Sétif*", da Argélia. Trata-se de depoimentos pró-Espiritismo de dois leitores daqueles periódicos. Neste último, o articulista diz que parte dos que não negam os fatos espíritas atribui as comunicações ao demônio. Ele então argumenta: "É o que não posso admitir em face de comunicações como está: 'Crede em Deus, criador e organizador das esferas; amai a Deus, criador e protetor das almas' (assinado: Galileu)". (PP. 14 a 17)

11. Kardec responde a um leitor de Bordeaux explicando por que o Espiritismo não se dirige àqueles que têm uma fé religiosa qualquer, com o fito os desviar, mas sim à numerosa categoria dos incertos e dos incrédulos. (PP. 17 a 20)

12. Estando em viagem, o sr. Delanne *(pai do notável escritor Gabriel Delanne, então uma criança)* conta que evocou em Lille sua esposa, que ficara em Paris. O diálogo mantido por Delanne e a alma da mulher é descrito na **Revista**, acrescido da informação de que os fatos narrados na conversa foram depois devidamente confirmados. (PP. 20 a 23)

13. A **Revista** reporta-se a uma terrível tragédia ocorrida em Dalton (EUA) em que um jovem negro foi sumariamente julgado e levado à forca. Dizem os jornais que enquanto o corpo do rapaz se debatia nas convulsões da morte era vítima dos insultos e violências dos espectadores, que lhe deram vários tiros de pistola, aumentando assim a tortura da morte. Ébria de cólera, a multidão arrastou o corpo pelas ruas de Dalton e, depois de percorrida a vila em todos os sentidos, dirigiu-se para a frente de uma igreja de negros, onde o cadáver foi mutilado e queimado numa enorme fogueira. Uma mensagem recebida na Sociedade Espírita de Paris comentou o fato e as consequências de tanta ferocidade. (PP. 23 a 25)

14. Sanson (Espírito), lembrando a proximidade do inverno, concita os espíritas a que, aproveitando seus instantes livres, visitem e ajudem os que passam por privações e necessidades de ordem física ou moral. (PP. 25 e 26)

15. A lei do progresso é tratada por um Espírito protetor, que diz que em certas épocas -- isto é, em momentos previstos, designados -- surge um homem que abre uma via nova à Humanidade. "Por vezes - *diz o comunicante* - tal homem é o último entre os humildes, entre os pequenos; contudo penetra nas altas esferas do desconhecido." (PP. 26 e 27)

16. Na seção de Bibliografia a **Revista** noticia o lançamento do livro "*A Pluralidade dos Mundos Habitados*", onde Camille Flammarion, do Observatório Imperial de Paris e membro da Sociedade Espírita de Paris, apresenta seus estudos sobre a habitabilidade das terras celestes discutidos do ponto de vista da Astronomia e da Filosofia. (PP. 28 a 31)

17. A **Revista** informa ter aberto uma lista em favor dos operários de Rouen, a cujos sofrimentos - *diz a nota* - ninguém pode ficar indiferente. Convidando o leitor a contribuir com seu auxílio, a nota informa que vários grupos e sociedades espíritas já haviam enviado, até aquele momento, o produto de sua arrecadação. (P. 32)

18. Novo artigo - o terceiro - sobre os possessos de Morzine abre a edição de fevereiro e nele Kardec refere vários casos de obsessão e os meios utilizados no tratamento realizado, ressaltando sempre o inconveniente de nos entregarmos às evocações sem conhecimento de causa e sem objetivo sério. (PP. 33 a 35)

19. A **Revista** transcreve um dos casos, verificado com a mulher de um marinheiro radicado em Boulogne-sur-Mer, a qual se encontrava nos últimos quinze anos sob o domínio de uma triste subjugação. Quase todas as noites, despertada por volta de meia-noite, a mulher era atirada fora do leito, por vezes seminua, e obrigada a sair de casa e correr pelo campo. Após marchar por duas ou três horas, somente ao parar ela tomava consciência de seu ato, e nem mesmo orar ela conseguia, porquanto, ao tentar fazê-lo, suas ideias se misturavam a coisas bizarras e até sujas. (P. 35)

20. Kardec reconhece que em certos casos de perturbação a causa pode ser puramente material, mas há outros em que a intervenção de uma inteligência oculta é evidente, pois que, combatendo essa inteligência, para-se o mal, ao passo que atacando apenas a suposta causa material nada se consegue. (P. 36)

21. Uns - *lembra o Codificador* - atribuem essa ação aos demônios; o Espiritismo a atribui a Espíritos, às vezes tão malvados quanto os supostos demônios, mas a quem o futuro não está fechado e que se melhorarão à medida que neles se desenvolver o senso moral, na sucessão das existências corpóreas. (P. 37)

22. Morzine - *esclarece Kardec* - é uma comuna do Chablais, na Alta Sabóia, a 8 léguas de Thonon, junto aos Alpes suíços. Sua população, de cerca de 2.500 pessoas, além da aldeia principal, compreende várias outras espalhadas na região. Enviado em 1861 pelo governo francês, a fim de estudar a doença, o dr. Constant ali ficou três meses, concluindo que a causa das perturbações era puramente física, e se radicava na constituição dos seus habitantes. (PP. 38 a 40)

23. Uma carta vinda de Lyon, datada de 7/12/1862, refere os ataques proferidos contra o Espiritismo por um certo senhor, bispo no Texas (EUA), em sermão proferido na igreja de Saint-Nizier, perante um auditório de cerca de duas mil pessoas, entre as quais havia grande número de espíritas. Comentando esse e outros sermões noticiados pela **Revista**, Kardec diz que foi graças a ataques desse jaez que o número de espíritas crescera na França, porque as mentiras e a deturpação das idéias, veiculadas nos sermões, acabam sendo depois desmentidas com a leitura das obras espíritas. (PP. 40 a 46)

24. Kardec acrescenta que é preciso estar muito carente de razões para recorrer a calúnias como a apresentada por certo sacerdote que disse ser o Espiritismo favorável à desunião da família, ao adultério, ao aborto e ao comunismo. "Temos necessidade de refutar estas asserções? Não: basta remeter ao estudo da doutrina, à leitura do que ela ensina, que é o que se faz em toda a parte", conclui o Codificador lionês. (PP. 47 a 49)

25. O "*Presse*", de 8 de janeiro de 1863, transcreve artigo assinado pelo sr. A. Sanson em que este comenta trabalho apresentado na Sociedade de Ciências Médicas pelo sr. Philibert Burlet, interno dos hospitais de Lyon, sobre seis casos de loucura que o autor relaciona às práticas espíritas. Kardec analisa a matéria, mostra a superficialidade do estudo e informa que o Espiritismo conta em suas fileiras com grande número de médicos ilustres, muitos deles presidentes de grupos e sociedades

espíritas, que chegaram, a respeito do assunto, a conclusões contrárias à do sr. Burlet. (PP. 50 a 53)

26. O Codificador afirma que o Espiritismo, longe de dar ensejo ao aumento da loucura, é causa atenuante, porque a maneira pela qual o verdadeiro espírita encara as coisas deste mundo ajuda-o a dominar em si as mais violentas paixões e até mesmo a cólera e a vingança, bem como a aceitar resignadamente as decepções e os reveses da vida. (PP. 55 a 57)

27. A **Revista** publica discurso pronunciado em 12/11/1862 pelo sr. Chavet, doutor em Medicina e presidente do Círculo Espírita de Tours, no qual o orador reafirma que o fim essencial do Espiritismo é a destruição do materialismo pela prova experimental da sobrevivência da alma humana. (PP. 57 a 60)

28. Como o discurso se deu na solenidade de instalação da referida sociedade, dr. Chavet concluiu seu pronunciamento lembrando ser necessário afastar das reuniões da entidade, com o maior cuidado, toda questão ligada direta ou indiretamente à política e aos interesses materiais. "*Estudo do homem* em relação ao seu destino futuro, tal o nosso programa, do qual jamais nos devemos separar", asseverou o presidente do Círculo Espírita de Tours. (P. 60)

29. Após o discurso, o Espírito de Fénelon ditou uma mensagem espontânea, em que adverte que o verdadeiro espírita não deve ter outro sentimento senão o do bem e da caridade, sem o que não pode ser assistido por Espíritos elevados. "Se alguém se apresenta dizendo-se espírita ou médium, não o recebais sem saber com quem estais lidando", propõe Fénelon. (P. 61)

30. A **Revista** diz haver recebido várias cartas comprovando a boa aplicação do remédio indicado na *Revista Espírita* de novembro de 1862, cuja receita foi dada por um Espírito. Falando sobre a origem espiritual do remédio, Kardec refere um fato parecido ao que deu origem ao mencionado medicamento, explicando que, da mesma forma que os Espíritos podem magnetizar a água, podem também, conforme as circunstâncias, dar propriedades curativas a certas substâncias. *(N.R.: Trata-se de uma pomada cuja receita foi ditada mediunicamente à srta. Ermance Dufaux. O caso é bem parecido ao da pomada Vovô Pedro, que alguns confrades de Curitiba combatem sem um motivo relevante.) (PP. 62 e 63)*

31. F.D., *antigo magistrado*, lembra em mensagem transcrita pela **Revista** a importância de encararmos bravamente e com resignação a miséria e os pesares da existência terrestre, que constituem, na verdade, prova pedida por nós mesmos, em função de faltas cometidas em existências anteriores. Comentando a frase de Jesus, que promete a paz aos homens de boa vontade, o Espírito afirma que a *boa vontade*, tanto para os pobres quanto para os ricos, chama-se caridade, seja a caridade moral, seja a caridade material. Finalizando a comunicação, o Espírito assevera: "Crede e amai! amai: muito será perdoado a quem muito amou. Crede: a fé transporta montanhas". (PP. 63 a 65)

32. Dedicado ao sr. redator do "*Renard*", de Bordeaux, o Espírito batedor de Carcassone, valendo-se da tiptologia, escreveu o poema "*O doente e o médico*", no qual satiriza o ceticismo do sr. Rochefort a respeito do Espiritismo. (P. 65)

33. Kardec abre o número de março de 1863 dizendo que naquele momento se verificava verdadeira cruzada contra o Espiritismo, constituída de escritos, discursos e até atos de violência e de intolerância. "Todos os espíritas devem alegrar-se - *comenta Kardec* -, porque é prova evidente de que o Espiritismo não é uma quimera. Fariam tanto barulho por causa de uma mosca que voa?" (P. 67)

34. Afirmando que o povo podia ser dividido em três classes: os crentes, os incrédulos e os indiferentes, Kardec lembra que o número de crentes havia

centuplicado em alguns anos, mas que os Espíritos acharam que as coisas não iam bastante depressa. Eis, segundo Kardec, o motivo real de tanto barulho... (P. 68)

35. Finalizando o artigo, o Codificador convida a que todos os espíritas prossigam o seu trabalho, trabalhando, não por uma propaganda furibunda e irrefletida, mas com paciência e a perseverança de quem sabe o tempo que lhe resta para, semeada a ideia, saber esperar a colheita. (PP. 69 a 71)

36. É melhor *"um inimigo declarado que um amigo inepto"*. Esse pensamento expresso por Kardec refere-se aos confrades que não refletem maduramente antes de agir. Entre os problemas citados pelo Codificador colocam-se em primeira linha as publicações intempestivas ou excêntricas, por serem fatos de maior repercussão. A inconveniência dessas publicações é destacada por Kardec, que recomenda que, em tais casos, é preciso fazer uma escolha muito rigorosa do que será publicado em nome do Espiritismo. (PP. 71 a 73)

37. Na sequência, o Codificador trata de um assunto ainda mais grave: os falsos irmãos. Os Judas existem também no movimento espírita, afirma Kardec. Eis o que, segundo ele, os caracteriza: I) a tendência para fazer o Espiritismo sair dos caminhos da prudência e da moderação; II) o estímulo às publicações excêntricas; III) o costume de provocar nas reuniões assuntos comprometedores sobre política e religião; IV) o hábito de soprar a discórdia enquanto pregam a união entre os espíritas; V) o lançamento ao tapete, com habilidade, de questões irritantes ou ferinas, capazes de provocar dissidências; VI) a implantação da inveja e do desejo de supremacia entre os vários grupos, encantando-se quando, por meras diferenças de opinião, os grupos passam a apedrejar-se, erguendo bandeira contra bandeira. (P. 74)

38. Alguns organizam ou fazem organizar reuniões onde se ocupam exatamente daquilo que o Espiritismo desaconselha, envolvendo a reunião espírita em práticas ridículas de magia negra, cartomancia, quiromancia, leitura da *buena-dicha* e quejandos, cujo resultado é o descrédito que se lança à doutrina espírita. (PP. 75 a 77)

39. O Espiritismo se distingue de todas as outras filosofias porque não é fruto da concepção filosófica de um homem só, mas de um ensino que cada um pode receber em todos os cantos da Terra. O que fez o rápido sucesso da doutrina espírita são as consolações e as esperanças que dá. As cóleras que ele excita são indícios do papel que tem de representar e da dificuldade que seus detratores encontram em lhe opor algo de mais sério. Feito esse registro, Kardec conclui: "Espíritas, elevai-vos pelo pensamento, olhai vinte anos para a frente e o presente não vos inquietará". (PP. 77 e 78)

40. A **Revista** noticia o falecimento em Lyon do sr. Guillaume Renaud, um dos mais fervorosos espíritas daquela cidade. Uma semana depois do óbito, o vigário da paróquia de Haute-Saône referiu-se com desdém ao falecido, dizendo que ele recusara os sacramentos que lhe foram oferecidos pela Igreja. A verdade, segundo Kardec, é que, durante a doença do sr. Renaud, inúteis esforços foram tentados para que ele abjurasse as crenças espíritas, a que ele se recusou terminantemente. Em represália, o clero de Lyon não permitiu fosse o seu corpo recebido na igreja local. (PP. 78 a 80)

41. Evocado em Lyon, trinta e seis horas depois do óbito, Guillaume Renaud referiu-se ao processo de sua desencarnação, afirmando ter adormecido por algum tempo, após o que, ao despertar, viu a seu lado, a rodeá-lo, Espíritos que o festejavam com efusões de alegria. (P. 81)

42. Em sessão realizada a 13/2/1863, a Sociedade Espírita de Paris decidiu, por unanimidade, não tomar conhecimento de um pedido oriundo de Tonnay-Charente, no qual o missivista dirige oito questões diretamente ao Espírito de Jesus, filho de Deus. As perguntas versavam sobre vários dogmas da Igreja. A publicação dessa decisão na

Revista objetiva mostrar a todos a inutilidade de dirigir no futuro perguntas sobre semelhantes assuntos. (PP. 81 e 82)

43. A respeito do caso, a Sociedade Espírita de Paris lembra ao autor da carta que o fim essencial do Espiritismo é a destruição das ideias materialistas e o melhoramento moral do homem e que, por isso, ele não se ocupa absolutamente de discutir os dogmas particulares de cada culto, deixando sua apreciação à consciência de cada um. Esclarece, ainda, a Sociedade: I) O dever dos verdadeiros espíritas é, antes de tudo, aplicar-se ao combate à incredulidade e ao egoísmo, que são as verdadeiras chagas da humanidade, e a fazer prevalecer, tanto pelo exemplo quanto pela teoria, o sentimento de caridade, que deve ser a base de toda religião racional. II) As questões de fundo devem passar à frente da questões de forma. III) As questões de fundo são as que têm por objeto tornar os homens melhores, visto que todo progresso social não pode ser senão consequência do melhoramento das massas. IV) Querer agir de outra forma é começar o edifício pelo telhado, esquecido dos alicerces; é semear antes de preparar o terreno. (PP. 82 a 84)

44. François-Simon Louvet, que se suicidou em 22/7/1857 no Havre, descreve em comunicação espontânea, recebida em 12/2/1863, seus padecimentos em consequência de seu gesto impensado. Como revela a mensagem, uma das aflições enfrentadas pelo suicida era ver-se sempre caindo da torre - da qual se jogara - e indo quebrar-se nas pedras, tal como ocorrera efetivamente seis anos antes, conforme noticiado pelo *Journal du Havre* de 23 de julho de 1857. (PP. 84 a 86)

45. A **Revista** transcreve a comunicação que foi dada em Paris pelo Espírito de Clara Rivier, desencarnada aos dez anos de idade, quatro meses antes. Enferma desde a idade de quatro anos, Clara foi um exemplo notável de resignação diante da dor. "Não temo a morte - *dizia ela* - porque depois me está reservada uma vida feliz." Na comunicação, Clara explicou que fora seu anjo da guarda quem a confortou durante toda a enfermidade e, como os seus pais enfrentavam na ocasião um ligeiro processo obsessivo, ela acrescentou:

> I) A obsessão terminará quando chegar o momento necessário.
> II) A prece e a fé dão grande força para dominar a obsessão.
> III) A obsessão e a subjugação são, na verdade, provas para quem as sofre, mas também um caminho aberto a novas convicções.
> IV) É preciso aproximar as distâncias pela caridade, introduzindo o pobre em casa, encorajando-o e levantando-o, sem o humilhar. "Tende - *concluiu Clara, dirigindo-se aos pais* - resignação, caridade, amor aos semelhantes e um dia sereis felizes." (PP. 86 a 89)

46. Da mensagem de Clara Rivier, Kardec destacou dois pontos:

> I) a informação de que, de uma existência a outra, o Espírito pode passar de uma posição social brilhante a outra humilde e miserável, expiando dessa forma o abuso dos dons que Deus lhe concedera; e,
> II) a revelação de que Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. Assim, se todos praticassem a lei da caridade, não haveria mais guerras, nem grandes misérias, nem calamidades no mundo. (P. 90)

47. O *Courrier du Bas-Rhin* de 3/1/1863 revelou que em Boston, Estados Unidos, o sr. William Mumbler havia descoberto, sem querer, a fotografia de pessoas *falecidas*. A primeira foto obtida pelo sr. Mumbler foi do Espírito de uma prima. Kardec aconselha, porém, acolher tal notícia com prudente reserva, porque os americanos são mestres também na arte de inventar patranhas. Além disso, o Codificador cita o fato ocorrido com um jovem lorde inglês, apaixonado pela arte fotográfica, que pensou haver obtido a fotografia de uma irmã falecida, e, no entanto, tal ideia não passou de um equívoco. *(N.R.: O tema fotografia de Espíritos é tratado com minúcias por Gabriel*

Delanne em seu livro **"O Fenômeno Espírita"**, *pp. 149 a 163. A cautela de Kardec é procedente e o processo movido contra o fotógrafo Buguet, em 1875, comprova que todo cuidado é pouco quando lidamos com fatos supostamente atribuídos a Espíritos.)* (PP. 90 a 92)

48. O sr. bispo de Argel publicou, para a quaresma de 1863, uma instrução pastoral dedicada ao Espiritismo, em que acusa o *demônio* de ditar a filósofos ilustres essas doutrinas malsãs que pregam a existência de dois princípios iguais, o bem e o mal, o materialismo, o ceticismo, o fatalismo, a metempsicose, a magia e a evocação dos Espíritos. O documento da Igreja foi publicado no jornal *Akbar*, de Argel, em 10/2/1863. Ao dar a notícia, o jornal argelino lembrou ao leitor que os que gostam, em todo litígio, de ouvir as duas partes, podiam tirar suas dúvidas lendo *"O Livro dos Espíritos"* e *"O Livro dos Médiuns"*, do sr. Allan Kardec, os quais se encontravam à venda em todas as livrarias de Argel. (PP. 92 e 93)

49. Na seção de poesias, a **Revista** traz dois poemas de origem mediúnica: *"Por que lamentar-se?"* e *"Mãe e filho"*. No primeiro, o poeta desencarnado diz que Deus fez do homem o artífice de seu próprio destino e afirma que o caminho que conduz ao bem requer esforço seguido e trabalho constante, completa vigilância e atenta pesquisa, o instinto frenado e a razão operante. "Trabalha, luta, ora e o céu estará em ti", eis como se encerra o poema. (PP. 94 e 95)

50. O segundo poema fala de uma mãe que perdeu o filho em tenra idade e explica por que o fato se deu. É que, num passado distante, ela fizera morrer o filho que ia dar à luz e agora, arrependida, fora castigada em circunstâncias parecidas com a que deu origem à sua falta. (PP. 96 e 97)

51. A edição de abril é aberta com mais um artigo de Kardec - *o quarto* - sobre os possessos de Morzine. Como já vimos, o sr. Constant atribuía os fatos à constituição raquítica dos habitantes e à insalubridade da região, bem como à má qualidade e à insuficiência da alimentação. O sr. Arthaud, médico em Lyon, foi a Morzine e declarou exatamente o contrário: a constituição dos habitantes era boa e havia ali apenas um caso de epilepsia e um de imbecilidade. Kardec reproduz outro relatório que também discorda do diagnóstico feito pelo sr. Constant e, entre diversos reparos à conclusão deste último, diz que, se o sr. Constant estivesse certo, o efeito observado seria endêmico e não epidêmico. Os primeiros sintomas da epidemia de Morzine - *lembra Kardec* - se verificaram em março de 1857 em apenas duas meninas adolescentes. Em novembro seguinte o número de doentes era de 27, e em 1861 atingiu o máximo de cento e vinte, assemelhando-se muito ao episódio que acometeu a Judéia, ao tempo do Cristo. *(N.R.: Epidemia: doença que surge rápida e acomete simultaneamente grande número de pessoas. Endemia: doença que existe constantemente em determinado lugar.)* (PP. 99 a 105)

52. As crises observadas nos doentes de Morzine, conforme descrição feita pelo sr. Constant, mostram pessoas assumindo um estado de furor, bastante agitadas, a declarar-se *diabos do* inferno e a bater nos móveis com força e vivacidade. O caso Victoire V..., vinte anos, uma das primeiras a adoecer quando estava com dezesseis anos, é expressivo. Seu pai conta que ela jamais sentira qualquer coisa, até que um dia foi tomada na igreja. Certa vez, ao levar-lhe o jantar na cúria, onde ele trabalhava, a jovem pôs-se a saltar e atirou-se no chão, gritando e gesticulando. Por acaso o cura de Montriond ali se achava, mas ela o injuriou. O cura de Morzine aproximou-se dela, quando a jovem se acalmou, mas a crise recomeçou logo que ele fez o sinal da cruz em sua fronte. Após ter sido exorcizada várias vezes, sem sucesso, ele a levou a Genéve, onde o sr. Lafontaine, o magnetizador, tratou-a durante um mês. Victoire retornou curada, permanecendo tranquila cerca de três anos. Depois disso, a doença voltou, mas ela já não tinha crises: apenas se trancava em casa e não

queria ver ninguém, só comendo vez por outra, o que a enfraqueceu sobremodo, a ponto de não conseguir ficar de pé. Levada outra vez ao sr. Lafontaine, depois de duas sessões ficou melhor e até este momento não mais enfermara. (PP. 105 a 110)

53. A **Revista** transcreve duas cartas, uma de Albi, outra de Lyon, em que seus autores atestam o efeito positivo que o conhecimento do Espiritismo produziu em suas vidas. "De agora em diante - *diz Michel, de Lyon* - poderei orar sem temer que minhas preces se percam no espaço e suportarei com alegria as tribulações desta curta existência, sabendo que a minha miséria atual não passa de justa consequência de um passado culposo..." (PP. 111 a 117)

54. Em data de 7/3/1863 um leitor escreveu de Chauny dando conta de que na paróquia local o Padre X..., estranho à mesma, proferiu um sermão em que falou sobre Deus e sobre os Espíritos e suas relações com os homens, sem qualquer ataque ao Espiritismo. Ao reproduzir a missiva, Kardec diz que, graças a Deus, esse sermão não é único no gênero, o que demonstra que parte do clero não pactua com os que atribuem os fatos espíritas aos demônios. (PP. 117 e 118)

55. Um casal de Tours, ele com oitenta anos, a esposa com sessenta e dois, decidiu pôr fim às suas angústias recorrendo a lamentável suicídio, que os adversários do Espiritismo atribuíram ao fato de ambos estarem, nos últimos tempos, envolvidos com as práticas espíritas. O motivo, como acabou revelado numa carta deixada pela sra. F..., era puramente econômico: o casal temia a perspectiva da miséria que rondava o seu lar, após ter amealhado uma pequena fortuna no comércio de tecidos. (PP. 118 a 121)

56. Quando a verdadeira causa foi divulgada na cidade, o ruído feito inicialmente contra o Espiritismo mudou seu rumo a favor da doutrina, o que se expressou no incremento extraordinário da venda de livros espíritas. Segundo o correspondente da **Revista**, as livrarias de Tours nunca venderam tantas obras espíritas como a partir desse episódio. (P. 122)

57. O fanatismo religioso acrescentou mais um lamentável caso ao seu acervo, no início de 1862, em França. O casal C... tinha dois filhos: um menino de quinze meses e uma menina de cinco anos, que jamais eram vistos pelos vizinhos. Correndo o boato de que as crianças sofriam um tratamento odioso, a polícia foi até à casa e contemplou um espetáculo horroroso: a menina, sem camisa e sem meias, apenas com um vestidinho indiano totalmente sujo e com a carne dos pés colada ao couro dos sapatos, estava sentada num urinol, apoiada numa caixa e amarrada com cordas que passavam pelas alças da mesma. O inquérito apurou que a criança permanecera naquela posição havia muitos meses e, mais, que os pais se levantavam à noite para atormentá-la, despertando-a com pancadas. Inquirido pela autoridade policial, o pai explicou: "Senhor, eu sou *muito religioso*; minha filha fazia mal as preces; por isso quis corrigi-la". (PP. 122 e 123)

58. Camille Flammarion publicou na *Revue Française* de fevereiro de 1863 um artigo, solicitado pela direção do periódico, em que escreve sobre a história e os princípios do Espiritismo. A **Revista** transcreve parte do artigo, em que Flammarion se reporta às primeiras manifestações verificadas na América, a sua introdução na Europa e sua conversão em doutrina filosófica. (PP. 123 a 125)

59. O Espírito de Jobard apresenta, em mensagem dada na Sociedade Espírita de Paris, um novo e zeloso partidário do Espiritismo, que na Terra não foi espírita, mas jamais se pronunciou abertamente contra as crenças espiritistas. Trata-se do Espírito de François-Nicolas Madeleine, que escreveu uma página sobre a indulgência na qual recomenda, no final, que devemos ser tão severos para conosco quanto indulgentes para com as fraquezas dos nossos irmãos. (PP. 125 a 128)

60. São Luís, comunicando-se na véspera do Natal na cidade de Tours, alude à festa da Natividade do Menino Jesus para dizer que os espíritas deveriam também alegrar-se e festejar o nascimento da doutrina espírita. (PP. 128 e 129)

61. A **Revista** de maio é aberta com novo artigo -- *o quinto e último* - a respeito dos possessos de Morzine, no qual Kardec afirma que referidos fatos têm a sua fonte na reação incessante que existe entre o mundo visível e o invisível que nos cerca e em cujo meio vivemos. Diz o Codificador: I) Em Morzine abateu-se uma nuvem de Espíritos malfazejos e não será com duchas nem alimentos suculentos que eles serão expulsos. II) Uns os chamam *diabos* ou demônios; o Espiritismo os chama simplesmente *maus Espíritos* e *Espíritos inferiores,* o que não implica uma melhor qualidade, mas indica que se trata de seres perfectíveis. III) Os exorcismos realizados revelaram-se inúteis, porque sua eficácia depende não das palavras e sinais com que são feitos, mas do ascendente moral exercido sobre os causadores dos distúrbios. (PP. 131 a 138)

62. Kardec refere ainda, baseado em relato do dr. Chiara, que certa vez houve na igreja, onde os doentes tinham sido reunidos, um tumulto horrível. As mulheres caíram em crise ao mesmo tempo, derrubando e quebrando os bancos da igreja e rolando pelo chão, de mistura com homens e crianças, que tentavam contê-las. A seguir, elas proferiram juras horríveis e incríveis, interpelando os sacerdotes em termos bastante injuriosos. Foi aí que cessaram as cerimônias públicas de exorcismo, que passou a ser feito a domicílio, sem quaisquer resultados, até que a prática foi encerrada de vez. (P. 138)

63. Resultado diverso se obteve em Moscou, onde na mesma ocasião os habitantes de uma aldeia foram também atingidos por um mal em tudo semelhante ao de Morzine -- as mesmas crises, as mesmas convulsões, as mesmas blasfêmias, as mesmas injúrias contra os padres e a mesma impotência de exorcistas e médicos. Conta o sr. A... que um de seus tios, o sr. R..., de Moscou, poderoso magnetizador e homem de bem por excelência, de coração muito piedoso, tendo visitado aqueles infelizes, parava as convulsões mais violentas pela simples imposição das mãos, acompanhada de fervorosa prece. Repetindo o ato, ele acabou curando quase todos radicalmente. (P. 138)

64. É preciso que o agente da cura tenha o coração piedoso, contribuindo para que os que sofrem o mal se elevem moralmente, pois este é o mais seguro meio de neutralizar a influência dos maus Espíritos e de prevenir a volta do que se passou, porquanto os maus Espíritos só se dirigem àqueles a quem sabem poder dominar e não àqueles a quem a superioridade moral -- *não dizemos intelectual* -- encouraça contra os ataques. (P. 139)

65. Kardec conclui o artigo advertindo que ninguém creia na virtude de talismãs, amuletos, signos ou palavras para afastar os maus Espíritos. A pureza de coração e de intenção, o amor de Deus e do próximo, eis o melhor talismã. (P. 139)

66. Segundo São Luís, guia da Sociedade Espírita de Paris, os possessos de Morzine estavam realmente sob a influência de Espíritos atraídos para aquela região por causas que um dia serão conhecidas. "Se todos os homens fossem bons - *diz São Luís* - os maus Espíritos deles se afastariam porque não poderiam os induzir ao mal. A presença dos homens de bem os faz fugir; a dos homens viciosos os atrai, ao passo que se dá o contrário com os bons Espíritos." (P. 140)

67. Com o título "*Algumas refutações*", Kardec refere-se às prédicas que estavam se intensificando, à época, com o objetivo de denegrir a doutrina espírita e desmoralizar seus partidários. O conteúdo dos ataques - *afirma o Codificador* - é geralmente o mesmo. Parte do clero considerava o Espiritismo uma mistura de *horrores* que só a loucura poderia justificar. Kardec alinha, em seu artigo, algumas das objeções feitas e lhes dá a resposta cabível. (PP. 140 a 145)

68. Eis alguns dos pontos que merecem destaque nos comentários de Kardec: I) O Espiritismo também reconhece como profanação chamar os *mortos* levianamente, por motivos fúteis e, sobretudo, para fazer disto profissão lucrativa. II) Se a crença nas penas eternas alimentadas pela Igreja constituem um freio poderoso, por que a humanidade chegou ao ponto em que se encontra, onde as prevaricações, os vícios, a corrupção e as guerras parecem jamais ter fim? III) Se a Igreja julga sua segurança comprometida com o ataque a essa crença, é o caso de lamentá-la por repousar sobre uma base tão frágil, porquanto, se tem ela um verme roedor, esse verme é o dogma das penas eternas. IV) Os grupos e sociedades espíritas na França não abrem as portas ao público para pregar sua doutrina aos transeuntes. O Espiritismo se prega por si mesmo e pela força das coisas. V) O Espiritismo agrada às pessoas porque não se impõe e por causa de sua doçura, das consolações que proporciona, da fé inabalável que propicia. VI) A doutrina espírita se apoia em fatos irrecusáveis que desafiam toda negação: eis o segredo de sua tão rápida propagação. (PP. 140 a 145)

69. Falando sobre sua desencarnação, o Espírito de Philibert Viennois relata: I) A viagem da *morte* é um sono para o justo; a ruptura é natural; mas, ao primeiro despertar, que admiração! Como tudo é novo, esplêndido, maravilhoso! II) Os Espíritos que ele amava e amigos de precedentes encarnações acolheram-no e abriram-lhe as portas da existência verdadeira. Na sequência, Viennois disse que a prece que Kardec fez em sua intenção comovera muitos Espíritos levianos e *incrédulos* que estavam presentes à reunião, e serviria para o seu adiantamento. A prece proferida por Kardec foi transcrita em seguida à comunicação. (PP. 145 a 148)

70. Num sermão pregado contra o Espiritismo, o orador, pensando com isso dar um golpe mortal nas ideias espíritas, relatou que, três semanas atrás, uma senhora que perdera o marido foi procurada por um médium. Este ofereceu-se para obter uma mensagem do falecido, que, valendo-se da escrita, contou à esposa que não tinha sido digno de entrar no repouso dos bem-aventurados e por isso se viu obrigado a reencarnar imediatamente para expiar seus pecados. Adivinhem onde? A um quilômetro dali, na propriedade de um moleiro, na pessoa de um jumentinho. A mulher foi e comprou o animal, instalando-o devidamente num cômodo especial de sua casa. (PP. 148 e 149)

71. Kardec, após relatar a anedota, diz que o orador demonstrou que critica o que não conhece, visto que o Espiritismo ensina, sem equívoco, que o Espírito não pode animar o corpo de um animal e vice-versa. (P. 149)

72. Da cidade de Midi, um dos correspondentes da **Revista** refere como a cruzada contra o Espiritismo estava sendo dirigida. Num grupo da cidade, onde se discutia pró e contra as ideias espíritas, um dos assistentes disse que o Codificador não contava em sua *Revista* todas as tribulações e mistificações que experimentava. E afirmou que em setembro do ano passado, numa reunião de cerca de trinta pessoas, em casa do sr. Kardec, todos os assistentes foram mimoseados a cacetadas pelos Espíritos. (P. 150)

73. Respondendo à carta, Kardec desmentiu de modo formal o suposto episódio e acrescentou que no mês de setembro de 1862 ele estava em viagem pelo interior da França, tendo-se ausentado de Paris desde o final de agosto até o dia 20 de outubro. *(N.R.: Essa viagem deu origem, por sinal, ao livro **"Viagem Espírita em 1862"**.)* (PP. 150 e 151)

74. A propósito do assunto, Kardec adverte que ninguém deve pensar que a guerra movida contra o Espiritismo tenha chegado ao apogeu. Quer dizer: viria ainda coisa mais pesada e grosseira. Em face disso, anotou o Codificador: I) Os verdadeiros espíritas, diante dos ataques recebidos, devem distinguir-se pela moderação, deixando aos antagonistas o triste privilégio das injúrias. II) É dever de todo bom espírita

esclarecer os que o procuram de boa-fé, mas é inútil discutir com antagonistas de má fé ou ideia preconcebida. III) As questões pessoais apagam-se ante a grandeza do objetivo e o conjunto do movimento irresistível que se opera nas ideias. Pouco importa, assim, que este ou aquele seja contra o Espiritismo, quando se sabe que ninguém tem o poder de impedir a realização dos fatos. IV) É preciso continuar a semear a ideia, espalhando-a pela doçura e pela persuasão e deixando aos nossos antagonistas o monopólio da violência e da acrimônia a que só se recorre quando a pessoa não é bastante forte pelo raciocínio. (PP. 152 e 153)

75. Focalizando o grande número de comunicações mediúnicas que lhe eram enviadas de todas as partes, Kardec valeu-se dos números para mostrar que nem toda mensagem de origem espiritual merece ser veiculada pela imprensa. Diz ele que em 3.600 mensagens recebidas existiam mais de 3.000 de moralidade irreprochável e excelentes como fundo, mas somente 300 (dez por cento delas) serviriam à publicidade, das quais apenas 100 apresentariam um mérito inconteste. A análise do Codificador leva a uma conclusão óbvia: não se deve publicar inconsideradamente tudo quanto venha dos Espíritos, se quisermos atingir o objetivo a que nos propomos. (PP. 153 a 155)

76. O mesmo raciocínio se aplica aos trabalhos dos encarnados: de 30 artigos que ele examinou, não mais de seis (vinte por cento) mereceriam ser publicados. "No mundo invisível como na Terra, não faltam escritores - *assevera Kardec* -, mas os bons são raros." Sua conclusão é que todas as precauções são poucas para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos - *acrescenta o Codificador* - mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa. (PP. 155 e 156)

77. Viennois (Espírito) explica, respondendo a Kardec, por que há Espíritos incrédulos no mundo espiritual. É que a morte não modifica de repente as opiniões dos que partem: sua incredulidade geralmente os acompanha. (PP. 156 e 157)

78. O caso de Espíritos materialistas no mundo espiritual é explicado por Erasto, que lembra que todos os corpos, sólidos ou fluídicos, pertencem à substância material. Os que em vida só admitem um princípio na natureza - a matéria, muitas vezes não percebem, após a morte, esse princípio único, absoluto, como cegos ante as coisas espirituais. (P. 158)

79. O número de junho é aberto com um artigo de Kardec intitulado *"Do princípio da não-retrogradação do Espírito"*, em que é desenvolvida com clareza a tese espírita de que os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Eles podem ficar momentaneamente estacionários, mas, se bons, não podem tornar-se maus, verificando-se o mesmo no tocante à sabedoria. O que pode ser modificado é a situação material, a condição social ou econômica da existência. (PP. 163)

80. Kardec analisa também, no mesmo artigo, a tese de que os Espíritos não teriam sido criados para se encarnarem. A encarnação não seria senão o resultado de sua falta. O Espiritismo afirma o contrário, ou seja, que a encarnação é uma necessidade para o progresso do Espírito e do próprio planeta em que ele vive. Outro ponto interessante comentado por Kardec é a situação do Espírito em sua origem. Sendo ele criado simples e ignorante, ao buscar o caminho do mal não haveria uma retrogradação? Kardec diz que não, porquanto só existe queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior, o que não ocorre no caso, visto que, criado simples e ignorante, o Espírito se encontra num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. (PP. 164 a 166)

81. A **Revista** traz um artigo contendo a refutação de Kardec aos ataques ao Espiritismo contidos numa brochura assinada pela Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus. Elaborada com base em dois sermões que o padre proferiu na igreja de São

João Batista, em presença do cardeal-arcebispo de Lyon, a brochura não traz novidades, mas se apresenta eivada de erros cometi-
dos deliberadamente por seu autor na menção de certos trechos das obras de Kardec. (PP. 167 a 173)

82. O "*Orçamento do Espiritismo* ou *Exploração da Credulidade Humana*" é o título de uma brochura publicada em Argel, em que o autor apresenta números mirabolantes para dizer que Allan Kardec embolsava uma renda anual de 38 milhões de francos. Eis alguns exemplos do absurdo: a Sociedade Espírita de Paris, que jamais teve 100 sócios, teria 3.000 associados, e a *Revista Espírita* contaria com 30.000 assinantes. O efeito junto aos espiritistas foi provocar uma enorme gargalhada e, nos demais, despertar o desejo de conhecer o Nababo que ficou rico com o Espiritismo. (PP. 173 a 180)

83. O sr. Sabô, de Bordeaux, conta que duas fábulas de origem mediúnica foram agraciadas no concurso anual promovido pela Academia dos Jogos Florais de Toulouse, em que se inscreveram 68 concorrentes. Uma - intitulada "*O Leão e o Corvo*" - obteve o primeiro prêmio; a outra recebeu menção honrosa. O autor desencarnado foi o Espírito familiar do sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassone, que, evidentemente, não cientificou o júri sobre a origem mediúnica de seus dois trabalhos. As fábulas foram escritas através da linguagem alfabética das pancadas. (PP. 180 a 183)

84. Noutra carta, o sr. Sabô relata uma experiência mediúnica por ele realizada, sendo médium o sr. Jaubert. O sr. Sabô fez, a pedido do médium, a evocação mental de um Espírito e eis que apareceu sua falecida esposa, morta aos 22 anos de idade, de nome Félicia, que Jaubert não conhecera. Comentando o fato, Kardec fez um único reparo: ao título de *batedor* dado ao Espírito que trabalha com o sr. Jaubert. O vocábulo *batedor* é mais apropriado quando se refere a uma das classes constantes da escala espírita, na categoria de "Espíritos imperfeitos". Como o objetivo do Espírito familiar do sr. Jaubert é sério, Kardec prefere chamá-lo de Espírito *tiptor*, termo que se refere à linguagem tipológica. (PP. 185 a 188)

85. Na seção de dissertações espíritas, a **Revista** transcreve três mensagens de origem mediúnica. Na primeira, La Fontaine diz que o que impede, por vezes, que nos corrijamos de um defeito é, certamente, não percebermos que o temos. Ele propõe então a autoanálise, o conhecimento de nós mesmos, para termos sucesso nesse campo. A segunda, sem identificação de autoria e recebida em Viena, destaca o valor da amizade e diz que a prece eleva o Espírito do homem para Deus, transportando-o para um estado de paz que o mundo não pode oferecer. A terceira, assinada apenas por um *Filósofo do outro mundo*, diz que o Espiritismo é obra de Deus e, por isso, tem assegurado um brilhante futuro, quando, graças à sua benéfica influência, haverá na Terra a concórdia e a fraternidade que ele apregoa. (PP. 191 a 194)

86. Interessante artigo sobre o sonambulismo abre o número de julho e nele o Codificador reproduz carta de um distinto médico de Tarn, que afirma que certos fenômenos ligados ao sonambulismo provam com clareza a existência da alma e sua ação à distância, independente do corpo físico. Kardec também comenta o assunto. (PP. 197 a 200)

87. A **Revista** transcreve dois pedidos de admissão formulados ao presidente da Sociedade Espírita de Paris, para mostrar o nível de consciência e o caráter dos que aderem às ideias espíritas através da leitura e do estudo. Nas duas cartas, ambos os missivistas dizem do efeito que a simples leitura d'*O Livro dos Espíritos* produziu em suas vidas. Comentando o assunto, Kardec afirma que a Sociedade Espírita de Paris só acolhe gente séria e que ali nenhum dos médiuns recebe retribuição. Quanto aos

membros correspondentes e honorários, nenhum encargo financeiro lhes é imposto, visto que apenas os membros titulares e associados concorrem para o custeio das despesas da Sociedade. (PP. 200 a 204)

88. A última inventada para tentar ridicularizar o Espiritismo surgiu na Sala Robin, no Boulevard du Temple, onde aparecem espectros e fantasmas impalpáveis, imitando as aparições espíritas. O jornal *Independence belge*, falando desse novo truque cênico, exclamou: "Eis a religião do sr. Allan Kardec metida a pique. Como vai o Espiritismo sair-se desta?" Kardec diz que deve haver o *dedo dos Espíritos* nesse movimento, porque esses recursos, aliados à virulência dos sermões, acabam produzindo efeito contrário ao que os detratores do Espiritismo desejam. (PP. 204 a 206)

89. Um correspondente de Bordeaux, mencionando o fato que ocorreu com sua irmã na cidadezinha de B..., onde era difícil encontrar alguém para conversar sobre Espiritismo, mostra o efeito que quatro sermões proferidos pelos irmãos carmelitas tiveram na população da cidade. O resultado dos ataques - ao chamar os médiuns de possessos do demônio que só agem por interesse - foi que em toda a cidade só se falava, nos dias seguintes, do Espiritismo e todo mundo queria saber mais, fato que fez com que surgissem novos adeptos onde não havia praticamente nenhum. (PP. 207 e 208)

90. Em Constantinopla, conforme carta enviada à **Revista** pelo advogado Repos Filho, presidente da Sociedade Espírita local, os livros espíritas, mal chegam aos livreiros, são imediatamente vendidos. (P. 209)

91. Segundo o sr. Repos Filho, um quadro desenhado mediunicamente por seu amigo e confrade Paul Lombardo foi admitido na Exposição nacional otomana com esta inscrição: "*Desenho mediúnico. Executado pelo sr. Paul Lombardo, de Constantinopla, que desconhece as artes do desenho e da pintura*". Comentando ambas as notícias, Kardec diz que o Espiritismo tem um caráter que o distingue de todas as doutrinas filosóficas: -- o de não ter um foco único, de não depender da vida de nenhum homem. Se o prejudicam aqui, ele surge ali. Eis aí a sua força. (PP. 209 a 211)

92. A **Revista** noticia o aparecimento de um novo jornal espírita, desta vez em Palermo, Sicília, publicado em italiano, com o título de "*O Espiritismo, ou Jornal de Psicologia Experimental*". Com o jornal surgiu também a *Società Spiritista di Palermo*. (PP. 211 a 213)

93. Falando sobre mediunidade, ensina Kardec: "Ninguém poderá tornar-se bom médium se não conseguir despojar-se dos vícios que degradam a humanidade. Todos esses vícios se originam no egoísmo; e como a negação do egoísmo é o amor, toda virtude se resume nesta palavra: *Caridade*". Dito isto, ele lembra que todo homem pode tornar-se médium, mas a questão não é ser médium; é ser bom médium, o que depende das qualidades morais. Muitos médiuns acabam abandonados por seus Espíritos por não quererem compreender que a caridade é o único meio de progredir. (PP. 213 e 214)

94. Relatando o caso de um jovem de vinte e três anos recém-convertido ao Espiritismo, Kardec informa que o rapaz, graças aos conhecimentos obtidos na doutrina espírita, conseguiu domar a sua inclinação para a cólera, assunto que o Codificador analisa em todas as suas nuanças, mostrando como o poder da vontade, secundada pelo conhecimento espírita, pode ajudar as pessoas a dominar as paixões e as inclinações inferiores. (PP. 214 a 216)

95. A **Revista** publica a primeira de uma série de cartas abertas dirigidas por Kardec ao padre Marouzeau, que escreveu dois anos antes uma brochura contendo ataques contra o Espiritismo. Eis alguns pontos realçados pelo Codificador em sua carta: I) O Espiritismo está hoje mais vivaz do que dois anos atrás, porque em toda

parte onde pregaram contra ele cresceu o número de adeptos. II) O fato indica que os argumentos dos seus adversários tiveram efeito contrário ao pretendido. III) Reconduzir ao bem é, para o espírita, a verdadeira conversão. Um homem arrancado às suas más inclinações e reconduzido a Deus e à caridade pelo Espiritismo é a mais útil vitória. IV) O Espiritismo não faz milagres, salvo as conversões *miraculosas* que aproximam os incrédulos de Deus e convertem ao bem pessoas que antes só se preocupavam com o mal, dando-lhes a força necessária para vencer as más paixões. (PP. 217 a 219)

96. O caso Max, o mendigo, reproduzido em 1865 no livro "*O Céu e o Inferno*" (Segunda Parte, cap. VIII), é focalizado em todas as suas minúcias na **Revista**. (PP. 219 a 221)

97. A **Revista** traz também a página assinada pelo Espírito de Vianney, cura d' Ars, "Bem-aventurados os que têm os olhos fechados", que integra o cap. VIII, item 20, de "*O Evangelho segundo o Espiritismo*". (PP. 222 e 223)

98. João, discípulo, escreve sobre o arrependimento e diz que esse sentimento, semelhante às tempestades que varam o ar, purificando-o, é um sofrimento fecundo, uma força reativa e atuante e, por isso, sobe até Deus. "É chegada a hora - *diz João* - em que o Espiritismo deve rejuvenescer e vivificar a essência mesma do cristianismo. Assim, por toda parte e para sempre, apagai a cruel sentença que despoja a alma culpada de toda esperança." (PP. 223 e 224)

99. Erasto, comentando a notícia lida na Sociedade Espírita de Paris, a respeito das novas sociedades espíritas que se formam na França e no estrangeiro, assevera que cego é quem não vê a marcha triunfante das ideias espíritas. Lembrando uma frase de Lamennais, que disse oportunamente que o futuro estava no Espiritismo, Erasto afirma que esse fato já se realizou e que o tempo é chegado! (PP. 224 e 225)

100. Lamennais, analisando os períodos de transição na história da humanidade, esclarece, referindo-se à Igreja romana, que desta vez a queda será imensa. A apatia religiosa dos padres, unida aos heresiarcas fanáticos, faz com que a Igreja do Cristo se torne humana, mas não mais humanitária. Pedindo que os espíritas orem, Lamennais adverte: "Vossa época atormentada e blasfema é uma rude época, que os Espíritos vêm instruir e encorajar". (PP. 225 e 226)

101. Tratando da mediunidade, Santo Agostinho diz que feliz é aquele que é guiado pelo amor fraterno, e que o mal só existe pela ignorância do homem e pelo mau uso que ele faz das paixões, das tendências e dos instintos adquiridos em contato com a matéria. "Observai - *recomenda Santo Agostinho* - e estudai com cuidado as comunicações que recebeis; aceitai o que a razão não recusar; repeli o que a choca; pedi esclarecimentos sobre as que vos deixam na dúvida." E aditou: "Tendes aqui a marcha a seguir para transmitir às gerações futuras, sem medo de as ver desnaturadas, as verdades que separáveis sem esforço de seu cortejo inevitável de erros". (PP. 226 e 227)

102. Kardec informa, em nota posta logo abaixo dessa mensagem, que o médium que a recebeu é um jovem iletrado, que ignora, segundo o sr. Dumas, o sentido da maioria das palavras ali contidas. Os médiuns iletrados que recebem comunicações acima de seu alcance intelectual - *diz o Codificador* - são muito numerosos. (P. 227)

103. O número de agosto faz o elogio do ilustre filósofo Jean Reynaud, nascido em Lyon em 1808 e morto em Paris em junho de 1863, após uma curta moléstia. Autor do livro "*Terre et Ciel*", obra que o popularizou, mas que, tida como perigosa para o ortodoxia da fé católica, foi posta no Índex pela cúria romana, Reynaud é considerado por Kardec um dos precursores do Espiritismo. Como Charles Fourier, ele

admitia o progresso indefinido da alma e a pluralidade das existências, sem nada ter visto e baseando-se tão-somente na sua profunda intuição. (PP. 229 a 232)

104. Citando a importância para o Espiritismo da adesão de vários escritores de renome, como Victor Hugo, que semeavam, aqui e ali, as ideias espíritas, Kardec destaca o valor do magnetismo e da homeopatia na disseminação do conhecimento da ação perispiritual, fonte de todos os fenômenos espíritas. No caso da homeopatia, o Codificador cita a facilidade com que os médicos homeopatas aceitam o Espiritismo e não se surpreende pelo fato de a maioria dos médicos espíritas pertencerem à escola fundada por Hahnemann. (PP. 233 e 234)

105. A **Revista** transcreve trechos extraídos da obra do escritor Lamartine, os quais apresentam alguns pontos concordantes com as ideias espíritas, como, por exemplo, sua referência às vidas sucessivas e à vinda do Consolador prometido por Jesus, que Lamartine entende que poderia vir como homem ou como uma doutrina. (PP. 235 e 236)

106. A *Presse* de julho noticiou a publicação do livro "*Destino do homem nos dois mundos*", do sr. Hippolyte Renaud, o qual - *segundo Kardec* - se liga de maneira muito direta à doutrina espírita. A **Revista** publicou a notícia e o artigo que o sr. E. de Pompéry escreveu sobre referida obra. (PP. 236 a 240)

107. Em carta dirigida ao redator da *Presse*, o sr. Henri Martin, citado nominalmente no artigo do sr. Pompéry, apoiou a crítica que este fez à crença de alguns em uma metempsicose indefinida e sem recordação do passado, que ele também considerava absurda e inaceitável. O Espiritismo, como sabemos, não aceita também a metempsicose. (P. 241)

108. Dois fatos relatados na **Revista** mostram como a ação do Espírito comunicante pode estender-se ao organismo do médium: I) No primeiro, ocorrido em Parma, Itália, o dedo indicador do médium ficou singularmente frio. É que se manifestava por ele um irmão morto há mais de vinte anos, cujo indicador havia ficado anquilosado. II) No segundo caso, o Espírito fazia com que determinado membro ou parte do corpo do médium ficasse paralisado. (PP. 242 a 244)

109. Kardec escreve de novo a respeito dos espectros artificiais, um truque cênico de uma simplicidade tão grande, que todos os teatros apresentavam os seus. Além de lamentar a superficialidade com que a imprensa tratava do assunto, Kardec aproveitou o ensejo para informar como se realizam as sessões nos grupos espíritas sérios, cujo recolhimento é incompatível com a leviandade de caráter e a balbúrdia dos curiosos. Quanto à crítica aos que fazem profissão da faculdade mediúnica, Kardec disse que nada há a objetar, pois os espíritas sérios também repudiam toda exploração dessa natureza, como indigna do caráter exclusivamente moral do Espiritismo e uma falta de respeito aos mortos. (PP. 245 a 248)

110. Por que Deus permite que médiuns bem-intencionados sejam enganados pelos Espíritos? As mistificações - *responde Kardec* - têm o objetivo de pôr à prova a perseverança, a firmeza na fé e exercitar o julgamento. Se os bons Espíritos as permitem em certas ocasiões, não é por impotência de sua parte, mas para nos deixar o mérito da luta. Os bons Espíritos velam por nós e nos assistem, mas com a condição de que também nos ajudemos a nós mesmos. (P. 249)

111. Suscitada por um leitor de São Petersburgo, a objeção colocada à frase: *Tudo quanto é desconhecido é infinito*, constante de "*O Livro dos Espíritos*", é examinada por Kardec, que, citando a Academia Francesa, entende que o vocábulo **infinito** não poderia nesse caso ser substituído, como proposto, pelo vocábulo **indefinido**. Embora sinônimos no sentido geral, há momentos em que um vocábulo não substitui o outro. Diz-se, por exemplo: *duração* **infinita** ou *duração* **indefinida**, mas

não se pode dizer: *a misericórdia de Deus é* **indefinida**, em vez de dizer: é **infinita**. (PP. 250 e 251)

112. A **Revista** relata o curioso fato que se deu com o sr. Cardon, médico, falecido em setembro de 1862, que Kardec iria inserir mais tarde no livro *"O Céu e o Inferno"* (Segunda Parte, cap. III). (PP. 251 a 255)

113. Três mensagens dadas pelo Espírito de Jean Reynaud, recentemente falecido em Paris, são reproduzidas na **Revista**, antes de comporem o livro *"O Céu e o Inferno"* (Segunda Parte, cap. II), publicado em 1865. (PP. 255 a 258)

114. O Espírito de Samuel Hahnemann escreve sobre a medicina homeopática, motivado pela presença à sessão de um médico homeopata estrangeiro que lhe pediu opinasse sobre o estado atual da ciência. Na mensagem, Hahnemann lamenta a negligência dos colegas terrenos que, desconhecendo as leis primordiais do *Organon,* exageram as doses e não dão à trituração dos medicamentos os cuidados que ele indicara. "Nenhum remédio é indiferente, nenhum medicamento é inofensivo - *diz Hahnemann -;* quando o diagnóstico mal observado o faz dar fora de propósito, ele devolve os germes da moléstia que era chamado a combater." (PP. 258 e 259)

115. O sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassone, diz numa carta dirigida à Sociedade Espírita de Paris -- em que agradece sua admissão entre os membros honorários da Sociedade -- que acredita na imortalidade da alma e na comunicação dos mortos com os vivos, tanto quanto crê no sol. "Amo o Espiritismo como a mais legítima afirmação da lei de Deus: a lei do progresso", acrescentou Jaubert. (PP. 259 e 260)

116. Um artigo escrito por F. Herrenschneider, sobre a união da Filosofia e do Espiritismo, abre o número de setembro. Trata-se da introdução a um trabalho que o autor se propôs a fazer sobre a necessidade da aliança entre uma e outro, do qual extraímos estes pontos:

> I) Há dez ou doze anos que o Espiritismo se revelou na França; comunicações incessantes dos Espíritos provocaram em todas as camadas da sociedade um movimento religioso benéfico, que importa encorajar e desenvolver.
>
> II) O espírito religioso estava perdido, sobretudo entre as classes letradas e inteligentes, porque o sarcasmo *voltairiano* tinha tirado o prestígio do Cristianismo e o progresso das ciências lhes havia feito reconhecer as contradições existentes entre os dogmas e as leis naturais.
>
> III) O desenvolvimento das riquezas e as invenções maravilhosas, associadas à incredulidade e à indiferença, protestavam contra a renúncia ao mundo, dando ensejo à paixão pelo bem-estar, pelo prazer, pelo luxo e pela ambição.
>
> IV) Foi então que, de repente, os mortos vieram lembrar que nossa vida presente tem um dia seguinte, que nossos atos têm suas consequências, senão nesta, infalivelmente na vida futura. (PP. 261 e 262)

117. Na sequência, o sr. Herrenschneider afirma que a renovação dessas relações com os mortos é e continuará sendo um acontecimento prodigioso, que terá como consequência a regeneração tão necessária da sociedade moderna. É que, quando a sociedade humana não tem outro objetivo senão a prosperidade material e o prazer dos sentidos, mergulha no materialismo egoísta, renuncia a todos os esforços que não conduzem a uma vantagem palpável, só estima os que têm posses e apenas respeita o poder que se impõe. Contra semelhante disposição moral, a Filosofia é impotente. (P. 262)

118. O autor desenvolve então toda uma tese, para concluir que a união do Espiritismo com a Filosofia lhe parece de alta necessidade para a felicidade humana e

para o progresso moral, intelectual e religioso da sociedade moderna, porque não mais estamos no tempo onde se podia afastar a ciência humana e preferir, a ela, a fé cega. (PP. 263 a 268)

119. Kardec esclarece dúvida apresentada por confrades de Moulins a respeito da diferença entre expiação e prova. A expiação - *diz o Codificador* - implica necessariamente a ideia de um castigo mais ou menos penoso, resultado de uma falta cometida. A prova não tem relação com falta anterior, mas implica sempre um estado de inferioridade real ou presumível do Espírito, porque quem chegou ao ponto culminante a que aspira não necessita mais de provas. (PP. 268 a 271)

120. Kardec diz ainda que em certos casos a prova se confunde com a expiação, ou seja, a expiação pode servir de prova e a prova servir de expiação. E cita o exemplo do aluno que se apresenta para receber a graduação, submetendo-se a uma prova. Se falhar, terá de recomeçar o trabalho, por vezes penoso, cuja carga é uma espécie de punição da negligência no primeiro. A segunda prova é, portanto, além de prova, uma expiação. Kardec esclarece, por fim, que é um erro pensar que o caráter essencial da expiação seja o de ser imposta, pois o próprio Espírito pode solicitá-la. (PP. 271 a 274)

121. A **Revista** apresenta a segunda carta aberta dirigida por Kardec ao padre Marouzeau, na qual o Codificador diz que as previsões feitas pelo reverendo não se cumpriram, apesar dos ataques, dos sermões, das excomunhões e das brochuras que o clero lançou e continuava a lançar contra a doutrina espírita, eivados todos eles das mais grosseiras injúrias, calúnias e ultrajes pessoais. Reafirmando que a doutrina espírita não é criação sua, mas obra dos Espíritos, Kardec encerra a carta dizendo: "Senhor padre, eu vos dou o prazo de dez anos para ver o que então pensais da doutrina". (PP. 274 a 278)

122. O jornal "*Écho de Sétif*" de 23/7/1863 transcreveu artigo do sr. C*** em que este responde à brochura publicada pelo sr. Leblanc de Prébois contra o Espiritismo. A **Revista** divulga parte do mencionado artigo. (PP. 279 e 280)

123. Na seção de livros, Kardec comenta a obra *Revelações sobre minha vida sobrenatural*, escrita por Daniel Dunglas Home, em que este faz um relato puro e simples, sem quaisquer explicações, dos fenômenos mediúnicos por ele produzidos. Lembrando que tais fenômenos são interessantes para quem conhece o Espiritismo, mas pouco convincentes para os incrédulos, o Codificador censura no livro: I) a ausência de qualquer conclusão, qualquer dedução filosófica ou moral acerca dos fenômenos; II) as incorreções de estilo, sobretudo na versão francesa; III) a qualificação de *sobrenatural* dada pelo sr. Home à sua vida. Aliás, a respeito da passagem do notável médium pela França, Kardec insiste na tese de que ele (Home) apressou em terras francesas a eclosão do Espiritismo pelo brilho de seus fenômenos, mesmo entre os incrédulos, provando que não são cercados de mistérios e que se pode ser médium sem o ar de feiticeiro. (PP. 280 a 284)

124. Outra obra citada pela **Revista**, recomendada por Kardec com toda a confiança e sem restrições, é *Sermões sobre o Espiritismo*, em que um espírita de Metz refuta os sermões pregados na Catedral de Metz em maio de 1863 pelo rev. Pe. Letierce, da Companhia de Jesus. (P. 284)

125. A **Revista** transcreve duas mensagens espontâneas obtidas na Sociedade Espírita de Paris. A primeira, sem assinatura, é de uma jovem morta prematuramente, após longa enfermidade. "Não conheci -- *disse a jovem* -- a perturbação e entrei serena e recolhida no dia radioso que envolve os que, depois de muito sofrimento, esperaram um pouco." A segunda, de autoria do Espírito de Lamennais, fala sobre o purgatório. (PP. 285 e 286)

126. O número de setembro da **Revista** é fechado com três mensagens obtidas fora de Paris: I) A castidade é o tema da primeira, em que o autor afirma que de todas as virtudes exemplificadas pelo Cristo nenhuma foi mais indignamente esquecida quanto a castidade. No final da comunicação, o autor enfatiza a importância da educação da criança, cujos órgãos da inteligência são, na infância, como cera mole, apta a receber a moldagem do mais fraco objeto que a toque, deixando uma impressão que, depois de endurecida a cera, se tornará inapagável. II) O dedo de Deus é o assunto da segunda mensagem, na qual um Espírito familiar diz que o dedo de Deus pode ser a punição sobre a cabeça do culpado, o remorso que rói os corações, mas também a paz reservada ao justo ou a justiça grave e austera, temperada pela misericórdia. III) Na terceira comunicação, um Espírito explica por que a verdade tem sido ensinada no mundo de forma gradual. É que -- *afirma o comunicante* -- a humanidade devia progredir com sábia lentidão, para que a marcha fosse segura. (PP. 286 a 291)

127. Abrindo o número de outubro de 1863, Kardec diz que a sociedade vinha sendo trabalhada, um século antes, pelas ideias materialistas, reproduzidas sob todas as formas, traduzindo-se na maioria das obras literárias e artísticas. O espiritualismo, no entanto, reagiu e foi nessas circunstâncias, eminentemente favoráveis, que chegou o Espiritismo. Se tivesse chegado antes -- *afirma o Codificador* -- ter-se-ia chocado com o materialismo todo-poderoso; se chegasse em tempo mais recuado, teria sido abatido pelo fanatismo cego. (PP. 293 a 295)

128. Na sequência, Kardec assevera que um dos mais importantes princípios espíritas é o da pluralidade das existências, que os céticos confundem, geralmente, com o dogma da metempsicose. Charles Fourier, Jean Reynaud e muitos outros escritores e pensadores contemporâneos foram reencarnacionistas, como a escritora George Sand. (PP. 295 e 296)

129. A **Revista** noticia o falecimento do sr. Costeau, membro da Sociedade Espírita de Paris, que foi sepultado no cemitério de Montmartre em vala comum, fato que mostra que a Sociedade de Paris não era um grupo exclusivamente aristocrático, visto que contava em seu seio mais de um proletário. (PP. 297 e 298)

130. Momentos antes do sepultamento, o sr. Vézy -- médium da Sociedade -- desceu à cova e transmitiu uma mensagem dada ali mesmo pelo sr. Costeau, que, referindo-se à simplicidade do seu enterro, informou que ali se encontrava *uma multidão imensa* de amigos do plano espiritual que vieram recebê-lo no retorno à verdadeira vida. (PP. 299 e 300)

131. Terminadas as formalidades do sepultamento, o grupo espírita dirigiu-se ao túmulo onde fora sepultado o corpo de Georges. De novo, o sr. Vézy transmitiu linda mensagem de Georges, que fora em vida cunhado do sr. d'Ambel, vice-presidente da Sociedade Espírita de Paris, presente também à cerimônia. (PP. 300 a 302)

132. Comentando os dois episódios, Kardec recorda que o sr. Sanson também se comunicara na câmara mortuária, antes de seu sepultamento, mas que o ato de descer à cova, no caso Costeau, não era condição indispensável ao êxito do contato com o Espírito do falecido. (P. 302)

133. A **Revista** reporta-se à conclusão das obras de um retiro instalado em Cempuis pelo sr. Prévost, membro da Sociedade de Paris, que dava nova prova de seu desprendimento e de sua dedicação aos mais carentes, concorrendo com parte de sua fortuna para o atendimento aos irmãos necessitados. (PP. 302 a 306)

134. Dois fatos expressivos relatados pela "*Patrie*" de abril de 1863 e pela "*Opinion du Midi*" de julho são transcritos pela **Revista:** I) Um cavalheiro passava por uma rua no momento em que uma família sofria ação de despejo por não pagamento dos aluguéis. Vendo o desespero do marido e o choro da mulher e dos

seus dois filhos, o homem aproximou-se e, ciente da quantia devida, deu-lhes o numerário suficiente para quitar a dívida, desaparecendo em seguida. II) Um violento incêndio consumiu quase inteiramente a loja e as oficinas do sr. Marteau, marceneiro em Nîmes. Um doador anônimo, condoído pelo sofrimento do marceneiro, enviou-lhe -- *sem se identificar* -- três carretas carregadas de madeira de várias qualidades e instrumentos de trabalho. "Fatos como os acima relatados -- *assevera Kardec* -- provam que a virtude não está inteiramente banida da Terra, como julgam certos pessimistas." (PP. 306 a 308)

135. Ao publicar uma comunicação dada espontaneamente pelo Espírito de François Franckowski, Kardec diz ser um erro pensar que os Espíritos só vêm se forem evocados, pois muitos se apresentam espontaneamente. (PP. 308 a 310)

136. Alguns membros da Igreja -- *diz Kardec* -- apoiam-se na proibição de Moisés para proscrever as comunicações com os Espíritos. Essa proibição e seus desdobramentos são analisados pelo Codificador, que adverte, logo de início, que há duas partes distintas na lei mosaica: a lei de Deus, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo. Jesus modificou de forma profunda a lei civil ditada por Moisés, mas em nenhuma parte do Evangelho fez ele qualquer menção à proibição de evocar os mortos. (PP. 310 a 313)

137. Na sequência, a **Revista** transcreve uma mensagem recebida em Bordeaux pela sra. Collignon, na qual Semeão (Espírito) explica por que Moisés proibiu as evocações e enumera alguns exemplos de modificações introduzidas por Jesus nas prescrições mosaicas. (PP. 313 a 315)

138. Falando sobre os falsos devotos, Delphine de Girardin (Espírito) afirma que os falsos devotos são para a religião o que é, para a sociedade, a mulher falsamente honesta. (P.315)

139. A longevidade dos patriarcas -- *ensina Lamennais* -- é uma figura moral e não uma realidade. Os querubins da Bíblia também tinham seis asas e o Deus dos judeus banhava-se em sangue! Isso mostra que é preciso extrair das Escrituras o ensino puro, não tomando ao pé da letra o que não passa de alegoria. (PP. 316 e 317)

140. Numa mensagem dada em Thionville, um Espírito Familiar diz que a lei do progresso domina tudo no universo e que é em virtude dessa lei que o homem deve, como tudo quanto existe em nosso globo, percorrer todas as fases que o separam da perfeição. Assim, depende de cada pessoa abreviar a prova que deve sofrer, havendo um meio certo de abrandar uma punição merecida: um sincero arrependimento aliado ao recurso à prece feita com fervor. (PP. 318 e 319)

141. Examinando o tema panteísmo, Lázaro diz que ele constitui o primeiro passo do paganismo para a lei do amor, revelada e pregada por Jesus. O panteísmo tem duas faces, sob as quais convém estudá-lo -- e é isso que Lázaro faz. *(N.R.: Kardec trata do assunto em "O Livro dos Espíritos" e diz que os Espíritos repelem essa doutrina.)* (PP. 319 e 320)

142. A **Revista** traz breve comentário de Kardec sobre o livro "*O Espiritualismo Racional*", do sr. G. H. Love, engenheiro, que se propôs tirar da própria ciência e da observação dos fatos a demonstração das ideias espiritualistas. Num dos trechos do livro, seu autor afirma "que é impossível ser um bom espírita sem ser um homem de bem e *um bom cidadão*". E acrescenta: "Não conheço muitas religiões das quais se possa dizer o mesmo". (PP. 321 e 322)

143. Kardec volta a comentar a brochura *Sermões sobre o Espiritismo*, a que a **Revista** se reportou no mês de setembro *(veja a pág. 284 da Revista e o item 124 deste resumo)*. Trata-se da refutação feita por um confrade de Metz a três sermões pregados em maio de 1863 na Catedral de Metz pelo Pe. Letierce, da Companhia de Jesus. (PP. 322 a 324)

144. O segundo artigo escrito pelo sr. F. Herrenschneider sobre a união da Filosofia e do Espiritismo abre o número de novembro de 1863. Eis os pontos principais contidos no alentado estudo:

> I) A alma humana é constituída de maneira a existir separadamente do corpo, tão bem quanto em seu envoltório.
> II) Os espíritas são homens bem-dispostos para a busca da verdade porque renunciaram por si mesmos às vaidades mundanas e à superstição oficial dos cultos reconhecidos.
> III) A alma compõe-se de dois elementos bem distintos entre si e, apesar disso, indissoluvelmente unidos, porque jamais e em parte alguma esses elementos se encontraram separadamente.
> IV) O ecletismo espiritualista nos reconhece três faculdades principais: a vontade, a sensação e a razão, faculdades essas que se distinguem do corpo físico.
> V) Deus nos proporcionou fatos, circunstâncias e acontecimentos providenciais bastante chocantes para nos reconduzir ao bom caminho. As *doutrinas e os fatos sobre os quais se funda o Espiritismo* estão neste número. (PP. 325 a 335)

145. Kardec transcreve passagens de uma Carta Pastoral dirigida pelo Bispo de Argel em 18 de agosto de 1863 aos curas de sua diocese, na qual o clérigo adverte sobre a "*superstição dita Espiritismo*". Em seguida aos trechos da Pastoral o Codificador alinhou seus comentários, iniciando-os com a informação de que a circular foi um excelente meio de tornar o Espiritismo conhecido em lugares onde antes ele não o era. Aliás, a virulência e o exagero contidos nos sermões sempre concorreram para o aumento do número de adeptos, como se deu em Lyon. A Carta termina ordenando a interdição na diocese de Argel da prática do Espiritismo e da invocação dos mortos. Segundo Kardec, essa ordenação foi a primeira lançada com o fito de interditar oficialmente o Espiritismo numa localidade e, por esse motivo, a data 18-8-1863 deve ficar marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9-10-1861, quando se realizou o auto-de-fé de Barcelona. (PP. 335 a 345)

146. A **Revista** transcreve duas cartas de leitores, que demonstram o efeito da ação moralizadora do Espiritismo. Na primeira, o sr. Adolphe Roussel conta que a simples leitura do livrinho "*Que é o Espiritismo?*" o havia retirado das hostes do ateísmo e do materialismo. Na segunda, um cidadão recluso numa penitenciária revela o bem que o conhecimento do Espiritismo lhe fez, devolvendo-lhe, embora preso, a crença em Deus e em sua justiça. (PP. 345 a 351)

147. Novo sucesso obtido pelo Espírito tiptologista de Carcassone é noticiado pela **Revista**: trata-se da medalha de bronze obtida no concurso de Nîmes, após ter alcançado o primeiro prêmio na Academia dos Jogos Florais de Toulouse, atuando como médium o sr. Jaubert, vice-presidente do Tribunal Civil de Carcassone. (PP. 351 e 352)

148. É transcrita pela **Revista** interessante passagem extraída de uma obra publicada pelo dr. Gelpke, em 1817, em Leipzig, na qual o autor alude à existência de habitantes em outros planetas. (PP. 352 e 353)

149. Fechando o número de novembro, a **Revista** publica duas comunicações assinadas por São Luís e Santo Agostinho. Na primeira, denominada "*A nova torre de Babel*", São Luís assevera que o Espiritismo é o Cristianismo da Idade Moderna e deve restituir às tradições o seu sentido espiritualista. Santo Agostinho diz, na segunda mensagem, que os antigos profetas eram todos inspirados por Espíritos elevados, que lhes davam ensinamentos de natureza a serem compreendidos apenas por inteligências de escol e cujo sentido não estivesse em oposição muito patente com os

conhecimentos da época. Era, desse modo, possível interpretá-los de maneira adequada à inteligência das massas, para que estas não os rejeitassem, o que certamente se daria se as revelações estivessem em oposição muito formal com as ideias gerais. (P. 354)

150. Hoje -- *assevera Santo Agostinho* -- o cuidado dos Espíritos é o de esclarecer completamente os homens, fazendo-os compreender as aproximações existentes entre as revelações atuais e as dos antigos. E outra é a sua tarefa: combater a mentira, a hipocrisia e o erro, missão muito difícil e muito árdua, mas cujo fim será alcançado, porque essa é a vontade de Deus. (P. 355)

151. Abrindo o número de dezembro, Kardec responde a um distinto publicista que, embora não fosse contrário aos processos espíritas, julgava-os inúteis no seu caso. O Codificador mostra, porém, a utilidade do ensino trazido pelos Espíritos, apontando os inúmeros motivos que dão embasamento à sua tese. Nesse sentido, os fatos e as vozes de além-túmulo, fazendo-se ouvir em seus próprios lares, promovem a necessária mudança que simples considerações filosóficas não conseguem imprimir no caráter e no pensamento da criatura humana. (PP. 357 a 360)

152. Falando ainda a respeito da Carta Pastoral publicada pelo Bispo de Argel, Kardec faz as seguintes considerações:

I) O Espiritismo deve ser aceito livremente, atraindo as pessoas para si pela força de seu raciocínio, sem jamais violentar consciências.

II) Em todas as suas refutações, ele nunca visou os indivíduos, porque as questões pessoais morrem com as pessoas.

III) O Espiritismo vê as coisas mais do alto; liga-se às questões de princípios, que sobrevivem aos indivíduos.

IV) O clero não é unânime na reprovação ao Espiritismo. A propósito da posição do clero, Kardec relata dois fatos bastante curiosos envolvendo dois padres favoráveis às ideias espíritas. (PP. 360 a 363)

153. Reafirmando que a pastoral do Bispo de Argel não conseguira deter o impulso do Espiritismo naquela região, Kardec transcreve na **Revista** duas cartas que comprovam sua informação de que os sermões virulentos concorrem mais do que se pensa para a expansão do movimento espírita e do número de seus adeptos. (PP. 364 a 366)

154. Se Elias e João Batista são o mesmo Espírito, com qual dos corpos ele ficará no dia do juízo final, para se apresentar, segundo a Igreja, ante Jesus Cristo? Kardec responde a esta questão, que fora proposta a um confrade pelo cura de determinada cidade. Depois de transcrever e comentar a passagem evangélica em que os Saduceus fizeram curiosa pergunta a Jesus, a respeito da mulher que tivera sete esposos, o Codificador esclarece que o corpo utilizado pelos Espíritos, após sua desencarnação, é o corpo espiritual, a que Paulo se refere em sua 1ª Epístola aos Coríntios, e não o corpo carnal, sujeito à decomposição e ao desaparecimento. (PP. 366 a 369)

155. Paulo de Tarso -- o São Paulo dos cristãos católicos -- é considerado por François-Nicolas Madeleine precursor do Espiritismo. "Como os espíritas, e antes dos espíritas -- *assevera Madeleine* --, foi ele o primeiro a proclamar esta máxima que vos constitui uma glória: **Fora da caridade não há salvação!**" Além disso, Paulo descreve na carta dirigida aos Coríntios as principais faculdades mediúnicas, que ele chama de dons abençoados do Espírito Santo. Kardec acrescenta à comunicação os ensinamentos dados pelo Apóstolo dos gentios a respeito do corpo espiritual -- o corpo fluídico, ou perispírito, que reveste a alma, segundo nos ensina o Espiritismo. (PP. 370 a 372)

156. Um caso de possessão -- o da senhorita Júlia -- é examinado por Kardec, que aproveita o ensejo para retificar assertiva sua, relativa à possessão, constante de suas primeiras obras. "Temos dito -- *assevera o Codificador* -- que não havia possessos, no sentido vulgar do vocábulo, mas subjugados. Voltamos a esta asserção absoluta, porque agora nos é demonstrado que pode haver verdadeira possessão, isto é, substituição, posto que parcial, de um Espírito errante a um encarnado." (P. 373)

157. Kardec divide as fases de desenvolvimento do Espiritismo em seis períodos, a saber:

1º) o da *curiosidade,* caracterizado pelas mesas girantes;
2º) o *filosófico,* marcado pelo aparecimento d' *O Livro dos Espíritos;*
3º) o da *luta,* do qual o auto-de-fé de Barcelona foi, de certo modo, o sinal;
4º) o *religioso;*
5º) o *intermediário,* consequência natural do precedente e que receberá, mais tarde, sua denominação característica; e
6º) o da *regeneração social*, que abrirá a era do século vinte. *(N.R.: Kardec foi bastante otimista nesta e noutras previsões, como aquela em que previu que o número de espíritas superaria em poucos anos o número de católicos na França. Talvez por isso ele tenha modificado mais tarde a classificação ora posta e sua ordem.)* (PP. 377 a 379)

158. Na seção "Instruções dos Espíritos", Erasto, que foi na Terra discípulo de Paulo de Tarso, adverte os espíritas a respeito das dificuldades que deveriam enfrentar -- ciladas, embustes, torturas, calúnias, na defesa dos ideais espíritas. "A hora é grave e solene -- *afirma Erasto* --; para trás, então, todas as mesquinhas discussões, todas as perguntas ociosas e todas as vãs pretensões de preeminência e de amor-próprio; ocupai-vos dos grandes interesses que estão em vossas mãos e cujas contas o Senhor vos pedirá." (PP. 379 e 380)

159. Erasto assina também uma mensagem denominada "*Os Conflitos*", em que afirma haver naquele momento uma recrudescência de fenômenos obsessivos, resultado da luta que, inevitavelmente, devem sustentar as ideias novas. "De todos os lados -- *diz Erasto* -- surgem médiuns com supostas missões, chamados, ao que dizem, a tomar em mãos a bandeira do Espiritismo e plantá-la sobre as ruínas do velho mundo, como se nós viéssemos destruir, nós que viemos para construir." "Quase todos os médiuns, em seu início, são submetidos a essa perigosa tentação", assevera Erasto. (PP. 381 a 383)

160. Diante da situação por ele descrita, Erasto esclarece que todo edifício que não se assenta sobre a base sólida da verdade cairá, porque só a verdade pode desafiar o tempo e triunfar de todas as utopias. Os espíritas deveriam estar atentos, portanto, não só aos ataques dos adversários vivos, mas também às manobras, ainda mais perigosas, dos adversários desencarnados. "Fortificai-vos, pois, em estudos sadios e, sobretudo, pela prática do amor e da caridade, e retemperai-vos na prece. Deus sempre ilumina os que se consagram à propagação da verdade, quando estão de boa-fé e desprovidos de toda ambição pessoal", disse o iluminado Instrutor espiritual, aduzindo: "Jamais julgueis uma comunicação mediúnica pelo nome que a assina, mas apenas por seu conteúdo intrínseco". (PP. 383 e 386)

161. Encerrando o número de dezembro e o volume do ano de 1863, a **Revista** transcreve duas comunicações. Na primeira, Lázaro fala sobre o dever, lembrando que, se o dever é penoso nos seus sacrifícios, o mal é amargo nos seus resultados. Essas dores, quase iguais, têm, no entanto, conclusões muito diferentes: uma é salutar, como os venenos que restauram a saúde; a outra é nociva, como os festins que arruínam o corpo. Na segunda comunicação, Lamennais, reportando-se à alimentação do

homem, diz que pode ser-se bom cristão e bom espírita e comer a gosto, desde que seja razoável. Os grandes sábios alimentavam-se só de frutos e raízes. Os temperamentos naturalmente muito fortes para viver como os anacoretas fazem bem em adotar esse regime, porque o esquecimento da carne leva mais facilmente à meditação e à prece; mas, para viver assim, é necessário normalmente uma natureza mais espiritualizada, o que é impossível com as condições terrestres. (PP. 386 a 388)

Revista Espírita de 1864

(1ª Parte)

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Abrindo a **Revista** de janeiro de 1864, Kardec reafirma que a causa do Espiritismo é a do progresso e do bem-estar material e moral da humanidade. (P. 1)

2. Reportando-se ao ano findo, o Codificador diz que 1863 não foi um ano fecundo para o Espiritismo e, mais que todos os outros, foi marcado pela violência de certos ataques de seus adversários, agressões essas que, em vez de o deter, fizeram o Espiritismo progredir. (P. 2)

3. A campanha dos opositores da doutrina espírita teve, além disso, o mérito de provar a impotência das armas dirigidas contra o Espiritismo. Mas esse fato não foi o único ponto positivo registrado em 1863, um ano marcado sobretudo pelo aumento do número de grupos e sociedades formadas numa porção de localidades onde não os havia, tanto na França quanto no estrangeiro. (PP. 2 e 3)

4. Após informar ser crescente o número das sociedades que se têm colocado espontaneamente sob o patrocínio da Sociedade Espírita de Paris, Kardec assevera: "É notório que a doutrina do *Livro dos Espíritos* é hoje o ponto de convergência da imensa maioria dos adeptos; a máxima *Fora da caridade não há salvação* reuniu todos os que veem o lado moral do Espiritismo, porque não há duas maneiras de a interpretar e ela satisfaz a todas as aspirações". (P. 3)

5. O traço mais característico do ano de 1863 foi, no entanto, o movimento produzido na opinião pública, concernente à doutrina espírita. "Fica-se surpreendido - *diz Kardec* - com a facilidade com que o princípio é aceito por pessoas que até há pouco o teriam repelido e levado à troça. As resistências - e falamos das que não são sistemáticas e interessadas - diminuem sensivelmente." (P. 4)

6. O estado do Espiritismo em 1863 pode assim resumir-se: ataques violentos; multiplicação de escritos pró e contra; movimento nas ideias; notável extensão da doutrina, mas sem sinais exteriores, de modo a produzir uma sensação geral; as raízes se estendem, crescem os rebentos, mas não chegou ainda o momento da sua maturidade. (P. 5)

7. Duas publicações, elogiadas por Kardec, surgiram no aludido ano: *La Ruche*, de Bordeaux, e *La Verité*, de Lyon, cidade que possuía o centro espírita mais numeroso da França e, talvez, do mundo. (P. 5)

8. A respeito da mediunidade de cura, a **Revista** transcreve carta de um oficial de caçadores, em que o confrade, espírita de longa data, relata alguns casos de curas obtidas pelo missivista através da imposição de mãos sobre os enfermos. (PP. 5 e 6)

9. Lida a carta na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18/12/1863, o Espírito de Mesmer explica qual é o mecanismo das curas obtidas pela imposição de mãos. (PP. 7 e 8)

10. Informa Mesmer: I) A vontade, que existe no homem em diferentes graus de desenvolvimento, tanto desenvolve o fluido animal quanto o espiritual. II) Há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme o caso, pode pedir apoio ao primeiro. III) Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus. IV) Os médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e a reconhecer que, por si mesmos, nada podem, realizando dessa forma um ato de humildade, de abnegação. V) Deus lhes envia, então, poderosos

socorros, porque sempre recompensa o humilde sincero, elevando-o, ao passo que rebaixa o orgulhoso. VI) Esse socorro enviado por Deus são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium de seu fluido benéfico, que é transmitido ao doente. VII) É por isso que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium. (P. 7)

11. Complementando a lição, o Espírito de Paulo, apóstolo, diz que o médiuns curadores, quando imbuídos dos sentimentos citados por Mesmer, têm a fé que levanta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica. E pede a todos eles que perseverem na obra de beneficência que empreenderam, lembrando-se de que "aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, aproxima-se constantemente do Criador". (P. 8)

12. Reafirmando nesse processo o valor da prece, Paulo conclui nestes termos a mensagem: "A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos da vontade que se possa propor para exemplo". (P. 8)

13. Comentando o assunto, o Codificador assevera: I) Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido. II) Esse fluido, que não é senão o perispírito, participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. III) É, pois, impossível que o fluido de um encarnado seja de uma pureza absoluta, razão por que sua ação curativa é lenta, por vezes nula, e outras vezes nociva, porque transmite ao doente princípios mórbidos. IV) O médium curador emite pouco de seu fluido. Sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *condutor*. V) É com esse fluido que magnetiza e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal. (PP. 8 e 9)

14. Prosseguindo seus comentários, Kardec acrescenta: I) Para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis. II) Ora, desde que esses fluidos benéficos são dos Espíritos superiores, então é o concurso destes que é preciso obter. III) Por isto, a prece e a invocação são necessárias, mas, para orar com fervor, é preciso fé. IV) Para que a prece seja escutada, é preciso seja feita com humildade e dilatada por um real sentimento de benevolência e de caridade. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem desinteresse. V) Sem estas condições, o magnetizador - privado da assistência dos bons Espíritos - fica reduzido às próprias forças. Daí, para os médiuns dedicados a essa tarefa, a necessidade de trabalhar o seu melhoramento moral. (P. 9)

15. Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, com o objetivo de propagar o Espiritismo, pela impressão de que esta nova ordem de fenômenos não deixará de produzir nas massas, porque não há quem não ligue para sua saúde. (P. 10)

16. Ao concluir seu relato a respeito do caso de possessão da srta. Júlia, Kardec afirma que, se há um gênero de mediunidade que exija uma superioridade moral, é, sem contradita, o trato da obsessão, pois é preciso ter o direito de impor sua autoridade ao Espírito. (P. 11)

17. No caso de Júlia e em todos os casos análogos, o magnetismo simples, por mais enérgico que fosse, seria insuficiente. Era preciso agir sobre o Espírito obsessor, para o dominar, e sobre o moral da doente. (P. 12)

18. Constitui também erro dos mais graves não ver na ação magnética mais que simples emissão fluídica, sem levar em conta a qualidade íntima dos fluidos. Na maioria dos casos, o sucesso repousa inteiramente nestas qualidades. (P. 13)

19. A magnetização pode, em certos casos, ser até mesmo funesta, como Hahnemann disse a Kardec no caso da srta. Júlia. Erasto confirmou o ensinamento,

reafirmando que, naquela circunstância, era necessária uma ação material e moral e, ainda, uma ação puramente espiritual. (P. 16)

20. Asseverou Erasto: "Isto vos demonstra o que deveis fazer d'agora em diante, nos casos de possessão manifesta. É indispensável chamar em vossa ajuda o concurso de um Espírito elevado, gozando ao mesmo tempo de força moral e fluídica, como o excelente cura d'Ars". (P. 16)

21. O ponto essencial, como observa Kardec, era levar o Espírito obsessor a emendar-se, o que necessariamente deveria facilitar a cura. E foi o que se fez, evocando-o e lhe dando conselhos. (PP. 16 e 17)

22. Dois diálogos mantidos com o Espírito de Fredegunda mostram como a oração, quando feita pelo próprio Espírito, auxilia o tratamento espiritual. Em nota aposta no final do segundo diálogo, Kardec afirma que nos casos de fascinação a dificuldade do tratamento é muito maior do que na subjugação. (P. 20)

23. Aludindo a mais um grupo espírita constituído em Lyon, a **Revista** informa que ele surgiu com um duplo objetivo: a instrução e a beneficência. Relativamente à instrução, o grupo se propõe consagrar uma parte menor às comunicações mediúnicas, dedicando mais tempo às instruções orais, com vistas a desenvolver e explicar os princípios espíritas. No tocante à beneficência, a sociedade se propõe auxiliar pessoas necessitadas, por meio de dádivas *in natura* e visitas domiciliares aos pobres doentes. (P. 24)

24. A caridade e a fraternidade - lembra Kardec - se reconhecem pelas obras e não pelas palavras. Pedra de toque do Espiritismo, quando se fala de caridade, sabe-se que não se fala apenas daquela que dá, mas também da que esquece e perdoa, que é benevolente e indulgente e que repudia todo sentimento de ciúme e rancor. "Toda reunião espírita que não se fundar sobre o princípio da verdadeira caridade, será mais prejudicial que útil à causa, porque tenderá a dividir, em vez de unir", acrescenta o Codificador. (P. 25)

25. Falando sobre as primeiras encarnações dos Espíritos, Kardec diz que os próprios Espíritos ignoram as condições em que elas ocorrem. Sabe-se apenas que as almas são criadas simples e ignorantes, tendo todas o mesmo ponto de partida, e que o livre arbítrio se desenvolve pouco a pouco, após numerosas evoluções na vida corpórea. (P. 26)

26. É um erro admitir que as primeiras encarnações humanas ocorram na Terra. "A Terra foi, mas não é mais, um mundo primitivo; os mais atrasados seres humanos encontrados na sua superfície já se despojaram dos primeiros cueiros da encarnação e os nossos selvagens estão em progresso", afirma Kardec. (PP. 26 e 27)

27. A **Revista** transcreve parte de uma carta dirigida ao sr. Flammarion, na qual se comprova que em 1713 o astrônomo Fontenelle assistiu ao fenômeno de tiptologia produzido pela senhorita Letard, uma médium espontânea do gênero das irmãs Fox. (PP. 27 a 29)

28. Depois de publicar fragmentos do pensamento de Santo Atanásio, patriarca de Alexandria e um dos pais da Igreja Grega, o qual nutria ideias muito parecidas com as expostas pela doutrina espírita, Kardec diz que a religião deve ser progressiva como a humanidade, sob pena de ser superada. O que faz os incrédulos é precisamente porque a religião colocou-se fora do movimento científico e progressivo e, além disso, declara esse movimento obra do demônio. "Disso resultou - assevera Kardec - que a ciência, repelida pela religião, por sua vez repeliu a religião." (P. 30)

29. A **Revista** de fevereiro informa que o sr. Home foi intimado a deixar Roma em três dias. Comentando o assunto, Kardec diz que o sr. Home não é rico e dirigiu-se a Roma para aperfeiçoar-se na arte da escultura. (PP. 33 e 34)

30. Aproveitando a oportunidade, Kardec lembra que Home poderia ser muito rico, se quisesse explorar sua notável faculdade mediúnica. Ele sabia, porém, que essa faculdade lhe foi dada com um fim providencial e seria um sacrilégio convertê-la em profissão. (P. 34)

31. A mediunidade séria - reafirma Kardec - não pode ser e jamais será uma profissão. Explorá-la é dispor de uma coisa da qual não se é dono; é desviá-la de seu objetivo providencial. (P. 35)

32. Falando sobre a infância, Kardec enumera certos erros comuns cometidos pelos pais na educação de seus filhos, como o estímulo à gulodice, à inveja, ao egoísmo e a outros hábitos que não concorrem para a educação moral dos pequeninos. (PP. 37 a 39)

33. Kardec reconhece, no entanto, que os pais pecam mais por ignorância do que por má vontade. "Sendo os primeiros médicos da alma dos filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de o cumprir", afirma o Codificador. (P. 39)

34. Ele propõe então que, sendo o egoísmo e o orgulho a fonte da maioria das misérias humanas, é a eles que se deve atacar no estado de embrião, antes que fiquem vivazes. Pode o Espiritismo remediar esse mal? "Sem nenhuma dúvida", responde Kardec. Mostrando qual é, em verdade, a missão e a responsabilidade dos pais; dando a conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; indicando a ação que se pode exercer sobre encarnados e desencarnados; dando a fé inquebrantável que sanciona os deveres; e, por fim, moralizando os próprios pais, o Espiritismo apresenta todas as condições para fazê-los cessar. (PP. 39 e 40)

35. Fechando o assunto, Kardec assevera que um dia se compreenderá que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual; numa palavra, que é uma verdadeira ciência. (P. 40)

36. Após relatar o triste fim do homem de 69 anos que se casara com uma jovem de 17 anos, na cidade de Florença, a **Revista** adverte que o Espiritismo não se ocupa apenas dos fenômenos, mas toca em todas as questões morais. Quem o estuda passa a ver na morte não o fim da vida, mas a porta da prisão que se abre ao prisioneiro, e aprende que as vicissitudes da vida corpórea são as consequências de suas próprias imperfeições. (PP. 40 e 41)

37. Examinando o episódio de Florença, a **Revista** observa que o desfecho daquele casamento evidencia que ele fora realizado por interesse. Houve cálculo dos dois lados, mas esse cálculo foi frustrado. Deus não permitiu que nem um nem outro o aproveitassem, infligindo a um a desilusão e à outra, a vergonha, que os mataram a ambos. (P. 42)

38. Outra carta procedente de uma penitenciária revela a influência moralizadora do Espiritismo, mesmo sobre os sentenciados. Na carta, o presidiário conta que, havendo desenvolvido a faculdade da psicografia, entretinha-se, de duas em duas noites, em sua própria cela, com os Espíritos amigos. Nem os ferrolhos - observa Kardec - detêm os Espíritos, que vão até o fundo das prisões levar suas consolações àqueles que delas precisam. (PP. 43 a 45)

39. O sr. Dombre, presidente da Sociedade Espírita de Marmande, descreve em carta como, em cinco dias, com o auxílio dos bons Espíritos, ele e seus confrades conseguiram livrar de uma obsessão muito violenta e muito perigosa uma jovem de 13 anos. A **Revista** registrou o fato e felicitou os irmãos de Marmande pelo resultado obtido. (PP. 45 e 46)

40. Em Poitiers ocorreram em janeiro de 1864 fenômenos singulares: todas as noites, durante cinco ou seis dias, a partir das 6 horas, ruídos singulares eram ouvidos numa casa. Os ruídos eram semelhantes a disparos de artilharia e, além disso, violentos

golpes pareciam ser dados nas paredes e nos postigos. Posteriormente, a **Revista** informou que os fenômenos foram produzidos pelos Espíritos, do que os próprios espíritas da cidade duvidavam inicialmente. (PP. 46, 47, 77 a 80)

41. Comunicação obtida na Sociedade Espírita de Sens fala sobre a necessidade da reencarnação como fator indispensável ao progresso espiritual, a que Kardec acrescenta que, trabalhando para si mesmo, o Espírito encarnado trabalha para o melhoramento do mundo em que habita. (PP. 48 e 49)

42. Em Paris, o mesmo tema foi focalizado por outro Espírito, que disse que a reencarnação é necessária enquanto a matéria domina o Espírito. Do momento em que o Espírito chegou a dominar a matéria, a reencarnação não tem mais nenhuma utilidade nem razão de ser. (PP. 49 e 50)

43. Eis outros ensinamentos constantes da referida comunicação: I) À medida que as sensações corporais do homem se tornam mais requintadas, suas sensações espirituais também despertam e crescem. II) Sendo os fluidos os agentes que põem em movimento o nosso corpo, são eles os elementos de nossas aspirações, pois existem fluidos corpóreos e fluidos espirituais. III) Esses fluidos compõem o corpo espiritual do Espírito que, encarnado, age por meio deles sobre a máquina humana, que ele deve aperfeiçoar. IV) O Espírito possui livre arbítrio e procura sempre o que lhe é agradável e satisfaz. Se for um Espírito inferior e material, busca suas satisfações na materialidade e dá, assim, um impulso aos fluidos materiais. V) Como necessita de depuração e esta só é alcançada pelo trabalho, as encarnações escolhidas lhe são mais penosas, porque - depois de haver dado supremacia à matéria e a seus fluidos - deve constrangê-la, lutar com ela e dominá-la. (PP. 50 a 52)

44. Na sequência, o Espírito fala sobre a afeição e o amor, afirmando ser preciso, para que a afeição persista eternamente, que ela seja espiritual e desinteressada e comporte abnegação e devotamento. (P. 52)

45. Em face disso, toda afeição resultante apenas do instinto animal ou do egoísmo se destrói com a morte terrestre, enquanto a verdadeira afeição - *a afeição espiritual* - persiste para todo o sempre. (PP. 52 e 53)

46. Quando assim é, é a alma que ama. Dois Espíritos unidos espiritualmente se buscam e tendem sempre a aproximar-se; seus fluidos são atrativos e, se estiverem no mesmo globo, serão impelidos um para o outro. (P. 53)

47. Comentando a mensagem, Kardec diz que, considerada do ponto de vista do progresso, a vida do Espírito apresenta três períodos principais: 1º) O *período material*, no qual a influência da matéria domina a do Espírito; 2º) O *período do equilíbrio*, no qual ambas as influências se exercem simultaneamente; 3º) O *período espiritual*, no qual, tendo dominado completamente a matéria, o Espírito não mais necessita da encarnação e seu trabalho passa a ser inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores. (P. 55)

48. Noticiando o surgimento da Revista Espírita de Anvers, fundada em 1º de janeiro de 1864, Kardec adverte que toda publicação espírita que ficasse para trás do movimento, necessariamente encontraria pouca simpatia. Outra condição de sucesso para publicações desse gênero é marchar com a opinião da maioria. "Tornar-se eco de opiniões retardatárias ou seguir um caminho errado - diz Kardec - é condenar-se previamente ao isolamento e ao abandono." (PP. 56 e 57)

49. A **Revista** destaca trechos do livro "*Reconhecemo-nos no céu*", do padre Blot, da Companhia de Jesus, no qual ele cita grande número de passagens de escritores sacros, aparições e manifestações diversas, que provam a reunião após a morte daqueles que se amaram e as relações existentes entre os mortos e os vivos. (PP. 57 a 59)

50. Kardec analisa o romance "A *Lenda do Homem Eterno*", do sr. Armand Durantin, para apontar alguns equívocos cometidos pelo autor. Corrigindo-o, Kardec esclarece: I) Não é preciso ser perfeito para comunicar-se com os Espíritos. II) A mediunidade é uma faculdade que depende do organismo. III) A superioridade moral do médium lhe assegura a simpatia dos bons Espíritos e o torna apto a receber instruções mais elevadas. IV) A doutrina espírita não é fruto de um sistema preconcebido, mas resultou da observação dos fatos. V) O Espiritismo nada admitiu a título de hipótese prévia: tudo na sua doutrina é o resultado da experiência. (PP. 60 a 62)

51. Abrindo o número de março, Kardec explica por que Deus, ao invés de ter criado os Espíritos perfeitos, fê-los simples e ignorantes. Se Deus os tivesse criado perfeitos, tê-los-ia isentado de todo trabalho intelectual e lhes teria tirado toda a atividade que devem desenvolver e pela qual concorrem para o aperfeiçoamento material dos mundos. (PP. 65 e 66)

52. Submetendo-os à lei do progresso facultativo, quis Deus que os Espíritos tivessem o mérito de suas obras, para
terem direito à recompensa e à satisfação de haverem conquistado suas próprias posições. (P. 67)

53. Na sequência do artigo, Kardec examina a questão da evolução dos animais e afirma que nenhuma das teorias dadas até então pelos Espíritos possui um caráter bastante autêntico para ser aceita como verdade definitiva. (P. 68)

54. Só a concordância universal - explica Kardec - pode lhes dar a consagração, pois nisto se encontra o único e verdadeiro controle do ensino dos Espíritos. Um princípio, seja qual for, só adquire autenticidade pela universalidade do ensinamento, isto é, por instruções idênticas, dadas em todos os lugares, por médiuns estranhos uns aos outros, sem sofrer as mesmas influências, isentos de obsessões e assistidos por Espíritos esclarecidos. (P. 68)

55. Assim é que foram controladas as diversas partes da doutrina formulada no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns*. Mas esse, declara Kardec, não era ainda o caso da questão dos animais. (P. 68)

56. Sem essa concordância, quem poderia estar seguro de ter a verdade? "A razão, a lógica, o raciocínio, sem dúvida, são os primeiros meios de controle a serem usados", assevera o Codificador. E em muitos casos isto basta. "Mas quando se trata de um princípio importante, da emissão de uma ideia nova, seria presunção crer-se infalível na apreciação das coisas." (P. 69)

57. Depois de examinar a questão do sofrimento dos animais e sua destruição mútua, fato que costuma chocar o analista em face da Providência, Kardec conclui nestes termos o seu artigo: "Ensina-nos o Espiritismo, e nos prova, que o sofrimento no homem é útil ao seu avanço moral. Quem nos diz que o dos animais não tem utilidades? que na sua esfera e conforme certa ordem de coisas, não seja causa de progresso?" (P. 70)

58. Examinando a questão da evolução dos Espíritos, Erasto ensina que a lei imutável dos mundos é o progresso ou o movimento para a frente, ou seja, todo Espírito que é criado está inevitavelmente submetido a essa grande e sublime lei da vida. "Só existe um ser perfeito e não pode existir senão um: Deus!", acrescenta o instrutor espiritual. (P. 71)

59. A **Revista** refere um curioso exemplo de faculdade mediúnica aplicada ao desenho, verificada antes do advento do Espiritismo e mesmo antes das mesas girantes. A médium era uma religiosa cega, da aldeia de Saint-Laurent-sur-Sèvres. Explicando o fenômeno, Kardec diz que parece evidente, no caso, que a médium

fosse dirigida pela *segunda vista*, isto é, ela via pelos olhos da alma, já que os olhos do corpo nada registravam. (PP. 72 a 75)

60. Referindo-se a uma senhora dotada de notável faculdade tiptológica e inteiramente devotada à causa do Espiritismo, Kardec aproveita o ensejo para explicar por que a faculdade mediúnica não pode constituir uma profissão ou ser objeto de comércio. (PP. 75 e 76)

61. Assevera, então, o Codificador: I) A mediunidade não é um talento, e não existe senão pelo concurso de um terceiro. Se este se recusa, não há mais mediunidade; a aptidão pode existir, mas seu exercício estará anulado. II) Um médium sem a assistência dos Espíritos é como um violinista sem violino. III) Não é apenas contra a cupidez que os médiuns devem pôr-se em guarda. IV) Há um perigo, de certo modo maior, pois a ele todos estão expostos: é o orgulho, que põe a perder um grande número. V) O desinteresse material não tem proveito se não for acompanhado pelo mais completo desinteresse moral. VI) Humildade, devotamento, desinteresse e abnegação são qualidades do médium amado pelos bons Espíritos. (PP. 76 e 77)

62. Kardec comenta a cura de uma jovem obtida por confrades da Sociedade Espírita de Marmande *(veja o item 39 desta síntese)* e o sermão pouco evangélico proferido pelo pároco daquela cidade, o qual se valeu de observações preconceituosas para desmerecer o trabalho dos espíritas, chamando-os de *charlatães* e *palhaços*. (PP. 80 e 81)

63. Lembrando que o pároco não acreditava na eficácia das preces em casos semelhantes, Kardec afirma: "Os espíritas creem na eficácia das preces pelos doentes e nas obsessões; oravam e curavam e nada cobravam; ainda mais, se os pais estivessem necessitados, teriam dado". (P. 81)

64. Essas preces eram palhaçadas? Evidente que não, e se venceram é porque foram ouvidas. (P. 81)

65. A **Revista** transcreve, sem comentá-la, uma pastoral concernente ao Espiritismo, escrita pelo bispo de Strassburg, em que seu autor se vale da tese da ação demoníaca para explicar os fenômenos ditos espíritas. O demônio, segundo o bispo, oculta-se de todas as formas possíveis e as mesas girantes teriam sido artifícios criados por ele, para ludibriar as criaturas humanas. (PP. 82 a 84)

66. Kardec observa que, embora seja censurável a inconveniência das palavras usadas pelos adversários do Espiritismo para combatê-lo, os espíritas não devem incorrer na mesma falta, porque é a moderação que fez a sua força. (P. 84)

67. Os jornais de fevereiro de 1864 divulgaram que recentemente, num conselho privado, a rainha Vitória, reportando-se à questão dinamarquesa, declarou que nada faria sem consultar o príncipe Alberto, já falecido. Com efeito, retirando-se para o seu gabinete, logo retornou dizendo que o príncipe se pronunciara contra a guerra. O fato surpreendeu a todos e, acrescido de outros semelhantes, deu origem à ideia de que seria oportuno estabelecer uma regência. (P. 85)

68. Seria médium a rainha Vitória? Tudo indica que sim, o que não causa nenhuma surpresa, porquanto - afirma Kardec - o Espiritismo tem adeptos até nos degraus dos tronos, ou melhor, até nos tronos. "Tratados como loucos, os espíritas devem consolar-se por estarem em tão boa companhia", pondera o Codificador. (P. 85)

69. Analisando a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, Kardec adverte que, em princípio, eles não nos vêm conduzir às andadeiras. O objetivo de suas instruções é tornar-nos melhores, dar fé aos que não a têm, e não o de poupar-nos o trabalho de pensar por nós mesmos. (P. 86)

70. Transcrevendo uma nota pertinente ao falecimento de uma pessoa do Havre, Kardec observa que, à exceção dos parentes próximos, poucas pessoas levam

em conta o pedido que nos fazem de orar por alguém que acaba de morrer. Com os espíritas, as coisas se passam de forma diferente, porque eles sabem a importância da prece e a influência que ela exerce, no momento da morte, sobre o desprendimento da alma. (P. 88)

71. A **Revista** revela que o médium Home teve de partir de Roma instantaneamente, sob acusação de feitiçaria. Ao divulgar o fato, os jornais trocistas fizeram questão de lamentar que em pleno século 19 ainda se acredite em feiticeiros; mas o mais surpreendente não é isto - afirma Kardec -: é tentarem reviver os feiticeiros nos espíritas, quando estes vêm provar, com as peças nas mãos, que não existem feiticeiros nem o maravilhoso, mas somente leis naturais. (P. 88)

72. Na seção dedicada às instruções dos Espíritos, a **Revista** transcreve mensagem do Espírito de Jacquard, obtida psicograficamente pelo médium Leymarie, na qual é examinada a questão do progresso da ciência e do aprimoramento das máquinas e utensílios fabris, bem como o seu efeito nas relações de emprego e trabalho. (PP. 89 a 92)

73. Na mesma reunião, enquanto Jacquard transmitia a sua mensagem, outro médium, o sr. d'Ambel, obteve sobre o mesmo assunto uma comunicação assinada pelo Espírito de Vaucanson. (PP. 92 e 93)

74. Em síntese, ensina-nos Vaucanson: I) O homem não foi feito para ficar como instrumento ininteligente de produção. II) Por suas aptidões, por seu destino e seu lugar na criação, é ele chamado a outra função, que não a da máquina, a um outro papel, que não a do cavalo de tiro. III) O operário é chamado a tornar-se engenheiro, a ver seus braços laboriosos substituídos por máquinas ativas, infatigáveis e mais precisas. IV) O artífice é chamado a tornar-se artista e conduzir o trabalho mecânico por um esforço do pensamento e não mais por um esforço dos braços. V) Eis aí a prova irrecusável da lei do progresso, que rege todas as humanidades. (P. 93)

75. Na sequência, indaga Vaucanson: "Que importa que cem mil indivíduos sucumbam, quando uma máquina foi descoberta para fazer o trabalho desses cem mil?" "Para o filósofo, que se eleva sobre os preconceitos e interesses terrenos, o fato prova que o homem não estava mais em seu caminho, quando se consagrava a esse labor condenado pela Providência." (P. 93)

76. É no campo da inteligência - prossegue Vaucanson - "que, de agora em diante, o homem deve fazer passar a grade e a charrua que fecundam". "Todas as nossas reflexões têm um só objetivo: demonstrar que ninguém deve gritar contra o progresso, que substitui braços humanos por dispositivos e engrenagens mecânicas. Além disso, é bom acrescentar que a humanidade pagou largo contributo à miséria e que, penetrando mais e mais em todas as camadas sociais, a instrução tornará cada indivíduo cada vez mais apto para funções inteligentemente chamadas liberais." (PP. 93 e 94)

77. Concluindo sua mensagem, adverte o instrutor espiritual: "O homem é um agente espiritual que deve chegar, em período não distante, a submeter ao seu serviço e para todas as operações materiais a própria matéria, dando-lhe como único motor a inteligência, que se expande nos cérebros humanos". (P. 94)

78. A **Revista** registra o surgimento em Turim do periódico *Annali dello Spiritismo in Italia* e de um novo jornal espírita na França: *O Salvador dos Povos, jornal do Espiritismo*, de Bordeaux, de periodicidade semanal. Kardec observa, quanto a este último: "Se vier trazer uma pedra útil ao edifício, se vier, como diz, unir em vez de dividir, se a verdadeira caridade de palavras e de ação é seu guia para seus irmãos em crença, se a sua polêmica com os adversários de nossa doutrina não se afastar aos limites da moderação e de uma discussão leal, será bem-vindo e seremos felizes de o encorajar e o apoiar". (PP. 94 a 96)

79. A primeira edição de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que apareceu com um título diferente: "Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo", é destacada no volume de abril de 1864, que transcreve parte da introdução da mencionada obra, em que Kardec explica por que o ensino moral contido nos Evangelhos foi por ele escolhido para objeto exclusivo do livro. Como sabemos, o Codificador elege o ensino moral do Cristo uma regra de conduta, o princípio de todas as relações sociais baseadas na justiça e, acima de tudo, a rota infalível da felicidade futura. (PP. 97 e 98)

80. Na parte final da introdução transcrita pela **Revista**, Kardec é enfático: "Graças às comunicações de ora em diante estabelecidas de maneira permanente entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, ensinada em todas as nações pelos próprios Espíritos, não mais será letra morta, porque cada um a compreenderá e necessariamente será solicitado a pô-la em prática, a conselho de seus guias espirituais". (P. 99)

81. Reafirmando que o Espiritismo não tem nacionalidade, Kardec assevera que é a universalidade do ensino dos Espíritos que constitui a força da doutrina espírita e a causa de sua rápida propagação. Em face disso, adverte o Codificador que, para tudo quanto esteja fora do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um pode obter têm um caráter individual sem autenticidade e devem ser consideradas como opinião pessoal desse ou daquele Espírito, sendo imprudente aceitá-las e promulgá-las levianamente como verdades absolutas. (PP. 100 e 101)

82. O primeiro controle do ensino dos Espíritos é, sem dúvida, o da razão, à qual é preciso submeter tudo quanto venha dos Espíritos, sem qualquer exceção. "Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos que se possuem, por mais respeitável que seja a sua assinatura, deve ser rejeitada." (P. 101)

83. Como esse controle é, em muitos casos, incompleto, devido à insuficiência das luzes de certas pessoas e da tendência de muitos a tomar seu próprio julgamento por único árbitro da verdade, a concordância no ensino dos Espíritos deve ser verificada, mas é preciso que se dê em certas condições. (PP. 101 e 102)

84. A única garantia séria está, então, na concordância que exista entre as revelações espontâneas, feitas por grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em diversas regiões. "Prova a experiência - diz Kardec - que quando um princípio novo deve ter a sua solução, é ensinado *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de maneira, senão na forma, ao menos no fundo." (P. 102)

85. Esse controle universal, segundo o Codificador, é uma garantia para a futura unidade do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. É aí que, no futuro, será procurado o critério da verdade e é o que fez o sucesso da doutrina formulada no *Livro dos Espíritos* e no *Livro dos Médiuns*, visto que por toda a parte cada um pode receber dos Espíritos, diretamente, a confirmação do que eles encerram. (P. 102)

86. Concluindo o artigo, Kardec afirma que não é à opinião de um homem que se aliarão os Espíritos, nem será um homem que fundará a ortodoxia espírita, nem um Espírito, mas sim a universalidade dos Espíritos, comunicando-se em toda a Terra, por ordem de Deus. "Aí está - diz o Codificador - o caráter essencial da doutrina espírita; aí está a sua força e a sua autoridade." (P. 104)

87. Em vinte e dois tópicos, a **Revista** publica uma instrução intitulada "Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas", dirigida às pessoas que não possuem qualquer noção do Espiritismo. "Nos grupos ou reuniões espíritas onde se acham assistentes noviços, ela pode ser útil ao preâmbulo das sessões", afirma Kardec. (P. 105)

88. No preâmbulo do *Resumo,* o Codificador afirma que um sério estudo prévio é o único meio de levar alguém à convicção e muitas vezes isto mesmo basta para mudar inteiramente o curso das ideias. Contudo, em falta de uma instrução completa,

que não pode ser dada em poucas palavras, um resumo sucinto da lei que rege os fenômenos bastará para fazer encarar a coisa sob sua verdadeira luz pelas pessoas não iniciadas. (P. 106)

89. Eis, de forma sintética, os principais ensinamentos contidos nos vinte e dois itens da instrução referida:

> I) O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica.
>
> II) Os Espíritos não são seres à parte na criação, mas as almas dos que viveram na Terra e em outros mundos.
>
> III) Eles não são, como se pensa, seres vagos e indefinidos, nem chamas, nem fantasmas. São seres semelhantes a nós, com um corpo como o nosso, mas invisível e fluídico em seu estado normal.
>
> IV) Unida ao corpo, a alma possui um duplo envoltório: um pesado, grosseiro, destrutível - o corpo; outro fluídico, leve, indestrutível - o perispírito. O perispírito é o elo que une a alma ao corpo e é por meio dele que a alma faz o corpo agir e percebe as sensações experimentadas pelo corpo.
>
> V) A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o *homem*; a alma e o perispírito, separados do corpo, constituem o ser chamado *Espírito*.
>
> VI) O fluido que compõe o perispírito penetra todos os corpos; nenhuma matéria lhe faz obstáculo. É por isso que os Espíritos penetram em toda a parte, nos lugares mais fechados.
>
> VII) Os Espíritos têm todas as percepções que tinham na Terra, mas em mais alto grau, porque suas faculdades não são amortecidas pela matéria. Veem e ouvem coisas que nossos sentidos limitados não nos permitem ver nem ouvir. Para eles não existe escuridão, salvo para aqueles cuja punição é ficarem temporariamente nas trevas.
>
> VIII) É com o auxílio do perispírito que o Espírito faz os médiuns escreverem, falarem ou desenharem. Ele serve-se assim do corpo do médium, cujos órgãos ocupa, fazendo-os agir como se fosse seu próprio corpo, e isto pelo eflúvio fluídico que sobre ele derrama.
>
> IX) Nas comunicações pela escrita, pode-se ver o Espírito ao lado do médium, dirigindo-lhe a mão ou transmitindo-lhe o pensamento por uma corrente fluídica.
>
> X) Quando golpes são ouvidos na mesa ou noutro lugar, o Espírito não bate com a mão, nem com um objeto qualquer: ele dirige um jato de fluido para o ponto de onde parte o ruído, produzindo o efeito de um choque elétrico, e modifica o ruído, como se pode produzir o som produzido pelo ar.
>
> XI) As descobertas científicas foram restringindo continuamente o círculo do maravilhoso. O conhecimento da nova lei revelada pelo Espiritismo vem reduzi-lo a nada. Assim, os que acusam o Espiritismo de ressuscitar o maravilhoso provam, por isto mesmo, que falam do que não conhecem.
>
> XII) Toda reunião espírita, para ser proveitosa, deve - como primeira condição - ser séria e recolhida. Tudo nela deve passar-se respeitosamente, religiosamente, com dignidade, se se quiser obter o concurso habitual dos bons Espíritos. (PP. 106 a 112)

90. A **Revista** registra a constituição de duas novas sociedades espíritas: o *Círculo Espírita, Amor e Caridade*, de Anvers, e a *Sociedade Marselhesa dos Estudos Espíritas*, de Marselha. Ambas fizeram constar de seu regulamento que se colocavam sob o

patrocínio da Sociedade Espírita de Paris. "Essas adesões - diz Kardec -, dadas espontaneamente, testemunham os princípios que prevalecem entre os espíritas, e a Sociedade de Paris não pode deixar de sensibilizar-se com estes sinais de simpatia, que provam a séria intenção de marchar sob a mesma bandeira." (PP. 112 a 114)

91. Uma comunicação espontânea recebida em Paris acerca da progressão do globo terrestre refere que o progresso do mundo marcha a grande velocidade, no tocante aos aspectos físicos, materiais e inteligentes. O progresso moral, contudo, foi mais lento. (PP. 114 a 116)

92. O Espiritismo - afirma o instrutor espiritual - vem acelerar o progresso, desvendando à humanidade os seus destinos, e sua força pode ser aquilatada pelo número de adeptos e a facilidade com que é compreendido. "Ele vai conduzir a uma *transformação moral* ativa e, pela multiplicidade das comunicações mediúnicas, o coração e o espírito de todos os encarnados serão trabalhados pelos Espíritos amigos e instrutores", acentua a mensagem. (P. 116)

93. Concluindo, o instrutor assevera que os Espíritos, porém, não se limitam à instrução científica: "seu dever é duplo e eles devem, sobretudo, cultivar a vossa moral". "Ao lado dos estudos da ciência, eles vos farão, e já fazem desde agora, trabalhar o vosso próprio *eu*." (P. 117)

94. O Espírito de Guttemberg, o pai da imprensa, escreve sobre sua invenção, que ele chama de *revolução mãe*. "Vós o vedes; até o pobre Guttemberg, a arquitetura é a escrita universal", assinala o comunicante, ressaltando o valor da imprensa que, como o Sol, há de fecundar o mundo com seus raios benéficos. (PP. 117 a 119)

95. Afirmando que a imprensa emancipou a humanidade, Guttemberg prevê que a eletricidade a fará livre e destronará a própria imprensa que ele inventou, para pôr nas mãos dos homens um poder de outro modo temível. (P. 119)

96. No mesmo sentido, e falando sobre a arquitetura e a imprensa, comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris o Espírito de Robert de Luzarches, que foi na Terra construtor de castelos, torreões e catedrais. (PP. 120 e 121)

97. A **Revista** transcreve, logo na sequência, três comunicações que comentam as relações entre o Espiritismo e a franco-maçonaria. Na primeira delas, Guttemberg lembra que todo maçom iniciado é levado a crer na imortalidade da alma e no Divino Arquiteto e a ser benfeitor, devotado, sociável, digno e humilde. Ali se pratica a igualdade na mais larga escala, havendo, pois, nessas sociedades uma afinidade evidente com o Espiritismo. Asseverando que muitos maçons são espíritas e trabalham muito na propaganda desta crença, Guttemberg prevê que no futuro o estudo espírita entrará como complemento nos estudos abertos nas lojas. (PP. 121 e 122)

98. Na segunda mensagem, Jacques de Molé afirma que as instituições maçônicas foram para a sociedade um encaminhamento à felicidade. Numa época em que toda ideia liberal era considerada crime, os homens precisavam de uma força que, submissa às leis, fosse emancipada por suas crenças, suas instituições e a unidade de seu ensino. "Nessa época - diz Molé - a religião ainda era, não mãe consoladora, mas força despótica que, pela voz de seus ministros, ordenava, feria, fazia tudo curvar-se à sua vontade; era um assunto de pavor para quem quisesse, como livre pensador, agir e dar aos homens sofredores alguma coragem e ao infeliz algum consolo moral." (P. 123)

99. Concluindo, Jacques de Molé profetiza: "O Espiritismo fez progressos, mas, no dia em que tiver dado a mão à franco-maçonaria, todas as dificuldades estarão vencidas, todo obstáculo retirado, a verdade estará esclarecida e o maior progresso moral será realizado e terá transposto os primeiros degraus do trono, onde em breve deverá reinar". (P. 124)

100. Na terceira mensagem, o Espírito de Vaucanson, que se designa ainda *franco-maçom,* observa que Guttemberg foi contemporâneo do monge que inventou a pólvora - invenção essa que transformou a velha arte das batalhas -, enquanto a imprensa trouxe uma nova alavanca à expressão das idéias, emancipando as massas e permitindo o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. (P. 124)

101. A franco-maçonaria, contra a qual tanto gritaram, contra a qual a Igreja romana não teve anátemas em quantidade suficiente, e que nem por isso deixou de sobreviver, abriu de par em par as portas de seus templos ao culto emancipador da idéia. "Em seu seio - afirma Vaucanson - todas as questões mais sérias foram levantadas e, antes que o Espiritismo tivesse aparecido, os veneráveis e os grão-mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se intercomunicam." (P. 125)

102. Segundo Vaucanson, o Espiritismo encontrará no seio das lojas maçônicas numerosa falange compacta de crentes, sérios, resolutos e inabaláveis na fé, porque o Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da franco-maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma; e conduz a humanidade ao objetivo que se propõe: união, paz, fraternidade universal, pela fé em Deus e no futuro. (PP. 125 e 126)

103. A **Revista** traz, fechando o número de abril, mensagem assinada por João, o Evangelista, dirigida aos operários, a quem o apóstolo diz: "Operários, sois os eleitos na via dolorosa da provação, onde marchais de pés sangrentos e coração desencorajado. Esperai, irmãos! Todo sofrimento leva consigo o seu salário; toda jornada laboriosa tem sua noite de repouso. Crede no futuro, que será vossa recompensa e não busqueis o esquecimento, que é ímpio". (PP. 126 e 127)

104. João lembra a eternidade da vida, asseverando: "Meus amigos, a vida é a jornada da eternidade; cumpri bravamente o seu labor; não sonheis com um repouso impossível; não adianteis o relógio do tempo; tudo vem a ponto: a recompensa da coragem e a bênção ao coração comovido, que se confia à eterna justiça". "Sede espíritas: tornar-vos-eis fortes e pacientes, porque aprendereis que as provas são uma dádiva assegurada do progresso e que abrirão a entrada do repouso feliz, onde bendireis os sofrimentos que vos terão aberto o seu acesso." (P. 127)

105. A teoria da presciência é o tema do artigo de abertura do número de maio, onde Kardec examina a questão do conhecimento do futuro, que é um dos mais intrincados assuntos tratados pelo Espiritismo. (PP. 129 a 134)

106. Kardec inicia o artigo citando o exemplo do homem que, colocado no alto de uma montanha, pode dizer ao viajante que caminha pela planície tudo aquilo que este irá encontrar em sua viagem. Para o viajante, o outro estará anunciando o futuro; para o homem da montanha, trata-se apenas do presente. (PP. 129 e 130)

107. Os Espíritos desmaterializados - diz Kardec - são como o homem da montanha. Para eles apagam-se espaço e tempo, mas a extensão e a penetração de sua vista são proporcionais à sua depuração e à sua elevação na hierarquia espiritual. É fácil compreender, portanto, que, conforme o grau de perfeição, um Espírito possa abarcar um período de alguns anos, alguns séculos e até milhares de anos, porque que é um século ante a eternidade? (P. 130)

108. Se uma tal faculdade, mesmo restrita, pode estar nos atributos da criatura, a que grau de poder deve ela elevar-se no Criador, que abarca o infinito? Para Deus o tempo não existe; o começo e o fim do mundo são o presente. (P. 130)

109. No tocante ao homem, pode ser-lhe útil, em certos casos, pressentir os acontecimentos futuros. Eis por que Deus permite, às vezes, que se levante a ponta do véu, o que se dá somente com um fim útil e jamais para satisfazer uma vã curiosidade.

Essa missão pode ser, assim, concedida aos Espíritos e mesmo a certos homens. (PP. 130 e 131)

110. Aquele a quem é confiado o trabalho de revelar uma coisa oculta pode recebê-la, mau grado seu, como inspiração suscitada pelos Espíritos que a conhecem. Sabe-se também que, durante o sono ou em momentos de êxtase, a alma se desprende e possui em grau mais ou menos grande as faculdades do Espírito livre. Se for um Espírito adiantado e tiver, como os profetas, recebido a missão especial para esse fim, goza nesses momentos da faculdade de abarcar, por si mesmo, um período mais ou menos extenso e ver, como se presentes, os acontecimentos desse período. (P. 131)

111. Ele pode então revelá-los de imediato, ou conservar-lhes a memória ao despertar. Se os acontecimentos tiverem que permanecer em segredo, ele perderá a sua lembrança ou conservará apenas uma vaga intuição, suficiente para o guiar instintivamente. (P. 131)

112. O dom da predição não é, portanto, fato sobrenatural, como não o são os outros fenômenos espíritas: repousa nas propriedades da alma e na lei das relações entre os mundos visível e invisível, que o Espiritismo vem dar a conhecer. (P. 131)

113. Concluindo o artigo, Kardec afirma com toda a clareza que a faculdade de prever o futuro é inerente ao estado de espiritualização ou, se preferirmos, de desmaterialização da criatura humana. "Por outras palavras - diz Kardec -, a espiritualização produz um efeito que se pode comparar, embora muito imperfeitamente, ao da visão de conjunto do homem sobre a montanha." Essa comparação, lembra ele, objetiva apenas mostrar que acontecimentos que estão no futuro para uns estão no presente para outros e, desse modo, podem ser preditos, o que não implica que o efeito se produza da mesma maneira. Quer dizer: para gozar dessa percepção o Espírito não precisa transportar-se para um ponto qualquer no espaço. (P. 132)

114. Kardec faz ligeira alusão à obra *A Vida de Jesus*, escrita pelo sr. Renan, cuja dedicatória posta no topo do livro à sua irmã Henriette revela mais que um vago pensamento espiritualista. As palavras dedicadas a Henriette - observa o Codificador do Espiritismo - mostram que o sr. Renan imagina que sua irmã esteja a seu lado, que o pode ver e inspirar e se interessa por seu trabalho. Há entre ele e a falecida uma troca de pensamentos, uma comunicação espiritual e, sem o suspeitar, ele faz, como tantos outros, uma verdadeira evocação. (PP. 134 a 136)

115. Por que então o sr. Renan inclui a doutrina espírita entre as crenças supersticiosas? A causa é conhecida: o sr. Renan não admite o sobrenatural nem o maravilhoso. Ora, se ele conhecesse o estado real da alma após a morte e as propriedades de seu envoltório perispiritual, compreenderia que o fenômeno das manifestações espíritas não foge às leis naturais e que para isto não é necessário recorrer ao maravilhoso. (P. 136)

116. No final do artigo, Kardec explica por que razão o Espiritismo se serviu do vocábulo *Espírito*, em vez de *alma*. Três foram os motivos. Primeiro porque, desde as primeiras manifestações, o vocábulo era usado, antes da criação da filosofia espírita. Em segundo lugar, porque se o vocábulo Espírito era repulsivo para algumas pessoas, constituía um atrativo para as massas e deveria contribuir mais que o outro para popularizar a doutrina. O terceiro motivo é mais sério que os dois outros. As palavras *alma* e *Espírito*, embora sejam sinônimos e empregados indiferentemente, não exprimem exatamente a mesma ideia. (P. 138)

117. A *alma* é, a bem dizer, o princípio inteligente, imperceptível e indefinido como o pensamento. Não podemos concebê-lo isolado da matéria de maneira absoluta. Embora formado de matéria sutil, o perispírito dela faz um ser definido,

limitado e circunscrito à sua individualidade espiritual. Assim, podemos dizer: A união da alma, do perispírito e do corpo material constitui o HOMEM; a alma e o perispírito separados do corpo constituem o ESPÍRITO. Nas manifestações não é, pois, a alma que se apresenta só. Ela está sempre revestida de seu envoltório fluídico. Portanto, nas aparições não é a alma que se vê, mas o perispírito, do mesmo modo que, quando se vê um homem, vê-se o seu corpo, mas não o pensamento ou o princípio que o faz agir. (PP. 138 e 139)

118. Em resumo, a *alma* é o ser simples, primitivo; o *Espírito* é o seu duplo; o *homem* é o ser triplo. (P. 139)

119. A **Revista** publica o discurso que Kardec fez a 1º de abril de 1864 na Sociedade Espírita de Paris, que completava então seis anos de existência. (P. 140)

120. Eis alguns dos tópicos mais relevantes extraídos do referido discurso: I) O sinal de prosperidade da Sociedade de Paris estava inteiramente na progressão de seus estudos, na consideração que conquistou, no ascendente moral que exerce lá fora e no número de adeptos que se ligam aos princípios por ela professados. II) Sendo a primeira sociedade espírita regularmente constituída, a Sociedade de Paris foi a primeira a alargar o círculo de seus estudos e abraçou todas as partes da ciência espírita. III) Quando o Espiritismo mal saía do período da curiosidade e das mesas girantes, ela entrou resolutamente no período filosófico, que, de certo modo, inaugurou. IV) A força do Espiritismo não reside na opinião de um homem ou de um Espírito, mas na universalidade do ensino dado por estes últimos. O *controle universal*, como o *sufrágio* universal, resolverá no futuro todas as questões litigiosas e fundará a unidade da doutrina muito melhor que um concílio de homens. V) A Sociedade de Paris é estimada e considerada, não só pela natureza de seus trabalhos, mas pelo bom conceito conquistado por suas sessões entre numerosos estrangeiros que a visitaram. VI) A Sociedade de Paris tem, contudo, sobre as demais apenas autoridade moral, devida à sua posição e aos seus estudos e porque lhe conferem. Ela dá os conselhos que lhe pedem à sua experiência, mas não se impõe a nenhuma. A única palavra de ordem que dá como sinal de reconhecimento entre os verdadeiros espíritas é: *Caridade para com todos, mesmo os inimigos.* VII) A posição da Sociedade de Paris é, pois, exclusivamente moral e ela jamais ambicionou outra. Nossos antagonistas que dizem que todos os espíritas são seus tributários e que ela se enriquece à sua custa, ou dão provas de má-fé ou da mais absoluta ignorância daquilo de que falam. VIII) Um incrédulo que conheceu a doutrina espírita dizia que, com tais princípios, o espírita necessariamente deveria ser um homem de bem. Estas palavras são verdadeiras, mas, para serem completas, é preciso acrescentar que um verdadeiro espírita deve ser, necessariamente, bom e benevolente para com os seus semelhantes, isto é, praticar a caridade evangélica na sua mais larga acepção. (PP. 140 a 145)

121. Kardec esclarece, no número de maio, por que a doutrina espírita não é a mesma na Europa e na América do Norte e diz onde se encontram as diferenças. (P. 146)

122. Como se sabe, os fenômenos espíritas ocorreram em todos os tempos, tanto na Europa como na América, mas foi a extrema liberdade que existe nos Estados Unidos que favoreceu a eclosão das ideias novas, e essa a razão pela qual os Espíritos escolheram esse país para o primeiro teatro de seus ensinos. (P. 146)

123. Muitas vezes uma ideia surge num país e se desenvolve em outro, como se vê nas ciências e na indústria. A esse respeito o gênio americano deu suas provas e nada tem a invejar à Europa. Contudo, se supera em tudo no que concerne ao comércio e às artes mecânicas, não se pode recusar à Europa a primazia no campo das ciências morais e filosóficas. Devido a essa diferença no caráter normal dos povos,

o Espiritismo experimental estava em seu terreno na América, ao passo que a parte teórica e filosófica encontrava na Europa elementos mais propícios ao seu desenvolvimento. Assim, foi lá, na América, que ele nasceu, mas foi na Europa que cresceu e fez suas humanidades. (P. 146)

124. O que particularmente distingue a escola espírita americana da escola europeia é a predominância, na primeira, da parte fenomênica, e, na segunda, da parte filosófica. A filosofia espírita da Europa espalhou-se prontamente, porque ofereceu, desde o começo, um conjunto completo e alargou o horizonte das ideias. (P. 147)

125. De todos os princípios da doutrina espírita o que encontrou mais oposição nos Estados Unidos é o da reencarnação. Aliás, essa é a única divergência capital, pois as outras dizem mais com a forma do que com o fundo. As razões disto é que os Espíritos procedem em toda a parte com sabedoria e prudência e, para se fazerem aceitar, evitam chocar muito bruscamente as ideias estabelecidas. Desse modo, não irão dizer inconsideradamente a um muçulmano que Maomé é um impostor. (P. 147)

126. Nos Estados Unidos o dogma da reencarnação teria vindo chocar-se contra os preconceitos de cor, profundamente arraigados no país. O essencial era fazer aceitar o princípio fundamental da comunicação dos Espíritos. Ressalve-se, porém, que, se a ideia da reencarnação ainda não é aceita nos Estados Unidos de maneira geral, ela o é individualmente por alguns, se não como um princípio absoluto, ao menos com certas restrições, o que já é alguma coisa. (P. 147)

127. Para comprovar sua assertiva, Kardec transcreve em seguida um artigo publicado no jornal *Union*, de São Francisco, que lhe foi enviado pela confreira Pauline Boulay. O artigo versa sobre a reencarnação e afirma que a alma necessita reencarnar-se para se aperfeiçoar, porque não pode numa única vida material aprender tudo quanto deve saber para compreender a obra de Deus. (PP. 148 a 150)

128. A **Revista** publica nota sobre uma série de lições públicas que o padre Barricand, professor da Faculdade de Teologia de Lyon, ministrava contra o magnetismo e o Espiritismo no Petit-Collège, de Lyon. De acordo com reportagem publicada pelo jornal *Vérité*, o padre Barricand valia-se de suas aulas para denegrir a imagem do Espiritismo, além de acusá-lo de estagnação e mesmo redução do número de seus adeptos. (PP. 150 a 153)

129. Bordeaux - diz a **Revista** - também tem seu curso público de Espiritismo, isto é, contra o Espiritismo, ministrado pelo padre Delaporte, professor da Faculdade de Teologia da cidade. Comentando o assunto, diz Kardec: "Que sairá daí? Um primeiro resultado inevitável: o exame mais aprofundado da questão em todo o mundo; os que não leram, quererão ler; os que não viram, quererão ver. Um segundo resultado será o de fazê-lo tomar a sério por aqueles que nele ainda não veem senão mistificação, pois que os ilustres teólogos o julgam assunto de séria discussão pública". Um terceiro resultado, segundo Kardec, seria calar o medo do ridículo que ainda segura tanta gente. "Quando uma coisa é discutida publicamente por homens de valor, pró e contra, não se tem mais receio de dela falar." (PP. 153 e 154)

130. Os rumores que tinham emocionado a cidade de Poitiers haviam cessado, mas parece que os Espíritos barulhentos transportaram o teatro de suas ações para as cercanias daquela cidade. Eis o que o jornal *Pays* registrou em fevereiro: "Há alguns dias nossa região está preocupada com a presença, em Bois-de-Doeuil, de Espíritos batedores, que espalham o terror em nossos vilarejos. A casa do sr. Perroche é seu ponto de encontro: todas as noites, entre onze e meia noite, o Espírito se manifesta por nove, onze ou treze pancadas, marcadas por duas e uma e às seis da manhã, pelo mesmo barulho". A notícia acrescenta que os golpes eram dados à cabeceira de

uma cama onde se deitava uma senhora, semimorta de pavor, que pretendia receber as comunicações de um tio do marido, morto havia um mês. (PP. 154 e 155)

131. Um leitor de São Petersburgo escreve relatando um caso relacionado com a vida de Tasso, referido pelo sr. Suard e inserto na tradução de *Jerusalém Libertada*, publicada em 1803. Tasso estava persuadido de que era objeto das perseguições de um Espírito que derramava tudo nele, roubava-lhe o dinheiro e retirava de sobre sua mesa tudo quanto lhe servia. O leitor transcreve um texto em que o próprio Tasso conta as peripécias de seu obsessor. (PP. 156 e 157)

132. A **Revista** publica breve resumo das instruções que Ciro deu a seus filhos no momento de sua morte, conforme é relatado na *Ciropedia*, de Xenofonte. No documento, Ciro mostra-se convencido da imortalidade da alma e afirma que é durante o sono que a alma mais se aproxima da Divindade e pode, nesse estado, muitas vezes prever o futuro, porque, sem dúvida, encontra-se nesse momento inteiramente livre. (PP. 157 e 158)

133. Na seção de livros novos, a **Revista** reporta-se a duas obras recentes: "Cartas aos Ignorantes", de V. Tournier, que reproduz em versos os princípios fundamentais da doutrina espírita, e "A Guerra ao Diabo e ao Inferno", de Jean de la Veuze, que examina o argumento clerical de que o Espiritismo é uma concepção do diabo. Traçando um rápido esboço do Espiritismo, desde as manifestações da América, o autor mostra que o diabo errou os cálculos, pois salva as almas perdidas e deixa escaparem as que eram suas. O livro, como se vê, é uma crítica espirituosa e alegre do papel que fazem o diabo representar nos últimos tempos, mas contém também pensamentos sérios e profundos. (P. 159)

134. Uma análise do livro do sr. Renan sobre a vida de Jesus abre a edição de junho. Sem refutar a obra, tarefa que só seria possível através de um outro livro, Kardec observa: "Admitamos (...) que o sr. Renan não se tenha em nada afastado da verdade histórica. Isto não implica a justeza de sua apresentação, porque ele fez esse trabalho em vista de uma opinião e com ideias preconcebidas". (PP. 161 e 162)

135. Percorrendo a Judéia com o Evangelho na mão, o sr. Renan concluiu que o Cristo tinha existido, mas não viu o Cristo de outra maneira pela qual o via antes. A obra do Cristo era toda espiritual, mas, como o sr. Renan não crê na espiritualização do ser, nem num mundo espiritual, naturalmente deveria julgar suas palavras do ponto de vista exclusivamente material e, por isso, enganou-se quanto às suas intenções e o seu caráter. (PP. 162 e 163)

136. A mais evidente prova disto se encontra nesta estranha passagem de seu livro: "Jesus não é um espiritualista, desde que tudo para ele conduz a uma realização palpável; ele não tem a menor noção de uma alma separada do corpo. Mas é um idealista completo, pois para ele a matéria não passa de signo da ideia e o real a expressão viva do que não aparece". (PP. 163 e 164)

137. Vê-se assim que todas as suas apreciações decorrem da ideia de que o Cristo só tinha em vista as coisas terrestres. Várias mulheres – diz o sr. Renan – proviam as suas necessidades. E ele e os apóstolos eram vivedores, que não desdenhavam as boas mesas. "Joana, a mulher de Cusa, um dos intendentes de Antipas, Suzana e outras, que ficaram desconhecidas, o seguiam sem cessar e o serviam", afirma o sr. Renan. "Algumas eram ricas e punham, por sua fortuna, o jovem profeta em posição de viver sem exercer o ofício que tinha exercido até então." (PP. 164 e 165)

138. O sr. Renan tem o cuidado de indicar, em notas de chamada, as passagens do Evangelho a que alude, para mostrar que se apoia nos textos. Mas – diz Kardec – não é a verdade das citações que se lhe contesta, mas a interpretação que ele lhes dá, apresentando Jesus como um ambicioso vulgar, dotado de paixões mesquinhas, que age por baixo e não tem coragem de se descobrir. (PP. 166 e 167)

139. O sr. Dombre, de Marmande, enviou a Kardec um relato circunstanciado da cura de uma jovem obsidiada, já referida anteriormente pela **Revista**. O Espírito de Louis David, guia espiritual do médium, havia explicado que a jovem era vítima de uma influência fatal perigosa e que o Espírito obsessor iria resistir por muito tempo. "Evitai, tanto quanto possível – recomendou o mentor -, que seja tratada por medicamentos, que lhe prejudicariam o organismo. A causa é toda moral; tentai evocar esse Espírito; moralizai-o com habilidade; nós vos auxiliaremos." (P. 168)

140. O relato contendo todos os procedimentos adotados pelo sr. Dombre mostra como a prece e o diálogo com o Espírito obsessor, acrescidos da ajuda dos mentores, foram importantes para a solução do problema. (PP. 168 a 177)

141. No princípio, quando as exortações e as preces não surtiam efeito, os guias espirituais sugeriram: "Amigos, não desanimeis; ele se sente forte porque vos vê desgostosos com sua linguagem grosseira. Abstende-vos de lhe pregar moral pelo momento. Conversai com ele familiarmente e em tom amigável. Assim ganhareis a sua confiança e podereis mais tarde voltar a falar sério". (P. 169)

142. Num dos diálogos mantidos com o obsessor, este falou-lhes de sua vida vagabunda na última existência terrena. Fez então parte de um bando de arruaceiros que, depois da morte, foi reconstituir-se no mundo dos Espíritos. "Longe de evitar as ocasiões de fazer o mal, nós o buscávamos", contou o infeliz, que, tocado mais tarde pelo tratamento ali recebido, pediu ao grupo espírita que orasse também por seus comparsas. (P. 174)

143. Findo o processo obsessivo, o guia que se intitulava Pequena Cárita explicou por que, mesmo finda a obsessão, a vítima ainda necessita de certo tempo para refazer-se. É que, quando o obsessor a abandona, sua vontade não age mais sobre o corpo, mas a impressão que recebeu o perispírito pelo fluido estranho, de que foi carregado, não se apaga de repente e continua por algum tempo a influenciar o organismo. No caso da jovem: tristezas, lágrimas, langores, insônias, distúrbios vagos ainda se produziriam em consequência de sua libertação, mas sem nenhum perigo. "Agora - disse o guia - é preciso agir sobre o próprio Espírito da menina, por uma suave e salutar influência moralizadora." (PP. 174 e 175)

144. Kardec conclui a notícia, registrando seu tributo de elogio aos irmãos de Marmande pelo tato, pela prudência e pelo devotamento esclarecido de que deram prova naquela circunstância. E advertiu que o resultado não teria sido o mesmo se o orgulho tivesse manchado sua boa ação. "Deus retira seus dons a quem quer que não os use com humildade; sob o domínio do orgulho, as mais eminentes faculdades mediúnicas se pervertem, se alteram e se extinguem, porque os bons Espíritos retiram o seu concurso", assevera o Codificador. (P. 177)

145. A **Revista** publica duas matérias de origem católica contrárias ao Espiritismo. A primeira, do sr. bispo de Langres, que escreveu que jamais se viu uma conspiração mais odiosa, mais vasta, mais perigosa e mais satanicamente organizada contra a fé católica, nomeando em seguida os membros dessa conspiração: as sociedades secretas, os protestantes, os filósofos racionalistas, os materialistas e as sociedades espíritas. A segunda, parte de um trabalho redigido por um aluno do catecismo da diocese de Langres, no qual é dito textualmente que o Espiritismo é obra do diabo e entregar-se a ele é pôr-se em contato direto com o demônio. Eivado de preconceitos e de deturpação de textos de Kardec, o trabalho dá bem uma mostra do que os alunos daquela diocese recebiam dos seus instrutores. (PP. 178 a 183)

146. Comentando a segunda matéria, Kardec adverte: "Um instrutor de catecismo deveria colher seus dados históricos em fonte outra que as barrigas dos jornais. As crianças a quem contam seriamente essas coisas as aceitam com

confiança; mas, quanto maior a confiança, mais forte a reação contrária quando, mais tarde, vierem a saber a verdade". (P. 183)

147. Para instruir a infância - afirma o Codificador - é necessário grande tato e muita experiência, porque ninguém imagina o alcance que poderá ter uma só palavra imprudente que, como um grão de erva daninha, germina nessas jovens imaginações. (P. 184)

148. Mostrando com clareza que os ataques contra o Espiritismo não o preocupavam em nada, Kardec conclui seus comentários dizendo: "Os sermões atuam sobre a geração que se vai; as instruções predispõem a geração que chega. Erraríamos se as víssemos com desagrado". (P. 184)

149. Enviada de Viviers e datada de 10 de abril de 1741, uma carta firmada pelo abade de Saint-Ponc e transcrita pela **Revista** relata, em todas as suas minúcias, fenômenos que se passaram naquela época na cela de Irmã Maria e que foram testemunhados pelo padre Chambon, cura de Saint-Laurent. Além de ruídos estranhos, quadros batiam nas paredes, uma pia d'água benta movia-se e uma cadeira de madeira era derrubada, sem contato humano. Desconfiado de que Irmã Maria, embora paralítica e presa ao leito, fosse a causa dos fenômenos, padre Chambon ouviu dela própria, em confidência, que eles eram produzidos por uma alma sofredora cujo nome indicou, que vinha com a permissão de Deus para que aliviassem suas penas. (PP. 184 a 186)

150. Querendo convencer-se da verdade contada por Irmã Maria, o abade ordenou ao Espírito sofredor que tomasse o crucifixo da parede e o pusesse sobre o peito da enferma; ele obedeceu imediatamente. Depois, a pedido do abade, ele recolocou o crucifixo na parece e fez mover-se a pia d'água. Chamado à cela, padre Chambon repetiu as ordens e os fenômenos ocorreram outra vez, na presença de outras pessoas, como o Cônego Digoine e o padre Robert. (P. 187)

151. Na seção de variedades, o número de junho faz o seguinte registro: "A data de 1º de maio de 1864 será marcada nos anais do Espiritismo, como a de 9 de outubro de 1861. Ela lembrará a decisão da sagrada congregação do *Índex*, concernente a nossas obras sobre o Espiritismo. Se uma coisa causou admiração aos espíritas, é que tal decisão não tenha sido tomada mais cedo". *(N.R.: O dia 9 de outubro de 1861, e não 1862, como está na edição publicada pela* **Edicel***, lembra-nos a execução do Auto-de-fé de Barcelona.)* (P. 190)

152. Diz a **Revista** que, logo que a Igreja divulgou sua decisão, a maioria das livrarias apressaram-se em pôr as obras espíritas em evidência. Alguns livreiros mais tímidos, por medo, as tiraram das prateleiras, mas não as vendiam menos dentro do balcão. A medida, do ponto de vista legal, era, porém, inócua, porque a lei orgânica vigente na França estabelece que nenhuma bula, decreto, mandato ou qualquer expediente da Corte de Roma pode ser recebido, impresso ou executado sem autorização do governo. (P. 190)

153. Sob o título *Perseguições militares*, o número de junho lembra que, embora contando numerosos representantes no seio do Exército francês, existiam regimentos em que o Espiritismo encontra adversários declarados, que interditam formalmente os seus subordinados de dele se ocupar, fora as perseguições de praxe. O conselho de Kardec era que todos se submetessem sem murmúrio à disciplina hierárquica, esperando com paciência dias melhores. "Essas pequenas perseguições são provações para sua fé e servem ao Espiritismo, em vez de o prejudicar", afirma o Codificador. "Devem julgar-se felizes por sofrer um pouco por uma causa que lhes é cara." (PP. 190 e 191)

154. Finalizando a edição de junho, a **Revista** refere que o dia 3 de abril de 1864 foi um momento de grande festa para a comuna de Cempuis, perto de Grandvilliers,

Oise. Milhares de pessoas ali estiveram reunidas para uma tocante cerimônia em que o sr. Prévost, membro da Sociedade Espírita de Paris e fundador da casa de retiro de Cempuis e das sociedades de auxílio mútuo do departamento, foi o modesto herói. Imenso cortejo, precedido da banda de Grandvilliers, o conduziu à Prefeitura, onde recebeu medalha de honra por seu devotamento à causa dos que sofrem. (P. 191)

Revista Espírita de 1864

(2ª Parte)

1. O número de julho da **Revista** traz, logo na abertura, carta do padre A. Barricand, deão da Faculdade de Teologia de Lyon, na qual ele reclama do modo como seu curso sobre Espiritismo foi fantasiado e desfigura-

Revista Espírita de 1864

do pelo periódico. Segundo o padre, a revista ***Vérité*** faltou à verdade na reportagem que fez sobre os aludidos cursos. (PP. 193 a 195)

2. Ao comentar a carta, Kardec diz que, até ali, o clero havia procurado exagerar o número dos adeptos do Espiritismo, objetivando com isso assustar os católicos, para que estes o repelissem. "Não fomos nós - esclarece Kardec - que dissemos que havia 20 milhões de espíritas na França nem, como numa obra recente, 600 milhões no mundo inteiro, o que equivaleria a mais da metade da população total do globo." O padre Barricand seguia, portanto, uma tática contrária, atenuando os progressos do Espiritismo, em vez de os exaltar. (P. 197)

3. Revelando ser impossível naquela época saber o número exato de espíritas, o Codificador afirma que o Espiritismo é uma questão de fé e de crença e não de associação. Havia cidades onde não funcionava nenhuma sociedade espírita, embora existissem espíritas. Basear-se, pois, no número de sociedades para determinar o número de adeptos constituía e constitui ainda um erro. (P. 197)

4. "Quem quer que partilhe de nossas convicções relativas à existência e à manifestação dos Espíritos e das consequências morais daí decorrentes - conclui Kardec - é espírita de fato, sem que seja necessário estar inscrito num registro ou matrícula ou receber um diploma." (P. 197)

5. Após reafirmar que a missão do Espiritismo é combater a incredulidade pela evidência dos fatos e reconduzir a Deus os que o desconhecem, Kardec indaga por que a Igreja lança anátema sobre aqueles aos quais a doutrina espírita dá essa fé. E adverte que repelir os que creem em Deus é constrangê-los a buscar um refúgio fora da Igreja. (P. 198)

6. Geralmente se pensa que a Igreja admite o fogo do inferno como um fogo moral e não como um fogo material. Essa é, pelo menos, a opinião da maioria dos teólogos e de muitos padres. Contudo, não passa de opinião individual, não abonada pela ortodoxia. Segundo o ensino oficial, o fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da Terra, e o inferno é uma vasta e sombria caverna, embora no Evangelho nada exista que dê fundamento a tal crença. (PP. 198 e 199)

7. Ao tratar dessa questão, Kardec assevera que a livre discussão do tema, no âmbito da Igreja, constituía um golpe mortal no princípio absoluto da fé cega. O direito de interpretação e de livre exame nesse assunto era, pois, um primeiro passo cujas consequências seriam incalculáveis. (PP. 201 e 202)

8. O perigo que uma transformação desse porte pode trazer à Igreja é formulado na seguinte passagem de uma brochura publicada pelo padre Marin de Boylesve, da Companhia de Jesus: "Há, entre outras, uma questão que, para a religião cristã, é de vida ou de morte: a questão do milagre. A do diabo não o é menos. Tirai o diabo, e o cristianismo desaparece. Se o diabo não passar de um mito, a queda de Adão e o pecado original entrarão nas regiões da fábula. Por conseguinte, a redenção, o batismo, a Igreja, o cristianismo, numa palavra, não têm mais razão de ser". (P. 202)

9. Ora - diz Kardec -, é muito frágil a religião que teme o avanço das ideias e as descobertas científicas; contudo, ao contrário do que afirma o padre Boylesve, o cristianismo, tal qual saiu da boca de Jesus, mas apenas tal qual saiu, é invulnerável, porque ele é a lei de Deus. (P. 202)

10. As religiões sofrem, mau grado seu, a influência do movimento progressivo das ideias e uma necessidade fatal as obriga a se manterem no nível do movimento ascensional, sob pena de submergirem. "Se fosse impossível o acordo entre a ciência e a religião, não haveria religião possível", assevera o Codificador, acrescentando que a ciência e a religião são irmãs para a maior glória de Deus e se devem completar reciprocamente, ao invés de se desmentirem. (PP. 203 e 204)

11. Havendo o jornal de Constantinopla publicado três extensos artigos contra o Magnetismo e o Espiritismo, os espíritas daquela cidade se encarregaram de responder aos ataques, em dois artigos publicados pelo mesmo jornal. Em carta dirigida a Kardec, o advogado B. Repos Filho resumiu o clima adverso existente na citada cidade. "Aqui começou - disse ele - a perseguição surda que anunciastes. Um dos nossos irmãos deveu à sua qualidade de espírita a perda do emprego, outros são atacados, ameaçados em seus mais caros interesses de família ou nos meios de subsistência, pelas tenebrosas manobras dos eternos inimigos da luz, que ousam dizer que o Espiritismo é obra do anjo das trevas! Se é assim que julgam extingui-lo, enganam-se." "Teria a ideia cristã sido abafada no sangue dos mártires?" (PP. 204 a 210)

12. A **Revista** transcreve uma crônica favorável ao Espiritismo publicada no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, em 23-9-1863. Comentando o assunto, Kardec escreveu: "Constatamos com satisfação que a ideia espírita faz sensíveis progressos no Rio de Janeiro, onde conta numerosos representantes fervorosos e devotados". E acrescentou: "A pequena brochura *O Espiritismo em sua expressão mais simples,* publicada em português, não contribuiu pouco para ali espalhar os verdadeiros princípios da doutrina". (P. 212)

13. Reportando-se a uma carta que um confrade de Port-Louis, de Ilha Maurícia, publicou no jornal *Progrés Colonial,* tendo o Pe. de Régnon por destinatário, Kardec observa: "Se o Espiritismo tem detratores, também tem defensores por toda a parte, mesmo nas regiões mais afastadas". (PP. 213 e 214)

14. Do número de junho de 1863 da *Revue Spirite d'Anvers,* a **Revista** transcreve uma matéria em que se comenta o forte movimento que então se fazia no seio da Igreja contra o Espiritismo. (PP. 215 e 216)

15. A propósito de uma comunicação espontânea obtida na Sociedade Espírita de Paris, sendo médium a sra. Costel, informa Kardec que, enquanto uns Espíritos são mergulhados nas trevas, outros são imersos em ondas de luz, que os ofuscam e penetram, como setas agudas. (P. 218)

16. Em nota posta depois de uma mensagem do Espírito de Lamennais, Kardec explica que *expiação* é o sofrimento que purifica e lava as manchas do passado. Depois da expiação, o Espírito está reabilitado. Há, contudo, sofrimentos que podem não ter proveito para aquele que os suporta, se tais sofrimentos não o tornarem melhor, se não o elevarem acima da matéria, se ele não vir neles a mão de Deus, se não o fizerem dar um passo à frente. (P. 219)

17. Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz pode trazer, portanto, o mesmo resultado. É que, diversamente do que ocorre com a justiça humana, a justiça divina determina que as punições devem corresponder ao grau de adiantamento dos seres aos quais são aplicadas. Igualdade de crime não constitui igualdade de pena entre eles. Dois homens culpados no mesmo grau podem ser separados pela distância das provações, que mergulham um na opacidade intelectual, ao passo que o outro

conserva a lucidez. Então, não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz. (P. 220)

18. Na seção de livros, a **Revista** noticia a publicação do livro *A Educação Materna (Conselhos às Mães de Família),* psicografado pela sra. Collignon, de Bordeaux, de autoria de *Étienne (*Espírito*)*. (P. 221)

19. Kardec notícia também a edição em língua russa de seu livro *O Espiritismo na sua expressão mais simples,* impresso em Leipzig por Baer & Hermann. (P. 223)

20. O número de agosto começa noticiando a volta dos fenômenos de Morzine, objeto das edições de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863. Segundo a **Revista**, a epidemia *demoníaca* - denominação usada pelos jornais leigos - , que teve começo em 1857, reapareceu com nova intensidade. (PP. 225 a 228)

21. Tudo indica - diz Kardec - que os fenômenos de Morzine fossem causados pelos Espíritos e é por isso que os meios espirituais empregados pela Igreja resultaram ineficazes. Com efeito, atribuindo-os aos demônios, ela não buscava a sua melhora, mas apenas o afastamento deles através de signos, fórmulas e aparelhos de exorcismo, do que eles se riam, visto que é um fato comprovado pela experiência que tais recursos nenhum poder exercem sobre os Espíritos, ao passo que se têm visto os mais endurecidos e perversos ceder a uma pressão moral e voltar aos bons sentimentos. (PP. 229 e 230)

22. O Espiritismo, ao contrário, propõe que em tais casos o tratamento consista em uma tríplice ação: a ação fluídica, que liberta o perispírito do doente da pressão do Espírito malévolo; o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que sobre ele dá a superioridade moral, e, por fim, a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dão. (P. 230)

23. A primeira - esclarece Kardec - é simples acessório das duas outras, porque, se momentaneamente chega a afastar o Espírito, nada o impede de voltar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente a seus maus propósitos que a gente se deve aplicar, moralizando-o. (P. 230)

24. Nos casos individuais isolados, os que se dedicam ao alívio dos aflitos geralmente são ajudados pela família e pela vizinhança, muitas vezes pelos próprios doentes, sobre cujo moral devem atuar por meio de palavras boas e encorajadoras, que os devem excitar à prece. Mas semelhantes curas não se obtêm instantaneamente. (P. 231)

25. Escrevendo sobre a prece, Kardec lembra que, segundo São Paulo, uma condição essencial da prece é ser inteligível. Observando que o mais perfeito modelo de concisão, no caso da prece, é a Oração dominical, o Codificador a recomenda como sendo a mais indicada para as preces da manhã e da noite, desde que dita com inteligência, de coração, e não dos lábios. (P. 234)

26. Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se consagrar à prece um tempo mais longo, a isto acrescentando a leitura de algumas passagens do Evangelho e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. (P. 234)

27. Kardec esclarece que, conforme as circunstâncias e o tempo disponível, pode-se dizer a Oração dominical simples ou a desenvolvida, intercalada por comentários, conforme sugestão contida na **Revista**. *(N.R.: A Oração dominical desenvolvida foi reproduzida na íntegra no cap. 28, item 3, d'O Evangelho segundo o Espiritismo.)* (PP. 234 a 240)

28. Num dos trechos da Oração desenvolvida, esta assinala que a justiça de Deus não falta a ninguém e que a prosperidade material do perverso é efêmera como a sua existência corpórea e terá terríveis retornos, ao passo que será eterna a alegria reservada àquele que sofre com resignação. (P. 238)

29. Na mesma prece, Kardec reconhece que cada uma de nossas infrações às leis de Deus é uma ofensa ao Pai e uma dívida contraída que, mais cedo ou mais tarde, teremos que resgatar. (P. 238)

30. Relativamente às tentações que sofremos dos maus Espíritos, Kardec diz na prece que cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles e que tudo que poderíamos fazer para os afastar será inútil, se não lhes opusermos uma vontade inquebrantável no bem e uma renúncia absoluta ao mal. É, pois, contra nós mesmos que devemos dirigir nossos esforços e, então, os maus Espíritos afastar-se-ão naturalmente, porque é o mal que os atrai, enquanto o bem os repele. (P. 239)

31. Examinando a questão da destruição dos aborígines do México, proposta por um confrade de Bordeaux, a Sociedade Espírita de Paris acusou no dia 8-7-1864 importante orientação assinada pelo Espírito de Erasto. (P. 241)

32. A consulta, considerando a natureza supostamente pacífica dos povos indígenas dizimados pelos espanhóis, indagava que benefício moral teria sido colhido de tanto sangue derramado e se não teria sido melhor que a velha Europa tivesse ignorado o Novo Mundo. Erasto respondeu dizendo que os costumes daqueles povos eram mais doces que virtuosos e que eles viviam despreocupadamente, sem progredir nem se elevar. Faltava-lhes a luta capaz de retemperar suas fontes vitais, o que seria viabilizado com o cruzamento dos aborígines com os europeus. Surgiu então dessa raça cruzada uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardaria a atingir o nível evolutivo dos povos europeus. (PP. 241 e 242)

33. Comentando os esclarecimentos de Erasto, Kardec asseverou: I) Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo. II) Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores às que as sucedem. III) Na extinção das raças geralmente não se leva em conta senão o ser material, que se destrói, enquanto se esquece o ser espiritual, que é indestrutível e apenas muda de vestimenta, visto que a primeira não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. IV) Assim, não se deve perder de vista que a extinção das raças só atinge o corpo e em nada afeta o Espírito. V) Longe de sofrer com isto, ganha o Espírito um instrumento mais aperfeiçoado, provido de *cordas* cerebrais e respondendo a um maior número de faculdades. (P. 242)

34. Depois de asseverar que a raça branca caucásica é a que ocupa o primeiro lugar na Terra, embora esteja ainda muito longe da perfeição possível, Kardec diz que o desaparecimento das raças opera-se de duas maneiras: umas extinguem-se naturalmente, em consequência de condições climatéricas e do abastardamento, quando ficam isoladas; outras, pelas conquistas e pela dispersão, que determinam cruzamentos. A fusão do sangue traz depois a aliança dos Espíritos, em que os mais avançados ajudam o progresso dos outros, mas são necessários séculos para a educação dos povos, o que se opera apenas pela transformação de seus elementos constitutivos. (P. 243)

35. A França - pergunta Kardec - seria o que é hoje sem a conquista dos romanos? E os bárbaros ter-se-iam civilizado se não tivessem invadido a Gália? "A sabedoria gaulesa e a civilização romana, unidas ao vigor dos povos do Norte, fizeram o povo francês atual." (P. 243)

36. Concluindo, observa o Codificador: "Sem dúvida, é penoso pensar que o progresso por vezes precisa da destruição. Mas é preciso destruir as velhas cabanas, substituindo-as por casas novas, mais belas e cômodas". "Aliás, é preciso levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade está apenas no progresso material e intelectual. Quando entrar no rumo do progresso moral e espiritual, as necessidades morais ultrapassarão as necessidades materiais. Os homens serão

governados segundo a justiça e não mais terão que reivindicar seu lugar à força. Então a guerra e a destruição não mais terão razão de ser." (P. 244)

37. A **Revista** publica carta do confrade E. Edoux, diretor do jornal *La Vérité*, o qual, contestando as críticas proferidas pelo padre Barricand, deão da Faculdade de Teologia de Lyon, reafirma o conteúdo da reportagem feita a respeito dos cursos de Espiritismo ministrados pelo aludido padre na cidade de Lyon. (PP. 244 e 245)

38. Juliana-Maria, uma pobre enferma que vivia da caridade pública, comunicou-se em Paris, ocasião em que informou que sua vida de miséria fora a consequência de um vão orgulho que a fizera repelir, em existência passada, quem fosse pobre e miserável. Dotada agora de certa elevação, Juliana-Maria transmitiu em sua mensagem, dirigida a um médium que muito a ajudou na existência ora finda, lições valiosas acerca do exercício da mediunidade, que adiante resumimos: I) Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera, e triunfarás quase sempre. II) Não te ocupes jamais com a recompensa que disso virá: ela ultrapassará a tua expectativa. III) Deus sabe recompensar o mérito de quem se dedica ao alívio de seus semelhantes e exerce suas ações com um completo desinteresse. IV) Fizeste bem em não desprezar os humildes: a voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre escutada. (PP. 245 a 247)

39. Disse ainda Juliana-Maria a seu amigo: "Quando pedires a Deus que permita que os bons Espíritos derramem sobre ti seus fluidos benéficos, se o pedido não te fizer sentir um arrepio involuntário, é que tua prece não foi bastante fervorosa para ser escutada". (P. 246)

40. A **Revista** noticia o surgimento em Paris de um novo periódico espírita: *Avenir - Monitor do Espiritismo,* que contava entre seus colaboradores o sr. d'Ambel, redator-chefe. E, na seção de livros novos, anuncia ainda o lançamento de uma brochura de autoria da sra. J.B., intitulada *Cartas sobre o Espiritismo*, escritas a padres diversos. A autora, além de médium e membro da Sociedade Espírita de Paris, era uma católica muito esclarecida, o que diz tudo, segundo Kardec. (PP. 250 e 251)

41. Na mesma seção, é divulgado também o lançamento de *Os Milagres de Nossos Dias,* de autoria do sr. Aug. Bez, de Bordeaux, sobre o notável médium Jean Hillaire, cujas faculdades lembram, sob muitos aspectos, as do sr. Home e mesmo as ultrapassam em certos pontos. Ao contrário de Home, que havia penetrado a alta aristocracia, Jean Hillaire era um simples cultivador da Charente-Inférieure, pouco letrado, que vivia do próprio trabalho. Crivado de pedidos e de convites de toda a sorte, Hillaire jamais aceitou as ofertas de dinheiro que recebia de todos os lados. (PP. 251 a 254)

42. Com múltiplas faculdades, Jean Hillaire era vidente, auditivo, falante, extático e escrevente, além de médium de efeitos físicos. Obteve a escrita direta e transportes admiráveis, e várias vezes transpôs o espaço sem tocar o solo. Era no estado de sono sonambúlico que se produziam, por seu intermédio, os mais extraordinários fenômenos. (P. 254)

43. Felicitando Jean Hillaire por seu devotamento à causa, Kardec assevera que o principal mérito de um médium não é a transcendência de suas faculdades, que podem ser retiradas de um momento a outro, mas o bom uso que delas faz. Desse uso depende a continuação da assistência dos bons Espíritos, porque há uma grande diferença entre um médium bem-dotado e o que é bem assistido. O primeiro não excita senão a curiosidade; o segundo reage moralmente sobre os outros, em razão de suas qualidades pessoais. (P. 254)

44. A **Revista** transcreve interessante artigo publicado originalmente pelo sr. Chadeuil na Revista musical do *Siècle* de 21-6-1864, sobre a influência da música sobre os detentos, os loucos e os idiotas. Em determinada casa de detenção de Melun o

diretor fez com que a música penetrasse nas celas dos condenados. O efeito foi muito grande sobre o moral dos detentos. (PP. 257 e 258)

45. Em vários hospícios, notadamente em Bicêtre - informa o artigo -, a música era também utilizada com sucesso no tratamento dos internos. Para estes, cantar era uma festa e o caminho de uma meia reabilitação intelectual. (P. 259)

46. Comentando o assunto, Kardec observa que em todos os tempos tem-se reconhecido a influência salutar da música, pelo abrandamento dos costumes. Sua introdução entre os criminosos constituía um progresso incontestável e só poderia ter resultados satisfatórios, porque a música move as fibras entorpecidas da sensibilidade e as predispõe a receber as impressões morais. (P. 261)

47. Kardec diz, porém, que a música por si só não é suficiente para a reabilitação dessas criaturas, porque é preciso falar à alma, após haver amolecido o coração. O que lhes falta é a fé em Deus e no futuro, não uma fé vaga, incerta, mas uma fé baseada na certeza, o que pode torná-la inabalável. Faz-se, pois, necessário atingir o mal na sua raiz. (P. 261)

48. Um dia - prevê Kardec - será reconhecida toda a extensão do socorro a encontrar nas ideias espíritas, cuja influência já está provada pelas numerosas transformações que operam nas naturezas mais rebeldes. O Espiritismo já não se achava no estado de simples teoria e, conforme os resultados por ele produzidos, podia-se afirmar sem medo que a diminuição dos crimes e delitos seria proporcional à sua divulgação, o que o futuro se encarregaria de demonstrar. (PP. 261 e 262)

49. No tocante à loucura, afirma Kardec que o Espiritismo veio lançar uma luz completamente nova sobre as doenças mentais, ao demonstrar a dualidade do ser humano e a possibilidade de se agir isoladamente sobre o ser espiritual e sobre o ser material. (P. 262)

50. Em se referindo aos idiotas e cretinos, que parecem votados pela própria natureza a uma nulidade moral absoluta, o Espiritismo experimental prova, pelo isolamento do Espírito e do corpo, que eles são geralmente Espíritos desenvolvidos e não atrasados, tão-somente unidos a corpos imperfeitos. (P. 262)

51. A diferença entre o louco e o cretino - esclarece Kardec - é que o primeiro, ao nascer, é provido de órgãos cerebrais constituídos normalmente, mas que mais tarde se desorganizam, ao passo que o segundo é um Espírito encarnado num corpo cujos órgãos, atrofiados desde o princípio, não lhe permitem manifestar livremente o pensamento. O que falta ao idiota não são as faculdades, mas as *cordas* cerebrais correspondentes a essas faculdades, para a sua manifestação. (PP. 262 e 263)

52. A cura radical do idiota é, por isso, impossível; tudo quanto se pode esperar no seu tratamento é uma ligeira melhora. Não se conhecendo nenhum tratamento aplicável aos órgãos, é ao Espírito que devemos nos dirigir quando deles cuidamos. A música é um meio de agir sobre os seus órgãos, porque consegue abalar essas fibras entorpecidas, como um grande ruído que chega aos ouvidos de um surdo. (P. 263)

53. A **Revista** reproduz na íntegra documento publicado a 31 de julho de 1864 no jornal *El Diário*, de Barcelona, de autoria do Monsenhor Pantaleón Monserra y Navarro, bispo daquela cidade, o qual, contendo as novas ordenações da Igreja a respeito do Espiritismo, acusa a este de ressuscitar as antigas práticas da necromancia. (PP. 264 a 273)

54. Rebatendo as críticas mais importantes contidas no aludido documento, Kardec esclarece que o Espiritismo não saiu do cérebro de nenhum homem. "Se os Espíritos não se tivessem manifestado por si mesmos, não teria havido Espiritismo", assevera o Codificador. (P. 266)

55. Sua fácil aceitação, longe de ser uma anomalia, é uma consequência de sua natureza, que lhe dá posição entre as ciências de observação. Sendo o Espiritismo

uma ciência ainda muito jovem, era natural que tivesse contra si a oposição de muitos, que Kardec classificou em 4 grupos:

1º, os que creem na matéria tangível e negam todo poder intelectual fora do homem;

2º, certos sábios que pensam que a natureza não tem mais segredos para eles ou que só a eles cabe descobrir o que ainda esteja oculto;

3º, os que, em todos os tempos, se esforçam por deter a marcha ascendente do espírito humano, por temerem que o desenvolvimento das ideias lhes prejudique o poder e os interesses;

4º, os que, sem ideia preconcebida e não o conhecendo, julgam-no pelo disfarce com que o apresentam seus adversários, com vistas a desacreditá-lo. (P. 268)

56. Após escrever essas palavras, o Codificador reitera que a manifestação dos Espíritos não é apenas uma crença, mas um fato. Diante de um fato a negação não tem valor. Uma crença só é ridícula quando falsa; desde que repouse sobre uma coisa positiva, não o é mais. "O ridículo - afirma Kardec - é para o que se obstina em negar a evidência." (P. 268)

57. O Espiritismo também diz que aos Espíritos não é dado revelar o futuro, e condena formalmente o emprego de comunicações de além-túmulo como meio de adivinhação. Os Espíritos vêm para nos instruir e nos melhorar, e não para nos ler a *buena-dicha*. Dito isto, acrescenta Kardec: "É desnaturar maldosamente o seu objetivo pretender que ele faça a necromancia". (P. 269)

58. A nova ordenação do Monsenhor Pantaleón culmina, no seu último parágrafo, por condenar a leitura e a posse de "O Livro dos Espíritos", ordenando aos seus diocesanos, sem exceção, que entreguem a seus Curas os exemplares que lhes caírem nas mãos. (P. 273)

59. Transcrito o documento inteiro, Kardec observa, de forma um tanto jocosa: "Toda a argumentação do sr. bispo de Barcelona assim se resume: *As manifestações dos Espíritos são fábulas, imaginadas pelos incrédulos para destruir a religião. Só se deve crer no que dizemos, porque somente nós estamos de posse da verdade. Não examineis nada além, receando não serdes seduzidos*". (P. 273)

60. Complementando o assunto, Kardec observa que é de admirar ver que a Igreja ainda utiliza certos costumes próprios da Idade Média no combate às idéias espíritas. E cita como exemplo esta fórmula canônica publicada pela *Correspondência* de Madri em junho de 1864: "Maldito seja Auguste Vincent; malditas as roupas que o cobrem, a terra em que pisa, a cama onde dorme, a mesa em que come; malditos sejam o pão e todos os outros alimentos de que se nutre, a fonte onde bebe e todos os líquidos que toma. Que a terra se abra e ele seja enterrado nesse momento; que Lúcifer esteja à sua direita". É possível - indaga Kardec - que isso tenha sido pronunciado dentro de uma igreja cristã? Foi um ministro do Evangelho quem a pronunciou? Ora, Jesus jamais usou de semelhante linguagem e mandou até que perdoássemos aos nossos inimigos e orássemos por eles. (PP. 274 e 275)

61. À vista de tais absurdos, não admira que a incredulidade haja crescido tanto no mundo. Se aqueles que estão encarregados de ensinar a religião do Cristo agem dessa forma, não existe nenhuma surpresa no fato de haver Deus enviado os bons Espíritos para lembrar o sentido verdadeiro de sua lei. "Eles não vêm - adverte o Codificador - para destruir o cristianismo, mas desligá-lo das falsas interpretações e dos abusos que nele introduziram os homens." (P. 275)

62. Reportando-se a uma comunicação obtida em Barcelona e assinada por Júlio, o mesmo Espírito que perseguira a jovem obsidiada de Marmande, Kardec rememora aquele episódio e lembra que, graças à ação dos espíritas, a jovem foi

curada e o Espírito conduzido ao bem. Indaga então o Codificador: - *Que há nisso de ridículo e de imundo?* (P. 277)

63. Com a certeza de que o Monsenhor Pantaleón, quando morrer, verá as coisas de outro modo, Kardec reproduz a primeira comunicação dada à Sociedade Espírita de Paris pelo bispo que determinou em 1861 o chamado auto-de-fé de Barcelona. *(N.R.: A comunicação já havia sido publicada pela* **Revista** *em agosto de 1862.)* (P. 278)

64. Em Múrcia, Espanha, um Espírito protetor dissertou sobre o estado das almas encarnadas em mundos superiores ao nosso. Eis, em síntese, o que o Espírito revelou: I) Em tais mundos, a crença em Deus, na imortalidade e na reencarnação é admitida por todos os que ali vivem, e a comunicação com os Espíritos é, por isso mesmo, muito fácil. II) Menos materiais do que os que vivem na Terra, eles não estão sujeitos a todas as necessidades que nos pesam. III) Não existem ali barreiras a separar os povos, nem guerras, pois todos vivem em paz praticando entre si a caridade e a verdadeira fraternidade. IV) Muito mais adiantados do que os terrenos, eles estão, todavia, longe ainda da perfeição. V) Nossos maiores sábios ali seriam os últimos ignorantes. VI) As produções da natureza nada têm ali em comum com as da Terra. Não é pelo suor do rosto e pelo trabalho material que tiram o alimento: o solo produz naturalmente o que lhes é necessário. VII) A morte é considerada ali um benefício: o dia em que a alma deixa o seu invólucro é um dia feliz. (PP. 278 e 279)

65. Amiga da sra. Delanne e fervorosa espírita, nem por isso a sra. Gaspard, vítima de uma morte súbita, livrou-se da ilusão de que continuava a viver. Como podia agora ver os Espíritos que lhe eram caros, ela julgou ter desenvolvido a vidência. A ilusão foi, porém, de curta duração. No dia seguinte, completamente desprendida, a sra. Gaspard ditou uma mensagem dirigida ao marido e aos amigos, felicitando-se por haver conhecido em vida o Espiritismo. (PP. 280 e 281)

66. O jornal *Pays* publicou uma notícia que chocou seus leitores: uma camponesa dos arredores de Lutter tinha acabado de dar à luz uma criança com todas as aparências de um macaco. Casada há doze anos, ela não tivera até então um só filho que não fosse atingido por enfermidades mais ou menos horríveis: a filha mais velha era completamente corcunda; o segundo filho, aleijado; o terceiro, surdo-mudo e idiota; o quarto, cego. (PP. 281 e 282)

67. Explicando o fato, Kardec assevera que duas forças partilham o mundo: o espírito e a matéria, cada um com leis próprias. As monstruosidades têm, sem dúvida, uma causa fisiológica, que pertence ao campo da ciência material. Mas sua causa primária e a conciliação do fato com a justiça divina fogem à competência dessa ciência e, para a religião, constituem um *mistério* impenetrável. (PP. 282 e 283)

68. O Espiritismo vem rasgar esse mistério, provando que essas almas deserdadas desde o berço já viveram antes e apenas expiam, em corpos disformes, suas faltas passadas. (P. 283)

69. A mãe e o pai que dão à luz seres desgraçados como os da camponesa de Lutter são criaturas submetidas, de igual modo, a uma expiação, porque não existe uma única infração das leis de Deus que, cedo ou tarde, não tenha suas funestas consequências, nesta vida ou na seguinte. (P. 283)

70. Foi exatamente isso que informou um Espírito protetor em mensagem dada à Sociedade Espírita de Paris em 29-7-1864: "Não creais que essa mulher (...) seja vítima do acaso ou de uma cega fatalidade. Não: o que lhe acontece tem sua razão de ser, ficai bem convencidos". "Ela é castigada no seu orgulho; desprezou os fracos e os enfermos; foi dura para com os seres infelizes, dos quais desviava os olhos com desgosto, em vez de os abarcar com um olhar de comiseração; envaideceu-se da beleza física de seus filhos, à custa de mães menos favorecidas; mostrava-os com

orgulho, porque a seus olhos a beleza do corpo valia mais que a da alma; assim, neles desenvolveu vícios, que lhes retardaram o avanço, em vez de desenvolver as qualidades do coração." (P. 284)

71. Mais um suicídio foi indevidamente atribuído pela imprensa às ideias espíritas. Filho de um médico, o suicida contava apenas dezenove anos quando desferiu um tiro na boca. Na semana seguinte à divulgação da notícia pelo *Siècle*, o sr. d'Ambel informou pelas páginas do jornal *Avenir* que o Espiritismo era completamente estranho ao ato do rapaz, que, por haver fracassado em várias tentativas nos exames de bacharelato e temendo ser reprovado mais uma vez, suicidou-se em seguida a uma viva discussão com seu pai. Na verdade, diz o sr. d'Ambel, o moço não conhecia a doutrina espírita, que, com certeza, o teria detido na rampa fatal, caso a estudasse. (PP. 284 e 285)

72. Na seção de livros, a **Revista** noticia o relançamento da obra *A Pluralidade dos Mundos Habitados,* revista e ampliada pelo sr. Camille Flammarion, que tratou da questão da existência de vida em outros mundos do ponto de vista da astronomia, da física e da filosofia natural. Sem qualquer referência ao Espiritismo, a obra constitui, ainda assim, documento valioso por confirmar a tese esposada pela doutrina espírita acerca do assunto. (P. 286)

73. Encerrando o número de setembro, Kardec anuncia o surgimento em Bordeaux de mais um periódico espírita: *A Voz de Além-Túmulo,* a quarta publicação espírita surgida na mesma cidade, que contava em sua direção com o confrade Aug. Bez. (P. 286)

74. O número de outubro de 1864 começa com um artigo a respeito dos *espelhos mágicos*, nome dado a objetos de reflexos geralmente brilhantes, como o gelo, placas metálicas, garrafas e vidros, nos quais certas pessoas veem imagens que lhes possibilitam responder a perguntas que lhes são dirigidas. (P. 289)

75. O fenômeno não é extremamente raro e pôde ser observado por Kardec no cantão de Berne, na Suíça, onde um camponês de 64 anos, muito religioso e com formação protestante, gozava da faculdade de descobrir fontes e de ver num copo as respostas às perguntas que lhe faziam. (PP. 289 e 290)

76. Eis alguns curiosidades a respeito do caso: I) O sensitivo se recusava a responder às perguntas que visassem à cupidez ou à realização de algum desígnio mau. II) O mesmo procedimento adotava se as perguntas fossem fúteis ou de pura curiosidade. III) O copo por ele utilizado era um copo comum para água, mas estava sempre vazio: em nenhuma hipótese ele o usava para outra coisa. IV) Quando lhe faziam alguma pergunta, ele concentrava a atenção e a vontade no assunto proposto, olhando no fundo do copo, onde se formavam de imediato as imagens das pessoas, que ele descrevia, física e moralmente, como o faria um sonâmbulo lúcido. (PP. 290 a 292)

77. Depois de relatar alguns fatos ocorridos com o sensitivo, Kardec atesta que ele era dotado de uma faculdade especial e, realmente, via. O exame atento do fenômeno - diz o Codificador - demonstra uma completa analogia entre sua faculdade e o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista, dupla vista* ou *sonambulismo desperto*. Ela tem, pois, o seu princípio na propriedade radiante do fluido perispiritual, que permite à alma perceber, em certos casos, coisas a distância. (P. 294)

78. O copo constituía, no caso, um simples acessório, porque tal faculdade é inerente ao indivíduo e não ao objeto. Essa é a razão por que nem todos vêem nos chamados *espelhos mágicos*, visto que, para isto, não basta a visão corporal; é preciso ser dotado da *dupla vista*, que seria mais exatamente chamada *visão*

espiritual - o sexto sentido ou sentido espiritual, de que tanto se falou e que, como os demais sentidos, pode ser mais ou menos obtuso ou sutil. (P. 295)

79. Criticando a expressão *espelhos mágicos,* que ele propõe seja substituída por *espelhos espirituais,* Kardec encerra o artigo reafirmando que a visão espiritual é um dos atributos do Espírito e constitui uma das percepções do sentido espiritual, que se expande sempre que uma causa exterior entorpece os sentidos corpóreos. As pessoas dotadas de visão espiritual são médiuns? Sim e não, conforme as circunstâncias. A mediunidade consiste na intervenção dos Espíritos; o que se faz por si mesmo não é um ato mediúnico. (PP. 296 a 298)

80. Dito isto, Kardec afirma que, no fenômeno em causa, restava ainda um ponto a esclarecer: o da previsão das coisas futuras. Lembrando que, em princípio, o futuro é oculto ao homem e só excepcionalmente lhe é revelado, o Codificador remete o leitor ao artigo sobre a teoria da presciência, publicado em maio de 1864, no qual a questão é tratada de maneira completa, advertindo, por fim, que seria uma imprudência confiar de maneira absoluta nessas predições. (P. 299)

81. Em interessante artigo, publicado originalmente na *Presse Littéraire*, Émile Deschamps escreve sobre a transmissão do pensamento, cujos exemplos - segundo Kardec - já eram então muito frequentes, embora a ciência não lhe concedesse qualquer atenção. (PP. 299 a 302)

82. "No dia em que essas relações forem reconhecidas como lei fisiológica, ver-se-á realizar um imenso progresso", previu Kardec, porque a ciência terá então a chave de uma porção de efeitos aparentemente misteriosos que preferia negar, por não sabê-los explicar. (P. 302)

83. Examinando o caso narrado pelo sr. Deschamps, Kardec afirma que, para que ele pudesse ler tão claramente no pensamento da jovem referida em seu relato, era preciso um intermediário entre ambos, um elo qualquer, elo esse que não passa da radiação fluídica que dá a visão espiritual, não barrada pelos corpos materiais. (P. 302)

84. Poderia o sr. Deschamps ler com a mesma facilidade o pensamento de todo o mundo? Certamente que não, porque, de um indivíduo a outro, podem existir relações fluídicas que facilitem essa transmissão e não havê-las do mesmo indivíduo para uma outra pessoa. (P. 303)

85. Dissertando sobre o papel do Espiritismo no mundo, o Espírito de Mesmer adverte que o Espiritismo, em tudo e por tudo, é o espiritualismo do Cristianismo e seu grande objetivo "não é dar montes de ouro a um e deixar a consciência de um ser fraco à vontade de um ser forte". "Se o Espiritismo proporciona satisfações - diz Mesmer -, são as da calma, da esperança e da fé; se às vezes adverte por pressentimentos, ou pela visão adormecida ou desperta, é que os Espíritos sabem perfeitamente que um caso de socorro e particular não transtornará a superfície do globo." (PP. 303 e 304)

86. Comentando a mensagem de Mesmer, Kardec afirma que, devido à condição de inferioridade em que se acham os homens na Terra, a penetração do pensamento, se fosse geral, constituiria um perigo, em face dos abusos que engendraria. Mas Deus, que é soberanamente bom, mede a extensão dessa faculdade pela nossa fraqueza. (P. 304)

87. Cedendo a insistentes pedidos dos confrades da Bélgica, Kardec visitou as cidades de Bruxelas e Antuérpia, onde pôde constatar de modo favorável o desenvolvimento do Espiritismo naquele país. No retorno a Paris, chegou-lhe uma mensagem dos membros da Sociedade Espírita de Bruxelas que muito o comoveu: "Comemorando vossa viagem à Bélgica, nosso grupo decidiu fundar um leito de criança na creche de Saint Josse Tennoode". (PP. 304 e 305)

88. Em Antuérpia, onde o número de adeptos era maior, vários grupos tinham por nome títulos especiais e característicos: um é *A Fraternidade*, outro *Amor e Caridade* etc. O grupo *Amor e Caridade,* provando que seu nome constituía uma bandeira de trabalho, tinha por objetivo especial a caridade material, sem prejuízo das instruções dos Espíritos, que eram ali, de certo modo, a parte acessória. Sua organização era muito simples, mas com excelentes resultados. Como o grupo levava o socorro material a domicílio, muitas vezes os próprios Espíritos indicaram-lhe nomes e endereços de pessoas necessitadas. (P. 305)

89. Advertindo os grupos espíritas nascentes para a necessidade de homogeneidade e comunhão de pensamentos e sentimentos, Kardec assevera que tal providência é a condição *sine qua non* de estabilidade e vitalidade dos grupos, e para o qual todos os esforços devem ser dirigidos. (P. 306)

90. Entendendo que, para atingir esse objetivo, os grupos menores reúnem melhores condições do que os grupos mais numerosos, o Codificador afirma: "Melhor será, numa cidade, haver cem grupos de dez a vinte adeptos, dos quais nenhum pretende a supremacia sobre os outros, do que uma sociedade única, que reunisse todos". "Esse fracionamento em nada prejudicará a unidade dos princípios, desde que a bandeira seja única e todos marchem para o mesmo objetivo." (P. 306)

91. Em Antuérpia, Kardec conheceu um médium tiptólogo dotado de uma faculdade especialíssima. Eis como ele agia: I) A indicação das letras era feita por batidas do pé da mesinha, mas com tal rapidez que quase igualava a da escrita. II) Quase sempre o Espírito ditava palavras e frases começando pela última letra (*veja exemplo na pág. 389)*. III) Além da rapidez com que os golpes eram dados, a maneira de proceder abreviava muito a operação. Como a mesinha possuía três pés, o alfabeto foi dividido em três séries: a primeira, de A a H; a segunda, de I a P; a terceira, de Q a Z. Para indicar a letra T, por exemplo, em vez de dar 20 batidas, o pé incumbido da terceira série batia apenas 4 vezes. (PP. 307 e 308)

92. Encantado com a novidade tiptológica, o Codificador observou: "De todos os aparelhos imaginados para constatar a independência do pensamento do médium, nenhum vale este processo". Nada porém, segundo ele, seria capaz de substituir a facilidade das comunicações escritas. (PP. 308 e 309)

93. Em Bruxelas, na presença de Kardec, comunicou-se o Espírito de Latour - que mais tarde se identificou como autor de vários crimes. Escrevendo com uma agitação extraordinária, Latour registrou estas palavras: "Arrependo-me, arrependo-me". Indagado por que ali se comunicara, uma vez que ninguém o havia evocado, Latour falou através da mesma médium, dotada da faculdade de psicofonia: "Vi que éreis almas compadecidas e que teríeis piedade de mim, ao passo que outros me evocam mais por curiosidade que por verdadeira caridade, ou de mim se afastam com horror". (P. 309)

94. Começou então uma cena indescritível, que não durou menos de meia hora: a médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, transmitia o desespero do Espírito, suas angústias e seus sofrimentos com um tom tão pungente, que os assistentes ficaram profundamente comovidos. Alguns estavam mesmo apavorados com a superexcitação da médium, mas Kardec sabia que um Espírito que se arrepende e implora piedade não ofereceria qualquer perigo. (P. 309)

95. Latour fora levado à guilhotina, mas isto nada era diante do fogo que o devorava, porque suas vítimas o rodeavam e perseguiam com seu olhar. Tocados por seus lamentos, os assistentes lhe dirigiram palavras de encorajamento e de consolo e um deles orou, após o que, mais calmo, o Espírito agradeceu e se retirou comovido. (PP. 310 e 311)

96. Finda a cena, durante algum tempo a médium ficou quebrada e abatida; seus membros estavam fatigados. Sua lembrança era, a princípio, confusa, mas pouco a pouco recordou-se de algumas palavras que pronunciou, mau grado seu, sentindo que não era ela quem falara. (P. 311)

97. No dia seguinte, Latour manifestou-se de novo, mas uma sensível melhora se havia operado nele, por efeito, sobretudo, da prece que o grupo proferiu em seu benefício. *(N.R.: O caso Jaques Latour e todo o seu desdobramento constam do cap. VI da Parte Segunda do livro "O Céu e o Inferno", de Allan Kardec.)* (PP. 311 e 312)

98. O *Siècle* de 5 de junho de 1864 relatou um fato intrigante que envolveu um berlinense abastado e seu pai, que, em consequência de vários reveses, havia caído numa pobreza absoluta. Abandonado pelo filho rico, o pai recorreu à justiça, que condenou o filho a fornecer-lhe uma pensão alimentícia. Quando a sentença saiu, o filho já havia transferido seus bens a um tio paterno, tornando, desse modo, infrutífera a decisão judicial. Um fato imprevisto veio, contudo, tudo mudar: o tio do rapaz morreu subitamente, sem deixar testamento, e sua fortuna acabou sendo transmitida ao parente mais próximo, isto é, seu irmão, justamente o pai repelido pelo filho. Os papéis ficaram então invertidos: o pai está rico, e o filho, pobre. (PP. 312 e 313)

99. Comentando o fato, Kardec diz que os exemplos de castigos imediatos são mais comuns do que se pensa. Se o homem remontasse à fonte de suas vicissitudes, veria que quase sempre elas decorrem de sua própria conduta nesta vida, mas, longe de se acusar por seus infortúnios, ele prefere atribuí-los à fatalidade e à má sorte. (P. 313)

100. Se o homem aproveitasse os avisos que recebe, se se arrependesse e reparasse seus erros desde esta vida, satisfaria a justiça de Deus e não teria que expiar e reparar, seja no mundo dos Espíritos, seja em nova existência. (P. 314)

101. É preciso que deixemos de ver nas misérias que sofremos em virtude de faltas cometidas no passado um mistério inexplicável, certos de que depende de nós evitá-las. Saldadas as dívidas, Deus não nos fará pagá-las segunda vez. Mas, se ficarmos surdos a seus avisos, exigirá de nós até o último ceitil, ainda que após séculos ou milhares de anos. A morada dos eleitos só é aberta aos Espíritos purificados; qualquer mancha lhes interdita o acesso. Cabe a nós retirá-la. (P. 314)

102. Em Marselha, um dos mais honrados negociantes da cidade deu um tiro de pistola no vigário de Saint-Barnabé. A causa foi uma carta anônima que lhe informou que sua esposa mantinha relações íntimas com aquele padre. Comprovada a denúncia, o marido traído decidiu agir. (PP. 314 e 315)

103. Qual o mais culpado neste caso: a mulher, o marido ou o padre? A esta pergunta, Kardec não teve dúvida em atribuir maior responsabilidade no fato ao vigário, que, de sangue frio, com premeditação, violou os seus votos, abusou de seu caráter e enganou a confiança dos fiéis, lançando a desordem, o desespero e a desunião numa família honrada. Concluindo a análise do triste episódio, observa Kardec: "Se o medo das penas eternas não detém na via do mal e na violação dos mandamentos de Deus aqueles que os preconizam, é que eles próprios neles não acreditam". "A primeira condição para inspirar confiança seria pregar o exemplo." (P. 315)

104. Um certo médico de Zittau, de nome Berthelen, autor de um opúsculo sobre as *mesas girantes*, organizou uma sociedade intitulada "*Associação dos achadores de tesouros*", cujo objetivo era cavar o solo das cidades onde se presumia existissem tesouros enterrados. Uma sonâmbula, sra. Louise Ebermann, conduzia as operações da empresa. (P. 316)

105. Julgando com essa notícia lançar o descrédito sobre o Espiritismo, os jornais franceses e estrangeiros se deliciaram com o fato. O resultado foi-lhes, porém,

adverso, porquanto a repercussão do episódio acabou levando ao aumento do número dos adeptos sérios, os únicos que contam entre os espíritas. (P. 316)

106. A razão disso é simples: aquele que toma contato com a doutrina espírita aprende desde logo, pela leitura das obras espíritas, que os Espíritos não podem favorecer nenhuma pesquisa dessa natureza. E percebe então que o noticiário é capcioso e falta com a verdade, o que, longe de ser um mal, torna-se um bem para a própria doutrina. (P. 317)

107. Quando se soube que os Espíritos podiam comunicar-se - lembra Kardec -, um primeiro pensamento, aliás muito natural, foi que eles pudessem servir utilmente às especulações de toda ordem. Não tardou, porém, a se reconhecer que, nesse ponto, só se obtinham mistificações. Assim, não existe hoje um só espírita esclarecido que perca tempo em perseguir tais quimeras, pois todos sabem que Deus não dá aos homens semelhantes meios de enriquecimento e, por esta razão, não permite aos Espíritos revelações desse gênero. (P. 317)

108. Em Antuérpia, visitando uma exposição de pintura, Kardec teve sua atenção atraída para um quadro intitulado: *Cena de interior de camponeses espíritas,* que retratava num interior de fazenda três pessoas em costume flamengo sentadas em volta de um enorme cepo, sobre o qual tinham eles as mãos postas. Se excetuarmos o quadro mediúnico exposto em Constantinopla *(mencionado na* **Revista** *de julho de 1863)*, era, segundo Kardec, a primeira vez que o Espiritismo figurava tão claramente confessado nas obras de arte. "É um começo", observa o Codificador. (P. 318)

109. Falando aos espíritas de Bruxelas e Antuérpia, Kardec disse que entre os verdadeiros defensores do Espiritismo deveriam colocar-se na primeira linha todos os que militam pela causa com coragem, perseverança, abnegação e desinteresse, sem segunda intenção pessoal, que buscam o triunfo da doutrina pela doutrina e que, por seus exemplos, provam que a moral espírita não é palavra vã e se esforçam por justificar esta notável afirmação de um incrédulo: "*Com uma tal doutrina, não se pode ser espírita sem ser homem de bem*". (P. 320)

110. O Espiritismo tem sido mais entravado pelos que o compreendem mal do que pelos que não o compreendem absolutamente e, mesmo, por seus inimigos declarados. E o curioso - segundo Kardec - é que os que o compreendem mal geralmente têm a pretensão de compreendê-lo melhor que os outros. (P. 321)

111. Para remediar esses inconvenientes, ou seja, para prevenir as consequências da ignorância e das falsas interpretações, é preciso cuidar da divulgação das ideias justas, em formar adeptos esclarecidos, cujo número crescente neutralizará a influência das ideias erradas. (P. 321)

112. Um fato capital, que deve ser proclamado bem alto: o Espiritismo não é uma concepção individual, um produto da imaginação; não é uma teoria, um sistema inventado. Tem sua fonte nos fatos da natureza, em fatos positivos, que se produzem aos nossos olhos e a cada instante. É, pois, resultado da observação, numa palavra, uma ciência: a ciência das relações entre os mundos visível e invisível. (PP. 322 e 323)

113. O Espiritismo nada inventou, porque não se inventa o que está na natureza. Newton não inventou a lei da gravitação; esta lei existia antes dele, embora ninguém a conhecesse. Por sua vez, o Espiritismo vem mostrar uma nova lei, uma nova força da natureza: a que reside na ação do Espírito sobre a matéria, lei tão universal quanto a da gravitação e da eletricidade. Mas não procedeu por via de hipóteses, como o acusam, e não supôs a existência do mundo espiritual para explicar os fenômenos que tinha sob as vistas. (P. 323)

114. O Espiritismo procedeu pela via da análise e da observação; dos fatos remontou à causa, e o elemento espiritual se apresentou como força ativa, que ele só proclamou depois de o haver constatado. (P. 323)

115. A ação do elemento espiritual abre, assim, novos horizontes à ciência e lhe dá a chave de uma porção de problemas incompreendidos. Mas, se a descoberta de leis puramente materiais produziu no mundo revoluções materiais, a do elemento espiritual nele prepara uma revolução moral, porque muda totalmente o curso das ideias e das crenças mais arraigadas e mostra a vida sob um outro aspecto, matando a superstição e o fanatismo e dando ao homem um objetivo para o seu trabalho e os seus esforços. (PP. 323 e 324)

116. Demonstrando o Espiritismo, não por hipótese, mas por fatos, a existência do mundo invisível e o futuro que nos aguarda, ele dá ao homem a força moral, a coragem e a resignação, porque todos passam a saber que não trabalham apenas pelo presente, mas pelo futuro. O homem tem, assim, uma base sólida para o estabelecimento da ordem moral na Terra, em que a solidariedade e a fraternidade deixam de ser palavras vãs. E, imbuído dessas ideias, ele tende a conformar a elas suas leis e suas instituições sociais. (P. 324)

117. Se os detratores do Espiritismo - dizemos dos que militam pelo progresso social, pela emancipação dos povos, pela liberdade e reforma dos abusos - conhecessem as verdadeiras tendências do Espiritismo, em vez de o atacar, veriam nele a mais poderosa alavanca para chegar-se à destruição dos abusos que combatem. (P. 325)

118. Tal é, em resumo, o ponto de vista sob o qual se deve encarar o Espiritismo - disse Kardec -, concluindo sua alocução dirigida aos espíritas da Bélgica, a quem reiterou que seu papel não foi o de inventor, nem o de criador. "Vi, observei, estudei os fatos com cuidado e perseverança; coordenei-os e lhes deduzi as consequências: eis toda a parte que me cabe", arrematou o Codificador do Espiritismo. (P. 325)

119. Num interessante artigo biográfico sobre Méry, publicado pelo *Journal Littéraire* de 25-9-1864, Pierre Dangeau afirma que Méry acreditava firmemente ter vivido várias vezes na Terra e se lembrava das menores circunstâncias de suas existências precedentes. Kardec aproveita o ensejo para mostrar que a lei das vidas sucessivas não é um fato circunstancial e isolado, mas abarca a todas as pessoas e que, conforme Méry atestava em suas lembranças, nada do que adquirimos em inteligência, em saber e em moralidade fica perdido. (PP. 326 a 328)

120. Kardec reitera ainda, em seu comentário, os motivos que, segundo os Espíritos, dão causa ao esquecimento de nossas existências passadas e afirma que, à medida que o indivíduo se depura, os laços materiais são menos tenazes e o véu que obscurece o passado é menos opaco. Desse modo, a faculdade da lembrança retrospectiva segue também o desenvolvimento do Espírito. (P. 329)

121. A **Revista** traz novas comunicações de Jaques Latour. Numa delas, o Espírito diz que, se os culpados da Terra pudessem vê-lo, ficariam apavorados com as consequências de seus crimes. "Que responsabilidade - diz Latour - assumem os que recusam a instrução às classes pobres da sociedade! Julgam que com a polícia e os guardas podem prevenir os crimes. Como estão errados!" (PP. 330 a 332)

122. Latour disse ainda, arrependido, que se ele tivesse sido bem guiado na vida, não teria feito todo o mal que fizera. Como seus instintos não haviam sido reprimidos, a eles obedeceu, pois não conhecia freios. "Se todos os homens - afirmou Latour - pensassem bastante em Deus, ou, pelo menos, se todos os homens nele acreditassem, semelhantes coisas não mais seriam praticadas." (P. 333)

123. Comentando as diversas comunicações de Latour, Kardec destaca o valor do arrependimento para aquele que erra, porquanto o Espírito não compreende

realmente a gravidade de seus erros senão quando se arrepende. O arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso que é, todavia, a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. O caso Jaques Latour comprova essa assertiva. (P. 333)

124. Há, no entanto, pessoas que perguntam que proveito pode ser tirado das existências passadas, se a gente não se lembra do que foi nem do que fez. Essa questão - diz o Codificador - está completamente resolvida. De fato, se o mal que praticamos estiver apagado e nenhum traço dele reste, sua lembrança será inútil. Se dele ainda restar algum vestígio, por não nos havermos corrigido completamente, podemos conhecê-lo por nossas tendências atuais. Basta então saber o que somos, sem que seja necessário saber o que fomos. (P. 334)

125. Durante a vida, quando se sabe da reprovação que acompanha o culpado, deve-se agradecer a Deus por haver lançado um véu sobre o nosso passado. Se Latour tivesse sido condenado há muito tempo e, assim, resgatado seus débitos, seus antecedentes criminais em nada o ajudariam ante a sociedade. Conquanto arrependido, quem o teria admitido na intimidade? Ora, os sentimentos que manifesta como Espírito arrependido nos dão a esperança de que, na próxima existência terrena, será um homem honesto e considerado, e o véu lançado sobre o passado lhe abrirá a porta da reabilitação. (P. 334)

126. A **Revista** divulga três comunicações obtidas pela sra. Delanne em que o comunicante, o Espírito de Pierre Legay, se exprime exatamente como fazia em vida, imaginando que ainda estivesse entre os encarnados. Curiosamente, os Espíritos de Pierre Legay e do sr. Colbert, morto há trinta anos, se viam e conversavam como se estivessem no corpo físico, sem se darem conta de sua situação. (PP. 336 a 341)

127. Kardec informa que os que se acham em situação idêntica à de Pierre Legay parecem mais numerosos do que se pensa, e não uma exceção. Temos, assim, em redor de nós Espíritos que têm consciência da vida espiritual e uma porção de outros que vivem, por assim dizer, uma vida semimaterial, julgando-se ainda neste mundo. (PP. 340 e 341)

128. Outro fenômeno que parece ainda mais original e faz sorrir os incrédulos é o dos objetos materiais que o Espírito julga possuir. Como pode o sr. Pierre imaginar ter dinheiro e haver pago a passagem do trem que tomou para fazer uma viagem? O fenômeno - explica Kardec - encontra solução nas propriedades do fluido perispiritual, que não passa de uma concentração do fluido cósmico ou elemento universal, uma transformação parcial, que produz o objeto que se deseja. Tal objeto para nós é uma aparência, mas para o Espírito é uma realidade. (P. 341)

129. Tudo deve estar em harmonia no mundo espiritual, como no mundo material. Aos homens são necessários objetos materiais; aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos. Querendo fumar, o Espírito criaria um cachimbo que para ele tem a realidade de um cachimbo terrestre. É assim que se explicam as vestimentas dos Espíritos, as insígnias e as várias aparências que podem tomar os desencarnados. (PP. 341 e 342)

130. A que se deve essa ilusão que tantos Espíritos conservam, crendo-se vivos? O assunto foi tratado pelo Espírito de Santo Agostinho, na Sociedade Espírita de Paris, em 21-7-1864, o qual disse, em síntese, o seguinte: I) Nem tudo é provação na existência humana. II) A vida do Espírito continua desde o nascimento até o infinito: a morte nada mais é que um acidente, que em nada influi no destino do que morre. III) A morte separa o Espírito do seu invólucro material, mas o envoltório perispiritual conserva, pelo menos em parte, as propriedades do corpo morto. IV) A ilusão mencionada para alguns dura muito tempo; tal estado é uma continuidade da vida terrena, um estado misto entre a vida corporal e a vida espiritual. V) Por que - se o

indivíduo foi simples e prudente - sentiria o frio do túmulo? por que passaria bruscamente da vida à morte, da claridade do dia à noite? VI) Deus não é injusto e deixa aos *pobres de espírito* esse prazer, esperando que vejam o seu estado pelo desenvolvimento das próprias faculdades e passem, calmos, da vida material à vida real do Espírito. (P. 343)

131. Nem todos que morrem subitamente caem nesse estado - lembra Santo Agostinho. Mas não há um só cuja matéria não tenha de lutar com o Espírito que se encontra. (P. 343)

132. Diferentemente - ensina o iluminado Espírito - ocorre com aqueles para os quais a ilusão quanto ao seu estado é uma provação. Oh! como ela é penosa! Julgando-se vivos e bem vivos, creem possuir um corpo capaz de sentir e saborear os prazeres terrenos, mas, quando suas mãos os querem tocar, as mãos se dissolvem; quando querem aproximar os lábios de uma taça ou de uma fruta, os lábios se aniquilam; veem, querem tocar e nem podem sentir nem tocar. Como o paganismo apresenta uma bela imagem deste suplício em Tântalo, sentindo fome e sede e jamais podendo tocar os lábios na fonte de água, que sussurra ao seu ouvido, ou no fruto, que amadurece para ele! Que fizeram esses infelizes para suportarem tais sofrimentos? Perguntai a Deus: é a lei, que foi escrita por ele. Quem mata à espada morrerá pela espada; quem profanou o próximo, por sua vez será profanado. (PP. 343 e 344)

133. Um novo suicídio atribuído às ideias espíritas pelos jornais de Marselha foi, logo em seguida, esclarecido pelo sr. Chavaux, doutor em Medicina, que contou a Kardec, em carta transcrita pela **Revista**, ter sido conhecido do infeliz e seu colega de loja maçônica. Segundo o dr. Chavaux, o industrial - que se matou motivado por dificuldades financeiras - jamais se ocupara de Espiritismo e não tinha lido nenhuma publicação sobre esta matéria. (PP. 344 e 345)

134. Em Lyon, a faculdade auditiva do capitão B... evitou que uma pessoa que ele mal conhecia se suicidasse. Foi o seu próprio filho desencarnado, do qual ele recebia frequentes comunicações, quem lhe murmurou no ouvido que determinado homem decidira suicidar-se. Arrastando-o para fora do estabelecimento onde se encontravam, o capitão revelou ao homem que sabia do seu intento e procurou, com as ideias espíritas, demovê-lo desse propósito. (PP. 345 e 346)

135. O infeliz, que fora ortopedista, agora com 76 anos de idade, tinha sido arruinado por um sócio, após o que caíra doente. Uma vez curado, ele se viu sem nenhum recurso, quando foi recolhido por uma operária pobre, criatura sublime que durante meses o alimentou. (P. 346)

136. Após fazer um resumo pungente do caso, o Espírito de Cárita mostra como é importante a ajuda que prestamos aos deserdados do bem-estar social. "Os pobres, amigos, são os enviados de Deus", afirma Cárita. "Sorride ao infortúnio, ó vós que sois ricamente dotados de todas as qualidades de coração; ajudai-me em minha tarefa; não deixeis fechar-se esse santuário de vossa alma, onde mergulhou o olhar de Deus; e um dia, quando entrardes na mãe-pátria, quando, com o olhar incerto e o passo inseguro, buscardes o vosso caminho através da imensidade, eu vos abrirei de par em par a porta do templo onde tudo é amor e caridade e vos direi: Entrai, meus amados; eu vos conheço!" (PP. 346 e 347)

137. Kardec comenta o episódio e a mensagem, e indaga: "A quem fariam crer seja esta a linguagem do diabo?" Foi a voz do diabo que se fez ouvir ao ouvido do capitão, sob o nome de seu filho, para o advertir que o velho ia suicidar-se? (P. 347)

138. Publicada a história da pobre operária e do médico arruinado pelo sócio, vários donativos foram encaminhados aos mesmos, através da **Revista**. Um deles foi enviado por um padre, que pediu ocultasse seu nome. Com o donativo, o padre enviou a Kardec uma carta. Eis um trecho desta: "À sua pergunta se nele eu

reconhecia a linguagem do demônio, respondi que os nossos melhores santos não falam melhor". "Senhor, sou um pobre padre, mas vos envio o óbolo da viúva, em nome de Jesus-Cristo, para essa brava e digna mulher." (P. 348)

139. Kardec expõe, em um artigo especial, por que razão a **Revista** não assumia a periodicidade quinzenal ou mesmo semanal, como muitos lhe haviam proposto. O primeiro motivo era a multiplicidade dos trabalhos desenvolvidos pelo Codificador, cuja extensão era difícil de imaginar. O segundo motivo estava ligado à própria natureza da publicação, que era menos um jornal do que o complemento e o desenvolvimento de suas obras doutrinárias. Sendo a **Revista** uma obra pessoal, cuja responsabilidade ele assumira inteiramente, Kardec não desejava ser entravado por nenhuma vontade estranha, fato que forçosamente ocorreria se a periodicidade fosse alterada. (PP. 348 a 350)

140. O número de dezembro, que fecha o volume de 1864, inicia-se com o relato de uma reunião especial promovida pela Sociedade Espírita de Paris no dia 2 de novembro, com vistas a oferecer uma piedosa lembrança a seus falecidos colegas e irmãos espíritas. (PP. 351 a 356)

141. Kardec proferiu na oportunidade uma alocução em que, justificando a realização do encontro, aproveitou o ensejo para desenvolver o princípio da *comunhão do pensamento*, cujas ideias adiante resumimos: I) Comunhão de pensamento quer dizer pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo. II) O pensamento é uma força, mas não uma força puramente moral e abstrata. III) O pensamento é o atributo característico do ser espiritual: é ele que distingue o espírito da matéria. Sem o pensamento o Espírito não seria espírito. IV) O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar. V) Uma assembleia é um foco que irradia pensamentos diversos; é como uma orquestra. Se o conjunto for harmônico, a impressão é agradável; se for discordante, a impressão é penosa. VI) Essa é a causa da satisfação que se experimenta numa reunião simpática. Aí como que reina uma atmosfera salubre, de onde saímos reconfortados, porque nela nos impregnamos de eflúvios salutares. VII) As reuniões que têm por objeto a comemoração dos mortos repousam na comunhão de pensamentos. VIII) Se a ação dos Espíritos malévolos pode ser paralisada por um pensamento comum, é evidente que a ação dos bons Espíritos pode ser ajudada e, assim, sem obstáculos, seus eflúvios fluídicos espalhar-se-ão sobre todos os assistentes. IX) Desse modo, pela comunhão dos pensamentos, os homens se assistem entre si e, ao mesmo tempo, assistem os Espíritos e são por estes assistidos. (PP. 351 a 354)

142. Explicando por que, ao escrever sobre as coisas espirituais, por vezes se servia de comparações materiais, que nem sempre devem ser tomadas ao pé da letra, Kardec diz que procedeu assim, desde o princípio, para que todos compreendessem as suas obras e a doutrina espírita. "Eis por que me esforcei em simplificá-la e torná-la clara a fim de a pôr ao alcance de todos, com o risco de a fazer contestada por certa gente quanto ao título de filosofia, porque não é bastante abstrata e saiu do nevoeiro da metafísica clássica." (P. 353)

143. "Quando estiverdes reunidos em meu nome, eu estarei em vosso meio", disse Jesus. Ora, não se pode estar reunido em nome de Jesus sem assimilar os seus princípios, a sua doutrina, cujo princípio fundamental é a caridade em pensamentos, palavras e ação. Os egoístas e os orgulhosos mentem, pois, quando se dizem reunidos em nome de Jesus, porque Jesus não os conhece por seus discípulos. (P. 355)

144. Tocados por esses abusos e desvios, algumas pessoas negam a utilidade das assembleias religiosas e, consequentemente, dos edifícios a elas consagrados. Em seu radicalismo pensam até mesmo que seria melhor construir hospícios do que

templos, visto que o templo de Deus está em toda a parte, ao passo que os pobres e os doentes necessitam de um local para se tratarem. (P. 355)

145. Falar assim é desconhecer a fonte e os benefícios da comunhão de pensamentos, que deve ser a essência das assembleias religiosas; é ignorar as causas que a provocam. Que os materialistas assim pensem, compreende-se; mas da parte dos espiritualistas e dos espíritas seria insensatez. (P. 355)

146. O isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo. Qual o homem que poderá dizer-se bastante esclarecido para nada ter a aprender no tocante aos interesses futuros? bastante perfeito para prescindir dos conselhos para a vida presente? bastante capaz para instruir-se por si mesmo? A maioria necessita de ensinamentos diretos em matéria de religião e moral, como em matéria de ciência. Certamente, esses ensinos podem ser dados em toda a parte, sob a abóbada do céu, como sob a de um templo. Mas, por que os homens não haveriam de ter lugares especiais para as coisas celestes, como os têm para as terrenas? Por que não teriam assembleias religiosas, como têm assembleias políticas, científicas e industriais? (PP. 355 e 356)

147. A sessão comemorativa dedicada aos falecidos iniciou-se com uma prece especial. A seguir, o presidente da Sociedade Espírita de Paris dirigiu uma breve alocução aos Espíritos, citando nominalmente os Espíritos de Jobard, Sanson, Costeau, Hobach e Poudra, antigos membros da Sociedade, além de João Evangelista, Erasto, Lamennais, Georges, François-Nicolas-Madeleine, Santo Agostinho, Sonnet, Lalouze, Vianney, Jean Reynaud, Delphine de Girardin, Mesmer e São Luís, presidente espiritual da Sociedade Espírita de Paris. (PP. 357 e 358)

148. Após essa alocução, foram ditas diversas preces para cada categoria de Espíritos, com a designação dos nomes daqueles a quem eram dedicadas. As preces foram tiradas, em parte, do Evangelho segundo o Espiritismo, culminando com a Oração Dominical desenvolvida, transcrita no número de agosto de 1864. (P. 359)

149. Em seguida, os médiuns se puseram à disposição dos Espíritos que quiseram manifestar-se, sem qualquer evocação particular, sendo recebidas, ao todo, diversas comunicações, de que a **Revista** transcreveu nove. (PP. 359 a 367)

150. Em síntese, eis os principais ensinamentos colhidos naquela noite: I) Uma estreita comunhão liga os vivos aos mortos. A morte continua a obra esboçada e não rompe os laços do coração. O amor é a lei do Espiritismo. O grande nome de Jesus deve flutuar como uma bandeira acima de vossos ensinos. (*João Evangelista.)* II) Dizem que Paris não é espírita. Contudo, é ela que dá a luz espírita ao mundo e esta luz lhe voltará aumentada e depurada. Nossa doutrina, por mais bela, encontra um obstáculo na ignorância. Nosso dever é, pois, diminuir o número de nossos irmãos ignorantes, a fim de que *O Livro dos Espíritos* não fique na letra morta para tantos párias. Trabalhar em espalhar a instrução nas massas é abrir a via ao Espiritismo. É criar homens que viverão e morrerão bem. *(Sanson.)* III. Graças ao Espiritismo, muitas pessoas já entraram na via do arrependimento e puderam melhorar-se. Que os que choram enxuguem as lágrimas, porque virão encontrar-nos num mundo melhor, onde a lei de justiça reina soberana, porque emana de Deus. *(Hobach.)* IV. Muitos Espíritos são esquecidos, abandonados, mesmo pelos que deveriam neles mais pensar: os seus parentes mais próximos. É que eles não são espíritas e não conhecem o efeito que sobre o Espírito pode produzir a prece. Vós, porém, orai, porque vossas preces são ouvidas pelo Altíssimo. *(Lalouze.)* V. A prece feita com sinceridade sobe a Deus e dele recebemos a força necessária para combater as más influências que os Espíritos levianos procuram fazer sentir os que trabalham na obra santa. *(Aimée Brédard.)* VI. A identidade das comunicações é coisa difícil de estabelecer; contudo, se quisésseis ajudar um pouco os Espíritos, preparando-vos previamente para as evocações,

haveria frequentemente real identidade. Os fluidos devem ser similares; sem esta similitude não há comunicação possível. Quando quiserdes evocar alguém, pensai nele algum tempo antes e, assim, lhe oferecereis melhores meios de pessoalmente comunicar-se. *(Um Espírito.)* (PP. 360 a 367)

151. Tendo sido divulgado por determinada sonâmbula que o Espírito de Jobard lhe havia dado uma comunicação recomendando aos médiuns cobrar as consultas dos ricos e dá-las gratuitamente aos pobres e aos operários, Kardec resolveu, sem contar a ninguém, fazer a seguinte experiência: pediu a seis médiuns que perguntassem a Jobard se ele havia ditado referida mensagem, tendo, porém, o cuidado de não contar a nenhum deles que a mesma pergunta fora proposta aos outros médiuns. (P. 368)

152. Recolhidas as comunicações obtidas pelos médiuns sr. Leymarie, sra. Costel, sr. Rul, sr. Vézy, sra. Delanne e sr. d'Ambel, em todas o Espírito de Jobard desmentiu a propalada comunicação e reiterou sua convicção de que a mediunidade não pode, em nenhuma hipótese, ser objeto de exploração pecuniária. (PP. 368 a 374)

153. Comentando o resultado da experiência, Kardec reafirmou sua conhecida postura contrária à exploração da mediunidade, lembrando que Jesus e seus apóstolos não marcavam preço às suas palavras nem aos seus cuidados, conquanto não tivessem renda com que viver. "Nossos esforços - diz Kardec - tenderão sempre a preservar o Espiritismo da invasão da venalidade. O momento presente é o mais difícil, mas, à medida que a doutrina for melhor compreendida, essa invasão será menos de temer." (PP. 374 a 377)

154. Numa horrível água-furtada, em Clichy, vivia um homem chamado Luís-Henrique, de 64 anos, que mais pareciam noventa. Era trapeiro, mas tão trêmulo, tão fraco estava nos seus últimos dias, que não recolhia quase nada. Quando morreu, encontraram-no já roído pelos ratos, deitado no seu leito, que era formado dos trapos e das imundícies que recolhia. Foi o odor infecto, a exalar de seu alojamento, que atraiu a atenção dos vizinhos. (PP. 377 e 378)

155. Evocado na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Luís-Henrique resumiu a sua história. Ele não cometera nenhum dos crimes punidos pelas leis dos homens, mas vivera em meio aos vícios e excessos que a sociedade tolera e, contudo, não ficam impunes pela justiça de Deus. Jamais ele recuara ante nenhuma falta para satisfazer suas paixões e, certa vez, num duelo de sangue, exterminou seu próprio filho, que ele abandonara e não pudera então reconhecer. De rico e belo que fora, os excessos o levaram ao último degrau da miséria, do aviltamento e do desprezo. (PP. 378 a 382)

156. Comentando o caso, Kardec examina o papel da sociedade nessa e noutras circunstâncias, lembrando que a verdadeira chaga da sociedade, a causa primeira de todas as desordens, é a incredulidade. A negação do princípio espiritual, a crença no nada após a morte, as ideias materialistas se infiltram na juventude, que as suga, por assim dizer, com o leite. Daí a querer gozar a vida a todo o preço, a distância é curta. (P. 383)

157. Quantas desordens, quantas misérias, quantos crimes têm sua fonte nesta maneira de encarar a vida! E quem são os culpados? Os primeiros culpados são os que a erigem em dogma, em crença, troçando e tratando como loucos os que acreditam que nem tudo está na matéria e na vida visível. Luís-Henrique não foi bastante forte para resistir a essa corrente de ideias e sucumbiu, vítima de suas paixões, que encontravam justificação nas ideias materialistas, ao passo que uma fé sólida e raciocinada lhe teria posto um freio mais poderoso que todas as leis repressivas. (P. 383)

158. Na seção de passamentos, a **Revista** noticia a morte do sr. Bruneau, antigo aluno da Escola Politécnica e ex-coronel de artilharia que fundou no Egito a escola de

cavalaria. Membro da Sociedade Espírita de Paris, o sr. Bruneau comunicou-se na Sociedade poucos dias após a sua morte e deu prova da elevação de seu Espírito, pela justeza e profundidade de suas apreciações. (P. 385)

159. Comentando os princípios da escola são-simoniana, de que o sr. Bruneau participara antes de tornar-se espírita, Kardec assevera que em todas as religiões, sem excetuar o Cristianismo, o elemento divino é imperecível, mas o elemento humano cairá se não estiver em harmonia com a lei do progresso. Como o progresso é incessante, deduz-se que nas religiões o elemento humano deve modificar-se, sob pena de perecer. (P. 387)

160. O erro de quase todas as doutrinas sociais, apresentadas como a panaceia dos males da Humanidade, é o de apoiar-se exclusivamente nos interesses materiais. Disso resulta que a solidariedade que buscam estabelecer entre os homens torna-se frágil como a vida corporal. (P. 388)

161. Com o Espiritismo dá-se o contrário, porque, respondendo a todas as aspirações da alma, satisfaz ao mesmo tempo ao espírito, à razão e ao coração e assenta em base sólida o princípio de igualdade, liberdade e fraternidade. Ele é, assim, o pivô sobre o qual poderão apoiar-se todas as reformas sociais sérias. (PP. 388 e 389)

162. Na seção de notas bibliográficas, a **Revista** faz dois registros: o lançamento do livro *Como e porque me tornei espírita,* escrito pelo grande magnetizador J.B. Borreau, de Niort, e o surgimento do semanário *O Mundo Musical*, de Bruxelas, que constituía, segundo Kardec, um primeiro passo da imprensa independente na via do Espiritismo. (PP. 390 a 395)

163. O número de dezembro se encerra com uma nota a respeito da arrecadação feita pela Sociedade Espírita de Paris em favor das vítimas do incêndio de Limòges e uma comunicação recebida no mês de maio em Bordeaux, a propósito do livro *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo,* de Kardec. Assinada pelo Espírito de Verdade, a mensagem diz que um novo livro acaba de aparecer: "é uma luz mais brilhante que vem clarear a vossa marcha". "Pelos frutos - diz a mensagem - se reconhece a árvore. Vede quais são os frutos do Espiritismo: casais onde a discórdia tinha substituído a harmonia voltaram à paz e à felicidade; homens que sucumbiam ao peso de suas aflições, despertados aos acentos melodiosos das vozes de além-túmulo, compreenderam que seguiam caminho errado e, corando de suas fraquezas, arrependeram-se e pediram ao Senhor a força para suportar suas provações." (PP. 395 a 397)

Revista Espírita de 1865

(1ª Parte)

1. Para evidenciar o crescimento do Movimento Espírita em 1864, Kardec enumera os diversos órgãos de divulgação espíritas nascidos naquele ano em Paris, em Bordéus, em Toulouse e em Bruxelas, e assegura que esse crescimento fora assinalado também pelo aumento do número de grupos e sociedades espíritas que se formaram em diversas localidades onde não os havia, quer no estrangeiro, quer na França. *(Págs. 1 a 3.)*

2. A **Revista** publica o relato da cura de uma jovem obsidiada de Marmande. O autor da notícia é o sr. Dombre, que informa o leitor sobre as crises convulsivas experimentadas por Valentine Laurent, de 13 anos. Essas crises, além de se repetirem várias vezes por dia, eram de tal violência que cinco homens tinham dificuldade de mantê-la na cama. Tratava-se de um caso obsessivo dos mais graves, produzido pelo Espírito de Germaine, que se revelou em 16/9/1864. *(Págs. 4 a 8.)*

3. Valentine era sensível ao tratamento recebido do sr. Dombre por meio da imposição de mãos, mas, tão logo ele se afastava, voltavam as crises. *(Págs. 9 a 12.)*

4. Depois de um longo tratamento e de hábeis instruções transmitidas a Germaine, o Espírito que perturbava Valentine, o processo obsessivo chegou ao fim e tudo se explicou. *(Págs.12 a 17.)*

5. Germaine, arrependida, pediu perdão à menina e disse que agora se sentia outra pessoa, porquanto a prece que derramaram sobre seu Espírito tornara sua alma mais limpa e extinguira sua sede de vingança. No dia seguinte, a conselho dos guias espirituais, o sr. Dombre fez com que Valentine adormecesse todos os dias pelo sono magnético, de modo a livrar-se completamente da ação dos maus fluidos que a tinham envolvido e, ao mesmo tempo, fortificar o seu organismo. É que, desde a libertação, a jovem experimentava mal-estar, incômodos do estômago, pequenos abalos nervosos, consequências do processo obsessivo. *(Págs. 17 e 18.)*

6. À margem do caso, Kardec indaga: "Para que teria servido o magnetismo se a causa tivesse subsistido?" Era preciso primeiro destruir a causa, antes de atacar os efeitos, ou, pelo menos, agir sobre ambos simultaneamente, esclarece o Codificador, mostrando que o magnetismo, por si só, é incapaz de curar as obsessões graves. *(Pág. 18.)*

7. A **Revista** transcreve o diálogo travado no ano de 1862 entre o sr. Rul, membro da Sociedade Espírita de Paris, e o Espírito de um jovem surdo-mudo de 12 a 13 anos, ainda encarnado. Na conversa o jovem disse que nascera assim como expiação de seus crimes no passado: ele fora parricida. *(Págs. 19 e 20.)*

8. Reportando-se ao livro "*Aparição real de minha mulher após sua morte*", de 1804, em que o dr. Carlos Woetzel descreve a aparição da própria esposa, que se lhe mostrou de vestido branco, com o mesmo aspecto que tinha antes de morrer, Kardec informa que, na descrição feita pelo dr. Woetzel a respeito do corpo etéreo apresentado pela mulher, só faltou a palavra perispírito e acrescenta que, segundo o sr. Pezzani, o conhecimento do corpo espiritual remonta à mais alta antiguidade e que apenas o nome de perispírito é moderno. *(Págs. 21 e 22.)*

9. São Paulo refere-se com clareza à existência do corpo espiritual em sua 1ª Epístola aos Coríntios, cap. 15, versículo 44. Woetzel o descobriu apenas pela força do raciocínio. O Espiritismo, tendo-o estudado nos numerosos fatos que observou, descreveu-lhe as propriedades e deduziu as leis de sua formação e de suas manifestações. *(Pág. 22.)*

10. A propósito do caso conhecido como o "ovo de Saumur", sobre cuja casca viam-se, em relevo, claramente desenhados, objetos de santidade e inscrições, Kardec adverte – depois de afirmar que fatos como esse nenhuma relação têm com o Espiritismo – que os espíritas não são tão crédulos quanto o dizem. "Desde que um fenômeno insólito se apresente, eles procuram antes de tudo a explicação no mundo tangível, e não misturam os Espíritos em tudo quanto é extraordinário, porque sabem em que limites e segundo que leis sua ação se exerce." *(Págs. 22 a 24.)*

11. A **Revista** noticia o lançamento do livro "*A Pluralidade das Existências da Alma*", de André Pezzani, advogado na Corte Imperial de Lyon, na qual o autor demonstra que a doutrina da metempsicose animal é posterior à doutrina da pluralidade das existências humanas, ou reencarnação, e apenas uma derivação alterada desta. *(Págs. 24 e 25.)*

12. A encarnação nos animais foi ensinada ao vulgo como um freio às paixões. Encarnar em animais era uma espécie de punição, criada com o objetivo de espantar as pessoas, evitando-se assim que cultivassem vícios ou violassem as leis do Estado. Com base nessa proposta, atribuída a Timeu de Locres, que fora mestre de Platão, as almas dos homens tímidos reencarnariam em corpos de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos assassinos voltariam em corpos de animais ferozes; a dos impudicos, em corpos de porcos e javalis. *(Pág. 25.)*

13. Pitágoras não foi, pois, o autor da metempsicose; foi tão-somente o seu propagador na Grécia, depois de a haver encontrado entre os indianos. Acresce ainda notar que a encarnação entre os animais consistia, segundo os seus defensores, numa punição temporária, uma espécie de prisão da qual, ao sair, a alma entrava na Humanidade. *(Págs. 25 e 26.)*

14. A **Revista** anuncia o surgimento em dezembro de 1864 do jornal espírita "*O Médium Evangélico*", de Toulouse. Em seu número inicial, o novo periódico explica que, tendo em vista que o objetivo essencial do Espiritismo é a moralização, ele seria redigido conforme o espírito evangélico, que é sinônimo de caridade, tolerância e moderação. *(Págs. 26 e 27.)*

15. Na seção de livros novos, a **Revista** divulga a publicação de um opúsculo em língua alemã intitulado "*Alfabeto Espírita - Para ensinar a ser feliz*", composto de uma coletânea de comunicações mediúnicas em prosa e verso recebidas na Sociedade Espírita de Viena, sobre diferentes assuntos de moral, postos em ordem alfabética. O autor, sr. Delhez, de Viena, era o tradutor d' *O Livro dos Espíritos* em língua alemã. *(Pág. 28.)*

16. Encerrando o número de janeiro de 1865, a **Revista** transcreve três mensagens mediúnicas obtidas na Sociedade de Antuérpia em 1864 e firmadas pelo Espírito de Fénelon. Eis alguns dos pensamentos que nelas se contêm:

> I) "Deus é tão justo quanto grande. Apoiai-vos nele e ele vos inundará de sua graça."
>
> II) "Espíritas, erguei-vos; daí a mão aos vossos irmãos, os apóstolos da fé, para que sejais fortes ante o exército tenebroso que vos quer engolir."
>
> III) "Jamais é o homem tão forte do que quando sente a sua fraqueza; tudo pode empreender sob o olhar de Deus. Sua força moral cresce em razão de sua confiança, porque sente necessidade de dirigir-se ao Criador para pôr sua fraqueza ao abrigo das quedas a que a imperfeição humana o pode arrastar."
>
> IV) "Todo homem necessita de conselhos. Infeliz aquele que se julga bastante forte por suas próprias luzes, porque terá numerosas decepções. O Espiritismo está cheio de escolhos, mesmo nos grupos e, com mais forte razão, no isolamento."

V) "Cada luta enfrentada corajosamente sob o olhar de Deus é uma prece fervorosa, que sobe a ele como o incenso puro e de odor agradável."

VI) "Se bastasse formular palavras para se dirigir a Deus, os inoperantes apenas teriam que tomar um livro de preces para satisfazer a obrigação de orar. O trabalho, a atividade da alma são a única boa prece que a purifica e a faz crescer." *(Págs. 28 a 31.)*

17. A apreensão da morte – diz Kardec na abertura do número de fevereiro – é efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. À medida que o homem compreende melhor a vida futura, diminui a apreensão da morte. A certeza da vida futura dá outro curso às suas ideias, outro objetivo a seus trabalhos, porque ele então sabe que seu futuro depende da direção que der ao presente. *(Pág. 33.)*

18. A apreensão da morte depende, assim, da insuficiência das noções sobre a vida futura. Enfraquece à medida que se forma a certeza; desaparece quando a certeza sobre o futuro é completa. *(Págs. 34 a 36.)*

19. A doutrina espírita, portanto, muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas após a morte não é mais um sistema, mas o resultado da observação. Eis aí a causa da calma com que os espíritas encaram a morte e da serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os sustém não é só a esperança, é a certeza. *(Págs. 36 e 37.)*

20. Tratando dos incessantes progressos que o Espiritismo apresentava, Kardec destaca a principal causa disso: é que, ao contrário das doutrinas puramente especulativas, o Espiritismo repousa sobre um fato – o da comunicação entre o mundo visível e o invisível. Ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como uma opinião. O Espiritismo é, por isso mesmo, imperecível. Apoiando-se não numa ideia preconcebida, mas em fatos patentes, ele está ao abrigo das flutuações comuns às diferentes doutrinas que tiveram sucesso circunscrito ou temporário, e não poderá senão crescer. *(Págs. 38 e 39.)*

21. Alguns, no entanto, dirão que ao lado dos fatos o Espiritismo apresenta uma teoria, uma doutrina. Quem pode assegurar que essa teoria não sofrerá variações? Sem dúvida, reconhece Kardec, ela poderá sofrer modificações em seus pormenores, à vista de novas observações; mas seu princípio não pode variar e, menos ainda, anular-se; eis o essencial. *(Pág. 40.)*

22. Concluindo, adverte o Codificador: "O Espiritismo está longe de haver dito a última palavra, quanto às suas consequências, mas é inamolgável em sua base, porque esta base está assentada nos fatos". *(Pág. 41.)*

23. Na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito explica a causa do mutismo que afetava um menino de três anos, dizendo tratar-se de uma inteligência que poderia ainda ficar velada por algum tempo, pelo sofrimento material da reencarnação, a que teve ele muita dificuldade em se submeter. Mas o seu guia o ajudava com terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, o encorajamento e as lições que lhe dava durante o sono do corpo. *(Págs. 41 a 43.)*

24. Durante o período da primeira infância, quando a criança ainda se vale do berço, a ação da alma sobre a matéria é pouco sensível. Os guias espirituais procuram aproveitar esses instantes para preparar o Espírito e o encorajar às boas resoluções de que sua alma está impregnada. É nesses momentos de desprendimento que o Espírito, saindo da perturbação que teve de passar para encarnar-se, compreende e lembra os compromissos contraídos para o seu adiantamento moral. *(Pág. 44.)*

25. É então que os protetores espirituais os assistem e os ajudam a se reconhecerem. Quem contempla uma criancinha que dorme a vê, muitas vezes, "sorrindo aos anjos", como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa, pois ela sorri aos Espíritos que a cercam e devem guiá-la. *(Pág. 44.)*

26. A identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático e, segundo Kardec, não pode ser constatada de maneira positiva senão para os Espíritos contemporâneos, cujo caráter e hábitos são conhecidos. Eles se revelam, então, por uma porção de particularidades que não deixam margem a dúvidas. *(Pág. 45.)*

27. Coisa diferente se passa com os Espíritos que são conhecidos somente através da história. Para esses não existe qualquer prova material de identidade; pode haver presunção, mas não certeza absoluta da personalidade, mesmo porque eles podem, ao longo dos séculos, haver mudado suas ideias e seu caráter. *(Pág. 46.)*

28. Os que atingiram uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e pelo grau de adiantamento, cujos membros estão, muitas vezes, longe de ser nossos conhecidos. Assim, quando um deles se manifesta, vale-se de um nome que conhecemos, como indício de sua categoria espiritual. Se, por exemplo, Platão for evocado, pode ser que atenda ao apelo; mas, se não puder, um Espírito da mesma classe responderá por ele. Será o seu pensamento, mas não a sua individualidade. É isso que nos importa entender. *(Pág. 46.)*

29. Os Espíritos superiores vêm instruir-nos. Sua identidade absoluta é, pois, questão secundária. O que dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno da assinatura; eis toda a questão. No primeiro caso, aceita-se; no segundo, rejeita-se como apócrifa. *(Pág. 46.)*

30. Espíritos levianos ou ignorantes enfeitam-se, muitas vezes, com grandes nomes para iludir os incautos e fazê-los acreditar em suas tolices. A distinção exige, nesse caso, tato, observação e quase sempre conhecimentos especiais, porque para julgar uma coisa é preciso competência. Como um indivíduo não versado em literatura e poesia pode apreciar as qualidades e os defeitos das comunicações desse gênero? *(Pág. 46.)*

31. É, pois, a ignorância que leva as pessoas a tomar como belezas sublimes a ênfase, os floreios de linguagem, as palavras sonoras que cobrem o vazio das idéias. O erro não está, portanto, no Espiritismo, mas nas pessoas que aceitam facilmente o que vem dos Espíritos, sem examiná-lo com a prudência devida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que lhes é atribuída. O Espiritismo racional não patrocina de modo algum tais produções e não assume a responsabilidade pelas publicações feitas com mais entusiasmo que prudência. *(Págs. 46 e 47.)*

32. São raras as ocasiões, diz Erasto, em que os grandes Espíritos têm à sua disposição médiuns cuja capacidade cerebral forneça todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação de seu pensamento na forma e com a fórmula que eles lhe teriam dado em vida. *(Págs. 48 e 49.)*

33. Para se fazerem ouvir, os Espíritos devem agir sobre os instrumentos que estejam ao nível de sua ressonância fluídica. Muitos médiuns, senão a maioria, são, porém, instrumentos muito imperfeitos. É preciso entender que em tudo é necessário similitude, assim nos fluidos espirituais, como nos fluidos materiais. Os Espíritos adiantados necessitam, para manifestar-se, de médiuns capazes de vibrar com eles em uníssono, e é o que dificilmente acontece. *(Pág. 49.)*

34. Comentando o assunto, Kardec explica que quando um médium trata com facilidade e superioridade assuntos que lhe são estranhos, eis um indício de que seu

Espírito possui faculdades latentes já desenvolvidas, fora da educação recebida na presente existência. *(Pág. 50.)*

35. A **Revista** reproduz o relato trazido pela imprensa leiga dos acontecimentos ocorridos em Tananarive (Madagáscar) no ano de 1863, quando morreu o rei Radama II. A notícia reporta-se também a uma estranha doença, designada pelo nome de Ramanenjana, que age especialmente sobre os nervos, provocando convulsões e alucinações e dores violentas na cabeça, na nuca e no estômago. *(Págs. 50 e 51.)*

36. Comentando a notícia, diz Kardec, tudo indicava que lá, como em Morzine, esses fenômenos seriam o resultado de uma obsessão ou possessão coletiva, como se produziu ao tempo do Cristo. Cada povo deve fornecer ao mundo invisível ambiente Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre as pessoas das quais, por força de sua inferioridade, conservaram os hábitos, as inclinações e os preconceitos. *(Pág. 54.)*

37. Os povos selvagens e bárbaros estariam, assim, cercados por uma massa de Espíritos ainda selvagens e bárbaros, até que o progresso os tenha levado a encarnar-se num meio mais adiantado. Reportando-se ao assunto, um Espírito protetor disse, por intermédio da sra. Delanne, que ali se verificou efetivamente um caso de obsessão coletiva, produzida por um plêiade de Espíritos atrasados que, tendo conservado suas antigas opiniões políticas, tentaram perturbar daquela maneira os seus compatriotas. Eram antigos malgaches, furiosos por verem os habitantes da região admitindo as ideias de civilização que alguns indivíduos, mais adiantados do que eles, procuravam implantar entre eles. *(Págs. 54 e 55.)*

38. A **Revista** transcreve um poema em que o autor, ex-incrédulo, fala da impressão que lhe causou a leitura do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Comparando-se a um náufrago que chega à terra firme, o poeta confessa que ao ler a magistral obra publicada por Kardec viu "no peito desolado renascer a coragem". *(Págs. 56 e 57.)*

39. Em um discurso pronunciado ao pé do túmulo da jovem Emily de Putron, Victor Hugo disse que a fé numa outra existência "brota da faculdade de amar", porquanto, acrescentou, "é o coração quem crê". "O filho conta encontrar a seu pai; a mãe não consente em perder o filho para sempre." Victor Hugo fez ali uma verdadeira profissão de fé na imortalidade, convicto de que "os que partem não se afastam". "Os mortos - aduziu o poeta - são invisíveis, mas não estão ausentes."*(Págs. 58 e 59.)*

40. Lido o discurso na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Emily de Putron manifestou-se espontaneamente, deixando consoladora mensagem em que pede à mãe, à irmã e às amigas que não chorem mais e reafirma o que dissera o poeta: "Somos eternos". *(Págs. 61 e 62.)*

41. Notícia publicada na **Revista** informa o surgimento de mais um jornal espírita na Itália: La Luce *(A Luz)*, publicado na cidade de Bolonha, com edições mensais. *(Págs. 62 e 63.)*

42. Fechando o número de fevereiro, a **Revista** agradece ao espírita anônimo de São Petersburgo que enviou 50 francos destinados a uma operária de Lyon, atendendo a pedido de Carita. "Se os homens não sabem o seu nome, Deus o sabe", diz a nota. *(Pág. 64.)*

43. Onde é o céu? Este tema, que foi logo depois inserido por Kardec no livro "*O Céu e o Inferno*", é o principal artigo da edição de março. *(Págs. 65 e 66.)*

44. Os Antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, formando esferas concêntricas, das quais a Terra era o centro. Segundo a opinião mais comum, havia sete céus. Vem daí a expressão: *Estar no sétimo céu*, para exprimir a felicidade perfeita. Os muçulmanos admitiam nove. Ptolomeu contava 11, dos quais o último era chamado Empíreo, por causa da sua deslumbrante luz. *(Pág. 65.)*

45. A teologia cristã – surgida no seio do catolicismo – reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Altíssimo. É em vista dessa crença que se diz que São Paulo foi levado ao terceiro céu. *(Pág. 65.)*

46. Todas essas teorias repousam, porém, no duplo erro de considerar que a Terra seja o centro do universo e a região dos astros, limitada. A Terra não é e nunca foi o pivô do universo, mas um dos menores astros que rodam na imensidade. *(Págs. 65 e 66.)*

47. Os mundos habitados são muito numerosos. Os seres encarnados estão presos a eles, mas, quando se desprendem do corpo material, habitam o mundo espiritual, que está por toda a parte, em redor de nós e no espaço. *(Págs. 66 e 67.)*

48. A felicidade – ao contrário do que ensinam as doutrinas que pregam a existência de um céu paradisíaco – está na razão do progresso realizado e não do lugar que o indivíduo habite. Ainda que estejam duas pessoas uma ao lado da outra, pode uma estar nas trevas, enquanto tudo é resplendente para a outra. A felicidade dos Espíritos é inerente às suas qualidades e eles as desfrutam onde quer que se encontrem, seja na Terra, seja no espaço. *(Pág. 67.)*

49. Nos Espíritos o progresso é fruto do próprio trabalho. São eles, pois, os artífices de sua situação, feliz ou infeliz, conforme o ensinamento do Cristo: "A cada um segundo as suas obras". *(Pág. 67.)*

50. A suprema felicidade é apanágio dos Espíritos que chegaram à perfeição, isto é, dos Espíritos puros, condição que eles só atingem depois de haverem progredido em inteligência e moralidade. *(Pág. 68.)*

51. Como uma única existência corporal é manifestamente insuficiente para que o Espírito adquira tudo o que falta em bem e se desfaça de tudo o que em si é mau, Deus lhe concede tantas existências quantas forem necessárias para atingir o objetivo final, que é a perfeição. *(Pág. 68.)*

52. No intervalo das diferentes existências corpóreas, o Espírito entra no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, conforme o bem ou o mal que haja feito. O estado corporal é transitório e passageiro. No estado espiritual o Espírito recolhe os frutos do progresso realizado durante a encarnação e se prepara para as novas lutas que deverá enfrentar no seu retorno à existência corporal. *(Pág. 69.)*

53. A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não é a ociosidade contemplativa, que seria uma eterna e fastidiosa inutilidade. Em todos os graus, a vida espiritual é uma atividade constante, embora isenta de fadigas. *(Págs. 69 e 70.)*

54. Os Espíritos puros são os Messias ou mensageiros de Deus; transmitem e executam a vontade do Pai; realizam as grandes missões; presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do universo, encargo glorioso a que só se chega pela perfeição. *(Pág. 70.)*

55. Como a felicidade depende das qualidades dos indivíduos e não do estado material do meio em que se acham, ela existirá em toda a parte onde houver Espíritos capazes de ser felizes e nenhum lugar circunscrito lhe é assinado no universo. Atraídos uns para os outros pela similitude de ideias, gostos e sentimentos, os Espíritos felizes formam grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada indivíduo irradia suas próprias qualidades e se penetra dos eflúvios serenos e benéficos que emanam do conjunto. *(Pág. 71.)*

56. Na imensidade do universo onde fica, pois, o céu? Por toda a parte e nenhum muro o limita. Os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem, visto que as virtudes abrem aos Espíritos o caminho, enquanto os vícios lhes barram o acesso. *(Pág. 72.)*

57. A 3 de fevereiro de 1865 se deu o falecimento da Sra. Foulon, que, três dias depois, se manifestou na Sociedade Espírita de Paris. Informando ter estado lúcida desde o trespasse, a Sra. Foulon não conheceu a perturbação pós-morte. "Só os que têm medo – explicou ela – são envolvidos por suas espessas trevas." *(Págs. 73 a 75.)*

58. No dia 8 a Sra. Foulon comunicou-se pela segunda vez, quando então pôde descrever melhor as peripécias de sua desencarnação e o seu despertar no além-túmulo. "Sofri – disse ela –, mas meu Espírito era mais forte que o sofrimento material que o desprendimento o fazia experimentar." Após o supremo suspiro, ela permaneceu, como em síncope, sem consciência do seu estado, sem pensar em nada, e numa vaga sonolência, que durou bastante tempo. Depois, como se voltasse de um longo desmaio, despertou entre irmãos que não conhecia, os quais lhe prodigalizaram cuidados e carícias e a informaram de que não mais pertencia à Terra. *(Págs. 77 e 78.)*

59. Reportando-se aos familiares que ainda se encontravam na Terra, ela esclareceu que tinha missão a cumprir junto aos seus netos e afirmou que a morte em nada afasta os que se amam, porque o amor aproxima as almas, seja no plano físico, seja no plano espiritual. "Só há distância para os corpos materiais; ela não existe para os Espíritos."*(Pág. 78.)*

60. Comentando as mensagens transmitidas pela Sra. Foulon, Kardec chama atenção do leitor para dois pontos. O primeiro é a possibilidade, revelada por ela, de um Espírito passar da Terra a outro planeta mais elevado, desde que reúna condições espirituais para esse salto no processo reencarnatório. O segundo é a confirmação do ensinamento de que depois da morte estamos menos separados dos entes queridos do que durante a existência corpórea. *(Pág. 80.)*

61. Morto a 26 de janeiro de 1865, o doutor Demeure, médico homeopata muito distinto em Albi, comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris no dia 30 seguinte. Disse o amigo a Kardec: "Como sou feliz! Não sou mais velho nem enfermo; meu corpo era apenas um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos cujas rugas não mais sulcam o rosto, cujos cabelos não embranquecem sob a ação do tempo". *(Págs. 80 e 81.)*

62. Nos dois dias seguintes o dr. Demeure comunicou-se novamente e revelou que já se encontrava a postos na ajuda aos enfermos. Kardec faz a seguinte observação: "A poucos dias de distância, ele cuidava dos doentes como médico e, apenas desencarnado, apressa-se em ir cuidar deles como Espírito. Que se ganha em estar no outro mundo, perguntarão certas pessoas, se ali não se goza de repouso?" Em resposta, o Codificador explica que a atividade espiritual não é um constrangimento, mas uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos, que procuram as ocupações que tenham ligação com suas aptidões e possam ajudar o seu adiantamento. *(Págs. 82 e 83.)*

63. A **Revista** reporta-se ao *processo* que envolveu o médium Hillaire, de Sonnac (Charente-Inférieure), o qual permitiu que a vaidade e o orgulho lhe subissem à cabeça e acabou se perdendo. Levado o caso ao Tribunal, este condenou Hillaire a um ano de prisão e multas, embora as testemunhas, em número de 20, tivessem atestado a veracidade dos fenômenos atribuídos ao médium. Comentando o desfecho do lamentável caso, Kardec diz que o Espiritismo não saiu apenas são e salvo daquela prova, mas também "com as honras da guerra". *(Págs. 84 a 88.)*

64. Em verdade, o julgamento não proclamou a veracidade das manifestações de Hillaire, mas não as considerou fraudulentas. O médium foi condenado por outro motivo. Quanto à doutrina, ali obteve um sufrágio brilhante, visto que – adverte Kardec – o Espiritismo está menos nos fenômenos materiais do que em suas consequências morais. *(Pág. 88.)*

65. Em mensagem dirigida especialmente aos espíritas devotados no caso Hillaire, Kardec reitera que a parte essencial do Espiritismo não são os fenômenos, mas a aplicação de seus princípios morais. É nisto que se reconhecem os Espíritas sinceros. Há espíritas que, infelizmente, não levam esse pensamento a sério e essa é a razão por que nem todos os adeptos do Espiritismo são perfeitos. Hillaire pertence a essa classe, por isso faliu. A Providência o havia dotado de notável faculdade, com cujo auxílio fez muito bem, mas poderia fazer ainda muito mais se não tivesse, por sua fraqueza, rompido a missão. *(Págs. 89 a 91.)*

66. Concluindo a mensagem, Kardec adverte: "Não podemos condená-lo, nem absolvê-lo; só a Deus pertence julgá-lo por não haver cumprido a tarefa até o fim". "Irmãos, estendamos-lhe a mão de socorro e oremos por ele." *(Pág. 91.)*

67. Na seção de livros, a **Revista** noticia o lançamento do livro *Um Anjo do Céu na Terra,* escrito por Benjamin Mossé, rabino em Avignon, no qual a caridade é ensinada pelos mais tocantes fatos. *(Págs. 91 a 94.)*

68. O número de abril focaliza logo na abertura o tema destruição recíproca dos seres vivos, uma lei natural que não parece, à primeira vista, conciliar-se com a bondade de Deus. O que se pergunta é: Por que o Criador lhes teria feito uma necessidade se entre destruírem para se alimentarem uns à custa dos outros? *(Pág. 95.)*

69. Ora, responde Kardec, a verdadeira vida, tanto do animal, quanto do homem, não está no envoltório corporal; está no princípio inteligente que sobrevive ao corpo. Esse princípio inteligente – a alma – necessita do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta. O corpo se gasta nesse trabalho, mas a alma, não; ao contrário, dele sai mais forte, mais lúcida e mais capaz. *(Pág. 95.)*

70. Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e suscita neles a ideia da vida espiritual, fazendo-os desejá-la como uma compensação. *(Pág. 95.)*

71. A primeira utilidade dessa destruição, utilidade puramente física, é na verdade está: os corpos orgânicos não se mantêm senão à custa de matérias orgânicas, as únicas que contêm os elementos nutritivos necessários à sua transformação e manutenção. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros, sem com isso aniquilar ou alterar o Espírito, que fica apenas despojado do seu invólucro. *(Pág. 96.)*

72. Além disso, afirma Kardec, há considerações morais de ordem mais elevada. A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque é na luta que ele exercita suas faculdades. Aquele que ataca para ter o alimento e o que se defende para conservar a vida desenvolvem nesse esforço suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe. Mas o que foi que, na realidade, o mais forte ou o mais apto tirou do mais fraco? Apenas sua vestimenta corporal e nada mais; o Espírito, que jamais morre, mais tarde retoma outro. *(Pág. 96.)*

73. Como a mais imperiosa das necessidades materiais é a da alimentação, os seres inferiores da criação lutam para viver. O senso moral neles inexiste; sua luta tem, pois, por móvel unicamente a satisfação de uma necessidade. É nesse período que a alma se elabora e se ensaia para a vida. Mais tarde, ao atingir o grau de maturidade necessário à sua transformação, ela receberá de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, que darão um novo curso às suas ideias, mas isso só se dá gradativamente. Nas primeiras idades domina o instinto animal; depois o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem luta então, não mais para se alimentar, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho e a necessidade de dominar. *(Págs. 96 e 97.)*

74. Com o passar dos tempos, à medida que o senso moral ganha peso, a luta continua necessária ao desenvolvimento do Espírito, mas – de sangrenta e brutal que era – torna-se puramente intelectual e o homem passa a lutar contra as dificuldades da vida, não mais contra os seus semelhantes. *(Pág. 97.)*

75. Um leitor da **Revista** comunicou à direção dela um fato ocorrido em Montauban que impressionou a população: um pregador protestante, sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, num discurso pronunciado perante duas mil pessoas, afirmou-se claramente partidário das ideias novas difundidas pelo Espiritismo. Segundo a mesma fonte, o sr. Rewile abordou com sucesso a questão das manifestações espíritas, em duas conferências dirigidas para alunos de uma Faculdade. *(Págs. 97 a 99.)*

76. Reportando-se a um artigo publicado a 5/3/1865 no *Journal de Saint-Jean D'Angély,* escrito pelo dr. A. Chaigneau, renomado médico da região, Kardec diz que o jornal que o publicou não é ligado ao Espiritismo e, com certeza, um ano antes não teria acolhido referida matéria, que desenvolve os princípios da doutrina. Ele conclui, portanto, que o fato – tal como se verificou em Montauban – estava a indicar uma melhor aceitação das ideias espíritas pela sociedade da época e uma ampliação do número dos seus partidários. *(Págs. 99 a 102.)*

77. Do ponto de vista da ideia espírita, acrescentou Kardec, o público se divide em três categorias: os partidários, os indiferentes e os antagonistas. As duas primeiras constituem a imensa maioria. Como os indiferentes ficam satisfeitos por encontrar numa discussão imparcial os meios de esclarecer aquilo que ignoram, os jornais nada têm a perder divulgando artigos simpáticos à doutrina, porque os partidários e os indiferentes são bastante numerosos para compensar as defecções que pudessem experimentar, se é que as experimentassem. *(Pág. 102.)*

78. Um assinante da **Revista** dirigiu uma carta a um irmão querido que havia falecido, pedindo-lhe que enviasse sua resposta por meio de um médium. O *falecido* atendeu ao pedido, respondendo as perguntas que o irmão, a pedido de seus pais, consignara na correspondência. *(Págs. 103 a 105.)*

79. Eis resumidamente o que o Espírito transmitiu à família: A) Por vezes é muito difícil aos Espíritos transmitir o pensamento através de certos médiuns pouco aptos a receber claramente, em seu cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos do comunicante. B) Os pais deveriam cessar o choro, porque as lágrimas servem para enervar e desencorajar as almas. Ele partira primeiro, mas em breve todos se encontrariam na vida espiritual. C) Sua morte, que tanto os afligia, constituíra, no entanto, o fim do cativeiro em que sua alma vivia na Terra. *(Págs. 105 e 106.)*

80. Vários ensinamentos ressaltam da comunicação precedente. O primeiro é a dificuldade experimentada pelo Espírito para se exprimir mediunicamente. É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica existente entre o Espírito e o médium. Sem a harmonia entre um e outro, a única que pode levar à assimilação fluídica, *tão necessária na tiptologia quanto na escrita*, as comunicações são incompletas, impossíveis ou falsas. *(Págs. 106 e 107.)*

81. Constitui um erro, pois, impor um médium ao Espírito que se quer evocar. Cabe a ele escolher o instrumento. Se na reunião só houver um médium, existe um meio de atenuar a dificuldade: evocar o guia espiritual do médium e perguntar se a evocação de determinado Espírito é possível. Se houver incompatibilidade entre Espírito e médium, o comunicante pode transmitir seu pensamento por meio do guia do médium ou aceitar a sua assistência. Nesse caso, seu pensamento chegará de segunda mão. Vê-se, só por esse fato, quanto importa que o médium seja bem assistido, porque, se ele for dominado por um obsessor, um indivíduo ignorante ou orgulho, a comunicação será alterada. *(Págs. 107 e 108.)*

82. Em uma reunião realizada em Montauban, a sra. G... – médium vidente e sonâmbula muito lúcida – viu quando um Espírito curvou-se sobre sua perna e operou nela fricções e massagens sobre a região que, devido a uma entorse, doía muito. A operação foi muito dolorosa, mas ao cabo de dez minutos a entorse desapareceu, a inflamação se extinguira e o pé readquirira sua aparência normal. *(Págs. 109 a 111.)*

83. Fora o dr. Demeure, recentemente desencarnado, quem atendeu à ocorrência e curou a médium, que não sabia até então que o médico e amigo havia desencarnado. A cura descrita, explica Kardec, é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura com o magnetismo humano. *(Pág. 111.)*

84. Por vezes, informa Kardec, os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluido: são esses os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos que os assistem. *(Pág. 111.)*

85. Em Paris, Kardec conheceu uma pessoa que oito meses antes havia sido acometida de exostoses na anca e no joelho e, por causa disso, se encontrava presa ao leito. Um amigo dotado da faculdade de cura tratou do enfermo pela simples *imposição* das mãos, durante alguns minutos, sobre a cabeça e pela prece, que o doente acompanhava com fervor. Durante o tratamento o enfermo experimentava muita dor, logo seguida de uma perfeita calma. Sentia então a impressão enérgica de várias mãos a massagear e a estirar a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. O doente voltou a andar, embora a antiguidade e a gravidade do mal tornassem a cura mais demorada do que uma simples entorse. *(N.R.: Exostose – lê-se ezostose – diz-se da proliferação óssea ocorrida na superfície de um osso.) (Pág. 111.)*

86. Observa Kardec que a mediunidade curadora ainda não era apresentada com caracteres de generalidade e de universidade, mas, ao contrário, era restrita como aplicação, isto é, o médium tinha uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não curava todas as doenças. *(Págs. 111 e 112.)*

87. A mediunidade curadora – explica o Codificador – está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea e não deve ser confundida com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. *(Pág. 112.)*

88. Pierre Legay, parente da sra. Delanne, ofereceu aos pesquisadores espíritas o singular espetáculo de um Espírito que, dois anos depois de sua morte, ainda se julgava vivo, cuidava dos negócios, viajava de carro, pagava passagem em estradas de ferro. Este caso é uma continuação do relato publicado na **Revista** de novembro de 1864. *(Págs. 112 e 113.)*

89. Depois de uma longa conversa com o sr. Delanne, Pierre Legay diz ter afinal *despertado*. "Sabeis que *dormi*?", perguntou Pierre ao sr. Delanne, acrescentando à frase: "Chamo dormir o que chamais morrer". Em seguida, disse que o Espírito não fica ciente da nova situação que a morte corporal lhe impõe, se não for imediatamente ajudado a se reconhecer pela prece e se não o esclarecerem sobre sua verdadeira posição. *(Págs. 113 a 115.)*

90. Ignorando o que lhe havia sucedido, Pierre Legay arrastou, ou antes, julgou arrastar o corpo físico com o mesmo esforço e os males que se sentem na Terra. Eis como ele explicou o que sentiu pós-morte: "Sim, morre-se; mas não é no momento em que se deixa o corpo; é no momento em que o Espírito, percebendo sua verdadeira posição, é tomado de uma vertigem, não sabe mais compreender o que lhe dizem, não vê mais as coisas que lhe explicam da mesma maneira; então se perturba". *(Pág. 115.)*

91. A **Revista** reporta as manifestações espíritas que estavam ocorrendo naqueles dias em Marselha, uma repetição dos fenômenos verificados em Poitiers. Segundo a *Gazette du Midi*, do dia 5 de março, os ruídos tinham por vezes a força de um tiro de canhão, de pequeno calibre, dado numa casa. Portas e janelas, piso e paredes ficam abaladas, os objetos pendurados nas paredes se agitam; parece que a casa vai ruir, mas nada ocorre. Depois do barulho não existe a menor fenda, nada se estragou, tudo volta à calma de antes. A polícia apareceu, mas nada descobriu. *(Págs. 116 e 117.)*

92. Dois poemas de Marie-Caroline Quillet, o primeiro intitulado *O Espiritismo,* foram transcritos pela **Revista** em sua edição de abril. No preâmbulo desse poema, a sra. Quillet consignou: "O Espiritismo é o desenvolvimento do Evangelho, a extensão e a expansão da vida". *(Págs. 118 a 120.)*

93. Reconhecendo que a poeta está certa quando diz que "todos são chamados a concorrer à obra da renovação terrestre", Kardec discorda da opinião que ela expendeu ao analisar uma frase da sra. Foulon acerca do Espiritismo poético. Segundo Kardec, é o Espiritismo sério, o Espiritismo científico, apoiado nos fatos e na lógica, que melhor convém à natureza positiva dos homens da época e é ele o objeto de seus estudos. *(Pág. 120.)*

94. Falecida em Bruxelas, após 32 anos de uma moléstia que a reteve por 20 anos no leito, a sra. Marguerite Vauchez, mãe de dois dos principais companheiros espíritas da cidade, pouco depois de seu passamento enviou aos filhos palavras confortadoras em que, declarando-se liberta do fardo que a prendia ao leito, lhes disse: "Vejo, sinto, vivo!" "Deus teve piedade de meus sofrimentos. Oh! meus amigos, como é bela a vida da alma, quando desprendida da matéria!"*(Págs. 120 a 123.)*

95. A **Revista** noticia o lançamento da obra *A confusão no Império de Satã,* autoria de L.A. G. Salgues, de Angers, em que o autor demonstra que Satã e o inferno dos *satanistas* são um mito. *(Pág. 123.)*

96. O surgimento do jornal *L' Echo d'Outre-Tombe* (O Eco de Além-Túmulo), de Marselha, é divulgado na **Revista**, que acrescenta ter referido jornal periodicidade semanal. No alto, o jornal continha a célebre divisa do Espiritismo: "*Fora da caridade não há salvação*". *(Pág. 123)*

97. Num estilo elegante e correto, e dizendo as verdades sem ferir a ninguém, foi lançado mais um livro de M. J. B., intitulado *Concordância da Fé e da Razão* e dedicado ao clero católico. Nele o autor trata mais especificamente da questão religiosa. O outro livro de sua lavra chama-se *Lettres sur le Spiritisme écrites à des ecclesiastiques. (Pág. 124.)*

98. Uma carta procedente de Dieppe relata fatos interessantes ocorridos após a morte de uma cadelinha chamada Mika. Estando o seu dono – a quem ela era muito apegada – deitado em seu leito, ele ouviu em determinada noite um pequeno gemido em tudo semelhante ao que Mika emitia quando queria algo. Como a mulher e a filha também ouvissem os estranhos sons, cuja causa não pôde ser determinada, apesar das buscas que se fizeram na casa, o correspondente remeteu suas dúvidas ao Codificador. *(Págs. 125 a 127.)*

99. Kardec comenta o caso dizendo, de início, que lhe parecia positivamente provado que existem animais que veem Espíritos e com estes se impressionam. Ora, se eles veem os Espíritos, não é pelos olhos do corpo. Eles devem ter também uma espécie de visão espiritual. Mas, examinando diretamente a hipótese de haver a cadelinha Mika comparecido em Espírito à casa onde vivera, diz ele que um fato importante a registrar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais se fez menção de que existissem Espíritos de animais. *(Pág. 127.)*

100. Disso parece resultar que os animais não conservam a sua individualidade após a morte, mas a manifestação da cadelinha Mika, caso tenha se manifestado, provaria exatamente o contrário. A carta foi lida então na Sociedade Espírita de Paris, onde se recebeu a comunicação que se segue, pelo médium E. Vézy. *(Págs. 127 e 128.)*

101. Eis resumidamente o que se contém na comunicação referida:

A) O Espírito se desenvolve passando pela peneira do mineral, do vegetal e do animal, até chegar à *humanimalidade*, onde começa a ensaiar-se apenas a alma que encarnará na *humanidade*.

B) Entre essas diversas fases há laços importantes, chamados *períodos intermediários* ou *latentes,* porque é aí que se operam as transformações sucessivas.

C) As afinidades existentes entre os animais domésticos e o homem são produzidas pelas cargas fluídicas que nos rodeiam e sobre nós recaem.

D) É um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma e outra. Daí é que resulta a superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal do animal selvagem, e é só a essa causa que poderão ser devidas as manifestações mencionadas na carta.

E) O correspondente não se enganou ao ouvir o gemido do animal reconhecido pelos cuidados do dono, indo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, levar-lhe uma lembrança. A manifestação pode dar-se, mas é passageira, porque o animal, para subir um degrau, necessita de um trabalho latente, que aniquila em todos eles qualquer sinal exterior de vida.

F) Esse estado é a *crisálida* espiritual, onde se elabora a alma, de perispírito informe, sem nenhuma figura reprodutiva de traços.

G) Os Espíritos de animais não existem no espaço, ou antes, sua passagem é tão rápida que é como se fosse nula.

H) Quando um corpo material se dissolve, os elementos que o compõem voltam ao seu foco primitivo para alimentar outros corpos. Dá-se o mesmo para a parte espiritual: os fluidos organizados espirituais, à passagem, tomam cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

I) O cão, o gato, o burro, o cavalo ou o elefante não podem, portanto, manifestar-se por via mediúnica. Só os Espíritos chegados ao grau da humanidade podem fazê-lo, e ainda assim em razão de seu adiantamento, porque o Espírito de um selvagem não pode falar-nos como o Espírito de um homem civilizado. *(Págs. 128 e 129.)*

102. Um artigo publicado no *Journal de la Vienne*, em 22/11/1864, refere uma série de manifestações espíritas não resolvidas ocorridas em Poitiers em épocas diversas, conforme fontes confiáveis os relataram. Assim é que em 1249, segundo Guillaume d'Auvergne, então bispo de Paris, um Espírito batedor se introduziu numa casa de Poitiers, na qual atirava pedras e quebrava os vidros. Em 1447, na mesma região, fatos semelhantes se repetiram, só que nesse caso o Espírito, além de lançar pedras e quebrar vidros, mexia nos móveis e batia nas pessoas, embora de leve. Jean Delorme, então cura na região, visitou o local das manifestações e procedeu a vários exorcismos, sem qualquer resultado. *(Págs. 129 a 131.)*

103. O autor do artigo, sr. David (de Thiais), não é partidário, mas sim antagonista das ideias espíritas, e seu objetivo é mostrar a falta de lógica e de razões em fatos desse naipe, para ele pueris e indignos de serem atribuídos aos Espíritos, indivíduos dotados de corpos imponderáveis que, planando sobre o mundo, devem escapar às

enfermidades humanas, aproximando-se da luz e da bondade de Deus. *(Págs. 131 e 132.)*

104. Kardec agradece as informações preciosas constantes do artigo, visto que, ao contrário do que o sr. David pensa, elas servem de confirmação da veracidade das manifestações, além de mostrarem a antiguidade dos fenômenos espíritas. Mas o Codificador não perde a oportunidade de rebater as considerações pessoais do articulista, que tem, como muitas pessoas, uma ideia ingênua do que se passa na vida espiritual. *(Pág. 132.)*

105. O homem perverso, o assassino, o bandido, o mais vil dos malfeitores não se tornam *santos* só porque desencarnam. Seguramente não são Espíritos perfeitos que se divertem com semelhantes coisas. Ora, se os há imperfeitos, que há de admirável que cometam malícias? *(Págs. 132 e 133.)*

106. Morto a 25 de março de 1865, o doutor Vignal foi evocado no dia 31 na Sociedade de Paris. Seu desligamento do corpo material – informou Vignal – foi muito rápido, mais do que ele próprio esperava, no entanto não deixou o corpo completamente senão no momento em que ocorreu o sepultamento. *(Págs. 133 e 134.)*

107. Doutor Vignal disse, em seguida, que há muita diferença entre o desprendimento pós-morte e o desprendimento da alma ainda encarnada, como se dá durante o sono. "Hoje sou livre", exclamou o Espírito, lembrando que durante a encarnação a matéria constringe a alma com seu sistema inflexível. *(Págs. 134 e 135.)*

108. A **Revista** publica duas cartas enviadas a Kardec pelo autor do opúsculo *A confusão no Império de Satã,* o sr. Salgues, de Angers. Confessando ter sido anteriormente adversário das ideias espíritas, o sr. Salgues reconhece o bem que o Espiritismo tem feito por toda a parte e se diz leitor atento dos escritos que tanto se espalham, para reafirmar a moralidade e os sentimentos religiosos, levados na via mais racional. *(Págs. 136 e 137.)*

109. Kardec lhe respondeu de forma carinhosa e, no final de sua carta, asseverou: "Se divergimos nalguns pontos de doutrina, vejo com verdadeira satisfação que um grande princípio nos une: `Fora da caridade não há salvação'." *(Pág. 138.)*

110. Em carta a Kardec, o sr. Delanne fala de sua visita a Barcelona, onde encontrou adeptos zelosos e fervorosos do Espiritismo. "Num grupo que visitei – refere o pai de Gabriel Delanne – vi dignos êmulos desse caro sr. Dombre, de Marmande. Constatei a cura completa de uma senhora atingida por uma obsessão horrorosa, que datava de quinze anos pelo menos, muito antes que tivesse ouvido falar de Espíritos." *(Págs. 138 e 139.)*

111. Delanne descreve, na sequência, o tratamento realizado em outra sessão de um manobreiro chamado Joseph, que havia 18 anos sofria um processo obsessivo, agora em vias de cura. O Espírito obsessor parecia ser da pior espécie, mas nunca disse o motivo de sua vingança, que impunha sofrimentos inenarráveis em sua vítima. Delanne relata na carta o que acontecia a Joseph nos momentos de crise. *(Pág. 139.)*

112. Premido pelo sr. Delanne, o algoz desencarnado confessou enfim que aquele homem lhe havia roubado a mulher a quem amava. O doutrinador explicou que se ele quisesse não mais atormentar o manobreiro e mostrasse um arrependimento sincero, ainda que mínimo, Deus lhe permitiria rever a pessoa amada. "Por ela – respondeu o Espírito – farei tudo." Delanne pediu-lhe então que repetisse estas palavras: "Meu Deus, perdoai minhas faltas". Ele hesitou, mas atendeu escrevendo: "Meu Deus, perdoai os meus erros!" O momento era crítico. Que iria acontecer? Tudo correu, no entanto, como o esperado e, operando enérgicos passes magnéticos em Joseph, que estava efetivamente esgotado como um lutador, o sr. B... acabou acalmando-o completamente. *(Pág. 139.)*

113. Concluindo o relato, acrescentou Delanne: "Que energia, que convicção, que coragem não são precisas para fazer semelhantes curas! A fé, a esperança e, sobretudo, a caridade, e só elas, podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar tão temerariamente um grupo de tão temíveis adversários. Eu saí arrasado!" *(Pág. 139.)*

114. Em Carcassone, visitando o sr. Jaubert, presidente do grupo espírita local, Delanne pôde assistir a outra ordem de fenômenos: os transportes. Assim que ele entrou no salão, uma grande peça despida, apenas atapetada, uma chuva de drágeas caiu com ruído num canto da sala. A médium, que tinha o estômago inchado, tomou seu lápis e escreveu: "Dize a Delanne que ponha a mão no vazio de teu estômago e essa inflamação desaparecerá. Ora antes". Aí caiu uma nova chuva, agora de bombons e no canto oposto àquele onde ocorrera o primeiro fenômeno. Delanne aproximou-se da doente, que apresentava uma inchação maior que na véspera. Impôs-lhe a mão e a inchação desapareceu como por encanto. Ocorreu então um terceiro derrame de drágeas. *(Págs. 139 a 141.)*

115. Comentando notícia publicada no *Siècle* a respeito da influência do uso imoderado do tabaco, que ocasionaria uma debilidade no cérebro e na medula espinhal, podendo daí resultar a loucura, a **Revista** adverte que, diante de tais perigos, não é de admirar que existam espíritas entre os loucos. Ocorre que, além das causas materiais, como a referida pelo sr. Jolly na Academia de Ciências da França, há causas morais e é contra estas que os espíritas têm um poderoso preservativo em suas crenças. Com a influência do Espiritismo o número de casos de loucura por causas morais diminuiria incontestavelmente, diz a nota. *(Págs. 142 e 143.)*

116. A **Revista** transcreve três dissertações recebidas em Lyon e assinadas pelo Espírito de Pascal. Eis de forma resumida parte do que nelas se contém:

A) É preciso examinar as comunicações recebidas, submetendo-as à análise da razão e não tomando sem exame nem mesmo as inspirações que agitam a nossa alma.

B) A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a aquecer a alma do médium, dando-lhe o que chamamos de *veia* da composição. Se a inspiração encontrar o lugar ocupado por uma ideia preconcebida, o pensamento do Espírito comunicante fica sem intérprete e o calor fluídico se gasta em aquecer um pensamento que não é dele.

C) A ideia, um dos dois elementos da inspiração medianímica, vem do mundo extrafísico e é a inspiração própria do Espírito.

D) O calor fluídico é encontrado e tomado dos encarnados: é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação, algumas vezes recolhido ao próprio inspirado, quando dotado de um certo poder fluídico ou medianímico, e o mais das vezes tomado em seu ambiente, na emanação de benevolência de que o inspirado esteja mais ou menos rodeado. É por isso que se diz que a simpatia torna eloquente.

E) A ideia, sozinha, não basta, se não se lhe dá a força de exprimi-la. O calor é para a ideia o que o perispírito é para a alma.

F) Deus não se vinga. É uma blasfêmia dizer que Deus age como os homens, porque estes, sim, se vingam.

G) Deus não age assim. Ele entrava o impulso de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato, endireita o egoísmo... Como pai, corrige, mas não se vinga jamais.

H) Só porque o Espiritismo foi revelado, não acreditemos num cataclismo das instituições sociais. Desconfiemos, pois, dos Espíritos impacientes, que vos impelem para as vias perigosas do desconhecido. Lembremo-nos de

que o Espírito humano se move e se agita sob a influência de três causas – a *reflexão*, a *inspiração* e a *revelação*.

I) A *reflexão* é a riqueza de nossas lembranças, que agitamos voluntariamente. Nela o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil para satisfazer as suas necessidades.

J) A *inspiração* é a influência dos Espíritos extraterrenos, que se mistura mais ou menos às nossas próprias reflexões para nos impelir ao progresso.

L) A *revelação* é a mais elevada das forças que agitam o Espírito humano, porque vem de Deus e só se manifesta por sua vontade expressa. Ela é rara e ordinariamente dada como uma recompensa à fé sincera, ao coração devotado. *(Págs. 144 a 149.)*

117. Manifestando-se em Paris, Georges diz que a medianimidade é uma faculdade inerente à natureza do homem. Não é uma exceção, nem um favor, e está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais. "Jamais se devem atribuir aos Espíritos, refiro-me aos Espíritos elevados, esses ditados sem fundo nem forma, que aliam à sua nulidade o ridículo de serem assinados por nomes ilustres", diz Georges. *(Pág. 149.)*

118. Mais adiante, diz ele que a ciência tem os seus pseudo-sábios e a medianimidade, os seus falsos médiuns. Existe, segundo Georges, diferença entre os médiuns inspirados pelos fluidos espirituais e os que agem apenas sob o impulso do fluido corporal, isto é, os que vibram intelectualmente e aqueles cuja ressonância física só conduz à produção confusa e inconsciente de suas próprias ideias, ou de ideias vulgares. *(Págs. 149 e 150.)*

119. Comentando o assunto, Kardec afirma que a mediunidade exige um estudo sério da parte de quem quer que veja no Espiritismo uma coisa séria. À medida que as molas dessa faculdade forem mais bem conhecidas, estaremos menos expostos às decepções e haverá menos vítimas do charlatanismo. *(Pág. 150.)*

120. Escrevendo sobre o progresso, em comunicação dada na Sociedade Espírita de Paris, diz Pascal que no mundo nada se perde, não apenas na matéria, onde tudo se renova incessantemente, mas também no domínio da inteligência. "A humanidade – afirma Pascal – é como um só homem, que vivesse eternamente, e adquirisse incessantemente novos conhecimentos." *(Pág. 151.)*

121. Pascal lembra que tais palavras não são apenas uma imagem, porque o Espírito é imortal, só o corpo é transitório. Na natureza nada se perde e nada é inútil. Tudo, até as criaturas mais perigosas e os mais sutis venenos, tem a sua razão de ser. As coisas nocivas obrigam o homem a exercitar a inteligência. Ora, se a necessidade é a mãe da indústria, a indústria também é filha da inteligência. Se existem obstáculos, é para despertar no homem os recursos adormecidos; é para dar impulso aos tesouros da inteligência, que ficariam enterrados, se uma necessidade, um perigo a evitar, não viessem forçá-lo a velar por sua conservação. "O instinto nasce; a inteligência o segue, as ideias se encadeiam e está inventado o raciocínio", conclui o notável filósofo. *(Págs. 151 e 152.)*

122. Em outra mensagem transmitida na Sociedade de Paris e assinada por Mokí, é reiterada a importância de se observar a seriedade e o recolhimento nas reuniões espíritas. A linguagem usada no trato com os Espíritos pode variar, mas jamais a seriedade e a benevolência podem faltar às reuniões. Todas as comunicações, diz o Espírito, têm sua utilidade para aquele que sabe tirar delas proveito. Uma mistificação reconhecida e provada pode agir com mais eficácia sobre as pessoas, fazendo-as perceber melhor os pontos a reforçar, do que instruções que são às vezes admiradas, mas não postas em prática. *(Págs. 152 e 153.)*

123. Duas mensagens assinadas por Mesmer, valendo-se da mediunidade do sr. Delanne, fecham a edição de maio de 1865. A primeira fala da imigração de Espíritos para a Terra; a segunda trata do tema criações fluídicas. Eis em resumo parte do que nelas se contém:

A) A Terra treme ao sentir em seu seio aqueles que ela outrora viu passar por aqui, e se alegra em os rever, porque pressente que eles vêm para a conduzir à perfeição.

B) Sim, grandes mensageiros estão entre nós neste mundo: são eles que se tornarão os sustentáculos da geração futura.

C) À medida que o Espiritismo crescer e se desenvolver, os Espíritos de uma ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Por toda a parte Deus espalhou esteios para a doutrina.

D) A imigração de Espíritos superiores se opera para ativar a marcha ascendente da humanidade terrena. É preciso, pois, redobrar de coragem, de zelo, de fervor pela causa, porque nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo e poderosos protetores continuarão a obra.

E) O mundo dos invisíveis é como o mundo terráqueo. Em vez de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, tirado desses meios moleculares, como o corpo físico se forma de coisas mais palpáveis e materiais.

F) O mundo dos Espíritos não é um reflexo do mundo material: este é que é uma imagem grosseira e imperfeita do reino de além-túmulo.

G) As relações entre os dois mundos sempre existiram. Mas agora é chegado o momento em que todas essas afinidades irão ser reveladas, demonstradas e tornadas palpáveis. *(Págs. 153 a 155.)*

124. No dia 5 de maio de 1865, Kardec apresentou à Sociedade Espírita de Paris um relatório a que ele chamou de *Relatório da Caixa do Espiritismo*. Trata-se de uma detalhada prestação de contas de natureza eminentemente financeira, em que o Codificador especifica os recursos movimentados desde fevereiro de 1860 e as suas respectivas aplicações. *(Págs. 157 a 164.)*

125. Eis algumas informações importantes extraídas do documento citado: A) Kardec jamais dispôs de recursos financeiros fartos para a execução do seu trabalho à frente do movimento espírita. Mas compreendia que, não pondo recursos abundantes em suas mãos, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo não devia o seu sucesso senão a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego de meios vulgares. B) Se ele pudesse contar com uma soma vultosa, não a utilizaria – como pensava anteriormente – em gastos publicitários em prol da doutrina, mas sim na edificação de um retiro espírita, cujos habitantes recolhessem os benefícios da doutrina, e na constituição de um fundo que produzisse uma renda *inalienável* destinada: 1º – a manter o estabelecimento; 2º – a assegurar uma existência digna a quem lhe sucedesse e aos que o ajudassem em sua missão; 3º – a cobrir as necessidades correntes do Espiritismo. C) O Espiritismo, segundo Kardec, ainda se achava no estado de esboço; os princípios gerais estavam estabelecidos, mas as suas consequências não estavam, nem podiam estar claramente definidas. Até aquele momento ele não passava de uma doutrina filosófica e somente mais tarde é que as pessoas compreenderiam o seu verdadeiro alcance e utilidade. *(Págs. 159 a 164.)*

126. A **Revista** publica duas cartas, uma enviada a Kardec por um general da Rússia e a outra remetida por um simples pastor de Touraine. O objetivo da transcrição é mostrar que o Espiritismo satisfaz a todas as camadas da sociedade. A carta do militar russo noticia o surgimento do primeiro grupo espírita de São Petersburgo,

ocorrido a 23 de outubro de 1864. O objetivo principal do grupo, diz ele, é o alívio dos Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados. Com duas reuniões por semana, o grupo já contava com 40 membros. O missivista diz ainda ter aparecido a primeira brochura espírita na Rússia, impressa em São Petersburgo, com autorização da censura. Foi uma resposta que ele próprio deu a um artigo do arcipreste Debolsky publicado no jornal *Radougaf*. "Até agora – acrescenta o militar – nossa censura não permitia publicar artigos senão contra, mas nunca pró Espiritismo. Pensei que a melhor refutação fosse a tradução de vossa brochura *O Espiritismo em sua mais simples expressão,* que fiz inserir naquele jornal." *(Págs. 164 e 165.)*

127. Comentando a segunda carta, enviada por uma pessoa simples de Touraine, Kardec observa que não é preciso diploma para compreender o Espiritismo, porque sua doutrina é tão clara e tão lógica que chega sem esforço a todas as inteligências. Além disso, ela toca o coração: eis o seu maior segredo. *(Págs. 166 e 167.)*

128. O confrade J.M.F., do grupo espírita de Barcelona, relata detalhadamente a cura de uma mulher chamada Rosa N..., que durante 15 anos esteve presa de uma obsessão das mais cruéis. Casada em 1850, poucos dias depois do casamento Rosa foi atingida por ataques espasmódicos que se repetiam muitas vezes e com violência, até engravidar. *(Págs. 167 e 168.)*

129. Durante a gravidez Rosa nada experimentou, mas após o parto os ataques se renovaram. As crises duravam três a quatro horas e era preciso muitas pessoas para a dominar. Os médicos que a examinaram diziam uns que era uma doença nervosa; outros, que era loucura. O certo é que o fenômeno se repetia em cada gravidez: cessavam os ataques durante a gestação e recomeçavam após o parto. *(Págs. 168 e 169.)*

130. Em julho de 1864 o grupo espírita de Barcelona se interessou pelo caso e bastaram alguns minutos para se reconhecer a causa da moléstia: Rosa enfrentava, na verdade, uma obsessão das mais terríveis e foi muito difícil fazer com o que o obsessor atendesse ao chamado que o grupo espírita lhe fez. *(Pág. 169.)*

131. Nas duas primeiras evocações, ele se portou com muita violência. A terceira evocação já foi um pouco melhor e o Espírito conversou familiarmente com o doutrinador espírita. A causa da perseguição foi então revelada: o motivo era fazer Rosa pagar-lhe uma *velha dívida.* Na quarta evocação, ele orou e assim, a cada evocação realizada, as coisas foram se normalizando, enquanto Rosa era magnetizada por 12 a 15 minutos em cada vez, o que a deixava perfeitamente tranquila. *(Pág. 169.)*

132. As crises cessaram e Rosa voltou às ocupações habituais, que haviam sido interrompidas por meses inteiros durante os anos em que o processo obsessivo se verificou. Para a cura, além do esclarecimento proporcionado ao Espírito, muito contribuiu a fé da ex-obsidiada, porque, além do fervor e de sua confiança no Criador, ela procurou reprimir seu caráter naturalmente impulsivo, fato que não permitia ao obsessor adquirir força sobre si mesmo. Depois do tratamento que beneficiou a ambos, ele dá a ela muito bons conselhos. Além disso, de oito em oito dias, Rosa se submete a uma magnetização e, de tempos em tempos, o ex-perseguidor é evocado, para desse modo fortificar-se nas boas resoluções que tomou ao pôr um fim às perseguições. *(Págs. 169 e 170.)*

133. Os guias espirituais que colaboraram para o sucesso do tratamento informaram que a cura chegara ao fim e que o ex-obsessor um dia tudo faria pela pobre família que atormentou por tantos anos. O grupo espírita não poderia, no entanto, abandoná-los. Evocando aquele Espírito, de tempos em tempos, o grupo aumentaria a sua coragem e a sua perseverança no bem. Magnetizando a mulher

periodicamente, dissipar-se-ia o fluido malsão que a envolveu durante tanto tempo, evitando assim que ela ficasse exposta à influência de outros Espíritos igualmente malévolos. *(Pág. 171.)*

134. Comentando as peripécias desse caso, Kardec observa que os espíritas de Barcelona envolvidos no episódio davam, ao realizar tais trabalhos, importante exemplo de abnegação e de prática do bem sem ostentação. Os casos de cura como esse, os de Marmande e outros constituem, diz ele, um encorajamento e são excelentes lições práticas que mostram a que resultados se pode chegar pela fé, pela perseverança e por uma sábia e inteligente direção. *(Págs. 171 e 172.)*

135. É nos centros animados por sentimentos dessa ordem que se obtêm os melhores resultados, porque aí – enfatiza o Codificador – se é verdadeiramente forte contra os maus Espíritos. Concluindo, ele assevera: "É compreender o verdadeiro objetivo da doutrina empregá-la a fazer o bem aos desencarnados, como aos encarnados; é pouco recreativo para certas pessoas, temos que convir, mas é mais meritório para os que a isso se devotam. Assim, temos a satisfação de ver multiplicarem os centros que se dão a esses úteis trabalhos". *(Pág. 172.)*

Revista Espírita de 1865

(2ª Parte)

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Reportando-se à cura de Rosa N..., de Barcelona, a qual padecera de um processo obsessivo por 14 anos, Kardec observa: "Suponhamos que a mulher Rosa tivesse acreditado nas asserções do pregador e que tivesse repelido o Espiritismo. Que teria acontecido? Não se teria curado; teria caído na miséria, por não poder trabalhar; ela e o marido talvez tivessem amaldiçoado a Deus, ao passo que agora o bendizem, e o Espírito mau não se teria convertido ao bem." O Codificador adverte então que, do ponto de vista teológico, três almas foram salvas pelo Espiritismo, mas elas se perderiam se atendida a vontade do pregador. *(Págs. 172 e 173.)*

2. Prosseguindo a sua análise, Kardec indaga: Se o diabo é o verdadeiro ator em todos os casos de obsessão, de onde vem a impotência dos exorcismos? Ora, a volta do obsessor ao bem e a cura do doente provam que não é o demônio que provoca a obsessão, mas um mau Espírito suscetível de se melhorar. Enquanto o exorcismo irrita o obsessor, o doutrinador espírita lhe fala com doçura, procura fazer vibrar nele a corda do sentimento, mostra-lhe a misericórdia de Deus e, fazendo-o entrever de novo a esperança, consegue trazê-lo ao caminho do bem. Esse é o segredo da eficácia do método espírita. *(Pág. 173.)*

3. No caso de Rosa N... um fato particular se verificava: a suspensão das crises durante a gravidez. De onde vinha isto? Eis a explicação de Kardec: "O Espírito obsessor exercia uma vingança. Deus o permitia para servir de provação e de expiação à mãe e, além disso, porque, mais tarde, a cura desta devia melhorar o Espírito. Mas as crises durante a gestação poderiam prejudicar a criança." Foi para evitar que sofresse o inocente que ao perseguidor foi tirada toda a liberdade de ação durante esse período. *(Pág. 174.)*

4. Em um jornal da Rússia, denominado *Doukhownaia Beceda* (Práticas Religiosas), dois jovens de Moscou publicaram um artigo contendo violentas críticas às sessões realizadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de que eles teriam participado em novembro último. Kardec os chama de espiões, pessoas que diziam agir de boa fé e, no entanto, relataram de forma mentirosa o que ali viram. *(Págs. 174 a 181.)*

5. Em sua resposta aos jovens russos, Kardec arrola as inverdades e bobagens constantes do artigo e, com veemência, refuta a informação divulgada pelos rapazes de que era preciso pagar para assistir às reuniões da Sociedade Espírita de Paris. *(Págs. 175 a 181.)*

6. A nova tática dos adversários do Espiritismo – observa a seguir o Codificador – estava evidente: não podendo combater lealmente as ideias espíritas, eles partiam decididamente para a mentira e a calúnia, tentando com isso denegrir a doutrina e os espiritistas. A luta estava, pois, longe de chegar ao fim, o que não se deveria lamentar, porquanto foi pela oposição que lhe fizeram que o Espiritismo cresceu. A exemplo do Cristianismo, que não foi abalado pelas perseguições e mesmo cresceu por seus mártires, o Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e desprendido dos abusos, crescerá do mesmo modo, sob a perseguição, porque – como a doutrina cristã – ele também é uma verdade. *(Págs. 181 e 182.)*

7. O Espiritismo – adverte Kardec – tem ainda que passar por duras provas e é aí que Deus reconhecerá seus verdadeiros seguidores pela coragem, firmeza e perseverança que demonstrarem. O meio de evitar as maquinações dos inimigos é

seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela doutrina: a sua moral, que é sua parte essencial e inatacável. Praticando-a, não se dá entrada a nenhuma crítica fundada e a agressão se torna mais odiosa e, por isso mesmo, sem credibilidade. *(Págs. 183 a 185.)*

8. Uma curiosa carta atribuída ao Espírito de Dante, publicada no jornal *Charivari*, de Florença, recebeu de Kardec um comentário seco. Segundo o Codificador, não se deveria ver na carta "mais que um simples produto da imaginação apropriado à circunstância", a menos que Dante tenha vindo ditá-la sem que o autor o soubesse. De fato; a carta não possui qualquer conteúdo que justificasse sua publicação. *(Págs. 186 e 187.)*

9. O número de julho começa examinando um fato relatado em 4 de junho pelo *Grand Journal,* de Paris, segundo o qual o pianista N. G. Bach, bisneto do grande João Sebastião Bach (1685-1750), sonhou com uma pessoa que, aparecendo-lhe durante o sono, lhe disse: "A espineta que possuis me pertenceu. Muitas vezes me serviu para distrair, meu senhor, o rei Henrique III". *(N.R.: Espineta é um instrumento de cordas percutíveis e teclado, com mecânica e técnica iguais às do cravo.) (Págs. 189 e 190.)*

10. Segundo a aparição, o rei Henrique III, quando moço, havia composto uma ária em homenagem a uma mulher que encontrara numa caçada e pela qual se apaixonara. Era com referida espineta que o seu possuidor executava a ária referida. *(Pág. 190.)*

11. O fato mais extraordinário ocorreu, porém, na manhã seguinte quando, ao despertar, o sr. Bach encontrou sobre a cama uma página de música, coberta com uma escrita muito fina e notas microscópicas: era a peça musical que Bach ouvira durante o sono. *(Págs. 190 e 191.)*

12. Albéric Second, o autor da reportagem, acrescentou ao relato a informação de que, segundo o jornal da *Estoile,* o rei Henrique III tivera, efetivamente, uma grande paixão por Marie de Clèves, marquesa de Isles, morta ainda jovem em 15 de outubro de 1574. Por essa ocasião, um músico italiano, chamado Baltazarini, mudou-se para a França e tornou-se um dos favoritos do rei. Teria a espineta pertencido a ele? *(Pág. 191.)*

13. Kardec comenta os fatos e esclarece que a página musical só veio às mãos do sr. Bach três semanas depois, quando o mesmo Espírito lhe apareceu segunda vez. Baltazarini fora efetivamente o possuidor da espineta e o responsável pelos fatos relatados pelo jornal parisiense, como esclareceu pessoalmente, por intermédio do médium sr. Morin, em reunião realizada a 9 de junho na Sociedade Espírita de Paris. *(Págs. 192 a 194.)*

14. Em sua comunicação, Baltazarini informou que o papel de música ele o tirara de uma peça vizinha ao quarto do sr. Bach, mas a música fora grafada no papel pelo próprio Bach, em Espírito, o qual se serviu de seu corpo como meio de transmissão. A letra da canção fora realmente composta pelo rei Henrique III, que fora amigo íntimo do sr. Bach. *(Págs. 194 a 197.)*

15. Um Espírito pode prever quem vencerá uma corrida de cavalos? Essa questão foi focalizada numa reportagem publicada também no *Grand Journal*, de 4 de junho de 1865. Segundo o jornal, uma médium, tendo evocado o Espírito de um dos mais célebres desportistas da França, obteve pelas batidas o nome do vencedor: o cavalo *Gontran*. Kardec comenta o caso e diz que fatos dessa natureza não são os que melhor servem à causa do Espiritismo. Primeiro, porque são muito raros; segundo, porque falseariam o seu espírito, fazendo crer que a mediunidade é um meio de adivinhação. *(Págs. 197 e 198.)*

16. O Espiritismo não tem esse propósito. Os Espíritos vêm para nos tornar melhores e não para nos revelar ou nos indicar os meios de ganhar dinheiro *na certa* e

sem correr perigo. Todos os que, de desígnio premeditado, julgaram encontrar no Espiritismo um novo elemento de especulação, equivocaram-se: as mistificações ridículas e, por vezes, a ruína, em vez da fortuna, têm sido o fruto de seu engano. *(Pág. 199.)*

17. Para propagar a crença no Espiritismo há meios mais eficazes e mais morais: as consolações que ele proporciona, o bem que faz, a coragem que dá nas aflições. Diremos, assim, aos que querem servir utilmente à causa e fazer uma propaganda verdadeiramente frutífera: Mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores. Fazei que, em vos vendo transformados, cada um possa dizer: "Eis os milagres desta crença; é, pois, uma coisa boa". A verdadeira propaganda de uma doutrina essencialmente moral se faz tocando o coração e não visando a bolsa. *(Pág. 200.)*

18. Reportando-se à previsão relativa à corrida de cavalos, observa Kardec que os fatos de previsão desse gênero são muito raros e podem ser considerados excepcionais. Aliás, as predições para dia certo, ou com um caráter de precisão muito grande, devem ser sempre tomadas com suspeitas. Diferentemente se dá com as previsões que os Espíritos fazem acerca dos grandes acontecimentos futuros, as quais têm sua utilidade, para nos manter alertas e nos induzir a marchar no bom caminho. *(Págs. 200 e 201.)*

19. Falando sobre os sonhos, Kardec diz que é verdadeiramente estranho que um fenômeno tão vulgar tenha sido objeto de tanta indiferença de parte da Ciência e que ainda hoje se esteja a perguntar a sua causa. O sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento – afirma o Codificador – não passam de variantes e graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma, mais ou menos desprendida da matéria. *(Pág. 202.)*

20. É evidente – reconhece Kardec – que o Espiritismo não dá conta precisa de todas as variedades que os sonhos apresentam, mas nos oferece o princípio deles, o que já é muito, porquanto os que podemos explicar nos põem na via dos outros. Segundo as explicações dadas por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, em estado de sonambulismo, os sonhos podem-se dividir em três categorias:

1ª – os sonhos provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, ou seja, aqueles em que o organismo representa um papel preponderante pela mais íntima união entre o corpo e a alma: a pessoa se lembra claramente do que ocorreu e conserva disso uma impressão durável.

2ª – os sonhos chamados *mistos*, isto é, que participam ao mesmo tempo da matéria e do Espírito: o desprendimento é aí mais completo e a pessoa se lembra dos fatos ao despertar, para os esquecer quase que instantaneamente, a menos que uma particularidade venha despertar a lembrança.

3ª – os sonhos *etéreos* ou puramente espirituais, isto é, produzidos apenas pelo Espírito, que está desprendido da matéria tanto quanto o pode estar no estado de encarnação: a pessoa não se recorda, ou tem somente uma vaga lembrança de que sonhou e nenhuma circunstância pode trazer à memória os incidentes do sono. *(Págs. 202 a 204.)*

21. São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis de contentamento e de felicidade de que não nos damos conta e que são um antegozo daquilo de que desfrutam os Espíritos felizes. *(Pág. 204.)*

22. O esquecimento do sonho é um dos caracteres do sonambulismo. Ora, do primeiro grau de lucidez, por vezes o Espírito passa a um grau mais elevado, que é *diferente* do êxtase, e no qual adquire novas ideias e percepções mais sutis. Saindo desse segundo grau, para entrar no primeiro grau, não se lembra do que disse nem do que viu. Em seguida, passando para o estado de vigília, há novo esquecimento. Existe,

pois, grande analogia entre os dois estados sonambúlicos e as diversas categorias de sonhos. Para cada degrau que sobe, o Espírito eleva-se acima de uma camada de *garoa* e suas percepções tornam-se mais claras. A vontade do magnetizador pode por vezes dissipar essa *garoa*, esse *véu fluídico*, e propiciar a lembrança. *(Págs. 204 e 205.)*

23. Por que a educação moral dos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados? Essa questão foi suscitada na Sociedade Espírita de Paris pelo seguinte fato: um jovem cego há 12 anos tinha sido recolhido por um espírita dedicado, que se propôs curá-lo pelo magnetismo, pois os Espíritos haviam dito que isso era possível. Ocorre que o jovem, em vez de se mostrar reconhecido pela bondade do amigo, só teve ingratidão e mau procedimento, dando provas do pior caráter. *(Pág. 205.)*

24. A enfermidade do rapaz não era incurável, explicou São Luís. Uma magnetização espiritual praticada com zelo, devotamento e perseverança certamente teria êxito, ajudada por um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Sua visão teria sensível melhora, se os maus fluidos de que estava cercado não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos. "No estado em que se encontra – ajuntou São Luís –, a ação magnética será impotente enquanto, por sua vontade e sua melhora, não se desembaraçar desses fluidos perniciosos. É, pois, uma cura moral que se deve obter, antes de buscar a cura física." *(Págs. 205 e 206.)*

25. Um retorno sério sobre si mesmo era a única coisa que poderia tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador; do contrário, perder-se-ia o pouco de luz que lhe restava e novas provações o acometeriam. Os maus Espíritos que o assediavam só agiam assim porque eram atraídos pela afinidade com os seus maus pendores. À medida que se melhorasse, eles se afastariam e a ação magnética produziria o efeito desejado. *(Pág. 206.)*

26. A instrução precedente revela um fato importante: o obstáculo oposto, em certos casos, pelo estado moral de um indivíduo à cura dos males físicos. E foi esse fato que motivou a pergunta inicial proposta aos Espíritos na Sociedade Espírita de Paris (veja o item 23). *(Pág. 206.)*

27. Seis respostas foram obtidas, todas concordantes entre si. A **Revista** transcreve duas delas, as que foram assinadas por Erasto e Lamennais, que assim se exprimiram: I – Como o desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, compreende mais rapidamente o que lhe dizem e recomendam. II – A adversidade amadurece o pensamento: é o que se dá com os Espíritos, que vêem de perto as consequências de seu passado, o que não ocorre com os encarnados, envolvidos que estão pelas ilusões e quimeras da existência corpórea. III – Entre os encarnados, uns e outros são arrastados pela vida mesma, ao passo que os desencarnados veem, escutam e se arrependem com melhor vontade. IV – Os desencarnados aos quais a matéria não mais impõe suas leis e não mais fornece meios de satisfazer seus maus apetites e, por isso, não têm mais desejos inconfessáveis, são mais aptos a aceitar os conselhos que lhes são dados. *(Págs. 206 a 208.)*

28. Aludindo à morte de vários companheiros da Sociedade Espírita de Paris, assunto suscitado em reunião realizada em maio, São Luís grafou linda mensagem em que, pedindo que não os lamentassem, informa que novos companheiros viriam em substituição dos que partiam. No final, ele recomenda aos espíritas que estudem de maneira séria e digna a doutrina e, sobretudo, modifiquem o que ainda tragam de imperfeição, porquanto a morada que os aguarda é muito bela, mas é preciso tornar-se digno para habitá-la. *(Págs. 208 e 209.)*

29. Koenigsfeld, uma comuna de apenas 400 habitantes, situada perto de Villingen, na Floresta Negra, jamais registrou em cinquenta anos de existência um caso qualquer de ofensa às leis, constituindo exemplo de comunidade em que a

solidariedade e a caridade imperam. Lamennais diz, em mensagem na Sociedade Espírita de Paris, que a pequena cidade é, em miniatura, o que o mundo poderá ser um dia, quando a caridade for praticada por todos os homens. Kardec concorda e observa que é o egoísmo que causa a maior parte dos males da Terra, porque mata a benevolência, a condescendência, a indulgência e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. *(Págs. 209 e 210.)*

30. Tudo – diz o Codificador – está submetido à lei do progresso. Os mundos também progridem física e moralmente e, de mundo de expiação e provas, a Terra tornar-se-á também um mundo feliz, um lugar de repouso para os bons Espíritos, um mundo não mais de punição, mas de recompensa. *(Págs. 210 e 211.)*

31. Após transcrever carta de um correspondente da **Revista**, o qual relata alguns casos de aparições espontâneas de Espíritos, Kardec diz que fatos dessa natureza são numerosos e só o Espiritismo dá a respeito deles uma explicação racional. É preciso, porém, cuidado para verificar a sua autenticidade, evitando-se atribuir cegamente aos Espíritos tudo o que ocorre ao nosso redor. *(Págs. 211 a 213.)*

32. Segundo o periódico *"A Patrie"* de 18/3/1865, o cardeal Wiseman, que acabara de falecer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. De acordo com o jornal *Spiritualist Magazine*, o cardeal havia permitido que dois sacerdotes continuassem seus estudos e servissem como médiuns, dizendo-lhes: "Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo e não poderia ser um bom membro da Igreja se tivesse a menor dúvida a respeito". Após desencarnar, valendo-se da sra. Delanne como médium, Wiseman confirmou a informação. Sim, ele fora espírita convicto porque o Espiritismo é a realização de todas as profecias, o desenvolvimento da religião, o esclarecimento dos mistérios, o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição. *(Págs. 213 e 214.)*

33. Manifestando-se sobre o assunto, Lamennais adverte: "A religião espiritualista é a alma do Cristianismo: é preciso não esquecer. Em meio do materialismo, do culto protestante e do católico, o cardeal Wiseman ousou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra". "Essas espécies de coragem são raras nos dois cleros, e é um espetáculo incomum, com efeito, o ato de fé espírita do cardeal Wiseman." *(Pág. 216.)*

34. Na seção de livros, a **Revista** anuncia a nova edição do livro *O que é o Espiritismo*, de Kardec, revista e consideravelmente aumentada. Ali se informa também que estava no prelo, para aparecer em agosto, como de fato ocorreu, o livro *O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo*. *(Págs. 216 e 217.)*

35. Que ensina de novo o Espiritismo? Este é o tema de abertura do número de agosto de 1865, que mereceu de Kardec alentadas considerações. *(Págs. 219 e 220.)*

36. Kardec admite, inicialmente, que o Espiritismo nada inventou, porque as verdades são eternas e, por esse motivo, devem ter germinado em todas as épocas. É o caso dos ensinamentos relativos à reencarnação, às penas eternas, à imortalidade, ao perispírito e a tantos outros. *(Págs. 219 e 220.)*

37. Não teria sido, porém, alguma coisa havê-los tirado do esquecimento? ter provado o que antes estava em estado de hipótese? ter demonstrado a existência de uma lei no que parecia fortuito? *(Pág. 220.)*

38. O Espiritismo – observa Kardec – tem ainda muito o que ensinar e jamais pretendeu ter dito a última palavra. Seu *a, b, c* foram as mesas girantes, mas ele não parou aí e deu desde então, e em poucos anos, passos bem grandes. *(Pág. 220.)*

39. Os que reclamam novidades e novas revelações precisam antes esclarecer se já aproveitaram o que a doutrina espírita ensinou, porquanto só com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, é que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior. *(Pág. 221.)*

40. O Espiritismo tende para a regeneração da humanidade. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, resulta daí que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um. Os mistérios que ele nos pode revelar são a parte acessória, porque isso de nada adianta se não formos melhores. É, pois, no seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar, antes de tudo. Só aquele que dominou suas más inclinações aproveitou realmente o Espiritismo e receberá a sua recompensa. Eis por que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à sociedade. *(Pág. 221.)*

41. Os resultados do Espiritismo, contudo, não se limitam apenas aos ensinos morais, mas abrangem aspectos outros que adiante sintetizamos: I – Ele fornece, como todos sabem, a prova patente da existência e da imortalidade da alma. II – Pela firme crença que desenvolve, exerce uma ação poderosa sobre o moral do homem, levando-o ao bem, consolando-o nas aflições e dando-lhe força e coragem nas provações da vida. III – Retifica as ideias falsas a respeito do futuro da alma, o céu, o inferno, as penas e as recompensas, descerrando aos olhos do homem a vida futura. IV – Revela o que se passa no momento da morte e a desvela ao homem. V – Com a pluralidade das existências abre um novo campo à filosofia e explica a causa das misérias humanas e das desigualdades sociais. VI – Dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma e dos fenômenos espíritas. VII – Prova as relações existentes entre o mundo corporal e o mundo espiritual, mostrando neste último uma das forças ativas da natureza. VIII – Revela a causa das obsessões e dá os meios de as curar. IX – Faz-nos conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação, revelando-nos a influência recíproca entre encarnados e desencarnados. X – Dá-nos a conhecer a magnetização espiritual, antes ignorada, abrindo ao magnetismo uma nova via e conferindo-lhe um novo e poderoso elemento de cura. *(Págs. 222 e 223.)*

42. Dizem que os espíritas só sabem o *a, b, c* do Espiritismo. Aprendamos, então, a soletrar esse alfabeto – aconselha Kardec. E isso não é problema para um dia, porque passará muito tempo antes de haver o Espiritismo esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Os espiritistas já lançaram a semente em toda a parte? não restam mais incrédulos a converter, obsidiados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Aí estão nobres ocupações que valem bem a vã satisfação de as saber um pouco mais e um pouco mais cedo que os outros. *(Págs. 224 e 225.)*

43. A **Revista** transcreve do livro intitulado: *Mês de Maria,* do padre Défossés, o relato feito pelo padre Dégenettes, antigo cura da igreja de Notre-Dame des Victoires, de Paris, o qual explica como nasceu a 3 de dezembro de 1836 a obra da arquiconfraria do Coração de Maria. O padre revela ali ter sido claramente intuído por uma voz que, vindo de seu íntimo, lhe dizia: "Não farás nada, teu ministério é nulo. Vê, há quatro anos estás aqui; que ganhaste? Tudo está perdido, este povo não tem mais fé. Por prudência deverias retirar-te!" Noutro momento, a voz acrescentou: "Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria". Como a voz se fez ouvir outra vez, o padre, para se livrar dessas ideias, passou a compor os estatutos da associação, o que logrou fazer com extrema facilidade. Assim nasceu a arquiconfraria. *(Págs. 225 a 228.)*

44. Comentando o fato, Kardec diz que o fenômeno da mediunidade auditiva foi ali de máxima evidência. A reprodução do fenômeno é indício certo de que ele se realizou em virtude de uma lei e que, por isso, não sai da ordem natural. Aliás, fatos análogos ao do padre Dégenettes estão no número dos mais vulgares entre os mediúnicos; as comunicações por via auditiva são muito numerosas. *(Pág. 228.)*

45. O sr. Delanne, que transmitiu a Kardec o fato acima relatado, juntou ao seu

relato uma comunicação do Espírito do padre Dégenettes, obtida pela sra. Delanne, na qual o sacerdote confirma ter possuído na última existência corpórea o dom da mediunidade, que ele então ignorava. Diz Kardec que o padre Dégenettes comunicou-se depois diversas vezes, ditando palavras dignas da elevação de seu Espírito. *(Págs. 228 a 230.)*

46. A respeito desse padre, Kardec refere um caso curioso que Dégenettes relatou certa vez durante um sermão proferido em sua igreja: Uma pobre operária sem trabalho, depois de orar na igreja, encontrou na saída um senhor que lhe disse: "Buscai trabalho; ide à rua tal, procurai a sra. Fulana de tal: ela vo-lo arranjará." A pobre agradeceu e foi ao endereço indicado, onde realmente precisavam de uma empregada. O que intrigou a senhora foi o fato de ela ficar sabendo, visto que nada dissera a qualquer pessoa. A operária começou a trabalhar e logo deparou um retrato no salão. "Olhai, senhora", disse ela, "o senhor que me mandou foi este" e apontou o retrato. "Impossível", respondeu-lhe a dona da casa, "este retrato é de meu filho morto há três anos". A operária replicou: "Não sei como é isto; mas o reconheço perfeitamente". *(Pág. 230.)*

47. A **Revista** reproduz do jornal *"Indépendant de Douai"* de 6 e 8 de julho de 1865 reportagem a respeito de manifestações de efeitos físicos ocorridas em Fives, perto de Lille, segundo a qual uma chuva de projéteis que caíam a certos intervalos quebravam vidraças de casas e atingiam até mesmo pessoas, sem que se pudesse determinar sua causa. Depois de alguns dias, em vez de pedras e pedaços de tijolos, passaram a cair moedas belgas, enquanto os móveis de uma das casas se moviam. *(Págs. 230 a 233.)*

48. Comentando o fato, Kardec lembra a sua analogia com os fenômenos verificados em Poitiers, Marselha, Noyers e uma porção de outras localidades, observando que em presença de fatos tão contundentes e vistos por numerosas testemunhas a negação já não é mais possível. Os Espíritos disseram que manifestações de toda natureza iriam produzir-se em todos os pontos, e é o que fazem. Os incrédulos não pedem fatos? Ei-los! E têm a vantagem de não serem provocados. Se apesar disso não creem, que é que se pode fazer? *(Pág. 233.)*

49. A **Revista** focaliza o caso de duas crianças nascidas numa família de operários de Paris e atingidas, após o nascimento, de idiotia. Alfredo, o mais velho, então com 17 anos, fora normal até os três anos de idade. Após uma ligeira doença, perdeu o dom da palavra e as faculdades mentais. Paulino, de 15 anos, conservou a razão até os seis anos, quando adoeceu e passou pelas mesmas fases do irmão mais velho. *(Págs. 234 e 235.)*

50. Em julho de 1865, reportando-se ao caso, Moki (Espírito) disse que os dois irmãos cumpriam juntos aquela expiação porque juntos estavam quando dos fatos que a motivaram. "Não esqueçais também – disse Moki – que os pais têm sua parte no que aqui se passa." Mas eles deveriam ser felicitados por não haverem falido, porque essa compensação que não encontram neste mundo eles a encontrarão mais tarde. Os cuidados e a afeição que prodigalizam aos dois filhos bem poderiam ser uma reparação feita a eles, reparação que o estado de constrangimento da família tornava ainda mais meritória. *(Pág. 236.)*

51. Após transcrever o epitáfio que Benjamin Franklin redigiu e pediu fosse colocado em seu túmulo, Kardec destaca o fato de que Franklin, um dos principais vultos dos EUA, era reencarnacionista e não só acreditava em seu renascimento na Terra, como cria voltar ao mundo melhorado por seu trabalho. Eis o teor do epitáfio: *"Aqui jaz, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, tipógrafo, como a capa de um velho livro cujas folhas foram arrancadas e cujo título e dourado se apagaram. Mas nem por isso a obra ficará perdida, porque há de reaparecer, como ele*

acreditava, em nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor." (P. 237.)

52. Na seção de livros, a **Revista** alude ao livro "O Manual de Xéfolius", obra atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, a qual se presume publicada em 1788. Embora seja anterior à codificação do Espiritismo, a obra traz inúmeras passagens concordantes com a doutrina espírita, como as referências à lei de causa e efeito, à reencarnação e à importância do amor na felicidade humana. *(Págs. 237 a 241.)*

53. Evocado na Sociedade Espírita de Paris, o autor do *Manual de Xéfolius* diz ter sido, em sua existência terrena, um médium *inconsciente*, como muitos que existem no mundo e não o sabem. A obra, portanto, não lhe podia ser atribuída com exclusividade, porque, ao escrevê-la, ele o fez na condição de instrumento, em parte passivo, do Espírito que então o dirigia. *(Págs. 241 a 243.)*

54. Duas dissertações mediúnicas encerram o número de agosto de 1865. Na primeira, intitulada "*A chave do céu*" e assinada pelo Espírito de Lacordaire, o instrutor trata de forma admirável do tema caridade, para ele "o sinal de nossa grandeza moral", "a chave do céu". Consolar aflições, por boas palavras ou por sábios conselhos, vale infinitamente mais que consolar por socorros materiais; mas a fome, o frio, a doença não se curam apenas com palavras: requerem algo mais daquele que presta o socorro. *(Págs. 244 e 245.)*

55. Lembrando que Deus, ao colocar o homem no mundo, fornece-lhe também as provisões materiais, de que carece, Lacordaire exalta a importância da caridade e o dever que temos de praticá-la. Se algo nos detém, não há dúvida: é o egoísmo, e Deus o descobre facilmente sob os falaciosos pretextos com que procuramos desculpar-nos. Despojados de nossa opulência, reapareceremos então outra vez na Terra, curvados ao peso da indigência e sofrendo do rico o desdém e a indiferença que no passado mostramos pelo pobre. *(Págs. 245 e 246.)*

56. Na parte final da mensagem, Lacordaire assinala os deveres que – independentemente da ajuda prestada aos pobres – temos para com os nossos familiares, a quem devemos ensinar que ninguém pode viver egoisticamente no mundo, mas, sim, sob a égide da solidariedade. "A justiça, diz Lamennais, é a vida; a caridade também é a vida, mais bela e mais doce." A caridade é a vida dos santos, é *a chave do céu*. *(Págs. 246 e 247.)*

57. Dr. Demeure assina a segunda dissertação, intitulada "*A fé*". Dizendo que a fé cega teve, durante muito tempo, sua utilidade e sua razão de ser, ele entende que hoje a fé se alia à razão, e ambas, juntas, impedirão que o homem se perca de novo nos caminhos da vida. "É a vossa época, meus amigos – diz o conhecido médico –; segui o caminho, Deus está no fim." *(Págs. 247 e 248.)*

58. Um confrade de Lyon pediu a Kardec orientação a respeito da prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Dizendo que o assunto fora esboçado no *Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da **Revista**, e resumido no *Evangelho segundo o Espiritismo,* na parte que trata das preces pelos enfermos e dos médiuns curadores, Kardec lembra que o conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo, mas que se liga ao magnetismo e abarca não apenas as doenças propriamente ditas, como também as numerosas variedades de obsessões. *(Págs. 249 a 251.)*

59. Eis de forma sintética os princípios fundamentais que, segundo Kardec, a experiência consagrou relativamente à mediunidade curadora:

> I – Os médiuns que recebem indicações de remédios da parte dos Espíritos não são médiuns curadores; são simples médiuns escreventes ou médiuns consultores. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização

de fato ou pelo pensamento.
II – O médium curador magnetiza com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*. O que provém do fluido dos Espíritos chama-se *magnetismo espiritual*.
III – O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado de impurezas físicas e morais do encarnado; o fluido dos bons Espíritos é necessariamente mais puro e por isso tem propriedades mais ativas, que acarretam uma cura mais pronta. Daí a necessidade absoluta que tem o médium curador de trabalhar a sua depuração moral, segundo o princípio vulgar: "limpai o vaso antes de vos servirdes dele".
IV – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for puro e desprendido da matéria. O fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual.
V – Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se esgota e se fatiga, pois dá de seu próprio elemento vital. O fluido espiritual, mais poderoso, em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos. Não sendo esse fluido do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.
VI – O Espírito pode agir diretamente sem intermediário sobre as pessoas. Caso aja por um intermediário, trata-se da *mediunidade curadora*.
VII – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador tudo tira de si mesmo. Os médiuns curadores, na estrita acepção da palavra, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente ante a ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais raramente encontradas na Terra. Só esses podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas. Essa faculdade é o privilégio *exclusivo* da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse.
VIII – Sendo a mediunidade curadora uma exceção aqui na Terra, resulta daí que, nessas tarefas, existe quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se souber fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.
IX – Nenhuma vontade pode constranger os Espíritos a participar dessa tarefa. Eles se rendem à prece, se fervorosa, sincera, mas nunca por injunção.
X – Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém e não por sua pretensão de o ser.
XI – A vontade, embora ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido uma boa direção e uma energia maior. No homem mole e *distraído*, a corrente é mole, a emissão é fraca. No homem de vontade enérgica, a corrente produz o efeito de uma ducha.
XII – A prece, quando fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, que dirige ao doente uma salutar corrente fluídica.
XIII – Embora a mediunidade curadora pura seja privilégio das almas de

escol, a possibilidade de suavizar certos sofrimentos, e mesmo de os curar, é dada a todos, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos bons Espíritos, orar e querer o bem, basta muitas vezes impor as mãos sobre a dor para a acalmar. É o que pode fazer qualquer pessoa, se tiver fé, fervor, vontade e confiança em Deus. Apenas a ignorância de alguns lhes faz crer na influência desta ou daquela fórmula.

XIV – Não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada fará ao outro.

XV – A mediunidade curadora é uma aptidão, como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo. Ela se desenvolve pelo exercício, mas sobretudo pela prática do bem e da caridade.

XVI – A mediunidade curadora *racional* está intimamente ligada ao Espiritismo, visto que repousa essencialmente no concurso dos Espíritos. Os que não creem nos Espíritos, nem na alma e, ainda menos, na eficácia da prece, não se colocam nas condições requeridas para essa tarefa. *(Págs. 251 a 255.)*

60. A **Revista** relata outro caso de cura em que o agente foi o Espírito do dr. Demeure. O paciente foi a sra. Maurel, médium de Montauban, a qual, após cair, fraturou o antebraço, um pouco abaixo do cotovelo. Os pais dela iam procurar o primeiro médico que aparecesse quando ela, retendo-os, tomou de um lápis e escreveu mediunicamente, com a mão esquerda: "Não procureis um médico; eu me encarrego disto. Demeure." A **Revista** descreve os procedimentos adotados pelo dr. Demeure. *(Págs. 255 a 258.)*

61. Ao comentar o episódio, Kardec fala sobre o objetivo dos trabalhos de cura espiritual. Os médicos desencarnados, diz ele, não vêm fazer concorrência aos médicos vivos, nem têm por fim suplantá-los, mas seu objetivo é provar que não morreram e oferecer seu concurso desinteressado aos que quiserem aceitá-lo. "Os Espíritos – acrescenta o Codificador – vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la." *(Págs. 258 a 260.)*

62. A propósito de um estudo feito pelo dr. H. Bouley sobre a evolução da raiva nos cães, que experimentam, nas intermitências dos acessos, uma espécie de delírio, a **Revista** examina o fenômeno das visões de seres desencarnados que ocorre com as criancinhas e com certos animais, sobretudo o cão e o cavalo. No tocante às crianças – diz o artigo –, a vidência mediúnica parece ser frequente e mesmo geral. *(Págs. 260 a 264.)*

63. Relativamente à vidência nos animais, Moki (Espírito) responde afirmativamente: "Sim: o cão e o cavalo veem ou sentem os Espíritos". "Os fatos de visões nos animais se encontram na antiguidade e na Idade Média, assim como em nossos dias." *(Págs. 265 e 266.)*

64. A **Revista** transcreve carta publicada no *Grand Journal* de 18 de junho de 1865, em que o missivista, de nome Bertelius, tenta explicar, apoiando-se exclusivamente no fenômeno do sonambulismo, o sonho e os fatos ocorridos com o sr. Bach *(veja itens 9 a 14 deste resumo)*. Repelindo a tese da intervenção dos Espíritos, Bertelius entende que a causa dos aludidos fatos se encontra na ação exclusiva da alma encarnada, agindo independentemente dos órgãos materiais, como se dá no sonambulismo. *(Págs. 266 a 271.)*

65. Em breve comentário da tese exposta por Bertelius, Kardec observa que se produzia naquele momento, entre os negadores do Espiritismo, uma espécie de reação, ou melhor, formava-se uma terceira opinião: a tese do sonambulismo, para

explicar os fatos espíritas. O sr. Bertelius, como se vê, era partidário dessas ideias. *(Págs. 266 e 267.)*

66. Que ocorre ao egoísta na vida post-mortem? "A cada um segundo as suas obras", disse Jesus. Citando essa frase, um Espírito protetor disse a um correspondente da **Revista**, em Lyon, que ninguém pode escapar às consequências dos defeitos que possua. "Uma qualidade não resgata um defeito; diminui o número destes e, por conseguinte, a soma das punições." *(Págs. 271 a 273.)*

67. Na mesma mensagem, o instrutor desencarnado assevera que o defeito mais difícil de ser erradicado é o egoísmo, porque o egoísta encontra em si mesmo a sua satisfação, razão pela qual dele não se apercebe. "O egoísmo – acrescenta a mensagem – é sempre uma prova de secura de coração; estiola a sensibilidade para os sofrimentos alheios." É por isso que do egoísta não se deve esperar senão a ingratidão, porquanto, se o reconhecimento verbal nada lhe custa, o reconhecimento em ação o fatigaria e perturbaria o seu repouso. *(Pág. 273.)*

68. Na seção de livros, a **Revista** comunica o lançamento do livro *O Céu e o Inferno, ou a Justiça Divina segundo o Espiritismo,* de Kardec, do qual apresenta um resumo do prefácio. *(N.R.: As edições brasileiras desse livro, publicadas pela FEB, a Lake e o IDE, não contêm o prefácio a que Kardec alude.) (Págs. 274 a 277.)*

69. No prefácio citado, Kardec diz que o *Livro dos Espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é ele a pedra angular do edifício e todos os princípios da doutrina são aí apresentados. Era, porém, necessário dar-lhe os desenvolvimentos, deduzir-lhe as consequências e as aplicações. *(Págs. 274 e 275.)*

70. Referindo-se à segunda parte de *O Céu e o Inferno*, Kardec informa que ela encerra numerosos exemplos que serviram de estabelecimento da teoria ali exposta, exemplos que tiram sua autoridade na diversidade dos tempos e lugares onde foram obtidos, porque se emanassem de uma única fonte poderiam ser considerados produto de uma mesma influência. *(Pág. 276.)*

71. A **Revista** noticia, em seguida, a obra intitulada *Palestras Familiares sobre o Espiritismo,* obra de Émilie Collignon, de Bordeaux, que traz uma exposição completa, posto que sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos e sob uma forma atraente. Kardec recomenda sua leitura. *(N.R.: A sra. Collignon foi a médium que serviu mais tarde de instrumento para a elaboração da contestada obra* **Os Quatro Evangelhos***, de J. B. Roustaing, publicada em 1866.) (Págs. 277 e 278.)*

72. O número de outubro de 1865 se inicia com novo artigo de Kardec sobre o vidente da floresta de Zimmerwald, um camponês do cantão de Berne, que possuía a faculdade de ver num copo as coisas distantes. Um ano antes a **Revista** havia tratado do assunto, quando Kardec expôs a teoria dos objetos vulgarmente designados *espelhos mágicos*, a que ele preferiu chamar *espelhos psíquicos*. *(Pág. 279.)*

73. O Codificador retificou, no entanto, seu pensamento de que tais objetos – copos, garrafas, vidros, placas metálicas etc. – eram absolutamente desnecessários à produção do fenômeno, isto é, que todo indivíduo, vendo com o concurso deles, poderia ver perfeitamente bem sem eles. O ensinamento recebido então de parte dos Espíritos mostra que essa ideia é errônea. Eis a explicação: Estando o olhar do vidente concentrado no fundo do copo, o reflexo brilhante deste age sobre os olhos, depois sobre o sistema nervoso, e provoca uma espécie de meio sonambulismo, um sonambulismo desperto, no qual a alma, desprendida da matéria, adquire a clarividência e a segunda vista. Além disso, existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou disposição de seus olhos. *(Págs. 279 a 284.)*

74. Para o vidente de Zimmerwald, o copo era, assim, um meio de desenvolver e fixar sua lucidez, e absolutamente necessário, porque nele, não sendo o estado de

lucidez permanente, necessitava ser provocado. Um outro copo não poderia substituí-lo, porquanto um objeto que produz numa pessoa esse efeito pode nada produzir em outra. *(Pág. 284.)*

75. Complementando o estudo dos chamados *espelhos psíquicos*, Kardec conclui, então:

> I – Que o emprego de agentes artificiais é inútil ou desnecessário aos indivíduos cuja visão psíquica seja espontânea ou permanente.
>
> II – Que esses agentes são necessários quando a faculdade necessita ser superexcitada.
>
> III – Que, devendo esses agentes ser apropriados ao organismo da pessoa, o que provoca ação sobre uma nada provoca sobre outras. É por isso que a carta posta debaixo do copo, em vez de facilitar o fenômeno, o perturbava, visto que modificava a natureza do reflexo que lhe é próprio.
>
> IV – Que os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos* não passam de agentes hipnóticos, indefinidamente variados em suas formas e efeitos, conforme a natureza e o grau das aptidões dos indivíduos. *(Págs. 284 a 286.)*

76. A **Revista** transcreve carta de um correspondente em que este narra o diálogo mantido com o Espírito de um sacerdote católico – o padre D... – recentemente desencarnado, o qual fora, em vida, um adversário declarado do Espiritismo. *(Pág. 287.)*

77. Evocado no grupo espírita, o padre D... se disse convencido da realidade das manifestações espíritas. "Sim – reconheceu ele –, os Espíritos se comunicam, e não são apenas os *demônios*, como nós ensinamos." O padre mantinha, no entanto, curiosamente, sua opinião de que a expansão do Espiritismo não seria um bem, mas um mal para a sociedade. As divisões operadas no seio dos espíritas constituíam, a seu ver, um perigo e indicavam que o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não teria vida longa. *(Págs. 287 a 291.)*

78. Kardec analisa em profundidade os argumentos do sacerdote desencarnado e tece a respeito diversas considerações, adiante resumidas:

> I – Dizer que o Espiritismo é bom por sua essência e mau por seus resultados, como afirmou o padre D..., é ir contra a lógica, é esquecer a máxima do Cristo, tornada proverbial: "Uma árvore boa não pode dar maus frutos".
>
> II – Não foi o Espiritismo quem inventou a manifestação dos Espíritos, nem é a causa de sua comunicação. Ele apenas constata um fato, que se produziu em todos os tempos, porque está na natureza.
>
> III – Para que o Espiritismo deixasse de existir, fora preciso que os Espíritos cessassem de se manifestar.
>
> IV – A influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos a que o homem está sujeito neste mundo, como as doenças e os acidentes de toda sorte. Mas, como ao lado do mal Deus sempre põe o remédio, o Espiritismo vem indicar o remédio para esse flagelo, ensinando que para neutralizar a influência dos maus Espíritos é preciso tornar-se melhor, dominar as más inclinações, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade.
>
> V – Aprovar a oposição da Igreja ao Espiritismo porque a aceitação deste seria a ruína do clero é atitude inconcebível. O clero seria movido assim por sentimentos tão mesquinhos? Ignorariam os sacerdotes as palavras do Cristo: "Meu reino não é deste mundo"? Prefeririam manter as aparências na Terra, para assegurar seus interesses terrenos, a aceitar a realidade

espírita e suas consequências?

VI – Se as divisões operadas entre os espíritas tivessem como consequência a ruína do Espiritismo, por que isso não se deu com o Cristianismo? Ignora o padre a multiplicidade de seitas que têm dividido e muitas vezes ensanguentado a doutrina cristã e cujo número não se eleva a menos de trezentos e sessenta?

VII – O Espiritismo não é uma teoria especulativa, baseada em ideias preconcebidas. É uma questão de fato e, por consequência, de convicção pessoal. E ele é forte precisamente porque se apoia sobre um conjunto formidável de vozes cuja concordância universal vale bem a de um concílio ecumênico.

VIII – O padre D... predisse o seu fim próximo, mas inúmeros vultos encarnados e desencarnados também fizeram o seu horóscopo, num outro sentido, e suas previsões se sucedem ininterruptamente e se repetem em todos os pontos do globo. *(Págs. 291 a 299.)*

79. Fechando sua resposta ao padre D..., Kardec reporta-se a uma das muitas mensagens pertinentes ao futuro do Espiritismo, de que destacamos as frases seguintes: A) O Espiritismo continuará sua marcha através dos embustes e dos escolhos, inabalável como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apoia nas leis da natureza. B) Pela luz que lança sobre os pontos obscuros e controvertidos das Escrituras, ele conduzirá os homens à unidade de crença e fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus sobre a Terra, predito por Jesus. C) Muitos ainda o repelem porque não o conhecem ou não o compreendem. Mas quando reconhecerem que ele realiza as mais caras esperanças do futuro da humanidade, aclamá-lo-ão e, da mesma maneira que o Cristianismo encontrou um suporte em Paulo de Tarso, ele também encontrará defensores entre os adversários da véspera. *(Págs. 299 e 300.)*

80. A passagem pela Europa dos irmãos Davenport, dois jovens de 24 e 25 anos, nascidos em Buffalo, Estado de Nova York (EUA), é noticiada pela **Revista**. A faculdade dos médiuns americanos era limitada a efeitos físicos, dos quais o mais notável consistia em se fazerem amarrar com cordas de maneira inextricável e se desatarem instantaneamente, por uma força invisível, a despeito de todas as precauções tomadas para verificar como o fato se dá. O transporte de objetos, o toque espontâneo de instrumentos musicais e a aparição de mãos luminosas constituíam também parte do seu repertório. Apesar disso, a apresentação deles a 12 de setembro de 1865, na sala Hertz, em Paris, foi deplorável e quase terminou em tragédia. *(Págs. 300 a 303.)*

81. A polêmica suscitada a respeito do fato levou o Codificador a fazer, valendo-se da **Revista**, diversas considerações sobre a mediunidade em geral, adiante resumidas:

I – A necessidade da obscuridade nas sessões de efeitos físicos presta-se, indubitavelmente, à suspeita e facilita as fraudes. É preciso, no entanto, compreender que em química há também combinações que não se podem operar à luz. Ora, sendo os fenômenos espíritas o resultado de combinações fluídicas, e sendo os fluidos matéria, não é de admirar que, em certos casos, o fluido luminoso seja contrário a essas combinações.

II – A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, mas para que o médium produza efeitos mediúnicos são precisos os Espíritos, que vêm quando querem e quando podem.

III – O médium sério é modesto, não se envaidece do que não é produto do seu talento, nem promete o que de si não depende.

IV – As condições inerentes à mediunidade não podem, pois, prestar-se à regularidade e à pontualidade, que são fatores indispensáveis às sessões pagas, onde é preciso, a qualquer preço, satisfazer o público.

V – De todos os fenômenos espíritas, os que melhor se prestam à imitação são os efeitos físicos.

VI - Um exame escrupuloso permite distinguir a trapaça da mediunidade real; mas a melhor de todas as garantias é o respeito e a consideração de que desfrute o médium, sua moralidade, sua notória honorabilidade e seu desinteresse absoluto, material e moral. *(Págs. 303 a 305.)*

82. Concluindo seu comentário sobre o caso Davenport, Kardec faz no final duas advertências que continuam oportunas e atuais:

A) De duas uma: ou os Davenport são hábeis prestidigitadores ou verdadeiros médiuns. Se charlatães, devemos ser gratos a todos os que ajudarem a desmascará-los.

B) Se são médiuns verdadeiros, as condições em que se apresentam não podem servir utilmente à causa. Num caso, como no outro, o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar partido em seu favor. *(Págs. 305 a 309.)*

83. Nas exéquias do sr. Nant, um dos companheiros da Sociedade Espírita de Paris, Kardec pronunciou breves palavras, transcritas, a pedido da família, pela **Revista.** No momento em que fechou os olhos, seu neto de dez anos, tomado de violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos e, no seu êxtase, viu a alma de seu avô, acompanhada por uma porção de Espíritos, elevar-se no espaço, embora presa ainda ao corpo pelo cordão fluídico. A morte – disse Kardec – é apenas a entrada da alma na verdadeira vida, e não passa de uma separação corporal de alguns instantes, pois o vazio que deixa no lar da família é apenas aparente. *(Págs. 310 a 312.)*

84. Um fato curioso ocorrido com o filho de oito anos do sr. Delanne – o menino Gabriel, que anos depois se tornaria um dos mais importantes autores espíritas – é relatado pela **Revista**. Trata-se de uma experiência de tiptologia que o menino Gabriel, auxiliado por três crianças de sete, cinco e quatro anos, realizou a pedido de uma senhora. Gabriel, após a evocação, pediu a ela que perguntasse quem respondia. A mulher interrogou e a mesa soletrou duas palavras: *Teu pai*. Na sequência, a pedido dela, o Espírito deu três provas de que era seu pai quem ali se manifestava. *(Págs. 312 a 314.)*

85. Kardec diz que não era a primeira vez que a mediunidade se revelava em crianças e o que ocorreu fora já anunciado numa célebre profecia: *Vossos filhos e vossas filhas profetizarão*. (Atos, 2:17.) *(Pág. 314.)*

86. O número de novembro de 1865 inicia-se com a transcrição de uma mensagem aprovada por unanimidade pela Sociedade Espírita de Paris e dirigida aos espíritas da França e do estrangeiro. Trata-se de uma moção de reconhecimento e apoio enviada pela Sociedade numa hora em que se redobravam na Europa os ataques contra os espiritistas. *(Págs. 315 e 316.)*

87. A alocução feita por Kardec na reabertura das sessões da Sociedade de Paris, ocorrida em outubro próximo passado, foi também transcrita na **Revista**. O Codificador fez ali, como não podia ser diferente, alusão ao grande barulho que ocorrera durante o recesso anual da Sociedade, embora não entrasse em detalhes, que ele considerava no momento inteiramente supérfluos. E pediu a todos os confrades que se unissem numa santa comunhão de pensamentos, para enfrentarem a tempestade, pondo de lado as suscetibilidades e as questões menores, em favor de algo mais importante, que é a causa espírita. *(Págs. 316 a 319.)*

88. Ficou evidente que a presença dos irmãos Davenport na Europa foi bastante prejudicial ao movimento espírita europeu. "Como se sabe – advertiu Kardec –, o que falta aos que confundem o Espiritismo com a charlatanice é saber o que é o Espiritismo. Sem dúvida poderão sabê-lo pelos livros, quando se derem à pena. Mas, que é a teoria ao lado da prática?" "Não basta dizer que a doutrina é bela; é necessário que os que a professam mostrem a sua aplicação." *(Págs. 315 e 316.)*

89. Num artigo logo a seguir, Kardec diz que começava a acalmar-se a situação causada pelos irmãos Davenport, após a bordoada lançada pela imprensa contra eles e o Espiritismo. Este, contudo, saíra incólume aos golpes recebidos, porque muitas vozes respeitáveis se levantaram para mostrar que o Espiritismo não pode ser confundido com seus adeptos. Exemplo dessas manifestações publicadas pela imprensa é a carta do sr. Breux, de Perpignan, divulgada a 8 de outubro pelo *Journal des Pyrénées-Orientales. (Págs. 320 e 321.)*

90. O Codificador, após transcrever a carta referida, acrescentou: "Todas as refutações que temos sob os olhos, e que foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que fizeram entre o Espiritismo e as sessões dos srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em torná-los solidários, é porque o quer". *(Pág. 322.)*

91. Em um poema intitulado "*Um fenômeno*", de sua autoria, o sr. Dombre, de Marmande, alude indiretamente ao tema tratado por Kardec, quando lembra, em sua estrofe final: "A verdade sempre tem sua contrafação:/ Cabe-nos distinguir, pela comparação, / A verdade do embuste." E conclui: "Para julgar direito os efeitos e as causas, / Ao céptico faltam duas coisas:/ Um pouco de modéstia – e boa-fé." *(Págs. 315 e 316.)*

92. Sob o título "O Espiritismo no Brasil", Kardec informa que no jornal *Diário da Bahia* fora publicada no dia 28 de setembro de 1865, a pedido de Luis Olympio Telles de Menezes, José Alvares do Amaral e Joaquim Carneiro de Campos, uma refutação a um artigo do dr. Déchambre, contrário ao Espiritismo, publicado no dia anterior pelo mesmo jornal. Elogiando a iniciativa dos confrades da Bahia, Kardec afirma que as citações textuais das obras espíritas, como eles haviam feito, são a melhor refutação das deformações que certos críticos tentam impor à doutrina, visto que esta se justifica por si mesma. *(Págs. 323 a 325.)*

93. Aludindo a uma carta do sr. Repos Filho, de Constantinopla, onde o cólera acabara de fazer pelo menos 70 mil vítimas, Kardec observa que seria absurdo crer que a fé espírita pudesse ser um brevê de garantia contra a referida doença. Já estava, porém, comprovado cientificamente que o medo, enfraquecendo o moral e o físico das pessoas, torna o homem mais impressionável e mais suscetível de ser atingido pelas moléstias contagiosas. Ora, toda causa tendente a fortificar o moral é um preservativo e só assim, nesse sentido, é que se pode dizer que a fé espírita pode ajudar na prevenção de certas enfermidades, o que não significa que os espíritas sejam imunes a elas. *(Págs. 325 a 328.)*

94. A razão é simples: a fé espírita dá serenidade à alma e essa serenidade secunda a eficácia dos remédios, ao passo que a perspectiva do nada mergulha o moribundo na ansiedade do desespero que em nada contribui para a sua melhora. Além dessa influência moral, o Espiritismo produz outra mais material: a moderação nos hábitos e o abandono dos excessos e dos vícios, o que concorre para uma vida mais saudável. *(Págs. 328 e 329.)*

95. A propósito do cólera numerosas comunicações foram dadas na Sociedade Espírita de Paris, das quais a **Revista** transcreveu uma delas, assinada pelo doutor Demeure. *(Págs. 329 a 331.)*

96. Da mensagem do dr. Demeure destacamos as informações seguintes: I – O cólera não é uma afecção imediatamente contagiosa; por isso, os que vivem onde

ela grasse não devem temer prestar socorros aos enfermos. II – Não existia então um remédio universal contra essa moléstia, visto como o mal varia de conformidade com o temperamento dos indivíduos, seu estado moral, seus hábitos e o clima. III – O melhor preservativo consistia, pois, nas precauções de higiene sabiamente recomendadas pelos especialistas encarnados. IV – O medo, em casos semelhantes, é, muitas vezes, pior que o mal em si mesmo. A confiança em si e em Deus é, portanto, em tais circunstâncias, o primeiro elemento da saúde. *(Págs. 329 a 331.)*

97. Com o título "Um novo Nabucodonosor", a **Revista** relata em todas as suas minúcias o caso do jovem Alexandre R..., que vivia na cidade de Kazan, na Rússia, onde cursava a Universidade, até que foi envolvido por uma obsessão terrível causada por seu irmão Voldemar, morto aos 16 anos. A partir daí, por mais de 20 anos, Alexandre viveu só, sem roupas, numa espécie de cabana que não possuía portas nem janelas, exposto assim ao vento e ao frio que, naquela região, chegava a 30 graus abaixo de zero. Evocado na Sociedade Espírita de Paris, o obsessor confirmou que era ele que dominava o irmão e assim o punia pelo não cumprimento de uma promessa. Um Espírito protetor, comunicando-se em seguida, confirmou a história e disse que o fato tinha origem no passado dos dois rapazes. *(Págs. 331 a 337.)*

98. A alusão ao rei Nabucodonosor, feita por um sonâmbulo inglês, tinha fundamento, porque Nabucodonosor – explicou o protetor espiritual – não passara de um obsidiado que agia, quando em crise, como uma fera. Alexandre R... também se comportava e dava urros como se fera fosse. *(Pág. 337.)*

99. O Espírito de São Bento, reportando-se ao assunto, confirmou o que acima foi dito, isto é, que a punição de Nabucodonosor não é uma fábula. Sob o domínio de um perseguidor invisível, ele ficava privado por algum tempo do livre exercício de suas faculdades intelectuais e agia como um animal, o que transformou o poderoso déspota em objeto de piedade para todos, porquanto a Providência o tinha ferido no seu orgulho. *(Págs. 337 e 338.)*

100. Um assinante de Paris, referindo-se à mediunidade do vidente de Zimmerwald, lembra em carta dirigida à **Revista** a semelhança entre as faculdades do vidente e as de José, o chanceler do Egito. "O gênero de mediunidade que assinalais – conclui o leitor – existia, pois, entre os egípcios e os judeus." Kardec concorda com a observação e reitera sua afirmação de que o Espiritismo não descobriu, nem inventou os médiuns, mas tão somente as leis da mediunidade. Eis por que é ele a verdadeira chave para a compreensão do Antigo e do Novo Testamento, onde abundam fatos desse gênero. *(Págs. 339 a 341.)*

101. O Espírito de Sonnez, falando sobre a vida dos Espíritos, diz que o repouso eterno que os homens esperam encontrar após a morte é uma quimera. O repouso eterno não existe; aliás, nada no mundo goza de repouso, nem as montanhas, que parecem estar numa imobilidade eterna. Como a perfeição é o objetivo da criação, para atingi-la, todos – átomos, moléculas, minerais, animais, planetas e Espíritos – se empenham num movimento incessante. A vida espiritual é, assim, uma atividade incessante. *(Págs. 342 e 343.)*

102. Na seção de livros, a **Revista** informa que estava no prelo, para sair em poucos dias, a 3ª edição de *O Evangelho segundo o Espiritismo,* revista, corrigida e modificada. *(Pág. 343.)*

103. O número de dezembro de 1865 começa com um apelo de Cárita, a eloquente e graciosa pedinte, em favor dos pobres de Lyon. Depois de transcrever a mensagem assinada por esse Espírito, Kardec acrescentou: "É com felicidade que nós fazemos intérpretes da boa Cárita e esperamos que ela não tenha dito em vão: abri-me! Se ela bate à porta com tanta insistência, é que o inverno aí bate por seu lado". *(Págs. 345 a 347.)*

104. Em seguida, a **Revista** noticia a abertura de uma subscrição pública no escritório da Revista Espírita em benefício dos pobres de Lyon e das vítimas do cólera. O montante das somas recebidas e sua distribuição seriam submetidos ao controle da Sociedade Espírita de Paris. *(Pág. 347.)*

105. Em um artigo sobre romances espíritas, Kardec destaca dois deles: *Espírita* (traduzido no Brasil como *O Ignorado Amor*), escrito por Théophile Gautier, e *A Dupla Vista,* de Élie Berthet, no qual critica apenas o fato de haver apresentado a faculdade da dupla vista como uma doença. "Podem fazer-se romances sobre o Espiritismo, como sobre todas as coisas", assevera Kardec. Quando o Espiritismo for conhecido e compreendido em sua essência, fornecerá às letras e às artes fontes inesgotáveis de deslumbrante poesia. *(Págs. 347 a 353.)*

106. A **Revista** transcreve duas cartas dirigidas por um de seus assinantes, o sr. Blanc de Lalésie, aos jornais *Le Temps* e *Univers Illustré*. Em ambas o missivista protesta contra as críticas injustas que vinham sendo neles publicadas reiteradamente contra o Espiritismo. A propósito dessas cartas, Kardec tece algumas considerações inéditas que importa enfatizar: I – O Espiritismo é uma crença. II - Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas e na possibilidade de relações entre os homens e o mundo espiritual, é espírita, e muitos o são intuitivamente, sem jamais terem ouvido falar de Espiritismo ou de médiuns. III – É-se espírita por convicção. Por isso, não é necessário fazer parte de uma sociedade para sê-lo, e a prova é que nem a milésima parte dos adeptos frequenta reuniões. *(Págs. 353 a 356.)*

107. O relato de como a mediunidade da psicografia eclodiu numa jovem camponesa, quase iletrada, da pequena aldeia de E..., departamento de Aube, levou Kardec a revelar uma informação até então inédita. "Não conhecemos – disse o Codificador – um único gênero de mediunidade que não se tenha revelado espontaneamente, mesmo o da escrita." *(Págs. 357 a 359.)*

108. Sob o título "Um camponês filósofo", a **Revista** publica o relato que o sr. Delanne fez a respeito de duas brochuras escritas e publicadas por um vinhateiro do interior da França, as quais têm por objeto: Deus, os anjos, as almas dos homens, a alma animal, as forças físicas, os elementos, a organização e o movimento. O autor era um humilde artesão que vivia da venda de legumes e outros produtos agrícolas. Examinando trechos das duas obras, reproduzidos pela **Revista**, Delanne chama a atenção para as ideias de alto alcance filosófico nelas contidas, o que demonstra que seu autor era alguém possuidor de bagagem cultural formada em existências anteriores, visto que nesta ele mal cursara a escola de sua aldeia. *(Págs. 359 a 365.)*

109. Tendo esses fatos sido discutidos na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito que se intitulou Luís de França confirmou o pensamento de Delanne e, reportando-se a uma conhecida frase de Jesus, revelou que, como ao tempo do Cristo, que quis honrar e erguer o trabalhador escolhendo nascer entre os artífices, os anjos do Senhor recrutavam agora seus auxiliares entre os corações simples e honestos e os homens de boa vontade que exercem as mais humildes profissões. *(Págs. 365 e 366.)*

110. Quando os mais incrédulos e obstinados desencarnam, são evidentemente forçados a reconhecer que ainda vivem, que a vida continua e que, como Espíritos que são, podem comunicar-se com os homens. Sua apreciação do mundo espiritual varia, porém, em razão de seu desenvolvimento moral, de seu saber, da elevação de sua alma. Após essas considerações, Kardec transcreve na **Revista** quatro comunicações de pessoas bastante esclarecidas, embora incrédulas quando encarnadas, e que, situadas agora no mundo espiritual, reconhecem o erro em que incidiram na existência recém-finda. *(Págs. 366 a 372.)*

111. Duas comunicações do Espírito de Baluze sobre o estado social da mulher e a influência que o Espiritismo exerce e exercerá sobre a família encerram a **Revista** de

1865. “As mães – diz Baluze – serão realmente mães; penetradas do espírito espírita, serão a salvaguarda das filhas amadas. Ensinando-lhes o papel magnífico que estão chamadas a desempenhar, dar-lhe-ão a consciência de seu valor.” *(Págs. 373 a 377.)*

Revista Espírita de 1866

(1ª Parte)

1. As mulheres têm alma? Esse é o tema do artigo que abre o número de janeiro de 1866, no qual Kardec diz que, além de ter sido posta em deliberação num concílio, tal questão nem sempre foi resolvida pacificamente, constituindo sua negação um princípio de fé em certos povos. No artigo, ele informa também que pouco tempo atrás ainda se discutia na França se o grau de bacharel podia ser conferido a uma mulher. *(Págs. 1 e 2.)*

2. O Espiritismo ensina que as almas podem animar corpos de homens e mulheres. As almas ou Espíritos não têm sexo; as afeições que os unem nada têm de carnal; fundam-se numa simpatia real e, por isso, são mais duráveis. *(Págs. 2 e 3.)*

3. Os sexos só existem no organismo; são necessários à reprodução dos seres materiais; mas os Espíritos não se reproduzem uns pelos outros, razão por que os sexos seriam inúteis no mundo espiritual. *(Págs. 2 e 3.)*

4. A natureza fez o indivíduo do sexo feminino mais fraco que o outro, porque os deveres que lhe incumbem não exigem uma igual força muscular e seriam até incompatíveis com a rudeza masculina. Aos homens e às mulheres são, assim, assinados pela Providência deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas, pois eles se completam um pelo outro. *(Págs. 3 e 4.)*

5. A influência que o Espírito encarnado sofre do organismo não se apaga imediatamente após a destruição do invólucro material, assim como não perdemos instantaneamente os gostos e hábitos terrenos. Pode acontecer ainda que o Espírito percorra uma série de existências no mesmo sexo, o que faz que durante muito tempo possa conservar, na erraticidade, o caráter de homem ou de mulher, cuja marca nele ficou impressa. *(Pág. 4.)*

6. Se essa influência se repercute da vida corporal à vida espiritual, o fato se dá também quando o Espírito passa da vida espiritual para a corporal. Numa nova encarnação trará o caráter e as inclinações que tinha como Espírito. Mudando de sexo, poderá então conservar os gostos, as inclinações e o caráter inerente ao sexo que acaba de deixar. Assim se explicam certas anomalias aparentes, notadas no caráter de certos homens e de certas mulheres. *(Pág. 4.)*

7. Referindo-se à prece, diz Kardec que o Espiritismo proclama a sua utilidade, não por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu comprovar a sua eficácia e o seu modo de ação. Além da ação puramente moral, a prece produz um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica, e sua eficácia em certas moléstias é constatada pela experiência, como demonstrada pela teoria. *(Págs. 5 e 6.)*

8. Rejeitar a prece é, portanto, privar o homem de seu mais poderoso suporte moral na adversidade, visto que pela prece ele eleva sua alma, entra em comunhão com Deus, identifica-se com o mundo espiritual e desmaterializa-se, condição essencial de sua felicidade futura. *(Pág. 6.)*

9. Concluindo o artigo sobre a prece, o Codificador lembra que o que faz a principal autoridade da doutrina é que não há um só de seus princípios que seja produto de uma ideia preconcebida ou de uma opinião pessoal: todos, sem exceção, são o resultado da observação dos fatos. *(Págs. 8 e 9.)*

10. A **Revista** noticia o falecimento em 2 de dezembro de 1865 do sr. Didier, membro-fundador da Sociedade Espírita de Paris e editor das obras de Kardec. No momento do falecimento, a editora do sr. Didier imprimia a 14ª edição d'O Livro dos Espíritos. *(Págs. 9 e 10.)*

11. No dia 8 de dezembro, na Sociedade de Paris, Kardec pronunciou uma alocução em que teceu palavras de reconhecimento pelo trabalho realizado pelo amigo recém-desencarnado, cujo desprendimento foi devidamente destacado pelo Codificador. *(Págs. 11 e 12.)*

12. Em seu discurso, Kardec explicou por que não usara a palavra no enterro do amigo, ocasião em que se reuniram muitas pessoas pouco simpáticas e mesmo hostis à causa espírita. Considerando o momento inadequado, ele se absteve e, ao esclarecer o fato, aproveitou para fazer importante advertência, quando afirmou que o Espiritismo ganhará sempre mais com a estrita observação das conveniências. *(Pág. 12.)*

13. Não devemos esquecer – disse Kardec – que o Espiritismo visa ao coração e seus meios de sedução são a doçura, a consolação e a esperança. Sua moderação e seu espírito conciliador nos põem em relevo. "Não percamos sua preciosa vantagem", aditou o Codificador. "Procuremos os corações aflitos, as almas atormentadas pela dúvida: seu número é grande; lá estarão os nossos mais úteis auxiliares; com eles faremos mais prosélitos do que com reclames e exibição." *(Pág. 12.)*

14. A **Revista** transcreve carta do sr. T. Jaubert, vice-presidente do Tribunal de Carcassone, em que o missivista destaca as inúmeras realizações que o ano de 1865 havia trazido ao Espiritismo. Quatro livros foram então mencionados pelo sr. Jaubert: *Pluralidade dos mundos habitados*, de Camille Flammarion; *Pluralidade das existências da alma*, de André Pezzani; *O Céu e o Inferno*, de Kardec, e a novela *Espírita*, de Théophile Gautier. *(Págs. 14 a 16.)*

15. Jaubert refere-se também em sua carta ao caso Davenport, que ele considerava menos causa do que pretexto para a cruzada instaurada naquele ano contra a doutrina espírita e os espiritistas. E apoia, por fim, a definição posta por Kardec no último número da **Revista**: "Quem quer que creia na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade de relação entre os homens e o mundo espiritual, é espírita". *(Pág. 16.)*

16. Com dezesseis anos e meio, Luísa B... morava com seus pais no lugar chamado le Bondru (Seine-et-Marne). Em consequência de violento pesar causado pela morte de uma irmã, Luísa caíra num sono letárgico, que durara 56 horas, após o que despertou para uma existência estranha. Durante o dia inteiro, ela ficava imóvel numa cadeira. Chegada a noite, entrava num estado cataléptico, caracterizado pela rigidez dos membros e pela fixidez do olhar. A jovem adquiria então o dom da segunda vista e o da segunda audição, ouvindo palavras proferidas perto ou longe dela. *(Pág. 17.)*

17. Nas mãos da cataléptica cada objeto apresentava para ela uma imagem dupla. Ela podia ver, assim, não apenas o exterior, mas a representação de seu interior. Transportada a um cemitério, Luísa via e descrevia as pessoas cujos despojos tinham sido ali sepultados. *(Págs. 17 a 20.)*

18. Comentando o fato, Kardec diz que nada nele existe de excepcional. Trata-se de um fenômeno bastante comum e explicável pelos atributos da alma, em que se encontra a sede de todas as percepções e de todas as sensações. Durante a sua união com o corpo, a alma percebe por meio dos sentidos e transmite o pensamento com a ajuda do cérebro. Separada do corpo, ela percebe diretamente e pensa livremente. *(Págs. 20 e 21.)*

19. Esse estado, que chamamos *emancipação* da alma, ocorre normal e periodicamente durante o sono, quando o corpo repousa, para recuperar as perdas materiais. Mas pode ocorrer também todas as vezes que uma causa patológica ou simplesmente fisiológica produz a inatividade total ou parcial dos órgãos da sensação ou da locomoção, como se dá na catalepsia, na letargia e no sonambulismo. *(Pág.*

22.)

20. O desprendimento da alma é tanto maior quanto mais absoluta a inércia do corpo. Nesse estado, a alma não mais percebe pelos sentidos materiais, mas, se assim podemos dizer, pelo *sentido psíquico*; eis por que suas percepções ultrapassam nesses casos os limites ordinários. Essa é a causa da segunda vista, da visão a distância, da lucidez sonambúlica etc. A forma corpórea que Luísa via nas pessoas mortas é o que na doutrina espírita se chama perispírito, envoltório fluídico que reveste a alma de todos os seres humanos. *(Págs. 22 e 23.)*

21. Concluindo suas explicações, Kardec adverte que casos como o da jovem Luísa B... exigem muito tato e prudência, pois, nesse estado de excessiva suscetibilidade, a menor comoção pode ser funesta. É que a alma, feliz por estar desprendida do corpo, a este se liga por um fio, que um nada pode romper irremediavelmente. "Em casos semelhantes – assevera Kardec –, experiências feitas sem cuidado podem *matar*." *(Pág. 23.)*

22. De Alfred de Musset (Espírito) a **Revista** transcreve dois poemas, que a crítica considerou dignos de um poeta de primeira ordem, como o indigitado autor espiritual. "É a maneira de Musset, sua linguagem encantadora, sua desenvoltura de cavalheiro, seu encanto e sua graciosa atitude", escreveu um dos redatores do jornal *Monde Illustré*, sr. Júnior, que não era espírita. *(Págs. 24 a 28.)*

23. A **Revista** comenta o surgimento em Paris do *Novo Dicionário Universal*, uma nova enciclopédia ilustrada por Maurice Lachâtre, que contava com o concurso de cientistas, artistas e escritores, encabeçados por Allan Kardec. Segundo o prospecto de divulgação da enciclopédia, esta era fruto da análise de mais de 400.000 obras e podia ser considerada como o mais vasto repertório de conhecimentos humanos até então publicado. Todos os termos especiais do vocabulário espírita, refere Kardec, ali se achavam, não com uma simples definição, mas com todos os desenvolvimentos que comportam. A transcrição do texto pertinente ao verbete ALMA – feita pela **Revista** – dá uma boa mostra da profundeza da publicação e do respeito que seus editores revelavam pela doutrina espírita, que conquistava desse modo relevante posição entre as doutrinas filosóficas da época. *(Págs. 28 a 32.)*

24. Sob o título "*O Espiritismo segundo os espíritas*", o semanário *La Discussion*, impresso em Bruxelas, edição de 31/12/1865, publicou um artigo em que o autor diz que os vocábulos Espíritas e Espiritismo se tornaram muito conhecidos e estavam sendo frequentemente empregados, embora muitas pessoas não soubessem o que eles exatamente significavam. O articulista transcreve, então, diversas referências colhidas junto a um amigo seu, partidário das ideias espíritas, adiante resumidas: I – O Espiritismo é uma ciência ou, melhor dito, uma filosofia espiritualista, que ensina a moral. II – Os médiuns são dotados de uma faculdade natural que os torna aptos a servir de intermediários aos Espíritos e a produzir com eles os fenômenos que passam por milagres ou por prestidigitação aos olhos de quem ignore a sua explicação. III – Os Espíritos não se comunicam com o único objetivo de provar aos vivos a sua existência: eles ditaram e desenvolvem diariamente a filosofia espiritualista. IV – É assim que o Espiritismo demonstra, entre outras coisas, a natureza da alma, seu destino, a causa de nossa existência aqui, e desvenda o mistério da morte e o porquê dos vícios e das virtudes do homem. V – Esse sistema repousa em provas lógicas e irrefutáveis, que têm como base fatos palpáveis e a mais pura razão. VI – Em todas as teorias que expõe, ele age como a ciência e não adianta um ponto senão quando o precedente esteja completamente certificado. VII – O ensinamento moral que prega não é senão a moral cristã, a moral que está escrita no coração de todo ser humano. VIII – A moral espírita ensina-nos a suportar a desgraça sem a desprezar, a gozar a felicidade sem a ela nos apegarmos, e nos explica que todas as vantagens com que somos favorecidos

são outras tantas forças que nos são confiadas e de que deveremos prestar contas. *(Págs. 33 a 36.)*

25. A 28 de janeiro de 1866, o semanário – que não é especializado em assuntos filosóficos ou religiosos, mas políticos e financeiros – voltou ao assunto para dizer que o artigo precedente havia provocado numerosas perguntas e ilações descabidas, como a que sugeriu tivesse o periódico se transformado em um órgão espírita. Em face disso, seu editor tornou bem claro que o jornal estava aberto a todas as ideias progressivas, o que é coisa diferente de assumir a paternidade dessa ou daquela doutrina. "Pomos a ideia em evidência em toda a sua verdade. Se for boa, fará o seu caminho e nós lhe teremos aberto a porta; se for má, teremos fornecido o meio de ser julgada com conhecimento de causa", explicou o editor. *(Pág. 37.)*

26. Na sequência, ele foi taxativo: "É assim que procederemos em relação ao Espiritismo. Seja qual for a maneira de ver a seu respeito, ninguém pode dissimular a extensão que tomou em poucos anos. Pelo número e pela qualidade de seus partidários, conquistou uma posição entre as opiniões aceitas". Concluindo, após explicar que as questões sobre Espiritismo seriam ali tratadas por espíritas, o editor afirmou: "Em suma, *La Discussion* não se apresenta como órgão nem apóstolo do Espiritismo; abre-lhe as suas colunas, como a todas as ideias novas, sem pretender impor essa opinião aos seus leitores, sempre livres de a controlar, de a aceitar ou de a rejeitar". *(Págs. 37 e 38.)*

27. A **Revista** relata novo caso de obsessão levado a bom termo em julho de 1865, na localidade de Cazères. A obsedada tinha 22 anos e, embora gozasse de saúde perfeita, fora de repente acometida de um acesso de loucura. Como os médicos não haviam conseguido curá-la, mesmo após sua internação num hospício de alienados mentais, os pais recorreram ao Espiritismo. Evocando o Espírito obsessor durante oito dias seguidos, o grupo espírita conseguiu mudar suas más disposições e, feito isto, a doente ficou curada. *(Págs. 38 e 39.)*

28. Analisando o fato, Kardec diz que o episódio constituía uma nova prova da existência da *loucura obsessional*, cuja causa difere da loucura patológica e ante a qual a ciência falhará sempre enquanto se obstinar em negar o elemento espiritual e sua influência sobre o homem. *(Pág. 39.)*

29. Em seguida, Kardec refere um fato semelhante relatado pelo grupo espírita de Marmande, que também obteve êxito ao tratar um camponês que, atingido por uma loucura furiosa, perseguia as pessoas a golpes de forcado, para as matar. Ele era, no entanto, apenas uma vítima de uma obsessão grave e em oito dias, sem nenhum tratamento físico, voltou ao estado normal, graças à terapia espírita *(Págs. 39 e 40.)*

30. Os casos de obsessão eram tão frequentes que não seria exagero dizer que nos hospitais de alienados mais da metade têm apenas a aparência da loucura, mas não são loucos. Essa observação é de Kardec, que adverte não ser fácil afastar os obsessores desencarnados. "O único meio de os dominar – diz o Codificador – é o ascendente moral", com cuja ajuda, pelo raciocínio e com sábios conselhos, é possível torná-los melhores. Esse é o segredo da cura: conversa-se com o Espírito, buscando moralizá-lo e educá-lo, como faríamos se ele estivesse encarnado, e dirigindo com tato as instruções que lhe são dadas. *(Págs. 40 a 42.)*

31. Não nos devemos admirar mais das obsessões do que das enfermidades e outros males que afligem a humanidade, porque elas fazem parte das provas e das misérias devidas à inferioridade do meio em que vivemos. Os homens sofrem então neste mundo as consequências de suas imperfeições, porque, se fossem mais perfeitos, aqui não estariam. *(Pág. 42.)*

32. O depoimento de um passageiro que escapou com vida ao naufrágio do *Borysthène*, ocorrido nas costas da Argélia a 15 de dezembro de 1865, é transcrito pela

Revista e comentado por Kardec, que explica por que, em casos assim, há pessoas que se desesperam e se matam, sem esperar o desfecho do desastre. *(Págs. 42 a 44.)*

33. Duas comunicações sobre o assunto foram, então, recebidas na Sociedade Espírita de Paris no dia 12 de janeiro. Eis, de forma resumida, o que elas revelaram:

> I – A prece é o veículo dos fluidos espirituais mais poderosos e são como um bálsamo salutar para as feridas da alma e do corpo. Atrai todos os seres para Deus e faz a alma sair da espécie de letargia em que se acha mergulhada, quando esquece seus deveres para com o Criador.
>
> II – Dita com fé, provoca nos que a ouvem o desejo de imitar os que oram, porque o exemplo e a palavra também levam fluidos magnéticos de grande força.
>
> III – Quanto ao homem que quis suicidar-se em face da morte certa, a ideia lhe veio de uma instintiva repulsa pela água, visto que era a terceira vez que morreria dessa maneira.
>
> IV – Devemos orar pelos infelizes, porque a prece de várias pessoas forma um feixe que sustenta e fortifica a alma pela qual é feita, dando-lhe força e resignação.
>
> V – Aos que julgam não ter necessidade de Deus, o Pai permite sejam expostos a um fim terrível, sem esperança de qualquer ajuda. Então eles se lembram de que outrora rezaram e que a prece dissipa as tristezas, faz suportar os sofrimentos com coragem e suaviza os últimos momentos do agonizante.
>
> VI – É que a prece é uma necessidade da alma e tem para todos uma imensa utilidade. *(Págs. 44 a 46.)*

34. Segundo o *Siècle* de dezembro de 1865, o almirantado inglês advertiu os capitães de navios mercantes que se dirigiam à Oceania para tomarem todas as precauções com vistas a evitar que sua tripulação fosse vítima dos antropófagos das Novas-Hébridas, da baía de Jervis ou da Nova-Caledônia, onde recrudescera a prática da antropofagia. *(Págs. 46 a 49.)*

35. Comentando a notícia, Kardec explica por que existem no mundo antropófagos, que são pessoas como nós mesmos. As almas dos que mantêm esse hábito – diz Kardec – estão ainda próximas de sua origem e suas faculdades intelectuais e morais são pouco desenvolvidas; mas elas progredirão também, graças às vidas sucessivas. *(Págs. 48 e 49.)*

36. O fato de haver aumentado naquela região do planeta a prática da antropofagia explica-se pela circunstância de ter, provavelmente, ocorrido ali uma chegada em massa de almas bastante atrasadas, com vistas ao seu adiantamento, porque só reencarnando é que elas poderão libertar-se desses e de outros hábitos cuja erradicação é sinal inconteste de progresso. *(Pág. 49.)*

37. A **Revista** informa que, desde a interessante história que envolveu o sr. Bach e a espineta de Henrique III, o citado músico tornou-se médium escrevente. Outro curioso episódio relacionado com aquele instrumento musical é relatado, então, por Kardec, no número de fevereiro de 1866. *(Págs. 49 a 55.)*

38. O próprio Henrique III, presente à sessão realizada em janeiro na Sociedade Espírita de Paris, de que participava também o sr. Bach, confirmou ser o autor do pergaminho que o músico encontrara na espineta, à esquerda do teclado, entre duas tabuinhas. A caligrafia, comparada com a utilizada em outros manuscritos encontrados na Biblioteca Imperial, correspondia realmente à do monarca. *(Págs. 51 a 55.)*

39. Novos episódios de pancadas e outras manifestações físicas espontâneas agitaram a casa de um fazendeiro muito rico, em Équihen, perto de Boulogne.

Chamados a intervir, quatro curas, seguidos depois de cinco redentoristas e três ou quatro religiosas foram até a casa e praticaram o exorcismo, sem nenhum resultado. Como a família desconfiasse de que os fenômenos poderiam estar sendo causados por um irmão do fazendeiro, morto dois anos antes na Argélia, os clérigos aconselharam-no a partir para a Argélia à busca do corpo do irmão, cumprindo o que lhe havia sido prometido. *(Págs. 56 e 57.)*

40. Kardec aproveita a oportunidade para mostrar a incoerência dos exorcistas no caso. Ora, se eles entendiam que na alma do falecido poderia estar a causa dos fenômenos, por que o exorcismo? É preciso ser coerente. Duas causas – lembra Kardec – explicam a impotência dos exorcismos: 1ª – Eles são dirigidos aos demônios; contudo os obsessores e perturbadores não são demônios, mas seres humanos. 2ª – O exorcismo não é uma prece, mas um anátema, uma ameaça, que irrita o agente invisível e não concorre para o conduzir ao bem. *(Pág. 57.)*

41. Os adversários do Espiritismo não perderam tempo e exploraram ao máximo as peloticas dos irmãos Davenport, os dois jovens americanos que foram pegos fraudando em Paris. Os críticos imaginavam, talvez, que Kardec fosse defender os irmãos, mas se enganaram inteiramente porque o Codificador deixou claro que as exibições teatrais e a exploração da mediunidade nada têm a ver com o verdadeiro espírito da doutrina. "Que a crítica bata quanto queira nestes abusos; desmascare os truques e os cordões dos charlatães, e o Espiritismo, que não usa qualquer processo secreto e cuja doutrina é toda moral, não poderá senão ganhar em ser desembaraçado dos parasitas que dele fazem um degrau e dos que lhe desnaturam o caráter." *(Págs. 59 a 61.)*

42. Notícia publicada na França diz que os irmãos Davenport, de volta a Nova York, foram publicamente desmentidos por um antigo comparsa, o sr. Fay, na presença de numerosa assistência. O sr. Fay teria desvendado tudo, todas as charlatanices, o segredo das cordas e o dos nós, que haviam tornado famosos os irmãos. Kardec, embora reiterando sua condenação às exibições dos Davenport, contestou a notícia, informando que ambos ainda se encontravam na Inglaterra. William Fay, o cunhado dos Davenport, que os acompanhava, era outra pessoa. O autor dos fatos divulgados pelos jornais era um tal H. Melleville Fay, seu concorrente e não amigo. *(Págs. 61 a 63.)*

43. A crítica – observa Kardec – desceu o braço sobre os Davenport, julgando que assim estaria matando o Espiritismo. Ora, o que ela matou foi precisamente o que o Espiritismo condena e desaprova: a exploração, as exibições públicas, o charlatanismo, as manobras fraudulentas, as imitações grosseiras de fenômenos naturais, o abuso de um nome que representa uma doutrina toda moral, de amor e de caridade. *(Pág. 64.)*

44. Um longo estudo sobre os fluidos espirituais abre a **Revista** de março de 1866. Eis, de forma resumida, os ensinamentos que nele se contêm:

> I – Os fluidos espirituais representam um importante papel em todos os fenômenos espíritas, ou melhor, são o princípio mesmo desses fenômenos.
>
> II – Não existe uma única ciência que seja, em todas as suas peças, obra de um só homem. Assim se dá com a ciência espírita, que requer para se constituir o esforço dos Espíritos e dos encarnados.
>
> III – Os corpos formam na obra da criação uma cadeia ininterrupta, de tal sorte que os três reinos não subsistem, na realidade, senão por seus caracteres gerais mais marcantes, visto que nos seus limites eles se confundem.
>
> IV – O homem pode operar artificialmente as composições e decomposições que se operam espontaneamente na natureza, mas é

impotente para reconstituir o menor corpo organizado, ainda que seja uma folha morta.

V – Ele não pode reconstitui-la, nem lhe dar vida, o que mostra que seu poder para na matéria inerte e que o princípio da vida está na mão de Deus.

VI – A ciência caminha para a admissão de que os corpos chamados simples não passam de modificações de um elemento único, princípio universal, designado sob os nomes de *éter*, *fluido cósmico* ou *fluido universal*.

VII – A química faz-nos penetrar na constituição íntima dos corpos, mas, experimentalmente, não vai além dos corpos considerados simples. Ora, entre esse elemento em sua pureza absoluta e o ponto onde param as investigações da ciência, o intervalo é imenso.

VIII – Raciocinando-se por analogia, chega-se à conclusão de que, entre esses dois pontos extremos, esse elemento primordial deve sofrer modificações que escapam aos instrumentos e sentidos materiais.

IX – A natureza íntima da alma escapa completamente às investigações humanas, mas sabemos que ela é revestida de um envoltório ou corpo fluídico, constituindo, assim, com esse envoltório o ser que chamamos Espírito.

X – Esse envoltório, que chamamos de perispírito, posto que de uma natureza etérea e sutil, não é menos matéria, e reveste a alma, não só durante a encarnação, mas também na erraticidade.

XI – Sendo o laço que une a alma ao corpo material, o perispírito não é uma criação imaginária, e sua existência é um fato comprovado pela observação.

XII – Todas as teogonias atribuem aos seres invisíveis um corpo fluídico e São Paulo o define claramente em sua 1ª Epístola aos Coríntios (XV:35-50). *(Págs. 67 a 74.)*

45. Na sequência do estudo, o Codificador, depois de afirmar que o perispírito é o traço de união que liga o mundo espiritual ao mundo corporal, acrescenta:

I – É sabido que todos os animais têm como princípios constituintes o oxigênio, o hidrogênio, o nitrogênio e o carbono, combinados em diferentes proporções.

II – Esses corpos simples derivam, por sua vez, de um princípio único, que é o fluido cósmico universal, que é também a fonte da formação do corpo fluídico ou perispírito.

III – O perispírito é, segundo os Espíritos, uma condensação do fluido cósmico em torno do foco de inteligência, ou alma. A transformação molecular aqui opera-se de modo diferente, comparativamente com a formação dos corpos peculiares ao mundo físico, porque o fluido perispiritual conserva sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas.

IV – O corpo perispiritual e o corpo humano têm, pois, sua fonte no mesmo fluido, e um e outro são matéria, embora sob dois estados diferentes.

V – No estado normal, o perispírito é invisível aos nossos olhos e impalpável ao nosso tato, como se dá com uma infinidade de fluidos e de gases, mas essa invisibilidade e mesmo a imponderabilidade não são absolutas.

VI – Algumas pessoas criticaram a qualificação de *semimaterial* dada ao perispírito, dizendo que uma coisa é matéria ou não o é. Admitindo seja essa expressão imprópria, ainda assim seria preciso adotá-la, em falta de um termo especial para exprimir esse estado particular da matéria. Ora, o

perispírito é matéria; ninguém o contesta. Mas não tem as propriedades da matéria tangível e não pode, por isso, ser submetido à análise química. É por isso que se diz *semimaterial*, palavra que não é mais ridícula do que *semiduplo* e tantas outras.

VII – O fluido cósmico oferece dois estados distintos: o da eterização ou imponderabilidade, que pode ser considerado seu estado normal primitivo, e o de materialização ou ponderabilidade, que lhe é consecutivo.

VIII – Cada um desses dois estados dá necessariamente lugar a fenômenos especiais. Ao segundo pertencem os do mundo visível, e ao primeiro, os do mundo invisível.

IX – Uns, chamados fenômenos materiais, são do campo da ciência propriamente dita; os outros, qualificados de fenômenos espirituais, são da atribuição do Espiritismo. *(Págs. 74 a 77.)*

46. Falando sobre as perseguições que se multiplicavam contra o Espiritismo em diversos lugares, Kardec diz que a maior parte dessas ocorrências tinha por objeto o exercício ilegal da medicina, ou acusações de charlatanice, peloticas ou trapaças. O Espiritismo – adverte o Codificador – não podia, contudo, ser responsável por indivíduos que indevidamente tomavam a qualidade de médium, assim como a verdadeira ciência não responde pelos escamoteadores que se dizem físicos, quando ele próprio condena a exploração da mediunidade e a considera contrária aos princípios da doutrina. *(Págs. 78 a 80.)*

47. Depois de reafirmar que a mediunidade não pode constituir um ofício, nem ser um meio de adivinhação ou de descoberta de tesouros, Kardec lembra que a mediunidade curadora existe, mas se subordina a tantas condições restritivas, que isso exclui a possibilidade de alguém manter um consultório aberto, sem a suspeita de charlatanismo. A mediunidade curadora é uma "obra de devotamento e de sacrifício e não de especulação". "Exercida com desinteresse, prudência e discernimento, e contida nos limites traçados pela doutrina, não pode cair sob os golpes da lei." *(Pág. 80.)*

48. O médium, segundo os desígnios da Providência e sob as vistas do Espiritismo, seja artífice ou seja príncipe, recebeu um mandato que deve cumprir religiosamente e com dignidade. Ele não vê na sua faculdade senão um meio de glorificar a Deus e servir ao próximo, e se faz estimar e respeitar por sua simplicidade, modéstia e abnegação, o que não se dá com os que fazem da mediunidade um trampolim, um instrumento, para servir aos seus interesses e satisfazer a sua vaidade. *(Págs. 80 e 81.)*

49. Na sequência, Kardec transcreve uma carta datada de 24/11/1865, que lhe foi enviada pelo sr. Bonnamy, juiz de instrução, que se tornou espírita tão-somente com a leitura d' *O Livro dos Espíritos*. *(Págs. 82 a 84.)*

50. Posteriormente, o pai do sr. Bonnamy manifestou-se na Sociedade Espírita de Paris, valendo-se da mediunidade do sr. Desliens, ocasião em que examinou a progressividade da legislação humana, que, como todas as coisas deste mundo, está submetida ao progresso, progresso lento, insensível, mas constante *(Págs. 85 a 87.)*

51. Em sua comunicação o pai do sr. Bonnamy faz uma observação muito interessante que, às vezes, nos escapa. "Por mais admiráveis que sejam, para certas pessoas, as legislações antigas dos Gregos e dos Romanos – disse ele –, elas são muito inferiores às que governam as populações adiantadas de vossa época!" A lei terrena será ainda por muito tempo repressiva e castigará os culpados, mas a pena de morte desaparecerá no futuro, pela força das coisas. *(Págs. 85 a 87.)*

52. Um dos correspondentes da **Revista**, escrevendo de Milianah, Argélia, refere-se à sua faculdade de desprendimento espiritual durante a vigília, ocasião em que seu

Espírito viaja longe, visita as pessoas e os lugares de que gosta e depois retorna sem esforço. Kardec, ao registrar o fato, dá a essa faculdade o nome de *mediunidade mental*, afirmando ser considerável o número de pessoas que, em vigília, sofrem a influência dos Espíritos e recebem a inspiração de pensamentos que não são seus. *(Págs. 87 e 88.)*

53. A impressão agradável ou penosa que por vezes se sente à vista de alguém, o pressentimento da aproximação de uma pessoa, a transmissão e a penetração do pensamento são, segundo Kardec, outros tantos efeitos devidos à mesma causa e que constituem uma espécie de mediunidade, que se pode dizer universal. *(Pág. 88.)*

54. Levado o assunto a discussão na Sociedade Espírita de Paris, quatro Espíritos se manifestaram e transmitiram, entre outras informações, os ensinamentos que se seguem:

> I – É possível desenvolver o sentido espiritual por um trabalho constante. Aliás, constante é também a comunicação do mundo incorpóreo com os sentidos humanos; ela se dá a cada hora, a cada minuto, pela lei das relações espirituais.
>
> II – Os Espíritos se veem e se visitam uns aos outros durante o sono e também durante a vigília. Eles não têm noite e constantemente estão ao nosso lado, vigiando, inspirando, guiando e suscitando pensamentos.
>
> III – Esse gênero de comunicação espiritual é, assim, uma mediunidade; é uma espécie de estado cataléptico, muito agradável para quem o experimenta.
>
> IV – Essa faculdade existe no estado inconsciente em muitas pessoas, pois há sempre perto de nós um amigo sincero, pronto a sustentar e encorajar aquele cuja direção lhe é confiada pelo Criador.
>
> V – Seu apoio jamais falta aos homens; cabe-lhes apenas distinguir as boas inspirações entre todas as que se chocam no labirinto de suas consciências.
>
> VI – A *mediunidade mental* (como a designou Kardec) está bem chamada. É o primeiro degrau da mediunidade vidente e falante. O médium mental, se for bem formado, pode dirigir perguntas e receber respostas mais facilmente que o médium intuitivo, porque seu Espírito, estando mais desprendido, é um intérprete mais fiel. Para isto é necessário um ardente desejo de ser útil e trabalhar com um sentimento puro, isento de todo pensamento de amor próprio e de interesse.
>
> VII – De todas as faculdades mediúnicas, ela é a mais sutil e a mais delicada, e o menor sopro impuro basta para manchá-la.
>
> VIII – A mediunidade que consiste em conversar com os Espíritos, como se conversa com os encarnados, desenvolver-se-á mais, à medida que o desprendimento do Espírito se efetuar com mais facilidade, pelo hábito do recolhimento. Quanto mais avançados moralmente forem os Espíritos encarnados, maior será a facilidade de comunicação.
>
> IX – O recolhimento e a prece são os dois elementos da vida espiritual; são eles que derramam na alma esse orvalho celeste que ajuda o desenvolvimento das faculdades que aí estão em estado latente. Infelizes os que dizem que a prece é inútil porque não modifica os desígnios de Deus!
>
> X – Todos se revoltam quando se pensa nos vícios da sociedade pagã, ao tempo em que o Cristo veio trazer a boa-nova, mas em nossos dias os vícios não existem menos.
>
> XI – Não é, pois, sem razão que os Espíritos vieram lembrar os ensinamentos

dados nos tempos apostólicos. Todos os que forem chamados a cooperar nessa obra de redenção do mundo, devem agradecer por isto ao Senhor, e que o seu desinteresse e a sua caridade jamais enfraqueçam, porque é nisto que se conhecerão, entre os homens, os verdadeiros espíritas. *(Págs. 89 a 92.)*

55. Na seção de livros, a **Revista** destaca três obras: "*Espírita*", romance agora publicado em forma de livro, por Théophile Gautier; "*A Mulher do Espírita*", de Ange de Kéraniou, e "*Forças Naturais Desconhecidas*", de Hermès. A imprensa laica, diz Kardec, foi parcimoniosa com relação ao romance de Gautier. Ninguém sabia se devia louvá-lo ou censurá-lo. O romance, traduzido para o português com o nome de "*O Ignorado Amor*", foi considerado por Kardec a primeira obra de destaque escrita por um grande escritor onde a ideia espírita aparece seguramente afirmada. Segundo os jornais da época, a obra do sr. Gautier obteve grande repercussão em toda a Europa. *(Págs. 92 a 98.)*

56. O número de abril de 1866 é aberto com um longo artigo de Kardec sobre a revelação e seus requisitos, o qual foi posteriormente aproveitado pelo Codificador na feitura do cap. I de "*A Gênese*". Eis, de forma resumida, as principais informações que nele se contêm:

I – Revelar é dar a conhecer uma coisa desconhecida, é ensinar a alguém aquilo que não sabe. O papel do professor perante seus alunos é o de um revelador, mas ele só ensina o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem.

II – O homem de gênio ensina o que ele próprio achou: é o revelador primitivo.

III – O homem de gênio é um Espírito que viveu mais tempo e tem, por isso, progredido mais que os indivíduos menos adiantados. O que ele sabe é fruto de um trabalho anterior e não o resultado de um privilégio.

IV – Os homens progridem por si mesmos, mas esse progresso torna-se muito lento, se não forem ajudados por homens mais adiantados. Eis por que todos os povos têm tido os seus homens de gênio, que vieram em diversas épocas dar-lhes um impulso e tirá-los da inércia.

V – As coisas novas que eles ensinam, seja na ordem física, seja na ordem moral, são revelações.

VI – No sentido especial da fé religiosa, os reveladores são geralmente designados sob os nomes de profetas ou messias.

VII - Todas as religiões têm tido, assim, os seus reveladores, conquanto muitos falsos profetas tenham surgido no seio delas e explorado a credulidade dos fiéis, em proveito de seu orgulho, de sua cupidez, ou de sua preguiça. *(Págs. 99 a 101.)*

57. Na sequência, após afirmar que a religião cristã não esteve ao abrigo desses parasitas, Kardec adverte: "Apenas constatamos as duas grandes revelações sobre as quais se apoia o cristianismo: a de Moisés e a de Jesus, porque tiveram uma influência decisiva na humanidade". "O islamismo pode ser considerado como um derivado de concepção humana do mosaísmo e do cristianismo. Para acreditar a religião que queria fundar, Maomé teve que se apoiar sobre uma suposta revelação divina." *(Págs. 101 e 102.)*

58. Deus pode revelar-se diretamente aos homens? Kardec não diz que sim nem que não, embora reconheça que o fato não é radicalmente impossível. Diz mais o Codificador:

I – Os reveladores encarnados, conforme a ordem hierárquica a que pertençam e o grau de seu saber pessoal, podem colher suas instruções

em seus próprios conhecimentos ou recebê-los de Espíritos mais elevados, até mesmo de mensageiros diretos de Deus.
II – Estes, quando falam em nome de Deus, podem ter sido, por vezes, tomados pelo próprio Deus.
III – As instruções podem ser transmitidas aos homens por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição, pela visão, quer no sonho, quer no estado de vigília. É, assim, rigorosamente exato dizer que a maior parte dos reveladores são médiuns inspirados, auditivos ou videntes.
IV – Pode haver revelações sérias e verdadeiras, como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade.
V – A lei do Decálogo possui todos os caracteres de sua origem divina, ao passo que as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias e por vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu.
VI – O Cristo e Moisés são os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo. Eis aí a prova de sua missão divina, porquanto uma obra puramente humana não teria tal poder.
VII – Uma nova e importante revelação se realiza na época presente. É a que nos mostra a possibilidade de comunicação com os seres do mundo espiritual. Deus quis que esse ensino fosse dado pelos próprios Espíritos, e não pelos encarnados, a fim de convencer a todos quanto à sua existência.
VIII – Os Espíritos não vêm libertar o homem do trabalho, do estudo e das pesquisas. Eles se abstêm de nos dar o que podemos adquirir pelo trabalho, e há coisas que não lhes é permitido revelar, porque nosso grau de adiantamento não o comporta.
IX – As manifestações espíritas serviram para nos dar a conhecer o mundo invisível que nos rodeia e de que não suspeitávamos. Só esse conhecimento seria de capital importância, ainda que nada nos pudessem ensinar.
X – As manifestações nada têm, portanto, de extra-humano. É a humanidade espiritual que vem conversar com a humanidade corporal e lhe dizer que os Espíritos existem, que a vida terrena não é tudo e que a fraternidade e a caridade se assentam numa lei da natureza.
XI – A revelação espírita tem, assim, por objetivo pôr o homem na posse de certas verdades que ele não podia adquirir por si mesmo, visando desse modo ativar o progresso. Essas verdades limitam-se, em geral, a princípios fundamentais; são as balizas que lhe mostram o objetivo. Cabe ao homem a tarefa de as estudar e deduzir-lhes as aplicações. *(Págs. 102 a 106.)*

59. Dois movimentos surgidos no meio espírita são destacados por Kardec. O primeiro, tendo por bandeira: ***A negação da prece,*** repelido pelos homens e pelos Espíritos, nem chegou a prosperar. Seguiu-se lhe outro tendo por divisa: ***Nada de comunicações dos Espíritos***. O ponto central dessa proposta é que caberia ao homem sondar os grandes mistérios da natureza e decidir os princípios que devem ser aceitos ou rejeitados, sem recorrer ao assentimento dos Espíritos. *(Pág. 107.)*

60. O que nisso se propõe, adverte Kardec, é a separação do Espiritismo do ensino dos Espíritos, sob o argumento de que as instruções destes últimos estariam abaixo do que pode a inteligência dos homens. O Codificador opõe-lhe, no entanto, as seguintes observações:

I – Sem os Espíritos, ainda estaríamos – nós, os homens, – na crença de que os anjos são criaturas privilegiadas e os demônios, indivíduos predestinados ao mal.

II – Sendo o Espiritismo o resultado do ensinamento dos Espíritos, sem as comunicações destes não haveria Espiritismo.

III – Se a doutrina espírita fosse uma simples teoria nascida no cérebro de um homem, não teria senão o valor de uma opinião pessoal; saída da universalidade do ensino dos Espíritos, tem o valor de uma obra coletiva e essa é a razão de haver-se propagado rapidamente por toda a Terra.

IV – Não se nega que existam comunicações espíritas boas e más. Façamos, então, o que se faz com as obras em geral: aproveitemos o que há de bom e rejeitemos o que é mau.

V – O Espiritismo tende para a reforma da humanidade pela via da caridade. É por isso que os Espíritos pregam sem cessar a prática dessa virtude fundamental e a pregarão por muito tempo ainda, enquanto não se houver desgarrado o egoísmo do coração humano.

VI – Repelir as comunicações dos Espíritos depois de as haver aclamado é querer sapar o Espiritismo pela base, é tirar-lhe o alicerce e tal não pode ser o pensamento dos espíritas sérios e devotados. *(Págs. 107 a 112.)*

61. Concluindo o artigo, Kardec adverte: "Se o Espiritismo deve ganhar em influência, é aumentando a soma de satisfação moral que proporciona. Que os que o acham insuficiente tal qual é se esforcem por dar mais que ele; mas não será dando menos, tirando o que faz o seu encanto, a força e a popularidade que o suplantarão". *(Pág. 112.)*

62. No artigo seguinte, Kardec examina o tema "Espiritismo independente", ideia que, evidentemente, era o corolário da proposta *Espiritismo sem Espíritos*. "Espiritismo independente" seria, segundo uma carta recebida por Kardec, o Espiritismo liberto não só da tutela dos Espíritos, mas de toda direção ou supremacia pessoal, de toda subordinação às instruções de um chefe. *(Págs. 112 e 113.)*

63. Kardec fez a propósito do assunto inúmeras considerações, culminando por considerar a proposta uma insensatez, visto que a independência já existia de fato e de direito e não havia, no movimento espírita, disciplina imposta a quem quer que fosse. O Espiritismo não estava – observou o Codificador – enfeudado num indivíduo, nem num círculo de pessoas. A bandeira "*Fora da caridade não há salvação*", por ele posta no frontispício do Espiritismo, não surgiu por ato de sua autoridade, mas dos ensinos dos Espíritos, que a colheram nas palavras do Cristo, em que ela se encontra com todas as letras, como pedra angular do edifício cristão. *(Págs. 114 a 116.)*

64. Kardec tornou claro em seu comentário que suas instruções eram aceitas livremente e sem constrangimento. Nenhum poder lhe fora conferido e nenhum título ele reivindicava, exceto o de irmão em crença. "Se nos consideram como seu chefe – explicou –, é por força da posição que nos dão os nossos trabalhos, e não em virtude de uma decisão qualquer." Por isso, não havendo poder constituído nem hierarquia alguma fechando a porta a quem desejasse entrar, não existia razão nem objeto para semelhantes ideias. *(Págs. 115 e 116.)*

65. A **Revista** transcreveu um relato feito pelo *Journal de Chartres* a 11 de março de 1866, segundo o qual dois alunos simularam um debate sobre o Espiritismo em tertúlia promovida pelo Colégio de Chartres. Um aluno fez o papel do detrator; o outro se incumbiu de defender a doutrina espírita. Não se soube que propósito teve o colégio ao patrocinar o debate; certamente não foi por simpatia que isso se deu. O fato não deixou, porém, de ter importância, visto que o Espiritismo pôde penetrar de forma oficial, não mais clandestinamente, o ambiente de um importante colégio.

(Págs. 117 a 119.)

66. Tudo indica que o czar Paulo I, da Rússia, viu efetivamente em São Petersburgo o Espírito de seu avô Pedro, o Grande. Pelo menos foi isso que o czar relatou a alguns amigos, segundo reportagem publicada a 3 de março de 1866 pelo *Grand Journal*. Tendo o assunto sido levado à Sociedade Espírita de Paris, um dos médiuns recebeu espontaneamente uma comunicação que confirmou o fato e acrescentou as informações que se seguem:

> I – A existência da mediunidade de vidência foi a primeira de todas as faculdades dadas ao homem para se corresponder com o mundo invisível.
>
> II – Em todos os tempos e em todos os povos, as crenças religiosas se estabeleceram sobre revelações de visionários ou médiuns videntes.
>
> III – Desde o instante em que o czar Paulo I viu seu avô, a mediunidade foi nele permanente, mas o medo do ridículo o impediu de relatar suas visões aos amigos.
>
> IV – A vidência não era a única faculdade que possuía, pois Paulo fora também dotado da audição e da intuição. Aliás, foi pela audição que ele teve a revelação do seu fim trágico. *(Págs. 120 a 123.)*

67. Em Corrèze, o sr. Leymarie, colega de Kardec na Sociedade Espírita de Paris, recebeu uma comunicação assinada por um ex-bispo de nome *De Cosnac*, que informou ter estado até então, por dois séculos e meio, inconsciente de sua verdadeira posição de Espírito desencarnado. Bispo e conselheiro do rei, orgulhoso de seus títulos, ele só dera valor na última existência às fugidias ilusões da vida, não constituindo surpresa o longo período de perturbação a que se reportou na mencionada mensagem. *(Págs. 123 a 125.)*

68. Em um poema transcrito pela **Revista**, Eugène Nus, dirigindo-se aos amigos que já partiram para o mundo espiritual, pergunta-lhes: "Onde viveis, mortos amados?" O poema contém ideias claras sobre a influência dos Espíritos em nossa vida e à possibilidade do seu retorno à vida terrena. *(Págs. 125 e 126.)*

69. Alguns espíritas não se conformaram com as críticas feitas a eles pela imprensa por ocasião do episódio protagonizado pelos irmãos Davenport. Florentin Blanchard, livreiro em Marennes, foi um deles, como mostra carta publicada pela **Revista,** na qual, escrevendo ao jornal *La Liberté*, o confrade refuta as críticas e avisa que sua assinatura não mais será renovada. *(Págs. 126 e 127.)*

70. Cinco obras são citadas pela **Revista** na seção de livros. Uma delas, intitulada: "*Sou Espírita?*", de Sylvain Alquié, de Toulouse, foi um dos frutos da polêmica causada pelos irmãos Davenport. As críticas levaram o autor a conhecer e a admitir, desde então, o Espiritismo. As demais obras intitulam-se: "*Carta aos Srs. Diretores e Redatores dos Jornais Antispíritas*", de A. Grelez, de Sétif, Argélia; "*Filosofia Espírita*", "*O Guia da Felicidade*" e "*Noções de Astronomia*", todos os três de autoria de Augustin Babin, espírita de longa data que, segundo Kardec, levava a doutrina a sério. *(Págs. 127 e 128.)*

71. O número de maio de 1866 inicia-se com um artigo sobre Deus, no qual o Codificador faz as seguintes observações:

> I – Como é que Deus, tão grande e poderoso, pode imiscuir-se em pormenores ínfimos e preocupar-se com os menores atos praticados pelos indivíduos?
>
> II – As propriedades dos fluidos podem dar-nos uma ideia de como o Criador age nesses casos.
>
> III – Os fluidos não têm inteligência, mas são o veículo do pensamento, das sensações e das percepções dos Espíritos, e é em consequência da

sutileza deles que os Espíritos penetram por toda a parte, perscrutam os nossos pensamentos, veem e agem a distância.

IV – O que os Espíritos podem realizar, embora em estreitos limites, Deus o faz em proporções indefinidas. Ora, a natureza inteira está mergulhada no fluido divino. Assim, tudo está submetido à sua ação, à sua previdência, à sua solicitude.

V – Estamos, portanto, constantemente em presença da Divindade; não existe uma só de nossas ações que possamos subtrair ao seu olhar; nosso pensamento está em contato com o seu pensamento e é por isso que se diz que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração.

VI – O Criador não tem, pois, necessidade de mergulhar seu olhar nem de deixar o *repouso de sua glória*, para estender a nós a sua solicitude.

VII – Para serem ouvidas por Ele, nossas preces não precisam transpor o espaço nem ser ditas com voz retumbante, porque, incessantemente penetrados pelo fluido divino, nossos pensamentos nele repercutem. *(Págs. 129 a 131.)*

72. Concluindo o artigo, Kardec assevera: "Diante desses problemas insondáveis, nossa razão deve humilhar-se; Deus existe: não poderíamos duvidá-lo; é infinitamente justo e bom; é sua essência; sua solicitude se estende a tudo; nós o compreendemos agora; incessantemente em contato com ele, podemos orar a ele com a certeza de ser ouvidos; ele não pode querer senão o nosso bem; por isso devemos ter confiança nele. Eis o essencial; para o resto, esperemos que sejamos dignos de o compreender". *(Pág. 132.)*

73. No artigo seguinte Kardec explica por que, estando Deus em toda a parte, não o vemos. Vê-lo-emos ao deixar a Terra? Eis os ensinamentos transmitidos pelo Codificador:

I – As coisas de essência espiritual não podem ser percebidas pelos órgãos materiais: só pela visão espiritual é que podemos ver os Espíritos e o mundo imaterial. Dessa forma, só a nossa alma pode ter a percepção de Deus, mas sua visão constitui privilégio das almas mais depuradas.

II – O envoltório perispiritual, embora invisível e impalpável para nós, é para a alma uma verdadeira matéria, muito grosseira para certas percepções, mas que se espiritualiza à medida que a alma se eleva em moralidade.

III – As imperfeições da alma são como véus que obscurecem sua visão; cada imperfeição de que ela se desfaz é um véu a menos.

IV – Sendo Deus a essência divina por excelência, não pode ser percebido em todo o seu brilho senão pelos Espíritos chegados ao mais alto grau de desmaterialização.

V – O Espírito só se depura lentamente, e à medida que se depura tem de Deus uma intuição mais perfeita. Se não o vê, compreende-o melhor. Quando eles dizem que Deus lhes proíbe de responder ou fazer algo, não é que Deus lhes aparece, mas sim que o sentem e recebem o eflúvio de seu pensamento, como acontece ao homem com relação aos Espíritos que o envolvem com seu fluido, embora não os veja.

VI – Nenhum homem pode, pois, ver a Deus com os olhos da carne. Se esse favor fosse concedido a alguém, só poderia sê-lo no estado de êxtase.

VII - Como os Espíritos da mais elevada ordem resplandecem com um brilho deslumbrante, pode ser que Espíritos menos elevados, encarnados ou não, feridos por tal esplendor, julgassem ter visto o próprio Deus, tal

como se vê, por vezes, um ministro tomado por seu soberano. *(Págs. 132 a 134.)*

74. Segundo o jornal *Concorde*, de Versalhes, edição de 22 de fevereiro de 1866, teria ocorrido na Córsega um curioso fato de ressurreição, no qual uma mulher, momentos depois de morrer, teria voltado a viver para transmitir um recado à sua sobrinha Savéria. A ressurreição é possível? Kardec diz que não e explica: todas as vezes que houver volta à vida é que não houve morte na acepção patológica do termo. "Quando a morte é completa, essas voltas são impossíveis, pois a isto se opõem as leis fisiológicas." *(Págs. 134 e 135.)*

75. O assunto foi levado à Sociedade Espírita de Paris, onde o Espírito de Ebelman explicou o episódio referido. A tia estava realmente morta, mas não houve ressurreição. A sobrinha teve, na verdade, uma visão do Espírito da falecida, que, graças à permissão do Pai, pôde falar-lhe. Sua vontade não pôde fazer reviver o seu corpo físico, mas pôde dar ao seu invólucro fluídico as aparências dele. *(Págs. 135 e 136.)*

76. Morto em Paris em novembro de 1865, o padre Laverdet, atendendo a evocação feita por Kardec, comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris em janeiro seguinte, ocasião em que, além de manifestar seu respeito pela doutrina espírita, lamentou os equívocos cometidos por seu colega padre Châtel, que procurou auferir vantagens financeiras à frente da Igreja. *(Págs. 136 a 139.)*

77. Outra comunicação espírita transcrita pela **Revista** diz respeito a um pai que, dado à embriaguez desde a juventude, nenhuma preocupação teve quanto à educação dos filhos. Um destes seguiu lhe os passos e, mudando-se para a África, não mais deu notícias. O outro, de natureza diferente, tornou-se espírita fervoroso e devotado. Na comunicação, Charles-Emmanuel, o pai descuidado, fala das consequências de seus erros e da tarefa que agora, como Espírito, Deus lhe atribuíra: velar pelo filho Jean, a quem deveria preservar de qualquer acidente. *(Págs. 139 e 140.)*

78. Duas informações importantes constam da comunicação citada:

I – Charles-Emmanuel demorou a perceber que desencarnara e bebia sem cessar.

II – A dor que o filho experimentava nos acidentes de que o pai o salvou, era este quem suportava. *(Págs. 140 e 141.)*

79. O Espírito de Baluze, que foi ilustre historiógrafo nascido em Tulle em 1630 e morto em Paris em 1718, reporta-se numa comunicação às práticas supersticiosas que ainda se mantinham em uso na região onde vivera e afirma, com convicção, que a doutrina espírita é a única que pode mudar o espírito das populações chafurdadas na ignorância, arrancando-as à pressão absurda dos que ignoram as grandes leis da erraticidade e querem imobilizar a crença humana num dédalo em que eles próprios se enredam. *(Págs. 141 a 144.)*

80. A **Revista** noticia a morte do dr. Cailleux, médico e presidente do Grupo Espírita de Montreuil-Sur-Mer, ocorrida em abril de 1866. Considerado pelo povo o "médico dos pobres", o falecimento do dr. Cailleux consternou toda a cidade, como prova a participação de perto de três mil pessoas em seus funerais. O devotamento do notável médico e o respeito que a população lhe votava não impediram que o clero da cidade lhe recusasse sepultura eclesiástica, e isto por um único motivo: o fato de o dr. Cailleux ser espírita. *(P. 144 a 148.)*

81. Logo em seguida à reportagem, a **Revista** transcreve duas comunicações transmitidas pelo Espírito do dr. Cailleux. Na primeira, obtida no Grupo de Montreuil, ele pede aos seus colegas que perseverem em seus propósitos até a morte, ligando-se uns aos outros pelos laços da caridade, da benevolência e da submissão, porque essa é a

melhor maneira de colher frutos abundantes e doces. Na segunda comunicação, dada na Sociedade de Paris, o médico disse não ter demorado a voltar da emoção que se segue à morte, o que lhe permitiu acompanhar, perfeitamente lúcido, o sepultamento de seu corpo. *(Págs. 148 a 150.)*

82. Ciente da posição tomada pelo clero com relação ao seu funeral, dr. Cailleux afirmou: "Perdoo a todos os que, de um ou de outro modo, julgaram fazer-me o mal; quanto aos que se recusaram a orar por mim no templo consagrado, serei mais caridoso que a caridade que pregam: oro por eles. É assim que se deve fazer, meus bons irmãos em crença". "Crede-me, e perdoai aos que lutam contra vós, pois não sabem o que fazem." *(Págs. 150 e 151.)*

83. Em 23 de abril de 1866, o Espírito do dr. Demeure, valendo-se das faculdades mediúnicas do sr. Desliens, alertou o Codificador para a necessidade de cuidar da própria saúde e recomendou-lhe repouso, esclarecendo que as forças humanas possuem limites que ele infringia, movido pelo desejo de ver progredir o ensino. Essa atitude era evidentemente errônea porque, agindo assim, não apressaria a marcha da doutrina e arruinaria a própria saúde. Kardec ouviu-o, mas alegou que havia ainda mais de quinhentas cartas a responder e não sabia como atendê-las. Dr. Demeure recomendou que, como se diz em linguagem comercial, as cartas fossem levadas em bloco à conta de lucros e perdas e que se publicasse sobre isso um aviso na **Revista**, para que todos se inteirassem da medida e a compreendessem. O Codificador parece ter aceitado o conselho. *(Págs. 151 a 153.)*

84. Duas comunicações mediúnicas recebidas na Sociedade de Paris no mês de abril de 1866 encerram o número de maio. Na primeira, analisando o tema prece, um Espírito protetor faz oportunas observações, adiante resumidas:

> I – Há quem imagine, erroneamente, que o que pedimos na prece deve realizar-se por uma espécie de milagre, enquanto outros pensam que, não sendo o pedido acolhido da maneira que se espera, a prece é inútil.
>
> II – Deus, evidentemente, não altera em caso algum o curso das leis que regem o universo, mas para atender à prece não é preciso derrogar ou modificar suas leis.
>
> III – Obviamente, nenhuma atenção é dada pelo Pai aos pedidos fúteis ou inconsiderados, mas a prece pura e desinteressada é sempre escutada.
>
> IV – Quando a prece é justa e útil o seu atendimento, ela recebe do Criador a atenção devida. Os Espíritos executores de sua vontade são então encarregados de provocar as circunstâncias que devem conduzir ao resultado almejado. Como quase sempre esse resultado requer o concurso de um encarnado, os Espíritos inspiram os que devem nele cooperar.
>
> V – Não existe, assim, acaso nem na assistência que se recebe, nem nas desgraças que se experimentam.
>
> VI – Nas aflições, a prece não só é uma prova de confiança e de submissão à vontade de Deus, mas tem por efeito estabelecer uma corrente fluídica que leva longe, no espaço, o pensamento do aflito.
>
> VII – Esse pensamento repercute nos corações simpáticos ao sofrimento e estes, como atraídos por um poder magnético, dirigem-se para o lugar onde sua presença pode ser útil.
>
> VIII – Deus poderia socorrer diretamente a pessoa que ora, mas quer que os homens pratiquem a caridade, socorrendo-se uns aos outros. Desse modo, quando alguém, após receber uma ajuda inesperada, exclama: "É a Providência que a envia", diz uma verdade maior do que geralmente supõe, embora o Pai faça com que os meios de ação não se afastem das

leis gerais e a assistência dos Espíritos não se torne tão evidente a ponto de levar os homens a negligenciarem o próprio esforço. *(Págs. 153 a 156.)*

85. Na comunicação seguinte, sobre os deveres do espírita, o Espírito de Luís de França tece, entre outras, as seguintes considerações:

I – O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Os que se dizem espíritas não podem, pois, sem cometer uma grave inconsequência, subtrair-se às obrigações que impõe.

II – Essas obrigações são de duas sortes. A primeira concerne ao indivíduo que, ajudado pelas claridades que a doutrina espalha, pode compreender melhor o valor de seus atos e a infinita bondade de Deus. Não se compreende que o homem esclarecido quanto aos seus deveres para com Deus e seus irmãos continue cúpido, egoísta e orgulhoso. Um indivíduo assim só é espírita de nome.

III – A segunda ordem de obrigação do espírita, que decorre da primeira e a completa, é a do exemplo, que é o melhor dos meios de propagação e de renovação. Disso advém a obrigação moral que tem o espírita de conformar sua conduta à sua crença e ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a humanidade.

IV – O Espiritismo não é senão a aplicação verdadeira dos princípios de moral ensinada por Jesus. Foi com o objetivo de fazê-la por todos compreendida que Deus permite as manifestações dos Espíritos. Ele vem, portanto, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior.

V – Nenhuma emanação fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar um sinal em qualquer parte. A *Balança da Justiça divina* não é senão uma figura que exprime que cada um de nossos atos, cada um dos nossos sentimentos é, de certo modo, o peso que carrega a alma e a impede de se elevar, ou o que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

VI – As obrigações impostas pelo Espiritismo são, pois, de natureza essencialmente moral; são uma consequência da crença; cada um é juiz e parte em sua própria causa; mas as claridades intelectuais que traz a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar por melhorar-se são tais, que amedrontam os pusilânimes, e por isto é ele rejeitado por tanta gente.

VII – Outras pessoas tratam de conciliar a reforma de que necessitam com as exigências da sociedade, do que resulta uma mistura heterogênea, uma falta de unidade, que faz da época atual um estado transitório.

VIII – Se a vida de um adepto da doutrina espírita for um belo modelo em que cada um possa achar bons exemplos e sólidas virtudes, e onde a dignidade se alie a uma graciosa amenidade, pode tal confrade rejubilar-se porque terá, em parte, compreendido as obrigações que o Espiritismo assinala aos seus verdadeiros adeptos. *(Págs. 156 a 159.)*

86. Extraído do jornal *Salut Public,* de Lyon, a **Revista** refere o caso de um criança de 4 anos e meio, filha de honestos operários de seda, domiciliados em Guillotière, que parecia carregar no último grau o instinto do incêndio. Aos dezoito meses sentia prazer em acender fósforos; aos dois anos punha fogo nos quatro cantos de um enxergão e dias antes tentou incendiar a alcova onde dormem seus pais. Depois de examinar as diversas teorias relativas à existência da alma e ao momento de sua criação, Kardec assevera que é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível do caso e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. As crianças que

têm instintivamente aptidões transcendentes para uma arte ou uma ciência, devem ter aprendido essas coisas em algum lugar. Se não foi nesta existência, deve ter sido em outra. Dá-se o mesmo com o progresso moral. Os vícios de que se desfez não aparecem mais; os que conservou se reproduzem, até que deles se corrija definitivamente. O homem nasce, pois, tal qual se fez a si próprio. *(Págs. 161 a 164.)*

87. Que se pode dizer do menino incendiário? Certamente ele nasceu com tal instinto porque foi incendiário em outra existência. Se esse instinto se manifesta de maneira tão precoce, é para cedo chamar a atenção para as suas tendências, a fim de que os pais e os responsáveis por sua educação procurem reprimi-las antes que se desenvolvam. Talvez ele mesmo tenha pedido que assim se desse e que nascesse numa família honrada, pelo desejo de progredir. *(Págs. 164 e 165.)*

88. Tendo sido o fato apresentado à Sociedade Espírita de Paris, quatro comunicações, concordantes entre si, foram recebidas, das quais a **Revista** publica duas. Eis de forma sucinta o que os Espíritos informaram:

> I – O passado da aludida criança tinha sido, efetivamente, horrível. Suas tendências atuais diziam bem quem foi seu Espírito, que reencarnara para expiar e, desse modo, lutar contra seus instintos incendiários.
>
> II – O conhecimento do Espiritismo seria um poderoso auxílio para seus pais, que não sabiam ainda como reprimir essa funesta inclinação.
>
> III – Os sábios da Terra se enganam quando tratam casos dessa natureza como se fossem um gênero de loucura. As inclinações perversas do menino eram, antes que uma doença, um reflexo de seus atos anteriores.
>
> IV – Além disso, era ele impulsionado por suas vítimas desencarnadas, porquanto, para satisfazer sua ambição, ele não recuou diante do incêndio, sacrificando os que lhe podiam, no passado, ser obstáculo.
>
> V – A criança estava, pois, sob a influência de Espíritos que não lhe perdoaram os tormentos que os fizeram sofrer e, por isso, se vingavam.
>
> VI – Deus, em sua soberana justiça, pôs ali o remédio ao lado do mal. O remédio estava em sua tenra idade e na boa influência do meio em que se achava. Era preciso, porém, fosse ele educado nos princípios do Espiritismo, em que colheria a força e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para triunfar. *(Págs. 165 a 167.)*

89. Diversos ensinamentos resultaram do estudo feito por Kardec a propósito de uma tentativa de assassinato de que fora vítima o czar Alexandre da Rússia. No momento do atentado, um jovem camponês chamado Joseph Kommissaroff interveio e evitou que o crime fosse consumado. Certos indícios precursores do crime foram mencionados por um jornal belga. Um deles teria sido a notícia de que o Espírito de Catarina II houvera avisado numa sessão espírita realizada em Heildelberg que o imperador estava ameaçado de um grande perigo. *(Págs. 167 e 168.)*

90. Kardec analisa o fato e faz interessantes observações sobre a intervenção da Providência nos acontecimentos de nossa vida, as quais procuramos sintetizar nos itens que se seguem:

> I – Muitos atribuirão ao acaso o surgimento do jovem camponês na cena do crime. O acaso, porém, não existe. Como a hora do czar não havia chegado, o moço foi escolhido para impedir a realização do crime, pois as coisas que parecem efeito do acaso estavam combinadas para levar ao resultado esperado.
>
> II – Os homens são os instrumentos inconscientes dos desígnios da Providência e é por eles que ela os realiza, sem haver necessidade de recorrer para tanto a prodígios.
>
> III – Se o jovem Kommissaroff tivesse resistido ao impulso recebido dos

Espíritos, estes se valeriam de outros meios para frustrar o crime e preservar a vida do czar.

IV – Uma mosca poderia picar a mão do assassino e desviá-la do seu objetivo; uma corrente fluídica dirigida sobre seus olhos poderia ofuscá-lo e assim por diante. Mas, se tivesse soado a hora fatal para o imperador russo, nada poderia preservá-lo. *(Págs. 168 e 169.)*

91. Levado o assunto a uma sessão espírita realizada em casa de uma família russa residente em Paris, o Espírito de Moki, por meio do sr. Desliens, explicou que mesmo na existência do mais ínfimo dos seres nada é deixado ao acaso: os principais acontecimentos de sua vida são determinados por sua provação; os detalhes, influenciados por seu livre arbítrio. Mas o conjunto da situação foi previsto e combinado antecipadamente por ele próprio e por aqueles que Deus predispôs à sua guarda. A escolha do jovem Kommissaroff fora uma recompensa à sua atitude de devotamento desinteressado. As honrarias e a fortuna que ele, em consequência de seu gesto, recebeu do czar, constituíam, no entanto, não apenas um prêmio, mas também uma prova – prova que, segundo Kardec, é cem vezes mais perigosa que as desgraças materiais, às quais a gente se resigna por força, ao passo que é bem mais difícil resistir às tentações do orgulho e da opulência. *(Págs. 169 a 171.)*

92. Durante uma doença que enfrentou em abril de 1866, Kardec teve um sonho bem estranho. Consultado por ele, o Espírito do dr. Demeure fez a respeito do assunto observações muito interessantes, adiante resumidas:

I – Há sonhos que resultam do próprio sofrimento experimentado pelos enfermos. Todas as vezes que há enfraquecimento do corpo, há tendência para o desprendimento do Espírito; mas, quando o corpo sofre, o desprendimento não se opera de maneira regular e normal; incessantemente o Espírito é chamado a seu posto; daí as interrupções e misturas que tornam confusas as imagens e as lembranças.

II – O caráter do sonho se liga, portanto, mais do que se pensa, à natureza da doença, porque se o estado do Espírito influi sobre a saúde, o estado do corpo reage sobre o Espírito.

III – O sonho de Kardec fora, na verdade, a imagem de uma reunião havida entre desencarnados que ali discutiam um assunto relacionado com invenções. O assunto nenhuma relação tinha com o Espiritismo: os Espíritos quiseram somente mostrar-lhe um fato comum, que é o encontro, no momento do sono, de pessoas que se dedicam na Terra a um mesmo objetivo. *(Págs. 171 a 173.)*

93. Dr. Demeure acrescentou que não existem descobertas por acaso. As coisas que nos parecem as mais fortuitas têm sua razão de ser, pois há inumeráveis inteligências ocultas que presidem a todas as partes do conjunto. Chegado o momento de uma descoberta, os elementos são postos à luz por essas mesmas inteligências. "Não", afirmou Demeure com toda a ênfase. "Não há acaso: tudo é inteligente na natureza." *(Págs. 173 e 174.)*

94. A 11 de maio de 1866 o Espírito do dr. Cailleux disse ter, dias atrás, entrado numa espécie de torpor, após o que, conservando a consciência de si próprio, se viu transportado no espaço e encontrado vários Espíritos que haviam, em vida, adquirido celebridade pelas descobertas que fizeram. *(Págs. 174 e 175.)*

95. Na sessão seguinte, dr. Cailleux informou que naquela oportunidade ele fora levado a um sono magnético-espiritual e, nesse estado, viu desdobrar-se o passado e as diferentes personalidades que seu Espírito havia animado, voltado sempre para os estudos e os trabalhos no âmbito da medicina. *(Págs. 175 e 176.)*

96. Comentando o assunto, Kardec observa:

I – Há, como se vê, para os Espíritos uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corporal e o espiritual.
II – Se há Espíritos que se sentem fatigados e experimentam a necessidade do repouso, nada há de estranho em que se deitem e durmam.
III – No sono dos encarnados, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme.
IV – Segundo um dos membros da Sociedade de Paris, deve dar-se o mesmo no estado espiritual: o sono magnético ou o sono comum deve afetar apenas o perispírito, ficando o Espírito num estado análogo ao do Espírito encarnado durante o sono corporal, isto é, com perfeita consciência de seu ser.
V – As diferentes encarnações do dr. Cailleux puderam então apresentar-se a ele como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos. *(N.R.: No livro "Nosso Lar", cap. 36, André relata um sonho que ele teve com sua mãe, no qual afirma ter a certeza de que deixara o veículo inferior – o corpo espiritual – no apartamento. A explicação do fato se encontra no estudo acerca do* ***corpo mental****, o envoltório sutil da mente, que André Luiz desenvolve no livro "Evolução em dois Mundos", primeira parte, cap. II, pp. 25 e 26.) (Págs. 176 e 177.)*

97. O Espírito do dr. Demeure explica por que, quando alguma coisa é pressentida pelo povo, geralmente se diz que ela *está no ar*. Esse pressentimento geral à aproximação de algum acontecimento grave tem duas causas. A primeira vem das massas de Espíritos que incessantemente percorrem o espaço e têm o conhecimento das coisas que se preparam. Eles incessantemente roçam a humanidade e lhe comunicam seus pensamentos pelas correntes fluídicas que ligam o mundo corporal ao mundo espiritual. A segunda causa reside no desprendimento do Espírito encarnado, durante o repouso do corpo, ocasião em que ele conversa com outros Espíritos e se penetra de seus pensamentos. Como ele fica sabendo de certas coisas, não consegue explicar. Uns dirão que uma voz interior lhes falou, outros que tiveram uma visão reveladora. *(Págs. 177 a 179.)*

98. Na seção de poesias, a **Revista** transcreve três poemas notáveis. O último, intitulado "A lagarta e a borboleta", é uma fábula que retrata muito bem a atitude dos que negam a alma e a imortalidade. *(Págs. 179 a 182.)*

99. Três comunicações mediúnicas integram também o número de junho de 1866, das quais extraímos de forma resumida os ensinamentos que se seguem:

I – Ao deixar a Terra, conforme as faculdades ali adquiridas, os Espíritos buscam o meio que lhes é próprio, a menos que, não podendo estar desprendidos, estejam na noite, nada vendo nem ouvindo.
II – Quando se prepara para reencarnar, o Espírito submete suas ideias às decisões do grupo a que pertence. O grupo discute o assunto, pesquisa, aconselha. O Espírito pode, então, aconselhado, esclarecido, fortificado, seguir, se quiser, seu caminho, ciente de que terá na jornada terrena uma multidão de Espíritos invisíveis que não o perderão de vista e o assistirão.
III – Algumas vezes Espíritos elevados passam a comunicar-se com menor frequência no grupo que assistem. Por que isso se dá? Duas são as causas para esse afastamento temporário, mas necessário. Primeiramente, é preciso dar ao grupo tempo para aplicar o que já lhe foi ensinado. Em segundo lugar, muitos dos conselheiros espirituais têm missões análogas junto a outros grupos, o que às vezes os impede de vir.
IV – Cada pessoa tem no mundo uma missão a cumprir. Seja em grande escala, seja em escala menor, Deus pedirá a todos contas do óbolo que

lhes foi entregue.

V – Nesse sentido, o dever dos espíritas é muito grande, porque o dom que lhes foi concedido é um dos soberanos dons de Deus. Sem se envaidecer por isto, devem os espíritas fazer todos os esforços para merecê-lo.

VI – Que ninguém reserve apenas para si esse talento, mas que o ofereça a todos os irmãos, trabalhando na seara espírita, sob a assistência dos Bons Espíritos, que jamais lhe faltará.

VII – Instruir os ignorantes, assistir os fracos, ter compaixão dos aflitos, defender os inocentes, lamentar os que estão no erro, perdoar aos inimigos – eis as virtudes que devem crescer em abundância no caminho do verdadeiro espírita. *(Págs. 182 a 188.)*

100. O advento da obra "*Os Quatro Evangelhos*", de J. B. Roustaing, é noticiado por Kardec, que fez sobre ela os seguintes reparos:

I – Seu autor tratou ali certas questões que ele (Kardec) não tinha julgado oportuno abordar ainda; por isso, até nova ordem, ele não daria às teorias nela contidas nem aprovação nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou as contraditar.

II – Convém considerar, portanto, essas explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, as quais necessitam da sanção do controle universal e, até mais ampla confirmação, não podem ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita.

III – Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, em nada diminuem a importância da obra, que, ao lado de coisas duvidosas, encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras.

IV – Kardec entendeu também que certas partes da obra foram desenvolvidas muito extensamente, sem proveito para a clareza. A seu ver, limitando-se ao estritamente necessário, ela poderia ter sido reduzida a dois, ou mesmo a um só volume, e teria ganho em popularidade. *(Págs. 188 a 190.)*

101. O número de junho traz como última informação o surgimento do jornal *La Voce di Dio* (A Voz de Deus), na Sicília, Itália, uma publicação consagrada exclusivamente ao ensino dos Espíritos. Kardec adverte, entretanto, que as comunicações mediúnicas só têm a ganhar quando puderem, conforme as circunstâncias e dentro do possível, ser acompanhadas de alguns comentários. *(Págs. 190 e 191.)*

Revista Espírita de 1866

(2ª Parte)

1. A **Revista** de julho de 1866 se inicia com um artigo de Kardec sobre a ideia de se criar uma caixa geral de socorro e outras instituições para os espíritas. No tocante à caixa geral de socorro, o codificador posiciona-se contra, dada a dispersão dos espíritas, então espalhados por muitos lugares, o que exigiria uma obra em alta escala, fato que tornava a ideia impraticável. Era preciso, primeiro, ao Espiritismo adquirir as forças necessárias para então dar mais do que podia naquele momento. Longe de servir ao Espiritismo, afirmou Kardec, seria expô-lo à chacota dos adversários misturar o seu nome a coisas quiméricas. *(Págs. 193 a 197.)*

2. Em seguida, disse o codificador que entre os espíritas reais – os que constituem o verdadeiro corpo dos aderentes – há certas distinções a fazer. Em primeira linha há que colocar os adeptos de coração, animados de fé sincera, que compreendem o objetivo e o alcance da doutrina e para quem o lado moral não é simples teoria: esforçam-se por pregar pelo exemplo; não só têm a coragem de sua opinião, mas a consideram uma glória. *(Pág. 198.)*

3. Vêm a seguir os que aceitam a ideia como filosofia, porque isso lhes satisfaz à visão, mas cuja fibra moral não é suficientemente tocada para compreender as obrigações que a doutrina impõe aos que a assimilam. O homem velho ainda ali está presente, e a reforma de si mesmo lhes parece tarefa muito pesada, embora entre eles possam encontrar-se propagadores e zelosos defensores. *(Pág. 198.)*

4. Depois há as pessoas levianas, para quem o Espiritismo está todo nas manifestações. Extasiam-se ante o fenômeno, mas ficam frias ante uma consequência moral. *(Págs. 198 e 199.)*

5. Há, enfim, o número muito grande de espíritas mais ou menos sérios, que não puderam colocar-se acima dos preconceitos e do que dirão, retidos pelo medo do ridículo; aqueles que considerações pessoais ou de família, e interesses por vezes respeitáveis, de certo modo forçam a manter-se afastados. Não se pode querer muito deles, porque é preciso uma força de caráter, que não é dada a todos, para enfrentar a opinião em certos casos. *(Pág. 199.)*

6. O Espiritismo, advertiu Kardec, não tem o privilégio de transformar subitamente a Humanidade e, se a gente pode admirar-se de uma coisa, é do número de reformas que ele já operou em tão pouco tempo. Por que isso se dá? É que enquanto há indivíduos onde ele encontra o terreno preparado, noutros ele só penetra gota a gota, conforme a resistência que encontra no caráter e nos hábitos arraigados. *(Pág. 199.)*

7. Uma observação interessante é a da proporção dos adeptos segundo as categorias mencionadas. Diz o codificador do Espiritismo que naquele momento (meados de 1866) havia apenas 10% de espíritas completos, de coração e devotamento, 25% de espíritas incompletos, que buscavam mais o lado científico que o lado moral e 30% de espíritas levianos, somente interessados nos fatos materiais. Os demais seriam espíritas não confessos ou que se ocultam. *(N.R.: O percentual destes últimos indicado na* **Revista** *é 60%, mas os números assim não fecham, o que indica que houve erro da editora com relação a esses números.) (Pág. 200.)*

8. Relativamente à posição social, dividindo-se as categorias em duas classes – ricos e trabalhadores –, o quadro seria este: em 100 espíritas da primeira categoria, haveria 5 ricos e 95 trabalhadores; na 2ª categoria, 70 ricos para 30 trabalhadores; na 3ª categoria, 80 ricos para 20 trabalhadores; na 4ª, 99 ricos para 1 trabalhador. Sem dizer como esses números foram obtidos, Kardec explica que a diferença na proporção entre os que são ricos e os que não o são decorre do fato de que os aflitos

acham no Espiritismo uma imensa consolação, que os ajuda a suportar o fardo das misérias da vida. "Assim", diz Kardec, "não é surpreendente que, gozando mais benefício, o apreciem mais e o tomem mais a sério do que os felizes do mundo." *(Pág. 200.)*

9. O que disse sobre a criação de uma caixa geral e de socorro, Kardec estendeu à ideia de se fundarem estabelecimentos hospitalares e outros, cuja manutenção exigiria pessoal capaz e suficiente e recursos financeiros vultosos, muito acima das possibilidades dos espíritas de seu tempo. Sua ideia muito clara era que se deviam investir recursos na propagação da doutrina espírita, porque onde as ideias espíritas penetram os abusos caem e o progresso se realiza. "É necessário", diz ele, "empenhar-se, pois, em as espalhar: aí está a coisa possível e prática, a verdadeira alavanca, alavanca irresistível quando se tiver adquirido a força suficiente pelo desenvolvimento completo dos princípios e pelo número dos aderentes sérios." *(Pág. 201.)*

10. Kardec indaga, então: "Por que, então, gastar energias em esforços supérfluos, em vez de as concentrar num ponto acessível e que seguramente deve conduzir ao objetivo?" "Mil adeptos ganhos para a causa e espalhados em mil lugares diversos apressarão mais a marcha do progresso do que um edifício." *(Págs. 201 e 202.)*

11. Considerando que um projeto de formação de uma caixa de socorro entre os espíritas de uma mesma localidade seria coisa viável – ou menos quimérica –, Kardec adverte que o Espiritismo não forma nem deve formar classe distinta, pois se dirige a todos, e por seu princípio deve estender a caridade indistintamente, sem inquirir da crença, porque todos os homens são irmãos. *(Págs. 202 e 203.)*

12. O codificador, encorajando as obras de beneficência coletiva, afirma que essa tem vantagens incontestáveis e, longe de a censurar, a incentivava. "Nós a conhecemos em Paris, nas Províncias e no Estrangeiro", revelou Kardec. "Lá, membros dedicados vão a domicílio inquirir dos sofrimentos e levar o que às vezes vale mais do que os socorros materiais: as consolações e o encorajamento. Honra a eles, porque bem merecem do Espiritismo! Que cada grupo assim haja em sua esfera de atividade e todos juntos realizarão maior soma de bens do que uma caixa central quatro vezes mais rica." *(Págs. 203 e 204.)*

13. Relatório dirigido ao Imperador pelo ministro da Agricultura, Comércio e Trabalhos Públicos, sobre o estado de alienação mental na França, publicado no *Moniteur* de 16/4/1866, desmente formalmente as acusações lançadas pelos adversários do Espiritismo, que eles acusam de ser causa preponderante da loucura. A **Revista** transcreve os números, que indicam que 60% dos casos eram atribuídos a causas físicas. Entre os 40% atribuídos a causas morais, os pesares domésticos constituíram cerca de um quarto das ocorrências. *(Págs. 204 a 210.)*

14. Comentando a notícia, Kardec lembra que, entre as causas morais minuciosamente relatadas pelo ministro, o Espiritismo não figurava nominalmente, nem por alusão, o que constituía a mais peremptória resposta que se podia dar aos que acusam o Espiritismo de ser a causa preponderante da loucura. *(Págs. 210 e 211.)*

15. A **Revista** noticia o falecimento do literato e poeta Joseph Méry, morto em Paris aos 67 anos e meio de idade, em junho último. O sr. Méry não era adepto do Espiritismo, mas espírita por intuição, porque, além de acreditar nos princípios da doutrina, afirmava com toda a convicção ter vivido em Roma ao tempo de Augusto, na Alemanha e nas Índias. *(Págs. 211 a 214.)*

16. Poucos dias após seu falecimento, o sr. Méry comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris, quando revelou que a morte foi para ele de uma doçura inefável e confirmou ter sido, sim, espírita de coração e de espírito, embora não houvesse se

engajado na tarefa espírita. *(Págs. 214 a 216.)*

17. Tratando do tema identidade dos Espíritos, Kardec reitera que a identidade não pode ser constatada com certeza senão para os Espíritos partidos recentemente. Quanto aos que deixaram a Terra há mais tempo, ela não pode ser atestada de maneira absoluta. *(Págs. 216 e 217.)*

18. Além disso, há na faculdade mediúnica uma infinita variedade de nuanças que tornam o médium apto ou impróprio à obtenção de determinados efeitos que, à primeira vista, parecem idênticos e, no entanto, dependem de influências fluídicas diferentes. "O médium é como um instrumento de cordas múltiplas: não pode dar pelas cordas que faltam", explica Kardec, que menciona a respeito um fato muito interessante. *(Págs. 217 e 218.)*

19. As provas de identidade quase sempre vêm espontaneamente, quando menos se espera, ao passo que são dadas raramente quando pedidas. Capricho da parte do Espírito? Não. Ocorre aí como na fotografia, onde uma simples variação na intensidade ou na direção da luz basta para impedir a reprodução da imagem. *(Págs. 218 e 219.)*

20. As relações fluídicas que devem existir entre o Espírito e o médium jamais se estabelecem completamente no primeiro contato; a assimilação só se faz com o tempo e gradualmente. Quando seus fluidos estão identificados, as comunicações se dão naturalmente. *(Pág. 219.)*

21. Um Espírito, mesmo canonizado em vida, pode dar-se a qualificação de santo, sem faltar à humildade? Kardec explica: "A canonização não implica a santidade, no sentido absoluto, mas simplesmente um certo grau de perfeição. Para alguns a qualificação de santo tornou-se uma espécie de título banal, fazendo parte integrante do nome, para distinguir de seus homônimos, ou se lhes dá por hábito". Dito isto, o codificador não via nada de mais em Santo Agostinho e São Luís assinarem dessa forma suas comunicações. *(Págs. 220 e 221.)*

22. Referindo-se no mesmo comentário ao Espírito de Verdade, Kardec diz que essa qualificação pertence a um único Espírito e pode ser considerada como um nome próprio. Está especificada no Evangelho. Aliás, acrescenta o codificador, esse Espírito se comunica raramente e apenas em circunstâncias especiais. *(Pág. 221.)*

23. Um leitor questiona o fato de ter sido o Espírito do dr. Cailleux posto em estado magnético para ver desenrolar-se à sua frente o quadro de suas existências passadas. O fato não parece contradizer o item 243 d'O Livro dos Espíritos? Kardec diz que não, pois, ao contrário, vem confirmar a possibilidade, para o Espírito, de conhecer suas existências passadas. "O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; apenas apresenta as bases e os pontos fundamentais, que se devem desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação", asseverou Kardec. Ele ensina que a alma vê suas migrações passadas, mas não diz quando nem como isto se dá. Nos Espíritos atrasados, a visão é limitada ao presente e se desenvolve com a inteligência e à medida que adquirem consciência de sua situação. *(Págs. 221 e 222.)*

24. O número de julho de 1866 se encerra com uma poesia – "A prece pelos Espíritos" – de Casimir Delavigne. *(Pág. 223.)*

25. Maomé e o Islamismo constituem o tema do artigo de abertura do número de agosto, no qual Kardec apresenta um conjunto de informações que nos permitem conhecer em sua essência a vida e a obra do autor do Alcorão. Ei-las, de forma sintética:

> I) Desde muito tempo a Arábia era povoada por várias tribos, quase todas nômades e perpetuamente em guerra umas contra as outras.
>
> II) Os rebanhos eram sua principal fonte, mas algumas se davam ao comércio, realizado por caravanas que partiam anualmente do Sul com

destino à Síria ou à Mesopotâmia.

III) As caravanas pouco se afastavam das bordas do mar e as principais seguiam o Hidjaz, região que forma, às margens do Mar Vermelho, uma faixa estreita, numa extensão de quinhentas léguas (o vocábulo Hidjaz significa barreira e se dizia da cadeia de montanhas que borda essa região e a separa do resto da Arábia).

IV) Os pontos de estação das caravanas, que paravam nos lugares onde havia água e árvores, tornaram-se centros onde, pouco a pouco, se formaram cidades, das quais as principais, no Hidjaz, são Meca e Medina.

V) A maior parte dessas tribos pretendia descender de Abraão, que era tido, por isso, em grande honra entre eles.

VI) Entre eles havia uma crença de que a famosa fonte de Zemzem, no vale de Meca, era a que Gabriel tinha feito jorrar quando Agar, perdida no deserto, ia morrer de sede com seu filho Ismael.

VII) A tradição dizia ainda que Abraão, tendo vindo ver seu filho exilado, havia construído com as próprias mãos, perto dessa fonte, a Caaba, uma casa de nove côvados de altura por 32 de comprimento e 22 de largura, a qual, religiosamente conservada, tornou-se um lugar de grande devoção, sendo um dever visitá-la.

VIII) As caravanas paravam ali naturalmente e os peregrinos aproveitavam sua companhia para viajar com mais segurança.

IX) A peregrinação a Meca existia desde tempos imemoriais. Maomé apenas conservou e tornou obrigatório o costume. A Caaba é hoje rodeada por uma mesquita.

X) No princípio a religião dos árabes consistia na adoração de um Deus único, a cuja vontade o homem deve ser completamente submisso.

XI) Essa religião, que era a de Abraão, chamava-se Islam e os que a professavam diziam-se Muçulmanos, isto é, submetidos à vontade de Deus; mas, pouco a pouco, o puro Islam degenerou em grosseira idolatria. Cada tribo tinha seus deuses e seus ídolos e isso foi a causa de muitas e longas guerras entre elas.

XII) Havia, porém, em certas tribos homens piedosos que adoravam a Deus único e repeliam o culto dos ídolos. Chamados Hanyfas, eram eles os verdadeiros muçulmanos, que conservavam a fé pura do Islam, embora fossem pouco numerosos e com escassa influência sobre as massas.

XIII) Maomé nasceu em Meca a 27 de agosto de 570 da Era Cristã. Pertencia a uma família poderosa e considerada, da tribo dos Coraychitas, uma das mais importantes da Arábia e supostamente descendente em linha reta de Ismael.

XIV) Seu pai morreu dois meses antes de seu nascimento, e sua mãe o deixou órfão com a idade de seis anos. Seu avô Abd-el-Mutalib, que o estimava muito, morreu também dois anos depois, de tal forma que, apesar da posição que sua família havia ocupado, Maomé passou a infância e a juventude num estado próximo ao da miséria.

XV) Com a morte do avô, ele foi recolhido pelos tios, cujos rebanhos pastoreou até a idade de vinte anos. *(Págs. 225 a 230.)*

26. Maomé tinha o espírito meditativo e sonhador e um caráter de uma solidez e maturidade tão precoces, que seus companheiros o designavam pelo sobrenome de *El-Amin*, "o homem seguro, o homem fiel". Mesmo quando jovem e pobre, convocavam-no às assembleias da tribo para os negócios mais importantes. Fazia parte, então, de uma associação formada entre as principais famílias coraychitas,

cujo objetivo era prevenir as desordens da guerra, proteger os fracos e lhes fazer justiça. *(Págs. 230.)*

27. Aos vinte e cinco anos casou-se com sua prima Khadidja, viúva e rica, quinze anos mais velha do que ele. Essa união, que foi sempre feliz, durou 24 anos e só terminou com a morte da esposa, aos 64 anos. *(Pág. 231.)*

28. Depois da morte de Khadidja seus costumes mudaram e Maomé desposou várias mulheres: teve doze ou treze em casamentos legítimos e deixou, ao morrer, nove viúvas. *(Pág. 231.)*

29. Até os quarenta e nove anos, quando morreu Khadidja, sua vida pacífica nada apresentara de saliente. Apenas um fato o tirou um instante da obscuridade. Foi quando, estando Maomé com 35 anos, os coraychitas resolveram reconstruir a Caaba, que ameaçava ruína. Sua intervenção numa polêmica suscitada na época satisfez a todos. Aos 40 anos, no monte Hira, teve ele uma visão durante o sono: o anjo Gabriel lhe apareceu mostrando-lhe um livro que o aconselhou a ler. Três vezes resistiu a essa ordem e só para escapar ao constrangimento sobre ele exercido é que consentiu em o ler. Ao despertar, disse ter sentido "que um livro tinha sido escrito em seu coração", frase posteriormente tomada ao pé da letra por seus seguidores. *(Págs. 231 e 232.)*

30. Maomé ficou profundamente perturbado em sua visão e, tendo voltado ao monte Hira, presa da mais viva agitação, julgou-se possuído por Espíritos malignos e ia precipitar-se do alto de um rochedo quando uma voz se fez ouvir: "Ó Maomé! tu és enviado de Deus; eu sou o anjo Gabriel!" Então, levantando os olhos, viu o anjo sob forma humana, que desapareceu pouco a pouco no horizonte. Essa nova visão aumentou-lhe a perturbação, embora a esposa se esforçasse por acalmá-lo. Varaka, primo dela, velho afamado por sua sabedoria e converso ao Cristianismo, lhe disse: "Se o que acabas de dizer é verdade, teu marido foi visitado pelo grande *Nâmous*, que outrora visitou Moisés; ele será profeta deste povo". *(Pág. 232 e 233.)*

31. A missão de Maomé não foi, pois, um cálculo premeditado de sua parte, porque ele mesmo só se convenceu depois de nova aparição do anjo. Nesse período, ele era sujeito a desfalecimentos e síncopes. O Alcorão não é uma obra escrita por Maomé com a cabeça fria e de maneira continuada, mas o registro feito por seus amigos das palavras que pronunciava quando inspirado. Nesses momentos, ele caía num estado extraordinário e apavorante; o suor corria-lhe da fronte; os olhos tornavam-se vermelhos; ele soltava gemidos e a crise terminava geralmente por uma síncope que durava mais ou menos tempo, estando ele em casa, montado em seu camelo ou em meio à multidão. "A inspiração", diz Kardec, "era irregular e instantânea, e ele não podia prever o momento em que seria tomado." *(Pág. 233.)*

32. Mais tarde, quando tomou a sério seu papel de reformador, Maomé falava mais com conhecimento de causa e misturava às inspirações o produto de seus próprios pensamentos, conforme os lugares e as circunstâncias, acreditando, talvez de boa-fé, falar em nome de Deus. *(Págs. 233 e 234.)*

33. Esses fragmentos destacados e recolhidos em diversas épocas, em número de 114, formam no Alcorão as suratas ou capítulos. Esparsos durante sua vida, foram reunidos após sua morte num corpo oficial de doutrina, pelos cuidados de Abu-Becr e de Omar. Os mais diferentes assuntos são aí tratados, e apresentam uma tal confusão e tão numerosas repetições, que uma leitura seguida é penosa e fastidiosa para quem quer que não seja um fiel. *(Pág. 234.)*

34. Segundo a crença vulgar, tornada artigo de fé, as páginas do Alcorão foram escritas no céu e trazidas prontas a Maomé pelo anjo Gabriel. *(Pág. 234.)*

35. As primeiras prédicas de Maomé foram secretas durante os primeiros dois anos, em que ele se ligou a cerca de 50 adeptos, entre membros de sua família e

amigos. Aos 43 anos começou a pregar publicamente, realizando-se dessa forma a predição feita por Varaka. Fundada na unidade de Deus e na reforma de certos abusos, como a idolatria, sua religião foi repelida pelos Coraychitas, guardas da Caaba e do culto nacional. A princípio o tacharam de louco; depois o acusaram de sacrilégio. Amotinando o povo, perseguiram-no e com tal violência que, por duas vezes, seus partidários tiveram de buscar refúgio na Abissínia. *(Pág. 234.)*

36. Maomé, no entanto, opunha aos ultrajes a calma, o sangue-frio e a moderação. Como sua seita crescia, seus adversários, não podendo reduzi-la pela força, resolveram desacreditá-la pela calúnia. Como ele resistisse a tudo, seus inimigos recorreram, por fim, aos conluios para o matar, e ele só escapou fugindo. Foi então que se refugiou em Medina em 622, e é desta época que data a Hégira, ou era dos muçulmanos. Uma nova fase iniciou-se então em sua vida, porquanto de simples profeta que era foi constrangido a tornar-se guerreiro. *(Págs. 234 e 235.)*

37. A **Revista** transcreve parte da obra *Os Profetas do Passado*, escrita pelo sr. Barbey d'Aurévilly, que lamenta no livro não ter a Inquisição queimado, não os escritos, mas o corpo de Lutero. Se isto houvesse ocorrido, "o mundo estaria salvo pelo menos por um século", escreveu o sr. d'Aurévilly. *(Págs. 235 e 236.)*

38. Kardec tece a respeito várias considerações e mostra a inutilidade dos crimes cometidos pela Igreja, porque foram precisamente esses abusos que geraram as reformas que a Inquisição tanto desejou conter. A morte de Lutero não deteria o movimento de que foi ele o instigador, porque as ideias novas germinam, fervem em muitas cabeças e é por isso que encontram eco na sociedade. Se os reformadores só exprimissem as suas ideias pessoais, não reformariam absolutamente nada. *(Págs. 236 a 238.)*

39. No caso da reforma, sabe-se que Lutero não foi o primeiro nem o único a propô-la, pois houve antes dele inúmeros apóstolos da ideia, como Wicklef, João Huss e Jerônimo de Praga, os dois últimos levados à fogueira por ordem do concílio de Constança. Os homens foram, sim, destruídos, mas não suas ideias, retomadas mais tarde e modificadas em alguns detalhes por Lutero, Calvino e outros. Conclui-se, portanto, que a morte de Lutero em nada prejudicaria o movimento, porque outros, sem nenhuma dúvida, o levariam até o fim. *(Pág. 238.)*

40. Kardec comenta as chamadas visões da senhora Cantianille, relatadas pelo padre Thorey, vigário da catedral de Sens, no livro intitulado *Relações maravilhosas da senhora Cantianille com o mundo sobrenatural*. No correr da obra, Cantianille revela como se tornou membro e presidente de uma sociedade de Espíritos em 1840, durante sua passagem por um convento católico, mas Kardec considera suas visões puramente fantásticas, visto que a alma não pode ver o que não existe. *(Págs. 239 a 242.)*

41. Na sequência, Kardec reporta-se às criações fluídicas e seus princípios e refere vários casos de aparições em que os Espíritos portavam objetos diversos. Assevera o codificador:

> I) No mundo invisível tudo é, se assim podemos dizer, matéria intangível, isto é, intangível para nós encarnados, mas tangível para os seres desse mundo.
>
> II) Tudo é fluídico nesse mundo, e as coisas fluídicas são aí reais.
>
> III) O pensamento é capaz de impor modificações ao elemento fluídico, modelando-o à vontade, como os homens, modelando a argila, podem fazer uma estátua.
>
> IV) A rainha de Oude, embora desencarnada, se via com suas joias. Para isto bastava-lhe um ato do pensamento, sem que, o mais das vezes, se desse conta da maneira como a coisa se opera.

V) Nos seus momentos de emancipação, a alma encarnada pode, de igual forma, produzir efeitos análogos. Pode estar aí a causa das visões fantásticas. Estando o Espírito fortemente imbuído de uma ideia, seu pensamento pode criar uma imagem fluídica que a espelhe, a qual terá para ele todas as aparências da realidade, tão bem quanto o dinheiro que Pierre Legay pensava manipular na vida espiritual, embora estivesse desencarnado. *(Págs. 242 a 244.)*

42. Podem colocar-se na mesma categoria as visões da irmã Elmerick, que dizia ter visto todas as cenas da Paixão do Cristo e encontrado o cálice no qual Jesus bebera. Ela provavelmente tenha visto esse e outros objetos que descreveu, mas pelos olhos da alma, e certamente uma imagem fluídica deles, criada por seu pensamento. *(Pág. 244.)*

43. Pode uma criança de sete anos, ao desencarnar, tornar-se guia espiritual de sua mãe? Sim; pelo menos é o que informa mensagem mediúnica, transcrita pela **Revista**, na qual o próprio Espírito da criança informa que o primeiro anjo de guarda de sua mãe permaneceu nessa tarefa até que ele o substituísse. *(Págs. 244 e 245.)*

44. Por que as mães que choram com a ausência de seus filhos desencarnados não conseguem comunicar-se com eles, mesmo em sonho? Kardec explica que, além da falta de aptidão especial, que não é concedida a todos, há por vezes motivos que só a Providência conhece. Nas pessoas de caráter fraco, essas comunicações reavivam a dor, em vez de a acalmar. Para outras pessoas, o impedimento constitui muitas vezes uma prova para a fé e a perseverança. As mesmas razões ocorrem no que concerne aos sonhos, embora aí, muitas vezes, a pessoa apenas não guarde a lembrança de um encontro ocorrido. *(Págs. 246 e 247.)*

45. O Espírito de Moki confirma que os Espíritos, mesmo chegados ao grau máximo de perfeição, jamais poderão igualar-se ao Criador. Dois são os motivos: I) Até as ciências reconhecem que a parte jamais poderá igualar o todo. II) A natureza de Deus é um obstáculo intransponível a que isso se realize. *(Págs. 248 e 249.)*

46. A **Revista** transcreve notícia do periódico *Le Salut Public*, de Lyon, de 3/6/1866, segundo a qual a rainha Vitória, da Inglaterra, acreditando obedecer à voz do falecido príncipe Alberto, tudo estava fazendo para evitar o conflito austro-prussiano. Kardec lembra que em março de 1864 a **Revista** já havia informado que, segundo notícia publicada na época por diversos jornais, a rainha Vitória mantinha contato com o Espírito de Alberto e levava a sério os conselhos que dele recebia. *(Págs. 249 e 250.)*

47. Dois poemas mediúnicos, um assinado pelo Espírito de J. Méry e outro por Casimir Delavigne, são transcritos pela **Revista**, cujo número de agosto de 1866 traz como derradeira notícia referência a uma Cantata Espírita, letra e música de conteúdo espírita, mas não mediúnicas. A 1 franco e 50, a venda da canção se fazia em benefício dos pobres. *(Pág. 255.)*

48. A **Revista** de setembro de 1866 se inicia relatando a passagem dos irmãos Davenport por Bruxelas, onde suas apresentações ocorreram pacificamente, sem as cenas lamentáveis que se registraram em Paris. Do jornal *Office de Publicité*, de Bruxelas, Kardec transcreve dois artigos assinados pelo sr. Bertram, publicados nos dias 8 e 22 de julho. *(Págs. 257 e 258.)*

49. Com um tom irônico, Bertram descreve o que viu, mas diz que, a seu ver, o que os Espíritos têm dito nas sessões espíritas são coisas sabidas há muito tempo e para obtê-las não haveria necessidade de evocar tantos mortos ilustres. Nada, porém, escreveu contra a veracidade dos fenômenos. *(Págs. 258 a 262.)*

50. Depois, ao transcrever carta de um leitor que fez vários elogios ao Espiritismo e à mudança que ele produziu em sua vida, o sr. Bertram declarou: "Jamais fiz

objeção à moral espírita; ela é pura. Os espíritas são honestos e benfeitores: seus donativos para as creches mo provaram. Se se apegam aos seus Espíritos superiores e inferiores, não vejo nisso inconveniente. É uma questão entre o seu instinto e a sua razão". *(Págs. 262 a 264.)*

51. Comentando o fato, Kardec diz que se o sr. Bertram houvesse lido os livros espíritas com a atenção necessária saberia que os espíritas não são tão simplórios a ponto de evocar o Judeu Errante e Dom Quixote (personagens sem existência real, a não ser em livros). Quanto à ancianidade da moral dos Espíritos, o codificador não vê nisso nada de surpreendente, visto que, não sendo a moral senão a lei de Deus, essa lei deve ser de toda a eternidade, não havendo nada que o homem possa acrescentar-lhe. *(Págs. 265 a 267.)*

52. Concluindo seu comentário, Kardec concorda com a tese de que não é no armário dos irmãos Davenport que encontraremos a doutrina espírita, embora suas demonstrações houvessem feito com que muitos, inclusive o sr. Bertram, falassem dos Espíritos, mesmo sem acreditar neles. *(Pág. 268.)*

53. É um fato constatado, diz Kardec na sequência, que a crítica ao Espiritismo, desde os seus primórdios, mostrou a mais completa ignorância de seus princípios, ainda os mais elementares, situação que começava a ser alterada naquele momento. "Não o acham mais tão estranho e tão ridículo", assevera o codificador, "porque o conhecem melhor." *(Págs. 268 e 270.)*

54. Em apoio a essa ideia, Kardec transcreve um artigo publicado em maio de 1866 no jornal *Soleil*, no qual o articulista trata o Espiritismo com maior profundidade e respeito, como se pode ver no trecho seguinte: "Se jamais houve uma doutrina consoladora, certamente é esta: a individualidade conservada além do túmulo, a promessa formal de uma outra vida, que é realmente a continuação da primeira. A família subsiste, a afeição não morre com a pessoa; não há separação. Cada noite, no sul e no oeste da França, as reuniões espíritas atentas tornam-se mais numerosas. Oram, evocam, creem. Gente que não sabia escrever, escreve; sua mão é guiada pelo Espírito". *(Págs. 270 e 271.)*

55. Apesar dessas referências elogiosas, o artigo ironiza de certo modo a obra *Os Quatro Evangelhos*, do sr. Roustaing, embora lembre que o sr. Renan, conhecido escritor e autor dos *Apóstolos*, faz nessa obra numerosas alusões à nova doutrina, cuja importância parecia não desconhecer. *(Pág. 271.)*

56. Não era, porém, apenas na Europa que os jornais davam uma melhor acolhida aos fatos espíritas. A 15 de junho de 1866 o jornal *Progrès Colonial*, de Port-Louis, na Ilha Maurícia, publicou uma mensagem assinada pelo Espírito de Lázaro, antecedida por uma nota em que o editor informa que seu jornal recebia todos os dias duas ou três comunicações semelhantes, as quais só não haviam sido publicadas porque o jornal não tinha ainda condições de consagrar um lugar "a essa coisa extraordinária chamada Espiritismo". *(Pág. 273.)*

57. Comentando notícia divulgada pelo jornal *Événement*, de 2 de agosto de 1866, Kardec recomenda mais uma vez que se deve evitar atribuir a uma causa oculta fatos aparentemente espíritas. É preciso investigar todas as possibilidades, porque, existindo uma causa material, sempre se pode descobri-la. A dúvida é em tais casos, diz Kardec, "o partido mais sábio". *(Págs. 274 e 275.)*

58. Toda a cautela se fazia necessária, porque os adversários do Espiritismo, supondo que ele se encontra inteiramente nos efeitos físicos e não pode viver sem isto, imaginavam matá-lo desacreditando-o ou pondo-o em condições ridículas. Os jornais da América não ficavam atrás nisso, como se pode ver no relato da execução de um condenado à morte ocorrida em Cleveland, Ohio, o qual, antes de morrer, falou sobre a imortalidade da alma e sobre o Espiritismo. Suas palavras produziram profunda

impressão sobre o auditório, do que teriam resultado singulares efeitos, como visões do falecido relatadas com evidente exagero pelo jornal *Herald*, de Cleveland. *(Págs. 277 e 278.)*

59. Outro fato destacado pela imprensa americana é o caso de Tom, um jovem negro de 17 anos, cego de nascença, dotado de um maravilhoso instinto musical. Tom viu pela primeira vez um piano aos 4 anos e desde então, segundo o *Harpers Weekly*, de Nova York, fez progressos tão rápidos e admiráveis que o piano se fez eco de tudo o que ele ouvia. Agora, ele tocava a mais difícil música dos grandes autores com uma delicadeza de toque, um poder e uma expressão raramente ouvidas. *(Pág. 279.)*

60. Como em Filadélfia, setenta professores de música, após ouvi-lo, admitiram formalmente ser impossível explicar tal talento por qualquer das hipóteses que podem fornecer as leis da arte e da ciência, Kardec esclarece que o fato encontra explicação na doutrina da reencarnação, porquanto uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão uma lembrança intuitiva de conhecimentos anteriormente adquiridos. *(Págs. 279 a 281.)*

61. Pode um sonho tornar grisalhos os cabelos de uma pessoa? O fato teria ocorrido na Bretanha, segundo informou o *Petit Journal* de 14 de maio de 1866. Kardec admite que isso ocorra em razão dos laços fluídicos que unem a alma ao corpo e transmitem a este as impressões que a alma sinta quando dele esteja afastada. Isso se verifica durante o sono, mas a alma não se dá conta dessa separação. Na visão do engenheiro que teve os cabelos encanecidos, havia duas partes distintas: uma, real e positiva, constatada pela exatidão da planta da mina onde certamente esteve durante a noite; a outra, puramente fantástica: a do perigo que correu. Esta poderia ser efeito da lembrança de um acidente real ou uma advertência para o futuro. *(Págs. 282 a 285.)*

62. Kardec refere um exemplo da impressão que se pode conservar das sensações já experimentadas. Uma senhora quando passava em certa rua tinha a impressão de que seria jogada num abismo. A explicação: ela fizera parte de um grupo de pessoas que concorreram para a defesa da cidade contra os ingleses, quando todas haviam sido precipitadas nos fossos existentes então em Ruão. O fato é relatado na história dessa cidade. *(Pág. 285.)*

63. Um fato de vidência numa criança de quatro anos, verificado em Caen, motivou Kardec a informar que a mediunidade de vidência é muito comum nas crianças, e isto é providencial. "Ao sair da vida espiritual", diz o codificador, "os guias da criança acabam de a conduzir ao porto de desembarque para o mundo terreno, como vêm buscá-la em seu retorno. A elas se mostram nos primeiros tempos, para que não haja transição muito brusca; depois se apagam pouco a pouco, à medida que a criança cresce e pode agir em virtude de seu livre arbítrio." *(Págs. 286 e 287.)*

64. A **Revista** de outubro inicia-se com um artigo intitulado "Os tempos são chegados", em que Kardec diz que de todos os lados ouvia-se a informação de que grandes acontecimentos se realizariam para a obra de regeneração da Humanidade. Eis de forma resumida os pontos principais do referido artigo:

> I) A Terra, como tudo o que existe, está submetida à lei do progresso. Fisicamente, ela progride pela transformação dos elementos que a compõem. Moralmente, pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes, o que leva à depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que a povoam.
>
> II) Esses dois progressos se seguem e marcham em paralelo, porque a perfeição da habitação está em relação com o habitante.
>
> III) O progresso se realiza de duas maneiras: uma lenta, gradativa e insensível; outra por mudanças mais bruscas, em que se opera um

movimento mais rápido, que marca, por caracteres marcantes, os períodos progressivos da Humanidade.
IV) Esses movimentos, subordinados nos *detalhes* ao livre-arbítrio dos homens, são de certo modo fatais em seu conjunto, porque submetidos a leis.
V) O movimento progressivo da Humanidade é, pois, inevitável, porque está na natureza e, além disso, Deus vela incessantemente pela execução de suas leis e encarrega os Espíritos, seus ministros, dos detalhes, conforme as atribuições afetas ao seu grau de adiantamento.
VI) A Humanidade realizou ao longo dos séculos incontestáveis progressos, mas resta-lhe ainda fazer com que reine no mundo a caridade, a fraternidade e a solidariedade, para assim assegurar o seu bem-estar moral.
VII) Esse é o período em que o planeta vai entrar e que marcará uma das fases principais da história da Humanidade, porque não se trata de uma mudança parcial, limitada a um único país ou povo, mas um movimento universal que se opera no sentido do *progresso moral*.
VIII) O progresso individual e o progresso geral jamais são estéreis, porque aproveitam às gerações e às individualidades futuras, que não são outra coisa senão as individualidades passadas chegadas a um mais alto grau de adiantamento.
IX) Os homens não viverão felizes na Terra senão quando a solidariedade de todos para com todos e a fraternidade tiverem entrado em seus corações e em seus costumes, porque então sujeitarão a eles suas leis e instituições.
X) A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social, mas não existirá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada em base inabalável, que é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas, mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres.
XI) Nesse movimento regenerador, o Espiritismo tem um papel considerável. Pela prova que ele traz das verdades fundamentais, ele enche o vazio que a incredulidade faz nas idéias e nas crenças; pela certeza que dá de um futuro conforme à justiça de Deus, ele tempera os amargores da vida e evita os funestos efeitos do desespero.
XII) Ele não diz: *Fora do Espiritismo não há salvação*, mas apoiado no Cristo: *Fora da caridade não há salvação*, princípio de união e tolerância que ligará os homens num sentimento comum de fraternidade, em vez de os dividir em seitas inimigas.
XIII) Com este outro princípio: *Não há fé inabalável senão a que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade,* destrói o império da fé cega, que aniquila a razão, e da obediência passiva, que embrutece.
XIV) Consequente consigo mesmo, não se impõe; diz o que é, o que quer, o que dá, e espera que a ele venham livremente, voluntariamente; quer ser aceito pela razão e não pela força. Respeita todas as crenças sinceras e não combate senão a incredulidade, o egoísmo, o orgulho e a hipocrisia, chagas da sociedade e os mais sérios obstáculos ao progresso moral.
XV) Não é o Espiritismo que cria a renovação social: é a maturidade da

Humanidade que faz desta renovação uma necessidade. Por seu poder moralizador, por suas tendências progressivas, pela amplidão de suas vistas, pela generalidade das questões que abarca, o Espiritismo é, mais que qualquer outra doutrina, apto a secundar o movimento regenerador, e é por isto que é seu contemporâneo. *(Págs. 289 a 301.)*

65. Em seguida a esse artigo, a **Revista** transcreve duas comunicações mediúnicas obtidas em abril e setembro de 1866 versando o mesmo tema examinado por Kardec, das quais extraímos os pontos que se seguem:

I) Os acontecimentos se precipitam com rapidez; assim não dizemos mais, como outrora: "Os tempos estão próximos"; mas sim: "Os tempos estão chegados".

II) Não olheis o céu, para aí buscar sinais precursores, pois não os vereis; mas olhai em torno de vós, entre os homens; é aí que os encontrareis.

III) Não acrediteis, entretanto, no fim do mundo material; a Terra deve progredir e não ser destruída.

IV) Chegada a um de seus períodos de transformação, a Terra vai elevar-se na hierarquia dos mundos. Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho, do fanatismo que se esboroa.

V) A Terra não será transformada por um cataclismo, que aniquilará subitamente uma geração. A geração atual desaparecerá gradualmente, e a nova a sucederá, sem que nada seja mudado na ordem natural das coisas, com uma única diferença: uma parte dos Espíritos que aí se encarnavam não mais nela se encarnarão.

VI) Essa exclusão atingirá apenas os Espíritos fundamentalmente rebeldes, aqueles que o orgulho e o egoísmo, mais que a ignorância, tornam surdos à voz do bem e da razão.

VII) Um dos caracteres distintivos da nova geração será a fé inata, fé raciocinada, que esclarece e fortifica, e une a todos num sentimento comum de amor a Deus e ao próximo.

VIII) O Espiritismo é a via que conduz à renovação, porque arruína os dois maiores obstáculos que a ela se opõem: a incredulidade e o fanatismo, e dá uma fé sólida e esclarecida, desenvolvendo todos os sentimentos e todas as ideias que correspondem às vistas da nova geração. Por isso, ele se tornará a base de todas as crenças, o ponto de apoio de todas as instituições.

IX) A regeneração da Humanidade não necessita, porém, da renovação integral dos Espíritos: basta uma modificação em suas disposições morais, o que se opera em todos os que a isto forem predispostos, quando subtraídos à influência perniciosa do mundo. *(Págs. 301 a 311.)*

66. As extraordinárias curas do zuavo Jacob, objeto de reportagem publicada pelo *Écho de l'Aisne*, de 1º de agosto de 1866, são relatadas pela **Revista**, que informa que as curas promovidas no campo de Châlons pelo sr. Jacob foram também divulgadas pela *Presse Illustrée* e pelo *Petit Journal*. *(Pág. 311.)*

67. Segundo as notícias, os enfermos vinham de todos os lados e eram tratados em grupo de 25 a 30 por vez. À voz, ao olhar, ao toque do sr. Jacob, que sempre recusou qualquer espécie de remuneração, subitamente os surdos ouviam, os mudos falavam, os coxos largavam suas muletas. *(Pág. 312.)*

68. Kardec, que conhecia pessoalmente o sr. Jacob, explica o mecanismo dessas curas e, após afirmar que tal faculdade não é privilégio de um único indivíduo, pois muitos a possuem, junta aos seus comentários informações muito interessantes

sobre os resultados obtidos pelo notável curador. Os dados lhe foram enviados pelo sr. Boivinet, colega da Sociedade Espírita de Paris radicado em Aisne. O número de enfermos atendidos até então por Jacob era estimado em 4.000 pessoas, das quais 1.000 (1/4 do total) não obtiveram qualquer resultado, 750 foram curadas e 2.250 apenas aliviadas. *(Págs. 313 a 315.)*

69. Depois de referir curas diversas realizadas pelo zuavo, a **Revista** explica como o médium procedia. Primeiramente ele introduzia os doentes numa sala, à base de dezoito ou mais pessoas por vez, dependendo das dimensões do local; os que vinham de longe eram convidados a entrar primeiro. Todos permaneciam em silêncio, porque ele dizia que quem conversasse seria posto na rua. Ao cabo de dez ou 15 minutos de silêncio, Jacob dirigia-se a alguns doentes e, sem nada perguntar, lhes dizia o que sofriam. Depois, passeando ao longo da mesa em redor da qual os doentes ficavam sentados, ele falava a todos e os tocava, mas sem os gestos usados pelos magnetizadores. Em seguida, despedia-os, dizendo a uns: "Estais curados"; a outros: "Apenas tendes fraqueza"; e a outros, mais raramente: "Nada posso por vós". Aos que faziam menção de lhe agradecer, respondia que nada havia a agradecer e, às vezes, dizia: "Vossos agradecimentos? Dirigi-os à Providência". *(Págs. 316 a 318.)*

70. Em nota aposta às informações do sr. Boivinet, Kardec afirma que as curas do sr. Jacob eram realmente autênticas e, louvando a conduta do curador, assevera que o que constitui um mérito real no médium, o que se deve e pode louvar com razão, é o emprego que faz de sua faculdade; é o zelo, o devotamento, o desinteresse com os quais a põe a serviço daqueles a quem ela pode ser útil; é ainda a modéstia, a simplicidade, a abnegação, a benevolência que respiram em suas palavras e que suas ações justificam, porque essas qualidades lhe pertencem. "Assim", acrescenta o codificador do Espiritismo, "não é o médium que se deve pôr num pedestal, do qual poderá descer amanhã: é o homem de bem, que sabe tornar-se útil sem ostentação e sem proveito para a sua vaidade." *(Págs. 318 a 320.)*

71. O número de novembro de 1866 começa com novo artigo de Kardec sobre Maomé e o Islamismo, do qual extraímos de forma resumida as informações que se seguem:

> I) Foi em Medina que Maomé mandou construir a primeira mesquita, em que trabalhou com as próprias mãos e organizou um culto regular. Ali ele pregou pela primeira vez em 623.
>
> II) Dois anos após instalar-se em Medina, os Coraychitas de Meca, unidos a outras tribos hostis, sitiaram a cidade. Maomé teve de defender-se, iniciando-se para ele um período guerreiro, que durou dez anos e durante o qual se mostrou um tático hábil.
>
> III) Como a guerra era o estado normal daqueles povos, que só conheciam o direito da força, ao chefe era necessário o prestígio da vitória para firmar sua autoridade. A persuasão exercia efeito reduzido sobre aquela gente turbulenta e uma grande mansuetude teria sido tomada como fraqueza. É por isso que, mesmo sem querer, o grande líder fez-se guerreiro.
>
> IV) O sucesso de Maomé em tantas batalhas foi realmente notável, pois, com exceção de um dos primeiros combates, em 625, em que foi ferido e os muçulmanos derrotados, suas armas foram sempre vitoriosas, a ponto de em poucos anos submeter a Arábia inteira à sua lei.
>
> V) Maomé pôde, então, entrar triunfalmente em Meca, após dez anos de exílio, seguido por perto de cem mil peregrinos, realizando ali a célebre peregrinação dita de *adeus,* cujos ritos os muçulmanos conservaram escrupulosamente, porque no mesmo ano, dois meses depois de seu

regresso a Medina, em 8 de junho de 632, ele morreu. *(Págs. 321 e 322.)*

72. Sobre Maomé e sua obra, Kardec destaca outros pontos importantes:

I) É um equívoco, disseminado pelos adversários de Maomé, apresentá-lo como um indivíduo ambicioso, sanguinário e cruel.

II) Também não se deve torná-lo responsável pelos excessos de seus sucessores, que pretenderam conquistar o mundo para a fé muçulmana de espada em punho.

III) Maomé, mesmo em meio aos seus sucessos, havendo chegado ao topo de sua glória, fechou-se no seu papel de profeta, sem jamais usurpar uma autoridade temporal despótica: não se fez rei, nem potentado e jamais se manchou, na vida privada, por nenhum ato de barbárie ou de cupidez.

IV) Se o papel de guerreiro lhe foi uma necessidade e se esse papel pode escusá-lo de certos atos políticos, há, no entanto, alguns senões que ele poderia ter evitado, como a consagração da poligamia em sua religião, que foi o seu mais grave erro, pois isso opôs uma barreira entre o Islamismo e o mundo civilizado.

V) Permitindo quatro mulheres legítimas, Maomé esqueceu que, para que sua lei se tornasse a da universalidade dos homens, era preciso que o sexo feminino fosse ao menos quatro vezes mais numeroso que o masculino.

VI) Mau grado as suas imperfeições, o Islamismo não deixou de ser um grande benefício para a época em que apareceu e para o país onde surgiu, porque fundou o culto da unidade de Deus sobre as ruínas da idolatria. A religião cristã tinha muitas sutilezas metafísicas, por isso é que todas as tentativas para a implantar nessas regiões tinham falhado.

VII) Compreendendo os homens de seu tempo, Maomé deu-lhes uma religião apropriada às suas necessidades e ao seu caráter.

VIII) Bastante simples, o Islamismo prega a crença num Deus único, que vê nossas ações mais secretas e que premia ou castiga, numa outra vida, os atos que cometemos.

IX) O culto islâmico consiste na prece, repetida cinco vezes por dia, nos jejuns e mortificações do mês de *ramadân,* e em certas práticas, como as abluções diárias, a abstenção do vinho, das bebidas inebriantes e da carne de certos animais.

X) A sexta-feira foi adotada como o dia santo da semana e Meca indicada como o ponto para o qual todo muçulmano deve voltar-se ao orar.

XI) A atividade pública nas mesquitas consiste em preces em comum, sermões, leitura e explicação do Alcorão.

XII) A circuncisão não foi instituída por Maomé, mas por ele conservada, por ser prática comum dos árabes desde tempos imemoriais.

XIII) A proibição de reproduzir pela pintura ou escultura qualquer ser vivo foi feita visando a destruir a idolatria e impedir que ela se renovasse.

XIV) A peregrinação a Meca, que todo fiel deve realizar ao menos uma vez na vida, é um ato religioso, mas seu objetivo na época era aproximar, por um laço fraternal, as diversas tribos inimigas, reunindo-as num mesmo lugar consagrado.

XV) A religião muçulmana admite o Antigo Testamento por inteiro, até mesmo Jesus, que reconheceu como profeta. Segundo Maomé, Moisés e Jesus foram enviados por Deus para ensinar a verdade aos homens. Como os Dez Mandamentos, o Evangelho é a palavra de Deus, mas os cristãos

teriam alterado o seu sentido. *(Págs. 322 a 325.)*

73. No último discurso que pronunciou em Meca, pouco antes de sua morte, Maomé aconselhou seus seguidores a que fossem humanos e justos, guardando-se de cometer injustiça, porque um dia todos apareceremos diante do Senhor e ele pedirá contas de nossas ações. *(Pág. 325.)*

74. Finalizando o artigo sobre o grande líder árabe, Kardec reproduz o elogio que o historiógrafo alemão G. Weil fez, em sua obra *Mohammet der Prophet*, de Maomé e sua obra, seguido de diversas passagens textuais do Alcorão, extraídas da tradução de Savary. *(Págs. 325 a 337.)*

75. Das suratas selecionadas por Kardec, eis algumas frases marcantes que permitem aquilatar o valor da referida obra: "Deus não exigirá de nós senão conforme as nossas forças." "Jamais digas: Farei isto amanhã, sem acrescentar: se for a vontade de Deus." "Deus exalta as boas obras, mas pune rigorosamente o celerado que trama perfídias." "Nada no céu e na terra pode opor-se às vontades do Altíssimo." "Jesus é filho de Maria, enviado do Altíssimo e seu Verbo." "Crede em Deus e nos apóstolos; mas não digais que há uma trindade em Deus. Ele é uno." "Os que sustentam a trindade de Deus são blasfemos; há apenas um só Deus." "Se te acusarem de imposturas, responde-lhes: Tenho por mim as minhas obras; que as vossas falem em vosso favor." "Fazei prece, dai esmolas; o bem que fizerdes encontrareis junto a Deus, pois ele vê as vossas ações." "Para ser justificado não basta virar o rosto para o Oriente e para o Ocidente; é preciso ainda crer em Deus, no juízo final, nos anjos, no Alcorão, nos profetas. É preciso pelo amor de Deus socorrer o próximo, os órfãos, os pobres, os viajantes, os cativos e os que demandam." "Se vosso devedor tem dificuldade em vos pagar, perdoai-lhe o tempo; ou se quiserdes fazer melhor, perdoai-lhe a dívida." "A vingança deve ser proporcional à injúria; mas o homem generoso que perdoa tem sua recompensa assegurada junto a Deus, que odeia a violência." "Deus ama a beneficência." "Os jardins do Éden serão a habitação dos justos."*(Pág. 326 a 337.)*

76. Reportando-se à Sociedade Espírita de Paris, Kardec diz que a última sessão do ano, antes das férias, foi uma das mais notáveis porque, pela primeira vez, se verificou com o sr. Morin, médium da Sociedade, um fenômeno espontâneo de sonambulismo mediúnico. Havendo adormecido sob a influência dos Espíritos, ele falou então com calor e eloquência sobre um assunto de alta seriedade. Em outubro, na reabertura das sessões, repetiu-se o fenômeno com dois outros médiuns: a sra. C... e o sr. Vavasseur. Kardec refere, na sequência, os fatos que se deram naquela oportunidade e que muito o impressionaram. *(Págs. 337 a 341.)*

77. Tais fatos, observa Kardec, confirmavam as previsões dos Espíritos concernentes às novas formas que não tardaria a tomar a mediunidade. "O estado de sonambulismo espontâneo, no qual se desenvolve, ao mesmo tempo, a mediunidade falante e a vidente, é, com efeito, uma faculdade nova", acrescenta o codificador. Era, porém, uma modalidade de fenômeno que exigia, para desenvolver-se em todo o seu brilho, um ambiente favorável, visto que uma corrente fluídica contrária bastaria para a alterar. *(Pág. 342.)*

78. Assim, essas espécies de fenômenos não se prestam *absolutamente* a exibições públicas, em que a curiosidade é o sentimento dominante, quando não o da malevolência. Por isso mesmo, requerem da parte dos assistentes uma excessiva prudência, porquanto nesses momentos a alma se liga ao corpo apenas por um fio frágil. *(Pág. 342.)*

79. Kardec examina, no mesmo artigo, os fenômenos de êxtase, que, constituindo o mais alto grau de emancipação da alma, exige maiores precauções do que no estado de sonambulismo. O codificador adverte que o desprendimento

proporcionado pelo êxtase é um estado fisiológico sujeito a erros. Não se deve, pois, crer que as visões e as revelações do êxtase sejam sempre a expressão da verdade. *(Págs. 343 a 346.)*

80. A **Revista** volta a tratar das curas realizadas pelo sr. Jacob, retificando alguns dados constantes do artigo anteriormente publicado sobre o zuavo curador. O codificador aproveita o ensejo para explicar que existe uma diferença radical entre os médiuns curadores e os receitistas. Os primeiros curam apenas pela ação fluídica, em mais ou menos tempo, às vezes instantaneamente, sem o emprego de qualquer remédio. O poder curativo está todo no fluido depurado a que servem de condutores. A aptidão para curar é inerente ao médium, mas o exercício da faculdade só se dá com o concurso dos Espíritos, de onde se segue que, se os Espíritos não querem, o médium é como um instrumento sem músico e nada obtém. Ele pode, pois, perder instantaneamente a sua faculdade, o que exclui a possibilidade de transformá-la em profissão. *(Págs. 347 e 348.)*

81. Kardec relaciona, a seguir, os casos em que a ação fluídica é impotente para promover a cura. Compreende-se, diz o codificador, que a ação fluídica possa dar sensibilidade a um órgão, fazer dissolver e desaparecer um obstáculo ao movimento e à percepção, cicatrizar uma ferida, porque nesses casos o fluido torna-se um verdadeiro agente terapêutico; mas é evidente que não pode remediar a ausência ou a destruição de um órgão, o que seria um verdadeiro milagre. Assim, a vista poderá ser restaurada a um cego por amaurose, oftalmia, belida ou catarata, mas não a quem tivesse os olhos estalados. Existem, pois, doenças fundamentalmente incuráveis e seria ilusão crer que a mediunidade curadora vá livrar a Humanidade de todas as suas enfermidades. *(Págs. 348 e 349.)*

82. Opera-se com a ação fluídica uma verdadeira reação química, análoga à produzida por certos medicamentos. Atuando o fluido como agente terapêutico, sua ação varia conforme as propriedades que recebe das qualidades do fluido pessoal do médium. Essa ação pode ser enérgica e poderosa em certos casos e nula em outros. É por isso que os médiuns curadores podem ter especialidades: este curará as dores, ou endireitará um membro, mas não restituirá a vista a um cego, e reciprocamente. *(Pág. 349.)*

83. A faculdade é completamente diferente na obsessão, e a faculdade de curar não implica a de libertar os obsidiados. O fluido curador age materialmente sobre os órgãos afetados, ao passo que na obsessão é preciso agir moralmente sobre o Espírito obsessor; necessário ter autoridade sobre ele, para o fazer largar a presa. São duas aptidões distintas que nem sempre se encontram na mesma pessoa. O concurso do fluido curador torna-se necessário quando, o que é bastante frequente, a obsessão se complica com afecções orgânicas. *(Pág. 349.)*

84. A mediunidade curadora não vem suplantar a medicina e os médicos; vem simplesmente provar a estes que há coisas que eles não sabem e convidá-los a estudá-las, porquanto o elemento espiritual, que ignoram, não é uma quimera e, bem considerado, pode abrir novos horizontes à ciência. *(Págs. 349 e 350.)*

85. Dependendo a mediunidade de cura de uma disposição orgânica, muitas pessoas a possuem, ao menos em germe. Se todos os que desejam possuí-la a pedissem com fervor e perseverança pela prece, e com um objetivo exclusivamente humanitário, é provável que desse concurso sairia mais de um verdadeiro médium curador. Mas, pela natureza de seus efeitos, a mediunidade de cura exige imperiosamente o concurso de Espíritos depurados, que não poderiam ser substituídos por Espíritos inferiores. *(Pág. 351.)*

86. Há, pois, para o médium de cura a necessidade absoluta de se conciliar o concurso dos Espíritos superiores, senão, em vez de crescer, sua faculdade declina e

desaparece pelo afastamento dos bons Espíritos. A primeira condição para isto é trabalhar em sua própria depuração, a fim de não alterar os fluidos salutares que está encarregado de transmitir. Essa condição não pode ser executada sem o mais completo desinteresse material e moral. O primeiro é mais fácil; o segundo é mais raro. *(Pág. 352.)*

87. Muitos médiuns têm caído em razão de se deixarem dominar pelo orgulho e pela vaidade. Os Espíritos explicaram a Kardec por que tais sentimentos impedem o crescimento dessa faculdade e prejudicam o seu exercício. A razão é simples: o poder de curar independe da vontade do médium, mas dependem do médium as qualidades que podem tornar esse poder frutuoso e durável. Essas qualidades são, sobretudo, o devotamento, a abnegação e a humildade, enquanto que o egoísmo, o orgulho e a cupidez opõem obstáculos às mais belas faculdades. *(Pág. 353.)*

88. O verdadeiro médium curador é movido pelo único desejo do bem. É humilde de coração, não inveja ninguém e não tem a pretensão de se julgar infalível. À influência material junta a influência moral, auxiliar poderoso, que dobra a sua força. Por sua palavra benevolente, encoraja, levanta o moral, faz nascer a esperança e a confiança em Deus. Assim é o médium curador amado pelos bons Espíritos, que só se ligam aos que se mostram dignos de sua proteção. *(Págs. 354 e 355.)*

89. O número de novembro encerra-se com uma nota sobre a campanha em favor dos inundados iniciada em outubro pela Sociedade Espírita de Paris. As subscrições, que deveriam ser feitas no escritório da **Revista**, foram abertas com uma doação de 300 francos. *(Pág. 355.)*

90. A **Revista** de dezembro de 1866 apresenta os pormenores do curioso caso ocorrido em 1816, à época de Luís XVIII, envolvendo o médium Thomas-Ignace Martin, um pequeno trabalhador do burgo de Gallardon, situado a quatro léguas de Chartres. Nascido em 1783, Martin tinha 33 anos quando se deram os acontecimentos. *(Págs. 357 e 358.)*

91. O caso pode ser assim resumido: A 15 de janeiro de 1816, estando o médium ocupado em apagar uma queimada num campo nas proximidades de Gallardon, apareceu-lhe um vulto que, mais tarde, se identificou como sendo o anjo Rafael. Esse Espírito iria aparecer e desaparecer diversas vezes, até que Martin atendesse ao seu pedido: levar ao rei um recado cujo teor ele somente saberia no momento da visita. O cura de Gallardon, cientificado das aparições, julgou dever dirigir-se ao seu bispo em Versalhes, o que fez com que as autoridades francesas se inteirassem da história, que parecia não ter qualquer nexo. Com a evolução do caso, o arcebispo de Reims se interessou pelo assunto e foi ele quem propôs ao rei receber Martin. A 2 de abril o médium foi levado à presença real e realizou-se então o encontro tão insistentemente proposto pelo anjo Rafael. O que se disse ali não vem ao caso, exceto que as palavras proferidas por Martin, sob a influência do notável mensageiro espiritual, comoveram o rei a ponto de o fazer chorar muito, porque ele próprio declarou mais tarde que as coisas que lhe tinham sido reveladas só eram conhecidas por ele (Luís XVIII) e por Deus. Logo que Martin terminou sua fala, o rei lhe disse que o anjo Rafael era o mesmo que conduziu o jovem Tobias a Rages. Depois perguntou-lhe qual das mãos o anjo havia apertado. Martin respondeu: "Esta", mostrando a direita. O rei da França a segurou, dizendo: "Que eu toque a mão que o anjo apertou. Ore sempre por mim". *(Págs. 358 a 368.)*

92. Depois da conversa com Luís XVIII, a qual durou ao menos 55 minutos, o médium não mais viu o Espírito de Rafael, mas desenvolveu outra faculdade: tornou-se auditivo. A **Revista** refere fragmentos de três cartas por ele escritas ao cura de Gallardon, revelando alguns fatos de audição mediúnica, conquanto Martin não tivesse visto ninguém nem soubesse dizer quem lhe falara. *(Págs. 368 e 369.)*

93. Comentando os fatos, Kardec observa que há mais de uma similitude entre eles e os de Joana d'Arc, não quanto à importância dos resultados, mas à causa do fenômeno, que é exatamente a mesma. Como Joana, Martin foi advertido por um ser do mundo espiritual para ir falar ao rei com o objetivo de salvar a França de um perigo, e não foi sem dificuldade que chegou até ele. A diferença entre as duas manifestações é que Joana d'Arc apenas ouvia a voz que a aconselhava, enquanto Martin via o indivíduo que lhe falava, não em sonho, mas durante a vigília. E o mensageiro tinha a aparência de um ser vivo, como um agênere, embora se dissesse anjo. *(Págs. 369 a 371.)*

94. Martin, assevera o codificador, era um médium inconsciente, dotado de uma aptidão de que se serviram os Espíritos para chegar a um resultado determinado. O Espírito que se intitulou *anjo* Rafael disse-lhe expressamente: "Eu me sirvo de você para abater o orgulho da incredulidade", mostrando que certas missões são conferidas a pessoas simples e pequeninas que, dada a sua suposta pequenez, nem imaginam possam servir-lhes de instrumento. É que se um indivíduo, seja ele quem for, tiver uma missão real a cumprir, será posto em condições de a realizar, por circunstâncias que terão a aparência de um efeito do acaso, o que levou Kardec a advertir: "Desconfiai das missões assinadas e pregadas por antecipação, porque não passam de engodos para o orgulho; as missões se revelam por fatos." *(Págs. 370 e 371.)*

95. A **Revista** transcreve do jornal *La Verité*, de Lyon, de 21 de outubro de 1866, um artigo sobre as curas obtidas no ano de 1829 pelo príncipe Hohenlohe, cujas faculdades mediúnicas oferecem um exemplo notável dos fatos que foram observados antes do advento da Doutrina Espírita. Em Wurtzbourg, cidade localizada na Baviera, o príncipe invocava sobre os enfermos que o buscavam as graças divinas, e eles eram curados de repente. Sua fama, por causa disso, espalhou-se logo e muitas curas extraordinárias foram anotadas por testemunhas idôneas, como o sr. Scharold, conselheiro de legação na mencionada cidade. *(Págs. 371 a 374.)*

96. Treze casos referidos pelo sr. Scharold são descritos no artigo. O mais notável deles se deu na casa do sr. Reinach, deão do capítulo, onde morava uma princesa de 17 anos de idade: Mathilde de Schwartzemberg. Havia dois anos que a jovem não conseguia andar, apesar de tratada pelos médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria. O príncipe Hohenlohe perguntou-lhe se tinha fé que Jesus poderia curá-la. Ela disse que sim. O príncipe então pediu-lhe que orasse do fundo do coração e pusesse sua confiança em Deus. Quando terminou a oração, ele lhe deu sua bênção e informou: "Vamos, princesa, levantai-vos; agora estais curada e podeis andar sem dores". *(N.R.: Deão: dignitário eclesiástico; coordenador de um grupo de párocos. Capítulo: assembleia de religiosos.) (Pág. 374.)*

97. As outras curas obtidas pelo príncipe Hohenlohe trataram de fatos diversos: surdez, paralisia dolorosa, cegueira, aleijão na mão direita, paralisia de braço, paralisia de perna, mudez, aleijão nas pernas, língua presa, aleijão em braços e pernas. *(Págs. 375 e 376.)*

98. Em outubro de 1866, na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito do príncipe de Hohenlohe, valendo-se da mediunidade do sr. Desliens, explicou que a faculdade de que fora dotado era, efetivamente, a mediunidade de cura: "Eu era instrumento; os Espíritos agiam e, se algo eu pude, não foi certamente senão por meu grande desejo de fazer o bem e pela convicção íntima que a Deus tudo é possível". *(Pág. 377.)*

99. De referida comunicação extraímos mais os seguintes ensinamentos: I) A mediunidade curadora foi exercida em todos os tempos e por indivíduos pertencentes às diferentes religiões. II) A faculdade curadora pode existir em pessoas indignas, mas não é nem poderia ser senão passageira. É um meio enérgico de lhes abrir os olhos:

tanto pior para os que teimam em conservá-los fechados. III) Há apenas uma maneira de exercer bem a faculdade de médium curador: é ficar modesto e puro e referir a Deus e às potências que dirigem a faculdade tudo o que se realiza. IV) Não existe um método especial para se adquirir essa faculdade: todo o mundo pode, em certa medida, adquiri-la e, agindo em nome de Deus, cada um fará as suas curas. V) Os *privilegiados* aumentarão em número à medida que a doutrina espírita se vulgarizar; é que haverá então mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados. *(Págs. 378 e 379.)*

100. O caso da senhorita Dumesnil, de 13 anos, uma jovem dotada da singular faculdade de atrair a si os móveis e outros objetos postos a certa distância e, pelo simples contato, erguer uma cadeira na qual estivesse sentada uma pessoa, é focalizado pela **Revista**, que informa que vários jornais divulgaram tais fatos. Ocorre que seus pais, pessoas pobres, imaginando ter ali uma fonte de fortuna, instalaram a menina no Grand-Hotel, cenário ideal para a exibição pública dos seus dotes, projeto que se frustrou porque os fenômenos não dependiam da vontade dela e só raramente se repetiam ante o público. *(Págs. 379 a 382.)*

101. Kardec conclui que a jovem era médium e, desse modo, para que os fenômenos ocorressem, se fazia necessário o concurso dos Espíritos, sem o qual o médium mais bem-dotado nada pode obter. O codificador observa que, a rigor, nada naquele caso atestava de modo ostensivo a intervenção dos Espíritos, a não ser a impotência da moça de agir à sua vontade. A faculdade era dela; o exercício da faculdade podia depender de uma vontade estranha. Era o que o desfecho do caso estava a indicar. *(Págs. 382 e 383.)*

102. Em um longo artigo sobre a presença das ideias espíritas na imprensa laica, Kardec, após citar alguns exemplos do fato, afirma: "Por mais que digam e façam, as ideias espíritas estão no ar; vêm à luz de qualquer maneira, sob a forma de romances ou de pensamentos filosóficos, e a imprensa as acolhe desde que não seja pronunciado o nome Espiritismo". *(Págs. 383 a 388.)*

103. Comentando notícia sobre as exéquias do sr. Pagés, a quem a Igreja recusou sepultamento, sob o pretexto de que se tratava de pessoa adepta do Espiritismo, Kardec reproduz carta do mencionado confrade em que este explica a importância que o Espiritismo teve em sua vida. "O Espiritismo", escreveu ele, "me fez o efeito de uma cortina que se levanta para nos mostrar uma decoração magnífica. Hoje vejo claro; o futuro não é mais duvidoso e estou muito feliz." A recusa da Igreja afetou penosamente a população de El-Afroun, onde o sr. Pagés, um dos mais antigos habitantes da aldeia, era estimado por todos e, apesar disso, foi discriminado unicamente por ser espírita. *(Págs. 388 e 389.)*

104. A **Revista** reproduz artigo publicado na Bélgica em setembro de 1866 no qual o autor critica de forma pejorativa Santo Agostinho e um de seus textos. Kardec deplora o fato e lembra que, apesar de certos erros manifestos existentes em sua obra, resultado do estado dos conhecimentos científicos de seu tempo, Santo Agostinho "é universalmente considerado como um dos gênios, uma das glórias da humanidade". *(Págs. 390 e 391.)*

105. Na seção de livros novos, Kardec menciona a obra *Novos Princípios de Filosofia Médica*, escrita pelo dr. Chauvet, de Tours, na qual o autor insere de forma clara o princípio espiritualista, demonstrando a existência do princípio espiritual que há em nós e sua conexão com o organismo. Do ponto de vista filosófico, assevera Kardec, a obra do dr. Chauvet era uma das primeiras aplicações à ciência positiva das leis reveladas pelo Espiritismo e só por esse motivo tinha já seu lugar marcado nas bibliotecas espíritas. *(Págs. 391 e 392.)*

106. O outro livro referido na seção é *Os Dogmas da Igreja de Cristo Explicados*

pelo Espiritismo, escrito por Apolon de Boltinn, radicado na Rússia, obra escrita com prudência, moderação, método e clareza, em que o autor faz um estudo aprofundado das Escrituras e dos teólogos da Igreja latina e da Igreja grega. *(Págs. 392 e 393.)*

107. Fechando o número de dezembro, a **Revista** consigna quatro notícias:

I) A retomada das publicações da Union Spirite Bordelaise, que haviam sido interrompidas por doença de seu diretor.

II) O preparo de uma coletânea poética produzida mediunicamente pelo sr. Vavasseur, que logo estaria nas livrarias.

III) Um aviso sobre as renovações de assinaturas da Revista Espírita para 1867.

IV) A notícia do falecimento de três amigos de Kardec: a sra. Dozon, o sr. Fournier e o sr. D'Ambel, este último antigo diretor do jornal *Avenir*. *(Págs. 393 a 395.)*

1. Abrindo o número de janeiro de 1867, Kardec pede aos seus irmãos em crença que tenham coragem e perseverança, porque se aproximava o momento das grandes provas. É nas grandes provas, diz o Codificador, que se revelam as grandes almas. E é também aí que se revelam os corações verdadeiramente espíritas, pela coragem, resignação, devotamento, abnegação e caridade de que dão exemplo. *(Págs. 1 e 2.)*

2. Escrevendo sobre a expansão do movimento espírita na Europa, Kardec diz que quando uma coisa está certa, e é chegado o momento de sua eclosão, ela marcha a despeito de tudo. O Espiritismo ia assim avançando, à semelhança de um curso d'água que se infiltra na terra e abre uma passagem à direita se o barram à esquerda. Um fato notório observado por Kardec é que, no seu conjunto, a marcha do Espiritismo não havia sofrido até então nenhuma parada, embora ela tivesse se tornado menos rápida. *(Págs. 2 e 3.)*

3. Duas grandes correntes de ideias dividiam a sociedade da época: o Espiritismo e o materialismo. Minoritário, o materialismo havia tomado grande extensão nos últimos anos. Kardec os classifica, em artigo transcrito na **Revista,** em diversos grupos. *(Págs. 4 a 7.)*

4. Kardec entendia, então, que certas pessoas, enquanto viverem, jamais aceitarão, aberta ou tacitamente, o Espiritismo, como há os que jamais aceitarão certos regimes políticos. Mas isso não importa, porque o Espiritismo marcha com o futuro e, como não se apoia em dogmas, nada tem a temer. *(Págs. 7 e 8.)*

5. O espírita deve, diante de seus oponentes, esforçar-se em mostrar por seu próprio exemplo o que a doutrina espírita é. Não basta dizer-se espírita. Aquele que o é de coração prova-o por seus atos. Não pregando a doutrina senão o bem, o respeito às leis, a caridade, a tolerância e a benevolência com todos, e repudiando toda violência feita à consciência alheia, aquele que não se afasta da linha traçada não pode incorrer em censuras fundadas nem em perseguições legais. É que diante do bem a própria incredulidade trocista se inclina. E é dessa forma que o Espiritismo atravessará as tempestades que serão amontoadas em sua estrada e sairá triunfante de todas elas. *(Págs. 8 e 9.)*

6. Um fato importante observado por Kardec diz respeito às reuniões espíritas realizadas na intimidade das famílias, as quais se haviam multiplicado consideravelmente em Paris e nas principais cidades, em razão do aumento do número de médiuns e de adeptos. O ano recém-findo viu também realizadas certas previsões feitas pelos Espíritos, como a expansão da mediunidade curadora, que se revelou em plena luz e por meio de muitas pessoas. Em certos grupos manifestavam-se numerosos casos de sonambulismo espontâneo, de mediunidade falante, de segunda

vista e de outras variedades medianímica que forneceram úteis assuntos de estudo. Não havia, pois, motivos para pessimismo. *(Págs. 9 e 10.)*

7. Os pensamentos espíritas corriam o mundo – afirmou Kardec, mencionando frases e comentários extraídos da imprensa laica, como a revista *Siècle* de 2 de dezembro de 1866. Ele examina então a popularização pela imprensa da crença na reencarnação, um dos princípios fundamentais do Espiritismo, que constitui, por si só, a negação do materialismo e do panteísmo. *(Págs. 10 a 12.)*

8. Outro princípio espírita – o da manifestação dos Espíritos entre os homens – também ocupou o noticiário de janeiro. Curiosamente, o padre V..., cura da igreja de Saint-Vincent de Paul, no sermão pronunciado em novembro de 1866, fazendo o elogio do patrono da paróquia, disse: "O Espírito de São Vicente de Paulo está aqui, eu o afirmo, meus irmãos: está em meio a nós; plaina sobre esta assembleia; vê-nos e nos ouve; eu o sinto perto de mim, que me inspira". *(Pág. 12.)*

9. Kardec comenta essa declaração e esclarece que o fato era plenamente possível, porque o Espírito possui um corpo incorruptível, que o reveste após a morte corporal e pode, portanto, fazer-se visível. A esse corpo o Espiritismo dá o nome de perispírito, que é um dos elementos constitutivos do ser humano. Trata-se do mesmo corpo espiritual a que Paulo de Tarso alude numa de suas cartas aos coríntios. É com esse corpo que os Espíritos podem manifestar-se em nosso meio. Sobre o assunto Kardec menciona trecho de um livro sobre o magnetismo publicado em 1842 pelo sr. Charpignon, em que o autor se reporta explicitamente ao perispírito. *(Págs. 12 e 13.)*

10. Sob o título ***Os romances espíritas***, a **Revista** relaciona diversas obras – romances e peças – publicadas na França em que o tema central eram os fenômenos ou as ideias espíritas. Eis os romances citados no artigo: *Spirite*, de Théophile Gautier (romance já referido anteriormente e que recebeu no Brasil o título de *O Ignorado Amor*); *La double vue (A dupla vista)*, de Elie Berthet; *La seconde vie*, de X. B. Saintine; *Séraphita*, de Balzac; *Consuelo*, *Drag* e *Comfesse de Rudolfstade*, de George Sand; *Histoires de l' autre monde, racontées par des Esprits*, do sr. de Germonville; *Nouveaux Mystères de Paris*, de Aurélien Scholl; e *L'Assassinat du Pont-Rouge (O Assassinato da Ponte-Vermelha)*, de Charles Barbara. *(Págs. 14 a 21.)*

11. Quem lê o romance do sr. Charles Barbara imagina que ele tenha sido espírita fervoroso. Entretanto não o era. Barbara morreu numa casa de saúde, ao atirar-se pela janela num acesso de febre cerebral. Fora um suicídio, atenuado pelas circunstâncias, assunto a que o próprio Barbara se referiu em uma comunicação dada na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas pouco tempo depois de seu falecimento. *(Pág. 21.)*

12. Na comunicação, transmitida a 19/10/1866 por meio do sr. Morin, Barbara disse que ainda se encontrava perturbado, especialmente pelo fato de ter buscado no suicídio o fim de seus sofrimentos na Terra. E confessou que não conhecia o Espiritismo quando escreveu o romance. Ele, aliás, quando encarnado, ria das teses espíritas, o que agora lamentava, arrependido. "Não duvideis, senhores – explicou Charles Barbara –: muitos escritores são, muitas vezes, instrumentos inconscientes para a propagação das ideias que as forças invisíveis julgam úteis ao progresso da humanidade. Não vos admireis, pois, de os ver escrever sobre o Espiritismo sem nele crer: para eles é um assunto como qualquer outro, que se presta ao efeito, e não suspeitam que a ele sejam levados mau grado seu." Concluindo, Charles Barbara pediu: "Orai por mim, senhores, porque a prece é um bálsamo inefável. A prece é a caridade que se deve fazer aos infelizes do outro mundo, dos quais sou um". *(Págs. 21 a 23.)*

Revista Espírita de 1867

13. A **Revista** transcreve dois artigos publicados pelos periódicos *France*, de 14/9/1866, e *Evénement*, de 26/8/1866, em que são tecidas considerações depreciativas acerca dos espiritistas. O primeiro chegou até a fazer um retrato físico do espírita-padrão, que teria a pele pálida e os olhos perdidos num vago oceânico, além de cabelos curtos, se mulher, e longos, se homens. O segundo destaca os erros ortográficos cometidos pelo Espírito de Lamennais e a *ignorância* de Cervantes. Kardec diz que não devemos perder tempo com críticas desse quilate. "Seria – diz o Codificador – trabalho inútil refutar coisas que se refutam por si mesmas." *(Págs. 23 a 26.)*

14. Morto subitamente de um ataque de apoplexia fulminante, Charles-Julien Leclerc, que havia aprendido no Brasil as primeiras noções de Espiritismo, manifestou-se na Sociedade de Paris na primeira sessão que se seguiu ao seu sepultamento. Da comunicação de Leclerc, que integrava a equipe presidida por Kardec, destacamos as informações seguintes:

I) Leclerc ficou muito surpreso com sua morte, que acabou lhe causando profundo choque porque, em absoluto, não a esperava.

II) No momento em que a morte o feriu, ele a recebeu como que uma cacetada na cabeça: um peso esmagador o derrubou, mas, de repente, sentiu-se aliviado.

III) Seu Espírito planou então acima do seu cadáver e viu com espanto as lágrimas dos familiares, dando-se conta do que havia sucedido. No fim da mensagem, Leclerc disse estar muito feliz, ao lado de amigos que o precederam na vida espiritual, como Sanson, Jobard, Costeau, a sra. Dozon e tantos outros. *(Págs. 27 a 29.)*

15. A **Revista** anuncia para o mês de janeiro o lançamento de uma coletânea de poesias mediúnicas recebidas pelo sr. Vavasseur, bem como a impressão de um desenho feito pelo sr. Bertrand, médium escrevente integrante da Sociedade Espírita de Paris, que retratou Allan Kardec. Esse desenho foi posto à venda no escritório da **Revista**, fato que levou o Codificador a publicar uma nota dizendo-se "completamente estranho a essa publicação, como a de retratos editados por vários fotógrafos". *(Pág. 30.)*

16. Três notícias fecham o número de janeiro de 1867:

I) O retorno à circulação da *Union Spirite*, de Bordeaux, redigida pelo sr. A. Bez, a qual havia sido interrompida por causa de grave moléstia que acometeu seu diretor.

II) A suspensão da publicação do jornal espírita italiano *Voce di Dio*, em razão das devastações causadas pelo cólera na cidade de Catânia.

III) A divulgação de um erro cometido na publicação da obra de J. B. Roustaing, cuja retificação este pede que os leitores façam à margem da página III do 3º. volume. *(Págs. 31 e 32.)*

17. Na abertura do número de fevereiro, Kardec complementa artigo publicado em janeiro acerca do livre pensamento e da livre consciência. Segundo ele, os livres pensadores podiam ser divididos em duas classes distintas: os incrédulos e os crentes. Esmiuçando o assunto, Kardec diz que, se for feita a estatística de todos os que perdem a razão, se verá que o maior número está precisamente do lado dos que não creem no futuro, ou dele duvidam, e isto pela razão bem simples que a grande maioria dos casos de loucura é produzida pelo desespero e pela falta de coragem moral, coragem que faz suportar as misérias da vida, ao passo que a certeza do futuro torna menos amargas as vicissitudes do presente. *(Págs. 33 e 34.)*

18. Kardec relaciona, em seguida, alguns erros clamorosos cometidos por homens ligados à Ciência, o que prova que esta não pode ser tida como infalível em todas as

suas afirmativas, visto que os homens podem se enganar, como se enganaram, por exemplo, ao rejeitarem o sistema de Fulton. Os que negam a existência de Deus porque não o vemos, nem podemos demonstrá-lo por uma equação algébrica, se esquecem de que a força de gravitação também não se pode ver e, no entanto, todos a aceitam por causa dos seus efeitos. *(Págs. 35 e 36.)*

19. Desses efeitos deduziu-se a causa, e mais: calculando a força dos efeitos, calculou-se a força da causa, que jamais foi vista. Dá-se o mesmo com o Criador e a vida espiritual, que se julgam por seus efeitos, segundo o axioma: "Todo efeito tem uma causa. Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. A força da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito". Crer em Deus e na vida espiritual não constitui, pois, uma crença gratuita, mas um resultado da observação, tão positivo quanto o que nos faz crer na força da gravidade. *(Pág. 36.)*

20. O Espiritismo não é, como pensam alguns, uma nova fé cega, que veio substituir outra fé cega, porque estabelece como princípio que antes de crer é preciso compreender, e para compreender é preciso raciocinar. A Doutrina Espírita não repousa em nenhuma teoria preconcebida ou hipotética, mas na experiência e na observação dos fatos. "Era urgente – observa Kardec – estabelecer, desde o princípio, o Espiritismo no seu verdadeiro terreno. A teoria baseada na experiência foi o freio que impediu a credulidade supersticiosa tanto quanto a malevolência de o desviar de sua rota." *(Págs. 39 e 40.)*

21. Com o título de *As três filhas da Bíblia* o sr. Hippolyte Rodrigues publicou uma obra em que prevê a fusão das três grandes religiões saídas da Bíblia: a judia, a católica e a maometana. Comentando artigo sobre referido livro inserido no jornal *Le Pays*, Kardec critica esta frase escrita pelo autor da matéria: "quando se raciocina não se crê mais". O Espiritismo prega exatamente o contrário: quando se raciocina crê-se mais firmemente, porque se compreende. Foi isso que levou o codificador a escrever que não há fé inabalável senão aquela que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade. *(Pág. 41.)*

22. A **Revista** transcreve parte de uma carta dirigida pelo padre Lacordaire à sra. Swetchine, datada de 29 de junho de 1853, na qual o notável sacerdote se refere às mesas girantes e afirma que em todos os tempos houve modos mais ou menos bizarros para se comunicar com os Espíritos; apenas se fazia mistério desses processos. "Hoje, graças à liberdade dos cultos e à publicidade universal, o que era um segredo tornou-se uma fórmula popular", escreveu Lacordaire. *(Págs. 43 e 44.)*

23. O Monsenhor Freyssinous, bispo de Hermópolis, em suas *Conferences sur la religion*, publicadas em 1825, também entendia, como Kardec, que "um demônio que procura destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude, seria um demônio estranho". É por isso – escreveu o bispo – que Jesus, para repelir a absurda acusação que os judeus lhe fizeram, lhes dizia: "Se opero prodígios em nome do demônio, então o demônio está dividido consigo mesmo; então procura destruir-se". Os espíritas dizem a mesma coisa aos que tacham as práticas e as curas espíritas de envolvimento com o demônio. *(Pág. 45.)*

24. A doutrina espírita, explica Kardec, não admite poder rival ao de Deus e menos, ainda, pode admitir que um ser decaído tenha recuperado bastante poder para contrabalançar os desígnios do Pai. Para o Espiritismo, Satã é apenas a *personificação alegórica* do mal, como entre os pagãos Saturno era a personificação do tempo, Marte a personificação da guerra e Vênus a personificação da beleza. *(Pág. 46.)*

25. Vários jornais franceses reproduziram notícia publicada em a *Sentinelle Toulonnaise*, de Toulon, sobre uma menina de dois anos e onze meses, chamada Eugénie Colombe, que sabia ler e escrever perfeitamente e tinha, ainda,

conhecimentos sobre religião cristã, gramática francesa, geografia, história e as quatro operações de aritmética. Um correspondente da **Revista**, oficial da Marinha em Toulon, confirmou a veracidade do fato, que recebeu de Kardec as explicações que se seguem: I) A precocidade de certas crianças para as línguas, a música e as ciências em geral não passa de lembranças. II) A faculdade de recordar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, isto é, ao mais fácil desprendimento da alma em certos indivíduos do que em outros. III) O passado é como um sonho do qual a gente se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança. *(Págs. 47 a 49.)*

26. Concluindo o relato pertinente à menina Eugénie, a **Revista** transcreve parte de uma carta enviada por um correspondente da Argélia que de passagem por Toulon também teve contato com a criança e sua mãe. "Esta criança – diz a carta – certamente é um Espírito muito adiantado, porque se vê que responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe me disse que desde os 12 ou 15 meses ela sonha à noite e parece conversar, mas numa língua que não permite compreender. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção de sua mãe, quando avista um pobre; não suporta que batam nos cães, nos gatos, nem em qualquer animal." *(Pág. 49.)*

27. Caso semelhante foi noticiado pelo *Spiritual Magazine*, de Londres, acerca de Tom, o Cego, que esteve em Londres, onde fez enorme sucesso com seu talento musical, pois repete sem falha no piano tudo quanto lhe tocam, quer sonatas clássicas antigas, quer fantasias modernas. Kardec assevera que as reflexões feitas sobre a menina de Toulon naturalmente se aplicam a Tom, que deve ter sido um grande músico. "O que torna o fenômeno mais extraordinário – observa Kardec – é que se apresenta num negro, escravo e cego, tríplice causa que se opunha à cultura de suas aptidões nativas e a despeito da qual se manifestaram na primeira ocasião favorável." "Tom, o escravo, nascido e aclamado na América, é um protesto vivo contra os preconceitos que ainda reinam nesse país." *(Págs. 49 a 51.)*

28. Referindo-se a uma notícia publicada no *Morning-Post* acerca de um caso de suicídio cometido por um cão em Frinsbury, perto de Rochester, Kardec diz que não faltam exemplos de suicídio entre os animais. O cão que se deixa morrer de inanição pelo pesar de haver perdido o dono realiza um verdadeiro suicídio. O escorpião, cercado pelo fogo e vendo que não pode sair, mata-se. Esses fatos provam que o animal tem consciência de sua existência e de sua individualidade e compreende o que é a vida e a morte. Não é, pois, uma máquina nem obedece exclusivamente a um instinto cego, porque o instinto impele os seres à procura dos meios de conservação, não de sua própria destruição. *(Págs. 51 e 52.)*

29. A **Revista** publica mais uma poesia mediúnica recebida pelo sr. Vavasseur. Intitulada *Lembrança*, a poesia é assinada pelo Espírito de Jean. *(Págs. 52 a 55.)*

30. Escrevendo sobre as doenças e suas principais causas, o Espírito de. Morel Lavallée diz que a doença pode vir do corpo, do perispírito ou do próprio Espírito. A medicação deve guardar relação com a causa da enfermidade. Se esta proceder do Espírito, não se pode empregar, para a combater, outra coisa senão uma medicação espiritual. "Para destruir uma causa mórbida – assevera o dr. Morel – há que combatê-la em seu terreno." *(Págs. 55 e 56.)*

31. Em uma comunicação intitulada *A clareza*, Sonnez (Espírito) afirma que no século 19 o que mais faltava era clareza. A clareza é útil em tudo e a todos; sem ela tudo *marcha tateando*. É por isto que, antes de aconselhar e ensinar, o espírita deve começar logo por esclarecer os menores refolhos de sua alma. A tarefa do Espiritismo é rasgar o véu sombrio dos séculos de ferro e conduzir os terrícolas à conquista das verdades prometidas. "Trabalhar com este objetivo – conclui Sonnez – é ser adepto do

Menino de Belém, é ser filho de Deus de quem emanam toda a luz e toda a clareza." *(Págs. 56 a 58.)*

32. Luís de França (Espírito) reafirma a informação de que os tempos são chegados e alude, numa mensagem recebida em 8 de janeiro de 1866, à profecia bíblica pertinente à era da mediunidade, em que os velhos teriam sonhos e os filhos profetizariam. Eis alguns apontamentos extraídos da citada comunicação:

I) O Espiritismo é esta difusão do Espírito divino, que vem instruir e moralizar todos os pobres deserdados da vida espiritual que esquecem que o homem não vive apenas de pão.

II) Enquanto o homem negligencia cultivar o seu espírito e fica absorvido pela busca ou a posse dos bens materiais, sua alma permanece de certo modo estacionária.

III) A bondade de Deus é, contudo, infinita e ultrapassa a indiferença de seus filhos. Eis por que lhes envia mensageiros divinos que vêm lembrar-lhes que Deus não os criou para a Terra, onde ficam apenas por algum tempo, a fim de que, pelo trabalho, desenvolvam as qualidades de sua alma.

IV) O Espiritismo é a realização das profecias, o sinal brilhante da bondade do Pai e um novo apelo ao desprendimento da matéria, porque só ele pode proporcionar ao homem a verdadeira felicidade. *(Págs. 58 e 59.)*

33. O romance intitulado *Mirette*, escrito por Élie Sauvage, é focalizado pela **Revista**, que resume em poucas palavras o enredo e os personagens principais da obra. Analisando-a, Kardec diz que a obra é uma pintura da vida real, onde nada se afasta do possível e da qual o Espiritismo tudo pode aceitar. O comentário de Kardec é complementado por uma mensagem assinada pelo Espírito de Morel Lavallée, que elogia de igual forma o romance. *(Págs. 59 a 64.)*

34. O número de fevereiro se encerra com três notícias:

I) O lançamento da coletânea de poesias mediúnicas obtidas pelo sr. Vavasseur e reunidas sob o título de *Echos Poétiques d'Outre-Tombe*.

II) O anúncio da publicação em fascículos da obra *Nova Teoria Médico-Espírita*, escrita pelo doutor Brizio, de Turim.

III) O aviso do lançamento da tradução em espanhol d' O Livro dos Médiuns, que poderia ser adquirida em Madri, Barcelona, Marselha e Paris. *(N.R.: As duas últimas notícias saíram também na edição de março de 1867.) (Pág. 65.)*

35. Pode a homeopatia modificar as disposições morais de uma pessoa? Antes de responder negativamente a essa pergunta, Kardec desenvolve extensas considerações sobre o assunto, das quais destacamos os pontos que se seguem:

I) Certas partes do cérebro têm funções especiais e são afetadas por uma ordem particular de pensamentos e sentimentos.

II) As faculdades afetivas, os sentimentos e as paixões se acham, assim, sediadas em certas partes do cérebro.

III) O pensamento é um atributo do Espírito; sobrevivendo este à morte do corpo, o pensamento também lhe sobrevive. IV) Segundo o Espiritismo, o Espírito não somente sobrevive, mas *preexiste* ao corpo; não é um ser novo; traz ao nascer ideias, qualidades e imperfeições que já possuía. Assim se explicam as aptidões e as inclinações inatas.

V) As aptidões do Espírito são, pois, *causa*, e o estado dos órgãos, *efeito*.

VI) Pode acontecer, porém, que o estado dos órgãos seja modificado por outra *causa* estranha ao Espírito: doenças, acidentes, influência atmosférica ou climatérica. Nesses casos, os órgãos é que reagirão sobre o Espírito, não *alterando* as suas faculdades, mas *perturbando* suas manifestações.

VII) Se as imperfeições são inerentes à inferioridade do Espírito, este não se modificará com a alteração sofrida por seu invólucro carnal.
VIII) Os medicamentos homeopáticos têm, por sua natureza etérea, uma ação de certa forma molecular. Podem, pois, mais que outros, agir sobre certas partes elementares e fluídicas dos órgãos e mundificar-lhes a constituição íntima.
IX) Não podem, porém, agir sobre o ser espiritual senão por meios espirituais. A medicação é capaz de tornar o Espírito mais flexível, mais dócil e mais acessível às influências morais; mas seria uma ilusão esperar de uma medicação qualquer um resultado definitivo e durável no tocante à alma. *(Págs. 67 a 72.)*

36. Finalizando o artigo, Kardec diz que seria diferente se o objetivo fosse ajudar a manifestação de uma faculdade já existente. Reajustado o organismo, o Espírito terá maiores possibilidades de ação. Obviamente, em casos assim, não é o Espírito que se aprimora com o tratamento, mas, sim, os meios de comunicação. E isso é perfeitamente possível. *(Pág. 72.)*

37. As ideias espíritas estão no ar! Essa foi uma das frases utilizadas por Kardec ao comentar a repercussão positiva obtida por *Mirette*, o romance escrito pelo sr. Sauvage. As ideias espíritas efetivamente estavam presentes em vários livros lançados à época e também no teatro. "Os Espíritos – disse o Codificador – não se enganaram quando anunciaram que a ideia espírita viria à luz por toda a sorte de meios." *(Págs. 72 a 75.)*

38. Kardec destaca da conhecida obra *Robinson Crusoé* três passagens em que o autor alude de modo explícito à intervenção dos Espíritos nas peripécias vividas pelo famoso personagem. As citações referidas pelo Codificador não se encontram nas edições abreviadas da obra, mas somente nas edições completas. *(Págs. 76 e 77.)*

39. Em carta dirigida ao Prefeito de Argel em 15 de janeiro de 1867, o sr. Charles Lavigerie, bispo de Nancy, então nomeado arcebispo de Argel, promete que terá por divisa de seu trabalho episcopal uma única palavra: caridade, porque a caridade não conhece gregos, nem bárbaros, nem infiéis, nem israelitas e, como ensina o apóstolo Paulo, não vê nos homens senão a imagem viva de Deus. Ao transcrever a carta, Kardec a elogia, lembrando que o anterior arcebispo de Argel havia lançado todos os raios da maldição contra os espíritas, que teriam agora – pelo menos Kardec o esperava – um tratamento mais benigno. *(Págs. 78 e 79.)*

40. Segundo o jornal *Banner of Light*, de Boston, o ex-presidente americano Abraham Lincoln, assassinado em abril de 1865, transmitiu uma mensagem mediúnica em que descreve os momentos que se seguiram à sua desencarnação. A perturbação post-mortem durou pouco tempo e ele logo se viu cercado por muitas pessoas que sabia mortas há muito tempo, quando se inteirou da causa de seu passamento. Sabendo que William Booth estava mortalmente ferido, ele foi até o seu leito de morte e esperou com calma o despertar do rapaz para vida espiritual. Não havia em seu coração nenhum sentimento de vingança ou animosidade. Booth não ficou surpreso ao ver Lincoln, cuja presença ele não podia evitar, porque era com frequência atraído para ele. Sempre diante de sua vítima e recebendo dela apenas sinais de bondade, esse era o seu estado atual e a sua punição. *(Págs. 79 e 80.)*

41. Em um poema dedicado a Bernard Palissy, a srta. L.O. Lieutaud, de Ruão, agradece a Palissy tê-la arrebatado à incredulidade e lhe pede: "Se devo retornar a esta terra triste, / Ó amado Bernard, pensa sempre em mim". *(Págs. 80 e 81.)*

42. O projeto de fundação na França de uma associação designada sob o título de Liga de Ensino suscitou de Kardec dois longos artigos, publicados nos números de março e abril de 1867 (págs. 81 e 113). Embora elogiando o mérito da proposta,

Kardec fez severa crítica à sua metodologia, que ele considerou falha e confusa. *(N.R.: Léon Denis, alguns anos depois, engajou-se firmemente nesse projeto, tornando-se em 1880, aos 34 anos de idade, a alma do Círculo Turanês da Liga do Ensino. Com Jean Macé, ele fundou então os primeiros círculos de bibliotecas populares de Tours.) (Págs. 81 e 82.)*

43. A 1º de novembro de 1866, na Sociedade Espírita de Paris, durante a reunião comemorativa dos mortos, o sr. Bertrand recebeu uma série de pensamentos assinados por Espíritos ilustres, os quais pareciam encadear-se, completando-se uns pelos outros. Eis na sequência alguns deles: A medicina faz o que fazem os caranguejos espantados *(Dr. Demeure)*. Porque o magnetismo progride e, progredindo, esmaga a medicina atual, para a substituir proximamente *(Mesmer)*. As revoluções são abusos que destroem outros abusos *(Luís XVI)*. Mas esses abusos fazem nascer a liberdade *(Autor não identificado)*. A ciência é o progresso da inteligência *(Newton)*. Mas o que lhe é preferível é o progresso moral *(Jean Reynaud)*. Para desenvolver a moral é antes preciso desarraigar o vício *(Béranger)*. Para desarraigar o vício é preciso desmascará-lo *(Eugène Sue)*. *(Págs. 82 a 84.)*

44. No dia 6 de dezembro seguinte o sr. Bertrand recebeu uma nova série de pensamentos que pareciam constituir, de certo modo, a continuação da precedente. Eis alguns deles: Ser sábio é amar; procuremos então o amor pela via da sabedoria *(Fénelon)*. Os sábios da Grécia por vezes o foram mais nos escritos e nas palavras que em sua pessoa *(Platão)*. Sábio é aquele que não crê sê-lo *(Corneille)*. Não podeis ser sábios se não vos souberdes elevar acima da maldade dos homens *(Voltaire)*. Às vezes a vida é horroroso pesadelo para o Espírito e muitas vezes custa a terminar *(La Rochefoucault)*. A encarnação é o sono da alma; as peripécias da vida são os seus sonhos *(Balzac)*. Era o amor que Diógenes procurava, procurando um homem... que veio séculos depois, e que o ódio, o orgulho e a hipocrisia crucificaram *(Sócrates)*. O amor reinará; e para que não tarde, é preciso, como corajoso Diógenes, tomar com uma mão o facho do Espiritismo e mostrar aos humanos os vermes roedores que formam chaga em sua alma *(São Luís)*. A fé desinteressada faz milagres *(Boileau)*. Ao despertar da alma que saiu vitoriosa das lutas terrenas, o Espírito está maior e mais elevado; se sucumbir, encontra-se tal qual estava *(Pascal)*. *(Págs. 84 a 87.)*

45. Kardec observa que esse gênero de comunicação levanta uma questão importante: Como os fluidos de tão grande número de Espíritos podem combinar-se com o fluido do médium? Dois dias depois, o Espírito de Slener esclareceu que ele - o guia espiritual do médium - servira de intermediário transmitindo os pensamentos e os nomes dos Espíritos que os assinaram. Esse fato é bastante comum quando o Espírito comunicante não consegue estabelecer relações fluídicas com o médium, recorrendo então, nesse caso, ao guia espiritual do medianeiro encarnado. *(Pág. 88.)*

46. Outra questão importante relacionada com o fenômeno é esta: Na lista dos Espíritos que se comunicaram não havia encarnados? Se sim, como podiam comunicar-se? Um Espírito explicou: "Os Espíritos de um certo grau de adiantamento têm uma radiação que lhes permite comunicar-se simultaneamente em vários pontos. Nuns, o estado de encarnação não amortece essa radiação de maneira completa para os impedir de se manifestarem, mesmo em vigília. Quanto mais avançado o Espírito, mais fracos os laços que o unem à matéria do corpo; está num estado de quase constante desprendimento e pode dizer-se que está onde está seu pensamento". *(Pág. 88.)*

47. Mangin, o vendedor de lápis que se tornou célebre nas ruas de Paris, morto em 1866, comunicou-se em 20 de dezembro do mesmo ano por meio do sr. Bertrand e explicou por que se vestia de forma bizarra em sua última passagem pela Terra. Ele teria sido em épocas remotas um soldado romano. *(Págs. 89 e 90.)*

48. A 14 de janeiro de 1867, Mangin voltou a comunicar-se, grafando uma linda mensagem em que diz o que faria se fosse *papel*. Como na primeira comunicação ele falou sobre a função do lápis, nesta ele lembrou, entre outras coisas, que "o lápis não pode ser útil sem o papel", mas "o papel não dispensa o lápis" – uma forma original de realçar a importância da solidariedade no progresso humano. *(Págs. 90 e 91.)*

49. Solidariedade foi, por sinal, o tema da comunicação seguinte transcrita pela **Revista**. Após asseverar que o estudo do Espiritismo não deve ser vão, o autor da mensagem afirmou que o homem não é um ser isolado, mas coletivo. É por isso que todos devemos ser solidários uns com os outros. No fim, o instrutor espiritual disse que o Espiritismo bem compreendido é para a vida da alma o que o trabalho material é para a vida do corpo. "Ocupai-vos dele com este objetivo – advertiu o Espírito – e ficai certos de que quando tiverdes feito, para o vosso melhoramento moral, a metade do que fazeis para melhorar a vossa existência material, tereis feito a humanidade dar um grande passo." *(Págs. 91 e 92.)*

50. Numa página intitulada "Tudo vem a seu tempo", o Espírito de Humboldt adverte que não devemos ter avidez por tudo saber, porque o Senhor sabe qual é o melhor método para nos instruir. Contentemo-nos, pois, com saber o que Deus julga a propósito nos ensinar durante nossa passagem pela Terra, certos de que "tudo virá a seu tempo". Finalizando a mensagem, Humboldt diz: "Sim, meus amigos, aprendei e instruí-vos e, antes de tudo, progredi em moralidade pelo amor ao próximo, pela caridade, pela fé: é o essencial, é o passaporte, à vista do qual as portas do santuário infinito vos são abertas". *(Págs. 93 e 94.)*

51. Lacordaire propõe-nos, em mensagem obtida pelo sr. Morin, que devemos respeitar as crenças passadas, porque foram as velhas crenças que elaboraram a renovação que hoje começa a se realizar. Todas elas, salvo as exclusivamente materiais, possuíam uma centelha da verdade, mas atendiam à necessidade de cada época, cujo horizonte se alarga com o desenvolvimento intelectual da humanidade. *(Págs. 94 e 95.)*

52. Eugène Sue, valendo-se da mediunidade do sr. Desliens, equipara a existência humana a um romance, ou antes a uma peça de teatro, da qual se percorre cada dia uma folha. O autor é o homem; os personagens são os vícios, as paixões, as virtudes, a matéria, a inteligência, disputando a posse do herói – o Espírito. Finda a peça, estaremos a sós com o juiz supremo, imparcial e justo. "Que a vossa obra seja séria e moralizadora", adverte o Espírito, "porque é a única que tem algum peso na balança do Todo-Poderoso." *(Págs. 95 e 96.)*

53. A **Revista** reporta-se, na seção de notícias bibliográficas, ao artigo intitulado *Lumen*, relato extraterreno escrito por Camille Flammarion, em que o autor simula uma palestra entre um indivíduo encarnado, chamado Sitiens, e o Espírito de um de seus amigos, chamado Lumen, que lhe descreve as primeiras sensações observadas em seu retorno à vida espiritual, após a morte do corpo físico. *(N.R.: A transcrição do artigo continua no número de maio de 1867, a partir da pág. 155.) (Págs. 96 a 100.)*

54. Comentando o artigo, que, segundo Kardec, bem poderia constituir um livro interessante, o Codificador afirma que foi essa a primeira vez que o Espiritismo verdadeiro era associado à ciência positiva, e isto por um homem capaz de apreciar uma e outro. Flammarion, astrônomo conhecido em toda a França, havia publicado anteriormente o livro *Pluralidade dos Mundos Habitados*. *(Págs. 99 e 100.)*

55. O número de abril traz, em sua abertura, artigo de Kardec sobre *Galileu*, drama em versos escritos pelo sr. Ponsard, o qual, embora não trate de Espiritismo, examina o tema pluralidade dos mundos habitados, que constitui um dos princípios fundamentais da doutrina espírita. Do artigo extraímos os pontos que se seguem:

I) Galileu, ao revelar as leis do mecanismo do Universo, abriu caminho a novos progressos; por isto mesmo, devia produzir uma revolução nas crenças, destruindo os andaimes dos sistemas científicos errôneos sobre os quais elas se apoiavam.

II) A cada um sua missão: nem Moisés nem o Cristo tinham a missão de ensinar aos homens as leis da ciência, cujo conhecimento devia ser o resultado do trabalho e das pesquisas humanas, e não de uma revelação que desse ao homem o saber sem esforço.

III) Moisés e o Cristo tiveram uma função moralizadora; a gênios de outra ordem são deferidas as missões científicas.

IV) Como as leis morais e as leis da ciência são leis divinas, a religião e a filosofia não podem ser verdadeiras senão pela aliança dessas leis.

V) A matéria e o espírito são os dois princípios constitutivos do Universo. Mas o conhecimento das leis que regem a matéria devia preceder o das leis que regem o elemento espiritual.

VI) O Espiritismo, que tem como objetivo especial o conhecimento do elemento espiritual, só poderia ser compreendido em seu conjunto quando encontrasse o terreno preparado. *(Págs. 101 a 104.)*

56. A **Revista** traz, em seguida, um artigo de Kardec sobre a obra *Soirées de Saint-Pétersbourg*, de Joseph de Maistre, publicada em 1821, na qual autor expõe a tese de que jamais houve no mundo grandes acontecimentos que não tivessem sido preditos de qualquer maneira. A obra contém ainda uma visão profética do advento do Espiritismo – acontecimento que se daria mais de 35 anos depois –, que o autor equipara a *uma terceira explosão da onipotente bondade em favor do gênero humano*. *(Págs. 104 a 109.)*

57. Reportando-se a essa nova doutrina, que ele chama de "nova efusão do Espírito-Santo", o autor do livro ora focalizado adverte que é preciso que "os pregadores desse dom novo possam citar a Escritura santa a todos os povos", fazendo o que os católicos não conseguiram fazer em dezoito séculos, num mundo em que a Boa Nova continuava ignorada por milhões de criaturas. *(Págs. 109 e 110.)*

58. A 22 de março de 1867, o Espírito de Joseph de Maistre comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris, ocasião em que, referindo-se à sua previsão do advento da era espírita, asseverou: "Vi a terra prometida, mas não pude penetrá-la em vida". "Mais feliz que eu, senhores, aproveitai o favor que vos é conferido por vossa boa vontade, melhorando o vosso coração e o vosso espírito, e fazendo partilhar de vossa felicidade a todos aqueles de vossos irmãos em humanidade que não oporão à vossa propaganda senão a reserva natural a cada homem posto em face do desconhecido." *(Págs. 110 e 111.)*

59. Da comunicação de Joseph de Maistre destacamos ainda os seguintes pontos:

I) O espírito profético abrasa o mundo inteiro com seus eflúvios regeneradores. Na Europa, na América, na Ásia, em toda a parte, a nova revelação se infiltra, com a criança que nasce, com o jovem que se desenvolve, com o velho que se vai.

II) Uns chegam com os materiais necessários para a edificação da obra; outros aspiram a um mundo que lhes revelará os mistérios que pressentem.

III) Na França o Espiritismo se manifesta sob outro nome que na Ásia. Possui agentes nas diversas nuanças da religião católica, como as tem entre os seguidores da religião muçulmana.

IV) A aspiração por novos conhecimentos está no ar que se respira, no livro que se escreve, no quadro que se pinta. *(Pág. 112.)*

60. Como já vimos, Kardec publicou novo artigo sobre a Liga do Ensino, no qual, após transcrever carta recebida de Jean Macé, repete o que dissera anteriormente, ou seja, que o fim era louvável, mas faltava ao projeto a indispensável precisão das coisas práticas. "Um programa – escreveu o Codificador – é uma linha traçada, da qual ninguém se pode afastar conscientemente, um plano detido nos mais minuciosos detalhes, e que nada deixa ao arbítrio, onde todas as dificuldades de execução estão previstas, onde as vias e meios são indicados." Era isso que faltava à proposta relativa à Liga do Ensino, que também não especificara como seriam supridos os recursos necessários à sua manutenção. *(Págs. 113 a 120.)*

61. Sob o título de *O diabo do moinho*, o *Moniteur de l' Indre* de fevereiro de 1867 relata os fenômenos ocorridos no moinho de Vicq-sur-Nahon, onde o diabo ou um Espírito brincalhão produzia fatos curiosos e intrigantes: cobertores eram retirados das camas e escondidos; portas chaveadas eram abertas sozinhas; um cofre se abria e os objetos ali guardados eram espalhados pelo chão; as chaves das portas desapareciam; e duas tentativas de incêndio espontâneo se registraram. Tudo, segundo o jornal, parecia estar ligado a uma mocinha de 13 anos chamada Marie Richard, que acabou sendo despedida pelo sr. François Garnier, proprietário do sítio. *(Págs. 121 a 124.)*

62. Kardec transcreve a notícia, mas não autentica o fenômeno, advertindo que, de todos os efeitos mediúnicos, as manifestações físicas são as mais fáceis de simular. É preciso, pois, evitar aceitar levianamente como autênticos os fatos desse gênero, quer os espontâneos, como os do moinho, quer os provocados. No caso em foco, o Codificador explica que fenômenos dessa natureza são perfeitamente possíveis e pertencem ao mesmo gênero dos fenômenos de Poitiers, de Dieppe, de Marselha e tantos outros focalizados pela **Revista**, os quais podem ser chamados *manifestações barulhentas e perturbadoras*. *(Págs. 124 a 127.)*

63. Um fato semelhante, ocorrido em Paris em maio de 1866, é comentado em seguida pelo Codificador. No bairro de Ménilmontant a campainha de uma casa costumava tocar, sem que se visse alguém por perto. Após esgotar todas as hipóteses explicativas do fenômeno, a sra. X..., acreditando que os falecidos vêm às vezes reclamar preces dos parentes, mandou rezar missas e novenas, mas de nada adiantou, pois, a campainha tocava sempre. *(Págs. 127 e 128.)*

64. Em comunicação transmitida em 6 de julho de 1866, o Espírito de Cárita fala sobre a missão da mulher, a quem compete principalmente espalhar a consolação e a conciliação. Por que a mulher tem a graça e o sorriso, o encanto da voz e a suavidade da alma? É porque é a ela que Deus confia os primeiros passos de seus filhos, é ela que o Pai escolheu como a nutriz das doces criaturas que vão nascer. Finalizando a mensagem, Cárita dirige-se a todas as mulheres rogando-lhes coragem: "Ó vós que viveis humildemente, trabalhando por melhorar vosso interior, Deus vos sorri, porque vos deu essa amenidade que caracteriza a mulher; quer sejam imperatrizes, irmãs de caridade, humildes trabalhadoras ou suaves mães de família, estão todas sob a mesma bandeira e levam na fronte e no coração estas duas palavras mágicas, que enchem a eternidade: Amor e Caridade". *(Págs. 128 a 130.)*

65. Duas notícias fecham o número de abril de 1867: I) O jornal *La Verité*, de Lyon, mudou o seu título, a partir de 10 de março de 1867, para *La Tribune Universelle, journal de la libre conscience et de la livre pensée*. Justificando sua decisão, o diretor do jornal explicou que o fato não implicava sua deserção das fileiras espíritas. "A idéia espírita hoje – diz ele em nota transcrita pela **Revista** – faz parte integral do nosso ser e retirá-la seria votar à morte o nosso coração, o nosso espírito." II) Foi lançado em Madri um opúsculo intitulado *Carta de um espiritista*, contendo os princípios fundamentais da doutrina espírita, com base no livro *O que é o Espiritismo*, de Kardec. *(Págs. 130 e 131.)*

66. Atmosfera espiritual é o tema do artigo de abertura do número de maio de 1867, do qual extraímos os ensinamentos seguintes formulados por Kardec:

I) Numa reunião, além dos assistentes visíveis, existem outros invisíveis, e estes, dada a permeabilidade do organismo espiritual, podem achar-se em número ilimitado num dado espaço.

II) Os fluidos que emanam dos Espíritos são mais ou menos salutares, conforme seu grau de depuração. Conhecem-se seu poder curativo em certos casos e, também, seus efeitos mórbidos.

III) Podemos subtrair-nos a essas influências? Sem nenhuma dúvida, sim, porque, do mesmo modo que saneamos os lugares insalubres, destruindo a fonte dos miasmas pestilentos, podemos sanear a atmosfera moral que nos cerca e subtrair-nos às influências perniciosas dos fluidos malsãos, unicamente com o uso de nossa vontade.

IV) Numa assembleia os fluidos ambientes serão, pois, salubres ou insalubres, conforme os pensamentos dominantes forem bons ou maus.

V) Se os maus pensamentos forem em minoria, não impedirão que as boas influências se produzam, pois estas os paralisam. Se predominarem, enfraquecerão a radiação fluídica dos bons Espíritos ou mesmo impedirão que os bons fluidos penetrem nesse meio, como o nevoeiro enfraquece ou detém os raios do Sol.

VI) Desde que são os maus pensamentos que enquadram os maus fluidos e os atraem, para neutralizá-los há que nos esforçarmos para só os ter bons e repelir tudo que é mau, como se repele um alimento que nos é nocivo. Numa palavra: trabalhar por nosso melhoramento moral e não apenas limpar o vaso por fora, mas sobretudo limpá-lo por dentro.

VII) Melhorando-se, a humanidade verá depurar-se a atmosfera fluídica em cujo meio vive, porque lhe enviará somente bons fluidos, e estes oporão uma barreira à invasão dos maus. *(Págs. 133 a 136.)*

67. Comentando artigo publicado no jornal *La Verité*, sobre Renan e seu ceticismo, Kardec explica que o vocábulo milagre havia perdido sua significação primitiva, como tantos outros. Milagre significava então, na época da codificação, fato extranatural, sobrenatural, conceitos que não cabem no vocabulário espírita, porquanto sobrenatural é, segundo Kardec, "uma insensatez do ponto de vista do Espiritismo". *(Págs. 136 a 139.)*

68. A **Revista** analisa um livro publicado em Paris em 1808, no qual o sr. Caillot, autor da Enciclopédia das jovens e das novas lições elementares da História da França, além de descrever os cemitérios de Montmartre e Père-Lachaise, ambos situados em Paris, cita um grande número de inscrições tumulares por ele comentadas. *(Págs. 139 e 140.)*

69. O sr. Caillot afirma na obra ter experimentado um contato com a alma de um dos mortos ali sepultados e reproduz o diálogo que ocorreu entre ele e o interlocutor espiritual, a que deu a qualificação de *espectro*. Na conversação que se estabeleceu, o Espírito confessou ter sido ateu e explicou seus motivos, acrescentando que sofreu muito ao ser relegado, após a morte, a uma região tenebrosa, habitada por Espíritos que tiveram mãos inocentes e cérebro doente. *(Págs. 140 a 144.)*

70. Quem já leu *O Céu e o Inferno*, de Kardec, deve lembrar-se da história do menino Marcel, referida no cap. VIII, que trata das expiações terrestres. O caso do jovem Francisco, morto aos 12 anos, objeto da **Revista** de maio de 1867, é bem parecido com o de Marcel. Francisco adoeceu quando contava três anos de idade, ao nascer sua irmã. Atingido pela paralisia e pela hidropisia, seu corpo fora coberto de chagas e, tomadas pela gangrena, suas carnes caíam em tiras. *(Págs. 144 e 145.)*

71. Evocado após sua morte, Francisco deu diversas comunicações em que esclareceu o motivo de seus nove anos de padecimentos. Ele havia matado uma pessoa e de modo torpe: "Matei, mas matei lentamente, fazendo sofrer um ser que eu detestava! Sim, detestava esta criança que julgava não me pertencer! Pobre inocente!" A vítima do passado era a sua irmãzinha, por quem ele, inexplicavelmente, ainda nutria uma repulsa muito grande e cuja presença lhe era insuportável. *(Págs. 145 a 147.)*

72. O caso suscitou uma questão importante proposta ao guia do médium: Por que a expiação e o arrependimento na vida espiritual não bastam para a reabilitação do culpado? O instrutor respondeu: "Sofrer num mundo ou no outro é sempre sofrer; e se sofre tanto tempo até que a reabilitação seja completa. Esta criança sofreu muito na terra. Ora! isto nada é em comparação com o que suportou no mundo dos Espíritos. Aqui ele tinha em compensação os cuidados e a afeição de que era rodeado. Há ainda esta diferença entre o sofrimento corporal e o sofrimento espiritual, que o primeiro é quase sempre voluntariamente aceito, como complemento de expiação, ou como provação para adiantar-se mais rapidamente, ao passo que o outro é imposto". "Mas há outros motivos para o sofrimento corporal: inicialmente para que a reparação se faça nas mesmas condições em que o mal foi feito; depois, para servir de exemplo aos encarnados. Vendo seus semelhantes sofrer e sabendo a razão disto, ficam por outro lado impressionados ao saber que são infelizes como Espíritos. Podem melhor explicar-se a causa de seus próprios sofrimentos; a justiça divina se mostra, de certo modo, palpável aos seus olhos. Enfim o sofrimento corporal é uma ocasião para os encarnados exercitarem a caridade entre si, uma prova para seus sentimentos de comiseração e, muitas vezes, um meio de reparar erros anteriores. Porque, crede-o bem, quando um infortunado se acha em vosso caminho, não é por efeito do acaso." *(Págs. 147 e 148.)*

73. A **Revista** publica fragmentos do drama *Galileu*, escrito pelo sr. Ponsard. Um século antes de Galileu, Copérnico (1473-1543) havia concebido o sistema astronômico que traz o seu nome. Com o auxílio da luneta, que foi por ele aperfeiçoada, Galileu completou as ideias de Copérnico e demonstrou sua veracidade pelo cálculo. Com seu instrumento pôde estudar a natureza dos planetas e sua similitude com a Terra, e reconheceu que as estrelas são outros tantos sóis disseminados no espaço, deduzindo que cada uma devia ser o centro de um sistema planetário. No drama, o poeta procura mostrar a diversidade dos sentimentos que Galileu provocou com suas descobertas, conforme o caráter e os preconceitos das pessoas. *(Págs. 148 a 154.)*

74. Galileu, diz o Codificador, sondou as profundezas dos céus e revelou a pluralidade dos mundos materiais, produzindo uma revolução nas ideias e abrindo um novo campo de exploração à ciência. O Espiritismo operou outra revolução não menor, revelando a existência do mundo espiritual que nos rodeia. Da mesma maneira que a má vontade e a perseguição não impediram que a doutrina de Galileu triunfasse, também as ideias espíritas não serão abafadas e seus detratores serão olhados pela geração futura com os mesmos olhos com que olhamos hoje os de Galileu. *(Pág. 154.)*

75. A **Revista** publica novos trechos do artigo *Lumen*, escrito por Camille Flammarion, objeto de comentários de Kardec no número de março, págs. 96 a 100. O relato feito por Flammarion, pertinente à chegada de Lumen a Capela, mostrando que havia um lapso de tempo de 72 anos entre o que os habitantes do lugar podiam ver desenrolar-se na Terra e o que já ocorrera em nosso planeta, ajuda a compreensão do fenômeno das profecias; mas Kardec adverte que as coisas não se passam exatamente assim. Quando os Espíritos encarnados num planeta querem

saber o que se passa em outro planeta, transportam-se a esse mundo, como fez Lumen, e tornam-se assim, momentaneamente, habitantes espirituais desse planeta, ou aí se encarnam em missão. *(Págs. 155 a 160.)*

76. Escrevendo sobre a vida no mundo espiritual, diz Leclerc (Espírito) que ali tudo respira calma, sabedoria, felicidade, harmonia, e não mais se veem quimeras, falsas alegrias, temores pueris, nada desse cortejo vil de fabulosas dores e erros grosseiros que se veem na Terra. "Cada obra tem uma finalidade, que conduz ao amor, diapasão da harmonia geral", assinala o amigo espiritual. "As legiões espirituais adiantadas só têm um objetivo, o de se tornarem úteis a seus irmãos atrasados, para os elevar para elas." *(Págs. 160 e 161.)*

77. Em 1867, quando a França se envolvia em mais uma guerra sangrenta, o Cura d'Ars (Espírito), comunicando-se no grupo espírita de Douay, escreveu: "Meus filhos, é preciso que o sangue depure a Terra. (...) quando tudo se prepara para apertar os laços dos povos de um a outro extremo do mundo! quando na aurora da fraternidade material se veem as linhas de demarcação de raças, costumes e linguagem tender para a unidade, a guerra chega, a guerra com seu cortejo de ruínas, de incêndios, de divisões profundas, de ódios religiosos. Sim, tudo isto porque nada, em nosso progresso, não foi segundo o Espírito de Deus; porque vossos laços nem foram apertados pela bondade, nem pela lealdade, mas apenas pelo interesse; porque não é a verdadeira caridade que impõe silêncio aos ódios religiosos, mas a indiferença; porque as barreiras não foram baixadas em vossas fronteiras pelo amor de todos, mas pelos cálculos mercantis; enfim, porque as vistas são humanas e instintivas e não espirituais e caridosas; porque os governantes só buscam os seus proveitos, e cada um, entre os povos, faz o mesmo". *(Pág. 162.)*

78. Após recordar que "cada grau da hierarquia celeste se compra pelo mérito, pelo devotamento", o Cura d'Ars afirmou que os mensageiros do Senhor "são sustentados enquanto dura sua obra humanitária, enquanto trabalham pelo homem e para Deus, mas, quando só eles estão em jogo, quando sua prova se torna individual, o socorro visível se afasta". Essa é a explicação do aparente abandono que parece acometer, às vezes, os missionários encarnados na Terra. "Não penseis – concluiu o Cura d'Ars – que Deus abandone jamais a sua criatura por capricho ou impotência; não, mas no interesse de seu adiantamento, ele a deixou às suas próprias forças, ao completo emprego de seu livre-arbítrio." *(Págs. 162 e 163.)*

79. Como se explica o gênio? Um instrutor espiritual respondeu: "O gênio, caros filhos, é a radiação das conquistas anteriores". Essa radiação é o estado do Espírito no desprendimento ou nas encarnações superiores. Duas são as situações:

> I) O gênio mais comum é simplesmente o estado de um Espírito, do qual uma ou duas faculdades ficaram descobertas e em condições de agir livremente.
>
> II) A outra espécie de gênio é a do Espírito que vem de mundos felizes e adiantados, onde as faculdades da alma atingiram um grau eminente e desconhecido na Terra. Esta espécie de gênio distingue-se da primeira por uma excepcional aptidão para todas as áreas, todos os estudos. São pessoas de outras terras. *(Págs. 163 e 164.)*

80. O instrutor espiritual esclareceu, por fim, que as provas que o homem deve sofrer podem velar, atenuar algumas de suas faculdades, e até adormecê-las. Mas, se tiverem chegado a um alto grau, o Espírito não perde inteiramente a sua posse e exercício. *(Pág. 164.)*

81. O artigo de abertura do número de junho de 1867 versou sobre a emancipação da mulher nos Estados Unidos. Eis alguns fatos nele mencionados:

I) A senhorita Françoise Lord, de Nova York, pediu para ser enviada como cônsul ao estrangeiro. O presidente esperava que o Senado aprovasse o pedido e vários jornais defendiam o pleito da srta. Lord.

II) O Estado de Wisconsin (Estados Unidos) estendeu o direito de votar às mulheres de mais de 21 anos. III) Na Inglaterra, o mesmo direito foi negado à mulher pela Câmara dos Comuns, por 196 votos contra 73. Analisando o assunto, Kardec observa que chegara a hora de os direitos da mulher serem reconhecidos, o que, segundo ele, era questão que não tardaria a ser resolvida. *(Págs. 165 a 167.)*

82. Os privilégios de raça, diz Kardec, têm sua origem na abstração que os homens fazem do princípio espiritual. Da força de uns, da diferença de cor em outros, da opulência em que alguns nascem e da filiação considerada nobre de certas famílias, os homens concluíram por uma superioridade natural sobre a qual estabeleceram suas leis e privilégios, que não têm razão de ser se se levar em conta a natureza espiritual da criatura humana, cujo corpo constitui simples invólucro transitório. Os Espíritos, ensina o Espiritismo, pode revestir invólucros diversos e nascer nas mais diferentes posições sociais. Por isso, a abolição dos privilégios de raça e a igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas são a consequência natural do progresso. *(Págs. 167 e 168.)*

83. Kardec adverte, no entanto, que seria abusivo da igualdade dos direitos concluir pela igualdade de atribuições, porque Deus dotou cada ser com um organismo apropriado ao papel que deve desempenhar na natureza. O da mulher é traçado por sua organização. Há atribuições bem caracterizadas deferidas a cada sexo pela própria natureza e essas atribuições implicam deveres especiais. *(Pág. 169.)*

84. Tendo o assunto sido suscitado na Sociedade Espírita de Paris, todas as comunicações obtidas concluíram no mesmo sentido. Dentre elas, a **Revista** publicou a que foi transmitida pelo sr. Morin, de forma oral, em sonambulismo espontâneo, de que extraímos os apontamentos seguintes:

I) Os Espíritos não têm sexo; quem hoje é homem pode ser mulher amanhã. A emancipação da mulher interessa, pois, a todas as pessoas, que deveriam antes regozijar-se que afligir-se com isso.

II) A igualdade do homem e da mulher tem vários aspectos positivos. Partilhando o fardo dos negócios da família com uma companheira capaz, esclarecida e devotada aos interesses comuns, o homem alivia sua carga e diminui sua responsabilidade.

III) Destruindo as barreiras que seu amor-próprio opõe à emancipação feminina, o homem em breve verá a mulher tomar o seu voo, com grande vantagem para a sociedade.

IV) "A mulher *(concluiu o instrutor espiritual, dirigindo-se aos homens)* tem a centelha divina absolutamente como vós, porque a mulher é vós, como vós sois a mulher." *(Págs. 169 a 172.)*

85. A **Revista** transcreve carta dirigida a Kardec pelo dr. Charles Grégory, na qual este defende de forma ardorosa a influência da homeopatia no desenvolvimento das faculdades morais da criatura humana, assunto tratado anteriormente por Kardec no número de março de 1867 (págs. 67 e seguintes). Em que pese o brilhantismo das ideias desenvolvidas pelo dr. Grégory, Kardec manteve a opinião por ele emitida em março, porque as qualidades boas ou más são inerentes ao grau de adiantamento ou de inferioridade do Espírito, e não é com um medicamento qualquer que se poderá alterá-las. *(Págs. 172 a 175.)*

86. Certamente, diz Kardec, o estado patológico influi sobre o moral, mas as disposições são aí acidentais e não constituem o fundo do caráter do Espírito. Essas,

não há dúvida, uma medicação apropriada pode modificar. E o Codificador acrescenta: "Um caso em que a homeopatia sobretudo nos pareceria particularmente aplicável com sucesso é o da loucura patológica, porque aqui a desordem moral é a consequência da desordem física". Ora, a ação da homeopatia pode ser nesses casos tanto mais eficaz quanto age principalmente, pela natureza espiritualizada dos medicamentos, sobre o perispírito, que representa papel preponderante nessa afecção. *(Págs. 175 e 176.)*

87. Segundo o mesmo médico dr. Charles Grégory, Erasto teria enunciado em comunicação recente uma ideia que o chocou muito: o homem seria dotado de sete, não apenas cinco sentidos: audição, olfato, visão, paladar, tato e mais dois – o sentido sonambúlico e o sentido mediúnico. Kardec refutou tal ideia e disse ser um erro considerar sonambulismo e mediunidade como o produto de dois sentidos diferentes, porque eles não passam de dois efeitos resultantes de uma mesma causa. *(Pág. 176.)*

88. Essa dupla faculdade, entende o Codificador, é um dos atributos da alma e tem por órgão o perispírito, cuja radiação transporta a percepção além dos limites da ação e dos sentidos materiais. Esse sexto sentido é chamado por Kardec de *sentido espiritual*, que é, como os demais, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos sutil, conforme os indivíduos, e todo o mundo o possui. Longe de ser a regra, sua atrofia é a exceção e pode ser considerada como uma enfermidade, assim como a má audição ou a vista fraca. É por ele que recebemos os eflúvios fluídicos dos Espíritos que nos inspiram e a intuição das coisas futuras. *(Págs. 176 e 177.)*

89. A vista espiritual, também chamada dupla vista ou segunda vista, é um fenômeno menos raro do que se pensa e muitas pessoas têm essa faculdade sem o suspeitar. Referindo-se a uma senhora de Paris que possuía a vista espiritual em caráter permanente, sem ser sonâmbula, Kardec indaga: "Como percebe ela, senão pelo sentido espiritual?". *(Págs. 177 e 178.)*

90. Curiosamente, a vidente francesa tinha o hábito de examinar os sinais da mão quando consultada sobre supostas doenças. Dizia ela que via nas mãos o indício das enfermidades. Kardec explica que, em tais casos, a mão fazia apenas o papel de *espelho mágico* ou *psíquico*, numa analogia com o caso do vidente da floresta de Zimmerwald, tratado pela **Revista** em outubro de 1865. *(Pág. 178.)*

91. Carta vinda de Marmande, escrita pelo sr. Dombre em 12 de maio de 1867, relata vários exemplos de curas de enfermos e obsidiados obtidas por meio de passes e da imposição de mãos. A experiência demonstrou que a faculdade de curar ou aliviar o semelhante não é privilégio exclusivo de ninguém e que para isto bastam apenas boa vontade e confiança em Deus, além de uma boa saúde, que é condição indispensável. *(Págs. 178 a 180.)*

92. Os casos de cura relatados pelo sr. Dombre nada apresentavam de novidade, mas provavam que muito se pode obter pela perseverança e pela dedicação, com o que não falta jamais a assistência dos bons Espíritos, que só abandonam os que deixam o bom caminho. Segundo Kardec, o fato mais característico assinalado na carta era o da interferência dos parentes e amigos dos doentes nas curas, uma ideia nova cuja importância não escaparia a ninguém, porque sua propagação não deixaria de ter resultados consideráveis. *(Pág. 181.)*

93. A **Revista** noticia o surgimento de uma nova sociedade espírita em Bordeaux, fundada em junho de 1866. Duas reuniões semanais eram realizadas pela nova entidade. Às quintas-feiras, a sessão, de natureza particular, era consagrada aos Espíritos obsessores e ao tratamento das doenças por eles causadas. Aos sábados, a reunião era aberta com uma palestra sobre um assunto espírita e encerrada por um ligeiro resumo, feito pelo presidente, que podia retificar eventuais erros cometidos pelo palestrante. Depois de algum tempo, a Sociedade decidiu fazer outra sessão semanal,

aos domingos, às duas da tarde, para o desenvolvimento de novos médiuns, quando se faziam exercícios de escrita, tiptologia e magnetismo com grande sucesso. *(Págs. 181 a 184.)*

94. Ao comentar o assunto, Kardec fez questão de aplaudir o programa da Sociedade de Bordeaux e felicitá-la por seu devotamento e pela inteligente direção de seus trabalhos. Reportando-se às palestras realizadas aos sábados, o Codificador destacou a sua utilidade e afirmou que trabalhos assim provocam um estudo mais completo e mais sério dos princípios da doutrina, facilitando assim a sua compreensão. "É o primeiro passo, diz Kardec, para conferências regulares, que não podem deixar de ter lugar mais cedo ou mais tarde e que, vulgarizando a doutrina, contribuirão poderosamente para modificar a opinião pública, falseada pela crítica malévola ou ignorante daquilo que ela é." *(Pág. 185.)*

95. Morto a 20 de abril de 1867 em Sétif, Argélia, o sr. Quinemant comunicou-se no dia 16 de maio seguinte em Paris, ocasião em que se declarou feliz por haver confirmado, na vida post-mortem, os seus mais íntimos pensamentos. Convencido na Terra, pelo raciocínio, de que a doutrina espírita iria desenvolver-se muito e exercer influência sobre as gerações futuras, Quinemant disse então em sua mensagem: "Hoje tenho mais convicção: tenho certeza". No fim da comunicação, depois de explicar a causa da enfermidade que o vitimou, Quinemant referiu-se ao trabalho dos pioneiros, lembrando que os primeiros que semeiam raramente colhem frutos, pois geralmente estão preparando o terreno para os que vêm depois. Ninguém pense, porém, que esse trabalho seja inútil, porque nenhuma das sementes que se planta fica perdida; todas germinarão e frutificarão quando chegar o momento. *(Págs. 186 a 189.)*

96. Outro passamento sentido pelos espiritistas da França foi o do sr. Conde de Ourches, um dos primeiros a se ocupar das manifestações espíritas em Paris, desde o momento em que chegaram notícias do que havia ocorrido na América. O conde, voltado exclusivamente para a parte fenomênica do Espiritismo, não acompanhou o desenvolvimento da doutrina na sua nova face científica e filosófica, pela qual nutria pouca simpatia. O falecimento do pioneiro ocorreu a 5 de maio de 1867, quando contava ele 80 anos de idade. *(Págs. 189 e 190.)*

97. A **Revista** transcreve uma longa comunicação assinada pelo Espírito do sr. Quinemant, na qual ele tece considerações em torno do magnetismo e do Espiritismo. Depois de lembrar que a doença material é um efeito e, enquanto persistir a causa, produzirá esta novos efeitos mórbidos, o que inviabiliza a cura, o comunicante descreve a íntima relação que existe entre o Espiritismo, a mediunidade e o magnetismo – que, desenvolvido pelo Espiritismo, "é a chave da abóbada da saúde moral e material da humanidade futura". *(Págs. 190 a 193.)*

98. O número de junho de 1867 encerra-se com quatro notas: I) O jornal *Union Spirite*, de Bordeaux, passaria a partir de junho a ter periodicidade mensal, em face de uma série de dificuldades que seu diretor, sr. A. Bez, tornou públicas. II) Um novo jornal – *Progresso Espiritualista* – surgira em Paris em abril de 1867, sucedendo ao antigo Avenir. III) Foi lançada em Paris uma brochura intitulada *Pesquisas sobre a causa do ateísmo,* escrita por uma católica em resposta ao Monsenhor Dupanloup, na qual a autora afirma que o Espiritismo é o mais poderoso remédio contra a incredulidade e o ateísmo. IV) Dado a lume o livro *O romance do futuro*, obra escrita por E. Bonnemère, cuja leitura Kardec recomenda aos leitores da **Revista**. *(Págs. 193 a 196.)*

Revista Espírita de 1867

(2ª Parte)

1. A **Revista** de julho de 1867 se inicia com um relato sobre o encontro espírita de que Kardec participou em Bordeaux no dia de Pentecostes e que reuniu mais de cem confrades de localidades diversas. Na rápida excursão, Kardec foi também a Tours e Orléans, cidades que ficavam no trajeto entre Paris e Bordeaux, onde ele esteve por poucos instantes. *(Págs. 197 a 199.)*

2. Um fato destacado por Kardec na reportagem foi a seriedade com que nas mencionadas cidades os confrades encaravam o Espiritismo. As consequências morais da doutrina, o alívio do sofrimento do próximo e os conselhos de parte dos instrutores e familiares desencarnados constituíam então o objetivo exclusivo e preferido das reuniões espíritas, o que muito sensibilizou o Codificador. *(Pág. 199.)*

3. Diz Kardec que mesmo no campo e entre as pessoas mais simples um poderoso médium de efeitos físicos seria menos apreciado que um bom médium escrevente dando, por comunicações raciocinadas, a consolação e a esperança. *(Pág. 199.)*

4. Referindo-se aos numerosos exemplos de transformação moral operada pela doutrina, Kardec observa que, em que pese o valor da fé – porque crer já é alguma coisa, é um pé posto no bom caminho –, **a crença sem a prática é letra morta**. Foi com alegria que ele disse, então, haver encontrado em sua viagem um bom número de espíritas de coração, que poderiam ser considerados completos, se fosse dado ao homem ser completo no que quer que fosse. *(Pág. 200.)*

5. Para Kardec, referidos confrades podiam ser olhados como os tipos da geração futura transformada, e existiam de ambos os sexos e de todas as idades e condições. "São fáceis de reconhecer – diz Kardec –; há em todo o seu ser um reflexo de franqueza e de sinceridade, que impõe a confiança; desde logo sente-se que não há nenhuma segunda intenção dissimulada sob palavras douradas e cumprimentos hipócritas." "Em torno deles, e mesmo na mediocridade, sabem fazer reinar a calma e o contentamento." *(Pág. 200.)*

6. Em um artigo sobre a ação dos médiuns curadores em face da lei, Kardec assinala o preconceito de que eram cercados na França os indivíduos que se dispunham a curar os enfermos valendo-se de faculdades especiais, como se deu com o Príncipe de Hohenlohe, o cura d' Ars e mesmo com Jesus Cristo. *(Págs. 200 a 202.)*

7. No artigo Kardec indaga se as pessoas que tratam os doentes pelo magnetismo, pela água magnetizada, pela imposição das mãos, pela prece ou pelo concurso direto dos Espíritos seriam passíveis de sanções penais pelo exercício ilegal da medicina. *(Pág. 203.)*

8. Embora os termos da lei fossem muito elásticos, o Codificador faz, sobre o assunto, as seguintes considerações:

> I – A rigor não se pode considerar como exercendo a arte de curar senão os que fazem disso profissão, isto é, que tiram proveito das curas.
>
> II – Haviam-se, no entanto, registrado condenações contra indivíduos que se ocupavam desses cuidados por puro devotamento, sem nenhum interesse, ostensivo ou dissimulado.
>
> III – O delito seria, pois, a prescrição de remédios, embora o desinteresse notório geralmente fosse levado em consideração, como atenuante. *(Pág. 203.)*

9. Até aquele momento, observa Kardec, não se havia pensado que fosse possível operar uma cura sem medicamentos; por isso a lei não previu o caso dos tratamentos curativos sem remédios e não seria senão por extensão a sua aplicação a magnetizadores e médiuns curadores. Ora, não reconhecendo a medicina nenhuma eficácia no magnetismo e seus anexos, e menos ainda na intervenção dos Espíritos, não se poderia legalmente condenar pelo exercício ilegal da medicina os magnetizadores e os médiuns curadores que nada prescrevem, a não ser a água magnetizada. *(Págs. 203 e 204.)*

10. Concluindo o artigo, diz Kardec que, segundo seu entendimento, se o médium curador nada prescreve e nada recebe em paga por seu trabalho, a lei não pode atingi-lo. E adverte: "Não há nenhum poder no mundo que possa opor-se ao exercício da mediunidade ou magnetização curadora, na verdadeira acepção da palavra". *(Pág. 204.)*

11. Uma carta sob o título "Illiers e os espíritas" publicada no Jornal de Chartres de 26 de maio de 1867 motivou de Kardec um longo artigo em defesa do sr. Grezelle, espírita radicado em La Certellerie, injustamente atacado na referida correspondência. *(Págs. 204 a 212.)*

12. Grezelle fora, na verdade, vítima de perseguição do cura local por causa de seu envolvimento com o Espiritismo. "O cura me repele do confessionário porque sou espírita", disse o confrade em carta também publicada no citado periódico. "Se eu viesse a ele carregado de todos os crimes possíveis, ele me absolveria; mas espírita, crente em Deus e fazendo o bem segundo o meu poder, não encontra graça aos seus olhos." *(Pág. 207.)*

13. Kardec diz que um dos correspondentes da **Revista**, o sr. Quômes d'Arras, homem de ciência e distinto escritor, dirigiu-se até os locais citados na carta, a fim de se inteirar pessoalmente dos fatos, após o que enviou ao Codificador um relato minucioso de suas investigações. *(Pág. 209.)*

14. Com base nesse relato, Kardec faz então as observações que se seguem:

> I – Grezelle era excelente pedreiro e bom pai de família e todos, em La Certellerie, reconheciam o seu bom senso e seus hábitos de ordem e trabalho.
>
> II – Na região ele não era o único partidário do Espiritismo, que contava ali numerosos e dedicados adeptos.
>
> III – Aos 45 anos de idade, Grezelle era casado e tinha dois filhos, ambos médiuns escreventes, como o pai. Essa era a verdadeira causa dos sentimentos adversos de que ele e sua família eram objeto.
>
> IV – Em sua casa, o sr. Quômes participou de uma sessão espírita composta de dezoito pessoas, entre as quais se achavam o prefeito e várias pessoas de notória honorabilidade.
>
> V – Tudo na reunião se passou na melhor ordem. A sessão se iniciou com uma prece, durante a qual todos se ajoelharam. "Como temos dito – concluiu Kardec –, as perseguições são o prêmio inevitável de todas as grandes ideias novas, que todas têm tido os seus mártires. Os que as suportam um dia serão felizes por haverem sofrido pelo triunfo da verdade." *(Págs. 209 a 212.)*

15. Vários Espíritos haviam previsto que um flagelo destruidor iria ferir em breve a população da ilha Maurícia. Súbito uma moléstia estranha rompeu na pobre ilha: uma febre sem nome que começa suavemente, depois aumenta e derruba todos os que atinge. A doença tomou a feição de epidemia e todas as pessoas atingidas não puderam curar-se. O fato é destacado em carta datada de 8 de maio por um correspondente da **Revista** radicado na ilha, o qual informa ainda que os

farmacêuticos aproveitaram o momento para aumentar de forma escandalosa o preço do único medicamento que conseguia deter por algum tempo os acessos. *(Págs. 212 a 214.)*

16. Lida a carta na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito transmitiu verbal e espontaneamente mensagem em que confirma o que a doutrina espírita nos ensina sobre os chamados flagelos destruidores, lembrando, porém, que eles não afetam o Espírito imortal, apenas a matéria. *(Págs. 214 e 215.)*

17. Um dos correspondentes da **Revista**, escrevendo de Maine-et-Loire, relata o caso do sr. X..., que se comunicou no dia seguinte ao de seu passamento, dando, de modo espontâneo, prova indiscutível de sua identidade. Embora o fato não seja raro, Kardec o aproveita para lembrar que as provas de identidade dadas espontaneamente tocam mais o incrédulo do que certos prodígios extraordinários que pouco o sensibilizem. *(Págs. 215 e 216.)*

18. A **Revista** transcreve o poema intitulado "*Aos Espíritos Protetores*", assinado por Jules-Stany Doinel (d'Aurillac). *(Págs. 217 e 218.)*

19. Na seção de livros novos, Kardec analisa a obra *Roman de l'Avenir* – Romance do Futuro – de E. Bonnemère, que ele recomenda seja lida e divulgada por ter lugar marcado na biblioteca dos espíritas. Segundo as explicações de seu autor, constantes do prefácio, o romance teria sido escrito mediunicamente por um jovem de 25 anos que ele conheceu em modesta aldeia da Bretanha. *(Págs. 219 a 226.)*

20. Fechando o número de julho, a **Revista** reproduz uma comunicação psicografada em 24 de março pelo sr. Rul, na qual o comunicante faz as seguintes considerações:

> I – O orgulho é filho da ignorância.
>
> II – Há relação entre o estado da alma e a natureza dos fluidos que a envolvem.
>
> III - Se a alma pura saneia os fluidos, o pensamento impuro os vicia.
>
> IV – Não basta à pessoa querer melhorar-se para expulsar os Espíritos que a influenciam no mal, porque estes procuram retê-la em sua atmosfera malsã.
>
> V – Os bons Espíritos a esclarecem e lhe trazem a força de que ela necessita para lutar contra a influência dos maus, mas depois se afastam.
>
> VI – Somos solidários uns com os outros e não há um só pensamento bom que não leve consigo frutos de amor, de melhora e de progresso moral. *(Págs. 226 e 227.)*

21. Kardec analisa o romance-folhetim *Fernanda*, que o sr. Jules Doinel (d'Aurillac) publicou em maio e junho de 1866 no *Moniteur du Cantal*. Depois de elogiar a novela e lhe opor apenas dois reparos, o Codificador assevera que é a universalidade do ensino, sancionado pela lógica, que fez e completará a doutrina espírita. "A aliança que se pretendesse estabelecer das ideias espíritas com ideias contraditórias – afirmou Kardec – não pode ser senão efêmera e localizada." *(Págs. 229 a 235.)*

22. A **Revista** reproduz notícia publicada pelo jornal *Figaro* de 5 de julho, pertinente a um julgamento realizado pelo tribunal de Bordeaux e que envolvia, como testemunha, o "*feiticeiro de Cauderon*", epíteto atribuído ao sr. Simonet, um médium curador que, segundo a imprensa, atendia cerca de mil pessoas diariamente no estabelecimento em que trabalhava. *(Págs. 235 e 236.)*

23. No tribunal, inquirido pelo magistrado, Simonet explicou: "Eu não curo todo o mundo; mas é preciso crer que eu faço curas, porque no dia em que a justiça veio, havia mais de 1.500 pessoas que esperavam a sua vez". *(Pág. 236.)*

24. Reportando-se ao caso, Kardec informa que o sr. Simonet, marceneiro de profissão e espírita há muito tempo, vendo que muitos operários, seus colegas de trabalho, se feriam ou adoeciam nos serviços de construção de um grande estabelecimento localizado em Cauderon, subúrbio de Bordeaux, foi instintivamente levado a deles cuidar por meio do magnetismo. Como ele conseguira curar a muitos, a notícia das curas logo se espalhou e foi assim que uma multidão de doentes começou a buscar ali atendimento. Como os enfermos se acotovelassem à porta, os empreiteiros do estabelecimento tiveram a infeliz ideia de cobrar dez cêntimos por pessoa, valor que depois subiu para vinte cêntimos, o que, dada a afluência, produzia uma soma bem elevada, de que o médium nada usufruía, tanto que no julgamento apenas os proprietários do negócio foram condenados. *(Págs. 237 e 238.)*

25. Simonet curava realmente? Kardec diz que sim, apoiado no testemunho de pessoas dignas de fé que lhe relataram numerosos casos de cura perfeitamente autênticos. Além disso, Simonet era um homem suave, simples, modesto. Benevolente com os doentes, a todos encorajava por boas palavras e tinha igual solicitude tanto pelos miseráveis quanto pelos mais ricos. *(Pág. 238.)*

26. Um médico – dr. Claudius –, que em vida fora materialista, transmitiu na Sociedade Espírita de Paris por intermédio do sr. Morin, posto em estado sonambúlico, as informações que adiante resumimos:

> I – A dúvida ainda constituía o seu tormento; a incerteza de sua situação o mergulhara numa terrível perplexidade, e aí estava a sua punição.
>
> II – Encontrara antigos amigos que morreram antes, e não entendia como isso era possível.
>
> III – Via, mas via demasiado tarde, todo o mal que fizera, e entendia então que, reparando-o pouco a pouco, talvez um dia fosse digno de ver e fazer o bem. *(Págs. 239 a 241.)*

27. A comunicação do dr. Claudius foi toda ela entrecortada de exclamações e interrogações, o que indica que ele não compreendia bem o que dizia e que o impacto da realidade post-mortem é maior ainda sobre os que durante a encarnação professam ideias materialistas. Comentando-a, lembra Kardec que, como sabemos, a inteligência não basta para conduzir as pessoas pelo caminho da verdade. *(Pág. 241.)*

28. Num dos grupos espíritas existentes em Marselha, a sra. T... recebeu psicograficamente uma comunicação de um operário que dias antes havia desencarnado no desmoronamento de uma ponte. O operário também fora materialista na Terra. Da mensagem destacamos estas informações:

> I – O comunicante dizia estar em trevas, mas havia conseguido seguir um raio luminoso de um Espírito (pelo menos é o que lhe disseram, embora ele não acreditasse em Espíritos).
>
> II – Nada do que via ele compreendia.
>
> III – Via-se duplo: um corpo mutilado jazia a seu lado, mas ele se sentia vivo.
>
> IV – Via os parentes desolados e os companheiros de infortúnio, que também tinham dificuldades para ver as coisas. *(Pág. 242.)*

29. Em seguida à comunicação, o guia da médium explicou que o infeliz irmão fora conduzido até ali para ser ajudado. A tarefa não seria muito difícil, porque o essencial para compreendê-la o Espírito tinha: a bondade do coração. Era indispensável, porém, que o grupo espírita se fortalecesse, sustentando-se seus componentes uns aos outros, porque, para bem combater os obstáculos exteriores, é preciso, antes de tudo, ter vencido a si mesmo. "Deveis manter uma disciplina severa para o vosso coração", recomendou-lhe o amigo espiritual. "A menor infração deve

ser reprimida, sem buscar atenuar a falta, senão não sereis jamais vencedores dos outros." *(Pág. 243.)*

30. Após reproduzir notícia do *Siècle* de 10 de julho, relativa à instalação em Metz do Círculo Messino da Liga do Ensino, Kardec diz sentir-se feliz com a concretização das ideias de Jean Macé, a quem ele criticara não o projeto em si, mas somente o modo de execução. Em Metz, logo que empossada, a comissão diretora decidiu começar o trabalho pela fundação de uma biblioteca popular. *(Págs. 243 e 244.)*

31. Na seção de variedades, a **Revista** destaca dois fatos:

> I – A visita feita ao Hospital de Caridade pela dra. Walker, uma médica americana, doutora em cirurgia, que se tornou célebre durante a Guerra da Secessão. Recebida com muita simpatia e respeito, a presença da dra. Walker no Hospital de Caridade consagrava um princípio novo que se espalhava por todo o mundo: a igualdade da mulher perante a Ciência.
>
> II – O encontro em Paris do sultão Hairoulah-Effendi com o Monsenhor Chigi, Núncio Apostólico, e o Arcebispo de Paris. Comentando o fato, Kardec diz que os ódios religiosos eram anomalias naquele século e que uma das consequências do progresso moral será certamente um dia a unificação das crenças, o que se dará quando os diferentes cultos reconhecerem que existe um só Deus e que é absurdo e indigno dele lançar-se anátemas porque os homens não o adoram da mesma maneira. *(Págs. 244 e 245.)*

32. A **Revista** transcreve do *Journal de Bruxelles* um caso inusitado e interessante, relacionado com um operário de nome Jean Ryzak, que, levado à presença do burgomestre, confessou ter cometido, doze anos antes, um crime torpe. Ele matara um de seus amigos para ficar com seu soldo. Cometido o crime, o remorso começou a fazer-se sentir; mais tarde, o espectro de sua vítima passou a persegui-lo noite e dia. Tais foram as razões da surpreendente confissão. *(Págs. 245 e 246.)*

33. Em 10 de maio de 1867, na Sociedade Espírita de Paris, duas comunicações trataram do caso, transmitindo os ensinamentos que se seguem: I – Cada ser tem a liberdade do bem e do mal, a que chamamos de livre-arbítrio. II – O homem tem em si a consciência que o adverte quando faz ou deixa de fazer qualquer coisa. III – A consciência produz dois efeitos distintos: a satisfação de haver agido bem, a paz que deixa o sentimento do dever cumprido; e o remorso que penetra e tortura quando se praticou uma ação reprovada por Deus ou pelos homens. IV – O remorso é como uma serpente de mil voltas, que circula em redor do coração e o devasta. V – O mal carrega em si a sua pena, pelo remorso que deixa e pelos reproches feitos só pela presença das pessoas contra quem se agiu mal. *(Págs. 246 a 248.)*

34. Analisando o assunto, Kardec observa: "Se o remorso já é um suplício na Terra, quão maior não o será no mundo dos Espíritos, onde não é possível subtrair-se à vista daqueles a quem se ofendeu". "O remorso é uma consequência do desenvolvimento do senso moral; não existe onde o senso moral ainda se acha em estado latente. É por isto que os povos selvagens e bárbaros cometem sem remorso as piores ações." *(Pág. 248.)*

35. Comunicação transmitida na Sociedade de Paris por intermédio do sr. T..., em estado de sonambulismo espontâneo, analisou a preocupação que os progressos do Espiritismo causavam aos seus inimigos e os diversos ardis que estes haviam empregado e ainda empregavam para deter sua marcha. No final da mensagem, o comunicante pediu aos companheiros que orassem pelos irmãos transviados, a fim de que aproveitassem os curtos instantes de mora que lhes eram concedidos, antes que a justiça de Deus os alcançasse. *(Págs. 249 a 252.)*

36. Em nota aposta em seguida à mensagem, Kardec diz que o sonambulismo espontâneo não é senão uma forma de mediunidade vidente, cujo desenvolvimento fora anunciado tempos atrás. Segundo o Codificador, é nos momentos de crise geral ou de perseguição que as pessoas dotadas dessa faculdade se tornam mais numerosas do que nos tempos normais. A visão a distância e independente dos órgãos é explicada pelo Espiritismo pelas propriedades da alma e por sua capacidade de expansão e desprendimento. *(Pág. 253.)*

37. Duas comunicações mediúnicas recebidas em julho na Sociedade de Paris fecham o número de agosto de 1867. A primeira recebeu por título "*Os espiões*"; a segunda, "*A responsabilidade moral*". Eis, de forma resumida, o que nelas se contém:

I – A era nova começa, e com ela o Espiritismo.

II – Seu pequeno batalhão é muito fraco em número, mas pouco a pouco ganha novos aderentes e em breve será um exército: exército de veteranos do bem.

III – Hoje começa-se a tomar em consideração esse pobre Espiritismo, que diziam natimorto, mas que agora é visto como um inimigo sério.

IV – É o pressentimento dos casos que têm alguma chance de se apresentar, que faz nascer no homem os pensamentos adequados à resolução das dificuldades que eles poderiam suscitar. Aí está o livre-arbítrio.

V – Se os homens só tivessem as ideias que os Espíritos lhes inspiram, teriam pouca responsabilidade e pouco mérito.

VI – Não se deve concluir disso que o homem não seja assistido em seus pensamentos e em seus atos pelos Espíritos que o cercam.

VII – Em geral, o homem que busca, quando entregue às suas reflexões, quase sempre age só, sob o olhar vigilante de seu Protetor espiritual, que intervém se o caso for bastante grave para tornar necessária sua intervenção. *(Págs. 256 a 258.)*

38. Caracteres da revelação espírita, artigo extraído do livro "*A Gênese*", então no prelo, abre o número de setembro. *(N.R.: O artigo é a reprodução literal dos itens 1 a 55 do capítulo I da obra citada, que seria publicada poucos meses depois, em janeiro de 1868.) (Págs. 261 a 285.)*

39. Do artigo mencionado destacamos os pontos que se seguem:

I – O caráter essencial de toda revelação deve ser a verdade.

II – Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode também suscitá-los para as verdades morais.

III – Somente os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de a transmitir.

IV – Sendo a eterna verdade o caráter essencial da revelação divina, toda revelação manchada de erro ou sujeita a mudança não pode emanar de Deus.

V – O Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, ao passo que as outras leis mosaicas, por vezes em contradição com a lei do Sinai, são obra pessoal e política de Moisés.

VI – O Espiritismo, ao dar-nos a conhecer o mundo invisível que nos cerca, as leis que o regem, as relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam, é uma verdadeira revelação, na acepção científica do vocábulo.

VII – O que caracteriza a revelação espírita é que sua fonte é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a elaboração é produto do trabalho do homem.

VIII – Como meio de elaboração, o Espiritismo procede da mesma maneira que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental, sem estabelecer jamais qualquer teoria preconcebida.
IX – O objetivo especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual.
X – O Espiritismo e a ciência se completam mutuamente. A ciência sem o Espiritismo se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos; o Espiritismo sem a ciência estaria sem apoio e controle.
XI – É com razão que o Espiritismo é considerado a terceira grande revelação. A primeira, personalizada em Moisés, revelou aos homens o conhecimento de um Deus único, soberano senhor e criador de todas as coisas, a lei do Sinai e os fundamentos da verdadeira fé.
XII – O Cristo, tomando da antiga lei o que é eterno e divino e rejeitando o que era transitório, acrescentou à primeira a revelação da vida futura e das penas e recompensas que esperam o homem depois da morte.
XIII – A parte mais importante da revelação do Cristo é o ponto de vista inteiramente novo sob o qual faz encarar a Divindade. Deus não é mais o Deus terrível, ciumento e vingativo de Moisés, mas um Deus clemente e misericordioso que perdoa o pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras.
XIV – Toda a doutrina do Cristo está fundada no caráter que ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, ele pôde fazer do amor de Deus e da caridade para com o próximo a condição expressa da salvação.
XV – O Cristo, contudo, não disse tudo o que poderia ter dito, porque os homens de sua época não o compreenderiam. Eis por que mais tarde seria enviado à Terra o Consolador, o Espírito de Verdade, que haveria de restabelecer todas as coisas e explicar tudo quanto ele dissera.
XVI – Se considerarmos o poder moralizador do Espiritismo, a força moral, a coragem e as consolações que ele dá nas aflições, reconheceremos que ele realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador prometido. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento de regeneração, a promessa de seu advento se acha realizada, porque ele é, de fato, o verdadeiro Consolador.
XVII – A terceira revelação não é, ao contrário das duas primeiras, personificada em nenhum indivíduo. As duas primeiras são individuais, a terceira é coletiva e produziu-se simultaneamente em milhares de pontos diversos, que se tornaram centros ou focos de irradiação da doutrina espírita.
XVIII – A doutrina de Moisés é absoluta, despótica; não admite discussão e se impõe a todo o povo pela força. A de Jesus é essencialmente *conselheira;* é aceita livremente e não se impõe senão pela persuasão. A terceira revelação veio numa época de emancipação e de maturidade intelectual, em que o homem nada aceita cegamente; devia ser, pois, ao mesmo tempo, o produto de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre exame.
XIX – Um último caráter da revelação espírita é que, apoiando-se nos fatos, ela é e não pode deixar de ser essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Marchando com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas lhe

demonstrarem que está em erro num ponto, modificar-se-á nesse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará. *(Págs. 261 a 285.)*

40. Completando o estudo a respeito das ideias espíritas contidas na obra *As Aventuras de Robinson Crusoe*, a **Revista** acrescenta novas informações sobre o conhecido romance e transcreve trechos dele que falam de comunicações com Espíritos, sonhos, pressentimentos e inspirações. Estas, segundo o autor de *Robinson Crusoe*, "não passam de discursos que imperceptivelmente nos são soprados ao ouvido, ou por bons anjos que nos favorecem, ou por esses diabos insinuantes que nos espreitam continuamente". *(Págs. 285 a 291.)*

41. Em uma nota aposta logo abaixo do artigo, Kardec observa que fazia mais de um século que Daniel Defoe, que viveu na Inglaterra entre 1661 e 1731, escreveu o referido romance, que contém expressões que parecem tomadas à moderna doutrina espírita. Em mensagem dada na Sociedade Espírita de Paris, Daniel Defoe explicou suas crenças sobre esse ponto, dizendo que pertencera à seita dos teósofos, a qual professava os mesmos princípios. Por que, então, essa doutrina não tomou a extensão que o Espiritismo acabou adquirindo? Várias foram as razões:

I – os teósofos mantinham suas doutrinas quase secretas.

II – a opinião das massas não estava madura para as assimilar.

III – era preciso que uma sucessão de acontecimentos desse outro curso às ideias.

IV – era necessário que a incredulidade preparasse os caminhos.

V – a Providência não tinha julgado que já fosse tempo de tornar gerais as manifestações dos Espíritos. "Foi a generalização desta ordem de fenômenos – diz Kardec – que vulgarizou a crença nos Espíritos e a doutrina, que é o seu corolário." *(Pág. 291.)*

42. A **Revista** noticia o lançamento do livro *Deus na Natureza*, de Camille Flammarion, obra em que o autor procedeu da mesma maneira que em seu livro sobre a pluralidade dos mundos habitados, colocando-se no próprio terreno de seus adversários. Se Flammarion tivesse buscado seus argumentos na teologia, no Espiritismo ou em doutrinas espiritualistas quaisquer, teria estabelecido premissas que talvez fossem rejeitadas. Mas Flammarion, sabiamente, fala na obra em nome da ciência pura e não de uma ciência fantasista e superficial, e o faz com a autoridade que lhe dá seu saber pessoal. Seu livro é, pois, um desses que têm um lugar marcado nas bibliotecas espíritas, porque é uma *monografia* de uma das partes constituintes da doutrina, onde o crente encontra para se instruir tanto quanto o incrédulo. *(Págs. 292 a 294.)*

43. O número de outubro é aberto com um artigo em que Kardec afirma que as ideias espíritas pareciam espalhar-se por todos os lugares, na imprensa, nos livros, na poesia, nos discursos e até nos sermões, embora houvesse o cuidado por parte das pessoas de não pronunciar a palavra Espiritismo. De onde vinham essas ideias, se muitos que as emitiam não eram espíritas? "Já o dissemos várias vezes - explica Kardec -: quando uma verdade chega a termo e o espírito das massas está maduro para a assimilar, a ideia germina em toda a parte: está no ar, levada a todos os pontos pelas correntes fluídicas." *(Págs. 295 a 297.)*

44. Na parte final do artigo, Kardec reproduz artigo publicado pelo *Phare de la Manche*, jornal de Cherbourg, em 18/8/1867, no qual o autor mostra que dois mil anos atrás a casta sacerdotal dos druidas ensinava a seus adeptos uma doutrina estranha que – fácil é perceber – era em tudo semelhante à doutrina espírita. O sr. Digard, o autor do artigo, evidentemente não menciona nele a palavra Espiritismo. Será que ele não o conhecia ou por conveniência se absteve de citá-lo? *(Págs. 297 a 301.)*

45. A **Revista** focaliza o caso da senhora Condessa de Clérambert, falecida anos antes em idade avançada e que se notabilizara pelas curas que operou em criaturas consideradas incuráveis. Muitas vezes ela tratava por correspondência e, sem ter visto os doentes, descrevia a doença perfeitamente. Ela dizia receber instruções sobre o tratamento que fazia, sem explicar a maneira por que lhe eram transmitidas. A Condessa não tratava os enfermos pelo magnetismo ou pela imposição das mãos, mas pelo emprego de medicamentos que ela mesma preparava conforme as indicações que recebia. Algumas vezes o resultado era quase instantâneo, outras vezes requeria mais tempo. Foi assim que curou radicalmente um grande número de epilépticos e doentes de afecções agudas ou crônicas que os médicos já haviam abandonado. *(Págs. 301 e 302.)*

46. A sra. Clérambert não era um médium curador, mas um médium-médico, que gozava de uma clarividência que lhe permitia ver o mal e a guiava na aplicação dos remédios que lhe eram inspirados. Nada cobrava das pessoas que a buscavam, mas não recusava das pessoas ricas, reconhecidas por terem sido curadas, aquilo que entendiam de lhe dar, e o empregava para suprir as necessidades daqueles a quem faltava o necessário. *(Pág. 302.)*

47. A 5 de abril de 1867, o Espírito de Adèle de Clérambert comunicou-se na Sociedade Espírita de Paris, ocasião em que explicou de onde lhe vinha o gosto pelo estudo dos assuntos médicos. Ela fora médico em vida precedente. Um Espírito amigo a ajudava a aliviar os doentes que a procuravam, mas para isto ele lhe havia recomendado o mais completo desinteresse, sob pena de perder instantaneamente a faculdade que constituía a sua felicidade. O desinteresse moral, a humildade e a abnegação constituíam, segundo ele, condições essenciais à perpetuação de sua faculdade, que ela procurou observar até o fim de sua existência. *(Págs. 302 a 304.)*

48. Comentando o assunto, Kardec diz que a faculdade mediúnica apresentada por Adèle de Clérambert era, em sua opinião, o tipo de mediunidade que poderá, no futuro, apresentar-se em muitos médicos, quando entrarem na via da espiritualidade que o Espiritismo lhes abre, porque muitos verão, então, desenvolver-se em si faculdades intuitivas que lhes serão um precioso auxílio na prática. *(Págs. 304 e 305.)*

49. É um erro, diz Kardec, crer que a mediunidade curadora venha destronar a medicina e os médicos. Ela vem abrir-lhes uma nova via e mostrar, na natureza, recursos e forças que ignoravam e com as quais podem beneficiar a ciência e os doentes. Um dia haverá *médicos-médiuns*, como há médiuns-médicos, os quais juntarão à ciência adquirida o dom de faculdades mediúnicas especiais. *(Pág. 305.)*

50. O desinteresse material é um dos atributos essenciais da mediunidade curadora. Como a faculdade mediúnica nada lhe custou, o médium curador deve usá-la gratuitamente. Diferente será a posição dos médicos-médiuns, porque o exercício da medicina é uma profissão que precisa ser remunerada como qualquer outra e foi adquirida a título oneroso. Porque um médico tornou-se médium e é assistido por Espíritos no tratamento de seus doentes, não se segue que deva renunciar à remuneração. Se ele o fizer, viverá de quê? *(Págs. 305 e 306.)*

51. A mediunidade curadora não matará a medicina, mas deverá modificar profundamente a ciência médica. Médiuns curadores sempre houve e continuarão a existir, mas deverão ser menos numerosos à medida que aumentar o número de médicos-médiuns. Ter-se-á então mais confiança nos médicos quando forem médiuns e mais confiança nos médiuns quando forem médicos. *(Pág. 307.)*

52. A **Revista** transcreve reportagem publicada no *Tour du monde*, a respeito das curas realizadas por um curador tripolitano de nome Hassan, que curava usando o isqueiro e outras fórmulas que eram, na realidade, meros acessórios da faculdade

curadora de que ele era dotado. O assunto foi tema de uma comunicação mediúnica assinada por Clélie Duplantier, obtida na Sociedade de Paris a 23 de fevereiro de 1867, na qual o Espírito diz que, no exercício da mediunidade curadora, podem apresentar-se dois casos distintos: ou o médium é curador por sua própria vontade, ou é o agente, mais ou menos passivo, de um motor extracorporal. *(Págs. 308 a 311.)*

53. No primeiro caso, só poderá agir se suas virtudes e sua força moral assim permitirem. O Cristo é a personificação suprema do curador e exemplo clássico desse grupo. Quanto ao curador que é apenas médium, sendo tão-somente um instrumento, pode ser mais ou menos defeituoso e os atos operados por seu intermédio não o impedem de ser imperfeito, egoísta ou orgulhoso. Constitui sinal de bondade da Providência permitir que essas faculdades se desenvolvam em meios e em pessoas imperfeitas. É um meio de lhes dar a fé que, mais cedo ou mais tarde, as conduzirá ao bem. "Não são os que têm saúde que precisam de médico", afirmou Jesus. *(Pág. 311.)*

54. Num longo artigo sobre o sr. Jacob, famoso médium curador contemporâneo de Kardec, a **Revista** reuniu sobre as atividades do músico zuavo as seguintes informações:

> I – As sessões realizadas pelo sr. Jacob estão suspensas; era, por isso, inútil ir ao lugar onde elas se davam, na rua de la Roquette, em Paris.
>
> II – O motivo da suspensão foi o excessivo ajuntamento de pessoas, que dificultava a circulação numa rua muito frequentada e ocupada por grande número de industriais, que se viam impedidos em seus negócios.
>
> III – O sr. Jacob não cura todo o mundo, como ele mesmo expressamente declara; só quando está diante do doente é que julga da ação fluídica e vê o resultado.
>
> IV – O sr. Jacob não atende convites para ir a outras cidades, nem mediante indenização de suas despesas de viagem. Não podendo previamente responder pelos resultados, ele considera uma indelicadeza induzir pessoas em despesas sem certeza, mesmo porque, em casos de êxito, isso favoreceria a crítica.
>
> V – Ele também não cura por correspondência, nem diz que doenças são curáveis, porque pelo fato de curar uma pessoa de tal enfermidade não se segue que cure a mesma doença em outras pessoas, visto que as condições fluídicas não são mais as mesmas.
>
> VI – As notícias sobre as curas obtidas pelo sr. Jacob em Paris tiveram ampla cobertura dos jornais, o que fez com que em quarenta e oito horas toda a França se inteirasse da novidade.
>
> VII – Passado o primeiro momento de surpresa, os adversários do Espiritismo, quando viram que o sr. Jacob era paciente e de humor pacífico, começaram a atacá-lo.
>
> VIII – Ante as curas, os espíritas são os que testemunham menos surpresa, porque sabem qual é o mecanismo da mediunidade curadora. Os que ignoram a causa do fenômeno fazem inúmeras perguntas e há mesmo os que indagam se teríamos voltado aos tempos dos milagres. *(Págs. 312 a 317.)*

55. Em três comunicações sucessivas transmitidas em março de 1867 na Sociedade Espírita de Paris, o Abade Príncipe de Hohenlohe (Espírito) faz importantes considerações acerca da mediunidade de cura. Extraímos da primeira delas os pontos que se seguem:

I – Todo o mundo possui mais ou menos a faculdade curadora, e se cada um quisesse consagrar-se seriamente ao estudo dessa faculdade, muitos médiuns que se ignoram poderiam prestar úteis serviços a seus irmãos.
II – Restabelecer a *saúde material* é o menor dos serviços que a faculdade curadora está chamada a prestar.
III – A faculdade curadora tem missão mais nobre e mais extensa. Se pode dar aos corpos o vigor da saúde, pode também dar às almas toda a pureza de que são suscetíveis, e é somente neste caso que poderá ser chamada *curativa*, no sentido absoluto da palavra.
IV – O aparente efeito material, o sofrimento, tem quase constantemente uma causa mórbida imaterial que reside no estado moral do Espírito. Se o médium curador só ataca o efeito, e a causa primeira persiste, o efeito pode reproduzir-se, quer sob a forma primordial, quer sob qualquer outra aparência.
V – Aí está uma das razões pelas quais tal doença, subitamente curada pela influência de um médium, reaparece com todos os seus acidentes, desde que a influência benéfica se afaste.
VI – Para evitar essas recidivas, é preciso que o remédio espiritual ataque o mal em sua base, como o fluido material o destrói em seus efeitos: numa palavra, é preciso tratar ao mesmo tempo o corpo e a alma.
VII – Para ser bom médium curador, é preciso que o corpo esteja apto a servir de canal aos fluidos materiais reparadores e que o Espírito possua uma força moral que não pode adquirir senão por seu próprio melhoramento.
VIII – Para ser médium curador há, então, que se preparar para isto, não só pela prece, mas pela depuração de sua alma, a fim de tratar fisicamente o corpo pelos meios físicos e de influenciar a alma pela força moral.
IX – Na questão de saúde moral há doentes por toda a parte e o dever do médico é ir a toda a parte onde o seu socorro é necessário. Devemos, pois, atender não somente os pobres, mas todos os que necessitem de atendimento, independentemente de sua condição social. *(Págs. 317 e 318.)*

56. Na segunda comunicação, o Príncipe de Hohenlohe reafirma seu conselho de que o tratamento moral e o tratamento físico dos doentes devem fundir-se em um só, aditando os motivos por que tal providência se impõe. A mediunidade curadora pode, pois, comportar várias formas: A) Pode compreender unicamente o alívio material dos doentes e se dirige, então, aos encarnados. B) Pode compreender a melhora moral dos indivíduos e, neste caso, se dirige tanto aos Espíritos quanto aos homens. C) Pode compreender o melhoramento moral e o alívio material e, neste caso, tanto a causa quanto o efeito poderão ser combatidos vitoriosamente. "A mediunidade curadora abarca, assim e ao mesmo tempo, a saúde moral e a saúde física, o mundo dos encarnados e o mundo dos Espíritos", asseverou o instrutor espiritual. *(Pág. 319.)*

57. Da terceira comunicação transmitida pelo Príncipe de Hohenlohe apresentamos, de forma resumida, os pontos que se seguem:

I – Conforme o estado de nossa alma e as aptidões do nosso organismo, podemos, com a permissão de Deus, tanto curar as dores físicas quanto os sofrimentos morais, ou ambos.
II – Nossas dúvidas a esse respeito provêm de nossas imperfeições; mas Deus não pede a perfeição, a pureza absoluta dos homens. Deus pede é

que nos melhoremos, que façamos esforços constantes para nos purificarmos, e leva em conta nossa boa vontade.

III – Desde que desejemos seriamente aliviar nossos irmãos, tenhamos confiança e esperemos que o Senhor nos conceda esse favor.

IV – Atendamos a todos os doentes, sem fazer acepção de pessoas; todos, sejam ricos ou pobres, crentes ou incrédulos, bons ou maus, têm direito ao socorro.

V – Não nos magoemos pelas recusas que encontrarmos.

VI - Melhoremo-nos pela prece, pelo amor do Senhor e de nossos irmãos e não duvidemos da assistência que o Todo-Poderoso nos dará no exercício de nossa faculdade. *(Págs. 320 e 321.)*

58. No dia 16 de agosto, na Sociedade de Paris, o sr. Morin, em estado de sonambulismo espontâneo, transmitiu uma sucessão de mensagens. A cada interlocutor que se apresentava, o médium mudava de tom, de atitude, de expressão, de fisionomia, e pela linguagem se reconhecia o Espírito que falava, antes que fosse nomeado. Depois de cada alocução, o médium ficava absorto durante alguns minutos; era o tempo de substituição de um Espírito por outro. *(Pág. 321.)*

59. Eis os pontos mais relevantes extraídos das comunicações transmitidas na sessão citada:

I – A morte nada é. O atordoamento sobrevém, segue-se um esgotamento e ergo-me mais livre e feliz ao entrar neste mundo invisível, que minha alma havia pressentido. Vi, observei, e minha alegria delirante não era temperada senão pelo exagerado pesar dos meus. Mas hoje, que lhes pude provar a minha existência, sou feliz, muito feliz. (*Leclerc*.)

II – Para a alma que aspira à liberdade, como é longo o tempo na terra... Mas, também, uma vez partido o laço, com que rapidez o Espírito corre e voa para o reino celeste, que em vida via em sonhos e ao qual aspirava sem cessar! Agora não mais espero visitas dos que me são caros: vou visitá-los. *(Ernestine Dozon.)*

III – Obrigado por vosso perdão sincero, obrigado por vossas preces, pelo interesse que me prodigalizastes e que abreviaram os meus sofrimentos! (*D.*)

IV – Assisto aos vossos trabalhos com uma felicidade muito grande. Observo, estudo e posso ver os fluidos que em vão tinha procurado perceber em vida. E nessas moléculas fluídicas, átomos impalpáveis, distingo as diferentes forças propulsoras. Reúno, aglomero os fluidos simpáticos e vou, gratuitamente, despejá-los sobre os que deles necessitam. (*E. Quinemant.*)

V – A despeito de todo o ardor até aqui empregado, no meio de vós e por vossos inimigos, contra as vossas boas intenções, vossa falange foi a mais forte e, se o mal fez algumas vítimas, é que a lepra já existia nelas. (*São Luís.*)

VI – O cólera fere de novo a humanidade; seus efeitos são prontos e sua ação rápida. Sem nenhum aviso, o homem passa da vida à morte. Esse flagelo destruidor é simplesmente um dos meios para ativar a renovação humanitária, que se deve realizar. Mas não vos inquieteis: morrer é renascer. (*Doutor Demeure.*) *(Págs. 321 a 326.)*

60. Em carta dirigida a Kardec, o sr. Bonnemère revela pormenores relacionados com a origem da obra *Roman de l'Avenir* - Romance do Futuro -, focalizado anteriormente pela **Revista**. O escritor confirma que, ao escrever o livro, não conhecia o Espiritismo e não possuía nenhuma obra sobre as questões tratadas no romance. O

médium bretão – o verdadeiro responsável pelo livro – foi quem lhe forneceu os originais e explicou as condições em que os recebeu. "Quando devo servir de instrumento a algum dos amigos desaparecidos, seu nome ressoa em meu ouvido", disse-lhe o jovem bretão. "Se for um romance que devo escrever, para começar me vem o título, depois vêm os acontecimentos; às vezes é questão de um ou dois dias para o compor inteirinho." *(Págs. 327 a 329.)*

61. Bonnemère argumenta, relativamente à origem mediúnica do livro: "Se um indivíduo que jamais abriu um livro de medicina escreve, sem ter consciência disso, remédios que podem curar, em muitos casos, a maioria dos males atualmente considerados incuráveis, parece-me incontestável que tais coisas lhe são reveladas por uma força desconhecida e misteriosa". E, bastante seguro de si, conclui assim a carta: "Aqui pode haver um mistério, mas afirmo que não há mistificação. Se sou mistificado, restar-me-ão sempre os cento e tantos romances e novelas desse romancista sem o saber, cuja publicação vai ocupar agradavelmente os lazeres dos últimos anos de minha vida, e dos quais deixarei a maior parte para outros depois de mim". *(Págs. 331 e 332.)*

62. Comentando o caso, Kardec recorda que existem *médiuns inconscientes* e *médiuns conscientes*. A primeira categoria, à qual pertence o jovem bretão citado pelo sr. Bonnemère, é a mais numerosa e quase geral, a ponto de se poder dizer que em 100 pessoas 90 são dotados dessa aptidão em graus mais ou menos ostensivos. O *Romance do Futuro* era, sem dúvida, uma obra mediúnica do jovem bretão e o sr. Bonnemère agiu corretamente por ter declinado a sua paternidade. *(Pág. 333.)*

63. Um único reparo é feito por Kardec à carta do sr. Bonnemère: quando ele se felicita pelo *acaso* que lhe pôs em mãos os documentos fornecidos pelo médium bretão. O Espiritismo não admite o acaso nem o sobrenatural nos acontecimentos da vida. Foi, pois, intencionalmente que aqueles documentos lhe haviam chegado, porque nas mãos do jovem bretão teriam, com certeza, ficado perdidos. Era preciso que alguém se encarregasse de os tirar da obscuridade. Ao sr. Bonnemère, sugere o Codificador, coube essa missão. *(Pág. 335.)*

64. Finalizando sua análise, Kardec lembra que o objetivo providencial da manifestação dos Espíritos é atestar a sua existência, provar ao homem que nem tudo acaba para ele com a vida corporal e instruí-lo sobre sua condição futura. *(Pág. 336.)*

65. A **Revista** reproduz notícia sobre o cura Gassner, publicada no jornal *L'Exposition populaire illustrée*. Nascido em 1727, Jean-Joseph Gassner, após quinze anos de sua ordenação sacerdotal, revelou-se ao mundo como dotado de um poder excepcional: o de curar as doenças pela simples aposição das mãos, sem empregar nenhum remédio nem exigir remuneração. O corpo médico ergueu-se contra ele, e também alguns bispos da Igreja assim agiram. Constrangido a submeter-se a um inquérito determinado pelo bispo de Constança, Gassner disse que as doenças podiam ser divididas em três grupos:

1) doenças naturais ou lesões.
2) doenças de obsessões.
3) doenças complicadas de obsessões. Gassner morreu em 1779, aos 52 anos de idade. *(Págs. 336 e 337.)*

66. Em artigo publicado em seguida, a **Revista** refere diversos fatos concernentes a pressentimentos e prognósticos extraídos da reportagem sobre o cura Gassner. *(Págs. 338 a 342.)*

67. Analisando os fatos contidos na reportagem, Kardec observa que neles se viam duas coisas bem distintas: os pressentimentos e os fenômenos considerados como prognósticos de acontecimentos futuros. *(Pág. 342.)*

68. Não se podem negar os pressentimentos, dos quais – diz Kardec – há poucas pessoas que não tenham tido exemplos. Os pressentimentos se explicam pelo desprendimento da alma: é preciso que "algo se desprenda de nós, veja e entenda o que não podemos perceber pelos olhos e pelos ouvidos". "É sobretudo nos momentos em que o corpo repousa, durante o sono, que o Espírito, aproveitando o descanso que lhe deixa o cuidado de seu invólucro, em parte recobra a liberdade e vai colher no espaço, entre outros Espíritos, encarnados como ele, ou desencarnados, e no que vê, ideias cuja intuição traz ao despertar." *(Págs. 342 e 343.)*

69. Essa emancipação da alma dá-se, por vezes, no estado de vigília, nos momentos de absorção, de meditação ou devaneio. Ocorre, sobretudo, de maneira mais efetiva e mais ostensiva nas pessoas dotadas de dupla vista ou visão espiritual. Os pressentimentos têm, pois, a sua razão de ser e encontram a sua explicação natural na vida espiritual, que não cessamos um instante de viver, porque é a vida normal. *(Pág. 343.)*

70. Já não se dá o mesmo com os fenômenos físicos, tidos como prognósticos de acontecimentos felizes ou infelizes, porque, em geral, esses fenômenos não têm nenhuma ligação com as coisas que parecem pressagiar. É, pois, um absurdo crer em prognósticos fundamentados em fenômenos dessa ordem. *(Págs. 343 e 344.)*

71. Em novo artigo sobre o zuavo Jacob e suas curas, Kardec faz uma série de considerações que adiante resumimos:

> I – Acusar o sr. Jacob de charlatão era uma bobagem, porque seu desinteresse material era um fato notório: Jacob nada pedia e nada aceitava, nem mesmo agradecimentos, das pessoas que atendia.
>
> II – O sr. Jacob não curava todas as doenças; além disso, de dois indivíduos feridos pelo mesmo mal, muitas vezes curava um e nada conseguia fazer pelo outro.
>
> III – As curas obtidas pelo zuavo não representava uma volta à era dos milagres, porque nelas nada havia de sobrenatural nem de miraculoso. Jacob era, tão-somente, dotado de um poder fluídico que, independentemente de sua vontade, podia curar certas doenças, sem que ele mesmo soubesse por quê.
>
> IV – A cura era obtida sem emprego de remédios; resultava, pois, de uma influência oculta, porque o sr. Jacob não dava passes nem tocava os doentes. *(Págs. 344 a 346.)*

72. A crítica, informa o Codificador do Espiritismo, não poupou o zuavo Jacob. Como lhe faltassem boas razões, ela prodigalizou-lhe troças e injúrias grosseiras, mas nada disso o atingiu. Desprezando umas e outras, o sr. Jacob demonstrou a todos a sua moderação. *(Pág. 347.)*

73. Alguns chegaram a solicitar a sua prisão, como impostor que abusava da credulidade pública. Ora, impostor é o que promete e não cumpre. Jacob nunca prometeu nada. Que lhe podiam imputar? Que artigos da lei ele infligia? Como o zuavo não exercia a medicina, nem mesmo de forma ostensiva o magnetismo, existia alguma lei que proibisse curar as pessoas olhando-as? *(Pág. 347.)*

74. Um fato interessante ocorrido com o sr. Jacob é também examinado por Kardec. O zuavo recusou ir curar pessoas internas num hospital, sob as vistas de pessoas capacitadas a apreciar a realidade de suas curas. Duas razões – adverte Kardec – devem ter motivado sua recusa. Primeiro: a oferta que lhe fizeram não foi ditada pela simpatia; era mais um desafio que lhe propunham. Segundo: existem circunstâncias que podem favorecer ou paralisar a ação fluídica. Jacob deveria saber disso. Quando rodeado de enfermos que o buscavam voluntariamente, a confiança

deles os predispunha à cura. Não existindo essa confiança, o meio não favoreceria o tratamento. *(Pág. 348.)*

75. O erro dos senhores que lhe propuseram esse desafio foi crer que fenômenos dessa espécie possam ser manobrados à vontade. Mas as curas desse gênero são espontâneas, imprevistas e não podem ser premeditadas nem postas em concurso. Jacob estava, pois, certo em não atender o pedido. *(Pág. 349.)*

76. Na seção de livros novos, a **Revista** focaliza o livro *A Razão do Espiritismo,* escrito por Miguel Bonnamy, sobre o qual o Codificador faz as seguintes considerações: I – Esta é a primeira publicação em que a filosofia espírita é encarada em todas as suas partes e em toda a sua altura. II – Seu autor não se limita a emitir sua opinião: ele a motiva e dá a razão de ser de cada coisa. III – O ponto de vista em que ele se colocou é principalmente o das consequências filosóficas, morais e religiosas, que constituem o objetivo essencial do Espiritismo e dele faz uma obra humanitária. *(Págs. 349 a 354.)*

77. Depois de transcrever alguns trechos da obra, Kardec acrescentou: "O sr. Bonnamy já é conhecido de nossos leitores, que puderam apreciar a firmeza, a sua independência de caráter e a elevação de seus sentimentos, pela notável carta que publicamos na **Revista** de março de 1866, no artigo intitulado: *O Espiritismo e a Magistratura.* Ele vem hoje, por um trabalho de alto alcance, prestar resolutamente o apoio e a autoridade de seu nome a uma causa que, na sua consciência, considera como a da Humanidade *(Pág. 357.)*

78. Disto isto, Kardec lembra que, entre os adeptos numerosos que o Espiritismo contava na magistratura, o sr. Bonnamy, juiz de instrução em Villeneuve-sur-Lot, e o sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassone, foram os primeiros que abertamente arvoraram a bandeira espírita. "Os espíritas atuais e os do futuro saberão apreciá-lo e não o esquecerão", concluiu o Codificador. *(Pág. 357.)*

79. Duas notas encerram o número de novembro de 1867:

> I – A notícia do lançamento do último livro de Kardec, "A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo", previsto para dezembro.
>
> II – O aviso de que a **Revista** não tomaria em consideração as cartas recebidas sem assinatura, sem endereço certo ou com remetente desconhecido. Tais cartas, diz o aviso, "são postas na cesta". *(N.R.: O livro "A Gênese" acabou circulando apenas em janeiro do ano seguinte, e não em dezembro de 1867.) (Pág. 358.)*

80. Com o título *O homem antes da História,* a **Revista** de dezembro transcreve artigo assinado pelo sr. Camille Flammarion, em que ele trata da ancianidade da raça humana. Eis algumas informações interessantes extraídas do artigo:

> I – O alimento dos homens primitivos era muito variado. O sr. Flourens entende que eles se nutriam exclusivamente de frutos, mas a verdade é que, desde o começo, o homem foi onívoro.
>
> II – Todas as carnes eram comidas cruas e fumegantes.
>
> III – Os selvagens primitivos não eram todos nus. Os primeiros habitantes das latitudes boreais, da Dinamarca, e da Gália e da Helvécia, se protegiam do frio com peles e forros.
>
> IV – A coqueteria, o amor pelo enfeite, os ornamentos não são de agora.
>
> V – Os mortos eram colocados nos sepulcros em atitude agachada, com os joelhos quase em contato com o queixo, os braços cruzados sobre o peito e aproximados da cabeça, como é a posição da criança no seio materno.
>
> VI – Os homens nunca se entenderam sobre a data da criação, sobre o que já haviam sido formuladas, até então, 140 opiniões diferentes.

VII – Do ponto de vista geológico, o último período da história da Terra, o período *quaternário*, que dura até hoje, foi dividido em três fases: a fase *diluviana,* durante a qual houve imensas inundações parciais na Terra; a fase *glaciária,* caracterizada pela formação de geleiras e por um maior resfriamento do globo; e a fase *moderna.*

VIII – O homem existe no mundo desde a primeira dessas fases, em que reinava uma natureza muito diferente e outros tipos de plantas e animais existiam na superfície do solo e nos mares. *(Págs. 359 a 362.)*

81. A **Revista** reproduz interessante relato publicado a 6/11/1867 pelo jornal *La Liberté,* a respeito de uma viagem do sr. Victor Hugo à Holanda. O relato refere um caso moderno de ressurreição em que um homem, o sr. D..., um dos melhores advogados da Holanda, depois de ter sido dado como morto, voltou a respirar. A explicação que o sr. Victor Hugo deu para o fato foi muito elogiada por Kardec. *(Pág. 363 a 366.)*

82. Parte de uma carta escrita por Benjamin Franklin a Mrs. Jone Mecone em dezembro de 1770 revela que Franklin acreditava realmente na preexistência da alma e na reencarnação, crença que seria por ele imortalizada no famoso epitáfio de sua autoria, que a **Revista** novamente transcreveu. *(Pág. 367.)*

83. De Jean Reynaud, extraído de *Pensées genevoises,* por François Roget, a **Revista** transcreve um pequeno artigo em que seu autor afirma que a alma humana reúne e guarda em seu tesouro as impressões, as percepções e os desejos que esquecemos e que pareciam perdidos para sempre; então o resumo de todo o passado, tomando vida de uma vez, reconhecer-se-á realmente. *(Pág. 368.)*

84. Em um longo artigo sobre Joana d'Arc, em que Kardec arrola o que vários analistas disseram sobre a heroína e mártir francesa, o Codificador diz que Joana não foi apenas uma das grandes figuras da França, mas um imenso problema e, ao mesmo tempo, um protesto vivo contra a incredulidade. *(Págs. 368 e 369.)*

85. Joana d'Arc só não constitui problema nem mistério para os espíritas, que entendem muito bem que ela foi um exemplo eminente de pessoa dotada de quase todas as faculdades mediúnicas, cujos efeitos, como uma porção de outros fenômenos, se explicam pelos princípios da doutrina, sem necessidade de se recorrer ao sobrenatural. *(Pág. 369.)*

86. Segundo o artigo reproduzido pela **Revista**, assinado pelo sr. N. de Wailly e publicado inicialmente no *Propegateur de Lille* de 17/8/1867, a mais importante particularidade, a que domina todas as outras no caso Joana d'Arc, são as vozes que ela escutava várias vezes por dia, que a interpelavam ou lhe respondiam, cujas entonações ela distinguia, referindo-as sobretudo a São Miguel, a Santa Catarina e a Santa Margarida. Ao mesmo tempo em que isso ocorria, manifestava-se uma viva luz na qual ela percebia a figura de seus interlocutores.

"Eu os vejo com os olhos de meu corpo – disse Joana d'Arc aos seus juízes – tão bem quanto vos vejo." *(Pág. 371.)*

87. O correspondente da **Revista** em Antuérpia, que enviou a Kardec o artigo mencionado, juntou a ele uma nota, fruto de suas pesquisas sobre o processo de Joana d'Arc, que diz o seguinte: "Pierre Cauchon, bispo de Beauvais e um inquisidor chamado Lemaire, assistidos por 60 assessores, foram os juízes de Jeanne. Seu processo foi instruído segundo as formas misteriosas e bárbaras da Inquisição, que havia jurado a sua perda. Ela quis louvar-se no julgamento do Papa e do Concílio de Bâle, mas o bispo se opôs. Um sacerdote, L'Oyseleur, a enganou, abusando da confissão, e lhe deu funestos conselhos. Por força de intrigas de toda sorte, ela foi condenada em 1431 a ser queimada viva, '*como mentirosa, perniciosa, enganadora do povo, adivinha, blasfemadora de Deus, descrente na fé de Jesus Cristo, gabola, idólatra, cruel,*

dissoluta, invocadora dos diabos, sistemática e herética'. O Papa Calixto III, em 1456, por uma comissão eclesiástica, fez pronunciar a reabilitação de Jeanne e, por uma sentença solene, foi declarado que Jeanne morreu mártir para a defesa de sua religião, de sua pátria e de seu rei. O Papa quis mesmo canonizá-la, mas sua coragem não foi tão longe. Pierre Cauchon morreu subitamente em 1443, fazendo a barba. Foi excomungado, seu corpo foi desenterrado e atirado num monturo". *(Págs. 375 e 376.)*

88. Um dos correspondentes da **Revista** em Oloron, Basses-Pyrénnées, enviou a Kardec um curioso relato sobre a aparição de um Espírito à jovem Marianne Courbet, uma camponesa de 24 anos. O fato se deu no final de dezembro de 1866. A aparição, em forma de um velho de estatura média, vestido à camponesa, além de conversar com Marianne, deu-lhe um par de óculos e um livro de orações, após o que desapareceu. O teor da conversa com aquele vulto, que lhe falou de sua mãe e de uma irmã falecidas há algum tempo, impressionou vivamente a jovem, que se apressou em relatar o fato ao cura de Monin. Este lhe disse que pensava que houvesse algo extraordinário naquele episódio e aconselhou-a a guardar o livro com cuidado. *(Págs. 376 a 378.)*

89. Como a notícia logo se espalhou, uma multidão passou a visitar a casa da vidente, a ponto de o cura de Monin, que a princípio achara a coisa muito extraordinária, ter de dissuadir os paroquianos de ir visitar a camponesa. Em Monin e em Oloron – informou o correspondente da **Revista** – as opiniões estavam divididas. Uns acreditavam em Marianne, outros não. Entre os crentes, acrescentou o informante, a opinião geral era de que o vulto teria sido São José, embora ele não visse ali senão uma manifestação espírita cujo fim era chamar a atenção sobre a filosofia espírita, numa região dominada por influências contrárias. *(Pág. 378.)*

90. A **Revista** transcreve artigo publicado pelo jornal *L'Exposition populaire illustrée* em que a redação deste refuta crítica que lhe fora feita por Kardec por ocasião de seus comentários sobre as curas do sr. Gassner. A discussão central girou em torno dos vocábulos *taumaturgo* e *milagre*, que Kardec não aceita quando aplicados aos médiuns curadores e às suas curas. A resposta de Kardec foi publicada em seguida ao artigo. A questão dos milagres, disse o Codificador, já fora tratada inúmeras vezes em suas obras, bem como no número de maio de 1867 da **Revista**, do qual transcreveu breve trecho. *(Págs. 378 a 384.)*

91. Concluindo suas explicações, diz Kardec: "Se o autor se der ao trabalho de estudar o Espiritismo, contra o qual constatamos com prazer que ele não tem uma preconcebida ideia de negação, nele encontrará a resposta às dúvidas que parecem exprimir algumas partes de seu artigo, referentes à maneira de encarar certas coisas, salvo, contudo, no que concerne à ciência das concordâncias numéricas, da qual jamais nos ocupamos, e sobre a qual, por conseguinte, não poderíamos ter opinião formada". *(Pág. 384.)*

92. O Espírito daquele que foi conhecido na Terra como o Abade de Saint-Pierre, que faleceu em 1743 e a cujo nome ficará sempre ligada a lembrança do seu *projeto de paz perpétua*, comunicou-se a 17 de maio na Sociedade Espírita de Paris. De referida comunicação extraímos os pontos que se seguem:

> I – Em todas as épocas Espíritos têm vindo encarnar-se na Terra, para ajudar o avanço de seus irmãos.
>
> II – Tendo sido um desses Espíritos, coube-lhe o dever de procurar persuadir os homens de que virá uma época em que as paixões que engendram a guerra darão lugar à concórdia.
>
> III – Não há um só espírita que duvide que aquilo que se chama uma utopia, um sonho do Abade de Saint-Pierre, mais tarde não se tornará uma realidade.

IV – Ficai bem persuadidos que esta paz descerá, sim, sobre a Terra, embora antes disso graves acontecimentos devam realizar-se neste mundo. *(Págs. 384 a 386.)*

93. O número de dezembro de 1867 se encerra com duas comunicações espíritas recebidas em Paris e assinadas, respectivamente, por François Arago e Moki. *(Págs. 386 a 390.)*

94. Na primeira, intitulada *Erros científicos,* o Espírito de Arago diz que, do mesmo modo que o corpo tem os seus órgãos de locomoção, de nutrição e de respiração, o Espírito tem faculdades variadas, que se relacionam respectivamente com cada situação particular de seu ser. Se o corpo tem a sua infância, o Espírito possui faculdades que devem, como tudo o que existe, passar da infância à juventude e da juventude à idade madura. Aos que negam o Espírito, como outrora negavam o movimento da Terra, digamos: o que é não pode ficar eternamente oculto; a luz não pode tornar-se sombra; a verdade não pode tornar-se erro; as trevas se desfazem ante a aurora. *(Pág. 386 a 388.)*

95. Na derradeira mensagem de 1867, o Espírito de Moki diz que o mundo está em crise, a inquietude faz morada nos corações humanos. Assevera o instrutor espiritual: "O que falta às populações inquietas, às inteligências em apuro, é o senso moral, atacado, macerado, semidestruído pela incredulidade, pelo positivismo, pelo materialismo. Acreditam no nada, mas o temem; sentem-se no pórtico deste nada, mas tremem!..." *(Págs. 388 e 389.)*

96. Moki, então, propõe: "Os demolidores fizeram a sua obra, o terreno está limpo. Construí, então, com rapidez, para que a geração atual não fique mais tempo sem abrigo!". "À obra, pois. Construí cada vez mais depressa. Acolhei o viajante que vem a vós, mas ide também procurar e tentai trazer a vós aquele que se afasta sem bater à vossa porta, porque Deus sabe a quantos sofrimentos ele estaria exposto antes de encontrar o menor retiro capaz de o preservar do alcance do flagelo." *(Págs. 389 e 390.)*

Revista Espírita de 1868

(1ª Parte)

1. O ano de 1867 foi, como havia sido previsto pelos Espíritos, muito proveitoso para o Espiritismo. Diversas obras popularizaram na França os seus princípios. O número de reuniões particulares, ou de família, cresceu em grande proporção. As ideias espíritas se infiltraram por uma porção de brechas. Dizendo isso, Kardec adverte que estava, porém, distante o dia em que todas as prevenções erguidas contra a Doutrina seriam postas abaixo, o que exigiria tempo. Cada espírita deveria, pois, trabalhar e fazer a sua parte, sem desânimo com a pouca importância do resultado obtido individualmente, certo de que com o acúmulo de grãos de areia se pode formar uma montanha. *(Págs. 1 e 2.)*

2. Os princípios do Espiritismo mais facilmente aceitos, diz o Codificador, são a pluralidade dos mundos habitados e a reencarnação. O primeiro reúne adeptos até mesmo no seio do materialismo. O segundo está no estado de intuição numa porção de indivíduos, nos quais é uma crença inata. Trata-se de uma ideia que sorri a muitos incrédulos, porque aí eles encontram imediatamente a solução de muitas dificuldades que os levaram à dúvida. Essa crença tende, pois, a se vulgarizar cada vez mais, com o que o Espiritismo só tem a ganhar em termos de adeptos. O futuro do Espiritismo, sem contradita, está assegurado; é preciso ser cego para disso duvidar; mas, adverte Kardec, os seus piores dias ainda não passaram e muitos desafios virão pela frente. *(Págs. 4 e 5.)*

3. A **Revista** analisa o livro que o abade Poussin, professor no Seminário de Nice, escreveu sobre o Espiritismo, sua origem, natureza, certeza e perigos. Trata-se de uma obra de refutação do Espiritismo do ponto de vista católico. A primeira parte do livro é consagrada ao histórico do Espiritismo na Antiguidade e na Idade Média. A segunda parte é dedicada à parte doutrinária. O abade não contesta nenhum dos fenômenos espíritas, mas conclui que esses fatos são miraculosos e de fonte divina em certos casos, e diabólicos em outros. Na visão do abade Poussin, o Espiritismo "esforça-se por minar surdamente a Igreja católica". *(Págs. 5 a 7.)*

4. Embora seu propósito fosse denegrir e não enaltecer o Espiritismo, o abade Poussin reconhece em sua obra duas coisas: 1ª – Que o Espiritismo envolve, como numa imensa rede, a sociedade inteira. 2ª – Que prestou à Igreja o serviço de derrubar as teorias materialistas do século 18. As consequências desses dois fatos são comentadas por Kardec, que faz a respeito as seguintes observações:

> I – Os espiritistas, em grande maioria, são recrutados entre os incrédulos.
>
> II – Os espíritas não creem nos demônios nem nas chamas do inferno, mas acreditam firmemente em um Deus soberanamente justo e bom e entendem que o mal não provém do Pai, fonte de todo o bem, nem dos demônios, mas das próprias imperfeições do homem; que o homem se reforma e que, por fim, vencer-se a si mesmo é vencer o demônio.
>
> III – Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por tornar-se melhores, dominar suas inclinações más e pôr em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, perdoando aos inimigos e fazendo o bem pelo mal, a exemplo do Mestre.
>
> IV – O Espiritismo não buscou os que tinham fé e a quem esta bastava, mas sim aqueles a quem a fé faltava. Como Jesus, ele foi aos doentes e não aos sãos, aos famintos e não aos saciados.
>
> V – Que foi que fez para os trazer a si? Reclames, anúncios, pregação em praça pública? Violentou as consciências? Absolutamente, porque esses

são os meios da fraqueza e ele tem como regra invariável não constranger ninguém, respeitar todas as convicções.

VI – Os que dizem que tais coisas são obra de Satã devem lembrar-se da resposta que o Cristo deu aos fariseus, que o acusavam de curar os doentes e expulsar os demônios com a ajuda destes.

VII – Como dizia monsenhor Frayssinous em suas conferências sobre religião, um demônio que procurasse destruir o reino do vício para estabelecer o da virtude "seria um demônio esquisito, porque se destruiria a si próprio". *(Págs. 7 a 12.)*

5. Concluindo seus comentários e antes de transcrever alguns fragmentos da obra do sr. Poussin, o Codificador asseverou: "O Espiritismo não teme a luz; ele a chama sobre suas doutrinas, porque quer ser aceito livremente e pela razão. Longe de temer para a fé dos espíritas a leitura de obras que o combatem, ele lhes diz: Lede tudo; pró e contra, e escolhei com conhecimento de causa". *(Pág. 13.)*

Revista Espírita de 1868

6. Das ideias defendidas pelo abade Poussin destacamos os pontos seguintes:

I – Negar o demônio é negar o Cristianismo e negar Deus.

II – A crença nos Espíritos e sua intervenção no domínio de nossa vida remontam à mais alta antiguidade.

III – Deus fez os Espíritos seus embaixadores, diz o salmista. São os ministros de Deus, diz São Paulo.

IV – Cada ser vivo neste mundo tem um anjo que o dirige, ensina Santo Agostinho.

V – O fato mais interessante e mais autêntico da história é a evocação de Samuel por uma pitonisa de Endor, a pedido do rei Saul.

VI – A médium que atendeu Saul disse, depois do episódio: "Eis que há quarenta anos faço profissão de evocar os mortos a serviço de estranhos; mas jamais vi semelhante aparição".

VII – O Eclesiástico, reportando-se ao fato, prova que ocorreu ali uma verdadeira aparição, e não uma alucinação de Saul. *(Págs. 13 a 17.)*

7. Entre as curiosidades atraídas pela Exposição de Paris, uma das mais estranhas foi a dos exercícios executados pelos árabes da tribo dos Aïssaouá. O *Petit Journal*, de 30/9/1867, relatou uma dessas sessões, referida igualmente pela **Revista**. Os Aïssaouá, diz a reportagem, formavam uma seita religiosa muito espalhada na África, sobretudo na Argélia. O que se viu em Paris assustou a todos, e com inteira razão. Eis alguns dos fatos relatados pela imprensa:

I – Um árabe tomou um carvão ardente e o pôs na boca.

II – A um outro deram um pedaço de vidro para comer; ele o tomou e engoliu por inteiro.

III – Outro árabe trouxe na mão um cacto de espinhos compridos; cada aspereza da folhagem era como uma ponta acerada. O árabe comeu a folhagem picante, como comeríamos uma salada de alface.

IV – Dez serpentes saíam de um cesto; um árabe lhes fez um agrado e as fez enrolar em redor de seu corpo. Depois escolheu a maior e com os dentes mordeu e lhe arrancou a cauda; em seguida, com uma dentada, arrancou a cabeça da serpente e a comeu. *(Págs. 18 a 21.)*

8. Encerrando o assunto e sem aventar para os fatos qualquer explicação, Kardec promete examiná-los oportunamente. "Quem sabe se o Espiritismo, que já nos

deu a chave de tantas coisas incompreendidas, não nos dará ainda esta? É o que examinaremos num próximo artigo", disse o Codificador do Espiritismo. *(Pág. 22.)*

9. Um interessante caso de premonição, verificado em Marennes, é relatado pela **Revista**. Seis meses antes do falecimento de seu pai, a sra. Angelina de Ogé teve o pressentimento e todas as sensações de que tal fato se daria. Kardec comenta a notícia e reproduz comunicação dada na Sociedade Espírita de Paris sobre o episódio. O Espírito do pai tinha, em estado de desprendimento, conhecimento antecipado de sua morte e da maneira porque ela se realizaria. Foi ele próprio quem se manifestou à filha, seis meses antes, nas condições que deviam se produzir, para que, mais tarde, ela soubesse que era ele e, estando preparada, não ficasse surpreendida com sua partida. Angelina tinha também, como Espírito, ciência do que iria ocorrer. Foi isso que lhe deu a intuição de que alguém deveria morrer nas condições por ela referidas na carta enviada a Kardec. *(Págs. 23 a 26.)*

10. Segundo o *Siècle* de 29/4/1867, reproduzindo notícia publicada pelo *Observateur*, de Avesnes, um operário chamado Magnan, de 23 anos, desenterrou o cadáver de sua mulher, cuja morte ele não aceitara de forma alguma. Haviam-se passado 17 dias desde o óbito e, não obstante, o corpo se achava em perfeito estado de conservação. Convencido por seus amigos a sepultar novamente o cadáver, ele o recolocou na sepultura, mas, no dia seguinte, dizia não se lembrar do que fizera na véspera. Acreditava tão-somente que sua mulher o visitara durante a noite. *(Págs. 26 e 27.)*

11. Comunicação dada na Sociedade Espírita de Paris em 10/5/1867, por intermédio do sr. Morin, revelou a causa do curioso episódio. Quando a mulher morreu, ela ali permanecera em espírito. Como o casamento dos fluidos espirituais e dos fluidos do corpo era difícil de romper, em razão da inferioridade do Espírito, foi-lhe preciso um certo tempo para retomar a liberdade de ação. Depois, quando pôde, ela apoderou-se do corpo do homem e o possuiu, produzindo-se então um verdadeiro caso de possessão. Fora ela quem levou o marido a fazer o que ela queria, para vê-lo sofrer. Em uma anterior existência cometeu-se um crime. Aquele episódio foi apenas o começo de um processo de vingança que ainda prosseguiria. Ela prometera voltar e voltou, e voltaria outras vezes. *(Págs. 28 e 29.)*

12. O último livro de Kardec: *A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*, foi afinal posto à venda a 6 de janeiro de 1868. Ao dar essa notícia, a **Revista** reproduziu a tábua das matérias que compõem os dezoito capítulos da obra. Desses, doze tratam da Gênese segundo o Espiritismo, três focalizam os Milagres e três cuidam das Predições. *(Págs. 30 a 32.)*

13. Um longo artigo sobre alucinação e inspiração abre a **Revista** de fevereiro de 1868. Trata-se de um dos manuscritos obtidos mediunicamente pelo jovem médium bretão que confiara ao sr. Bonnemère o texto do *Roman de l'Avenir* (Romance do Futuro), referido na **Revista** de 1867. *(Págs. 33 a 42.)*

14. Do artigo citado transcrevemos os pontos adiante resumidos:

> I – A alucinação é um estado provocado por uma causa moral que influi sobre o físico e à qual se mostram mais acessíveis as naturezas nervosas.
>
> II – A alucinação, por um pequeno lado, toca a loucura, como todas as superexcitações cerebrais.
>
> III - Enquanto o delírio se expressa sobretudo em palavras incoerentes, a alucinação representa mais particularmente a ação, a encenação.
>
> IV – Presa de uma espécie de febre interior, o alucinado vive em meio ao mundo imaginário que sua imaginação perturbada cria.
>
> V – Essas visões fantásticas existem para ele; ele as vê, as toca e se amedronta.

VI – A inspiração é mais rara que a alucinação, porque não se deve somente ao estado físico, mas sobretudo à situação moral do indivíduo predisposto a recebê-la.
VII – Há tantas categorias de inspiração e de inspirados quantas faculdades existem no cérebro humano para assimilar os diferentes conhecimentos.
VIII – Os inspirados são geralmente seres puros, ingênuos e simples, sérios e refletidos, cheios de abnegação e de devotamento, sem personalidade marcante, bastante inteligentes para assimilar os pensamentos alheios, mas não moralmente bastante fortes para os discutir.
IX – Por vezes a inspiração é inconsciente de si mesma. Às vezes um médico, ao se aproximar de certos doentes, acha de súbito o remédio que pode curá-los. Não foi a ciência que o guiou; foi a inspiração.
X – O que se dá com o médico, pode ocorrer em todos os outros ramos do trabalho humano. Em certas horas o fogo da inspiração nos devora; há que ceder.
XI – A inspiração vem indiferentemente de dia, de noite, em vigília ou durante o sono; exige apenas recolhimento.
XII – Posto se dirija a todos, a inspiração desce mais geralmente sobre as naturezas doentias ou gastas por uma sucessão de sofrimentos, materiais ou morais.
XIII – A alucinação é um estado doentio, que o magnetismo pode modificar de maneira salutar. A inspiração é uma assimilação moral que não se deve provocar com passes magnéticos.
XIV – O alucinado entrega-se voluntariamente a arroubos e a contorções ridículas. O inspirado geralmente é calmo. *(Págs. 33 a 42.)*

15. Adolf, Conde de Poninski e espírita em Leipzig, mandou imprimir em alemão um interessante cartão de votos de feliz Ano Novo aos espíritas e espiritualistas daquela cidade. No texto, reproduzido pela **Revista**, o autor diz que, embora nada ensine de novo a respeito da imortalidade, de que o Cristo também falou, o Espiritismo derruba todas as dúvidas e lança nova luz sobre a questão. Não devemos, porém, considerar como inúteis os ensinamentos do Cristianismo e pensar que eles foram substituídos pelo Espiritismo. Ao contrário; fortifiquemo-nos na fonte das verdades cristãs, para as quais o Espiritismo não é senão um novo facho. *(Págs. 43 e 44.)*

16. No final da mensagem, o confrade alemão lembra que os Espíritos elevados, quando se comunicam, se fazem reconhecer por sua linguagem, que é a mesma por toda a parte, sempre de acordo com o Evangelho e a razão humana. "O meio de se preservar dos maus Espíritos é, para começar, fazer uma prece sincera a Deus; depois, jamais empregar o Espiritismo para coisas materiais", assevera o conde. *(Págs. 44 e 45.)*

17. A **Revista** transcreve uma coleção de treze comunicações mediúnicas assinadas por Espíritos diversos e recebidas em diferentes cidades. As quatro primeiras tratam do tema *Os Messias do Espiritismo*, das quais extraímos as seguintes informações:

I – Nasceu o novo Messias, e ele restabelecerá o Evangelho de Jesus-Cristo. Não é, porém, permitido revelar o lugar onde nasceu. (**São José**, Sétif, 1861.)
II – O homem chamado a consumar a grande renovação da humanidade não está ainda maduro para realizar sua missão, mas já nasceu e sua estrela apareceu em França. (**Fénelon**, Constantine, 1861.)
III – Jesus foi um desses enviados excepcionais e do mesmo modo tereis, para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento

de conjunto e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo. Esperai e orai, porque o tempo é chegado e o novo Messias não vos faltará, e aliás é por suas obras que ele se afirmará. (**Baluze**, Paris, 1862.)

IV – Eis uma pergunta que se repete por toda a parte: o Messias anunciado é a pessoa mesma do Cristo? Perto de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escada dos Espíritos puros, que mereceram ser seus enviados especiais. Podeis chamá-los *Cristos*; é a mesma escola; são as mesmas ideias. Se o Messias de que falam essas comunicações não é Jesus, é o mesmo pensamento. Uma multidão de Espíritos de todas as ordens, sob a direção do Espírito de Verdade, vieram a todas as partes do mundo e a todos os povos revelar as leis do mundo espiritual e lançar os fundamentos da nova ordem social. Quando todas as suas bases estiverem postas, então virá o Messias que deve coroar o edifício e presidir à reorganização com o auxílio dos elementos que tiverem sido preparados. Não creiais, porém, que esse Messias esteja só. Espíritos de escol surgirão em todas as partes e que, como lugar-tenentes animados da mesma fé e do mesmo desejo, agirão de comum acordo, sob o impulso do pensamento superior. É preciso, porém, que se realizem primeiro certos acontecimentos. (**Lacordaire**, Paris, 1862.) *(Págs. 45 a 47.)*

18. As três comunicações seguintes focalizam o tema *Os Espíritos marcados*, das quais reproduzimos as observações que se seguem:

I – Muitos Espíritos superiores concorrerão para a obra reorganizadora, mas nem todos são Messias. Há que distinguir:

1º) Os Espíritos superiores que agem livremente e por sua própria vontade.

2º) Os Espíritos *marcados*, isto é, designados para uma importante missão.

3º) Os *Messias*, seres superiores chegados ao mais alto degrau da hierarquia celeste, depois de haverem atingido uma perfeição que os torna infalíveis. Espíritos dessas três categorias deverão concorrer para o grande movimento regenerador que se opera. (**Autor não identificado**, Paris, 1866.)

II – Esse glorioso futuro que vos anunciamos será realizado pela vinda de um Espírito superior. Estrela da nova crença, o futuro Messias cresce na sombra. Perguntais se esse novo Messias é a pessoa mesma de Jesus de Nazaré. Que vos importa, se é o mesmo pensamento que os anima a ambos? Espíritas! compreendei a gravidade de vossa missão; estremecei de alegria, porque não está longe a hora em que o divino enviado realegrará o mundo. (**São Luís**, Paris, 1862.)

III – A vinda do Cristo trouxe à Terra sentimentos que, por um instante, a submeteram à vontade de Deus, que permite que ainda uma vez sua palavra seja pregada na Terra. Estão próximos os tempos em que essa palavra far-se-á ouvir. Sim, o povo comprimir-se-á sobre os passos do novo mensageiro anunciado pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nelas encontrarão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. (**Lamennais**, Havre, 1862.) *(Págs. 47 a 49.)*

19. O *Futuro do Espiritismo* é o tema das comunicações que se seguem, das quais destacamos os pontos adiante resumidos:

I – Depois de suas primeiras etapas, o Espiritismo fará em breve o seu aparecimento na grande cena do mundo. Os acontecimentos marcham

com tal rapidez que não é possível desconhecer a poderosa intervenção dos Espíritos que presidem aos destinos da Terra. De todos os lados veem-se sinais de decrepitude nos usos e legislações, que não mais estão de acordo com as ideias modernas. Marchai, pois, imperturbavelmente em vossa estrada, sem vos preocupar com as troças de uns e o amor-próprio ferido de outros. Estaremos e ficaremos convosco, sob a égide do Espírito de Verdade, nosso e vosso mestre. (**Erasto**, Paris, 1863.)

II – Cada dia o Espiritismo estende o círculo de seu ensino moralizador e sua voz repercute de um extremo ao outro da Terra. A humanidade não é má por natureza, mas é ignorante e, por isso mesmo, mais apta a se deixar governar por suas paixões. Ela é, contudo, progressiva e deve progredir para atingir seus destinos. Esclarecei-a; mostrai-lhe seus inimigos ocultos na sombra; desenvolvei sua essência moral, nela inata e apenas adormecida sob a influência dos maus instintos, e assim reanimareis a centelha da eterna verdade, do belo e do bom, que reside para sempre no coração do homem, mesmo o mais perverso. (**Montaigne**, Paris, 1865.) *(Págs. 49 a 51.)*

20. O Espírito de Dupuch, que foi bispo em Argel, comunicando-se em Bordeaux em 1863, escreveu: "Aurora esplêndida de um dia novo, o Espiritismo vem iluminar os homens". "Já os clarões mais fortes aparecem no horizonte; já os Espíritos das trevas, vendo que seu império vai esboroar-se, são presa de raivas impotentes e lançam seu último vigor em conchavos infernais. Já o anjo radioso do progresso estende suas brancas asas matizadas; já as virtudes do céu se abalam e as estrelas caem de sua abóbada, mas transformadas em puros Espíritos, que vêm, como anuncia a Escritura em linguagem figurada, proclamar sobre as ruínas do velho mundo o advento do Filho do Homem." Depois de afirmar que são bem-aventurados os justos e todos os que cultivam as virtudes ensinadas pelo Cristo, Dupuch aconselhou: "Ó meus amigos! continuai a marchar na via que vos é traçada; não sejais obstáculos à verdade que quer esclarecer o mundo. Não. Sede propagadores zelosos e infatigáveis como os primeiros apóstolos, que não tinham teto para abrigar suas cabeças, mas que marchavam para a conquista que Jesus havia começado; que marchavam sem idéia preconcebida, sem hesitação, que tudo sacrificavam, até a última gota de sangue, para que fosse estabelecido o Cristianismo". *(Pág. 51.)*

21. Das três comunicações que completam a coleção de treze reproduzidas pela **Revista**, extraímos as informações que se seguem:

I – Povos, escutai! Uma grande voz se faz ouvir de um extremo a outro dos mundos; é a do precursor, anunciando a vinda do Espírito de Verdade, que vem endireitar as vias tortuosas por onde o espírito humano se desgarrava em falsos sofismas. O Espiritismo é essa voz potente que já repercute até os extremos da Terra e todos a entenderão. O Espiritismo marca a hora solene do despertar das inteligências. (**João Evangelista**, Paris, 1866).

II – Jesus virá sobre as nuvens, a julgar os vivos e os mortos. Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, para receber as almas dos que entram na erraticidade. Os considerados condenados da parábola do juízo final devem recomeçar o caminho percorrido, em nova existência terrena, até que tenham expulsado as impurezas que os dominam. (**Erasto**, Paris, 1861.)

III – A humanidade não é senão uma criança coletiva que, como toda pessoa, passa por todas as fases que se sucedem em cada um, do nascimento à mais avançada idade. Assim como o desenvolvimento é

> acompanhado por certas perturbações físicas e intelectuais, a humanidade tem também as suas doenças de crescimento, seus desmoronamentos morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas que concluem um período e começam outro que vos é dado assistir. Infelizes dos que não tiverem preparado um abrigo! Infelizes dos fanfarrões que enfrentarem esse momento de mãos desarmadas e peito descoberto! Que desgraça terrível os espera. À obra, espíritas, e não esqueçais que deveis ser todo prudência e todo providência. Tendes um escudo, uma âncora de salvação; não a desprezeis. (**Clélie Duplantier**, Paris, 1867.) *(Págs. 52 a 54.)*

22. Em mensagem datada de 18/12/1867, São Luís fala sobre *A Gênese*, a última obra de Kardec, dada a lume em janeiro: "O Espiritismo atualmente entra numa nova fase. Ao atributo de *consolador*, alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência e em filosofia, como em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Conquistou os corações amigos com as armas da doçura; hoje viril, é às inteligências viris que se dirige". "Por esse livro, como vos disse, o Espiritismo entra numa nova fase e esta preparará as vias da fase que se abrirá mais tarde, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão nocivo quanto deixá-lo escapar." *(Págs. 54 e 55.)*

23. Na seção de livros novos, a **Revista** destaca a obra *Resumo da Doutrina Espírita,* escrita por Florent Loth, de Amiens, a qual apresenta um resumo dos mais essenciais princípios da doutrina espírita, cuja finalidade foi propagar a doutrina nos campos do departamento onde o autor residia. A nota da **Revista** é acompanhada da transcrição da crítica que o *Journal d' Amiens* de 29/12/1867 fez à obra do sr. Florent Loth e da carta que este dirigiu ao diretor do citado periódico. Um fato importante divulgado pelo jornal foi a notícia de que o livro em causa tinha sido posto no índex da Igreja, pelo menos nas comunas vizinhas de sua aldeia. A proibição aguçou a curiosidade do autor da crítica, que observou, jocosamente: "a gente gosta mesmo do fruto proibido". *(Págs. 55 a 60.)*

24. Kardec, em seus comentários sobre o assunto, observa que o jornalista que criticou a obra de Florent Loth não conhecia uma palavra da doutrina espírita e a julgava, como tantos outros críticos, por ouvir dizer, sem se dar ao trabalho de ir ao fundo da questão. "Se tivesse, diz Kardec, conhecido os seus primeiros elementos, não teria suposto os espíritas tão simplórios para acreditar na inteligência de uma mesa, como ele próprio não acredita na inteligência da pena que, em suas mãos, transmite os pensamentos de seu próprio espírito. Como ele, os espíritas não admitem que objetos materiais possam ser dotados da menor inteligência; mas, como ele sem dúvida, admitem que esses objetos podem ser instrumentos a serviço de uma inteligência." *(Págs. 60 e 61.)*

25. Quatro notas fecham o número de fevereiro:

> I – A primeira diz ter sido publicado o primeiro capítulo d'A Gênese, "Caracteres da Revelação Espírita", numa brochura à parte.
>
> II – A segunda dá conta de que estava no prelo a segunda edição de *A Gênese*, tendo em vista que praticamente se esgotara a primeira edição.
>
> III – A terceira refere o lançamento em Paris do livro *Os pensamentos do zuavo Jacob*.
>
> IV – A última nota avisa que o periódico *Giornale di Studii Psicologici,* de Nápoles, circularia, a partir de março, nos dias 1º e 15 de cada mês. *(Págs. 62 e 63.)*

26. A **Revista** de março se inicia com um alentado artigo de Allan Kardec a respeito das comunicações publicadas em fevereiro relacionadas com o tema *Os Messias do Espiritismo*. *(Págs. 65 a 71.)*

27. A ideia da vinda de um ou vários messias era mais ou menos geral, diz Kardec, mas fora encarada sob pontos de vista mais ou menos errados. Disseram que os messias do Espiritismo viriam após a sua constituição. Ora, não é estranho o missionário chegar quando o objeto de sua missão está realizado? *(Págs. 65 e 66.)*

28. Feitas as considerações precedentes, o Codificador observou:

> I – A revelação espírita é, ao mesmo tempo, o produto do ensino dos Espíritos e do trabalho dos homens, e se realiza sob a direção de grandes Espíritos, que receberam a *missão* de presidir à obra de regeneração da humanidade.
>
> II – Se não cooperam na obra como encarnados, nem por isso deixam de dirigir os trabalhos como Espíritos, de que temos as provas. Seu papel de messias, então, não se apagou, pois que o realizam antes de sua encarnação, e essa ação é até mais eficaz, porque podem estendê-la a toda a parte.
>
> III – Como Espíritos, fazem hoje o que o Cristo fazia como homem: ensinam, mas pelas mil vozes da mediunidade. Virão, a seguir, fazer como homens o que o Cristo não pôde fazer: instalar sua doutrina.
>
> IV – A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto. Primeiro é preciso elaborar os princípios. Mais tarde, estando o terreno preparado e a obra elaborada, será o momento de dar a última demão no edifício e consolidá-la.
>
> V – Enquanto esperam, eles não estão inativos, pois dirigem os trabalhadores. Sua encarnação posterior não será, pois, senão, uma fase de sua missão. *(Págs. 66 e 67.)*

29. A identificação dos novos messias não se torna difícil se levarmos em conta os ensinamentos contidos no cap. 21 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Diz o bom senso que Deus não pode escolher seus messias entre os Espíritos vulgares, mas entre os que sabe capazes de realizar seus desígnios. Na primeira linha das qualidades morais que distinguem o verdadeiro missionário, ou messias, há que colocar a humildade sincera, o devotamento sem limites, o desinteresse material e moral absoluto e a abnegação da personalidade. Assim como se reconhece a árvore por seus frutos, reconhecer-se-ão os verdadeiros messias por suas obras, e não por suas pretensões. *(Págs. 67 e 68.)*

30. Algumas pessoas, lembra Kardec, temeram que a qualificação de messias espalhasse sobre a doutrina espírita um verniz de misticismo. Ora, a palavra messias é empregada pelo Espiritismo na sua acepção literal de mensageiro, enviado, abstração feita da ideia de redenção e de mistério, própria dos cultos cristãos. Para o Espiritismo, todo Espírito encarnado para cumprir uma missão especial junto à Humanidade é um messias, na acepção geral da palavra, ou seja, um missionário ou enviado, com a diferença que o vocábulo messias implica de modo mais particular a ideia de uma missão direta da Divindade, de onde se segue que há uma distinção a fazer entre os messias propriamente ditos e os simples missionários. A vinda deles não será marcada por nenhum prodígio. Nada os assinalará à atenção pública, senão a grandeza de suas obras, a sublimidade de suas virtudes e a parte ativa e fecunda que tomarão na fundação da nova ordem de coisas. *(Págs. 68 e 69.)*

31. Assim serão os messias do Espiritismo: grandes homens entre os homens, grandes Espíritos entre os Espíritos. Quantos serão? Só Deus o sabe. Ninguém saberá

em que família e em que lugar eles nascerão. Nenhum anjo virá anunciar a sua vinda. E ao lado deles, dos messias propriamente ditos, Espíritos superiores encarnar-se-ão com missões especiais para os secundar, nascendo em todas as classes, em todas as posições sociais, em todas as seitas e em todos os povos. É, sobretudo, o século 20 que verá florescerem grandes apóstolos do Espiritismo e por isso poderá ser chamado o século dos messias. *(Págs. 69 a 71.)*

32. A biblioteca imperial de São Petersburgo publicou em 1858 uma coletânea de cartas inéditas escritas pelo célebre fisionomista Lavater à Imperatriz Maria, da Rússia, esposa de Paulo I e avó do Imperador reinante. Enviadas de Zurique, as cartas, em número de seis, foram escritas de 1796 a 1798. *(N.R.: As cartas de constam na íntegra do livro* **O porquê da vida***, de Léon Denis, págs. 55 a 100, objeto de estudo neste Círculo.) (Págs. 71 a 80.)*

33. Foi a pedido da Imperatriz Maria e de seu esposo Paulo I que Lavater enviou as citadas cartas, cujo tom prova que ele se dirigia a pessoas convictas das idéias que anteciparam em sessenta anos os ensinamentos espíritas. Manifestando-se espontaneamente a 7 de fevereiro de 1868, na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Paulo I disse que Lavater os iniciara na sublime doutrina e suas cartas eram por eles esperadas com ansiedade febril. "Todas essas questões, hoje causticantes, nós as aceitamos há sessenta anos", informou Paulo I, acrescentando que a Imperatriz Maria gozava da faculdade de ver e ouvir os Espíritos. *(Págs. 80 a 82.)*

34. Um caso relatado pelo dr. Champneuf, correspondente da **Revista** em Maine-et-Loire, comprova que os Espíritos não se despojam imediatamente de seu caráter ao entrarem no mundo espiritual. O correspondente cita alguns fatos produzidos por um Espírito chamado Flageolet, autor de várias traquinagens na casa de um de seus irmãos. Desencarnado em idade avançada, Flageolet revelava com suas travessuras o caráter de uma criança, próprio do desenvolvimento moral que atingira. Comentando o fato, Kardec diz que, sem dúvida, Flageolet pertencia à categoria de Espíritos ainda crianças, mais levianos que maus; mas o meio sério no qual se manifestava e o contato com homens esclarecidos concorreriam para o amadurecimento de suas ideias e o seu progresso. *(Págs. 82 a 84.)*

35. No artigo "Ensaio teórico das curas instantâneas", Kardec tece várias considerações que adiante resumimos:

> I – De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é o das curas instantâneas. Pergunta-se então: Como o fluido pode operar uma transformação súbita no organismo? E mais: Por que o indivíduo que possui essa faculdade não tem acesso sobre todos os que são atingidos pela mesma moléstia?
>
> II – A explicação seguinte, deduzida das indicações fornecidas por um médium em sonambulismo espontâneo, parece jogar luz nova sobre a questão, mas, adverte Kardec, "não a damos como absoluta", e sim a título de hipótese e como forma de estudo.
>
> III – Na medicação terapêutica são necessários remédios apropriados ao mal; eis por que não existe um remédio universal. Ocorre a mesma coisa com o fluido curador, verdadeiro agente terapêutico, cujas qualidades variam conforme o temperamento físico e moral dos indivíduos que o transmitem.
>
> IV – A cura depende, pois, em princípio, da adequação das qualidades do fluido à natureza e à causa do mal, o que muitos não compreendem. Além disso, existe uma outra causa, inteiramente moral, que nos é revelada pelo Espiritismo: a maioria das moléstias, como todas as misérias humanas, são expiação do presente ou do passado, ou provações para o

futuro, cujas consequências devem ser sofridas, até que tenham sido resgatadas. *(Págs. 84 a 86.)*

36. Na sequência do artigo, o Codificador assevera:

I – Consideradas do ponto de vista fisiológico, as doenças têm duas causas. É da diferença destas duas causas que ressalta a possibilidade das curas instantâneas em alguns casos, e não em todos.

II – Certas doenças têm sua causa original na alteração dos tecidos orgânicos; aliás essa é a única admitida pela ciência. Como, para a remediar, ela só conhece as substâncias medicamentosas tangíveis, não compreende a ação de um fluido impalpável, tendo a vontade como propulsor. A cura pelo magnetismo prova, no entanto, que essa ação não é uma mera ilusão.

III - Na cura das moléstias dessa natureza, pela ação fluídica, ocorre substituição das moléculas orgânicas mórbidas por moléculas sadias. A substância fluídica produz um efeito análogo ao da substância medicamentosa, com a diferença de que, sendo maior a sua penetração, em razão da tenuidade de seus princípios constitutivos, age mais diretamente sobre as moléculas primeiras do organismo do que o podem fazer as moléculas mais grosseiras das substâncias materiais. Além disso, suas qualidades são *modificáveis* pelo pensamento, enquanto as da matéria são fixas e invariáveis.

IV – Tal é, em tese, o princípio sobre o qual repousam os tratamentos magnéticos. A ação dos remédios homeopatas em doses infinitesimais baseia-se no mesmo princípio: a substância medicamentosa, levada por sua divisão ao estado atômico, adquire até certo ponto as propriedades dos fluidos, exceto o princípio anímico, que existe nos fluidos animalizados e lhes dá qualidades especiais.

V – Em resumo: a reparação da desordem orgânica se faz pela introdução no organismo de materiais sadios, que substituem materiais deteriorados. Esses materiais podem ser fornecidos pelos medicamentos ordinários *in natura* (medicina tradicional), pelos mesmos medicamentos em estado de divisão (homeopatia) ou pelo fluido magnético, que nada mais é que matéria espiritualizada.

VI – Trata-se de três modos de reparação, ou melhor, de introdução e assimilação dos elementos reparadores. Todos os três estão igualmente na natureza e têm sua utilidade, conforme os casos especiais, o que explica por que um tem êxito onde outro fracassa.

VII – São três ramos da arte de curar, destinados a se suplementar e se completar, conforme as circunstâncias, mas dos quais nenhum tem o direito de se julgar a panaceia do gênero humano. Seja qual for, é fácil compreender que a substituição molecular, necessária ao restabelecimento do equilíbrio, só se pode operar gradualmente, e não por encanto. A cura não pode deixar de ser senão o resultado de uma ação contínua e perseverante, mais ou menos longa, conforme a gravidade dos casos.

VIII – Como explicar, então, as curas instantâneas? Para entender esse fato é preciso considerar que certas afecções não têm como causa primeira a alteração das moléculas orgânicas, mas a presença de algo que as desagrega e perturba, como, por exemplo, a ação de um mau fluido. É como um relógio novo, cujas peças se encontrem em bom estado, mas com o movimento paralisado ou desregulado pela poeira.

Não é preciso substituir nenhuma peça; para restabelecer a regularidade do movimento basta purgar o relógio do obstáculo que o impede de funcionar.

IX – Esse é o caso de grande número de doenças, cuja origem é devida aos fluidos perniciosos de que é penetrado o organismo. Para obter a cura, basta expulsar o corpo estranho que o incomoda. Afastada a causa do mal, o equilíbrio se restabelece e as funções retomam o seu curso.

X – Concebe-se que em semelhantes casos os medicamentos comuns, destinados a agir sobre a matéria, não tenham eficácia. É por isso que a medicina ordinária é inoperante em todas as doenças causadas por fluidos viciados, e elas são numerosas. À matéria pode opor-se a matéria, mas a um fluido mau há que opor um fluido melhor e mais poderoso.

XI – A medicina tradicional naturalmente falha contra os agentes fluídicos, mas, do mesmo modo, a medicina *fluídica* falha onde é preciso opor matéria à matéria. A medicina homeopática parece ser o intermediário, o traço de união entre esses dois extremos e deve particularmente ter êxito nas afecções que poderiam chamar-se mistas. *(Págs. 86 a 88.)*

37. Concluindo o estudo, Kardec acrescenta:

I – Seja qual for a pretensão de cada um destes sistemas à supremacia, o que há de positivo é que cada um de seu lado obtém incontestáveis sucessos, mas que, até agora, nenhum justificou estar na posse exclusiva da verdade; de onde há que concluir que todos eles têm sua utilidade e que o essencial é aplicá-los adequadamente.

II – A causa pela qual o tratamento por vezes pode ser instantâneo, ao passo que em outros casos exige uma ação continuada, se deve à natureza e à origem do mal.

III – Duas afecções que apresentam, na aparência, sintomas idênticos podem resultar de causas diferentes. Uma pode decorrer da alteração das moléculas orgânicas e neste caso é precisar reparar, substituir, as moléculas deterioradas. A outra afecção pode ter origem na infiltração nos órgãos sãos de um fluido mau, que os perturba. Neste caso não se trata de reparar, mas de expulsar. Os dois casos requerem, no fluido curador, qualidades diferentes. No primeiro é preciso um fluido mais suave que violento, rico em princípios reparadores. No segundo, um fluido enérgico, mais próprio à expulsão do que à reparação.

IV – Esta teoria pode resumir-se assim: **Quando o mal exige a reparação de órgãos alterados, necessariamente a cura é lenta e requer uma ação contínua e um fluido de qualidade especial; quando se trata da expulsão de um mau fluido, ela pode ser rápida e, mesmo, instantânea**.

V – Para simplificar a questão consideramos apenas os dois pontos extremos, mas entre os dois há nuanças infinitas, isto é, uma multidão de casos em que as duas causas existem simultaneamente em diferentes graus e em que, por consequência, é necessário ao mesmo tempo expulsar e reparar. A cura só será completa após a destruição das duas causas, e esse é o caso mais comum. Eis por que os tratamentos médicos ordinários necessitam muitas vezes ser completados por tratamento fluídico, e reciprocamente.

VI – A cura instantânea radical e definitiva pode ser considerada como um caso excepcional, visto que é raro: 1º – que a expulsão do mau fluido seja completa no primeiro golpe; 2º – que a causa fluídica não seja acompanhada de alguma alteração orgânica.

VII – Enfim, não podendo os maus fluidos provir senão de maus Espíritos, sua introdução na economia se liga muitas vezes à obsessão; do que resulta que, para obter a cura, é preciso tratar, ao mesmo tempo, o doente e o Espírito obsessor.

VIII – A pessoa cujo caso motivou o estudo, inclui-se no rol das doenças de causa complexa. Seu organismo está profundamente alterado e, ao mesmo tempo, saturado de fluidos perniciosos que a tornam incurável apenas pela terapêutica ordinária. Uma magnetização violenta e muito enérgica produziria tão-somente uma superexcitação momentânea, logo seguida de maior prostração. Ser-lhe-ia necessário uma magnetização suave, continuada por muito tempo, um fluido reparador penetrante, e não um fluido que abala, mas nada repara. *(Págs. 88 a 90.)*

38. A **Revista** apresenta uma resenha do livro *Os pensamentos do zuavo Jacob,* um médium que se notabilizou pelas curas que por seu intermédio foram realizadas na França, ao tempo de Kardec. Nascido a 6 de março de 1828 em Saint-Martin-des-Champs, Henri Jacob era naquela oportunidade músico no regimento dos zuavos da guarda imperial. Eis algumas das citações extraídas do livro:

I – Antes de minha iniciação à ciência espírita, eu vivia nas trevas; meu coração jamais havia sentido as doçuras da paz.

II – Minhas palestras com os Espíritos e seus bons conselhos encheram-me de uma fé viva.

III – Sejamos sempre caridosos e generosos e seremos sempre assistidos pelos bons Espíritos.

IV – Sede firmes em vossas boas resoluções; vivei sempre numa grande pureza de alma, e Deus vos dará o poder de curar os vossos semelhantes.

V – Quando quiserdes aliviar um doente, depois de vossa prece, ponde vossa mão sobre o seu coração, e pedi calorosamente a Deus o socorro de que necessitais e, tenho a convicção, o eflúvio divino infiltrar-se-á em vós para aliviar ou curar vosso irmão que sofre. *(Págs. 90 a 94.)*

39. Na seção de livros, a **Revista** noticia também o lançamento da brochura *O Espiritismo ante a razão,* de Valentin Tournier. O autor do opúsculo se propunha fazer duas conferências públicas sobre o Espiritismo, mas, tendo sido impedido de fazê-lo, decidiu pôr no papel as conferências que não pôde realizar. *(Pág. 94.)*

40. O número de março se encerra com uma comunicação obtida em Lyon a 11/3/1867 sobre uma predição contida no Apocalipse a respeito da regeneração da humanidade. A época predita, diz a mensagem, está chegada. Essa geração não passará sem que aconteçam grandes coisas. "Coragem! o que foi predito pelo Cristo deve realizar-se", assevera o comunicante. "Perseverai na luta, sede firmes e desconfiai das armadilhas que vos preparam. Ficai ligados a essa bandeira em que escrevestes: *Fora da Caridade não há salvação* e depois esperai, porque aquele que recebeu a missão de vos regenerar volta, e ele disse: Bem-aventurados os que conhecerem o meu nome!" *(Págs. 94 a 96.)*

41. A **Revista** de abril reproduz mais três cartas enviadas por Lavater à Imperatriz Maria, da Rússia, às quais foram anexadas pelo missivista duas comunicações mediúnicas datadas de 1798. *(N.R.: Leia sobre o assunto a observação contida no item 32 deste resumo.) (Págs. 97 a 106.)*

42. Kardec comenta a predição contida em uma pequena brochura intitulada *O fim do mundo em 1911,* que fora espalhada em profusão na cidade de Lyon. Às considerações tiradas da concordância do estado atual das coisas com os sinais precursores anunciados no Evangelho, o autor juntou no seu texto, conforme uma outra profecia, um cálculo cabalístico que fixava o fim do mundo para o ano de 1911.

O fim do mundo seria precedido pelo reino do Anticristo, personagem que teria nascido em 1855 e viveria, desse modo, 55 anos e meio. Lembrando que o fim do mundo havia sido também predito para o ano de 1840, o Codificador analisa em profundidade essa e outras questões que pretendem, equivocadamente, assinalar, com base nas palavras de Jesus, a destruição física do planeta. *(Págs. 106 a 114.)*

43. Tendo sido o assunto comentado na Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Jobard deu espontaneamente a 28 de fevereiro uma comunicação esclarecedora, de que extraímos as observações que se seguem:

> I – O fim do mundo está, sim, próximo; mas, o fim de que mundo?
>
> II – Será o fim do mundo da superstição, do despotismo, dos abusos; será o fim do mundo egoísta e orgulhoso, do pauperismo, de tudo o que é vil e que rebaixa o homem; numa palavra, de todos os sentimentos baixos e cúpidos, que são o triste apanágio do vosso mundo.
>
> III – Se refletirmos em tudo o que se passa em volta de vós, vereis que esses sinais precursores são o sinal de começo de um novo mundo, quero dizer de um outro mundo moral, antes que a destruição do mundo material.
>
> IV – Sim, um período de depuração terrestre termina neste momento; um outro vai começar... Tudo concorre para o fim do velho mundo, e os que se esforçam por sustê-lo, trabalham, sem o querer, para a sua destruição.
>
> V – Sim, o fim do mundo está próximo para eles que o pressentem e, por isso, se apavoram. Entre o velho mundo e o novo não haverá, porém, solução de continuidade.
>
> VI – É assim que se deve entender o fim do mundo, que tantos sinais precursores pressagiam. *(Págs. 114 a 116.)*

44. Um dos correspondentes da **Revista** relatou a Kardec o fato seguinte. O padre de certa localidade, tendo sabido que uma de suas paroquianas tinha em seu poder *O Livro dos Espíritos,* foi à sua casa e, depois de ofendê-la e ameaçá-la, tomou-lhe o livro e levou-o. Dias depois, sem se abalar com os impropérios recebidos, a senhora foi à casa paroquial reclamar o livro, dizendo de si para consigo que, caso ele não o devolvesse, não seria difícil adquirir outro. O cura restituiu-lhe a obra, mas num estado que provava que uma *santa* cólera se havia descarregado sobre ela. O livro estava rasurado e cheio de anotações em que os Espíritos eram chamados de mentirosos, de demônios e de estúpidos. A fé daquela mulher, longe de ficar abalada, foi mais do que fortificada porque, como reza o ditado, *apanham-se mais moscas com mel do que com vinagre*. O sacerdote apresentou-lhe vinagre; ela preferiu o mel, e ainda disse: "Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que fez". *(Pág. 117.)*

45. Cenas desta natureza, informa o Codificador, eram muito frequentes há sete ou oito anos, e tinham por vezes um caráter de violência que caía no burlesco. Houve certa vez um missionário que espumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que os fiéis temiam que ele caísse do púlpito. Outro pregador convidava todos os que possuíssem obras espíritas que as trouxessem, para fazer uma fogueira em praça pública. Um escritor moderno lamentou há pouco que não tivessem queimado Lutero, pensando que dessa forma o protestantismo seria destruído em suas raízes. Ora, se o tivessem feito, o protestantismo talvez estivesse duas vezes mais espalhado. João Huss foi queimado vivo e que ganhou com isto o concílio de Constança? Apenas uma nódoa indelével, enquanto que as ideias do mártir não foram queimadas, constituindo-se num dos fundamentos da Reforma. A posteridade conferiu a glória a João Huss e a vergonha ao concílio. *(Págs. 117 a 121.)*

46. Desde muito tempo, diz Kardec, sabia-se que Cadiz (Espanha) era a sede de um importante centro espírita. Mas não só isto; os espíritas de Cadiz reivindicam algo mais: a honra de ter sido aquela cidade uma das primeiras, se não a primeira, na

Europa, a possuir uma reunião espírita constituída, que recebia comunicações regulares dos Espíritos, pela escrita e pela tiptologia, sobre temas de moral e filosofia. Um livro impresso em Cadiz em 1854 dá inteira razão aos confrades espanhóis. Em seu prefácio se explica como foram descobertas as mesas falantes e a maneira de as utilizar. O livro traz, em seguida, o relato das respostas dadas a perguntas feitas aos Espíritos numa série de sessões realizadas em 1853. O processo consistia no emprego de uma mesinha de três pés e de um alfabeto dividido em três séries, correspondendo cada uma a um dos pés da mesinha. *(Págs. 122 a 126.)*

47. Kardec reproduz vários trechos contidos no livro, dos quais extraímos as informações seguintes:

> I – Há um outro modo de nos comunicarmos com os Espíritos? – Sim, pelo pensamento.
> II – E como poderíamos nos entender com o pensamento dos Espíritos? – Pela concentração.
> III – Como se obtém a felicidade? – Amando-vos uns aos outros.
> IV - Que forma revestem os Espíritos? – A forma humana. Há dois corpos: um material, outro de luz.
> V – O corpo de luz é o Espírito? – Não; é uma agregação de éter; fluidos leves formam o corpo de luz.
> VI – Que é um Espírito? – Um homem em estado de essência.
> VII – Qual o seu destino? – Organizar o movimento material cósmico; cooperar com Deus para a ordem e nas leis dos mundos no universo.
> VIII – Existem outros mundos habitados? – Cada globo do sistema solar é habitado por uma humanidade como a vossa.
> IX – Por que nem sempre os Espíritos vêm ao nosso apelo? – Porque estão muito ocupados.
> X – Como distinguir os Espíritos levianos dos Espíritos sérios? – Por suas respostas.
> XI – Podem os Espíritos tornar-se visíveis? – Algumas vezes.
> XII – Qual a verdadeira religião? – Amar-vos uns aos outros. *(Págs. 122 a 124.)*

48. A respeito dos trabalhos atuais da Sociedade Espírita de Cadiz, o correspondente da **Revista** diz que o grupo se reunia cinco vezes por semana. Em cada noite a sessão era aberta pelo Espírito do dr. Gardoqui, que fora médico na cidade. Depois de dar conselhos aos presentes, o dr. Gardoqui visita os doentes relacionados pelo grupo e indica os remédios necessários, quase sempre com sucesso. Em seguida, comunica-se o Espírito familiar do círculo, que traz outros Espíritos, tanto superiores para os instruir, quanto inferiores para serem ajudados com os conselhos e o encorajamento dos encarnados. *(Págs. 124 a 126.)*

49. Finalizando o artigo, Kardec observa que o pioneirismo de Cadiz no tocante aos estudos espíritas é mais uma prova de que o movimento regenerador recebe seu impulso de mais alto que a terra e que seu foco está em toda a parte, sendo pois temerário tentar abafá-lo, visto que, em falta de uma saída, há mil outras pelas quais será feita a luz. Para que servem as barreiras contra aquilo que vem do alto? *(Pág. 126.)*

50. Comunicação mediúnica recebida em Joinville, Haute-Marne, a 10 de março de 1868, diz que soou a hora da libertação da mulher, que deseja ser livre e para isto precisa libertar sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. Esclarece o instrutor espiritual que é pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Conhecendo as leis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de modo diferente do que lhe ensinam, e não mais acreditará

em um Deus vingador, parcial e cruel, porquanto sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem conciliar-se com a justiça e a bondade. Finalizando a mensagem, o amigo espiritual disse estas palavras proféticas: "Ela reclama sua parte de *atividade intelectual*, e a obterá, porque há uma lei mais poderosa do que todas as leis humanas; é a lei do progresso, à qual toda a criação está submetida". *(Págs. 126 e 127.)*

51. Na abertura da **Revista** de maio lê-se a sexta e última carta enviada por Lavater à Imperatriz Maria. Com a carta, Lavater enviou uma longa mensagem mediúnica datada de 1798 em que o comunicante fala das relações existentes entre os Espíritos e os seres que eles amaram na Terra. Segundo ele, existem relações imperecíveis entre os mundos visível e invisível e uma ação benéfica recíproca de cada um desses mundos sobre o outro. *(Págs. 129 a 135.)*

52. Seria supérfluo, diz Kardec, ressaltar a importância das cartas de Lavater, que, por toda a parte, excitaram o mais vivo interesse. Elas atestam não só o conhecimento dos princípios fundamentais do Espiritismo, mas uma justa apreciação de suas consequências morais. Apenas sobre alguns pontos as ideias de Lavater diferiam das que o Espiritismo ensina, fato reconhecido pelo próprio Lavater em comunicação dada verbalmente a 13 de março de 1868 na Sociedade Espírita de Paris. *(Págs. 135 e 136.)*

53. Nessa comunicação, Lavater diz que os estudos realizados pelos Espíritos são mais vastos que os estudos dos homens, mas partem sempre dos conhecimentos adquiridos e do ponto culminante do progresso moral e intelectual do tempo e do meio em que vivem. O Espiritismo, diz Lavater, não foi revelado abruptamente, mas desenvolveu-se lenta, segura e progressivamente. O Espiritismo – que está fadado a fazer muito grandes revoluções – será, um dia, a fé universal, e os povos admirar-se-ão de que não tenha sido sempre assim. *(Págs. 136 a 140.)*

54. Em Caen, uma senhora e suas três filhas, querendo estudar a doutrina espírita, não podiam ler duas páginas sem sentir um mal-estar, de que não davam conta. Um dia, uma jovem médium, posta em estado sonambúlico, viu na casa um Espírito de um padre da localidade, morto havia dez anos. Era ele que impedia a família de ler. Algum tempo depois, devidamente esclarecido no grupo espírita da cidade, ele se transformou por completo, a ponto de exclamar: "Sim, agora sou espírita, dizei-o a todos os que ensinam. Ah! eu queria que compreendesse Deus como este anjo mo fez conhecer!" O ex-padre referia-se a Cárita, que tinha vindo até ele e diante da qual prostrou-se de joelhos, dizendo dela que não era um Espírito, mas um anjo. *(Págs. 140 e 141.)*

55. Este caso e um outro pertinente ao Espírito do dr. X..., que fora um médico céptico e se transformara após a morte com os esclarecimentos recebidos no grupo espírita de Caen, confirmam três grandes princípios revelados pelo Espiritismo:

1º – Que a alma conserva no mundo espiritual, por um tempo mais ou menos longo, as ideias e os preconceitos que tinha na vida terrestre.

2º – Que ela se modifica, progride e adquire novos conhecimentos no mundo dos Espíritos.

3º – Que os encarnados podem contribuir para o progresso dos Espíritos desencarnados. *(Págs. 141 e 142.)*

56. Progredindo o Espírito fora da encarnação, disso resulta que, ao voltar à Terra, ele traz o produto do que adquiriu nas existências anteriores e no estado de erraticidade. É assim que se realiza o progresso das gerações. Quando o médico e o padre citados acima reencarnarem, trarão ideias e opiniões diversas das que tinham na existência recém-finda. Um não será mais fanático, o outro não será mais

materialista, e ambos serão espíritas. Há, pois, utilidade para o futuro da sociedade em nos ocuparmos também com a educação dos Espíritos. *(Pág. 142.)*

57. Numa reunião íntima de família, em que se faziam exercícios de tiptologia, manifestou-se um médico distinto, morto há pouco e que, em vida, fizera abertamente profissão do mais absoluto materialismo. O médico (designado pelo pseudônimo Philippeau) fez diversas perguntas, que foram respondidas por outro Espírito, que assinou Sainte Victoire. A primeira pergunta do médico foi: "O Espiritismo me ensina que é preciso esperar, amar, perdoar; eu faria tudo isto se soubesse como me haver para começar. É preciso esperar o quê? Perdoar o quê e a quem? Amar a quem?" A resposta foi bem clara: "Há que esperar na misericórdia de Deus, que é infinita; há que perdoar aos que vos ofenderam; há que amar ao próximo como a si mesmo; há que amar a Deus, a fim de que Deus vos ame e vos perdoe; há que orar e lhe render graças por todas as suas bondades, por todas as vossas misérias, porque miséria e bondade, tudo nos vem dele, isto é, tudo nos vem dele conforme o que tenhamos merecido". *(Págs. 142 e 143.)*

58. Philippeau disse que iria tentar fazer o que lhe foi aconselhado, embora temesse não consegui-lo. Em seguida, referiu-se às impressões que tivera ao adentrar a vida espiritual, quando, apesar de morto, materialmente falando, sentia-se vivo. "Assim se passaram três dias; eu estava desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo que nunca", informou o médico. Depois, ao tomar conhecimento dos ensinamentos espíritas, percebeu que não mais era um homem, mas um Espírito, e que agora tinha que recomeçar, visto que, dominado pela ambição, fizera na Terra tudo ao contrário do que devia: "Aprendi, cursei a ciência, não por amor à ciência, mas por ambição, para ser mais que os outros, para que falassem de mim". "Tratei do próximo, não para o aliviar, mas para me enriquecer. Numa palavra, fui todo para a matéria, quando se deve ser todo para o Espírito. Quais são hoje as minhas obras? A riqueza, a ciência; nada! nada! Tudo está para refazer." *(Págs. 143 e 144.)*

59. A literatura da época, diz Kardec, impregnava-se diariamente das ideias espíritas, de que são exemplos os folhetins *A Condessa de Monte-Cristo*, publicado pela *Petite Presse*, e *O Calabouço da Torre dos Pinheiros*, publicado pela *Liberté*, bem como o artigo publicado pelo *Progrès de Lyon*, sob a forma de uma carta supostamente escrita de outro mundo pelo convencional Clootz, sobre os quais a **Revista** tece ligeiras considerações. *(Págs. 145 a 150.)*

60. Outra prova de que as ideias espíritas estavam no ar é o discurso proferido pelo sr. Jules Adenis, em nome da Sociedade dos Autores Dramáticos, no enterro do sr. Marc Michel. Segundo o jornal *Temps,* de 27 de março de 1868, o orador lembrou na ocasião outro escritor recentemente falecido, Ferdinand Langlé, cuja alma – disse ele – provavelmente viera receber Marc Michel no "limiar da eternidade", um pensamento tipicamente espírita que não era e não é aceito pela doutrina oficial da Igreja e das religiões protestantes. *(Págs. 150 e 151.)*

61. Um interessante caso de premonição obtida em um sonho foi relatado pelo *Figaro* de 12 de abril de 1868 e reproduzido pela **Revista**. Dez anos depois, quando o exército francês desembarcou na Criméia, o sonho se realizou integralmente, sem faltar nenhuma de suas minúcias. *(Págs. 151 e 152.)*

62. Notícia sobre fenômenos de pancadas numa casa da Rússia, extraída do *Courrier Russe,* de São Petersburgo, é transcrita pela **Revista**. Todas as noites, diz o jornal russo, pelas dez horas, começavam os exercícios, com transporte de objetos e batidas. Tendo o morador recorrido à polícia, um soldado passou várias noites na casa, mas a desordem não cessou. *(Págs. 153 e 154.)*

63. Mais um flagelo desabava em 1868 sobre as populações árabes da Argélia, então colônia da França. Terminados os rigores do inverno, os árabes agora morriam

de fome. Em carta dirigida a Kardec, o sr. Bourgès, capitão da guarnição de Laghouat, diz que desde alguns anos os flagelos se sucediam na colônia: tremores de terra, invasão de gafanhotos, cólera, tifo, seca e fome. Comentando esse fato, Kardec lembra que os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que flagelos de toda a sorte devastariam a Terra. A Argélia não era o único país em prova. Mas não se pode acusar a Providência por essas misérias, que resultam unicamente da ignorância, da incúria, do egoísmo, do orgulho e das paixões humanas. As gerações de agora colhem o que semearam, porque são compostas das mesmas individualidades espirituais que renascem em diferentes épocas e aproveitam os melhoramentos que elas próprias prepararam e a experiência adquirida no passado. *(Págs. 154 a 157.)*

64. Em mensagem dada em Lyon a 2 de fevereiro de 1868, por meio do sr. Dubois, um instrutor espiritual, que se designou *O Espírito da Fé,* voltou ao tema da regeneração da Terra e disse que o Messias que deve presidir a esse movimento já havia nascido. Era ele o próprio Cristo? O comunicante não diz que sim nem que não, mas afirma que cabe ao Espiritismo remover as pedras que possam dificultar a sua passagem. Esse homem será poderoso e forte, e numerosos Espíritos estão na Terra para aplainar o caminho e fazer cumprir o que foi predito. "A aurora do século marcado por Deus para a realização dos fatos que devem mudar a face deste mundo começa a surgir no horizonte", conclui a mensagem. *(Págs. 157 a 159.)*

65. A mediunidade no copo d'água é o tema inicial do número de junho. O novo gênero de mediunidade vidente permite ver imagens em um copo de água magnetizada, como se uma fotografia aparecesse no líquido. As informações constantes do artigo foram fornecidas por um dos correspondentes da **Revista** em Genebra. *(Págs. 161 a 166.)*

66. Eis como o fenômeno se realiza:

I – Primeiramente é preciso um copo liso e bem igual no fundo, no qual a água deve ser colocada até à metade, magnetizando-a em seguida pelos processos comuns, isto é, pela imposição das mãos. A duração da magnetização é de cerca de dez minutos na primeira vez; depois bastam cinco minutos, podendo ser magnetizados vários copos ao mesmo tempo.

> II – O médium vidente ou aquele que quer experimentar não deve magnetizar o seu próprio copo, pois gastará fluidos que lhe são necessários para a vidência. Para a magnetização é necessário um médium especial.
>
> III – Feito isto, cada experimentador coloca o copo à sua frente e o olha durante 20 ou 30 minutos no máximo, por vezes menos, conforme a aptidão. Esse tempo só é necessário nas primeiras tentativas; depois, bastarão alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa fará uma prece para pedir o concurso dos bons Espíritos.
>
> IV – Os que são aptos a ver distinguem a princípio, no fundo do copo, uma espécie de nuvem; é um indício certo de que verão. Pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada e a imagem se desenha à vista do médium.
>
> V – Entre si os médiuns podem ver nos copos uns dos outros. Algumas vezes parte do assunto aparece num copo e a outra parte em outro; por exemplo, em caso de doenças, um verá o mal e o outro, o remédio.
>
> VI – O médium só verá com os olhos abertos. Pelo menos é o que tem sido observado, o que denota uma variedade na mediunidade de vidência.
>
> VII – A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão facilmente quanto a das pessoas mortas.

VIII – Ocorre nesta mediunidade o que se dá nas outras: o médium atrai a si os Espíritos que lhe são simpáticos, e o meio de atrair os bons Espíritos é estar animado de bons sentimentos, não perguntar senão coisas justas e razoáveis, não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para coisas fúteis. *(Págs. 161 a 165.)*

67. Comentando o assunto, Kardec adverte que, como princípio, esta mediunidade não é nova, mas sim uma das variedades da mediunidade de vidência. Os médiuns videntes, por este processo ou por qualquer outro, não veem à vontade; eles só veem o que os Espíritos querem fazer ver ou lhes permitem ver. *(Págs. 165 e 166.)*

68. Escrevendo sobre a fotografia do pensamento, Kardec diz que tal fenômeno se liga ao fenômeno das criações fluídicas descrito em *A Gênese,* e reproduz na **Revista** trechos daquela obra em que o assunto é tratado. *(Págs. 166 a 169.)*

69. Eis, de forma resumida, os pontos principais contidos no artigo:

I – Os fluidos espirituais são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais e o elemento onde os Espíritos colhem os materiais com que operam.

II – Os fluidos são também o veículo do pensamento e os Espíritos agem sobre eles, não os manipulando como o homem manipula os gases, mas com o auxílio do pensamento e da vontade.

III – Pelo pensamento, eles imprimem a esses fluidos essa ou aquela direção e podem combiná-los, aglomerá-los e dispersá-los.

IV – Por vezes essas transformações resultam de um ato intencional; muitas vezes são o produto de um pensamento inconsciente, bastando ao Espírito pensar em uma coisa para que essa coisa se produza.

V – O pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos de que tinha o hábito de se servir. É assim que o fumante aparece com seu cachimbo e o militar, com suas armas.

VI – Os objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, quanto eram materiais para os encarnados; sua existência, no entanto, é fugaz como o pensamento.

VII – Ao criar imagens fluídicas, o pensamento se reflete no perispírito como num espelho, e de certo modo aí se fotografa. É assim que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório perispiritual, permitindo a outrem, encarnado ou desencarnado, ler na alma como num livro e ver o que não é perceptível pelos olhos do corpo.

VIII – Na teoria das criações fluídicas pode ser encontrada a explicação da mediunidade pelo copo d'água. Ora, já que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer aí o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. *(Págs. 166 a 169.)*

70. A **Revista** registra o falecimento do sr. Bizet, cura de Sétif, morto aos 43 anos de idade. Os atos de caridade e de tolerância que notabilizaram o pároco foram destacados na reportagem, à qual se segue a transcrição de uma comunicação dada pelo Espírito do sr. Bizet na Sociedade Espírita de Paris, a 14 de maio de 1868, 29 dias depois do seu falecimento. Em sua mensagem, o padre informa haver encontrado no mundo espiritual muitos amigos cujo acolhimento simpático o ajudou a reconhecer-se em seu novo estado. Bizet descreve, também, algo que seria inimaginável noutros tempos: o triste espetáculo da fome entre os desencarnados – criaturas infelizes, mortas nas torturas da fome e que ainda procuravam satisfazer, em vão, uma necessidade imaginária. No final da comunicação, Bizet confessa que os princípios da doutrina espírita lhe pareciam agora mais justos, porque, depois de haver

conhecido a sua teoria, via no mundo espiritual a sua mais larga aplicação prática. *(Págs. 169 a 172.)*

71. O relato pertinente aos horrores da fome entre os desencarnados mereceu de Kardec uma nota explicativa. Os Espíritos, adverte ele, são seres como nós: têm um corpo, fluídico é verdade, mas que não deixa de ser matéria. Deixando o invólucro carnal, *certos* Espíritos continuam a vida terrena com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Tal é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material que a vida espiritual. As evocações nos mostram uma porção de Espíritos que ainda se julgam encarnados: suicidas, supliciados, avarentos, náufragos etc. O quadro apresentado pelo sr. Bizet nada tem, pois, de estranho; ao contrário, vem confirmar, por meio de um depoimento insuspeito, o que já se sabia. *(Págs. 172 a 174.)*

72. Sob o título de *Boletim do movimento filosófico e religioso*, o número de maio do jornal *Solidarité*, de Paris, publicou interessante artigo em que o autor analisa *A Gênese,* última obra publicada por Kardec. As passagens principais do artigo são reproduzidas pela **Revista**. *(Págs. 174 a 177.)*

73. Além de vários elogios a Kardec e à sua obra, o articulista, reportando-se à doutrina espírita, diz que nos encontramos em presença de uma doutrina geral "que está perfeitamente em relação com o estado da ciência em nossa época, e que responde perfeitamente às necessidades e às aspirações modernas". "E o que há de notável – acrescenta o jornalista – é que a doutrina espírita é mais ou menos a mesma em toda a parte." *(Pág. 177.)*

74. Numa série de conferências feitas em abril de 1868 pelo sr. Chavée, no Instituto livre do *boulevard* dos Capuchinhos, o orador fez um estudo analítico e filosófico dos Vedas e das Leis de Manu, comparados com o livro de Jó e os Salmos. Eis, do texto transcrito pela **Revista**, algumas observações feitas pelo conferencista:

> I – A alma é sem extensão; ela não é estendida senão por seu corpo etéreo e circunscrita pelos limites desse corpo, que São Paulo chama *organismo luminoso*.
>
> II – Depois da morte, a alma continua sua vida no espaço, com seu corpo etéreo, conservando assim a sua individualidade.
>
> III – Entre nós, assistindo invisíveis às nossas palestras, certamente se encontram muitos dos que já morreram; eles estão ao nosso lado e planam acima de nossas cabeças; veem-nos e nos escutam.
>
> IV – Há fenômenos patológicos que provam a existência da alma após a morte? Sim, há e vou citar um. É ao sonambulismo e ao êxtase que vou pedir essas provas. Diz Kardec que o orador citou então numerosos exemplos de sonambulismo e de êxtase que lhe deram a prova, de certo modo material, da existência da alma, de sua ação isolada do corpo carnal, de sua individualidade após a morte e, finalmente, de seu corpo etéreo ou perispírito. "As conferências do sr. Chavée são, pois, verdadeiras conferências espíritas, menos a palavra", adverte Kardec. "E, sob esse último aspecto, diremos que arvoram abertamente a bandeira. Popularizam as suas ideias fundamentais sem ofuscar os que, por ignorância da coisa, tivessem prevenção contra o nome." *(Págs. 178 a 181.)*

75. Uma alentada crítica assinada pelo sr. Emile Barrault a respeito da obra *A Religião e a Política na Sociedade Moderna,* de Frédéric Herrenschneider, antigo sansimonista que depois se tornou espírita, fecha o número de junho de 1868. Diz Emile Barrault que a obra em apreço é notável e que o sr. Herrenschneider revelou-se um pensador profundo e espírita convicto, mas que não concordava com todas as conclusões a que ele chegou, como, por exemplo, a ideia de que existem Espíritos

que se podem chamar Espíritos ingleses, franceses, italianos etc. Diremos, sim - propõe o sr. Barrault -, que não há Espíritos franceses ou ingleses, mas que há Espíritos cujo estado, hábitos e tradições impelem uns a se encarnarem na França, outros na Inglaterra, como se vê, durante a vida terrestre, as pessoas agrupar-se segundo suas simpatias e caracteres. *(N.R.: Sansimonista: partidário do sansimonismo, sistema político e social proposto por Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon {1760-1825}, filósofo e economista francês, um dos precursores do socialismo.) (Págs. 181 a 191.)*

Revista Espírita de 1868

(2ª Parte)

1. O número de julho da **Revista** se inicia com artigo de Kardec sobre numerologia e fatalidade. Do artigo extraímos as considerações que se seguem:

> I – É certo que leis numéricas regem a maior parte dos fenômenos de ordem física. Dá-se o mesmo nos fenômenos de ordem moral e metafísica? Sem dados mais certos do que os que se possuem, não há como responder afirmativamente a tal questão.
> II – O Espiritismo jamais negou a fatalidade de certos acontecimentos; ao contrário, sempre a reconheceu. O que ele diz é que essa fatalidade não entrava o livre-arbítrio.
> III – Por exemplo, o homem deve um dia morrer; isso é fatal; mas ele pode apressar esse momento pelo suicídio ou cometendo excessos.
> IV – O indivíduo pode, pois, ser livre em suas ações, a despeito da fatalidade que preside o conjunto. A fatalidade é, assim, absoluta para as leis que regem a matéria, mas não existe para o Espírito, que pode reagir sobre a matéria, em virtude da liberdade relativa que Deus lhe concedeu.
> V – Nada há de impossível que o conjunto dos fatos de ordem moral e metafísica seja subordinado a uma lei numérica, cujos elementos e bases não conhecemos ainda. A fatalidade do conjunto, contudo, de modo algum eliminaria o livre-arbítrio do indivíduo.
> VI – Quanto aos acontecimentos da vida privada, que por vezes parecem atingir uma pessoa fatalmente, têm duas fontes bem distintas: uns são consequência direta de sua conduta na existência presente; outros são inteiramente independentes da vida presente e parecem, por isso mesmo, devidos a uma certa fatalidade.
> VII – Esta é, porém, aparente, porque resulta da escolha das provas que o Espírito fez na erraticidade, antes de encarnar-se, com vistas ao seu adiantamento. Os acontecimentos desagradáveis são, pois, produto do livre-arbítrio, não da fatalidade, e se algumas vezes são impostos por uma vontade superior, o fato se deve às más ações cometidas em existência precedente, e não como consequência de uma lei fatal.
> VIII – Em resumo, se um acontecimento está no destino de uma pessoa, realizar-se-á a despeito de sua vontade e será sempre para o seu bem, mas as circunstâncias de sua realização dependem do emprego que ela faça do seu livre-arbítrio. *(Págs. 193 a 201.)*

2. Examinando a teoria da geração espontânea, Kardec explica por que em seu livro "A Gênese" ele desenvolveu o tema como uma hipótese provável, não como um princípio doutrinário. É que, informa o Codificador, a ciência ainda não se definira sobre o assunto. Embora ele pessoalmente aceitasse a teoria da geração espontânea como ponto resolvido, não poderia inserir numa obra constitutiva da doutrina espírita algo que pudesse mais tarde ser decidido de forma diferente. A cautela em tudo é essencial e esse foi o segredo do sucesso d' O Livro dos Espíritos, cujos princípios, sucessivamente desenvolvidos e completados, jamais foram desmentidos, a despeito do tempo decorrido. *(Págs. 201 e 202.)*

3. Em seguida, resumindo seu pensamento sobre a questão, Kardec diz que os primeiros seres dos reinos vegetal e animal surgidos na Terra devem ter-se formado sem procriação, mas pertenciam, evidentemente, às classes inferiores. À medida que se reuniram os elementos dispersos, as primeiras combinações formaram corpos

exclusivamente inorgânicos, como a água e os diferentes minerais. Quando esses elementos se modificaram pela ação do fluido vital, formaram corpos dotados de vitalidade, de uma organização constante e regular, cada um na sua espécie. *(Págs. 202 e 203.)*

4. Os seres não procriados formariam, dessa forma, o primeiro escalão dos seres orgânicos. Quanto às espécies que se propagaram por procriação, a opinião geral no seio da ciência é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto da espécie imediatamente inferior, estabelecendo-se assim uma cadeira ininterrupta, desde o musgo e o líquen até o carvalho, desde o verme de terra e o ouçam até o homem. Então o corpo do homem pode ser perfeitamente uma mutação do corpo do macaco, sem que se diga que o seu Espírito seja o mesmo que o do macaco. *(Págs. 203 e 204.)*

5. O que se passou na origem do mundo para a formação dos primeiros seres orgânicos acontece ainda em nossos dias? Essa é a questão-chave e sobre a qual a doutrina espírita não firmara até então nenhum entendimento, embora Kardec se pronunciasse claramente pela afirmativa, conforme os argumentos que fecham seu artigo. *(N.R.: Emmanuel e André Luiz tratam do assunto objetivamente em duas obras psicografadas por Chico Xavier:* **A Caminho da Luz,** *de 1938, e* **Evolução em Dois Mundos,** *de 1958. Segundo eles, a chamada geração espontânea foi fruto, em verdade, da ação decisiva dos Gênios Construtores que operavam no orbe nascituro sob o comando de Jesus, trabalho que não seria possível sem a participação do princípio inteligente que, unido à matéria, iniciava ali um longo processo evolutivo.) (Págs. 204 a 206.)*

6. O sr. Genteur, Comissário do Governo, em relatório enviado ao Senado francês, atribuiu ao Espiritismo o caráter de *partido* político, uma coisa inconcebível sobretudo quando se sabe que Kardec jamais tratou em suas obras e na **Revista** de questões políticas. Quatro jornais: o *Moniteur*, *La Liberté*, a *Revue Politique Hebdomadaire* e *Le Siècle,* reportaram-se ao assunto, tendo um deles – *La Liberté* – afirmado que o *partido espírita* contribuía, no limite de suas forças, para "abalar as instituições do império". *(Págs. 207 a 211.)*

7. Dos quatro periódicos, somente o *Le Siècle* examinou o assunto com moderação e valeu-se até mesmo de fina ironia ao comentar o despropósito da acusação do conselheiro francês, o que se pode aquilatar pelo trecho seguinte: "Como este inimigo, invisível até agora para o próprio sr. Genteur, pôde subtrair-se a todas as vistas? Há nisto um mistério, que o sr. conselheiro de Estado, se o penetrar, terá a bondade de nos ajudar a compreender. Pessoas oficialmente informadas afirmam que o *partido espírita* ocultava o exército de seus representantes, os Espíritos batedores, detrás dos livros das bibliotecas de Saint-Etienne e de Oullins". *(Págs. 211 e 212.)*

8. No folhetim de 24 e 25 de abril de 1868, sob o título de "*Paris Sonâmbula*", *Le Siècle* publicou artigo assinado pelo sr. Eugène Bonnemère, autor do *Romance do Futuro*, em que o conhecido escritor fez uma exposição das diferentes variedades de sonambulismo e citou claramente a doutrina espírita e o nome Espiritismo. Do artigo, transcrito em parte pela **Revista,** colhemos os trechos que se seguem: I – A morte não existe. Ela é o instante de repouso após a jornada feita e terminada a tarefa. Depois, é o despertar para uma nova obra, mais útil e maior que a que se acaba de realizar. II – É pela sucessão das gerações que a Humanidade progride. III – Por força das conquistas definitivamente asseguradas, o mundo que habitamos merecerá subir na escala dos mundos. De nós depende acelerar, pelos nossos esforços, o advento desse período mais feliz. IV – O materialismo e o ateísmo, que o sentimento humano repele com todas as suas energias, não passam de uma reação inevitável contra as ideias,

dificilmente admissíveis pela razão, sobre Deus, a natureza e o destino. Alargando a questão, o Espiritismo reacende nos corações a fé prestes a se extinguir. *(Págs. 213 e 214.)*

9. Depois de breve nota sobre duas peças encenadas em Paris – *O Elixir de Cornélio* e *O Galo de Mycille* –, em que o núcleo da história é a reencarnação, a **Revista** lembra que o Espiritismo jamais admitiu a ideia da alma humana retrogradando na animalidade, o que seria a negação da progresso. *(Págs. 214 a 216.)*

10. Da obra *Monte-Cristo*, de Alexandre Dumas, a **Revista** transcreve alguns trechos em que a alusão às idéias espíritas é clara e direta, com exceção da qualificação de *excepcionais* dada aos Espíritos que nos cercam. "Esses seres, afirma Kardec, nada têm de excepcional, desde que são as almas dos homens, e que todos os homens, sem exceção, devem passar por esse estado." *(Págs. 216 e 217.)*

11. Kardec apresenta uma resenha da obra *A Alma*, de autoria do sr. Ramon de la Sagra, membro correspondente do Instituto de França, sobre a qual ele diz: "A obra do sr. Ramon de la Sagra é uma dessas cuja publicação temos o prazer de aplaudir, porque, posto nela tenha feito abstração do Espiritismo, pode considerar-se, como o *Deus na Natureza*, do sr. Flammarion, e a *Pluralidade das Existências,* do sr. Pezzani, como monografias dos princípios fundamentais da doutrina, às quais eles dão a autoridade da ciência". *(Págs. 217 a 222.)*

12. Em todos os tempos – refere o autor de *a Alma* – fenômenos espontâneos muito frequentes, tais como a catalepsia, a letargia, o sonambulismo natural e o êxtase, mostraram a alma agindo fora do organismo, mas a ciência os desdenhou. Surge agora uma nova descoberta: a anestesia pelo clorofórmio, de incontestável utilidade nas operações cirúrgicas e cuja aplicação tem permitido observar exemplos inúmeros de ação da alma a distância, análogos aos fatos relatados pelo sr. Velpeau à Academia das Ciências. *(Págs. 219 e 220.)*

13. O número de agosto da **Revista** se inicia com um artigo de Kardec sobre o materialismo e a virulência com que seus partidários de então atacavam os que ousassem declarar-se espiritualistas, como o sr. Jules Favre e o sr. Flammarion, ridicularizado e denegrido publicamente porque buscou provar Deus pela ciência. Observa Kardec: "Há neste momento, da parte de um certo partido, um alçar de armas contra as ideias espiritualistas em geral, nas quais se acha englobado o Espiritismo. O que ele busca não é um Deus melhor e mais justo, é o Deus-matéria, menos aborrecido, porque não se tem que lhe dar contas". *(Págs. 223 e 224.)*

14. O Codificador diz que um dos melhores protestos que lera contra as tendências materialistas fora publicado a 14 de maio no jornal *Le Droit*, sob o título de *O materialismo e o direito*. Assinado por H. Thiercelin, eis alguns trechos do citado artigo:

> I – Quase sempre houve materialistas, teóricos ou práticos, quer por desvio do senso comum, quer para justificar baixos hábitos de viver.
>
> II – Duas razões levam o indivíduo ao materialismo. A primeira é a imperfeição da inteligência humana. Disse Cícero, em termos muito crus, que não há tolice que não tenha encontrado algum filósofo para a defender.
>
> III – A segunda razão está nas más inclinações do coração humano. Eis por que o materialismo prático, que se reduz a algumas máximas vergonhosas, sempre apareceu nas épocas de decomposição moral ou social como as da Regência e do Diretório.
>
> IV – Em nossos dias ele se produz com um caráter novo; considera-se científico. A história natural seria toda a ciência do homem; nada existiria

do que ela não tem por objeto; ora, como não tem por objeto o espírito, este não existe.

V – As tendências materialistas, mais ou menos gerais, de tantos cientistas não decorrem apenas de sua constante ocupação em estudar e manipular a matéria. Elas resultam sobretudo de seus hábitos de espírito, da prática exclusiva de seu método experimental, porque o método científico pode reduzir-se a estes termos: "Não reconhecer senão os fatos, induzir muito prudentemente a lei desses fatos, banir absolutamente todas as pesquisas das causas".

VI – Não é de admirar que inteligências de vistas curtas desconheçam a existência dos fatos morais.

VII – O novo materialismo não é, porém, resultado demonstrado do estudo; é uma opinião preconcebida. O fisiologista não admite o espírito. Que há nisto de admirável? É a conclusão óbvia do método por ele utilizado e que lhe interdita precisamente a pesquisa das causas.

VIII – Não há nada de mais, pois, afirmar que o materialismo é destrutivo, não de uma determinada moral, mas de toda moral, não de determinado estado civil, mas de todo estado civil, de toda sociedade. *(Págs. 224 a 230.)*

15. Sob o título de *Pesquisas Psicológicas a propósito de Espiritismo,* o jornal *La Solidarité* de 1º de julho publicou um alentado artigo sobre as manifestações espíritas, no qual seu autor não contesta os fenômenos, mas expõe suas dúvidas sobre a explicação que deles dá a doutrina espírita. "Cremos, diz ele, que os fenômenos físicos se explicam fisicamente e que os fenômenos psíquicos são *causados* pelas forças inerentes à alma dos operadores." *(Págs. 230 a 234.)*

16. Comentando o assunto, diz Kardec que muita coisa haveria a responder sobre o artigo, mas não o faria porque fazê-lo seria repetir o que tantas vezes já houvera escrito sobre o mesmo tema. Como o crítico não contesta o fenômeno, apenas fórmula sobre sua causa outra hipótese, lembra Kardec que a teoria exposta pelo jornalista nada mais era do que a repetição de um dos primeiros sistemas surgidos na origem do Espiritismo, quando a experiência não havia ainda elucidado a questão. Ora, se aquele sistema estivesse certo, por que não prevaleceu? Como é que milhões de espíritas, que havia quinze anos experimentavam no mundo todo, tenham constatado a realidade das manifestações espíritas, se elas não existem? Pode-se admitir razoavelmente que todos eles se hajam enganado? *(Págs. 234 e 235.)*

17. É grave erro crer, diz Kardec, que os espíritas tenham estabelecido, de forma preconcebida, a intervenção dos Espíritos nas manifestações. Se isso se deu com alguns, o maior número não chegou a essa crença senão depois de ter passado pela dúvida ou pela incredulidade. O fenômeno das mesas girantes era conhecido ao tempo de Tertuliano e na China desde tempos imemoriais, tanto quanto na Sibéria e na Tartária. Aliás, os fenômenos espíritas modernos não começaram com as mesas, mas pelas pancadas espontâneas dadas em paredes e móveis, em ambientes refratários à ideia espírita, e foram os próprios Espíritos que se apresentaram como sendo os seus autores. *(Págs. 235 e 236.)*

18. O sr. Fauverty – autor do artigo em foco – diz que nada encontrou nas comunicações mediúnicas que ultrapassasse o cérebro humano. Eis aí uma velha objeção cem vezes refutada pela própria doutrina espírita. O Espiritismo alguma vez disse que os Espíritos fossem seres fora da humanidade? Ora, o que a doutrina espírita ensina é que os Espíritos não são senão homens despojados do seu invólucro material e que o mundo visível se derrama incessantemente, pela morte, no mundo invisível, e este no mundo corporal, pelos nascimentos. Desde que os Espíritos pertencem à

Humanidade, por que haveriam de querer que eles tivessem uma linguagem sobre-humana? *(Págs. 236 e 237.)*

19. A pedido de um dos correspondentes da **Revista** em Sens, Kardec volta ao tema *partido* espírita, para dizer que o Espiritismo jamais poderia ser considerado um partido na acepção vulgar da palavra e, por isso, o correspondente tinha toda a razão para repelir a qualificação que nesse sentido lhe foi dada pelo sr. Genteur, Comissário do Governo. O Codificador diz, no entanto, que, excluída a idéia de movimento político e de luta pelo poder, o Espiritismo não deixava de ser um partido, ou seja, uma doutrina que não é partilhada senão por uma *parte* da população, motivo pelo qual ele podia aceitar a qualificação que lhe foi dada por seus antagonistas, sem com isso repudiar os seus princípios e sem perder sua qualidade essencial de doutrina filosófica moralizadora, que constitui a sua glória e a sua força. *(Págs. 237 a 239.)*

20. Kardec lembra que no fim de 1864 fora deflagrada uma onda de perseguições contra o Espiritismo em várias cidades do Sul, seguida de alguns efeitos, e reproduz o resumo de um dos sermões feitos na época, no qual os espíritas são chamados de ímpios e acusados de blasfemar contra Deus, de negar as sublimes verdades ensinadas pela Igreja e de enfeitar-se com uma falsa caridade, que só conhecem de nome e da qual se servem como manto para ocultar sua ambição. No fim do sermão, diz o padre: "Compreendestes, cristãos! quais são os que assinalo à vossa reprovação! São os *Espíritas*! E por que não os indicaria eu? É tempo de os repelir e de amaldiçoar as suas doutrinas infernais!" *(Pág. 240.)*

21. Sermões como esse estavam na ordem do dia naquela época, mas os ataques não se limitavam à ideia, estendendo-se também às relações pessoais. Na sequência, após advertir que a luta não terminara e que as perseguições continuavam, o Codificador transcreve comunicação de São Luís transmitida em Paris a 10 de dezembro de 1864, da qual extraímos os trechos que se seguem:

> I – Meus filhos, estas perseguições cairão e não podem ser prejudiciais à causa do Espiritismo.
>
> II – Os bons Espíritos velam pela execução das ordens do Senhor: nada há a temer; não obstante, é preciso que todos se mantenham em guarda e ajam com prudência.
>
> III – A vergonha recairá sobre os que tiverem recuado e preferido o repouso da Terra ao que lhes estava preparado, porque o Senhor fará a conta de seus sacrifícios.
>
> IV – É preciso pensar nos mártires cristãos, que não tinham, como os espíritas, comunicações incessantes do mundo invisível para reanimar sua fé e, contudo, não recuavam ante o sacrifício, nem de sua vida nem de seus bens.
>
> V – As provas são hoje mais morais que materiais; serão, por consequência, menos penosas, mas não menos meritórias.
>
> VI – Aliás, muitos dos que sofreram pelo Cristianismo vêm concorrer para o coroamento da obra e são os que sustentam a luta com mais coragem.
>
> VII – Ninguém se inquiete com o futuro da doutrina espírita, porque, entre os que hoje a combatem, mais de um será seu defensor amanhã.
>
> VIII – À violência, devemos opor a suavidade e a caridade e fazer o bem aos que nos querem mal, para que, mais tarde, possam distinguir o verdadeiro do falso.
>
> IX – O espírita dispõe de uma arma poderosa: a do raciocínio, e deve servir-se dela, sem manchá-la jamais pela injúria, supremo argumento dos que não têm boas razões para dar, e esforçando-se pela dignidade de

sua conduta, para fazer respeitar o título de Espírita que ostenta. *(Págs. 240 a 244.)*

22. Kardec diz que podem compreender-se sob o título geral de *Espiritismo Retrospectivo* os pensamentos, as doutrinas, as crenças e todos os fatos espíritas anteriores ao *Espiritismo Moderno,* isto é, até 1850, data na qual começaram as observações e os estudos sobre tais fenômenos. Um fato relatado pelo Duque de Saint-Simon em suas memórias enquadra-se, portanto, no chamado *Espiritismo Retrospectivo*. *(Pág. 244.)*

23. Segundo o Duque de Saint-Simon, na casa do Duque de Orléans a mediunidade de vidência pelo copo d'água já era conhecida em 1706. Um homem – provavelmente o sensitivo – dizia algo baixinho sobre o copo cheio d'água e logo as pessoas ali viam imagens. Para certificar-se da veracidade da vidência, o Duque ordenou a um de seus servidores que fosse imediatamente à casa da sra. Nancré e ali examinasse quem estava, o que faziam, a posição e o mobiliário da sala e a situação de tudo quanto lá se passava e depois, sem perder um instante, vir dizer-lhe ao ouvido. Em seguida, viu-se no copo a reprodução exata do que o servidor descrevera. *(Págs. 244 a 246.)*

24. Comentando o assunto, Kardec menciona outro fato, ocorrido 15 anos antes, numa época e numa região da Espanha onde o Espiritismo era desconhecido. Nesse caso, algumas pessoas podiam ver imagens numa garrafa de cristal cheia d'água. Em Palermo (Sicília), a filha de um dos assinantes da **Revista** que estivera recentemente em Paris, ao ler no número de junho o artigo sobre a vidência pelo copo d'água, quis experimentar ver seu pai. Não o viu, mas pôde ver várias ruas que, pela descrição feita a seu pai, este facilmente reconheceu como sendo as ruas por onde ele andara na capital francesa. Por que ela viu as ruas e não o pai? Os Espíritos disseram a Kardec que as coisas se passaram assim para lhe dar uma prova irrecusável de que em nada a imaginação havia entrado no caso. *(Págs. 247 e 248.)*

25. Com ou sem água, observa Kardec, tanto o copo quanto a garrafa de cristal evidentemente representam, nesse fenômeno, o papel de agentes *hipnóticos.* A concentração da visão e do pensamento em um ponto provocam um maior ou menor desprendimento da alma e, por conseguinte, o desenvolvimento da visão psíquica. *(Consulte-se a respeito a **Revista** de janeiro de 1860, págs. 6 a 11: relações entre o magnetismo e o hipnotismo.) (Págs. 248 e 249.)*

26. Concluindo, lembra o Codificador que o copo d'água não é uma garantia contra a imisção dos maus Espíritos, pois a experiência já provou que os Espíritos mal-intencionados se servem desse meio como de outros para induzir as pessoas em erro e abusar de sua credulidade. "Não há – explica Kardec – mediunidade ao abrigo dos maus Espíritos, e não existe nenhum processo material para os afastar. O melhor, o único preservativo está em si próprio; é por sua própria depuração que se os afasta, como pela limpeza do corpo se preserva contra os insetos nocivos." *(Pág. 249.)*

27. Na história de São Francisco Xavier, contada pelo Padre Bouhours, existe uma curiosa passagem que reproduz um diálogo travado por Francisco Xavier, então missionário no Japão, e um bonzo japonês chamado Tucarondono. O bonzo, que recordava com clareza suas existências passadas, perguntou a Francisco Xavier se ele o reconhecia. Este disse que jamais o havia visto. Rindo muito, o bonzo explicou-lhe então que 15 séculos atrás eram ambos negociantes em Frénasona, dando-lhe, em seguida, uma lição sobre as vidas sucessivas. Como é improvável que São Francisco Xavier tivesse inventado essa história, o fato mostra que a doutrina da reencarnação era conhecida no Japão naquela época, em condições parecidas às que são hoje ensinadas pelos Espíritos. *(Págs. 249 a 251.)*

28. O jornal *La Mahouna,* de Guelma (Argélia), publicou no dia 26 de junho

carta enviada pelo sr. Jules Monico em que este protesta contra crítica aos espíritas veiculada no *Indépendant*, de Constantina. Na carta, diz o missivista que o Espiritismo sucede aos feiticeiros como a astronomia sucedeu aos astrólogos, ou seja, ele vem destruir os erros dos feiticeiros e revelar uma ciência nova à humanidade. Afirmando que o Espiritismo tem por inimigos apenas os que não o estudaram, o sr. Monico diz que a opinião espírita na França era representada por cinco revistas ou jornais, assim como na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na Rússia e até nos Estados Unidos da América, por numerosos jornais ou revistas, e os adeptos do Espiritismo ali se contavam por milhões de pessoas. *(Págs. 251 a 253.)*

29. Nascido a 15 de fevereiro, continuava com sucesso o curso de sua publicação o jornal *O Espiritismo em Lyon,* que podia agora ser vendido na via pública, graças à autorização que lhe fora concedida pelo sr. senador prefeito do Ródano. *(Págs. 253 e 254.)*

30. Tendo Kardec escrito em seu livro *A Gênese* que o globo terrestre, em sua origem, não continha um átomo a mais nem a menos do que hoje, um correspondente da **Revista** em Sens suscitou uma dúvida sobre essa assertiva, o que obrigou o Codificador a escrever o artigo intitulado *Aumento e diminuição do volume da Terra,* que abre o número de setembro da **Revista**. No artigo, Kardec admite que possam ocorrer modificações no volume da Terra, mas não em sua massa, ou seja, a massa do globo – a soma das moléculas que compõem o conjunto de suas partes sólidas, líquidas e gasosas – é incontestavelmente a mesma desde a sua origem. *(Págs. 255 e 256.)*

31. O artigo é complementado por uma comunicação assinada pelo Espírito de Galileu, transmitida na Sociedade Espírita de Paris em julho de 1868, na qual o eminente Espírito trata do assunto e afirma que, em sua opinião, a existência dos mundos pode dividir-se em três períodos. No primeiro, verifica-se a condensação da matéria; o volume do globo diminui, mas a massa continua a mesma; é o período da infância. No segundo período, há a contração, a solidificação da crosta, o surgimento dos germes e o desenvolvimento da vida até o aparecimento do tipo mais perfectível. É a idade da virilidade; o globo está em toda a sua plenitude e perde, mas muito pouco, seus elementos constitutivos. À medida que seus habitantes progridem espiritualmente, o planeta passa ao período de diminuição material. Essa perda se dá não apenas por causa do atrito, mas também pela desagregação das moléculas, como uma pedra dura que, consumida pelo tempo, acaba por virar poeira. Em seu duplo movimento de rotação e de translação, o globo deixa no espaço parcelas fluidificadas de sua substância, até o momento em que sua destruição for completa. Dessa forma, nascimento, vida e morte; infância, virilidade e decrepitude, tais são as fases pelas quais passa toda aglomeração de matéria orgânica ou inorgânica. "Só o espírito, que não é matéria, é indestrutível."*(Págs. 257 e 258.)*

32. A Terra não tem, como os homens, uma alma, de modo que a expressão *alma da Terra* não é exata. Esse assunto é comentado por Kardec em um artigo em que o Codificador faz várias observações importantes:

> I – Admitido que o princípio da vida tenha sua fonte no movimento molecular, não se poderá contestar que seja ainda mais rudimentar no mineral do que na planta.
>
> II – O desenvolvimento orgânico está sempre em relação com o desenvolvimento do princípio inteligente. O organismo se completa à medida que se multiplicam as faculdades da alma.
>
> III – A escala orgânica segue sempre, em todos os seres, a progressão da inteligência, desde o pólipo até o homem; e não poderia ser diferente, desde que à alma é necessário um instrumento apropriado à importância

das funções que deve desempenhar. De que serviria à ostra ter a inteligência do macaco, sem os órgãos necessários à sua manifestação?

IV – Por *alma* da Terra pode entender-se, mais racionalmente, a coletividade dos Espíritos encarregados da elaboração e da direção de seus elementos constitutivos, ou, melhor ainda, o Espírito ao qual é confiada a alta direção dos destinos morais e do progresso de seus habitantes.

V – Esse Espírito não está nela encarnado; ele é o chefe, preposto à sua direção, como um general é preposto à condução de um exército. *(Págs. 259 e 260.)*

33. Diversas comunicações, dadas em vários lugares, confirmaram as ideias de Kardec sobre esse assunto. A **Revista** reproduziu uma dessas comunicações, recebida em Bordeaux em abril de 1862, na qual o instrutor espiritual diz claramente que a Terra não tem alma, porque não é um ser organizado. Os Espíritos encarregados em cada mundo da execução das leis de Deus são agentes de sua vontade, mas agem sob a direção de um delegado superior. "É a coletividade de todas essas inteligências, encarnadas e desencarnadas, inclusive o delegado superior, que constitui, a bem dizer, a alma da Terra, da qual cada um de vós faz parte", acrescentou o comunicante. *(Págs. 261 e 262.)*

34. Os santos sob cuja invocação nos colocam ao nascermos tornam-se nossos protetores? Respondendo a essa questão, Kardec diz que os espíritas sabem, perfeitamente, que pensamento atrai pensamento e que a simpatia dos Espíritos, beatificados ou não pela Igreja, depende dos nossos sentimentos a seu respeito. Ora, existem santos que ninguém a rigor conhece, a não ser o nome. Os espíritas deveriam, em casos assim, agir de forma diferente. Ao nascer uma criança, os pais escolheriam, entre os Espíritos, beatificados ou não, antigos ou modernos, parentes ou estranhos, um que tenha dado provas irrecusáveis de sua superioridade, por sua vida exemplar, pelos atos meritórios praticados, pelas virtudes exemplificadas. Eles então invocá-lo-iam solenemente e com fervor, pedindo-lhe que se unisse ao anjo da guarda da criança para a proteger na vida terrena e guiá-la com seus bons conselhos e suas boas inspirações. Depois, à medida que a criança crescesse, ensinar-lhe-iam a história do seu protetor, contar-lhe-iam suas boas ações, e a criança saberia, então, por que tem o seu nome, nome que lhe lembraria um belo modelo a seguir. Então, na festa de aniversário o protetor invisível não deixaria de associar-se ao júbilo geral, porque teria seu lugar no coração dos assistentes. *(Págs. 262 a 264.)*

35. Em casa de um escritor-poeta de grande renome havia o costume de manter sempre, à mesa da família, uma cadeira vazia. Fechada por um cadeado, ninguém nela podia sentar-se: era o lugar reservado aos antepassados, aos avós e aos amigos que desencarnaram. Kardec diz que a cadeira aparentemente vazia era toda uma profissão de fé e um ensinamento, tanto para os grandes, quanto para os pequenos. A ideia da presença, em torno de nós, de nossos avós ou de pessoas veneradas será para todos, sobretudo para as crianças, um freio mais poderoso que o medo do diabo. *(Pág. 264.)*

36. A **Revista** noticia o surgimento de mais uma sociedade espírita: o Círculo da Moral Espírita, de Toulouse. A palavra *círculo*, observa Kardec, indicava que ele não se limitaria a sessões ordinárias, mas que seria, além disso, um local de reuniões, onde os membros poderiam vir entreter-se com o objetivo especial de seus estudos. *(Pág. 265.)*

37. Os traços do Espiritismo, que se encontram por toda a parte, são como as inscrições e as medalhas antigas, que atestam através dos séculos o movimento do espírito humano. Essa observação foi feita por Kardec a propósito da obra *As Memórias de um Marido,* editada em 1849 por Eugène Sue, que relata a vida do sr.

Fernand Duplessis. Algumas passagens da obra são transcritas pela **Revista** e mostram que tanto a sra. Raymond como seu filho Jean tinham profundas convicções imortalistas. A morte, diz o livro, "não é senão a hora de um renascimento completo, que uma outra vida espera com suas novidades misteriosas". No texto da obra há referência ao dogma druídico segundo o qual a alma se aperfeiçoa numa série de existências até atingir a perfeição. *(Págs. 265 a 268.)*

38. Na seção de livros, o destaque do número de setembro é o livro *O Regimento Fantástico,* de Victor Dazur, publicado em Lyon. A **Revista** reproduz uma resenha da obra publicada a 22 de junho de 1868 pelo jornal *Le Siècle*. O livro relata um sonho que conduz o cabo François Pamphile a Marte, aliás Soraï-Kanor, nome que os *marcianos* lhe deram. Lá, o cabo mantém contato com um suboficial que na Terra foi rei e se chamou Francisco I. Este pertencia naquele planeta ao *regimento fantástico*, um regimento composto da maioria dos soberanos que haviam reinado na Terra, cujo coronel é Alexandre, o Grande, assessorado pelo tenente-coronel Júlio César e pelo major Péricles. O regimento conta com três batalhões e cada batalhão possui oito companhias. Sesostris, Carlos Magno e Aníbal são os comandantes dos batalhões. Cada companhia é composta de soberanos de uma mesma nação. A companhia francesa é a primeira do segundo batalhão e tem como capitão Luís XIV. As cantineiras do regimento são Semíramis, Cleópatra, Elisabeth e Catarina II. Assim como os oficiais e soldados do regimento são antigos soberanos ou homens que exerceram a soberania na Terra, as cantineiras e as servas da cantina são antigas soberanas. *(Págs. 268 a 271.)*

39. Depois de informar que há soberanos que jamais figuraram no regimento fantástico, o suboficial explicou que o regimento nunca muda de guarnição e jamais faz guerra. Trata-se, na verdade, de uma espécie de regimento penitenciário no qual as pessoas expiam as maldades cometidas em seus reinados. O suplício habitual dos militares e das cantineiras é o suplício de Tântalo, porque o poder divino interditou a guerra em Marte. Os voluptuosos sofrem um suplício semelhante: conservam a beleza de que gozaram na Terra, mas são submetidos a uma causa fisiológica que os condena a uma castidade absoluta. Outro castigo, que os desola ainda mais, é o suplício das lembranças. A cada instante são eles condenados à sala de lembranças onde recordam os crimes que cometeram e veem os sofrimentos e os morticínios que ordenaram. Quando Luís XI está na sala de lembranças, é posto numa gaiola de ferro, em uso no seu reinado, bem em frente ao cadafalso de Nemours, do qual o sangue goteja sobre a cabeça de seus filhos. *(Págs. 271 e 272.)*

40. Comentando o livro, Kardec afirma que seu autor se inspirou largamente nas obras espíritas para escrevê-lo. Sua teoria a respeito das penas futuras, da pluralidade das existências e do estado dos Espíritos desprendidos dos corpos foi evidentemente colhida na doutrina espírita, da qual reproduz a ideia e até mesmo a forma. *(Pág. 273.)*

41. As passagens da obra reproduzidas pela **Revista** não deixam, com efeito, dúvidas sobre este ponto, sobretudo no tocante à necessidade de reparação, focalizada pelo autor, a que o Codificador juntou uma nota explicativa dizendo que a necessidade de reparação será individual quando o efeito do mal praticado se detém na pessoa lesada. Se, ao contrário, esse mal prejudica a centenas de indivíduos, a dívida será centuplicada, porque serão centenas de reparações a realizar. Essa é a situação dos monarcas fracassados que não cumpriram corretamente os seus deveres. *(Págs. 275 e 276.)*

42. Kardec elogia o livro *Conferências sobre a alma,* do sr. Alexandre Chaseray, em que o princípio da pluralidade das existências é tratado de maneira completa. Nela, seu autor procura demonstrar que a ideia da reencarnação cresce e se impõe cada dia mais aos Espíritos esclarecidos. Eis alguns trechos extraídos da obra:

I – A transmigração das almas é uma ideia filosófica ao mesmo tempo das mais antigas e das mais modernas.

II – A metempsicose constitui o fundo da religião dos indianos, que é muito anterior ao judaísmo.

III – Segundo Heródoto, os sacerdotes egípcios foram os primeiros a anunciar que a alma é imortal e passa sucessivamente por todas as espécies animais antes de entrar num corpo humano. É provável que, tendo vivido muito tempo no Egito, foi dali que Pitágoras trouxe para a Grécia essa crença.

IV – Os gregos jamais abandonaram completamente a ideia da metempsicose. Os que dentre eles não admitiam por inteiro a doutrina de Pitágoras acreditavam vagamente com Platão que a alma tinha existido algures, antes de se manifestar sob a forma humana.

V – Pierre Leroux, embora não creia que o homem haja passado pelos tipos inferiores da criação, não deixa de ser um ardoroso defensor da ideia de que a vida atual se liga a uma série de existências que a precederam. *(Págs. 276 a 282.)*

43. Diz o Codificador que as numerosas citações feitas pelo sr. Alexandre Chaseray, embora longe de serem completas, provam quanto é geral a ideia da pluralidade das existências, que em pouco tempo será, sem dúvida, admitida como verdade incontestável. "Salvo alguns pontos muito controvertidos, observa Kardec, a obra contém vistas muito profundas e muito justas, às quais o Espiritismo não deixa de associar-se." *(Pág. 283.)*

44. Após transcrever uma comunicação mediúnica publicada no jornal espírita *Le Salut*, de New Orléans, de junho de 1868, Kardec fez o seguinte comentário: "Pode ver-se que as instruções dadas na América sobre a caridade e a fraternidade não cedem em nada às que são dadas na Europa". Esse é o elo que, segundo o Codificador, "unirá os habitantes dos dois mundos". *(Págs. 283 a 285.)*

45. O número de setembro traz, fechando a edição, duas notas. A primeira refere-se à *Liga Internacional da Paz,* uma associação que tinha por objetivo eliminar da Terra o flagelo da guerra. A **Revista** fornece os endereços dos locais onde os interessados poderiam aderir à Liga. A nota seguinte anuncia a obra *O Espiritismo na Bíblia*, ensaio sobre as ideias psicológicas entre os antigos hebreus, de autoria de Henri Stecki, de São Petersburgo. *(Pág. 285.)*

46. Um artigo assinado por W. Foelkner, de São Petersburgo, analisa o livro *Horas de Piedade*, escrito por C. Tschokke, distinto escritor suíço e autor de várias obras literárias muito apreciadas na Alemanha. O livro objeto do artigo havia tido desde 1815 mais de quarenta edições e, embora escrito cinquenta e três anos atrás, apresenta ideias nitidamente espíritas sobre vários assuntos, como a reencarnação e o corpo espiritual ou perispírito. Na **Revista** são transcritas do livro citado a 141ª. Meditação – que fala do nascimento e da morte – e a 143ª. Meditação – que explica o que ocorre com as pessoas depois da morte corporal. *(Págs. 287 a 290.)*

47. Eis, de forma resumida, alguns trechos da 143ª. Meditação:

I – A doutrina da ressurreição dos corpos era uma das mais antigas da religião judaica. Mas eles interpretavam tal ideia de forma errônea imaginando que os corpos materiais já sepultados é que um dia deveriam ressuscitar.

II – Paulo corrigiu esse equívoco, que era partilhado também pelos discípulos de Jesus, esclarecendo que, da mesma maneira que há um corpo animal, há também um corpo espiritual e é este que brilha e brilhará sempre.

III – Diz-se muitas vezes que o sono é o irmão da morte, e assim o é. O sono é a retirada do Espírito ou alma, o abandono provisório feito por ela das partes mais grosseiras do corpo. A mesma coisa ocorre no momento da morte.

IV – No sono, a vida vegetativa, abandonada a si mesma e deixada em repouso pelo Espírito, pode continuar a trabalhar sem entraves na sua restauração, conforme as leis de sua natureza. Eis por que, depois de um sono em estado de saúde, sentimos nosso corpo repousado, com que se alegra o nosso Espírito.

V – O sono é o alimento da força vital. O estado de vigília é um consumo de força vital.

VI – O sono compõe-se sempre de visões, de desejos e de sentimentos, que se formam de uma maneira independente dos sentidos exteriores do homem, que naquele momento se encontram inativos. É por isso que raramente deixam uma impressão viva e durável na memória.

VII – Os sonhos são outras tantas provas da continuação da atividade do Espírito. Um outro estado que nos dá a prova dessa atividade é o estado de sonambulismo.

VIII – Como explicar esse fenômeno? Como é que um homem que dorme pode ver e ouvir, mais perfeitamente do que em vigília? A resposta é simples: o corpo não é senão o envoltório da alma e sem ela nada pode experimentar, porque é a alma que sente, vê e ouve o que se passa ao seu redor.

IX – Ao perder o corpo material com o fenômeno da morte, é fácil compreender que o Espírito imortal conserva a consciência e o sentimento de sua existência e – por meio do corpo espiritual de que fala o apóstolo Paulo – pode continuar a agir. *(Págs. 290 a 297.)*

48. Um dos correspondentes da **Revista** em Saigon, na Cochinchina (hoje Vietnã), enviou a Kardec um longo artigo sobre o pensamento de Lao-Tseu, um dos maiores filósofos da Antiguidade, que nasceu no ano 604 a.C., mais ou menos na época em que viveu Pitágoras e dois séculos antes de Sócrates e Platão. De origem humilde, Lao-Tseu não teve outros meios de se instruir senão a reflexão e numerosas viagens. Com a idade de cinquenta anos, escreveu o livro *A razão suprema e virtude*, obra considerada autêntica pelos historiadores chineses de todas as seitas. *(Págs. 297 e 298.)*

49. Eis, extraídos do artigo citado, algumas reflexões atribuídas ao grande filósofo:

I – A natureza espiritual é a natureza perfeita; dela é que emanou o homem, e é a ela que ele deve voltar, desprendendo-se dos laços materiais do corpo. O aniquilamento de todas as paixões materiais e o afastamento dos prazeres mundanos são meios eficazes de se tornar digno de a ela retornar.

II – Todos os seres aparecem na vida e realizam os seus destinos; contemplamos as suas renovações sucessivas. Esses seres materiais se mostram incessantemente com novas formas exteriores.

III – Aquele que conhece os homens é instruído; aquele que conhece a si mesmo é verdadeiramente esclarecido.

IV – Aquele que subjuga os homens é poderoso; aquele que domina a si mesmo é verdadeiramente forte.

V – É preciso esforçar-se para chegar ao último degrau da incorporeidade, a fim de poder conservar a maior imutabilidade possível.

VI – O homem virtuoso devemos tratá-lo como um homem virtuoso; o homem vicioso devemos igualmente tratá-lo como um homem virtuoso. Eis a sabedoria e a virtude.
VII – Aquele que realiza obras difíceis e meritórias deixa uma lembrança durável na memória dos homens.
VIII – Aquele que não dissipa a sua vida é imperecível; aquele que morre e não é esquecido tem uma vida eterna. *(Págs. 298 a 300.)*

50. Como observa o eminente tradutor da obra de Lao-Tseu, não encontramos na Grécia, antes de Aristóteles, uma série de sorites, isto é, silogismos tão logicamente encadeados. Quanto ao seu conteúdo, é fácil verificar que aí se enfileiram princípios semelhantes aos que servem de base ao Espiritismo, salvo um único ponto de inspiração panteísta em que Lao-Tseu parece identificar a criatura santificada com o Criador. *(Págs. 301 e 302.)*

51. A **Revista** noticia o sepultamento em Villèquiers, Seine-Inferieur, da esposa de Victor Hugo, morta em Bruxelas. Impedido de entrar em seu país, Victor Hugo acompanhou o corpo até a fronteira, onde pediu a seu amigo Paul Meurice: *"Dizei a minha filha que, esperando, sempre lhe envio sua mãe"*. Paul recordou esse pedido ao pronunciar, à beira do túmulo, palavras de adeus à falecida. O recado do grande escritor é comentado por Kardec em nota posta em seguida à notícia, na qual informa que a mulher de Victor Hugo foi sepultada ao lado do túmulo onde haviam sido enterrados 25 anos antes sua filha e seu genro, vítimas de um naufrágio. Ao dizer aquelas palavras, Victor Hugo demonstrava mais uma vez sua convicção imortalista e a certeza de que a filha, falecida em 1943, receberia sua mãe no seu retorno à pátria espiritual. *(Págs. 302 a 304.)*

52. Evocando as palavras do romancista e amigo, afirmou Allan Kardec: "Quem quer que tenha chegado a isto é espírita; porque, se quiser refletir seriamente, não pode escapar a todas as consequências lógicas do Espiritismo. Os que repelem essa classificação é que, não conhecendo do Espiritismo senão os quadros ridículos da crítica trocista, dele fazem uma ideia falsa. Se se dessem ao trabalho de o estudar, de o analisar, de sondar o seu alcance, ao contrário sentir-se-iam felizes por encontrar nas ideias que constituem a sua felicidade uma sanção capaz de firmar a sua fé". *(Pág. 304.)*

53. O jornal *Figaro* de 5 de abril de 1868 publicou um artigo em que seu autor revelou que o compositor E... acreditava firmemente na doutrina da reencarnação e até mesmo dizia que em séculos anteriores tinha sido escravo na Grécia, depois um histrião e, mais tarde, um célebre compositor italiano que, invejoso, impedia seus confrades de produzir. "Hoje sou punido por isto", reconhecia ele; "é a minha vez de ser sacrificado aos outros e me ver barrados os caminhos." *(Págs. 304 e 305.)*

54. Tal ideia, observa Kardec, é puro Espiritismo porque, não só é o princípio da pluralidade das existências, mas o da expiação do passado, pela pena de Talião, nas existências sucessivas, segundo a máxima: "A gente é sempre punido por onde pecou". Essa crença é, portanto, uma causa poderosa e muito natural de moralização. Não há ninguém que não compreenda que se pode já ter vivido, e que, se já se viveu, pode-se reviver ainda. Ora, desde que não é o corpo que pode reviver, essa pensamento é a sanção mais patente da existência da alma, de sua individualidade e de sua imortalidade. *(Pág. 305.)*

55. A **Revista** reproduz carta publicada no *Fígaro* na qual o sr. A. Regnard faz uma autêntica profissão de fé no materialismo, uma corrente de ideias que crescia e revelava uma intolerância inimaginável típica da Igreja de tempos atrás. Os excessos que eles cometiam tinham, contudo, a sua utilidade e sua razão de ser: amedrontavam a sociedade, e o bem sempre sai do mal. É preciso, diz Kardec, o

excesso do mal para se sentir a necessidade de coisa melhor, sem o que o homem não sairia de sua inércia. *(Págs. 306 e 307.)*

56. A causa primeira do desenvolvimento da incredulidade estava, diz Kardec, na insuficiência das crenças religiosas e na sua imobilidade. Se, em lugar de ficar para trás, as religiões tivessem seguido o movimento progressivo do espírito humano, mantendo-se sempre no nível da ciência, a fé, em vez de se extinguir, teria crescido com a razão, porque é uma necessidade para a humanidade. Não se teria, então, aberto a porta à incredulidade que vinha sapar o que delas restava. As religiões colhiam, desse modo, o que haviam semeado. *(Pág. 307.)*

57. O materialismo era, segundo Kardec, uma consequência da época de transição por que o planeta passava. Não era bem um progresso, mas um instrumento de progresso, e desapareceria, provando a sua insuficiência para a manutenção da ordem social e para a satisfação dos espíritos sérios. A humanidade, que necessita crer no futuro, jamais se contentaria com o vazio que o materialismo deixa após si e procuraria algo de melhor para o combater. *(Pág. 307.)*

58. Em carta publicada pela *Petite Presse,* a 20 de setembro de 1868, o sr. Ponson du Terrail, que tempos atrás havia criticado o Espiritismo, declarou publicamente sua convicção de ter vivido anteriormente, ao tempo da Liga, sob o governo de Henrique III e Henrique IV. Kardec, comentando o caso, disse que o conhecido escritor talvez não soubesse que a reencarnação é um dos princípios fundamentais da doutrina que outrora ele ridicularizara. *(Págs. 308 e 309.)*

59. Duas comunicações recebidas na Sociedade Espírita de Paris, assinadas pelos Espíritos de Arago e do doutor Barry, em resposta a uma consulta feita pelo dr. Ignácio Pereira, médico e fundador do Instituto Homeopático dos Estados Unidos da Colômbia, examinam a questão da influência dos planetas nas perturbações físicas que se verificam em nosso globo. Eis, de forma resumida, os ensinamentos contidos nas referidas mensagens:

> I – Não há na natureza um único fenômeno que não seja regulado pelas leis universais que regem a criação. Os fenômenos estão, desse modo, sujeitos a uma lei de periodicidade, que provoca o seu retorno em certas épocas, nas mesmas condições, ou seguindo, quanto à intensidade, uma lei de progressão geométrica crescente ou decrescente, porém contínua.
>
> II – Nenhum cataclismo pode nascer espontaneamente e, se seus efeitos parecem tal, as causas que o provocam são postas em ação desde um tempo mais ou menos longo.
>
> III – Cada corpo celeste, além dos movimentos conhecidos que definem o dia, a noite e as estações, sofre revoluções que demandam milhares de séculos para a sua perfeita realização.
>
> IV – Num mesmo sistema planetário, todos os corpos que dele dependem reagem uns sobre os outros; as influências físicas são aí solidárias, e não há um só dos efeitos que não seja a consequência das influências de todo esse sistema.
>
> V – Os sistemas planetários reagem também uns sobre os outros, como as nebulosas reagem sobre as nebulosas e os planetas reagem sobre os planetas.
>
> VI – A efervescência que por vezes se manifesta numa população, entre os homens de uma mesma raça, não é uma coisa fortuita, nem resultado de um capricho. Ela tem sua causa nas leis da natureza.
>
> VII – Assim, quando se diz que a humanidade chegou a um período de transformação e que a Terra deve elevar-se na hierarquia dos mundos, não se deve ver nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, a

realização de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais é impotente toda a má vontade humana.

VIII – A humanidade já se transformou em outras épocas, e cada transformação é marcada por uma crise que é, para o gênero humano, o que são as crises da crescimento para os indivíduos.

IX – Uma coisa que parecerá estranho, mas que é rigorosamente verdadeiro, é que o mundo dos Espíritos sofre o contragolpe de todas as comoções que agitam o mundo dos encarnados, ou melhor, ele toma aí uma parte ativa. Quando uma revolução social se realiza na Terra, ela abala igualmente o mundo invisível.

X – O período da transformação anunciada se iniciou. É nesse período que se verá florescer o Espiritismo, que dará então os frutos que dele se esperam. É, pois, para o futuro, mais que para o presente, que trabalhamos; mas era preciso que esses trabalhos fossem elaborados previamente, porque preparam as vias da regeneração pela unificação e a racionalidade das crenças. *(Págs. 309 a 314.)*

60. A **Revista** reproduz notícia divulgada pelo *Écho de Fourvière*, a respeito do exemplo de verdadeira caridade praticada por um pobre homem, o sr. Ginet, que recolheu na própria casa uma mendiga coberta de chagas infectas que, tomada de um enfraquecimento súbito, teria sucumbido na rua, não fosse a ajuda recebida. Se o sr. Ginet era espírita, não se sabe, mas seu ato, sim, foi um ato genuinamente espírita, visto que a caridade é a suprema lei do Espiritismo, que, segundo palavras textuais de Kardec, "não reivindica em seu proveito a ação desse homem, mas se glorifica de professar os princípios que o levaram a praticá-la". Encerrando a nota, o Codificador do Espiritismo lamenta que os jornais tenham menos interesse em divulgar as boas ações do que os crimes e os escândalos. Como o exemplo é contagioso, por que não pôr antes aos olhos das massas o exemplo do bem que o do mal? *(Págs. 314 a 316.)*

61. Ch. Pereyra, de São Petersburgo, relata um curioso fato que se passou com um velho general húngaro, muito conhecido por sua coragem e que, no entanto, tremeu de medo ao verificar que o castelo por ele adquirido era, efetivamente, assombrado por Espíritos, como o seu intendente avisara. Sozinho na biblioteca do castelo, o general ouve um ruído no salão. Em seguida, o ruído redobra e é acompanhado do movimento de uma gaveta de uma cômoda, que se abriu. Convencido de que eram ladrões que estavam na casa, ele chamou o enorme cão que o acompanhava. O cachorro se aproximou, mas pôs-se a tremer, voltando para o canapé onde dormia. O general também começou a tremer e se ocultou na biblioteca. Mais tarde, confessou: "Eu não tive medo senão duas vezes: há dezoito anos, quando, no campo de batalha, uma bomba estourou aos meus pés; a segunda, quando vi o medo apoderar-se de meu cão". *(Págs. 316 e 317.)*

62. Na seção de livros, a **Revista** noticia a publicação da Correspondência de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia, uma iniciativa da Livraria Internacional, tendo em vista o interesse que a divulgação das cartas pela **Revista** havia despertado na França. *(Pág. 318.)*

63. O número de novembro da **Revista** transcreve duas cartas enviadas por confrades residentes na Ilha Maurícia (antiga Ilha de França), onde nos últimos dois anos ocorrera uma epidemia tão séria que devastou a região e vitimou sessenta mil pessoas. A maior parte dos membros do grupo espírita de Port-Louis, que funcionava tão bem, foram atingidos pela moléstia e, por causa disso, as reuniões foram suspensas. *(Págs. 319 e 320.)*

64. A moléstia que se abateu sobre a população da Ilha tomou múltiplas formas, o que fez com que os médicos jamais chegassem a um acordo. Somente o jovem dr.

Labonté conseguiu de certo modo definir a moléstia, que, depois de tantos estragos, parecia estar chegando ao seu término, quase dois anos depois que os habitantes da Ilha assistiram a uma impressionante chuva de estrelas cadentes caída na noite de 13 para 14 de novembro de 1866. As estrelas cadentes foram tão numerosas que fizeram tremer e impressionaram os que as observaram. O espetáculo ficará para sempre gravado na memória daquele povo, porque foi precisamente depois do fato que a moléstia tomou um caráter aflitivo, tornando-se geral e mortal. *(Págs. 320 e 321.)*

65. Depois de breves comentários de Kardec, a **Revista** reproduz duas comunicações recebidas na Sociedade Espírita de Paris, onde as cartas foram lidas. Firmadas pelos Espíritos de Clélie Duplantier e do doutor Demeure, as mensagens esclarecem pontos importantes relacionados com a epidemia que acometeu a Ilha Maurícia e os flagelos em geral. Eis, de forma resumida, o que dizem as mencionadas comunicações:

> I – As crises e os flagelos que dizimam passo a passo as diferentes regiões do globo não ocorrem por acaso; são eles a consequência das influências dos mundos e dos elementos. Preparadas de longa data, sua causa é, por conseguinte, perfeitamente normal.
>
> II – A saúde é o resultado do equilíbrio das forças naturais. Se uma doença epidêmica devasta qualquer parte, não pode ser senão a consequência de uma ruptura desse equilíbrio.
>
> III – Os meteoros conhecidos pelo nome de estrelas cadentes são compostos de elementos materiais, como tudo o que cai sob os nossos sentidos; não aparecem senão graças à fosforescência desses elementos em combustão e cuja natureza especial por vezes desenvolve no ar respirável influências deletérias e morbíficas. IV – As estrelas cadentes eram, para a Ilha Maurícia, não o presságio, mas a causa secundária do flagelo.
>
> V – Os que sobreviveram, em contato forçado com os doentes e os agonizantes, foram testemunhas de cenas que a princípio não perceberam, mas cuja lembrança lhes voltará mais tarde.
>
> VI – Os casos de aparição, de comunicação com os mortos e as previsões têm sido ali muito comuns. Apaziguado o desastre, a memória desses fatos surgirá e provocará reflexões que, pouco a pouco, levarão muitos a aceitar nossas crenças.
>
> VII – Maurícia vai renascer! O ano novo verá extinguir-se o flagelo de que foi vítima, não por efeito dos remédios, mas porque a causa terá produzido o seu efeito, enquanto outras regiões sofrerão, por sua vez, o ataque de um mal da mesma ou de qualquer outra natureza, determinando os mesmos desastres e conduzindo aos mesmos resultados.
>
> VIII – Uma epidemia universal teria semeado o espanto da humanidade inteira e detido por muito tempo a marcha do progresso. Uma epidemia restrita, atacando passo a passo e sob múltiplas formas cada centro de civilização, produz os mesmos efeitos salutares e regeneradores.
>
> IX – Os que morrem são feridos de impotência, mas os que veem a morte à sua porta buscam novos meios de a combater. Quando todos os meios materiais estiverem esgotados, cada um será constrangido a pedir a salvação aos meios espirituais.
>
> X – Esses flagelos, para o materialista, trazem apenas a morte horrível e o nada em consequência; para o espiritualista e, em particular, para o espírita, pouco importa o que pode acontecer, porquanto, se escapar do perigo, a prova o encontrará inabalável, e se morrer, o que conhece da

outra vida fá-lo-á encarar a passagem sem medo.

XI – É preciso que, sejam quais forem a hora e a natureza do perigo, nos compenetremos desta verdade: a morte não é senão uma palavra vã e não há nenhum sofrimento que as forças humanas não possam dominar.

XII – Cada dia entramos no período transitório que deve trazer a transformação orgânica da Terra e a regeneração de seus habitantes. Os flagelos são instrumentos de que se serve o grande cirurgião do Universo, para extirpar do mundo, destinado a marchar para a frente, os elementos gangrenados que nele provocam desordens incompatíveis com o seu novo estado.

XIII – Cada órgão desse corpo doente, melhor dizendo, cada região do planeta será, passo a passo, batida por flagelos diversos. Aqui, a epidemia; ali, a guerra: acolá, a fome. Algumas regiões já foram provadas, mas seus habitantes estariam em completo erro se se fiassem na era de calma que sucede à tempestade, para recair nos seus antigos erros. Há um período de mora, que lhes é concedido, para entrarem num caminho melhor. Se não o aproveitarem, novas vicissitudes virão para trazê-los ao arrependimento. *(Págs. 322 a 325.)*

66. Um do correspondentes da **Revista** na Antuérpia enviou a Kardec extrato de uma obra inglesa cuja tradução, feita da 5ª. edição, foi publicada em Amsterdã em 1753, mais de cem anos antes d'O Livro dos Espíritos. Intitulada *A Amizade após a morte, contendo as cartas dos mortos aos vivos,* pela Senhora Rowe, a obra contém diversas comunicações mediúnicas cujo conteúdo apresenta uma identidade notável com os ensinos trazidos pelo Espiritismo. Kardec transcreve várias passagens do livro e, no final, explica por que uma obra tão singular produzira tão pouca sensação e caíra no ostracismo, enquanto que a doutrina espírita adquirira tantos seguidores em tão pouco tempo. O fato era, segundo ele, a confirmação do princípio de que as melhores ideias abortam quando vêm antes do tempo. Se o Espiritismo tivesse vindo um século mais cedo, não teria tido nenhum sucesso. *(Págs. 325 a 329.)*

67. A **Revista** reproduz trechos do livro *A Cabana do Pai Tomás,* escrito pela sra. Beecher Stowe, em que a ideia da reencarnação é claramente posta, embora a obra tenha sido escrita em 1850 em um país onde o princípio da pluralidade das existências fora há muito repelido. *(Págs. 329 e 330.)*

68. O jornal israelita *La Famille de Jacob*, publicado em Avignon, sob a direção do rabino Benjamin Massé, em seu número de julho de 1868, focaliza a questão do pecado original, um dos dogmas da Igreja Católica que, segundo o periódico, está longe de se achar entre os princípios do Judaísmo. De acordo com semelhante doutrina, que o Judaísmo repele inteiramente, a queda e a condenação de nossos primeiros pais constituem uma queda e uma condenação para toda a posteridade. Daí os males inumeráveis sofridos pelo gênero humano, os quais teriam sido sem fim, sem a mediação de um Redentor, tão incompreensível quanto o crime e a condenação de Adão. Assim como o pecado de um só foi cometido por todos, a expiação de um só será a expiação de todos. Perdida por um só, a humanidade será salva por um só. A redenção é a consequência inevitável do pecado original. Ora, se Adão pecou, só a ele pertence a responsabilidade de seu erro; só a ele a proscrição, a expiação e a redenção por meio de esforços pessoais. Nós, que vimos após ele, nascemos com a nossa pureza e a nossa inocência, de que somos os únicos donos, os únicos depositários, e cuja perda ou conservação não dependem absolutamente senão de nossa vontade e das determinações do nosso livre arbítrio. *(Págs. 330 a 332.)*

69. Uma carta enviada à **Revista** por um de seus correspondentes, capitão do exército na África, diz que o Espiritismo se espalhava no norte da África e ganharia o

centro, se os franceses para ali se dirigissem. *(Págs. 332 a 334.)*

70. Relatório publicado pelo *Quatterly Journal of Psychological Medicine* revela que uma menina que contava então menos de cinco anos de idade havia substituído a língua falada em sua casa por um idioma diferente por ela mesma criado. Até a idade de três anos a menina não sabia falar, exceto as palavras "papa" e "mamã". Ao se aproximar dos quatro anos, sua língua se desatou de repente, mas de tudo quanto diz só as duas palavras que aprendeu a princípio foram tiradas da língua inglesa. Desolados com isso, seus pais tentaram ensinar-lhe o inglês, mas ela a isso se recusa terminantemente. *(Págs. 334 e 335.)*

71. Tendo sido o fato discutido na Sociedade Espírita de Paris, um Espírito disse que aquela menina, em sua última existência na Terra, tivera a ideia de criar uma língua universal, a fim de permitir aos homens de todas as nações entender-se e facilitar desse modo as relações humanas. A língua inglesa lhe era desconhecida e, ao ouvir ingleses falar, achara sua língua desagradável e a detestara. Uma vez na erraticidade, sua ideia persistiu e foi assim que compôs um vocabulário todo particular. Ao encarnar-se entre os ingleses, tomou a decisão de não falar a língua inglesa, decisão que se mantinha em vida porque ela era ajudada por seu guia espiritual, que velava para que o fenômeno se verificasse, a fim de chamar a atenção dos homens. Desse modo, ao mesmo tempo que demonstrava seu desprezo pela língua inglesa, cumpria a missão de provocar as pesquisas psicológicas. *(Págs. 335 a 337.)*

72. Um curioso fenômeno em que uma música tocada por um ser invisível se fazia ouvir no ambiente de uma sala de aula é relatado em carta por um jovem de Mulhouse. A música parecia provir de uma harpa tocada com delicadeza e sentimento e todos a ouviam. Ela parecia vir de um ponto determinado, mas que mudava constantemente na sala. Quando se apontava com o dedo o lugar de onde o som provinha, ele se fixava noutro ponto ou se fazia ouvir em lugares diferentes. Comentando o caso, Kardec adverte que devemos, antes de atribuir um fato à intervenção dos Espíritos, estudar cuidadosamente todas as circunstâncias. Aquele tinha, porém, todos os caracteres de uma manifestação e provavelmente fora produzido por um Espírito simpático ao jovem, com o fito de o trazer às idéias espíritas e de chamar a atenção de outras pessoas para estas espécies de fenômenos. *(Págs. 337 a 339.)*

73. Comentando obra do sr. Chassang a respeito do efeito do espiritualismo na arte e na poesia, Octave Sachot, do jornal *Patrie*, diz que sua tese é toda estética. O que ele entende provar, diz o crítico, é que a literatura e a arte não estão menos interessadas que a vida moral na vitória das doutrinas espiritualistas. Ao contrário do materialismo, que despoetiza a vida e desencanta o homem, tirando-lhe toda a esperança, as doutrinas espiritualistas abrem em todos os sentidos a vida às nobres aspirações e entretêm o homem com o futuro e a imortalidade. *(Págs. 339 a 342.)*

74. Kardec recebeu da Síria uma carta muito interessante sobre o estado moral dos povos do Oriente e os meios de cooperar em sua regeneração. O missivista vê no Espiritismo uma poderosa alavanca para combater os preconceitos que se opõem à emancipação moral e intelectual de seus compatriotas. Visando concorrer para essa obra, ele concebeu um projeto que, valendo-se do Codificador, submeteu à apreciação dos bons Espíritos. Levado o assunto à Sociedade de Paris, o Espírito de Clélie Duplantier deu importante comunicação, cujos principais pontos resumimos:

> I – Ter a razão e a verdade, trabalhar visando o bem geral e sacrificar o bem-estar particular ao interesse de todos é bom, mas não é suficiente.
>
> II – Não se podem dar de um golpe todas as liberdades a um escravo modelado pelos séculos a um jugo severo. Só gradualmente e medindo a extensão das margens aos progressos inteligentes e sobretudo morais da

humanidade é que a regeneração poderá realizar-se.

III – Todos quantos desejam utilmente concorrer ao trabalho regenerador devem, pois, antes de tudo, preocupar-se com a natureza dos elementos sobre os quais é possível agir e combinar suas ações em razão do caráter, dos costumes e das crenças daqueles a quem querem transformar.

IV – No Oriente, para atingir o objetivo que os Espíritos de escol almejam na Europa, é necessário seguir uma marcha idêntica quanto ao conjunto, mas diferente nos detalhes, isto é, semeando a instrução, desenvolvendo a moralidade, combatendo os abusos consagrados pelo tempo, chegar-se-á a um mesmo resultado, seja onde for, mas a escolha dos meios deverá ser determinada pelo gênio particular daqueles a quem se dirigirem.

V – Não se instrui o homem batendo de frente os seus preconceitos, mas contornando-os, modificando o mobiliário de seu espírito de maneira graduada, para que ele chegue por si mesmo a renunciar aos erros pelos quais antes teria sacrificado a vida.

VI – Não se impõem ideias novas a um povo. Para que ele as aceite sem perturbação lamentável, é preciso habituá-lo pouco a pouco, fazendo-o reconhecer suas vantagens. Há muito a fazer no Oriente, mas a ação do homem sozinha seria impotente para operar uma transformação radical. É-lhe necessário o concurso dos Espíritos. *(Págs. 342 a 344.)*

75. Em mensagem transmitida na Sociedade de Paris a 23 de outubro de 1868, um Espírito analisa a questão da prática do Espiritismo e diz que, para a exercer com eficácia, é preciso estar bem penetrado da filosofia espírita e também de sua parte moral, que é fácil de conhecer, mas é a mais difícil de praticar, porque só o exemplo pode fazer bem compreendê-lo. "Fareis compreender melhor a virtude dando exemplo do que a definição", acrescentou o comunicante, afirmando que a parte filosófica apresenta mais dificuldades para ser compreendida e, por isso, requer mais esforços. "Os adeptos que buscam ser militantes – acrescenta o Espírito – devem pôr-se à obra para bem a conhecer, pois é a arma com a qual combaterão com mais sucesso." *(Págs. 344 a 346.)*

76. Mensagem transmitida a 16 de outubro de 1868 por De Courson (Espírito) traz oportunas reflexões sobre o recolhimento necessário às sessões mediúnicas. Segundo ele, o recolhimento dos encarnados, que qualifica de silêncio, está muito longe de aproximar-se do recolhimento dos desencarnados presentes. É que o corpo observa o silêncio, mas a alma não respeita e mesmo perturba, com pensamentos diversos, o recolhimento dos que a rodeiam. *(Págs. 346 e 347.)*

77. Três notas fecham a edição de novembro de 1868:

I – Notícia sobre o lançamento do livro *O Espiritismo na Bíblia*, de Henri Stecki, que fez da Bíblia um estudo aprofundado das passagens que têm relação com os princípios espiritas.

II – Registro relativo ao sucesso que vinha sendo alcançado pelo jornal *Le Spiritisme à Lyon*, cujo primeiro número aparecera a 15 de fevereiro último.

III – Referência à reedição da obra *Des Destinées de L'Âme,* escrita pelo sr. A. D'Orient. Embora tenha sido lançada em 1845, antes do aparecimento da doutrina espírita, a obra se apoia na pluralidade das existências, no progresso indefinido da alma, na não-eternidade absoluta das penas e noutros princípios que seriam, anos mais tarde, confirmados e desenvolvidos pelo Espiritismo. *(Págs. 347 a 349.)*

78. É o Espiritismo uma religião? "Ora, sim, sem dúvida, senhores", afirma Kardec. "No sentido filosófico, o Espiritismo é um religião, e nós nos glorificamos por isso, porque

é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza." Essas palavras integram o discurso proferido pelo Codificador na Sociedade Espírita de Paris, a 1º. de novembro de 1868, por ocasião da sessão anual comemorativa dos mortos. O discurso é reproduzido pela **Revista** na abertura do número de dezembro e contém diversos ensinamentos, adiante sintetizados:

> I – Comunhão de pensamentos significa pensamento comum, unidade de intenção, de vontade, de desejo, de aspiração.
>
> II – Ninguém pode ignorar que o pensamento seja uma força. Ele é o atributo característico do ser espiritual; é o pensamento que distingue o espírito da matéria; sem o pensamento o espírito não seria espírito.
>
> III – O pensamento age sobre os fluidos ambientes, como o som age sobre o ar. Uma assembleia é um foco onde irradiam pensamentos diversos; como existem pensamentos harmônicos e pensamentos discordantes, se o conjunto for harmônico, a impressão será agradável; se discordante, a impressão será penosa.
>
> IV – A comunhão de pensamentos produz, assim, uma espécie de efeito físico, que reage sobre o moral.
>
> V – Todas as reuniões religiosas são fundadas na comunhão de pensamentos. Há, no entanto, criaturas que negam a utilidade das assembleias religiosas e, por conseguinte, dos edifícios consagrados a elas. Ora, o isolamento religioso, como o isolamento social, conduz ao egoísmo.
>
> VI – O verdadeiro objetivo das assembleias religiosas deve ser a comunhão de pensamentos; é que, com efeito, a palavra religião quer dizer *laço*. Uma religião é um laço que *religa* os homens numa comunidade de sentimentos, princípios e crenças. Esse laço é, porém, um laço essencialmente moral, que liga os corações, e seu objetivo é estabelecer, entre as pessoas que ele une, a *fraternidade* e a *solidariedade*, a *indulgência* e a *benevolência mútuas*. *(Págs. 351 a 357.)*

79. Na sequência do discurso, Kardec explica por que havia declarado, ao longo de sua obra, que o Espiritismo não era religião. É que, observa ele, a palavra religião é inseparável da de culto e desperta uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. As reuniões espíritas podem, pois, ser feitas religiosamente. Pode-se mesmo aí fazer preces, ditas em comum. O laço que deve existir entre os espíritas é todo moral, todo espiritual, todo humanitário: o da caridade para todos, ou seja, o amor do próximo, que compreende os vivos e os mortos. "A caridade, assevera Kardec, é a alma do Espiritismo: ela resume todos os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes." Seu campo é, porém, muito vasto: compreende duas grandes divisões que podemos chamar de ***caridade beneficente*** e ***caridade benevolente***. A primeira é naturalmente proporcional aos recursos materiais disponíveis, do mais pobre ao mais rico. Para praticar a caridade benevolente é preciso amar ao próximo como a si mesmo. No amor ao semelhante está a verdadeira caridade benevolente, a caridade prática, sem a qual a caridade é uma palavra vã. Eis aí a caridade do verdadeiro espírita, como do verdadeiro cristão, aquela sem a qual aquele que diz: *Fora da caridade não há salvação* pronúncia sua própria condenação, tanto neste quanto no outro mundo. *(Págs. 357 a 360.)*

80. Depois do discurso feito por Kardec, foi lida uma comunicação espontânea ditada pelo Espírito de H. Dozon a 1º de novembro de 1865, sobre a solenidade de Todos-os-Santos, que é comemorada anualmente pela Sociedade Espírita de Paris. Na mensagem, após afirmar que Deus não é adorado apenas nos templos, mas por toda a parte, Dozon lembra que aquele que pode dispor de seu tempo o emprega no alívio

de seus irmãos que sofrem. No fim da mensagem, o amigo espiritual aconselha aos espiritistas: "Redobrai de zelo; consolai os que sofrem, porque há seres que foram de tal modo afligidos durante a sua vida, que necessitam ser amparados e ajudados na luta. Sabeis quanto a caridade é agradável a Deus: praticai-a, pois, sob todas as formas; praticai-a em nome dos Espíritos cuja memória festejais nesse dia, e eles vos bendirão!" *(Págs. 360 e 361.)*

81. Em seguida, feitas as preces de costume, 32 comunicações foram obtidas pelos 18 médiuns presentes na reunião. A **Revista** publicou parte dessas comunicações, das quais extraímos, de forma resumida, os trechos que se seguem:

> I – Não devemos tremer diante da vida nem diante da morte, como ensinou La Rochefoucauld, mas sim por haver realizado um trabalho estéril, por ter tido uma existência perturbada e completamente falha. Espíritos brilhantes, engenhosos, instruídos muitas vezes, faltam ao objetivo profundo da vida. Milhares de Espíritos gostam da lembrança e da peregrinação que seus amigos e parentes fazem pelos cemitérios. É uma baliza esse respeito aos mortos, mas esses mortos estão todos vivos e, em vez de urnas funerárias e epitáfios mais ou menos verdadeiros, eles pedem uma troca de ideias, de conselhos, um suave comércio de espírito, essa comunidade de ideias que gera a coragem, a perseverança, a vontade, os atos de dedicação. (**Guillaumin**.)
>
> II – O isolamento em matéria religiosa e social não gera senão o egoísmo. O homem foi criado para a sociabilidade. Uni-vos, pois, nos esforços e por pensamentos; sobretudo, amai, sede bons, suaves, humanos; pregai pelo exemplo dos vossos atos os salutares efeitos da vossa crença. Sede espíritas de fato e não somente de nome. O Espiritismo, compreendido e sobretudo praticado, reformará tudo, para vantagem dos homens. (**J. J. Rousseau.**)
>
> III – O perfume que se exala de todos os bons sentimentos é uma prece constante que se eleva para Deus. (**Srª. Victor Hugo.**)
>
> IV – A dedicação pelo reconhecimento é um impulso do coração; o devotamento pelo amor é um impulso da alma. (**Srª. Dauban.**)
>
> V – O egoísmo é a paralisação de todos os bons sentimentos. O egoísmo é a negação da sublime sentença do Cristo que nos manda fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam. (**Plácido**.)
>
> VI – Qual é a ambição que não impede a alma de se elevar aos esplendores do infinito? É a que vos leva a fazer o bem. Todas as outras vos levam ao orgulho e ao egoísmo. (**Bonnefon**.) *(Págs. 361 a 367.)*

82. Kardec publica, na sequência, um extenso trabalho por ele intitulado: *Constituição Transitória do Espiritismo*, dividido em nove seções:

> I – Considerações preliminares.
> II – Extrato do relatório de caixa do Espiritismo feito à Sociedade de Paris a 5 de maio de 1865.
> III – Dos cismas.
> IV – O chefe do Espiritismo.
> V – Comitê central.
> VI – Obras fundamentais da doutrina.
> VII – Atribuições do Comitê.
> VIII – Vias e meios.
> IX – Conclusão. *(Págs. 367 a 391.)*

83. O objetivo do Codificador do Espiritismo, com a proposta referida, foi viabilizar uma forma de dar continuidade ao seu trabalho, com vistas aos tempos

futuros. Em síntese, o que ele propõe, no tocante à direção do Espiritismo, é o estabelecimento de um *comitê central* ou *conselho superior* permanente, composto de doze membros titulares e um número igual de conselheiros, ao qual caberia a coordenação do movimento. O comitê central ou conselho superior seria, pois, o verdadeiro chefe do Espiritismo, chefe coletivo, que nada poderia sem o consentimento da maioria e, em certos casos, sem o assentimento de um congresso ou assembleia geral. Os congressos seriam constituídos por delegados das sociedades particulares, regularmente constituídas e postas sob o patrocínio do comitê central por adesão e pela conformidade de seus princípios. *(Págs. 379 a 381.)*

84. Ao comitê central estariam afetos, ainda, os seguintes serviços:

I – Uma biblioteca, onde estariam reunidas todas as obras de interesse do Espiritismo.

II – Um museu.

III – Um dispensário destinado a consultas médicas gratuitas e ao tratamento de certas afecções, sob a direção de um médico patenteado.

IV – Uma caixa de socorro e previdência.

V – Uma casa de retiro.

VI – Uma sociedade de adeptos com sessões regulares. *(Págs. 382 e 383.)*

85. Para viabilizar os recursos financeiros necessários ao projeto, Kardec propõe a constituição de um fundo financeiro inalienável cujos rendimentos assegurariam a continuidade dos serviços. "Regulando suas despesas pelo rendimento, a existência da administração não pode ser comprometida em caso algum, pois sempre terá meios para funcionar", asseverou o Codificador do Espiritismo. *(Págs. 386 e 387.)*

86. Duas notas encerram a edição do ano de 1868. A primeira diz respeito à revista quinzenal *El Criterio Espiritista,* de Madri, a qual readquiriu o direito de usar esse título, que havia sido interditado pelo governo espanhol, por influência direta da autoridade eclesiástica espanhola. A **Revista** reproduz os documentos relativos à interdição da revista, ocorrida em 6 de agosto de 1867. Com a revolução ocorrida na Espanha, que depôs o governo anterior, a revista podia agora circular, verificando-se a mesma coisa com a Sociedade Espírita Espanhola, fundada em 1865, que havia suspendido suas sessões pelos mesmos motivos. *(Págs. 392 a 394.)*

87. A nota derradeira, que trata da renovação da assinatura por parte dos assinantes da **Revista**, anuncia para breve a publicação de um índice geral alfabético de todos os assuntos tratados na *Revista Espírita*, assim como um catálogo das obras que possam interessar aos estudiosos da doutrina espírita. *(Pág. 394.)*

Revista Espírita de 1869

De Allan Kardec, tradução de Júlio Abreu Filho, publicada pela EDICEL

1. Este volume apresenta os escritos finais de Allan Kardec, que, como sabemos, desencarnou a 31 de março de 1869. Os números de janeiro a março foram publicados quando o Codificador ainda estava encarnado. O número de abril ele havia deixado redigido e em fase de preparação gráfica. Essa é a razão pela qual a **Revista** de abril de 1869 não registra sequer o seu passamento. Os números de maio e junho, embora não redigidos por Kardec, integram também o volume do ano de 1869 porque trazem notícias sobre a sua desencarnação e suas primeiras comunicações mediúnicas. O segundo semestre de 1869 pertence a outra fase da **Revista**. *(Pág. 1)*

2. Com a morte do Codificador, a direção da Sociedade Espírita de Paris e do movimento doutrinário passou à responsabilidade da Comissão Central de Espiritismo, presidida desde então pelo Sr. Malet. *(Pág. 1)*

3. O número de janeiro de 1869 da **Revista** se inicia com uma mensagem de Kardec dirigida aos seus correspondentes, na qual diz haver recebido numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia a propósito da publicação no número anterior do projeto de constituição do Espiritismo, que teve boa acolhida por parte dos grupos espíritas, como o de Toulouse, cuja correspondência foi ali transcrita. *(Págs. 3 e 4)*

4. A **Revista** de janeiro apresenta, na sequência, uma matéria intitulada "Estatística do Espiritismo", da qual extraímos, de forma resumida, os seguintes pontos:

> I – A enumeração exata dos espíritas seria coisa impossível, por uma razão muito simples: o Espiritismo não é uma associação nem uma congregação e seus aderentes não estão inscritos em nenhum registro oficial.
>
> II – Não se pode avaliar o número dos espíritas pela quantidade de sociedades existentes, frequentadas apenas por minoria ínfima.
>
> III – O Espiritismo é uma opinião que não exige qualquer profissão de fé e pode estender-se ao todo ou parte dos princípios da doutrina. Basta simpatizar com a ideia, para ser espírita.
>
> IV – Dentro deste ponto de vista pode-se dizer que pelo menos três quartos da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, que são encontrados até mesmo entre os que lhe fazem oposição.
>
> V – A oposição feita ao Espiritismo vem, em sua maioria, da ideia falsa que fazem da doutrina espírita. Não o conhecendo senão pelas descrições ridículas que dele faz a crítica malévola, recusam com razão a qualificação de espíritas. *(Págs. 4 a 6)*

5. A matéria é complementada por uma curiosa estatística que aponta os Estados Unidos como sendo a nação mais espírita do planeta, com cerca de aproximadamente 4 milhões de adeptos. A Europa teria 1 milhão, dos quais 600 mil na França. "Em geral, afirma Kardec, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos." *(Págs. 6 a 8)*

6. Do levantamento publicado pela **Revista** resultam, de acordo com o Codificador, as seguintes consequências:

> 1º. – Há espíritas em todos os graus da escala social.
>
> 2º. – Há mais homens que mulheres espíritas.
>
> 3º. – A grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas.
>
> 4º. – A aflição e a infelicidade predispõem as crenças espíritas, em consequência das consolações que proporcionam.
>
> 5º. – O Espiritismo tem mais fácil acesso entre os incrédulos em matéria

religiosa que entre os que têm uma fé assentada.

6º. – Depois dos fanáticos, os mais refratários às ideias espíritas são os sensualistas e as pessoas cujos únicos pensamentos estão concentrados nas posses e nos prazeres materiais.

7º. – Em resumo, observa Kardec, o Espiritismo é considerado um benefício pelas pessoas que ele ajudar a suportar o fardo da vida, e é repelido ou desdenhado por aqueles a quem prejudicaria nos gozos da vida. *(Págs. 8 e 9)*

7. Entre os profissionais liberais que apresentavam a maior proporção de adeptos do Espiritismo a **Revista** aponta os médicos homeopatas: em cada 100 médicos espíritas, pelo menos 80 eram homeopatas. Isto se deve a que o princípio do tratamento homeopático os conduz naturalmente ao espiritualismo. Os materialistas são muito raros entre eles, se é que existem homeopatas materialistas, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor que estes, os homeopatas compreendem o Espiritismo porque acharam nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. *(Pág. 10)*

8. Os magnetistas – nome que se dá aos adeptos do magnetismo – figuravam na primeira linha, logo após os homeopatas, malgrado a oposição persistente e por vezes acerba de alguns, que formavam, porém, uma minoria ínfima. É que o magnetismo e o Espiritismo são duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra. Em todos os tempos os magnetistas se dividiram em dois campos: os espiritualistas e os fluidistas. Estes últimos, muito menos numerosos, estão quase sempre em oposição de princípios com os espíritas. Assim, pode-se concluir que: se todos os magnetistas não são espíritas, todos os espíritas, sem exceção, admitem o magnetismo e fazem-se seus defensores e baluartes. *(Págs. 10 e 11)*

9. A **Revista** reporta-se a um artigo publicado pelo sr. Robert de Salles no jornal *Le Voyageur de Commerce* de 22-11-1868, no qual o articulista tece algumas considerações simpáticas acerca da doutrina espírita e afirma, corretamente, que o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Embora tenha feito alguns reparos ao artigo, Kardec diz que os espíritas não poderiam senão aplaudir o conjunto das reflexões nele contidas e a seriedade com que o assunto foi tratado. "A imprensa – observa o Codificador – raramente tem ouvido falar dele num sentido tão sério. Mas há começo para tudo." *(Págs. 11 a 16)*

10. O caso do ervanário Joye, envolvido no processo das envenenadoras de Marselha, é objeto de um longo artigo publicado por Kardec na **Revista** de janeiro. A culpa atribuída ao ervanário tentou-se estender à doutrina espírita, porque Joye revelou que se ocupava com a prática espírita e interrogava os Espíritos. De fato, descobriu-se em sua casa um registro que dá a ideia do seu caráter e de suas ocupações habituais. O ervanário - indivíduo que vende e/ou conhece plantas medicinais - recebia dinheiro de seus clientes por serviços diversos: tratamento de doentes, prática de exorcismo, cartas, malefícios e baqueta divinatória, entre outros. *(Págs. 16 e 17)*

11. Kardec observa que, ainda que Joye fosse espírita, o Espiritismo não poderia ser responsabilizado por procedimentos que a doutrina espírita não propõe nem recomenda a quem quer que seja. "O Espiritismo – assevera Kardec – só reconhece como adeptos os que põem em prática os seus ensinamentos, isto é, que trabalham a sua própria melhora moral, porque é o sinal característico do verdadeiro espírita." *(Págs. 17 a 20)*

12. Após rememorar casos diversos em que religiosos, como o padre Verger, e médicos ilustres, como o dr. Lapommeraie, embora fossem pessoas bastante instruídas, acabaram matando pessoas, Kardec adverte: "A instrução é indispensável, ninguém o

contesta; mas sem a moralização não é senão um instrumento, muitas vezes improdutivo para aquele que não sabe regular o seu uso para o bem". "Instruir as massas sem as moralizar é pôr em suas mãos uma ferramenta sem ensinar a utilizá-la, porque a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que só se dirige à inteligência." *(Págs. 19 a 21)*

13. A **Revista** reproduz versos de Lamartine, publicados no jornal *Le Siècle* de 20 de maio de 1868, a propósito da crise comercial que se verificava na França. No poema, diz o poeta que "*o Homem dobra um Cabo das Tormentas, e passa, no negror da noite em tempestade, o trópico agitado de outra Humanidade*". Comentando o assunto, Kardec afirma que Lamartine disse, sob outra forma, o que os Espíritos têm dito sobre o futuro que se prepara na Terra e as convulsões que a Humanidade terá de sofrer para a sua regeneração. As preliminares dessas modificações, diz Kardec, já se faziam sentir. O que Lamartine fez foi uma verdadeira profecia, cuja realização já começara. *(Págs. 21 e 22)*

14. O tomo XVI das Obras Completas do Sr. Etienne de Jouy, da Academia Francesa, publicadas em 1823, reproduz um diálogo entre Madame de Stäel, já falecida, e o Duque de Broglie, no qual o Espírito da conhecida escritora, diante do espanto do Duque, lhe diz que "há laços que a morte mesma não poderia partir". "A suave concordância de sentimentos, de vistas, de opiniões forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal e que impede que o que esteve longamente unido seja separado para sempre." Kardec tinha 19 anos quando foi divulgado esse diálogo. *(Págs. 22 e 23)*

15. Em mensagem dada a 18 de outubro de 1867 na Sociedade de Paris, o Espírito de Sílvio Pellico diz que as leis do Eterno ferem de maneira inexorável o culpado, conforme a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. A lei de talião é um fato e cumpre-se com todo o seu rigor. O orgulhoso não é apenas humilhado, mas ferido em seu orgulho da maneira porque feriu os outros. "Sim, *diz o Espírito*, governei os homens; fi-los dobrar-se sob um jugo de ferro; eu os feri em suas afeições e em sua liberdade; e mais tarde, por minha vez, tive que me dobrar ao opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!" *(Págs. 23 a 25.)*

16. Sílvio Pellico informa ainda, em sua mensagem, que geralmente os que são, em aparência, os mais convictos liberais, foram no passado os mais ardentes partidários do poder, fato compreensível porque é lógico que os que longamente estavam habituados a reinar sem contestação e a satisfazer os seus menores caprichos, sejam os que mais sofram a opressão e, por isso, os mais ardentes na luta para sacudir esse jugo. *(Pág. 25)*

17. Depois de ter vivido miseravelmente, envolto em privações de todo o gênero, conquanto fosse dotado de uma verdadeira fortuna em dinheiro, ações e valores diversos, um Espírito que se intitulou "O Avarento da Rua do Forno" manifestou-se a 20-11-1868 na Sociedade de Paris, ocasião em que revelou ter escolhido como provação naquela existência ser sóbrio, moderado nos gastos e caridoso com os pobres e deserdados. Ele, porém, não manteve a palavra, porquanto, embora tivesse sido sóbrio e temperante, não ajudou a ninguém e deixara de praticar a caridade. *(Págs. 25 a 27.)*

18. A **Revista** transcreve do jornal *Droit* o caso do jovem Paul D..., 22 anos, morador de Paris, que se suicidou jogando-se nas águas do Marne. Em carta dirigida a seu pai, o rapaz explicou que era dominado, havia dois anos, por uma ideia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir, proveniente de uma voz que lhe parecia ouvir e que o chamava sem descanso. Louis Nivard (Espírito) esclarece o caso em mensagem dada em Paris a 20-12-1868. Paul fora vítima de uma obsessão provocada pelo Espírito de sua própria esposa na existência precedente, a qual sofrera

consideravelmente com o deboche e as brutalidades do marido, a ponto de procurar na morte o fim dos seus males. *(Págs. 27 e 28)*

19. Três dissertações mediúnicas fecham a edição de janeiro de 1869. Na primeira, o artista Ducornet, valendo-se da mediunidade do sr. Desliens, fala sobre o marasmo que se observava nas artes daqueles anos e afirma que a literatura, a pintura, a arquitetura e a história iriam receber do aguilhão espírita um novo batismo de sangue, necessário para dar energia e vitalidade à sociedade expirante. Na segunda mensagem, o Espírito de Rossini disserta sobre a música celeste e diz ser-lhe preciso um pouco mais de tempo para expor as transformações que o Espiritismo certamente introduzirá na música do futuro. Na derradeira mensagem, o doutor Demeure diz que a piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência e adverte que há indivíduos que enviam aos espíritas pessoas simuladamente obsidiadas com o propósito de enganá-los e eventualmente levá-los ao ridículo. *(Págs. 28 a 32)*

20. Em nota à observação do doutor Demeure, Kardec escreveu: "Não é só contra as obsessões simuladas que é prudente se pôr em guarda, mas contra os pedidos de comunicações de toda a natureza, evocações, conselhos de saúde, etc., que poderiam ser armadilhas feitas à boa fé, de que poderia servir-se a malevolência". *(Pág. 32)*

21. Abrindo o número de fevereiro, a **Revista** reproduz o comentário feito pelo jornal *La Solidarité* de 15-1-1869 a propósito da estatística do Espiritismo publicada no mês anterior. Aquele periódico concordou plenamente com várias ideias expostas por Kardec na aludida matéria e diz até que a estimativa do número de espíritas estava aquém da verdade, porquanto fora ali esquecida a Ásia. *(Págs. 33 e 34)*

22. Segundo o jornal *La Solidarité*, se pelo termo espírita se entendem as pessoas que creem na vida de além-túmulo e nas relações dos vivos com as almas das pessoas mortas, há que contá-los por centenas de milhões, visto que os seguidores do budismo, de Confúcio e de Lao-Tseu também creem na existência dos Espíritos. Kardec concordou com as observações feitas pelo periódico francês e acrescentou ao assunto outras considerações. *(Págs. 34 a 38)*

23. O Espírito de Sonnet, em mensagem transmitida em Paris, a 6 de janeiro de 1869, revela o que, em sua opinião, leva certas pessoas a se tornarem espíritas. "São as mil perseguições que sofrem em suas profissões." *(Págs. 38 e 39)*

24. O poder destruidor do ridículo é o título de um artigo que Kardec escreveu ao ler esta frase publicada num jornal francês: "*Na França o ridículo sempre mata*". O Codificador, não concordando com a frase, disse que, para que o adágio referido fosse verdadeiro, seria preciso dizer: "*Na França o ridículo sempre mata o que é ridículo*". O que realmente é verdadeiro, bom e belo jamais é ridículo, o que explica por que o ridículo, derramado em profusão sobre o Espiritismo, não o matou. *(Págs. 39 a 41)*

25. Ao combater o charlatanismo e a exploração da mediunidade, a doutrina ficou preservada de um perigo maior que a má vontade de seus antagonistas confessos, porque, se agisse de modo diferente, ela lhes teria apresentado um lado vulnerável, ao passo que eles se detiveram ante a pureza dos seus princípios. *(Págs. 41 e 42)*

26. O Espiritismo nada tem a ganhar, e só poderia perder, apoiando-se na exploração. Sua força está no seu caráter moral. É necessário, pois, que seja forte por si mesmo e, para isso, é preciso que seja respeitável. Cabe aos seus adeptos dedicados fazê-lo respeitar, inicialmente, pregando-o pela palavra e pelo exemplo, e depois, em nome da doutrina, desaprovando tudo quanto possa prejudicar a consideração de que deve ser rodeado. *(Pág. 43)*

27. Num lugar da Borgonha, uma jovem viúva, mãe de várias crianças, ao perder o marido, a quem adorava, perdeu por completo a razão. Um espírita da região, vendo aquela família lançada à miséria, condoeu-se da sua situação e procurou ajudá-la. A consolação que lhe foi dada pela doutrina espírita, acrescida das mensagens do falecido, que o citado confrade psicografava, levou-a, em poucos meses, a uma cura completa. A pobre viúva pôde então entregar-se ao trabalho e, dessa maneira, alimentar a si e aos filhos. *(Págs. 43 e 44)*

28. O padre da região, inconformado com o rumo dessa história, fez a viúva ir à sacristia e começou a lançar a dúvida à sua alma, a ponto de dizer que o confrade era um súdito de Satã e que agia em nome deste. O sacerdote agiu tão bem que a pobre mulher, enfraquecida por tantas emoções, recaiu num estado pior que da primeira vez. Sua loucura era completa e seu destino, um hospital de alienados. *(Págs. 44 e 45)*

29. Comentando o caso, observa Kardec: "O que havia causado a primeira loucura daquela mulher? O desespero. O que lhe havia restaurado a razão? As consolações do Espiritismo. O que a fez recair numa loucura incurável? O fanatismo, o medo do diabo e do inferno". É triste, conclui o Codificador, "*ver a Igreja fazer dessa crença uma pedra angular da fé*". *(Pág. 45)*

30. Várias vezes, diz Kardec, têm sido vistos Espíritos que ainda se julgam encarnados, porque seu corpo fluídico lhes parece tangível como o corpo físico. O fato é bastante comum. A **Revista** apresenta, no entanto, um caso bastante curioso de um Espírito profundamente materialista, em crença e em gênero de vida, que julgava estar sonhando. Ao comunicar-se na Sociedade de Paris, ele insistiu nessa ideia e pretendeu explicar pelo estado de sonho todas as objeções e perguntas que lhe foram feitas. Uma única pergunta o embaraçou: Se ele usava o corpo de um médium, bem mais magro que ele, onde estava o seu verdadeiro corpo? *(Págs. 45 a 49)*

31. Não é raro – ensina Kardec – que um Espírito atue e fale pelo corpo de um outro. Não é difícil entender o fenômeno quando se sabe que o Espírito pode retirar-se com o seu perispírito para longe de seu corpo material. Quando isto se dá, sem que nenhum desencarnado o aproveite, ocorre catalepsia. Quando o Espírito deseja aí entrar para agir e tomar por um instante sua parte na encarnação, une o seu perispírito ao corpo adormecido, desperta-o e desse modo dá movimento à máquina corpórea. Os movimentos e a voz não são os mesmos, porque os fluidos perispirituais não mais afetam o sistema nervoso da mesma maneira que o verdadeiro ocupante. *(Págs. 48 e 49)*

32. Na casa de um dos membros da Sociedade de Paris, onde se realizavam sessões espíritas, já fazia algum tempo que batiam à porta. Quando esta era aberta, não se via ninguém. Excluídas todas as possibilidades que pudessem explicar o fato, o dono da casa pediu ao visitante invisível que dissesse o que desejava. O Espírito comunicou-se, então, no dia 22 e no dia 29 de dezembro de 1868, convicto de que ainda pertencia ao mundo dos encarnados. Kardec lembra que esse Espírito estava na mesma situação que o anterior e ignorava a própria desencarnação. *(Págs. 49 a 52)*

33. A **Revista** reproduz um artigo de Ernest Le Nordez, publicado pelo *Petit Moniteur* de 12-12-1868, em que o autor relata os últimos momentos da existência do grande músico Pergolèse, que nasceu perto de Nápoles, na pequena cidade de Casoria, em 1704, e faleceu aos 33 anos, momentos depois de compor o canto que o imortalizou: o Stabat Mater, que o mundo cristão inteiro repete e admira. De acordo com o articulista, Pergolèse compôs essa peça em estado de êxtase dentro de uma igreja. *(Págs. 52 a 55)*

34. Na seção de livros, Kardec apresenta uma resenha da obra *História dos Calvinistas das Cévennes,* escrita por Eugène Bonnemère, que relata como foi a guerra empreendida sob o reinado de Luís XIV contra os calvinistas, um dos mais tristes episódios da História da França. Na obra há referências aos inumeráveis casos de sonambulismo, êxtase, dupla vista, previsões e fenômenos semelhantes que se produziram durante todo o curso dessa infeliz cruzada e que sustentaram a coragem dos calvinistas. *(Págs. 55 a 62)*

35. Os estranhos fenômenos referidos pelo sr. Bonnemère não buscavam, para se produzir, nem a sombra nem o mistério, e manifestavam-se ante os intendentes, os generais e os bispos, como ante os ignorantes e as pessoas mais simples. Em setembro de 1704, segundo Villars e Chamillard, as mulheres de uma cidade inteira pareciam possuídas do "diabo". É que elas tremiam e profetizavam publicamente nas ruas, fato tido então como sobrenatural. *(Pág. 57 e 58)*

36. Eis, de forma resumida, alguns trechos extraídos da obra em apreço:

> I – O fluido é um ímã que atrai os mortos bem-amados para os que ficam: desprende-se abundantemente dos inspirados e vai despertar a atenção dos seres partidos antes e que lhes são simpáticos.
>
> II – No século 18 esses intermediários eram chamados extáticos; hoje são médiuns.
>
> III – Conforme o Espiritismo, um ser invisível se põe em comunicação com outro, apto a receber os pensamentos dos que viveram e a escrevê-los, quer por um impulso mecânico inconsciente imprimido à mão, quer por transmissão direta à inteligência dos médiuns.
>
> IV – Crendo que o Espírito do Senhor estaria com eles e falaria pela boca das crianças e das mulheres, os protestantes perseguidos passaram a ver as mulheres e as crianças a profetizar.
>
> V – Um homem chamado Du Serre mantinha em casa, numa vidraria oculta na montanha de Peyrat, uma verdadeira escola de profecia.
>
> VI - Reunindo em casa rapazes e moças cuja natureza impressionável e nervosa havia observado, submetia-os previamente a jejuns austeros, agia sobre sua imaginação, estendia as mãos sobre eles, soprava sobre suas frontes e os fazia cair como inanimados à sua frente, tendo os olhos fechados e os membros tensos pela catalepsia.
>
> VII – Os jovens tornavam-se insensíveis à dor e não viam nem ouviam o que se passava ao seu redor, mas pareciam escutar vozes interiores, porque nesse estado falavam ou escreviam.
>
> VIII – Em 1701 houve nova explosão de profetas, que se contavam aos milhares, das montanhas de Lozère até as margens do Mediterrâneo. Os católicos haviam tomado os filhos dos calvinistas e Deus se serviu dos filhos para protestar contra essa iniquidade.
>
> IX – O governo real usou contra eles a violência: prendia em massa os profetas-meninos, açoitava impiedosamente os menores, e queimava as plantas dos pés dos maiores.
>
> X – Considerados "atingidos pelo fanatismo", uma ordenação assinada por Bâville em setembro de 1701 tornou os pais responsáveis por esse fanatismo e os condenou a penas arbitrárias.
>
> XI – Vãos esforços! Prendiam, torturavam os corpos, mas sua alma continuava livre e os profetas se multiplicaram.
>
> XII – Bâville julgava os cativos, prendia alguns e enviava o resto para as galés; e, como nada disso parecia desencorajar os reformados, continuou a procurar as reuniões do deserto e a estrangular impiedosamente os que

se rendiam, sem que estes pensassem em opor resistência mais séria aos seus carrascos. *(Págs. 58 a 62)*

37. Um estudo intitulado "A carne é fraca" abre o número de março de 1869. Nele, afirma Kardec que já estava perfeitamente reconhecido que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas tem a *bossa* da música porque seu Espírito é músico. *(Pág. 63)*

38. Eis outros pontos extraídos do estudo citado:

I – O Espírito é o artífice do próprio corpo; a perfeição do corpo nas raças adiantadas seria o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoou o seu utensílio à medida que aumentam suas faculdades.

II – Um Espírito irascível deve levar a um temperamento bilioso, do que se conclui que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas que é bilioso porque ele, como Espírito, é colérico.

III – A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente, que por vezes se veem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais.

IV – O temperamento é, dessa forma, pelo menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito.

V – Há casos, porém, em que o físico influi indiscutivelmente sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é causado por uma ação externa, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários, um mal-estar passageiro etc. O moral do Espírito pode, então, nesses casos, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

VI – Atribuir, pois, a fraqueza do indivíduo à carne é uma fuga, cujo objetivo é escapar à responsabilidade. A carne não é fraca, senão porque o Espírito é fraco.

VII – A responsabilidade moral dos atos da vida cabe ao indivíduo, mas diz a razão que as consequências dela se encontram na razão do desenvolvimento intelectual do Espírito. Quanto mais esclarecido, menos escusável, visto que, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.

VIII – Esta lei encontra sua aplicação na Medicina e dá a razão do seu insucesso em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito, e não causa, os meios tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica.

IX – É, pois, sobre a causa primeira que se deve agir, e o médico pode, em certos limites, fazer-se moralizador de seus doentes. O essencial no caso é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito.

X – Como é difícil, em certa idade, conseguir a transformação do caráter de uma pessoa, incumbem à educação, sobretudo à primeira educação, os cuidados dessa natureza.

XI – Quando a educação, desde o berço, for dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seus germes, as imperfeições morais, como faz com as imperfeições físicas, o médico não mais encontrará no temperamento das pessoas um obstáculo contra o qual sua ciência tem sido muitas vezes impotente. *(Págs. 63 a 67)*

39. A **Revista** transcreve carta datada de fevereiro de 1869 dirigida pelo confrade Manuel Gonzalez Soriano, da Espanha, a Kardec, na qual o missivista dá conta dos trabalhos de propagação da doutrina espírita que ele e seus companheiros vinham fazendo em diversas cidades espanholas, a exemplo de Leon, Sevilha, Salamanca etc. Comentando o assunto, Kardec diz que o devotamento à causa espírita não consiste em tomar o bastão de viagem e sair a pregar pelo mundo afora. Não; em qualquer lugar onde estejamos podemos ser úteis. "O verdadeiro devotamento – assevera o Codificador – consiste em tirar o melhor partido de sua posição, pondo a serviço da causa, o mais utilmente possível e com discernimento, as forças físicas e morais que a Providência concedeu a cada um." *(Págs. 67 a 69)*

40. Anne Blackwell, correspondente da **Revista**, radicada em Londres, diz que o jornal inglês *The Builder,* órgão dos arquitetos, e a *Revista Antropológica,* de Londres, focalizaram em diversas oportunidades questões atinentes ao Espiritismo. A escola espírita inglesa não era, então, homogênea e coerente como a escola espírita francesa, mas – diz a correspondente – dela muito se aproximava. Se as obras da doutrina fossem traduzidas para o inglês, isso contribuiria para reunir numerosos partidários e fixar as ideias ainda incertas. *(Págs. 69 e 70)*

41. Duas notas sobre o pensamento e a obra de Charles Fourier mostram que esse respeitável pensador francês, além de ter tornado pública sua crença na reencarnação, previu já em 1826 o advento da fenomenologia espírita. Segundo Fourier, um mau rico "poderá voltar para mendigar à porta do castelo do qual foi proprietário". *(Págs. 70 a 72)*

42. O caso da senhorita Artus, sobrinha do sr. de Chilly, simpático diretor do Odéon, tão cruelmente provado pela morte repentina de sua filha única, foi objeto de reportagem pela *Petite Presse* de 11-2-1869, reproduzida em março pela **Revista**. O jornal *Fígaro* também noticiou os fatos, informando que a filha do sr. Chilly, no momento em que agonizava, deu um pequeno anel à prima, dizendo-lhe: "Toma-o; *tu mo trarás*!" Pouco depois, a pobre moça, momentos antes de expirar, gritava, dirigindo-se à prima a seu lado: "Não! eu não quero morrer! não quero ir só! virás comigo! eu te espero! eu te espero! não te casarás!" *(Págs. 72 e 73)*

43. Dias depois dos funerais, a prima da falecida caiu doente e, segundo os jornais, estava à beira da morte, o que aumentava ainda mais o sofrimento do sr. de Chilly. As palavras da enferma feriram a imaginação da senhorita Artus? O que a agonizante disse foi resultado de uma espécie de dupla vista suscitada pelo fenômeno da morte? Kardec disse sim a esta última indagação, lembrando que exemplos de fatos semelhantes não são raros. *(Págs. 72 e 73)*

44. Um caso de aparição de um jovem ainda encarnado à sua mãe, originalmente relatado por um jornal de Medicina de Londres, foi descrito também pelo *Journal de Rouen*, de 22-12-1868, e reproduzido pela **Revista**. Kardec, além de considerar o fato possível, explica que ele se deve à faculdade que tem a alma de desprender-se do corpo físico e aparecer a distância. Foi o que ocorreu. A dúvida que fica é pertinente à roupa usada na aparição pelo filho. A vestimenta também se desprende? Kardec é claro: tanto as roupas, quanto o corpo material, ficaram em seu lugar. O Espírito do jovem apresentou-se diante de sua mãe com o corpo perispiritual e bastou-lhe pensar em sua roupa habitual para que esse pensamento desse ao seu perispírito as aparências dessa roupa. "As formas exteriores que revestem os Espíritos que se tornam visíveis – diz Kardec – são, pois, verdadeiras criações fluídicas, muitas vezes inconscientes. A roupa, os sinais particulares, os ferimentos, os defeitos físicos, os objetos que usa, são o reflexo de seu próprio pensamento no envoltório perispiritual." *(Págs. 73 a 75)*

45. No Estado do Maine, Estados Unidos, uma senhora pleiteou a nulidade de um testamento feito por sua mãe, alegando que esta o tinha escrito orientada pelo ditado de uma mesa girante. O juiz declarou que a lei não proibia as consultas às mesas girantes, e, por isso, as cláusulas do testamento foram mantidas. *(Pág. 76)*

46. Carta procedente de Yankton, cidade de Dakota, Estados Unidos, informa que a legislação desse território acabara de conceder às mulheres o direito de votar e ser votada. O jornal *Siècle* de 15-1-1869 deu destaque à notícia. No ano anterior, em julho, a sra. Alexandrine Bris havia prestado, perante a Faculdade de Ciências de Paris, um exame de bacharelado em ciências, tendo sido recebida com quatro bolas brancas, sucesso raro, que lhe valeu as felicitações por parte do presidente. Os dois fatos, que hoje não constituiriam nenhuma novidade, mostram que a mulher começava a ser reconhecida e a emancipar-se, tanto na América quanto na Europa. *(Pág. 76)*

47. Reportando-se às faculdades da célebre médium Sra. Nichol, radicada em Londres, que se apresentara recentemente no hotel dos Deux-Mondes, da rua d'Atin, o jornal *Paris* de 15-1-1869 informa que a médium inglesa iria a Roma mostrar ao papa a sua faculdade, que consistia em fazer cair chuvas de flores. A Sra. Nichol era o que se chama *médium de transportes.* Comentando a notícia, Kardec diz que assistira a algumas das experiências realizadas pela Sra. Nichol, as quais não o satisfizeram inteiramente. Ele lhe desejava, porém, boa sorte nas apresentações em Roma, advertindo que a capital italiana era uma terra malsã para os médiuns que não fazem milagres segundo a Igreja. O próprio sr. Home, lembra o Codificador, foi obrigado a deixar a cidade quando ali esteve em 1864. *(Pág. 77)*

48. Diversas notícias recebidas da Ilha Maurícia indicavam que o estado dessa infeliz região seguia exatamente as fases anunciadas nas *Revistas* de julho de 1867 e novembro de 1868. Surgira agora um novo fato na ilha: o correspondente da **Revista** disse que precisou cortar em seu jardim várias árvores muito grandes provenientes da Índia e chamadas *multiplicantes*. Essas árvores gozavam de reputação muito má na região, porque dizem serem elas assombradas por maus Espíritos. A partir do corte, então, tornou-se quase impossível um dia de repouso na casa. Batidas por todos os lados, portas que se abrem e fecham, suspiros, palavras confusas, móveis mexendo-se – tudo isto passou a ocorrer, o que fez com que o correspondente passasse a orar muito e a evocar os Espíritos perturbadores, que, no entanto, só respondiam por injúrias e ameaças aos apelos da doutrinação. A reunião espírita realizava-se nessa época uma vez por semana, mas era praticamente impossível fazê-las, tais as traquinagens e perturbações dos Espíritos, que, à exceção de um deles, não puderam ser moralizados, dada a sua maldade e dureza. Em face disso, as sessões espíritas tiveram que ser suspensas e, mais tarde, transferidas para o jardim, onde a perturbação era menor do que dentro de casa. *(Págs. 77 a 79)*

49. A questão dos lugares assombrados, diz Kardec, é um fato comprovado. Barulhos e perturbações causados pelos Espíritos são coisas conhecidas. Mas teriam certas árvores, como as *multiplicantes*, um poder atrativo particular? Levada a questão à Sociedade Espírita de Paris, o Espírito de Clélie Duplantier transmitiu a 19-2-1869 as explicações que se seguem:

> I – Todas as lendas, por mais ridículas que pareçam, repousam numa base real, numa verdade incontestável.
>
> II – As *multiplicantes* foram, sobretudo na Ilha Maurícia, e ainda eram, pontos indicados para as reuniões noturnas, porque, acomodadas junto a seu tronco, as pessoas podem abrigar-se sob sua folhagem.
>
> III – Os homens conservam, ao desencarnar, seus hábitos terrenos e muitos, portanto, continuam a reunir-se debaixo dessas árvores. Eis por que há

lugares mais particularmente assombrados: os Espíritos que ali se reúnem já os frequentavam em vida.

IV – As *multiplicantes* não são, pois, mais propícias à habitação dos Espíritos inferiores do que outros lugares. A natureza do abrigo, seu aspecto lúgubre, nada tem que ver com isso; trata-se simplesmente de uma questão de bem-estar. Desalojam-se dali os Espíritos e eles se vingam.

V – Como são ainda muito atrasados e materializados, vingam-se materialmente, batendo nas paredes, movendo objetos e coisas desse tipo. *(Págs. 79 e 80)*

50. Sob o título de: *O Espiritismo ante a Ciência*, o sr. Chevillard pronunciou em janeiro último uma conferência pública muito aguardada. O orador limitou-se, no entanto, ao exame de alguns fenômenos materiais, ignorando por completo o que, em essência, constitui o Espiritismo – a parte filosófica e moral – sem a qual o Espiritismo não estaria implantado em todas as partes do mundo. Adversário do Espiritismo, o sr. Chevillard não nega os fatos; ao contrário, eles os admite. Apenas os explica a seu modo, negando, evidentemente, a intervenção dos Espíritos. *(Págs. 80 a 83)*

51. Comentando o caso, Kardec diz que falar do Espiritismo, não importa em que sentido, "é fazer propaganda em seu proveito". A experiência prova a verdade dessa assertiva. Por isso, não há o que lamentar por causa das palavras proferidas pelo sr. Chevillard. "Mais tarde, sem a menor dúvida, vindo o momento oportuno, o Espiritismo também terá os seus oradores simpáticos", asseverou o Codificador. "Apenas lhes recomendaremos que não caiam no erro dos adversários, isto é, que estudem a questão a fundo, a fim de falar com perfeito conhecimento de causa." *(Págs. 83 e 84)*

52. A música e as harmonias celestes são o tema de duas comunicações transmitidas por Rossini em reuniões realizadas em janeiro de 1869 em Paris, das quais extraímos resumidamente os conceitos que se seguem:

I – Para ser músico não basta alinhar notas sobre um pentagrama; assim só se consegue produzir ruídos agradáveis. Para dar alma à música, para fazê-la chorar, rir, uivar, é preciso que ele próprio tenha experimentado esses diferentes sentimentos, dores, alegria, cólera.

II – A harmonia é difícil de definir e muitas vezes a confundem com a música, com os sons resultantes de um arranjo de notas e das vibrações dos instrumentos. Mas a harmonia não é isto, como a chama não é a luz.

III – A chama resulta da combinação de dois gases e é tangível. A luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e é intangível, mas o efeito é superior à causa.

IV – Dá-se o mesmo com a harmonia, que resulta de um arranjo musical e é um feito igualmente superior à causa.

V – Pode-se conceber a luz sem a chama e a harmonia sem a música. A harmonia é um sentido íntimo da alma e é percebida em razão do desenvolvimento desse sentido.

VI – Fora do mundo material, a luz e a harmonia são de essência divina. A harmonia do espaço é tão complexa e tem tantos graus, que muitos me são ocultos.

VII – O Espírito produz efeitos musicais agindo sobre o éter e obtém os sons que deseja.

VIII – A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito. A primeira o deslumbra, a segunda o esclarece, a terceira o eleva.

IX – A harmonia é, contudo, tão indefinível quanto a felicidade, o medo, a cólera: é um sentimento, que não se compreende senão quando se possui, e não se possui senão quando se adquiriu.
X – A música, que é a causa secundária da harmonia percebida, penetra e transporta alguns, enquanto deixa outros frios e indiferentes.
XI – Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é mais elevado, mais depurado que aquele que ela não consegue penetrar. Sua alma está mais apta para sentir, desprende-se mais facilmente da matéria e a harmonia a ajuda a desprender-se, de onde se conclui que a música é essencialmente moralizadora, desde que leva a harmonia às almas e a harmonia as eleva e engrandece.
XII – A influência da música sobre a alma e sobre o seu progresso é reconhecida por todo o mundo. A razão dessa influência é que é ignorada: a harmonia coloca a alma sob o poder um sentimento que a desmaterializa.
XIII – Se a música exerce uma influência benéfica sobre a alma, a alma que a concebe exerce igualmente influência sobre a música. É assim que a alma virtuosa, imbuída do sentimento do bem, do belo, do grande, e que adquiriu harmonia, produzirá obras-primas capazes de penetrar as almas mais encouraçadas e comovê-las.
XIV – Se o compositor estiver terra-a-terra, como expressará a virtude que desdenha, o belo que ignora e a grandeza que não compreende? Suas composições serão o reflexo de seus gostos sensuais, de sua leviandade, de sua despreocupação.
XV – Moralizando as criaturas, o Espiritismo exercerá então uma grande influência sobre a música, produzindo mais compositores virtuosos que comunicarão suas virtudes às suas composições e aos que as ouvirem.
XVI – O Espiritismo terá, ninguém duvide, grande influência sobre a música futura. Seu advento mudará a arte, depurando-a. Como sua fonte é divina, tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas, que lhe pedirão suas inspirações. *(Págs. 84 a 90)*

53. Mensagem assinada pelo Espírito de Halévy e dada em Paris no dia 16-2-1869 encerra o número de março. Examinando o tema: *A mediunidade e a inspiração*, diz o comunicante:

I – A mediunidade abarca a humanidade inteira, como um feixe ao qual ninguém pode escapar.
II – Não há um só homem que possa dizer: Não fui, não sou ou não serei médium.
III – Sob a forma intuitiva, cada um está em relação com várias influências espirituais, que podem ser boas ou más.
IV – Quando o homem faz mais do que ocupar-se de pequenos detalhes de sua existência e quando se trata de trabalhos que veio realizar mais especialmente, de provas decisivas que deva suportar, ou de obras destinadas à instrução e elevação gerais, a intuição – também chamada de *voz da consciência* – não se limita aos conselhos, mas atrai o Espírito para certos assuntos, provoca certos estudos e colabora na obra, fazendo ressoar certos compartimentos cerebrais pela inspiração.
V – A obra será, pois, coletiva, embora só um deva assiná-la. Mas que importa isso? A obra jamais é uma criação; é sempre uma descoberta. Por muito tempo o músico ouviu a cotovia e o rouxinol antes de inventar a música.

VI – Sob este ponto de vista, é-se médium de todos, é-se médium da natureza, médium da verdade, e por vezes médium muito imperfeito, porque ela aparece de tal modo desfigurada pela tradução, que se torna irreconhecível. *(Págs. 91 e 92)*

54. Um aviso muito importante abre o número de abril de 1869: a partir de 1º. de abril o escritório da **Revista Espírita** seria o mesmo da Livraria Espírita, na rua de Lille, nº 7, onde seriam realizadas também as sessões da Sociedade Espírita de Paris O domicílio pessoal de Kardec ficaria, a partir da mesma data, na Avenue et Villa Ségur, nº 39, atrás dos Inválidos. *(N.R.: Como já vimos, o número de abril foi escrito antes da desencarnação de Kardec, ocorrida a 31-3-1869.) (Pág. 95)*

55. A criação da Livraria Espírita é noticiada em seguida. Diz Kardec que o interesse cada vez maior que as ideias espíritas tinham despertado indicou a necessidade de uma casa especial para a concentração dos documentos concernentes ao Espiritismo. Fora das obras fundamentais da doutrina espírita havia um grande número de livros, antigos e modernos, úteis ao complemento desses estudos e que eram ignorados do grande público. Foi visando preencher essa lacuna que se fundou a Livraria Espírita, uma empresa de caráter não comercial, criada por uma sociedade de espíritas que renunciavam, pelo contrato que os liga, a toda especulação pessoal. Os lucros auferidos pela Livraria pertenceriam à Caixa Geral do Espiritismo. *(Págs. 95 e 96)*

56. A **Revista** reproduz do jornal *Salut*, de Nova Orléans, Estados Unidos, a declaração de princípios aprovada na 5ª. Convenção Nacional ou Assembleia dos delegados dos espíritas da diversas cidades dos Estados Unidos. A declaração é composta de 19 itens, dos quais destacamos, de forma resumida, os seguintes:

I – O homem tem uma natureza espiritual e uma natureza corporal; ele é, na verdade, um Espírito revestido de uma forma orgânica.

II – O Espírito é imortal.

III – Há um mundo ou estado espiritual, com suas realidades objetivas e subjetivas.

IV – A morte não transforma a constituição mental ou o caráter moral de nenhuma pessoa.

V – A felicidade, tanto no estado espiritual quanto neste, depende do caráter, das aspirações e do grau de harmonia do indivíduo com a lei divina.

VI – O crescimento, o desenvolvimento e a progressão são o destino infinito do espírito humano.

VII – O mundo espiritual não está afastado de nós, mas nos rodeia; por conseguinte estamos constantemente sob a vigilância dos seres espirituais.

VIII – Há no estado espiritual todos os graus de caracteres, desde o mais baixo ao mais elevado de desenvolvimento intelectual e moral.

IX – Cada indivíduo gravita em seu próprio lugar, por uma lei natural de afinidade; o céu e o inferno, a felicidade e a infelicidade dependem antes dos sentimentos íntimos que das circunstâncias exteriores.

X – As comunicações recebidas dos Espíritos não são necessariamente verdades infalíveis.

XI – Todos os seres angélicos ou demoníacos que se manifestaram nos negócios dos homens, no passado, eram simples Espíritos humanos desencarnados, em diversos graus de progressão.

XII – Os chamados milagres dos tempos passados, a cura das moléstias pela imposição das mãos, a ressurreição dos que estavam

aparentemente mortos etc. foram produzidos em harmonia com as leis universais e podem repetir-se em todos os tempos. *(Págs. 96 a 99)*

57. Kardec, para tornar mais fácil a análise dos princípios que compõem a declaração aprovada pelos espíritas americanos, repassou, um a um, ditos princípios comparando-os com os ensinamentos contidos em *O Livro dos Espíritos* e no cap. II de *O que é o Espiritismo*. Em seguida, observou que as diferenças havidas entre o Espiritismo europeu e o americano resumiam-se a questões de palavras, verificando-se concordância sobre os pontos fundamentais. *(Págs. 99 a 103)*

58. A única diferença entre as duas escolas limitava-se à questão da pluralidade das existências, admitida também pelos americanos, porém em mundos cada vez mais adiantados, enquanto o Espiritismo europeu admite a pluralidade de existências na Terra, até que o Espírito tenha aqui atingido o grau de adiantamento que comporta este globo, após o que o deixa por outros mundos. O princípio da reencarnação na Terra não era, contudo, peculiar ao Espiritismo europeu. Constituía um ponto fundamental da doutrina druídica e foi proclamado antes do Espiritismo por filósofos ilustres, como Dupont de Nemours, Charles Fourier, Jean Reynaud, Benjamin Franklin e tantos outros. As causas que se opuseram à introdução dessa lei no Espiritismo americano já foram explicadas anteriormente. Falou aos Estados Unidos um centro de ação para coordenar os princípios. É por isso que não existe ali, a bem dizer, um corpo metódico de doutrina, ao contrário do que se verificou no movimento espírita europeu, sobretudo na França. *(Págs. 103 a 105)*

59. As conferências proferidas pelo sr. Chevillard sobre o Espiritismo foram objeto de um artigo do sr. Pagès de Noyez, publicado no jornal *Paris* de 7-3-1869. Comentando o fato, Kardec diz que já havia dado sua apreciação sobre o assunto no número de março e que seria supérfluo refutar uma teoria que nada tinha de novo. Entre os que admitem a realidade dos fenômenos – que é o caso do sr. Chevillard – quatro hipóteses foram emitidas ao longo dos anos a respeito de sua causa:

1ª. A ação exclusiva do fluido nervoso, magnético, elétrico ou qualquer outro.

2ª. O reflexo do pensamento dos médiuns e dos assistentes.

3ª. A intervenção dos demônios. 4ª. A intervenção dos Espíritos humanos, desprendidos do corpo físico, sobre o mundo corporal. Todas essas hipóteses já haviam sido amplamente discutidas. Os que não aceitam a

4ª. hipótese, que é a hipótese pregada pelo Espiritismo, têm todo o direito de manifestar-se, cientes de que, desses diversos sistemas, o defendido pelo Espiritismo é o que encontrou maior número de simpatizantes e é o único admitido pela imensa maioria dos observadores em todos os países do mundo. *(Págs. 105 a 108)*

60. Um taumaturgo que passara sua última existência a brincar de pessoa santa, em meio aos prodígios que realizava, quis nascer, como menino, em condições excepcionais para atrair o respeito e a veneração das pessoas. Essa é a explicação dada na Sociedade de Paris pelo dr. Morel Lavallée (Espírito) a respeito da "criança elétrica", o bebê nascido na aldeia de Saint-Urbain, nos limites do Loire e do Ardèche, que apresentava desde o primeiro dia fenômenos muito curiosos e inusitados. Por vezes seu berço parecia encher-se de uma claridade esbranquiçada; não se podia tocá-lo sem sentir uma viva reação; de suas extremidades se escapavam, por momentos, eflúvios brilhantes que o tornavam luminoso; quando, em certos dias, se aproximava dele algum objeto, este era tomado de um frêmito e de uma vibração sutil, que nada podia explicar. Dr. Morel disse, no entanto, que o fenômeno em si mesmo teria pouca duração e quem quisesse estudá-lo deveria apressar-se. *(Págs. 109 a 111)*

61. Um dos assinantes da **Revista**, residente no departamento dos Hautes-Alpes, enviou a Kardec interessante relato sobre as curas que um padre andava fazendo naquela região. O fato tivera grande repercussão e diziam que, por punição, o pároco fora enviado para La Chalpe, comuna vizinha de Abriès, na fronteira do Piemonte, onde continuava a curar, sem nada receber por seu trabalho. *(Págs. 111 e 112)*

62. O jornal *Le Progrès Thérapeutique*, especializado em Medicina, relata em seu número de 1º. de março de 1869 um fenômeno bizarro ocorrido em Bois-d'Haine, na Bélgica. Trata-se de uma jovem de 18 anos que todas as sextas-feiras cai em um estado cataléptico e assim fica por três horas deitada, braços estendidos, um pé sobre o outro, na posição de Jesus na cruz. A insensibilidade e a rigidez dos membros foram constatadas por diversos médicos. Durante a crise, cinco feridas se abrem nos mesmos lugares onde havia as chagas de Cristo, e deixam minar sangue real. Finda a crise, o sangue cessa de correr, as chagas se fecham e cicatrizam-se em 24 horas. Kardec não comenta o assunto. *(Págs. 112 e 113)*

63. Duas novas comunicações transmitidas na Sociedade de Paris, a 12 de fevereiro e a 5 de março de 1869, pelo Espírito de Louis Desnoyers, revelaram que finalmente o citado Espírito compreendeu que havia desencarnado. Como já vimos, ele pensava anteriormente que apenas sonhava e jamais admitiu estivesse desligado do corpo físico. Na segunda mensagem, o comunicante fala sobre Lamartine, recentemente desencarnado, informando ter sido um dos que o acolheram no além-túmulo, junto de outros que o haviam apreciado e estimado. *(Págs. 113 a 116)*

64. A 14 de março foi o próprio Lamartine que se manifestou na Sociedade Espírita de Paris, trazendo ao mundo a prova indiscutível da imortalidade da alma. Em sua mensagem refere Lamartine: "Há um ano, eu tinha uma profunda intuição. Falava pouco, mas viajava sem cessar pelas planícies etéreas, onde tudo se refunde sob o olhar do Senhor dos mundos; o problema da vida se desenrolava majestosamente, gloriosamente. Compreendi o pensamento de Swedenborg e da escola dos teósofos, de Fourier, de Jean Reynaud, de Henri Martin, de Victor Hugo, e o Espiritismo, que me era familiar, embora em contradição com os meus preconceitos e o meu nascimento, preparava-me para o desligamento, para a partida". A transição, explicou Lamartine, não lhe foi penosa. *(Págs. 116 a 118)*

65. Atendendo a uma consulta formulada por um de seus discípulos, o Espírito de Charles Fourier disse em Paris, a 9-3-1869, que seu mais sério título foi ter partilhado com Jean Reynaud, Joseph de Maistre, Ballanche e tantos outros o pressentimento de que a regeneração humana se efetua pela sucessão de existências reparadoras, ideia que eles tinham previsto e que agora era confirmada pelo Espiritismo. Finalizando sua comunicação, Fourier deu ao confrade o seguinte conselho: "Se quiserdes uma demonstração séria de uma lei universal, buscai a sua aplicação individual. Quereis a verdade? Buscai-a em vós mesmos, e na observação dos fatos de vossa própria vida. Todos os elementos da prova lá estão. Que aquele que quer saber se examine, e encontrará". *(Págs. 118 a 120)*

66. Na seção de livros, o número de abril reporta-se à obra "Há uma vida futura?", escrita por um ilustre engenheiro que a assina com o pseudônimo de Fantasma. O livro prova que a Ciência não conduz ninguém fatalmente ao materialismo e demonstra com uma clareza absoluta a necessidade da reencarnação para o progresso. *(Págs. 120 a 123)*

67. A outra obra focalizada pela **Revista**, na edição de abril, intitula-se "A alma, sua existência e suas manifestações", de autoria do sr. Dyonis. Este livro tende para o mesmo objetivo do precedente, mas sob uma forma mais didática, mais científica. A refutação do materialismo e das doutrinas de Büchner e Maleschott ocupa aí largo

espaço. O autor defende em seu livro a perfectibilidade da alma e diz que ela progrediu desde a primeira manifestação da vida, passando alternativamente pelas plantas, os animálculos, os animais e o homem. *(Págs. 123 e 124)*

68. Fechando o número de abril de 1869, a **Revista** informa, de modo sucinto, a constituição de duas novas sociedades espíritas, uma em Sevilha, Espanha, a outra em Florença, Itália, e o surgimento dos jornais espíritas *El Espiritismo*, de Sevilha, e *Il Veggente* (O Vidente), de Florença. *(Págs. 124 e 125)*

69. O número de maio de 1869, escrito após a desencarnação de Kardec, foi integralmente dedicado ao passamento do Codificador do Espiritismo e à repercussão que esse acontecimento teve na imprensa em geral e nas atividades da Sociedade Espírita de Paris. *(Págs. 127 a 133)*

70. As matérias constantes do número de maio, relativas a Kardec e ao seu sepultamento, são as seguintes: I – Biografia de Allan Kardec *(págs. 127 a 133)*. II – Discurso pronunciado pelo sr. Levent, vice-presidente da Sociedade Espírita de Paris, no momento do sepultamento do corpo do Codificador *(págs. 133 e 134)*. III – Discurso proferido pelo sr. Camille Flammarion à beira do túmulo de Kardec *(págs. 135 a 139)*. IV – Discurso feito pelo sr. Alexandre Delanne na mesma oportunidade, em nome dos espíritas dos centros distantes *(págs. 140 e 141)*. V – Alocução que o sr. E. Müller fez na despedida a Kardec, em nome da família e de seus amigos *(págs. 141 a 143)*.

71. Os jornais franceses, em sua maioria, noticiaram o falecimento de Kardec e alguns deles adicionaram ao relato dos fatos comentários sobre o caráter e os trabalhos realizados pelo Codificador do Espiritismo. Por falta de espaço, o número de maio de 1869 transcreveu apenas dois dos artigos referidos: o publicado em *Le Journal Paris* de 3-4-1869 pelo sr. Pagès de Noyez, e o artigo do sr. A. Bauche, constante do jornal *L' Union Magnétique* de 10-4-1869. *(Págs. 143 a 146)*

72. Em face da desencarnação de Kardec, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas nomeou como membros de sua diretoria para o período 1869–1870 os srs. Levent, Malet, Canaguier, Ravan, Desliens, Delanne e Tailleur, incumbindo a presidência ao sr. Malet, que era, segundo o sr. Levent, o candidato de preferência de Kardec. Se não houvesse ocorrido o seu falecimento, Kardec aceitaria tão-somente a presidência honorária da Sociedade – pelo menos é isto que foi dito aos confrades pelo sr. Levent. A posse do novo presidente, cujo discurso foi transcrito no número de maio, ocorreu no dia 9-4-1869. *(Págs. 146 a 152)*

73. Desejando contribuir para a realização dos planos elaborados por seu marido, a sra. Allan Kardec, única proprietária legal das obras e da **Revista**, decidiu:

> I – Doar anualmente à Caixa Geral do Espiritismo o excedente dos lucros provenientes da venda dos livros espíritas e das assinaturas da Revista Espírita, isto é, das operações da Livraria Espírita.
>
> II – Colocar a **Revista** à disposição da publicação dos artigos que a Comissão Central julgar úteis à causa espírita, com a condição expressa de serem eles previamente sancionados pela proprietária e a Comissão de Redação. A Sociedade Espírita de Paris, em sua sessão de 16 de abril, aplaudiu por unanimidade as decisões da viúva. *(Págs. 152 e 153)*

74. A **Revista** reproduz carta que o sr. Guilbert, presidente da Sociedade Espírita de Rouen, enviou no dia 14-4-1869 à Sociedade Espírita de Paris. Na missiva, os confrades de Rouen deram uma mostra do seu apreço pelo trabalho realizado em Paris, contribuindo com mil francos para a Caixa Geral do Espiritismo, que, segundo eles, necessitaria do concurso moral e material de todos os espíritas. *(Págs. 153 e 154)*

75. O número de maio de 1869 se encerra com a transcrição de uma comunicação recebida do Espírito de Allan Kardec em abril de 1869 na Sociedade Espírita de Paris e três avisos. O primeiro diz respeito à Livraria Espírita, cujo catálogo das

obras ali expostas seria enviado a todas as pessoas que o pedissem. O segundo comunica que foram inúmeros os testemunhos de simpatia recebidos pela sra. Allan Kardec das várias partes da França e do estrangeiro, em razão do passamento do Codificador do Espiritismo. A sra. Amélie Boudet aproveitou a oportunidade para agradecer e expressar a todos seus sentimentos de reconhecimento. O derradeiro aviso reitera a informação já divulgada na edição de abril de que o escritório de assinaturas e expedição da Revista Espírita fora transferido para a sede da Livraria Espírita, na rua de Lille, nº 7, onde funcionava também a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. *(Págs. 154 a 157)*

76. Na edição de junho de 1869, além do artigo intitulado "O caminho da vida", escrito por Kardec, mais tarde incluído no livro *Obras Póstumas* (11ª. edição da editora da FEB, págs. 170 a 175), a **Revista** transcreve outra comunicação recebida do Espírito de Allan Kardec e duas notas relacionadas com o Codificador. *(Págs. 159 a 176)*

77. A primeira trata do dólmen que vários integrantes da Sociedade Espírita de Paris e outros confrades decidiram erguer no túmulo de Kardec, para que ficasse consagrado por um monumento imperecível o lugar onde repousariam os seus restos mortais. O monumento, por alusão aos antigos druidas, se comporia de duas pedras de granito bruto, eretas, encimadas por uma terceira posta sobre as duas primeiras. Na face inferior da pedra superior seria gravado o nome Allan Kardec, com esta epígrafe: "Todo efeito tem uma causa; todo efeito inteligente tem uma causa inteligente; a potência da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito". *(N.R.: O dólmen foi afinal erguido e tem sido visitado por muita gente no cemitério Père-Lachaise, em Paris; contudo, além da frase citada, posta na parte central do monumento, figura na pedra superior uma frase bem conhecida: "Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem cessar, tal é a lei", cuja autoria é atribuída por alguns aos espíritas do interior da França.) (Págs. 173 e 174)*

78. A segunda nota evoca a ideia de Kardec a respeito de um museu onde fossem reunidos as primeiras obras de arte espírita, os trabalhos mediúnicos mais notáveis e os retratos dos adeptos mais devotados, para informar ao público que seis dos quadros citados pelo Codificador poderiam – até que fosse adquirido um local apropriado – ser apreciados na residência da sra. Allan Kardec, todas as quartas-feiras, das 14 às 16 horas. Seu autor, o sr. Monvoisin, tinha ainda em suas mãos os dois outros quadros referidos por Kardec e que ele havia generosamente doado para integrar o acervo do citado Museu. *(Págs. 174 a 176)*

79. Embora nada tenha a ver com os trabalhos da lavra de Kardec, é digna de registro a nota publicada pela **Revista** em outubro de 1869 sobre o surgimento do primeiro jornal espírita do Brasil, "O Echo d'Além Túmulo", fundado e dirigido por Luiz Olympio Telles de Menezes, em Salvador-BA. Na edição de dezembro do mesmo ano, a **Revista** enaltece a iniciativa e a coragem dos responsáveis pelo periódico, como se pode ver no trecho seguinte: "O Echo d'Além Túmulo aparece seis vezes por ano, em cadernos de 56 páginas in-4º., sob a direção do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, ao qual nos apressamos imediatamente a endereçar vivas felicitações, pela iniciativa corajosa de que nos dá prova. É necessário, com efeito, uma grande coragem, a coragem da opinião, para lançar num país refratário como o Brasil um órgão destinado a popularizar os nossos ensinamentos". O autor dessa nota jamais imaginou que o Brasil, tão refratário ao Espiritismo em 1869, se tornaria no século seguinte o maior país espírita do mundo. *(Págs. 199 e 200)*

80. São sete as comunicações transmitidas por Allan Kardec (Espírito) que figuram na Revista Espírita de 1869. A 1ª. comunicação ocorreu em abril de 1869 *(págs. 154 a 156)*. A 2ª. mensagem, psicografada a 30-4-1869, diz que o exemplo é o mais poderoso agente de propagação *(págs. 179 e 180)*. A 3ª. foi transmitida em 20-6-

1869 e tem por título "A regeneração" *(págs. 191 e 192)*. A 4ª., datada de 14-9-1869, intitula-se "O Espiritismo e a literatura contemporânea" *(págs. 192 a 194)*. A 5ª., intitulada "O Espiritismo e o espiritualismo", foi recebida também em 14-9-1869, na casa de Anne Blackwell *(págs. 194 e 195)*. A 6ª. comunicação, dada a 21-9-1869, tem por título "Os aniversários" *(págs. 195 a 197)*. A 7ª. e última, recebida em novembro de 1869, trata do tema "Os desertores", mesmo assunto que Kardec desenvolveu quando encarnado em um artigo que integra o livro "Obras Póstumas" *(págs. 197 a 199)*.

81. Das sete mensagens atribuídas ao Espírito de Allan Kardec extraímos, de forma resumida, os conceitos e observações que se seguem:

> **I** – Não basta querer hoje, amanhã, depois de amanhã: para ser digno da Doutrina é preciso querer sempre. A vontade que age por impulsos não é mais vontade: é capricho no bem; mas quando a vontade se exerce com a calma que nada perturba, com a perseverança que nada detém, eis aí a verdadeira vontade, inquebrantável em sua ação, frutuosa em seus resultados *(pág. 155)*.
>
> **II** – Sede confiantes em vossas forças: elas produzirão grandes efeitos se as empregardes com prudência; sede confiantes na força da ideia que vos une, pois ela é indestrutível. Pode-se ativar ou retardar o seu desenvolvimento, mas é impossível detê-la *(pág. 155)*.
>
> **III** – Nossos trabalhos como Espíritos são muito mais extensos do que podeis supor e os instrumentos de nossos pensamentos nem sempre estão disponíveis *(pág. 179)*.
>
> **IV** – O que vos aconselho antes de mais nada é a tolerância, a afeição, a simpatia de uns para com os outros e também para os incrédulos *(pág. 180)*.
>
> **V** – As brochuras, os jornais, os livros, as publicações de toda a espécie são meios poderosos de introduzir a luz por toda a parte, mas o mais seguro, o mais íntimo e o mais acessível a todos é o exemplo da caridade, a doçura e o amor *(pág. 180)*.
>
> **VI** – As Humanidades são todas chamadas a se unirem e a se identificarem na perfeição, pois todas partem da ignorância e da inconsciência de si mesmas e avançam indefinidamente para um mesmo objetivo: Deus, para atingirem a felicidade suprema pelo conhecimento do amor *(pág. 191)*.
>
> **VII** – Tal como a terra, que se modifica pela cultura e pelos tratos que recebe, e ainda pelos cataclismos periódicos que sobre ela se abatem, as Humanidades se transformam e progridem pelo estudo perseverante e pela permuta de pensamentos; mas os cataclismos morais que regenerem o pensamento são necessários para determinar a aceitação de certas verdades *(pág. 191)*.
>
> **VIII** – É necessária uma conjugação imensa de esforços para que novos princípios sejam aceitos. Assim também, para avançar, o homem tem de quebrar as cadeias que o prendem ao pelourinho do passado através do hábito, da rotina e dos preconceitos *(págs. 191 e 192)*.
>
> **IX** – Na Terra, o passado e o futuro são os dois braços de uma alavanca que tem no presente o seu ponto de apoio. Enquanto a rotina e os preconceitos dominam, o passado está no apogeu. Quando a luz se faz, a alavanca se move e o passado que já escurecia desaparece, para dar lugar ao futuro que alvorece *(pág. 192)*.

X – O Espiritismo é, de sua própria natureza, modesto e pouco rumoroso. Existe pelo poder da verdade e não pelo barulho feito em seu redor por adversários e partidários *(págs. 192 e 193)*.
XI – Utopia ou sonho de uma imaginação desordenada, após um breve sucesso ele teria desaparecido sob a conspiração do silêncio, ou do ridículo, que, segundo se pretende, tudo aniquila em França. Mas o silêncio só destrói as obras sem consistência e o ridículo só mata o que é mortal *(pág. 193)*.
XII – Alguém é materialista, católico ou livre-pensador por sua vontade ou sua convicção, mas basta existir para ser espírita ou estar sujeito ao Espiritismo. Pensar, refletir, viver são realmente atos espíritas, e isto prontamente se justifica após alguns minutos de exame por aqueles que admitem uma alma, um corpo e um intermediário entre essa alma e esse corpo *(pág. 193)*.
XIII – Admitir esses três princípios constitutivos do ser humano é admitir uma das bases fundamentais da Doutrina, é ser espírita ou pelo menos ter um ponto de contato com o Espiritismo, uma crença comum com os espíritas *(pág. 193)*.
XIV – Os Espíritos conservam no Espaço suas simpatias e seus hábitos terrenos. Os Espíritos dos americanos mortos são ainda *americanos*, como os desencarnados que viveram na França são ainda *franceses* do Espaço. Daí as diferenças dos ensinos em alguns centros *(pág. 195)*.
XV – *(Dirigindo-se a Anne Blackwell)* Traduzi as minhas obras! Só se conhecem na América os argumentos contra a reencarnação. Quando as demonstrações em favor desse princípio ali se tornarem populares, o Espiritismo e o Espiritualismo não tardarão a se confundir e se tornarão, por sua fusão, na Filosofia natural adotada por todos *(pág. 195)*.
XVI – A glória dos conquistadores se extingue com a fumaça do sangue que eles derramaram, com o esquecimento das lágrimas que fizeram correr. A dos regeneradores aumenta sem cessar, porque o espírito humano, engrandecendo-se, recolhe as folhas esparsas em que estão inscritos os atos gloriosos desses homens de bem *(pág. 197)*.
XVII – Se é justo censurar os que tentaram explorar o Espiritismo ou desnaturá-lo, quanto mais culpáveis são os que, não contentes de abandoná-lo, se puserem a combatê-lo! É sobretudo para os desertores dessa categoria que precisamos apelar à misericórdia divina *(pág. 198)*.

Astolfo Olegário de Oliveira Filho
Londrina, agosto de 2005
Revista Espírita de 1858 a 1869 (Allan Kardec)